

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA

DOIS INFINITOS SE ESTREITANDO NUM ABRAÇO INSANO:
as drogas e a violência no cotidiano dos jovens
de escolas públicas e particulares em Maceió

SOLANGE ENOI MELO DE RESENDE

Maceió
2009

SOLANGE ENOI MELO DE RESENDE

**DOIS INFINITOS SE ESTREITANDO NUM ABRAÇO INSANO:
as drogas e a violência no cotidiano dos jovens
de escolas públicas e particulares em Maceió**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira

Maceió

2009

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

- R433d Resende, Solange Enoi Melo de.
Dois infinitos se estreitando num abraço insano : as drogas e a violência no cotidiano dos jovens de escolas públicas e particulares em Maceió / Solange Enoi Melo de Resende, 2009.
331 f.
- Orientadora: Ruth Vasconcelos Lopes Ferreira.
Dissertação (mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2009.
- Bibliografia: f. 205-208.
Anexos: f. 209-331
1. Violência– Maceió (AL). 2. Drogas e juventude. 3. Tráfico de drogas.
I. Título.

CDU: 316.625-057.87(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIOLOGIA

SOLANGE ENOI MELO DE RESENDE

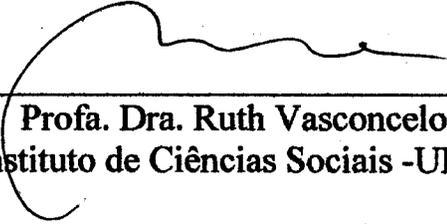
- Bolsista Fapeal -

**DOIS INFINITOS SE ESTREITANDO NUM ABRAÇO INSANO:
as drogas e a violência no cotidiano dos jovens
de escolas públicas e particulares em Maceió**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

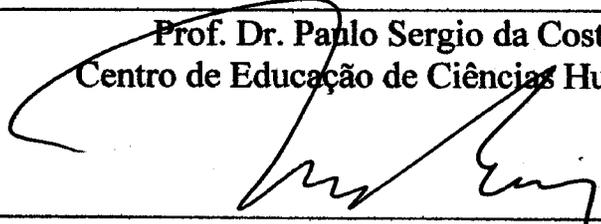
APROVADA em / / 2009

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Ruth Vasconcelos
Instituto de Ciências Sociais -UFAL

Prof. Dr. Paulo Sergio da Costa Neves
Centro de Educação de Ciências Humanas -UFS



Prof. Dr. Arim do Bem
Instituto de Ciências Sociais -UFAL

Maceió, 23 de Junho de 2009

Dedico este trabalho a todos os jovens, em especial aos meus alunos do ensino médio (ex, atuais e futuros), com a esperança de ter contribuído, de certa forma, com reflexões que ajudarão na construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todos, principalmente para eles. E faço-o valendo-me das palavras do grupo Rappa, quando diz: “a minha alma está armada e apontada para a cara do sossego. Pois paz sem voz não é paz, é medo”.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer, inicialmente, aos meus familiares, não só por terem me proporcionado um ambiente em que cada espaço era apropriado para a leitura, mas também pela compreensão e incentivo dedicados à qualificação dos filhos.

Agradeço, também, de forma bastante especial, à professora doutora Ruth Vasconcelos, a quem tenho um carinho e admiração não só pela pessoa carismática, compreensiva, dedicada ao ato de ensinar e fazer pesquisa e lutadora por uma sociedade mais justa e igualitária que ela é, mas principalmente pela paciência e ajuda no momento da realização deste trabalho. São pessoas como ela que permitem que a classe trabalhadora vá além do exercício das atividades laborativas do cotidiano e passe a discutir e produzir reflexões sobre o mundo que nos rodeia.

Agradeço à banca de qualificação pelas excelentes contribuições a esta pesquisa. Tenham certeza de que ajudaram, e muito, no processo de construção dessas problemáticas envolvendo juventude e drogas.

Às professoras Patrícia e Jandete o meu sincero agradecimento por se transformarem em uma ponte importantíssima para chegar, da melhor forma possível, aos estudantes que compõem as informações deste trabalho. Certamente, sem a contribuição de vocês não conseguiríamos realizar conversas tão espontâneas e prazerosas com esses jovens.

Ao Nilton José Mélo de Resende, meu irmão e colaborador no processo de revisão do trabalho. Ao Denisson Ventura, que também contribuiu na revisão.

Ao professor doutor Luiz Sávio de Almeida, a quem devo muito o meu crescimento profissional, a minha forma de fazer pesquisa e a minha paixão pelo tema.

Aos companheiros de mestrado o meu profundo agradecimento pelo ambiente gostoso em que conseguimos conviver durante as realizações das disciplinas, em especial a George e Paulo.

Ao Amaro Hélio Leite da Silva, pela sempre contribuição no meu processo de qualificação.

Aos professores, que não se eximiram em transmitir o que sabiam e contribuíram para o meu processo de qualificação.

À amiga Reivan, pela contribuição no processo bibliográfico.

Aos meus companheiros de trabalho que compõem o quadro de profissionais da escola pública na qual estou inserida, o meu sincero agradecimento pelo incentivo e compreensão nos momentos difíceis da realização desta pesquisa.

À Olívia Monteiro, amiga, companheira de trabalho, agradeço não só pela ajuda no meu crescimento profissional, mas principalmente pela compreensão da necessidade de tempo de que eu precisei para finalizar este trabalho.

Enfim, desejo agradecer a todos os entrevistados pelas extraordinárias histórias de vida relatadas. Certamente nossas conversas demonstraram sim que nossos jovens se preocupam com o presente e o futuro da sociedade, e que sabem realizar reflexões sobre problemas que afligem o seu cotidiano.

é dia de feira
quarta-feira, sexta-feira
não importa a feira

é dia de feira
quem quiser pode chegar

vem maluco, vem madame
vem maurício, vem atriz
pra levar comigo

tô vendendo ervas
que curam e acalmam
tô vendendo ervas
que aliviam e temperam

mas eu não sou autorizado
quando o rappa chega
eu quase sempre escapo
quem me fornece
é quem ganha mais
a clientela é vasta eu sei
porque os remédios normais
nem sempre amenizam a pressão
amenizam a pressão
amenizam a pressão
(A feira, Marcelo Yuka - o Rappa)

RESUMO

Este trabalho destaca o aumento vertiginoso da circulação das drogas e da violência na sociedade e seu extraordinário poder de interferir na existência dos indivíduos e, em especial, na juventude. Esses reflexos são especialmente focalizados nos espaços de lazer, familiar e escolar em que esses jovens desenvolvem a sua dinâmica de vida. Por ser a juventude uma categoria que apresenta vivências diferenciadas quando se inclui em diferentes tipos de classe social, gênero, cor etc., buscamos encontrar as possíveis diferenças e/ou semelhanças nas formas como circulam as drogas na atualidade através do padrão de renda dos jovens, encontrados nas escolas públicas e privadas da cidade de Maceió (entrevistamos, para o trabalho, estudantes e professores das duas redes de ensino). Trataremos, neste trabalho, das drogas que circulam no campo da legalidade e da ilegalidade, destacando, como exemplo do primeiro tipo, o álcool como a droga mais inserida no cotidiano da juventude. As que circulam de forma ilícita, relacionamos a sua existência, principalmente, com o crime organizado, demonstrando especialmente a participação de agentes estatais nessa comercialização. Essas substâncias proibidas de circular livremente são vistas por nós de forma contraditória: elas produzem um saldo de morte assustador na sociedade através das ações do tráfico e, ao mesmo tempo, transformaram-se em uma alternativa de sobrevivência para muitos que não conseguem obter ganhos pelas vias tradicionais de mercado. Tratamos das drogas nos dois contextos de renda por nós pesquisados, e encontramos diferenciações importantes com relação aos efeitos produzidos por essa circulação. São os jovens pobres, em especial os que se encontram nos bairros de periferia, que sofrem as mais perversas conseqüências a partir do momento em que essas substâncias passam a circular, trazendo consigo o saldo de mortes desencadeadas pela sua relação mais direta com o tráfico, com a repressão do estado e da sociedade, com a estigmatização.

Palavras-chave: Juventude; Violência; Drogas; Tráfico; Escola.

RESUMEN

Este estudio pone de relieve el aumento de la circulación de drogas y la violencia en la sociedad y su extraordinaria facultad de interferir con la existencia de los individuos y en particular los jóvenes. Estas reflexiones se centraron en particular en las zonas de ocio, la familia y la escuela en la que estos jóvenes a desarrollar la dinámica de la vida. Como la categoría de jóvenes, que presenta una experiencia diferente cuando se incluyen en diferentes tipos de clase social, género, color, etc., Nos encontramos con las posibles diferencias y / o similitudes en la forma en que el movimiento de drogas a través del modelo actual de ingresos para los jóvenes se encuentran en las escuelas públicas y privadas de la ciudad de Maceió (entrevistados para el trabajo, los estudiantes y profesores de los dos sistemas de la educación). Comentados en este trabajo, los medicamentos que circulan en el ámbito de la legalidad y la ilegalidad, haciendo hincapié, como ejemplo del primer tipo, más el alcohol como la droga entró en la vida cotidiana de la juventud. El movimiento de manera ilícita, como su existencia, especialmente el crimen organizado, en particular, que demuestran la participación de agentes del Estado en este mercado. Estas sustancias se les prohíbe moverse libremente vistos por nosotros en el conflicto: tienen un equilibrio de la muerte espantosa de la sociedad a través de las acciones de la trata de personas y, al mismo tiempo, se convirtió en una alternativa para muchos sobrevivientes que no pueden ganar las formas tradicionales del mercado. Manejar las drogas en ambos contextos se realizaron búsquedas de los ingresos y se encontraron diferencias significativas en cuanto a los efectos de este movimiento. Los jóvenes son pobres, especialmente los de los barrios periféricos, que son los que más sufren las consecuencias perjudiciales desde el punto en que dichas sustancias se moverá, con lo que el saldo de muertes provocadas por su relación más directa con el comercio, con la aplicación de estado y la sociedad, con el estigma.

Palabras Claves: Juventud; Violência; Drogas; Tráfico; Escuela.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	0
CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES ACERCA DO CONTEXTO SOCIAL E ECONÔMICO DA CONTEMPORANEIDADE	32
1.1. A crise atual: modificações no trabalho e nas formas de qualificação	33
1.1.1. Modificações na esfera produtiva e a exclusão do trabalho	39
1.1.2. Mudanças no processo educacional e suas relações com o mercado de trabalho	46
1.2. As deficiências do Estado	50
1.3. Urbanização, exclusão e violência	52
1.4. A produção do medo, a busca por segurança e a estigmatização	58
1.5. Da exclusão à penalidade	64
CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE EM DISCUSSÃO	69
2.1. A heterogeneidade constitutiva da juventude	69
2.2. A juventude e suas diferenciações: escolaridade e mercado de trabalho	72
2.3. O Consumo e o lazer nas práticas juvenis	78
2.4. A busca de identidades: conflitos e drogas	83
2.5. Jovens brasileiros e as drogas	87
2.6. A Juventude e a vitimização do pobre e do negro	96
CAPÍTULO 3 – AS DROGAS E SEUS EFEITOS PSICOTRÓPICOS – UMA LEITURA MÉDICA	99
CAPÍTULO 4 – DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS NA SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA	104
4.1. As Drogas Ilícitas e seus efeitos no campo social	106
4.1.1. O mercado ilegal de drogas	106
4.1.2. As drogas ilícitas e o crime organizado	109
4.1.3. Drogas e a exclusão do trabalho	111
4.1.4. O tráfico e a vitimização da pobreza	113
4.1.5. A circulação de drogas fora dos espaços demarcados pela pobreza	122
4.2. Drogas lícitas	124
CAPÍTULO 5 – AS CONSEQÜÊNCIAS DAS DROGAS E DA VIOLÊNCIA NA JUVENTUDE DE MACEIÓ	127
5.1. Caracterização geral dos nossos entrevistados	127
5.2. A juventude e as drogas em diversos contextos de renda	139
5.2.1. A circulação de drogas nos diversos espaços percorridos pela juventude	142
5.2.1.1. A circulação de drogas pelos bairros	142
5.2.1.2. A circulação de drogas nas escolas públicas e privadas	144
5.2.1.3. A circulação de drogas nos espaços de lazer da juventude.....	157
5.3. Por que os jovens se drogam?	158
5.4. A juventude e o álcool	169
5.5. O acesso às drogas	173
5.6. Conseqüências das drogas	178

5. 6. 1. O desinteresse pelos estudos	178
5. 6. 2. As drogas e a violência.....	179
5. 6. 3. A morte e o medo	181
5. 7. As drogas na pobreza e na riqueza	188
5. 8. Estigma e exclusão.....	190
5. 9. A ação policial em diversos contextos de renda.....	194
<i>CONCLUSÃO</i>	<i>197</i>
<i>REFERÊNCIAS</i>	<i>205</i>
<i>ANEXOS</i>	<i>209</i>
Anexo A (ROTEIRO DE ENTREVISTAS – ESTUDANTES)	210
Anexo B (ROTEIRO DE ENTREVISTAS – PROFISSIONAIS).....	218
Anexo C (ENTREVISTAS)	221

INTRODUÇÃO

Pretendemos neste estudo analisar algumas formas de sociabilidade desenvolvidas pela juventude alagoana nos dias atuais. Para nós, elas sofrem alterações a partir dos diversos acontecimentos que atravessam a humanidade nos últimos tempos, ampliando o campo dos riscos e vulnerabilidades.

Não podemos pensar sobre as diversas relações desenvolvidas pelos jovens na atualidade sem considerarmos os graves problemas presentes na contemporaneidade. Não se pode refletir sobre essa faixa etária na atualidade sem identificar alguns fatores, dentre outros: a pobreza que assola o mundo; a árdua tarefa de se inserir no mercado de trabalho; as exigências atreladas à falta de educação e de preparo profissional que tanto encontramos na modernidade; a ausência de perspectiva de futuro; os graves conflitos e confrontos no campo étnico, racial, religioso, econômico que tomam conta do nosso dia-a-dia; a impunidade reinante; a falta de confiança nas instituições sociais criadas para manter um controle sobre a sociedade; enfim, uma série de processos que contribuem, de certa forma, para promover mecanismos de inserção e de sociabilidade muito específicas na nossa juventude.

Também na contemporaneidade pode-se perceber um aumento da presença das drogas com um extraordinário poder de interferência na vida dos indivíduos; em especial, na juventude. Esse fenômeno se enraizou de forma alarmante nos dias atuais, levando-nos a crer que esse é um fator poderoso a influir no cotidiano dos jovens. E essa interferência não se limita, acreditamos, àqueles que se envolvem diretamente com o seu consumo; trabalhamos com a perspectiva de que todos, de uma forma geral, usuários ou não, podem sofrer os efeitos produzidos pela grande oferta desses produtos na atualidade.

As drogas são substâncias que sempre estiveram presentes na história da humanidade, sua utilização é um fenômeno de todos os tempos e de todos os povos.

Entretanto, mesmo sendo um acontecimento permanente, a sua forma de uso varia segundo critérios relativos às normas econômicas, políticas, sociais e culturais de cada sociedade, numa dada época. Ou seja, sua forma de uso, crescimento e conseqüências têm íntima relação com o momento histórico.

Nos dias de hoje, a circulação e consumo das drogas alastra-se por todos os lugares do planeta, tornando-se um dos fenômenos mais problemáticos a serem enfrentados atualmente. Particularmente na sociedade brasileira, essa propagação tem desencadeado efeitos danosos à população, em muitos casos provocando milhares de mortes¹.

Dentre os vários efeitos sociais produzidos pela forte presença das drogas, destacamos a violência como um dos principais. Devido à intensidade da oferta e procura dessas substâncias, as ações criminosas transformaram-se em atos corriqueiros, levando-nos a pensar numa nítida relação entre a circulação desses produtos e a violência². Esses dois fatores conjugados, este é nosso ponto de vista, possuem uma capacidade extraordinária de interferência na vida dos indivíduos, principalmente os mais jovens. É sobre suas intervenções na juventude que desejamos refletir, problematizando-as neste trabalho.

Anteriormente, a relação entre drogas e violência foi objeto de nosso olhar quando realizamos em 1999-2000 uma pesquisa sobre o cotidiano violento em um dos bairros de periferia da cidade de Maceió, o Jacintinho. Essa pesquisa gerou em 2001 o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação intitulado *O Drama das Grotas: violência e o cotidiano no Jacintinho*³.

Através dessa pesquisa, lidando diretamente com os moradores do local, pusemos nosso olhar analítico sobre as ações mais violentas no bairro e as formas mais comuns de proteção utilizadas pela população; além de, principalmente, verificar a percepção que os

¹ Zaluar (1994), por exemplo, caracteriza o aumento de substâncias injetáveis como uma epidemia capaz de desencadear outras como a hepatite e a AIDS.

² Não pretendemos com isso afirmar que a droga seja o fator exclusivo responsável pela atual criminalidade, pois esse é um fenômeno complexo que envolve fatores econômicos, sociais, culturais, políticos, sendo, por isso, impossível de ser esgotado em uma única explicação.

³ Trabalho realizado para a obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Alagoas, sob orientação do professor Luiz Sávio de Almeida.

moradores têm sobre a violência e sobre os atores praticantes dos atos violentos, verificando o que eles acreditam faltar para a sua segurança e o que aconselham para acabar com a violência⁴.

Segundo a população entrevistada, a circulação de drogas é um dos elementos de destaque na contribuição para a expansão da violência no local. Dizem os moradores que devido, principalmente, ao consumo e ao tráfico intenso de drogas, a violência entranhou-se no cotidiano das pessoas, gerando várias perdas de vida. No entanto, além das mortes existentes, as drogas têm gerado um efeito contrário: tornou-se “fonte de vida”, ou seja, uma alternativa de renda para muitos que não conseguem obter ganhos nas formas oficiais de produção⁵.

Pudemos observar também, nessa mesma pesquisa, a juventude como parte da população mais vulnerável ao envolvimento com as drogas e com a violência no bairro. Segundo os moradores, são os jovens os principais atores e vítimas desse processo, atuando diretamente no consumo e/ou tráfico de drogas, bem como sofrendo as principais conseqüências produzidas por esses fenômenos, como, por exemplo, as mortes por eles provocadas.

O interesse por esse tema ampliou-se quando passamos a fazer parte do quadro de professores que compõem a rede estadual, a partir de fevereiro de 2006. Nesse cotidiano profissional, que acontece dentro de uma escola pública localizada no bairro do Tabuleiro, vivenciamos na prática essa relação envolvendo juventude, drogas e violência. Apesar de nunca termos presenciado o consumo de drogas dentro das dependências da escola, apenas o

⁴ Pôr em prática essa pesquisa significou para nós a vivência de momentos contraditórios: sentíamos a angústia de conhecer os dramas vivenciados por uma população que passa por uma série de dificuldades e para a qual não vislumbrávamos uma saída para aqueles acontecimentos presenciados no seu cotidiano, como também crescia a nossa paixão não só pelo tema, mas principalmente pela maneira como tentávamos descobrir como esses fenômenos passaram a fazer parte do dia-a-dia dessas pessoas, que foi através de entrevistas realizadas com as principais vítimas desse processo, os moradores do bairro. Essas experiências de vida relatadas a nós não nos enfraqueciam, e sim tinham a capacidade de nos mostrar maneiras diversas de como tentar sobreviver num mundo tão hostil.

⁵ Apesar de os nossos entrevistados terem responsabilizado o álcool por parte dos crimes no bairro do Jacintinho, na época da realização da nossa pesquisa em 2001, a comercialização das drogas ilegais é apontada como responsável pela transformação das ações criminosas em atos corriqueiros. Dentre os vários tipos possíveis de circulação de drogas no local, destacam-se o álcool e a maconha. Entretanto, é bastante comum o uso combinado desses dois tipos.

consumo de álcool próximo a esse estabelecimento⁶, o nosso dia-a-dia sempre foi permeado por conversas envolvendo esse tema. Sempre algum professor, ou a própria direção desse estabelecimento, informavam sobre casos de estudantes dessa escola que estavam envolvidos com o consumo e/ou tráfico de drogas, ou que andavam armados ou mesmo que foram mortos devido ao envolvimento com as organizações que comercializam algumas substâncias ilegais.

Essa escola onde desenvolvemos nossa rotina profissional é uma, dentre muitas que existem na rede pública, que atravessa uma série de dificuldades estruturais. Há uma deficiência quantitativa no quadro de professores e funcionários; falta material para os poucos profissionais existentes trabalharem; as paredes são alvos constantes de pichações feitas pelos estudantes, muitas envolvendo mensagens sobre drogas; as cadeiras e portas existentes são constantemente quebradas em momentos de “rebeldia” dos alunos que estudam nesse local; enfim, há uma série de obstáculos presentes nesse estabelecimento que impedem uma relação harmoniosa entre os membros que compõem esse local, principalmente entre aluno e professor, gerando, muitas vezes, atos de agressividades dos estudantes contra seus mestres.

Com relação aos acontecimentos envolvendo drogas, a escola já teve que, algumas vezes, encerrar suas atividades devido à morte de algum estudante envolvido com a rede do tráfico instalada no bairro em que ela está inserida. Entretanto, como provavelmente acontece em muitas escolas do país, essa reação é mais uma forma de luto do que de protesto, pois no dia seguinte a escola volta com a sua mesma rotina anterior ao assassinato do estudante e com a mesma sensação de que um outro evento desse porte certamente não demorará a acontecer.

Essa naturalização da morte é uma das principais sensações e preocupações do nosso cotidiano profissional. Poucos dias antes de encerrar as últimas linhas desta pesquisa, fomos surpreendidos com um acontecimento que nos chocou profundamente: um homem de vinte e poucos anos de idade, havia sido assassinado ao lado dessa escola que estamos mencionando. Esse fato aconteceu mais ou menos às seis horas da manhã, exatamente uma hora antes de o

⁶ Consumo dos próprios estudantes.

estabelecimento abrir suas portas para o início de mais um dia de atividade escolar. Quando chegou a hora de os alunos entrarem, às sete da matina, todos, professores, alunos, funcionários, direção, coordenação, se dirigiram para as suas funções diárias, seguindo a sua mesma rotina. O cenário que se viu nesse momento, então, foi o de um prédio com alunos em sala de aula junto com seus professores repassando os conteúdos curriculares, e, ao lado, um corpo esperando as últimas conferências policiais para então ser retirado e esquecido como tantas outras mortes que fogem da nossa memória.

Esse acontecimento demonstra o quanto estamos nos habituando e ficando inertes diante dos casos de homicídios direcionados, principalmente, contra os jovens, que, nesse tipo de ocorrência, são, em sua maioria, pobres e pertencentes ao sexo masculino. Por não fazer ele parte do quadro de estudantes da escola, o estabelecimento não se sentiu na obrigação de prestar ao menos um luto para aquele morto que havia sido eliminado ao lado dela; não se deu ao trabalho de refletir sobre esse episódio e, o que é pior, transformou, como se pôde perceber pelas conversas informais entre estudantes, professores, funcionários e a comunidade em que a escola está inserida, a vítima em culpado, ligando imediatamente o morto a ações criminosas, responsabilizando-o então pela própria morte.

De acordo com essas observações, e por entender que as temáticas ligadas a drogas e violência são bastantes complexas, sendo impossível o esgotamento de sua discussão, resolvemos prosseguir no entendimento dessas problemáticas no aspecto que consideramos fundamental para a ampliação do nosso conhecimento sobre esses temas: o fenômeno da circulação das drogas na atualidade e a sua capacidade de produzir interferências no cotidiano da juventude. Esse fato é para nós de fundamental importância para entendermos parte da dinâmica da violência que se espraia na realidade brasileira atualmente.

Desejamos salientar algumas observações sobre o tema que nos propomos discutir. Não é nosso objetivo realizar juízo de valor em relação àqueles que fazem uso dessas

substâncias, relacionando-os imediatamente, por exemplo, com a prática da violência. Queremos apenas apontar para os reais problemas⁷ sociais desencadeados na vida dos jovens no momento em que esses produtos passam a ser comercializados e consumidos. Para nós, o problema vai além dos possíveis estragos que podem acometer os organismos daqueles que se decidem, por uma opção individual, a consumir a droga⁸. Trabalhamos com a hipótese de que a insegurança gerada na sociedade atualmente, em decorrência das drogas, extrapola essa forma optativa das pessoas e pode ter suas origens, em muitos casos, no processo de produção, distribuição e circulação desses produtos, processo esse ligado diretamente à crise vivenciada na contemporaneidade. Isso leva a entender que, na atualidade, todos podem sofrer as conseqüências, diretas ou indiretas, da presença das drogas no cotidiano das pequenas e grandes cidades.

Para a realização desta reflexão, pensamos inicialmente em entrevistar os jovens, com o objetivo de descobrir possíveis fatores que os tenham levado à busca de drogas. Acreditávamos na facilidade de encontrarmos pessoas ligadas diretamente com o seu consumo ou que tivessem ligações com um possível amigo que tivesse o hábito de ingerir esses produtos, encontrando assim os motivos para tal conduta. Entretanto, ao iniciarmos nossa pesquisa de campo, nas primeiras conversas que realizamos com eles, deparamo-nos com um obstáculo: o tema é um tabu, por envolver, principalmente, a questão da ilegalidade⁹. Quando a pergunta era se ele consumia drogas ou se conhecia alguém que utilizava essas substâncias, a resposta era sempre negativa, dificultando o andamento da entrevista. A dificuldade que os jovens sentem para tratar sobre esse assunto é visível, o que nos levou a repensar e alterar o foco das nossas investigações.

⁷ Não é nosso objetivo trabalhar com todos esses problemas, esgotando assim o assunto. Trabalharemos apenas com aqueles que nos parecem mais visíveis.

⁸ Sá (1994, p.160) afirma que a questão das drogas, especialmente como se coloca nos dias de hoje, é eminentemente sociocultural.

⁹ Muitas drogas são proibidas para consumo. Mesmo o álcool, comercializado livremente no país, tem sua venda proibida para menores de 18 anos.

Em contrapartida, nessas mesmas entrevistas iniciais percebíamos que, ao mesmo tempo em que as respostas eram negativas, aparentando um distanciamento em relação a esse fenômeno, era visível que de uma forma ou de outra esses jovens tinham suas vidas afetadas pela grande disponibilidade de drogas na atualidade, e esses efeitos recaem, especialmente, nas formas de relações sociais que a juventude desenvolve atualmente. A dinâmica de vida dos jovens no seu espaço familiar, na escola e no local de moradia sofre interferências pela forma como as drogas circulam por esses espaços.

Por isso, as nossas atenções voltaram-se para a forma como a circulação das drogas se inserem na juventude, sendo ela consumidora ou não desses produtos. Sendo assim, as nossas entrevistas focalizaram-se nesses dois públicos, tentando entender as representações que eles fazem desse cotidiano.

Analisando essas problemáticas, e outras que iremos discutir ao longo deste trabalho, demos de encontro com a dificuldade de especificar os tipos de drogas que focalizaremos nessa pesquisa. A própria definição de uma substância como sendo uma droga gera alguma polêmica. A medicina, por exemplo, define droga como sendo aquela substância capaz de modificar o funcionamento dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento. Nós, aqui, trabalharemos com um tipo de droga especificada, também pela medicina, como psicotrópico, ou seja, com aquelas substâncias que têm a capacidade de atuar sobre o nosso cérebro, alterando de alguma maneira o nosso psiquismo.

Para desenvolvimento de nossas reflexões, partimos do pressuposto de que parte considerável das drogas existentes na atualidade, tanto as lícitas como as ilícitas, fazem parte de estruturas capitalistas que visam lucros gigantescos¹⁰. Sendo assim, as reflexões sobre como as drogas se inserem no dia-a-dia dos jovens não podem estar deslocadas da observação

¹⁰ Veremos adiante que mesmo a comercialização de drogas ilícitas assemelha-se a qualquer outro empreendimento capitalista em termos de organização, mas fazendo isso na ilegalidade.

de que, hoje em dia, essas substâncias fazem parte do processo de enriquecimento, sendo por isso difícil a extinção dos problemas originados a partir dela no interior de um sistema econômico que tem como meta a busca por lucro. Mas a discussão sobre se seria mais viável a sua liberalização ou o seu contrário, a proibição da venda de drogas, extrapola o nosso objetivo neste trabalho¹¹.

É possível encontrar variações desse tipo de droga, os psicotrópicos, como também variáveis são as conseqüências que elas podem provocar. Escolhemos trabalhar com essas drogas dividindo-as da seguinte maneira: as que possuem sua venda proibida por lei e as que possuem liberdade de comercialização. Acreditamos que ambos os tipos têm gerado preocupação e insegurança entre a população, embora havendo variações nas interferências produzidas por essas substâncias. Procuraremos descobrir as interferências produzidas na vida dos jovens por conta dos dois tipos de substâncias acima assinalados.

Entre as drogas que são proibidas de circular no Brasil, podemos incluir, como exemplos, a maconha, a cocaína, o LSD, o crack, o êxtase. O clima de insegurança provocado pela comercialização e consumo dessas substâncias vai além dos possíveis efeitos gerados nos organismos daqueles que decidem, por uma opção individual, a consumir tais produtos. Ele está focalizado, principalmente, no descumprimento da lei¹², transformando o tráfico de drogas num dos maiores males que a sociedade enfrenta na atualidade. Sendo assim, os problemas gerados refletem um processo que envolve a produção, circulação e consumo de drogas, afetando a sociedade como um todo, e não só os diretamente envolvidos com o seu consumo. De acordo com essas observações, optamos pelo estudo desse tipo de droga, as proibidas, focalizando-as, principalmente, como uma das formas de empreendimentos que geram lucros altos e rápidos, sendo uma das vertentes do crime organizado¹³.

¹¹ Até porque fogem ao nosso entendimento os possíveis motivos que levam um país a reprimir drogas como a maconha e permitir a livre circulação do álcool.

¹² Como veremos adiante, esse descumprimento envolve a compra e uso de armas, o que intensifica a violência.

¹³ Como se vai demonstrar adiante, os altos lucros dependem da participação na hierarquia do tráfico.

Como já mencionamos anteriormente, além dos males provocados pela circulação dessas substâncias ilegais, sendo a perda de vida sua forma mais clamorosa, o tráfico de drogas tem se transformado em uma alternativa de renda para muitos que não conseguem obter ganhos pelas vias de mercado e pela produção tradicional¹⁴.

Por isso, acreditamos que essa rede criminosa que vive da comercialização de drogas encontra espaço especialmente na atualidade, devido à existência crescente de uma mão-de-obra ociosa e disposta a correr os mais diversos riscos. Como veremos adiante, na contemporaneidade não apenas encontramos um número alarmante de pessoas sem ocupação profissional, mas, principalmente, visualizamos parte considerável dessas pessoas numa situação de ociosidade permanente, com pouca possibilidade de reverter essa situação.

Veremos também que esse mercado ilegal tem uma característica essencial: o aumento considerável dos tipos de drogas. Hoje, a variedade desses produtos é imensa, podendo atingir um quadro diversificado de consumidores. Não é incomum, por exemplo, nessa comercialização, algumas drogas já criadas anteriormente sofrerem um processo de transformação com a introdução de algumas substâncias mais nocivas à saúde, aumentando a sua quantidade, reduzindo o custo da produção e levando ao mercado um produto mais barato, podendo assim ampliar o número de compradores. Além do mais, essas drogas transformadas aumentam de forma assustadora e rápida o quadro de dependentes químicos que passam a conduzir cada vez mais a sua existência na busca por essas substâncias. Um exemplo disso é a criação do crack, uma droga extraída a partir da cocaína e que é considerada, muitas vezes, como um dos psicotrópicos mais baratos e avassaladores da atualidade. Essa variedade e impureza dessas substâncias, no nosso ponto de vista, contribui consideravelmente não só para o aumento de consumidores, mas de usuários que passam a ter ligações com a rede do tráfico. A dependência torna mais possível a necessidade de esses dependentes contraírem

¹⁴ Essa afirmação não significa o desconhecimento de que a comercialização desses produtos seja feita, também, por aqueles que não passam por dificuldades de se incluírem no mercado de trabalho. Entretanto, também não desconhecemos que o tráfico encontra uma mão-de-obra mais fácil e barata entre aqueles que estão excluídos do processo produtivo, parecendo assim dispostos a correr os riscos que essa atividade proporciona.

dívidas com traficantes para sustentar o seu vício, ampliando o número de mortes através desse relacionamento.

Entre as drogas que não possuem problemas de venda no Brasil, destacamos, principalmente, o álcool como uma ameaça à segurança das pessoas; segurança cujo risco não se limita aos seus consumidores diretos. O abuso no consumo dessas substâncias tem sido responsável, entre outras coisas, por acidentes de trânsito e por atos de violência associados a episódios de embriaguez¹⁵. É comum a existência de brigas e mortes estimuladas pela quantidade de álcool ingerido. Veremos também que esse produto, por ter sua comercialização livremente permitida, é a droga mais consumida, e permissiva, não só pela juventude, mas pela sociedade de uma forma geral.

Optamos pela divisão legalidade/ilegalidade acreditando que a problemática social do fenômeno por nós analisado inclui-se nesses dois tipos. Entretanto, mesmo podendo encontrar semelhanças nos efeitos produzidos por elas, acreditamos na possibilidade de encontrarmos variações de problemas pelo fato de o produto ser lícito ou não.

Discutir sobre drogas nos dois campos acima assinalados (legalidade e ilegalidade) é importante para nós, também, por acreditarmos que no imaginário popular elas não possuem a amplitude descrita acima. Acreditamos que as drogas apontadas como mais problemáticas são geralmente aquelas que se encontram no campo da ilegalidade. O álcool, por exemplo, que tem sua venda permitida por lei no país, ou não é mencionado como uma droga, ou é identificado como tal, sem se atribuírem muitos efeitos danosos a ele, já que é mais fácil encontrarmos consumidores assumidos dessa substância. Por isso identificamos esse produto

¹⁵ Os efeitos do álcool variam de intensidade de acordo com as características pessoais. Por exemplo, uma pessoa acostumada a consumir bebidas alcoólicas sentirá os efeitos do álcool com menor intensidade, quando comparada com uma outra pessoa que não está acostumada a beber. Um outro exemplo está relacionado à estrutura física: uma pessoa com uma estrutura física de grande porte terá uma maior resistência aos efeitos do álcool. É bom lembrar, também, que nem todos os que consomem álcool, excedendo ou não no seu consumo, utilizam-se da violência.

como o psicotrópico mais consumido pela juventude, não só pela sua maior disponibilidade de acesso, mas também pela não assimilação, ou esquecimento, de que é uma droga¹⁶.

Em tratando desses tipos de drogas que estamos mencionando, as que podemos encontrar com mais facilidades no mercado legal, não podemos esquecer que muitos jovens abusam da ingestão de remédios que podem ser encontrados facilmente em farmácias espalhadas pela cidade, acreditando que esses produtos, em uma certa quantidade, produzirão os efeitos esperados por eles, que dizem respeito a levar o usuário a sair do seu estado de consciência normal. Também encontramos, dentro desse consumo, meninas adolescentes que abusam no uso de remédios para emagrecimento que estão disponíveis na comercialização lícita; acontecimento que se deve, em grande parte, a um estímulo da sociedade, que dita um padrão de beleza a ser seguido e leva as nossas jovens ao desespero para acompanhar a “ditadura da magreza”.

O consumo de drogas ultrapassa qualquer perspectiva de classe, gênero, etc.; ele é um fenômeno “democrático”. Entretanto, cremos na possibilidade de encontrarmos variações no uso e/ou conseqüências das drogas em cada um dos segmentos citados. Isso acontece porque a própria juventude não é uma categoria homogênea. Ela apresenta diferenças, por incluir-se, também, em diferentes classes sociais, culturais, de gênero, cultura, etc. Por isso, as formas de circulação das drogas, bem como os efeitos que elas podem produzir, podem apresentar diferenciações entre esses segmentos¹⁷. Sendo assim, optamos por descobrir como essas substâncias se inserem no dia-a-dia desses jovens através da observação de diversos contextos de renda, que para nós pode incluir os outros fatores acima assinalados. E faremos isso, como afirmamos anteriormente, através das representações que os próprios jovens têm da circulação das drogas, bem como dos seus efeitos, independente de serem consumidores ou

¹⁶ Realizando pesquisa com vários estudantes das capitais espalhadas pelo país, inclusive Maceió, Abramovay e Castro (2005) puderam contatar essa realidade.

¹⁷ Isso não impede de localizarmos nessa juventude semelhanças entre os modos como às drogas passam a fazer parte do seu cotidiano.

não, já que afirmamos que todos podem sofrer as conseqüências desse fenômeno mesmo que não estejam diretamente envolvidos com o seu consumo.

Por isso, sendo a juventude vulnerável à experimentação e/ou consumo dessas substâncias e a que mais sofre com as conseqüências dessa circulação, e sendo esse fascínio e efeitos localizados em diversos contextos de renda, propomos analisar as relações desenvolvidas por nossos jovens, usuários ou não, com esses produtos, procurando encontrar as possíveis semelhanças e/ou diferenciações¹⁸ a partir das representações que eles fazem da circulação e efeitos desses produtos.

METODOLOGIA

Para essas reflexões, buscamos informações com estudantes de escolas públicas e particulares localizadas na cidade de Maceió, entendendo que esses locais constituem pontos de grande circulação da juventude e, por isso, dentre outras coisas, de visibilidade para aqueles que vivem da comercialização desses produtos¹⁹. A escolha justifica-se, também, pela possibilidade de encontrarmos os perfis variados de jovens com relação a sua renda, sendo a escola privada a mais provável de encontrarmos aqueles mais abastados financeiramente, e a escola pública locais de circulação daqueles com mais dificuldades financeiras.

Buscamos, também, informações com profissionais ligados aos dois tipos de escolas citadas, acreditando que eles fazem parte do cotidiano desses espaços, que constituem “um lugar privilegiado de encontro de jovens”. Entrevistamos professores a fim de ampliarmos o quadro de informações sobre a operacionalização da circulação de drogas e os seus efeitos na juventude.

Para o entendimento dessa problemática, utilizamos o método qualitativo, compondo um quadro de dez entrevistas com estudantes do ensino médio e fundamental da cidade de

¹⁸ A pesquisa diferenciada corrobora as opiniões de Zaluar (1994, p.13), que afirma que não se pode dizer que todos os usuários de drogas são iguais ou até que professem o mesmo credo cultural. O próprio conceito de droga é historicamente datado e vinculado a valores nem sempre consensuais.

¹⁹ Novaes (2000) fala nos colégios como um lugar de encontro de jovens.

Maceió²⁰. Cinco dessas entrevistas foram realizadas com jovens de escolas particulares, sendo quatro localizadas na parte baixa da cidade, próximas à orla marítima, e uma localizada no bairro do farol, mais próxima ao centro da cidade. Os bairros em que esses estudantes estudam ou moram são Cruz das Almas, Ponta Verde, Jatiúca e Farol. As cinco restantes foram feitas com alunos das escolas públicas, sendo essas localizadas na parte alta da cidade, em sua periferia. Os bairros em que essas escolas estão inseridas, ou mesmo que esses estudantes moram²¹, são: Tabuleiro, Santos Dumont e Clima Bom. Ao focalizar escolas inseridas nesses lugares, acreditamos que refletimos sobre uma situação existente em várias localidades da cidade ou mesmo do país.

Realizamos, também, entrevistas com professores que trabalham na rede pública de Maceió e, também, com aqueles que lecionam em estabelecimentos privados da cidade. No total, são quatro entrevistas: duas realizadas com professoras de escolas públicas inseridas no bairro do Tabuleiro; uma com uma professora que leciona próximo à orla marítima, em escola privada; e um professor que tem seu cotidiano profissional dividido entre duas escolas privadas, uma localizada no bairro do Farol, próximo à parte central da cidade, e uma que fica próximo à orla marítima. Mesmo que o foco da nossa atenção seja os jovens que estudam nessas escolas, com certeza, o arcabouço de informações transmitidas por esses profissionais, ou seja, as suas representações sobre a inserção das drogas na vida dos jovens ajudou, e muito, a entender o cotidiano desses jovens, em especial o seu envolvimento com drogas, que é o nosso foco.

Optamos pelo uso do método qualitativo de pesquisa por entender a importância da concepção que os atores fazem sobre o mundo social. Levamos em conta os seus pontos de

²⁰ Como já afirmamos, as entrevistas que desejamos e colhemos foram realizadas tanto com jovens que se envolvem diretamente com as substâncias alucinógenas, através do consumo, por exemplo, quanto com os não usuários. A justificativa para esses dois tipos de informantes se dá por entendermos que mesmo aqueles que não se utilizam dessas substâncias podem conhecer alguém que se envolva nesse processo, ou mesmo conhecer formas de circulação dessas substâncias e os efeitos que elas provocam. Como já dissemos, o nosso objetivo é verificar como os jovens de hoje, de uma maneira geral, são afetados pela grande disponibilidade desses produtos. Por isso, acreditamos que mesmo os não envolvidos diretamente podem nos fornecer detalhes importantes, porque esse é um fenômeno que, na atualidade, faz parte do cotidiano das pessoas.

²¹ É muito comum estudantes de escolas públicas estudarem e habitarem no mesmo bairro em que residem, ou mesmo bairros que tenham uma proximidade muito grande de residência.

vista por acreditarmos que é importante o sentido que eles atribuem aos objetos, as situações, aos símbolos que os cercam, construindo assim a sua vida cotidiana (Coulon, 1987; Coulon, 1995).

Optamos por não identificar os nomes dessas escolas, para não expormos os nossos entrevistados e, também, para preservarmos esses estabelecimentos. As entrevistas por nós realizadas foram transcritas integralmente, conservando a linguagem do entrevistado, com a intenção de manterem o máximo de fidelidade ao relato. Os nomes dos entrevistados foram mudados para que não possa haver prejuízo aos informantes. As entrevistas seguiram um roteiro semi-estruturado. Entretanto, o andamento delas seguiam de forma bastante espontânea, dependendo muito das informações de cada entrevistado.

ESTRUTURA DO TRABALHO

Dedicamos cinco capítulos às nossas discussões sobre a relação juventude e drogas: no primeiro, realizamos algumas reflexões acerca das transformações que atravessa a sociedade na atualidade, produzindo uma série de problemáticas que para nós não só aumentam a oferta e procura por drogas, mas produzem hoje formas muito específicas de circulação e efeito dessas substâncias. Dentre as características da contemporaneidade que podemos identificar, destacamos os problemas de inserção dos jovens no processo de qualificação, em especial a sua parcela mais pobre, e, principalmente, as dificuldades de se inserir no mercado de trabalho. Mostramos, principalmente, como a contemporaneidade está cada vez mais produzindo indivíduos sem nenhuma perspectiva de se incluírem no processo produtivo, aumentando a possibilidade de crescimento de uma classe que vive através de meios ilegais.

Ainda nessa seção, discutimos as fragilidades das instituições sociais em promover mecanismos de inserção de parte considerável da população, em especial a sua parcela jovem, mostrando como o Estado cada vez mais se afasta das suas responsabilidades com relação aos

conteúdos essenciais de sobrevivência para a população, como, por exemplo, nos quesitos educação, saúde e segurança.

Mostramos, também, como aumenta o processo de exclusão com o advento da contemporaneidade, em que passamos a construir, cada vez mais, entre outras coisas, cidades repartidas, jogando um número considerável de pessoas para os bairros periféricos das cidades, locais que crescem de forma desordenada, sem estrutura de funcionamento, com problemas de habitação precária, violência, falta de saneamento, de transporte, saúde, educação, entre outras coisas.

A violência existente nas cidades, inclusive, em especial a que se relaciona com as drogas, tem sido um elemento de destaque na sociedade contemporânea, levando uma série de conseqüências para o conjunto da população, especialmente, como discutimos ainda nesse início de trabalho, a produção do medo e da insegurança. Esses elementos geram uma série de atitudes individuais e coletivas; convivemos cada vez mais com processos de estigmatização e punição, especialmente contra aqueles envolvidos com os fenômenos droga e violência, em especial a parcela mais jovem da população.

Enfim, esse primeiro capítulo mostra o contexto econômico, social, político e cultural onde se desenrola o dia-a-dia dos nossos jovens, mostrando como essas situações presentes na atualidade podem produzir interferências no cotidiano deles.

No segundo capítulo, realizamos uma caracterização da juventude, mostrando, entre outras coisas, algumas semelhanças e, principalmente, diferenças constitutivas desses jovens. Mostramos, também, como as problemáticas discutidas no primeiro capítulo interferem no cotidiano deles.

Destacamos, na vida desses jovens, elementos que fazem parte da rotina deles, como o consumo, as atividades de lazer e a busca por uma identidade, já que são indivíduos em

processo de formação. No esforço de adquirir esses quesitos, mostramos a possibilidade de ocorrer o envolvimento com as drogas.

Realizamos, também, uma breve discussão histórica sobre a vida dos jovens ao longo de algumas décadas, mais especificamente a partir da década de 60, mostrando, principalmente, como as drogas se inserem ao longo dessa história. E, por fim, refletimos nessa seção sobre a vitimização da juventude pobre na atualidade, mostrando, entre outras coisas, os efeitos perversos existentes na relação juventude, drogas e pobreza.

No terceiro capítulo, realizamos um panorama geral sobre os diversos tipos de drogas que podem ser encontradas na atualidade, mostrando alguns efeitos possíveis de acontecer nos organismos dos indivíduos que consomem tais substâncias. Essa parte do trabalho, para nós, acentua a carga dramática desse fenômeno e mostra a variedade de drogas existentes na atualidade, favorecendo o tráfico e o consumo desses produtos.

No quarto capítulo, buscamos refletir sobre as drogas a partir da divisão delas entre lícitas e ilícitas. Com isso, discutimos sobre as possíveis problematizações existentes nos dois campos. No caso das drogas proibidas de venda, mostramos como funciona o seu processo de comercialização e as ligamos, principalmente, com o crime organizado, demonstrando, como já dissemos anteriormente, que essa comercialização funciona com os mesmos mecanismos de organização presentes em outras mercadorias que têm sua circulação permitida por lei. Entretanto, esse comércio, em específico, para ser mantido, traz consigo a necessidade do uso de armas, patrocinando a violência no país.

Esse mesmo capítulo foi o momento de mostrar como o tráfico dessas substâncias tornou-se uma alternativa de sobrevivência para muitos que se encontram excluídos do processo produtivo. Como essa comercialização exige o uso de armas e, conseqüentemente, o uso da violência, procuramos mostrar, também, como os efeitos perversos presentes nessa venda recaem, especialmente, sobre a população mais pobre.

Finalizamos essa parte de nosso trabalho com a discussão sobre a circulação das drogas lícitas, mostrando, principalmente, o álcool como a droga mais consumida e aceitável por incluir-se no campo da legalidade.

Por fim, no capítulo cinco, expomos os resultados das nossas reflexões acerca das entrevistas que realizamos com estudantes de escolas públicas e privadas da cidade de Maceió. Em primeiro lugar, mostramos a inserção das drogas lícitas e ilícitas na juventude alagoana, mostrando a possibilidade de localizarmos o consumo e/ou venda dessas substâncias em diversos espaços de circulação desses jovens, em especial no seu local de moradia, no ambiente escolar e, principalmente, nas atividades de lazer.

Com relação aos estudantes de escolas públicas, refletimos sobre o quadro de precariedade presente no dia-a-dia desses jovens por nós pesquisados. Os seus locais de moradia, como já dissemos anteriormente, estão à margem dos benefícios de urbanização: há deficiências nos transportes coletivos; os lugares não possuem saneamento; seus moradores sentem dificuldade de acesso aos serviços de saúde e têm como rotina, entre outras coisas, a circulação das drogas e da violência.

Geralmente, as escolas inseridas nesses bairros também sofrem da mesma precariedade. Os estudantes sentem dificuldades de acesso, entre outras coisas, a laboratórios de informática e de ciência, a bibliotecas. Há falta de professores e funcionários nesses estabelecimentos, o que permite, como veremos adiante, atitudes de vandalismo e de consumo de drogas²². Essas deficiências têm ajudado a produzir uma imagem de que são os jovens de escola pública os que mais estão envolvidos com o consumo de drogas.

Discutimos, também, nesse mesmo capítulo, a rotina dos estudantes de escolas privadas. Os bairros em que eles habitam não sofrem da mesma precariedade existente nos bairros de periferia, pois seus moradores geralmente são beneficiados pelo processo de urbanização quando adquirem imóveis que exigem uma maior soma em dinheiro. As escolas

²² Acontecem, inclusive, casos de alunos andarem armados nessas escolas, transformando esses lugares em locais inseguros, perigosos.

em que eles estudam, nem sempre inseridas nos bairros em que residem, são conhecidas pela limpeza dos prédios e pela grande disponibilidade de professores e funcionários, que inibem práticas como as que encontramos nas escolas públicas, ou seja, de vandalismo e consumo de drogas. No entanto, essa vigilância apenas inibe essas atitudes nesses estabelecimentos, sendo comum, por exemplo, o uso dessas substâncias em outros espaços de circulação dessa juventude, como, por exemplo, nas atividades de lazer.

Iremos encontrar, também, algumas reflexões acerca das possibilidades que levam os jovens a experimentarem e/ou tornarem-se usuários de drogas. Por ser a juventude uma fase de vida em que há a busca de novas experiências e de construção de identidades, as drogas podem ser uma das formas de viver experiências, facilitadas, atualmente, pela grande disponibilidade e variedade desses produtos. A sociedade, produtora de angústias e incertezas, pode, também, facilitar o acesso da juventude às drogas, havendo nesses produtos uma forma de descontração diante dos problemas com que os jovens têm que cotidianamente se deparar. As famílias, ou a ausência delas, também nos aparecem como possíveis facilitadoras desse consumo, no momento em que não participam da vida dos seus filhos ou mesmo quando não impõem limites a eles.

Mesmo sentindo a presença das drogas nos diversos padrões de renda, não conseguimos perceber essa “democracia” no que se refere aos efeitos gerados por essa circulação. Ao longo de nossa pesquisa, sentimos que são os jovens pobres, especialmente os que moram nos bairros de periferia, os que mais sofrem com as conseqüências desencadeadas a partir da existência das drogas. Isso acontece, principalmente, porque são eles os que mais mantêm ligação direta com a rede do tráfico, que, como poderemos ver adiante, é responsável por parte das mortes ocorridas nessa faixa etária. As dívidas contraídas, e geralmente impagáveis, com essas organizações e/ou a possibilidade de encontrar alternativa de

sobrevivência nas mesmas têm produzido um envolvimento maior entre esses jovens e os traficantes, aumentando os riscos de vida entre essa população.

Além disso, vimos que o tratamento dispensado a esses jovens pobres envolvidos com drogas e/ou seu tráfico difere do tratamento dado àqueles com melhores condições financeiras. A sociedade geralmente lida com esse público consumidor, em especial, também, os que estão nos bairros de periferia, de forma punitiva, utilizando como instrumento repressivo, principalmente, a polícia.

Percebemos, também, que há um medo social e uma insegurança instalados na sociedade provocados por esses fenômenos conjugados: drogas e violência. Há um estado geral de alerta desencadeado pelo medo generalizado de que os jovens envolvam-se com substâncias alucinógenas e/ou sofram conseqüências da sua circulação, que podem estar presentes em diversas partes da sociedade, na família, na escola e em outros âmbitos pelos quais os jovens circulem.

Esse medo social e essa insegurança são capazes de produzir outros efeitos, como a estigmatização dos usuários de drogas. Acreditamos que eles são vistos como um perigo que deve ser afastado²³. Apontar um usuário de droga como um inimigo vem dificultando a circulação pelo espaço público daqueles que são estigmatizados por fazerem uso dessas substâncias²⁴. Por conta de aspectos externos de um jovem, julga-se que ele é um usuário, o que pode ou não vir a ser um julgamento que condiga com a verdade. Muitos podem ser assim definidos apenas por apresentarem algumas características que fazem parte do estereótipo que se criou em torno do usuário de drogas; estereótipo que busca cristalizar alguns aspectos: determinados tipos de roupa; o uso de tatuagem, de boné; o modo de falar, com gírias específicas; o modo de caminhar, o gestual etc.

²³ Essa visualização pode ser feita pelos próprios jovens ou por outros agentes sociais como a família, os agentes escolares, etc.

²⁴ Como veremos adiante, essa estigmatização vai depender do tipo de droga consumida. O uso de drogas ilegais provoca mais esse fenômeno.

Essa afirmação baseia-se na observação de que a “influência do amigo” é percebida como a origem da “sedução” dos jovens por substâncias alucinógenas, afetando, assim, as relações espontâneas de amizade. Geralmente, muitos jovens tendem a não produzir amizades mais próximas porque o outro se envolve com essas substâncias.

As dificuldades de desenvolver relações de amizade complicam-se com os obstáculos sentidos pelos jovens no que diz respeito à circulação pelos espaços públicos. O medo social, muitas vezes, resguarda-os no seu espaço privado a fim de que se evite, principalmente, a sua participação nas estatísticas da violência. É um resguardo orientado não só pelos pais, mas incentivado por alguns jovens.

Alguns tendem a buscar nas drogas uma forma de “diversão” e de vivência em grupo. Ou, como pudemos perceber, as próprias atividades de lazer disponíveis geralmente tem como ingredientes a mais as próprias drogas, transformando esses produtos em elementos importantes de diversão.

Outro aspecto do cotidiano desses jovens que observamos é que eles convivem com a possibilidade da morte de seus pares, angustiando-os e fortalecendo o medo social. Não foi difícil, especialmente entre os entrevistados das escolas públicas, ouvir a afirmação de que já perderam algum amigo, ou que conhecem alguém que morreu, em decorrência de envolvimento do mesmo com as drogas.

Entretanto, como mencionamos acima, as mortes em decorrência das drogas foram diferenciadas nos dois contextos de renda por nós pesquisados, sendo mais comum o óbito por envolvimento com o tráfico no padrão de renda vivido por nossos entrevistados das escolas públicas. Verificamos, também, que apesar de o envolvimento com essas substâncias acontecer independente da questão de gênero, são os jovens do sexo masculino os que mais morrem em decorrência do seu envolvimento com esses produtos, em especial devido à sua participação no tráfico.

Enfim, acreditamos que as histórias relatadas pelos jovens Amanda, Andréa, Sílvio, Carlos, Fábio, Bianca, Roberto, Beto, Arnaldo e Ricardo revelam a dinâmica da vida de tantos outros que possivelmente poderiam enriquecer mais os dados desta pesquisa, mas que certamente se sentiriam contemplados pelas angústias, preocupações e reflexões expressas nos depoimentos dos nossos entrevistados. Trata-se de uma juventude que tem uma capacidade reflexiva e que, ao contrário do que pensa o senso comum, está preocupada com os destinos que a sociedade vem tomando.

CAPÍTULO 1 – REFLEXÕES ACERCA DO CONTEXTO SOCIAL E ECONÔMICO DA CONTEMPORANEIDADE

Há milhares de anos a humanidade busca formas de sair do seu estado de consciência. Segundo Sá (1994), o homem sempre procurou modificar sua visão de mundo e ampliar seu campo de percepção, utilizando-se para isso de diversos meios, entre eles o uso de produtos naturais ou sintéticos: as drogas. As justificativas para esse ato podem ser as mais variadas possíveis, passando pelas de cunho místico-religioso, terapêutico, artístico-criativo, social etc. Sobre essas estimulações buscadas pelos homens, afirma o mesmo autor:

De fato o ser humano é, ele próprio, psicoativo. Busca estimulações de toda ordem que reveza, porém, com momentos de calma e relaxamento. Além disso, sonha, fantasia, delira e transcende. E é pedagógico lembrar que a história registra muitas formas de agir sobre o psiquismo, além do recurso a substâncias psicotrópicas. As danças, os rituais, as seitas, o êxtase ascético, o poder, o jejum, o jogo, a música, a arte e a poesia constituem parte do arsenal psicoativo que a nossa história revela, nela incluídas as drogas. (Sá, 1994, p.157).

Hoje não poderia ser diferente; encontramos, como anteriormente, o uso dessas substâncias entre os homens. Entretanto, as formas de uso e suas conseqüências, como afirmamos, variam de acordo com o contexto histórico em que esses produtos se inserem. Por isso, acreditamos que as dimensões quantitativas e qualitativas que esse consumo produz dependem dos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais de cada formação social. Da mesma forma, podem ocorrer variações dentro de uma mesma formação.

Mesmo percebendo, entretanto, que as drogas não são um fato específico da contemporaneidade, reconhecemos que existe atualmente uma intensificação do uso e das conseqüências negativas desse consumo, como é o caso do crescimento da violência. Como a forma que essas substâncias assumem depende do seu contexto histórico, iniciaremos este trabalho realizando algumas reflexões acerca das imensas transformações ocorridas na

atualidade, procurando verificar como elas proporcionaram o aumento da oferta e procura por esses produtos.

1.1. A crise atual: modificações no trabalho e nas formas de qualificação

Como já afirmamos, a modernidade, em sua fase contemporânea, é fruto de diversas modificações que se desenrolam, entre outras coisas, nos aspectos econômicos, e sociais, produzindo uma série de reflexos nos indivíduos. Caminhamos por trilhas cheias de insegurança e incerteza, produzidas por vários fatores, como o esgotamento do mercado de trabalho, as deficiências do sistema educacional, a perda da credibilidade nas instituições, a crise de valores, a crescente violência e a exclusão de parte da população. Esses problemas não são exclusivos das atuais gerações, mas, em se fazendo um paralelo com épocas anteriores, pode-se afirmar que a intensidade das mudanças e das crises e, conseqüentemente, da produção da incerteza e da insegurança na atualidade sobrepujam as mesmas ocorrências em outros momentos históricos²⁵.

Acreditamos que o consumo e a venda de drogas, bem como as suas conseqüências, têm íntima ligação com as transformações ocorridas na atualidade, levando-nos a realizar uma caracterização geral desse período para ajudar-nos a entender parte dessa problemática existente na contemporaneidade.

Essa crise que visualizamos atualmente nada mais é do que uma das problemáticas da modernidade, ou, para uma maior exatidão, da fase atual em que se encontra o capitalismo. Durante sua existência, esse sistema se envolveu em uma série de questões²⁶ que

²⁵ Esse grau de mudanças e incertezas, inclusive, faz parte de prerrogativas presentes no sistema capitalista. Marx e Engels, realizando uma análise da origem e desenvolvimento do sistema capitalista, já afirmavam que nunca um modo de produção tinha proporcionado um grau de modificações na sociedade e produções de incertezas como o sistema capitalista, proporcionadas pelas constantes modificações no processo produtivo. Segundo eles, “[a] contínua revolução da produção, o abalo constante de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações fixas e cristalizadas, com seus séqüitos de crenças e opiniões tornadas veneráveis pelo tempo, são dissolvidas, e as novas envelhecem antes mesmo de se consolidarem” (Marx e Engels, 2002, p. 48)

²⁶ Não é de nosso interesse expor, neste trabalho, as diversas crises atravessadas por esse sistema, até porque estamos cientes de que elas são inúmeras e possuem diversos fatores que as desenvolveram.

comprometeram seriamente a sua existência, mas, assim como possui a capacidade de gerar essas crises, ele também desenvolveu um poder extraordinário de superá-las (Saviani, 2002). Não se sabe, no entanto, como serão superados os problemas atuais, ou seja, como será o desfecho dessa atual crise.

O período que pretendemos visualizar inicia-se nos anos 70 do século XX, momento marcado por uma profunda crise no capitalismo, destacando-se, em linhas gerais, o mergulho generalizado do planeta numa profunda recessão que marca a economia capitalista internacional. Após uma longa fase de crescimento e estabilidade que esse sistema apresentou no pós-guerra, o que se verifica agora é a combinação de baixas taxas de crescimento econômico com altas taxas de inflação, produzindo conseqüências gravíssimas para o conjunto da sociedade, destacando-se o aumento vertiginoso do desemprego, da pobreza e da miséria²⁷ (Hobsbawm, 2003; Netto, 1996).

Esse período é também um momento em que as instituições sociais, criadas para manter um controle sobre as ações individuais, entram em crise e diminuem sua importância como referencial nas escolhas e atos dos indivíduos. Elas perdem seu *status* por estarem, em muitos momentos, profundamente implicadas com os elementos dessa crise.

Os valores tradicionais, pautados em laços comunitários, garantidores de uma certa “ordem” e “estabilidade”, sofrem modificações profundas na atualidade, em que o individualismo atinge o seu ponto máximo e se transforma em um elemento de divisão e competição entre as pessoas.

Enfim, encontramos nesse período que destacamos, a partir dos anos 70 do século passado, algo que trouxe profundos reflexos nos dias atuais, uma profunda separação e conseqüente exclusão de parte da população aos conteúdos de cidadania, produzindo efeitos para a sociedade e, em especial, para a vida desses indivíduos excluídos. Esse é um período

²⁷ Hobsbawm (2003) chama esse período de década da crise. Exemplificando o caso de um país rico e desenvolvido afetado por essa crise que é mundial, ele fala na cidade norte-americana de Nova York como um local em que a população se viu outra vez acostumada com a visão diária de mendigos nas ruas, com o espetáculo de desabrigados protegendo-se em vãos de portas e caixas de papelão.

em que há um aumento considerável de demandas, produzindo um caldeirão de conflitos no momento em que parte considerável das necessidades não pode ser satisfeita:

[...] as mesmas forças de mercado que tornaram nossa identidade precária e nosso futuro incerto geraram um aumento constante de nossas expectativas de cidadania, engendrando, o que é muito importante, um sentido disseminado de demandas frustradas e desejos não satisfeitos. (Young, 2002, p. 15).

Excluir é uma das práticas sociais mais constantes da atualidade e atinge o seu ponto máximo quando se refere ao pertencimento de classe, mas podemos encontrar, também, outras formas de exclusão além da que se refere à renda. É comum, por exemplo, separar pessoas de acordo com gênero, etnia, gosto musical, opção sexual, endereço etc. Por isso, dentro de uma mesma classe social, não é incomum indivíduos se sentirem excluídos por não se enquadrarem a aspectos presentes no restante do grupo²⁸.

Apesar dessa intensa exclusão, evidencia-se atualmente a importância da visibilidade de outras categorias sociais. Os movimentos ocorridos nos anos 60 ajudaram a sair da invisibilidade social segmentos como mulheres e negros. Hoje, também, presenciamos o crescimento de movimentos que pedem a liberdade de escolha sexual, exigindo da sociedade a aceitação dos seus direitos. Por isso, a contemporaneidade é uma época contraditória: ao mesmo tempo em que crescem movimentos reivindicatórios de categorias exigindo direitos à plena cidadania, ainda convivemos com práticas de exclusão perpetradas por parte da sociedade.

Antes de prosseguirmos com a caracterização do contexto atual, achamos necessário comentar, em linhas gerais, a situação mundial que se instalou no pós-guerra e demonstrar que a humanidade, em certo sentido, estava atravessando um período de relativa estabilidade, com crescimento econômico acompanhado de uma alta no consumo, proporcionando, assim, mecanismos de segurança para a população. Apesar do envolvimento das principais

²⁸ Veremos adiante que não é incomum jovens afastarem outros jovens de seu grupo apenas porque os mesmos não apresentam aspectos semelhantes ao restante do grupo, como a questão do peso e da roupa.

economias capitalistas no conflito, elas conseguiram soerguer-se rapidamente após serem arrasadas pelo combate.

Em contraste com os anos atuais, visualizava-se no pós-guerra uma relativa incorporação da população à cidadania. Pelo menos no que concerne às atuações do Estado, a humanidade possuía direitos ao mínimo de emprego, renda, educação, saúde e habitação. O papel do Estado era intervir de modo a realizar, passo a passo, a justiça social. Os pilares gêmeos da modernidade seriam o Estado de direito e o Estado do bem-estar social (Young, 2002, p. 19).

Nesse período, havia uma crença muito grande na estabilidade, pois os níveis de desemprego não eram lá muito assustadores e algumas famílias se encaixavam bem no seu sonho de consumo, que se tornava cada vez mais diversificado. Era um mundo em que não havia muitos sobressaltos, pois, como diz Young (2002), ele apresentava-se de forma consensual, uno, assimilando cada vez mais amplas camadas da sociedade, como negros, mulheres, imigrantes etc. Entretanto, após a década de 70, e com mais intensidade durante os anos 80 e 90, o mundo entra numa fase de crise, gerando vários reflexos, como o crescente processo de exclusão sofrido por grande parte da humanidade.

A partir deste momento, trataremos de alguns elementos dessa crise e de como eles transformaram-se em processo de exclusão; elementos que fazem parte das diversas modalidades de acontecimentos presentes na atualidade e que são um motor que gera incerteza, insegurança e medo entre as pessoas, contribuindo, certamente, para o aumento do consumo e venda de drogas e para a produção de efeitos sociais entre a população, em especial a sua parcela jovem.

De antemão, afirmamos que essa crise que iremos dimensionar é uma problemática presente em toda a extensão do planeta, mas que pode apresentar particularidades em algumas sociedades, como é o caso do consumo e venda de drogas no Brasil. Outrossim, por ser um

problema que possui raízes globais, acreditamos na impossibilidade de soluções exclusivamente locais (Bauman, 2007), o que nos leva a pensar no problema de forma global.

Iniciaremos a discussão com a mudança de orientação do Estado, que passa de um modelo de bem-estar social para o crescimento de novas concepções ideológicas, chamadas de neoliberais. Essa tese é baseada, principalmente, na concepção de livre mercado, que cresce diante da crise econômica que tomou o mundo capitalista na fase acima assinalada. Para nós, é importante a explicação sobre como essa ideologia introduziu-se no mundo, porque ela trouxe conseqüências significativas para a humanidade, em especial para o mundo do trabalho. Para entendermos as origens do processo que levaram à implementação dessa política pelo capitalismo contemporâneo, utilizamos a contribuição de Anderson (1995), que explica o surgimento do neoliberalismo como uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar. É um verdadeiro ataque contra quaisquer limitações dos mecanismos de mercado por parte do Estado, denunciadas como ameaças letais à liberdade, não somente econômica, mas também política.

Como o capitalismo apresentava o crescimento mais rápido da história durante as décadas de 50 e 60, afirma Anderson, não pareciam contundentes esses avisos sobre os perigos que representava qualquer regulação do mercado por parte do Estado. A crise referida acima serviu como justificativa para os apologistas do ideário neoliberal localizarem as suas causas no excessivo poder dos sindicatos e do movimento operário em geral, que haviam corroído as bases de acumulação capitalista com suas pressões reivindicatórias sobre os salários e sua pressão para que o Estado aumentasse cada vez mais os gastos sociais. Era urgente manter a estabilidade monetária com, entre outras coisas, uma disciplina orçamentária, contenção dos gastos com o bem-estar social e a restauração da taxa “natural” do desemprego, a criação de um exército de reserva para quebrar os sindicatos com suas medidas reivindicatórias.

As transformações produziram modificações no mercado de trabalho. Convivemos cada vez mais com novas modalidades de contratação da mão-de-obra, que se tornaram mais “flexíveis”, do tipo “emprego precário”. Observamos, também, o crescimento da exigência de um tipo de trabalho cada vez mais qualificado, contrastando com a desqualificação acentuada de grande parte da população (Netto, 1996; Hobsbawm, 2003).

A partir daí, pode-se identificar a quebra da relativa proteção proporcionada pelo Estado, produzindo ou recriando sentimentos de desproteção e insegurança entre a população por conta da quebra dos gastos sociais.

O governo de Fernando Collor de Mello é apontado como o início da implementação das medidas neoliberais no Brasil, ganhando maior desenvolvimento nos dois governos consecutivos de Fernando Henrique Cardoso. Essa política representou a destruição da economia do país, tornando-a mais dependente e estagnada. Isso acarretou conseqüências para o mundo do trabalho: aumento do número de desempregados e, conseqüentemente, crescimento daqueles que subsistem no mercado informal, ou seja, trabalhadores jogados na informalidade sem qualquer proteção legal (Pochmann & Borges, 2007).

O crescimento da informalidade e do desemprego produz conseqüências negativas também para aqueles que se encontram na produção. Estar empregado não garante a definição de dias tranquilos para a classe trabalhadora. Estar nessa condição é conviver lado a lado com um clima de insegurança com relação à sua ocupação. É comum o sentimento de incerteza com relação ao futuro, expresso principalmente pelo fantasma do desemprego (Hobsbawm, 2003, p.405). Bock (2000) afirma que esse medo ronda até membros da classe média, pois o capital cultural dessas famílias, antes garantidor do progresso e da estabilidade, não traz segurança nos dias de hoje. Em tempos de desemprego, profissionalizar-se ou se especializar é fundamental, entretanto, afirma o autor, mesmo essa mão-de-obra especializada não tem a garantia de uma ocupação. Há uma rotatividade grande, em que muitas vezes, diz Bock, uma

pessoa deixa de ser torneiro mecânico, passa a ser motorista de ônibus, depois camelô etc. Não é incomum, por exemplo, vermos indivíduos passarem a completar o curso superior e não ter como exercer a sua profissão.

Trataremos agora, de como acontecem essas modificações no mundo do trabalho e nas exigências de qualificação.

1.1.1. Modificações na esfera produtiva e a exclusão do trabalho

Antes de caracterizarmos as modificações produzidas nas esferas produtivas e no campo do trabalho, queremos salientar que concebemos o homem como um ser histórico que se produz e se modifica em relação com os demais seres humanos; diferentemente das outras espécies animais, que possuem padrões de comportamento proporcionados apenas pela sua carga genética e não sofrem modificações consideráveis ao longo do tempo, apenas se adaptando e respondendo instintivamente ao meio, as espécies humanas criam e recriam, pela ação consciente do trabalho, sua própria existência (Frigotto, 2002). Isso para nós transmite uma dimensão especial ao trabalho, sendo ele um aspecto fundamental na sobrevivência individual e coletiva da espécie humana.

O processo produtivo e a organização do trabalho que se expandem no pós-guerra estão sob a égide do fordismo-taylorismo²⁹. Ele significa, em linhas gerais, uma economia de escala e a produção em série para o consumo em massa padronizado, implicando o uso de um grande contingente de trabalhadores. Nesse período, o chamado Estado de Bem-Estar representou, em certo sentido, um compromisso entre Estado, empresas e sindicatos, o que, numa fase de crescimento da economia, assegurou um relativo equilíbrio social e impulsionou

²⁹ O nome fordismo aparece através do lançamento do primeiro carro, um FORD MODEL T, criado nos Estados Unidos em 1909 por Henry Ford. Taylorismo, que vem do nome de seu criador, Taylor, significa a divisão do trabalho e das tarefas em busca de uma maior produtividade. Essa doutrina espalha-se, ao final da Primeira Guerra Mundial, pela Europa como um manual de controle administrativo (Kohlrausch, 2005, p. 50).

significativamente o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas (Saviani, 2002). Houve também uma revolução tecnológica que afetou diretamente o processo produtivo, a qual foi denominada de revolução microeletrônica e também se tornou conhecida como revolução da informática ou revolução da automação³⁰, produzindo modificações no processo de trabalho e dos mecanismos de controle e organização (Netto, 1996; Saviani, 2002). Segundo Saviani (2002), esse avanço tecnológico deu início a uma nova revolução industrial, porém com características diferentes da primeira, em que havia funções manuais para as máquinas. Nessa nova revolução, transferem-se para as próprias máquinas as operações intelectuais³¹.

Esse avanço tecnológico foi utilizado para alterar o padrão produtivo, introduzindo a acumulação flexível, caracterizada pela produção segmentada, horizontalizada, descentralizada, propiciando uma mobilização dos pólos produtivos. Substitui-se, assim, o taylorismo-fordismo pelo toyotismo, deslocando-se os mecanismos de controle para o interior das próprias empresas, secundarizando o papel dos sindicatos e do Estado (Netto, 1996). Esse novo processo de produção nasce com a reconstrução do Japão no pós-guerra.

Essa revolução tecnológica tem produzido uma gigantesca economia da mão-de-obra, gerando uma força de trabalho excedente em face dos interesses do capital. Na medida em que a grande indústria se desenvolve, a criação da riqueza efetiva torna-se menos dependente do tempo de trabalho e do quantum de trabalho necessários utilizados, dependendo muito mais, então, da utilização da ciência na produção (Frigotto, 2002).

Marx (1998) já havia realizado algumas projeções sobre a tendência que o capitalismo possui em produzir o que ele chama de um exército de reserva. Em sua obra *O*

³⁰ Segundo Silva (1997, p.25), “[o] termo automação é empregado, atualmente, para definir o processo de inovação tecnológica de base microeletrônica. É com este significado que se nomeiam, por exemplo, o processo de automação bancária ou automação industrial, traduzindo a utilização da informática nesses setores. O significado do termo é, no entanto, bem mais amplo. Ele diz respeito a todo instrumento ou objeto que funcione sem a intervenção humana, podendo ser aplicado a qualquer tipo de máquina ou artefato que opere desse modo”.

³¹ Como lembra Saviani (2002, p. 21), “[a] produção autonomiza-se, isto é, se torna autônoma, auto-regulável, o que permitiria liberar o homem para a esfera do não-trabalho, possibilitando o cultivo do espírito através das artes, das ciências, da filosofia e do desfrute do tempo livre”. Entretanto, como veremos adiante, no sistema capitalista ela é usada para desempregar o homem.

Capital, ele afirma que a proliferação da população sem emprego e renda faz parte da própria lógica do sistema. Pela sua própria essência, esse sistema tende a transformar parte da população trabalhadora em desempregados ou semi-empregados, os quais ele denomina de superpopulação relativa ou exército de reserva do trabalho, cuja existência não é eventual, e sim uma lei de população inerente ao modo de produção capitalista. Segundo ele:

Não basta à produção capitalista de modo algum o quantum de força disponível que o crescimento natural oferece. Ela precisa, para ter liberdade de ação, de um exército industrial de reserva independente dessa barreira natural. (Marx: 1998, p.193).

De acordo com o raciocínio da obtenção de lucros, investe-se mais em máquinas porque elas são mais econômicas, ou seja, não recebem salários nem horas extras, não tiram férias e não fazem greves. Ao transformar parte da população em reserva garante-se, também, a exploração dos que se encontram empregados, rebaixando seus salários e impondo condições mais duras de trabalho. Sem esse excedente, provoca-se o aumento das reivindicações dos que estão na produção. Assim, à medida que a superexploração do trabalho vai desgastando parte da mão-de-obra engajada, esse segmento desgastado poderá ser substituído pelo reservatório disponível (Resende: 2001, p.42).

No início do capitalismo, e conseqüente industrialização, o número de indústrias que surgiam era grande e o número de trabalhadores acompanhava esse crescimento em todo o mundo. Na atual crise, há um crescente desemprego não simplesmente cíclico, mas estrutural (Hobsbawm, 2003). Mezáros (2003) não realiza nenhuma análise otimista quando se refere aos caminhos que vem percorrendo o mundo do trabalho na contemporaneidade. Para ele, a questão do desemprego hoje foi alterada para uma maior gravidade. Ela já não se limita a um “exército de reserva” à espera de ser ativado e trazido para a expansão do capital. Agora o desemprego assumiu um caráter crônico, afetando até mesmo os países capitalistas mais adiantados.

Bauman (2007, p. 35), em seu lúcido trabalho sobre a modernidade recente, faz algumas reflexões sobre essa nova realidade, ou seja, a quantidade de seres humanos tornados excessivos, ultrapassando, inclusive, a capacidade administrativa do planeta. Para ele, isso acontece devido à obstrução dos escoadouros que no passado permitiam a drenagem e a limpeza regulares e oportunas dos “excedentes humanos”³². Sobre isso, ele afirma:

Se o excedente populacional (a parte que não pode ser reassimilada aos padrões de vida “normal” e reclassificada na categoria de membros “úteis” da sociedade) pode ser rotineiramente removido e transportado para além das fronteiras da área fechada, dentro da qual se buscam a estabilidade econômica e o equilíbrio social, as pessoas que escaparam ao transporte e permanecem dentro dessa área, mesmo que momentaneamente excedente, são destinados à reciclagem ou à reabilitação. Estão “fora” apenas por enquanto, seu estado de exclusão é uma anomalia que exige ser curada e implica uma terapia; precisam claramente ser ajudadas a “voltar” logo que possível. São o “exército de reserva de mão-de-obra” e devem ser postas e mantidas numa forma decente que lhes permita retornar ao serviço ativo na primeira oportunidade.

Tudo isso muda, contudo, quando os canais de drenagem do excedente de seres humanos são obstruídos. Quanto mais a população “em excesso” permanece do lado de dentro e anda ao lado dos “úteis” e “legítimos” restantes, menos claras e tranquilizadoras parecem as linhas que separam a “normalidade” da “anormalidade” e a incapacidade temporária da destinação final ao depósito de lixo. Em vez de continuar sendo uma miséria confinada a uma parte relativamente diminuta da população, como costumava ser percebida, a destinação ao “lixo” se torna uma perspectiva potencial para todos – um dos pólos entre os quais oscila a posição social, presente e futura, de todo mundo. As ferramentas e os estratagemas de intervenção habituais desenvolvidos para lidar com uma anormalidade vista como temporária e que afetava uma minoria não basta para enfrentar o “problema do lixo” em sua nova forma – nem são adequados especialmente para essa tarefa. (Bauman, 2007, p. 37-38).

Essas reflexões são importantes para ajudar a esclarecer parte da problemática presente na contemporaneidade. A atualidade apresenta-se como uma fase em que há poucas expectativas de grande parte do excedente de produção ser reclassificada para o trabalho, pois vivemos um momento em que há a existência de grande produção, mas com a necessidade de um número reduzido de mão-de-obra, e uma mão-de-obra que deve estar em permanente processo de qualificação para se adequar aos avanços tecnológicos. Como dito anteriormente, é esta uma fase em que há a possibilidade concreta de alguns indivíduos, mesmo que estejam participando do processo produtivo, se incluírem na fila dos exércitos de reserva, pois o

³² O autor fala, principalmente, da capacidade de alguns países de absorverem a mão-de-obra imigrante.

emprego que sustentam não garante a segurança da estabilidade. Vivemos uma época em que, como diz Young (2002), há uma desqualificação do trabalho e uma ênfase na flexibilização da força de trabalho, reduzindo, assim, o trabalho seguro e estável. A força de trabalho geralmente é “terceirizada”, com contratos curtos ou com pessoal sem vínculo empregatício. Segundo o autor, a porcentagem dos que se encontram contentes é pequena e encolhe constantemente. Até a classe média, que, segundo ele, vivia contente no passado, tendo o seu capital cultural como garantidor de uma vida estável, viu seu mundo tornar-se precário e transitório:

O efeito resultante do enxugamento da produção e da reengenharia é acabar com a proporção relevante dos empregos de renda média e engendrar um sentimento de precariedade nos que antes estavam seguros. (Young, 2002, p. 25).

Essas reflexões sobre a produção de uma mão-de-obra excessiva é para nós de fundamental importância para entendermos parte da intensificação da presença das drogas na atualidade. Ela representa, entre outras coisas, o aumento da oferta de produtos na medida em que, como veremos adiante, há a possibilidade de o tráfico de drogas ter parte desse exército ao seu serviço, sendo requisitado geralmente com baixo custo e num regime de trabalho precário. Também acreditamos na possibilidade de haver um aumento na demanda desses produtos devido à angústia em que muitos podem estar mergulhados por não se sentirem seguros quanto à sua inclusão no mercado de trabalho. E não é incomum, acreditamos, esses dois fatores caminharem juntos.

Sendo assim, visualizamos na atualidade uma possibilidade de, cada vez mais, pessoas descerem para uma categoria de população tornada inassimilável para o sistema, movendo-se assim para o que Bauman (2007) chama de uma “subclasse”, ou seja, para um grupo de pessoas que não possuem perspectivas de se incluírem no processo produtivo. Por isso, afirma o autor:

Apenas uma linha tênue separa hoje os desempregados, especialmente os que estão nessa condição há muito tempo, de uma queda no buraco negro da “subclasse”: homens e mulheres que não se encaixam em nenhuma divisão social legítima, indivíduos deixados fora das classes e que não são portadores de nenhuma das funções reconhecidas, aprovadas, úteis e indispensáveis que os membros “normais” da sociedade executam. Pessoas que nada acrescentam à vida da sociedade, a não ser o que esta poderia fazer muito bem sem elas e de fato ganharia por se livrar delas. (Bauman, 2007, p. 76).

Realizamos anteriormente, através de uma pesquisa sobre a criminalidade em um dos bairros de periferia da cidade de Maceió, o Jacintinho (Resende, 2001), algumas reflexões sobre a possibilidade de haver a criação de um exército de reserva, e conseqüentemente do pauperismo, uma modificação desse reservatório disponível, com segmentos deslizando para camadas do lupemproletariado, entendido como sendo um grupo de pessoas que, não obtendo meios de sobrevivência nas formas legais de produção, passam a se sustentar, e provavelmente também a sua família, nas formas ilegais, com constantes atos de violência³³. Sobre isso, diz-nos Guimarães,

Nas piores conjunturas, de crescente agravamento do pauperismo, quando aumentam os segmentos de subempregados e desempregados pertencentes à classe trabalhadora, esta pode desagregar-se, e uma parte dela, premida pela miséria e pela ausência de alternativas, está sujeita a deslocar-se para o lupemproletariado. (Guimarães, 1982, p. 7-8).

Essas “classes perigosas”, como afirma o mesmo autor, Guimarães, sofrem modificações, também, na sua composição; elas não são mais aquelas compostas por alguns membros excluídos do processo produtivo, aqueles que ainda podem ser reassimilados pelo sistema, mas são vistos como aqueles considerados inadequados para ocupar uma função na sociedade, os que são tidos como inúteis para o sistema. Desenvolve-se assim uma problemática maior porque não há a possibilidade de retorno. Como diz Bauman:

³³ Não podemos deixar de registrar outras alternativas de sobrevivência encontradas por aqueles que não conseguem inclusão no mercado de trabalho. Quando não há capacidade de absorção da mão-de-obra disponível nas atividades formais, cresce o número de pessoas que buscam alternativas na economia informal. Segundo Antunes (1998), a atualidade é um período em que ocorre, com bastante intensificação, uma subproletarização, expressa na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, terceirizado.

As “classes perigosas” originais eram constituídas do excedente populacional temporariamente excluído e ainda não reintegrado que o progresso econômico acelerado havia privado de uma “função útil”, enquanto a pulverização acelerada das redes de vínculos os havia destituído de proteção. Mas a expectativa era de que, no devido curso, eles seriam reintegrados, seu ressentimento se dissiparia e seus interesses na “ordem social” seriam restaurados. As novas “classes perigosas”, por outro lado, são aquelas reconhecidas como inadequadas à reintegração e proclamada inassimiláveis, já que não pode conceber uma função útil que sejam capazes de exercer após a “reabilitação”. Não são apenas excessivas, mas *excedentes*. Estão excluídas *permanentemente* [...]. Em vez de ser percebida como o resultado da má sorte momentânea e reparável, a exclusão atual exala um ar final. [...]. A *irrevogabilidade* de sua expulsão e fragilidade das chances de apelar do veredicto é que transformam os excluídos contemporâneos em “classes perigosas”. (Bauman, 2007, p. 74-75).

Essas discussões devem ser analisadas com o devido cuidado. Não queremos afirmar, a partir das reflexões acima, que na atualidade todos os elementos da sociedade que são rebaixados à inutilidade do sistema necessariamente se encaminhem para a prática da criminalidade, ou que esse tipo de atitude é tomado exclusivamente por eles, e sim queremos concordar com as afirmações realizadas por Bauman (2007) quando diz que a barreira que separa os excluídos e os pertencentes a essa última situação é muito frágil.

Não menos tênue é a linha que separa os “excedentes” dos criminosos: a subclasse e os criminosos são apenas duas categorias de excluídos, “socialmente desajustados” ou até “elementos anti-sociais”, que se diferenciam entre si mais pela classificação oficial e pelo tratamento que recebem do que por sua própria atitude e conduta. Tal como as pessoas sem emprego, os criminosos (ou seja, aqueles destinados à prisão, acusados e aguardando julgamento, sob supervisão da polícia ou simplesmente com ficha na polícia) não são mais vistos como temporariamente expulsos da vida social normal e destinados a serem “reeducados”, “reabilitados” e “reenviados à comunidade” na primeira oportunidade – mas como permanentemente marginalizados, inadequados para a “reciclagem social” e designados a serem mantidos permanentemente fora, longe da comunidade dos cidadãos cumpridores da lei. (Bauman, 2007, p.76).

Com o fim do Estado Social, que proporcionava o mínimo de assistência, agora os indivíduos nessa condição presenciam a irrevogabilidade da sua exclusão, da retirada do seu direito de apelar, de ter esperança e, o que é pior, da redução da vontade de resistir.

Por isso, acreditamos que o tráfico de drogas se transformou em uma alternativa de sobrevivência para parte desse exército tornado inútil para esse sistema. Como veremos mais

à frente, ele absorve parte desse excedente populacional, principalmente jovens que não conseguem empregos e não têm perspectivas (Bauman, 2007, p. 39). Ele pode, também, ser uma forma de reconhecimento, mesmo que por vias não legais, já que as da outra natureza tornaram-se um impedimento. Essas condições aumentam consideravelmente o número de pessoas que sobrevivem da venda de drogas; com o aumento da oferta, aumenta o consumo. E, como dissemos anteriormente, a droga pode servir como “refúgio” diante da pressão de uma sociedade que diz a todo momento que devemos, por esforço individual, buscar a nossa sobrevivência, negando a uma grande parte os meios necessários para isso. Os efeitos disso são os mais variáveis possíveis, destacando-se o crescimento da violência, com um assustador saldo de mortes que se encontram, especialmente, entre os jovens que buscam a manutenção do vício e/ou a sobrevivência através da venda de drogas. Sem dúvida esse é um círculo vicioso que aumenta consideravelmente a intranqüilidade da população.

1.1.2. Mudanças no processo educacional e suas relações com o mercado de trabalho

As mudanças sentidas durante a passagem da “era de ouro” para um período de turbulência denominado “período de crise” (Hobsbawm, 2003) sofreram reflexos, também, nas concepções educacionais. Isso não poderia ser diferente, pois a educação, sendo inserida dentro de um processo global de produção da existência humana, é uma prática social determinada materialmente. Por isso, sendo a história moderna e contemporânea dominada pelo capital, ela também sofrerá as modificações a partir do movimento desse capital (Saviani, 2002).

Na “era de ouro” do desenvolvimento capitalista havia um impacto econômico da educação, ou seja, ela tinha como função definir um conjunto de estratégias orientadas para criar as condições “educacionais” de um mercado de trabalho em expansão, confiando-se na

possibilidade de atingir o pleno emprego. Para isso, era necessária a formação de um capital humano para garantir a capacidade competitiva das economias, o incremento da riqueza social e da renda individual. A escola seria o instrumento para formar o contingente da força de trabalho que se incorporaria ao mercado de trabalho e, também, aquela que contribuiria para a integração econômica da sociedade e das pessoas, seguindo os passos para a cidadania (Gentili, 2002).

O Estado, representado pelo *Welfare State*, tinha como atividade central na definição de políticas públicas o planejamento educacional, que consistia, entre outras coisas, na captação de recursos financeiros e na distribuição das verbas destinadas ao sistema educacional (Gentili, 2002).

A partir dos anos 70 e das modificações estruturais acima assinaladas que foram sofridas pela economia-mundo capitalista, houve uma alteração substantiva na função econômica atribuída à escolaridade. Ocorre, nesse período, uma privatização da função econômica atribuída à escola, deslocando para o indivíduo a responsabilidade na busca pelos melhores meios de conseguir entrar e se estabelecer no mercado de trabalho:

Passou-se de uma lógica de integração em função de necessidades e demandas de caráter coletivo para uma lógica econômica estritamente privada e guiada pela ênfase nas capacidades e competências que cada pessoa deve adquirir no mercado educacional para atingir uma melhor posição no mercado de trabalho. (Gentili, 2002, p. 51).

Quando cessa a promessa do pleno emprego, é deslocada para o indivíduo a responsabilidade na definição de suas próprias escolhas que permitam conquistar uma posição mais competitiva no mercado de trabalho. Além da necessidade de uma formação profissional permanente, a condição da empregabilidade está pautada, também, para a redução dos encargos patronais e a flexibilização trabalhista.

Essa concepção não transfere, como no momento anterior, a responsabilidade da escola no exercício de sua função integradora no campo econômico, cultural, político e social. Entretanto, essa nova concepção de empregabilidade, como afirma Gentili (2002, p. 53-54), acaba com o nexo que se estabelecia entre o desenvolvimento do capital humano individual e o capital humano social, ou seja, as possibilidades de inserção de um indivíduo no mercado dependem da posse de um conjunto de saberes, competências e credenciais que o habilitam para a competição pelos empregos disponíveis, pois a educação é, de fato, um investimento em capital humano individual, só que o desenvolvimento econômico da sociedade não depende, hoje, de uma maior e melhor integração de todos à vida produtiva (a educação não é, em tal sentido, um investimento em capital humano social). As economias podem crescer, pela lógica atual, com uma elevada taxa de desemprego e com imensos setores da população fora dos benefícios do crescimento econômico.

Sendo assim, a necessidade de se adquirir melhores condições de competição para sobreviver na luta pelos poucos empregos disponíveis torna-se um elemento constante de insegurança e angústia para aqueles que não conseguem alcançar tal competitividade. Mas também é preocupante para aqueles que conseguem galgar alguma posição em termos de qualificação, pois sempre há a possibilidade do fracasso, ou seja, daquelas pessoas que, apesar de terem investido no desenvolvimento de suas capacidades “empregatícias”, não terão sucesso na disputa pelo emprego e, conseqüentemente, acabarão sendo desempregadas, empregadas em condições precárias ou inempregáveis (Gentili, 2002, p. 55). Segundo Young, pode-se perceber nos dias atuais uma situação de competição e de exclusão:

Se visualizarmos a meritocracia contemporânea como uma pista de corridas em que o mérito é recompensado segundo o talento e o esforço, encontramos uma situação de duas pistas e um mosaico de espectadores: um mercado de trabalho primário em que as recompensas são distribuídas segundo um plano, mas onde há sempre a possibilidade de um rebaixamento para a segunda pista, na qual as recompensas são substancialmente inferiores, somente pequenos trechos da pista estão abertos aos competidores e há sempre a possibilidade de ser rebaixado ao papel de espectador. Quanto aos espectadores, sua exclusão é evidenciada pela existência de barreiras e

de policiamento pesado: o acesso real à corrida lhes é negado, mas eles são testemunhas perpétuas dos prêmios resplandecentes em oferta. (Young, 2002, p.25).

Essa situação, para nós, reforça o aumento considerável do excedente populacional, bem como daqueles tornados inúteis para o sistema, e aumenta, também, a possibilidade de mais indivíduos ingressarem nas chamadas “classes perigosas”, pois muitos jovens, principalmente os que estão excluídos de um processo educacional competitivo, não visualizam a educação como promessa de futuro. E pode aumentar, também, o consumo de drogas pela angustiante sensação de incerteza dos tempos que há de vir.

Estar apto para uma corrida ao mercado de trabalho não significa, por si só, estar matriculado no sistema educacional. Como veremos adiante, muitas escolas sofrem, principalmente as da rede pública, de deficiências na infra-estrutura e nos conteúdos pedagógicos, o que dificulta o acesso a essa corrida. Por isso, estar matriculado não significa a garantia de dias tranquilos, não sendo incomum encontrarmos jovens angustiados com a possibilidade de “sobrar” em um mercado de altíssima competitividade.

Sendo assim, entendemos a atualidade como uma época de contradição e de intensa pressão para com os indivíduos que nela habitam, lembrando-os a todo momento de que eles devem assumir uma posição produtiva na sociedade, ao mesmo tempo em que, para grande parte da população, são retirados os meios necessários para isso. É uma sociedade também castradora de “sonhos”, pois impede a muitos a realização de escolhas individuais e a possibilidade de serem traçados projetos para o futuro³⁴, o que sem dúvida aumenta a sensação de angústia e a possibilidade de encontrar no universo do consumo e/ou tráfico de drogas uma forma de “decidir” um caminho, já que outras vias foram negadas.

³⁴ É comum, por exemplo, encontrarmos estudantes, principalmente de escolas públicas, que são impedidos até de “sonhar” com uma carreira de médico, por exemplo, porque seu capital cultural provavelmente não lhe permite entrar na competitividade de uma carreira tão valorizada pela sociedade.

1.2. As deficiências do Estado

Os indivíduos se vêem, após o dismantelamento do Estado de bem-estar social, desprotegidos no que concerne ao atendimento de questões essenciais para a sua sobrevivência. A implantação do Estado neoliberal significou, dentre outras coisas, o corte em gastos com programas sociais, deixando parte da população sem o mínimo de acolhimento em setores fundamentais³⁵.

O atendimento aos setores de saúde, educação, por exemplo, nunca foi tão atrelado a uma lógica do mercado, ou seja, à busca do lucro, como na época recente. Geralmente, só consegue a realização plena desses serviços quem pode pagar por eles. Muitos têm que minguar, por exemplo, em grandes filas por um atendimento médico ou se contentar com um sistema educacional público falido, que é o que muitas vezes o Estado proporciona.

Essa deficiência em suprir necessidades básicas da população por parte do Estado é sentida, principalmente, nos bairros populares, onde se alojam os mais humildes. A falta desses serviços nesses locais é uma constante, provocando uma série de conseqüências para os que aí habitam. Uma das conseqüências diz respeito à ociosidade de muitos jovens, que muitas vezes estão fora da escola ou, se estão nelas, não conseguem ter uma vida escolar regular, levando ao aumento considerável de faltas ou mesmo à evasão.

O Estado não consegue, também, solucionar problemas com relação aos serviços de urbanização. Como veremos adiante, é comum, por exemplo, muita gente não ser atendida em questões como pavimentação, saneamento, transporte adequado etc. Também para essas demandas, é necessário pagar. Isso muitas vezes está embutido no preço dos imóveis, proporcionando a realização adequada desses serviços aos que podem pagar pelo jogo especulativo do mercado.

³⁵ Acreditamos que programas sociais existentes hoje, como por exemplo o bolsa família, apesar de serem importantes para uma população que não tem uma renda para sobreviver, não refletem ainda a inclusão delas aos requisitos importantes de sobrevivência, como uma alimentação digna, educação, saúde, segurança etc.

Privatizada também se transformou a segurança; muitos recorrem à utilização de vigilância particular a partir do momento em que o Estado não consegue suprir essa necessidade. Para muitos, resta contar com algumas estratégias de sobrevivência dentro do próprio cotidiano, já que lhes falta recursos para pagar por sua segurança, e o Estado não consegue conter a onda de violência que assolou suas vidas.

Sendo assim, o não atendimento a esses serviços, entre outros, fundamentais para o exercício da cidadania tem gerado na população uma descrença no Estado, em que ele deixa de ser referência nas ações individuais. Entre as diversas conseqüências que podemos visualizar sobre isso, está a formação de um Estado paralelo em alguns territórios, como os bairros de periferia, proporcionado pelas ações do tráfico, que, como veremos adiante, em alguns momentos consegue suprir algumas necessidades da população. Ele consegue, em muitos momentos e com mais eficiência, através desse atendimento, e, principalmente, pelo uso da violência, controlar as ações individuais a seu interesse.

Os governos, responsáveis pela gerência do Estado legal, além de geralmente não conseguir realizar suas funções a contento, estão em muitos momentos envolvidos em roubo do dinheiro público, o que aumenta a distância entre governantes e governados. Casos de corrupção perpetrados por autoridades do governo são freqüentes, sendo divulgados para uma ampla massa de espectadores, o que leva à falta de confiança nas instituições políticas.

Esses casos não envolvem apenas autoridades diretamente ligadas ao poder executivo, mas se expande por uma ampla rede que envolve setores do legislativo e do judiciário, sendo muitos perpetrados por quadrilhas do crime organizado, o que dificulta a resolução do conflito em todas as esferas.

De tudo isso, podemos retirar a seguinte conclusão: um Estado que não consegue cumprir com suas funções e se envolve diretamente com o crime não tem moral para exigir de uma população o cumprimento da lei, ou seja, não tem como impedir que alguns elementos

ajam desrespeitando a legislação vigente. Desse modo, alguns indivíduos passam a ter a lei como um elemento que pode ser constantemente desconsiderado.

1. 3. Urbanização, exclusão e violência.

Os índices de criminalidade são um dos elementos de destaque no clima de insegurança gerado na atualidade, em especial na sociedade brasileira. O Brasil se transformou, nos últimos tempos, em um imenso palco de violência. Os meios de comunicação já se acostumaram a alardear crimes que comprovam apenas o que as pessoas já sentem no seu cotidiano: que atos violentos tornaram-se uma constante, provocando uma grande tragédia social.

As ações criminosas podem ser visualizadas em diversas áreas que compõem o repertório de vida dos indivíduos. Podemos encontrar desde o crime de roubo do patrimônio até sua forma mais gritante, o roubo da vida. Também podemos localizar agressões preconceituosas direcionadas, principalmente, a parcelas da população que sofrem por ser, por exemplo, negro, mulher, homossexual etc. Enfim, a lista desses comportamentos agressivos é imensa e este espaço não comporta enumerá-las.

Por isso, identificamos o delito de forma mais ampla, não nos limitando a expressá-lo com atos como furtos, roubos, homicídios e estupro. Remeter a apenas esses delitos é valer-se de estereótipos e tornar invisíveis outros como por exemplo, os dos poderosos e a violência institucional (Castro, 2005, p.2003)³⁶.

Porém, como sugerimos anteriormente, acreditamos que a circulação de drogas é um dos elementos de destaque na contribuição para a expansão da violência no país. A circulação

³⁶ Essa ampliação do que seja realmente crime não tinha a amplitude apresentada na atualidade. Esse é um aspecto normal no sentido de que, como diz Bem (2006, p. 74), o crime não é “objetivo”, ou mesmo uma entidade fixa, ele é um produto de definições social e historicamente construídas. Da mesma forma, as vítimas da violência, antes ocultas, contribuíram para demonstrar a extensão da violência. Essa ampliação teve a contribuição dos movimentos sociais, desencadeados a partir da década de 60 do século XX, quando foi revelado um número de vítimas até então invisíveis, como, por exemplo, as mulheres, cujas agressões por elas sofridas foram reveladas pelos movimentos feministas (Bem, 2006).

dessas substâncias rotinizou as ações criminosas, produzindo insegurança e medo na população brasileira.

No nosso ponto de vista, não se pode entender o crescimento dessas ações violentas, em parte, sem perceber a construção das cidades brasileiras, que cresceram de forma desordenada, alojando a população em áreas diferenciadas a partir do seu padrão de renda. Essas cidades crescem a partir da expansão do capitalismo. Esse sistema significou, dentre outros pontos, a montagem de um modelo de desenvolvimento enfatizado na produção industrial-urbana. Considera-se que, no país, o processo de industrialização iniciou-se na década de 30, acelerando-se na segunda metade do século XX³⁷. Nesse período, algumas cidades se fortaleceram como centros industriais e comerciais. Essa contingência da produção provocou a saída de parcela da população do meio rural, afetando os centros urbanos que funcionaram como pólos de atração (Resende, 2001, p.12).

Tomaremos, em linhas gerais, o exemplo do caso alagoano, que é o suporte do objeto da nossa pesquisa. O setor produtivo de Alagoas entra em crise, principalmente, com a decadência da monocultura da cana-de-açúcar, provocando o fechamento de várias usinas. No entanto, apesar dessa acentuada crise, o Governo não aplicou uma política de desenvolvimento capaz de estimular a diversificação da produção. Em consequência, várias pessoas foram afastadas dos seus postos de trabalho, o que, sem dúvida, aumentou o fluxo migratório (Resende, 2001, p.12).

O quadro de desocupados, em sua maioria constituído por trabalhadores rurais, ampliou-se com a introdução da tecnologia, mesmo sendo baixa sua implementação em Alagoas. Como dissemos anteriormente, o avanço tecnológico serviu para substituir homens por máquinas, o que garante maior produtividade e, também, fomenta a concentração fundiária (Lira, 1998).

³⁷ “Assim, desde a Primeira Guerra Mundial, e principalmente a partir de 1930, a indústria passou a ser a atividade econômica mais dinâmica, atraindo o maior volume de capitais e de mão-de-obra. A economia global do país crescia porque a indústria estava em expansão, enquanto a agricultura permanecia quase estagnada. E isso caracterizou o início da fase industrial brasileira, embora só em 1956 o valor da produção industrial do país tenha ultrapassado o da agropecuária.” (Brum, 1999, p. 214).

Para completar esta breve visão sobre o quadro alagoano, deve ser considerado que os municípios contam com uma deficiente prestação de serviços sociais básicos como educação e saúde. O grau de crise do estado alagoano que mencionamos anteriormente, e que provocou, principalmente, a saída de parcela da população do meio rural, pode ser exposto através da exposição de Lira:

Essa crise, que já dura mais de quinze anos, tem provocado uma grande descapitalização dos produtores, aumentando muito o número de desempregados, baixando o nível de renda e levando as microrregiões a sofrer um rápido processo de estagnação e pauperização. (Lira, 1998, p.57).

A desorganização agrária, a falta de oportunidades e outros fatores que não cabe detalhar, conforme já referimos, têm levado ao deslocamento de grandes contingentes populacionais do interior para centros urbanos. A maior parte dos deslocamentos no Estado, por exemplo, vai para Maceió, o maior centro urbano de Alagoas, agravando os problemas da capital. Como diz Lira,

[a] crise urbana que Alagoas vem enfrentando é conseqüência não só do processo de urbanização implementado no país, como também do desemprego estrutural existente. A falta de oportunidade de emprego vem levando um enorme contingente de pessoas a se deslocar das zonas rurais e das pequenas cidades em direção aos grandes centros urbanos da região. (Lira, 1998, p.48).

No Estado, Maceió é o principal pólo urbano e isso determina sua expressão no contexto estadual em termos administrativos, econômicos e sociais. Possui as sedes das repartições públicas, oferece a maioria dos serviços de saúde e educação, desempenha a função de centro administrativo, comercial, bancário, portuário e industrial, enquanto nos demais municípios do Estado predomina o setor primário da economia.

O elevado processo migratório para as cidades desencadeou o fenômeno da “inchação”, desequilibrando o quadro urbano. Elas não possuem, no geral, recursos para comportar a corrente que se deslocou do interior em busca de oportunidades. É grande a

disparidade entre o número de pessoas que entram e a oferta de emprego³⁸. Conseqüentemente, há a formação de grandes bolsões de miséria, gerando-se uma circunstância do tipo comentado por Guimarães e que, sem dúvida, podemos visualizar como uma situação brasileira:

A situação das classes pobres começa a agravar-se, a partir dos grandes aglomerados urbanos, onde se formam, ou crescem de proporção, os cinturões de miséria, que ocupam a periferia dos centros mais povoados e depois se reproduzem também nos centros menos povoados. O desequilíbrio entre o crescimento urbano e a disponibilidade de recursos e equipamentos sociais se reflete nos baixos padrões de habitabilidade, de saúde, de conforto, cujos níveis não cessam de cair. (Guimarães, 1982, p. 157).

No caso específico alagoano, as pessoas de baixa renda, vítimas da desorganização produtiva na área rural, que chegam em Maceió vão se distribuindo, inicialmente, nos bairros da Levada, Ponta Grossa e Vergel. Esses locais eram desprezados pelos ricos devido à existência de mangues, canais, terrenos de solo turfosos e alagadiço que não favoreciam a edificações. Além do mais, havia neles o risco constante de enchentes. Com essas condições, e como a procura era pequena, a compra de terrenos não favorecia grandes investimentos. Sobre essas questões, queremos colocar em evidência o seguinte texto de Normande:

As condições naturais do sítio geográfico podem ter contribuído para o desprezo da burguesia na preferência enquanto local de moradia. Foi para lá que se deslocaram aqueles que não tinham opção de escolha as outras áreas mais privilegiadas da cidade. Por outro lado, os núcleos iniciais de povoamento foram favorecidos pela proximidade com a Lagoa Mundaú, que, além de facilitar a comunicação e o transporte por via lacustre, possibilitava uma fonte de sobrevivência alternativa para a população de baixa renda, através da prática da pesca, da extração do sururu e da exploração da madeira abundante nos mangues da região. (Normande, 2000, p.81).

³⁸ O processo de industrialização no Nordeste, especialmente em Alagoas, deu-se de forma lenta, na medida em que se intensificava a concentração industrial no sul do Brasil. Poucas fábricas foram instaladas em Maceió, o que não se harmonizava com a quantidade de braços disponíveis para o trabalho. Além do mais, várias empresas entraram em processo de decadência, após o seu já baixo desempenho, como, por exemplo, as indústrias têxtil, metalúrgica, mecânica e química. As empresas falidas não eram substituídas, não havia uma rotatividade. Houve intensa pressão da mão-de-obra sobre os serviços municipais, estaduais e federais. O setor público tornou-se o principal empregador formal. A partir da década de 90, cessou a fonte de emprego com a crise fiscal e PDVs. As atividades formais não foram capazes de absorver toda a mão-de-obra disponível, agravando-se o quadro com o período de demissões que ocorreram tanto no setor público quanto no setor privado. Surgiu com isso um crescimento no setor informal que condizia com precarização do trabalho e baixa remuneração. Sobre isso, diz Lira: “Uma grande fração da população que vive nas cidades, não encontrando ocupação formal na indústria e no setor de serviços, vai ocupar-se informalmente em atividades marginais, sem expressão econômica e de baixa produtividade, pois, na sua luta desesperada para sobreviver, aceita qualquer tipo de ocupação ou procura criar as suas próprias oportunidades de trabalho, ocupando-se como biscateiro, vendedores ambulantes, vigias, agregados, serviços etc”. (Lira, 1998, p.95).

A orla marítima inicialmente era pouco habitada, com algumas residências de pescadores. Aos poucos, ela foi sendo invadida por casas de veraneio. Na década de 60, ela se consagrou como bairro residencial, inicialmente na Pajuçara e estendendo-se aos poucos por toda a orla. A expansão ocorreu quando constatou-se o potencial turístico de Maceió, favorecendo a urbanização e valorização do lugar, para onde se deslocavam os mais endinheirados. Ainda segundo Normande:

Neste recorte, o espaço tem sido, ao longo do tempo, por sua proximidade com o mar, determinante no que se refere à definição de uma vocação econômica que tem mudado a feição da cidade nos últimos anos: o turismo. (Normande, 2000, p.68).

À medida que a urbanização se estendia na parte baixa da cidade, o local se valorizava; as casas humildes que existiam na Orla marítima foram sendo substituídas por outras melhores. Enquanto isso, as pessoas de menores rendas foram se deslocando para locais distantes do centro, levando à criação de bairros precários. Esse processo se expandiu com o aumento cada vez maior do número de pessoas que vinham do interior de Alagoas ou de outros Estados em busca de oportunidades. Disso resultou a ocupação desordenada do solo, criando-se para a massa da pobreza um espaço específico: a periferia, que pode ser vista como a pobreza em espaços cada vez mais distantes da área central, às vezes perto dessa mesma área, favelização gerada pela desordem ocupacional. Como argumenta Normande:

Nos anos 60, verifica-se em Maceió um grande crescimento populacional – 56,9 em dez anos -, à medida em que a cidade é “inchada” em face das distorções agrárias provocadoras de intensa migração. A população que migra busca alternativas de moradia e instala-se tanto nas áreas periféricas como em áreas já incorporadas ao cotidiano urbano, mais marginais em termos físicos [...]. (Normande, 2000, p.100).

É nessa extensão das periferias que se dá a ocupação, por exemplo, da parte alta da cidade. À medida que cresce o fluxo migratório, e que a parte baixa da cidade vai se

valorizando, ela serve de local de moradia para muitos que não conseguem pagar o jogo especulativo do mercado. A partir daí há o crescimento desordenado desse lugar, com a construção de conjuntos habitacionais e favelas espalhados pela área.

Não se deseja afirmar aqui que todos os problemas encontrados nessas periferias se dão por causa da migração; na verdade, decorrem do direcionamento que vai se dando à urbanização, como explica Normande:

Sendo o comércio, do ponto de vista dominante, o caminho e a atividade a ser consolidada, é de se esperar que as ações e as determinações no âmbito da construção da malha urbana e de sua infra-estrutura física tenham ocorrido quase sempre no sentido de fortalecer e beneficiar os setores a ele vinculados e as áreas da cidade que o favoreciam. (Normande, 2000, p.37).

Isso acontece, no nosso ponto de vista, porque as cidades possuem em sua dinâmica o que se chama de segregação espacial, que vai definindo de que forma a população será distribuída. Um dos instrumentos utilizados para isso é a habitação. Fundado em relações capitalistas, o sistema habitacional constrói, para aqueles que podem pagar o jogo especulativo do mercado, moradias adequadas nas áreas valorizadas. Resta à população de baixa renda ocupar as áreas rejeitadas por esse comércio.

Com isso, estende-se a formação de locais periféricos, com déficits nos serviços sociais básicos, nos serviços urbanos etc. Nas condições em que se encontra Alagoas, com elevado número de desemprego e subemprego, com baixa remuneração dos que ainda conseguem se instalar no mercado de trabalho e com elevado êxodo rural para a sua capital, a tendência é a ampliação de bairros e moradias cuja precariedade aumenta o processo de favelização. É o que reforça o trabalho de Lira:

Diante da crise que vem passando o país e, muito particularmente, Alagoas, as cidades alagoanas e brasileiras não podem mais continuar acolhendo o grande contingente de migrantes que afluem, agravando os problemas urbanos e aumentando o cinturão de miséria das favelas em todo o país e também em Alagoas. (Lira, 1998, p.68).

É nesse contexto de construção de uma malha urbana que proporciona locais de moradia desiguais, com relativa qualidade de vida para aqueles que podem pagar por ela, e proporciona a exclusão de parte da população aos serviços urbanos, que se desenrola o dia-a-dia dos nossos jovens que são alvos de nosso estudo. Como dissemos anteriormente, os estudantes das escolas públicas focalizados neste trabalho se inserem dentro do contexto de construção das periferias, sofrendo reflexos a partir da existência desses locais. Já os das escolas privadas pertencem a um outro quadro de situação urbana, sendo mais privilegiados no que se refere aos serviços de infra-estrutura proporcionados pela urbanização. Sem dúvida, mesmo a circulação de drogas podendo ser encontrada em diversos espaços geográficos, certamente os efeitos sociais que essa circulação proporciona se diferenciam a partir da inserção desse jovem em cada local mencionado. Os problemas presentes nesses locais são refletidos tanto na sua vida escolar como nas diversas relações sociais desenvolvidas por eles. É nesse contexto de desigualdade, portanto, que focalizaremos a circulação das drogas, verificando-a no cotidiano da juventude de escolas públicas e particulares³⁹.

É nesse contexto de desigualdade das grandes cidades que visualizamos, também, a intensificação da violência. Mesmo sendo um acontecimento percebido em diversos espaços urbanos, é nos espaços periféricos mencionados acima que visualizamos os efeitos sociais mais perversos dessas ações criminosas, em especial onde localizamos as principais vítimas das ações criminosas realizadas pelo tráfico.

1.4. A produção do medo, a busca por segurança e a estigmatização

³⁹ Por cotidiano, estamos utilizando a mesma indicação que o senso comum enuncia: o desenrolar do dia-a-dia. Essa perspectiva é suficiente para nos possibilitar discutir e levantar o que desejamos no corpo do trabalho, embora saibamos que ela comporta extensa discussão teórica. Sobre isso, ver, por exemplo, Carvalho, Maria do Carmo Brant & Netto, J. P. Cotidiano: conhecimento e crítica. São Paulo: 2000, p. 14.

Não há como negar que a atualidade é um mundo perigoso, que nos transmite insegurança e incerteza sobre vários aspectos da vida, ou até mesmo sobre a continuidade dessa mesma vida. Nesse cenário, a violência é um dos elementos que merece destaque nessa onda de amedrontamento que ronda o cotidiano de grande parte da população, em especial a das grandes cidades. Por isso, identificamos a contemporaneidade como uma época em que há uma busca incessante por segurança, gerando várias atitudes no comportamento individual e coletivo.

Antes de mencionarmos os possíveis efeitos comportamentais produzidos nos indivíduos, queremos salientar que muitas vezes esse medo pode ser usado, ou mesmo ampliado, entre outras coisas, de acordo com interesses políticos e comerciais, ou mesmo pela forma como são transmitidas as informações sobre as ações violentas, em especial as transmissões realizadas pelos meios de comunicação. Ou seja, queremos afirmar que muitas vezes a insegurança gerada nem sempre condiz com a iminência do perigo, mas que ela se tornou importante de acordo com interesses que vamos mencionar a seguir.

Em primeiro lugar, realizaremos algumas reflexões sobre a possibilidade de ocorrer, em alguns momentos, uma relação dos meios de comunicação com as ações violentas que assolam o mundo contemporâneo, em especial sobre a capacidade que possuem esses instrumentos de proporcionar uma ampliação no sentimento de insegurança das pessoas⁴⁰. De antemão, percebemos o bombardeio de mensagens acerca da informação de que o mundo atual é um lugar perigoso, difundido, principalmente, pela cobertura jornalística, contribuindo assim para a cultura do medo. Já se tornou comum, em especial na sociedade brasileira, abrirmos os jornais ou ligarmos a TV e nos depararmos com a divulgação de atos criminosos,

⁴⁰ Extrapola o objetivo desse trabalho a discussão sobre a possibilidade de a violência exposta na mídia ser uma das causas imediatas de geração de ações violentas entre os indivíduos. Entretanto, não poderíamos deixar de mencionar o poder que a mídia exerce, com sua massificação, nas ações desenvolvidas pelos indivíduos. Mesmo não acreditando numa ligação automática desse instrumento com a produção da violência, sugerimos uma possível imitação do que se estampa na tela, por exemplo, por aquelas pessoas que podem ter tendências à prática violenta, sejam decorrentes dos seus desejos ou de suas limitações (Soares, 2005). Por isso, a mídia pode sofrer parte da culpabilidade quando desenvolvem campanhas de propaganda que giram em torno da valorização do sexo, status e poder. De certa forma colaboram para a manutenção e ampliação do problema. Da mesma forma, a mídia pode contribuir para a banalização da violência.

incentivando um sentimento de que a próxima vítima pode ser o próprio receptor ou mesmo alguém muito próximo a ele.

Um dos fatores que podemos perceber na massificação em torno das informações sobre atos criminosos é que a violência tornou-se um dos elementos de destaque na vendagem de jornais ou mesmo na busca desenfreada pela audiência. Segundo Castro (2005), os meios de comunicação, que têm como objetivo a busca incessante do maior número de consumidores do seu produto, gerando assim lucro, possuem como destaque a divulgação de conteúdos que giram em torno de três temas principais: sexo, esporte e crime. Sem esses elementos, afirma, não se garante uma grande vendagem:

A atração exercida pelas informações chamadas sensacionalistas é tão importante que o grande volume de vendas de um jornal, por exemplo, não depende da qualidade de suas páginas de opinião, da editoria de internacional, política e economia, mas da quantidade de notícias de três tipos: sexo, esporte, crime. (Castro, 2005, p.207).

Os meios de comunicação têm poder sobre a sociedade. Eles desempenham, por exemplo, um papel fundamental na construção de ideologias, de atitudes e de valores⁴¹, sendo um dos instrumentos de controle e dominação. Eles servem como reforço de outros recursos de controle social, como família, religião, educação etc. Esse poder consiste, entre outras coisas, na necessidade da redução da complexidade da vida social na divulgação dos fatos, na entrega do produto pronto, na proporcionalização da ilusão de participação⁴², na seleção de informações e exclusão de outros pontos de vista (Castro, 2005, p.201).

Essa disposição de autoridade dos meios de comunicação, junto com a massificação da violência perpetrada por esse instrumento, será fundamental nas atitudes individual e

⁴¹ Segundo Castro (2005, p. 203), a publicidade é algo mais que tornar público um fato. É produzir representações, criar noções, repetir afirmações, mergulhar o receptor numa reiteração de situações, de maneira que concentre sobre elas sua atenção e que acredite nelas. Entretanto, mesmo havendo a possibilidade da produção de um público homogêneo, sabemos que os meios de comunicação, ao transmitir uma imagem codificada do mundo, podem exercer influência variável segundo os casos (Castro, 2005, p.224).

⁴² Segundo Castro (2005, p. 201), os grandes informadores trabalham sobre a base da redução da complexidade social para que as mensagens sejam compreendidas por todos, levando com isso à massificação do receptor. Eles trabalham sobre a base da entrega dos cérebros. Portanto, não se trata, propriamente, de comunicação, porque não há resposta. Trata-se de um trabalho de engenharia social no qual a ordem permanece oculta e a obediência tem raízes subliminares.

coletiva. Queremos apontar que a mídia tende a privilegiar certos episódios de violência que passam a ter uma série de reflexos na vida dos indivíduos. No nosso entendimento, ela provoca a seguinte situação:

[...] visibiliza certos episódios, [...] e que ao fazer (re) produz os sentidos e as representações dominantes das violências, tanto em relação aos atores quanto em termos dos sujeitos das violências, decodificando a eficácia dessa intermediação interativa entre os acontecimentos e os receptores. Assim, subjacentes aos números estão os episódios privilegiados pela imprensa e os sentidos por ela construídos. Ou seja, o que vemos é o momento de “realidade” resultante do enunciado jornalístico que selecionou as imagens e significados para compor a narrativa dos fatos. (Bandeira & Suárez, 2001, p. 136).

Dentre os possíveis reflexos produzidos, acreditamos que os meios de comunicação, ao selecionarem certos episódios de violência, contribuem com a ideologia dominante na geração de estereótipos quando expressam, principalmente, as marcas de cor, de classe e de gênero das vítimas e dos atores dos atos violentos, produzindo efeitos perversos entre aqueles que se incluem nas demarcações acima citadas. Mesmo aqueles que não tenham cometido nenhuma espécie de ato delituoso sofrem discriminações e, conseqüentemente, problemas de circulação nos espaços públicos, entre outras coisas, apenas por apresentarem características semelhantes aos partícipes das histórias de violência divulgadas rotineiramente pela mídia.

Esse estereótipo é direcionado, também, para aqueles que se envolvem com o consumo e/ou tráfico de drogas. Relaciona-se imediatamente o consumidor de drogas com o tráfico, e, a partir daí, com a violência. As mortes de jovens ocorridas a partir do seu envolvimento com essas substâncias, principalmente as mortes relacionadas com o tráfico, têm produzido na população um sentimento de normalidade, uma sensação de que ele se tornou vítima por escolha própria, não podendo a sociedade, nesse sentido, nada fazer.

Acreditamos que os meios de comunicação contribuem, também, para a banalização da violência (Brito e Silva, 2001). A massificação em torno da visualização das vítimas dos atos criminosos, ou seja, da sua exposição, transformando o episódio num espetáculo e não

numa denúncia, ajuda a tornar a violência um evento comum, um acontecimento corriqueiro na vida das pessoas, o que contribui para a aceitação desse fenômeno como episódio normal na sociedade, produzindo uma inércia na população, que passa a acreditar que são acontecimentos que não podem ser barrados pelas ações humanas.

A massificação em torno da violência, transmitindo-a, principalmente, como um elemento de insegurança, serve também, muitas vezes, como bem disse Castro (2005, p. 217), a interesses políticos como, por exemplo, desviar a atenção pública de acontecimentos nacionais mais importantes, como os casos de roubo do dinheiro público, as crises econômicas que afetam a sociedade como um todo, entre outros. Ela é utilizada, também, como discurso de políticos em campanhas eleitorais, na busca de passar a imagem de que eles seriam a solução para se manter a ordem na sociedade diante do caos que ela se encontra.

Mas há outros interesses na geração de um sentimento de insegurança. Como resposta da sociedade ao que acredita ser a ineficiência e/ou incompetência dos poderes públicos em promover segurança, controle e ordem (Porto, 2001, p.47), cresce o investimento na segurança privada como um paliativo para amenizar o clima de intranquilidade que toma conta de suas vidas⁴³. Sendo assim, não podemos deixar de perceber a violência como um evento trágico e lucrativo da modernidade contemporânea:

A publicidade de uma insegurança que se apresenta como real, mediante gráficos terríveis e agressivos, estimula o sentimento de insegurança – e vendas. (Castro, 2005, p. 218)

Uma das conseqüências mais graves dessa construção social do medo e da busca desenfreada pela segurança é a produção, como já afirmamos, de bodes expiatórios que servirão de justificativa da criminalidade. Cria-se, no imaginário popular, uma seleção do que seriam os principais atores dessa violência, baseada, principalmente, nos aspectos referentes à

⁴³ Mesmo entendendo que a segurança privada cresce como estratégia de sobrevivência diante da visível ineficiência do Estado, concordamos com as opiniões de Porto (2001, p. 47-46) quando acusa aqueles que pagam pela autoproteção como defensores de interesses particulares que não necessariamente se identificam com os interesses do conjunto dos cidadãos que pagam, com impostos, pela proteção da coletividade.

cor, classe social, locais de moradia. Concordamos com as opiniões de Castro quando afirma que apontar grupos de indivíduos como os responsáveis exclusivos pelas ações criminosas não acontece à toa; para isso, existem funções que demonstramos a seguir a partir das próprias opiniões do autor:

Os estereótipos são elementos simbólicos, facilmente manipuláveis nas sociedades complexas. O estereótipo do delinqüente (como alguém pertencente às classes subalternas, de condições afetivas e familiares precárias, agressivo, incapaz de incorporar-se com sucesso ao aparato produtivo) tem duas funções essenciais:

1- Serve para a suposta maioria não criminosa redefinir-se a si mesma com base nas normas que o delinqüente violou e para reforçar o sistema de valores dominante. Reproduz o sistema e contribui para delimitar a zona do bem e do mal, liberando a cultura danosa dos poderosos que estariam a salvo por não pertencerem ao estereótipo. Haveria, portanto, classes criminosas e classes não criminosas.

2- Funciona como bode expiatório, já que dirige-se a ele toda a agressividade latente nas tensões de classe que, em caso contrário, se voltaria contra os detentores de poder. (Castro, 2005, p.215).

Por isso, acreditamos que culpabilizar uma determinada categoria de indivíduos através das características acima citadas serve, muitas vezes, como já dissemos, para desviar a atenção de episódios muito mais graves, que espalham reflexos em toda a sociedade, como por exemplo os casos do roubo do dinheiro público perpetrado, principalmente, por agentes dos chamados grupos poderosos. Esse dinheiro desviado deveria, em tese, ser destinado a programas que proporcionem educação, saúde, segurança e outros benefícios para a população; benefícios que lhes são de direito. Quando esses elementos praticam esse ato, que não redunde em punição, de certa forma contribuem para a criação e perpetuação da violência.

Mas a seleção não acontece apenas de forma individual; ela pode ser expressa, entre outras coisas, pelo local de moradia. Como vimos anteriormente, é comum a construção de cidades que exprimem desigualdades e exclusão, transformando parte delas, no caso das periferias, em locais estereotipados pela circulação de drogas e da violência. Cria-se para esses espaços excluídos a demarcação de lugares onde são perpetrados todos os problemas:

O grupo dos que estão fora vira bode expiatório para os problemas da sociedade mais ampla: eles são uma subclasse que vive no ócio e no crime. Suas áreas são a morada de mães solteiras e pais irresponsáveis, sua economia, a da droga, da prostituição e do comércio de objetos roubados. (Young, 2002, p.40).

Como estamos falando de estigmatização e exclusão, apesar de acreditarmos que há uma divisão da juventude a partir do referencial da renda, sabemos que o processo de exclusão também ocorre no que concerne ao estilo, gosto, modo de vestir e outros aspectos dessas pessoas. Como a busca da vivência em grupo faz parte da rotina dos jovens, encontrar aqueles que se assemelham é uma rotina na vida deles. Por isso, muitas vezes alguns sofrem exclusão por não apresentar características semelhantes ao resto do grupo, mesmo que façam parte do mesmo contexto escolar, e apresente a mesma renda, como podemos observar nas entrevistas que discutiremos mais adiante. Sendo assim, apesar de a exclusão possuir marcas profundas a partir das relações de classe, é inegável a sua existência a partir, também, de outros critérios.

1. 5. Da exclusão à penalidade

A massificação em torno do tema da violência, a seleção de atores dos atos criminosos, entre outras coisas, têm proporcionado justificativas de medidas autoritárias utilizadas especialmente pelo Estado para assegurar a “ordem pública”. Essas reações punitivas são direcionadas, especialmente, a esses elementos selecionados. Por isso afirmamos que o crime encontra-se em toda a localidade e em todas as classes sociais, mas as formas punitivas não são expressões dessa universalidade, sendo dirigidas, especialmente, aos indivíduos que expressam essa criminalidade. Sendo assim, acreditamos que o Estado, com sua justiça criminal, pressionado a manter um sistema econômico e eficiente, utiliza-se da seleção e punição para mostrar “serviço”.

Essa reação punitiva do Estado geralmente conta com o apoio da sociedade, que também participa da exclusão de setores da população e de sua transformação em bodes expiatórios. Ao buscar, incessantemente, meios de segurança, ela tem clamado pela criação de aparatos que controlem a criminalidade. Para isso, pede que o Estado puna os “culpados” pela crescente onda de crime que se visualiza na sociedade. Por isso, a atualidade também pode ser identificada como uma época em que prevalecem as relações punitivas. Uma de suas conseqüências é o aumento da população encarcerada como resposta da necessidade de controlar a criminalidade; é o crescimento da cultura de intolerância e de imputabilidade para com aqueles que descumprem a lei (Young, 2002).

Por isso, como já afirmamos, ao transformar grupos em culpados da criminalidade, punem-se desmedidamente esses elementos selecionados, deixando na invisibilidade os crimes perpetrados por setores da população que não se enquadram nessas características. A delinqüência dos grupos marginalizados é vista como um problema de ordem pública e não como um problema social (Castro, 2005, p. 235). Esse grupo de pessoas marginalizadas é sujeito a sofrer o assédio constante da polícia, que agem com violência contra esses agentes estereotipados; ações que estão muitas vezes, como vimos anteriormente, em consonância com a opinião pública, que acredita que o modo de acabar com a violência é retribuir com mais violência:

O senso comum que dá suporte à violência policial ilegal tende, na maioria das vezes, a justificar a brutalidade contra criminosos ou suspeitos com o argumento de que a punição na mesma medida significa justiça para as vítimas e constitui a melhor maneira de dissuadir outros potenciais bandidos. (Belli, 2004, p. 108-109).

Essa atitude é especialmente visível na juventude, em especial a brasileira. Ser, ao mesmo tempo, jovem e fazer parte dessa seleção é um acontecimento constante na atualidade, o que os tem transformado nas principais vítimas dos agentes da repressão e da própria repressão da população.

As ações repressivas da polícia contra determinadas categorias não podem ser entendidas isoladamente. As práticas dos agentes policiais estão inseridas dentro de um contexto social envolto de desigualdades e discriminações que assinalamos acima, os quais sofreram reflexos nas práticas policiais. A polícia é apenas o agente privilegiado para atuar diretamente com a população a fim de manter a “ordem pública”:

As práticas policiais, na verdade, parecem reproduzir e refletir um conjunto de crenças e percepções correntes na sociedade que diferenciam entre categorias de cidadãos, reservando tratamento privilegiado para os estratos superiores e os rigores da ordem para os inferiores. (Belli, 2004, p. 109).

Como diz Porto, o policial sofre reflexos do quadro institucional em que ele está inserido, o que nos faz pensar que ele reflete as crises que desembocaram na instituição policial hoje:

Considerando que as formas de atuação e intervenção policial em vigor em um dado momento na sociedade não são independentes nem da natureza dessa sociedade nem de determinadas normas e valores aí professados, as reflexões a serem desenvolvidas terão como unidade de análise não o policial, pensado na condição de indivíduo atomizado, mas visto como alguém que age e interage no interior de um sistema, o sistema policial como conjunto. Ou, para dizer de outro modo, o objeto da análise é o indivíduo-policial, inserido institucionalmente. (Porto, 2001, p.41)

A polícia exerce um papel de destaque nas ações de “controle da criminalidade”. Ela representa, na prática, aquilo que se denomina de monopólio legítimo da violência pelo Estado, baseada na suposição de uma sociedade pacificada ao impedir a livre circulação das ações violentas. Esse privilégio, em tese, fundado no direito racional, deve ser guiado por normas e regras impessoais. Entretanto, o que se presencia é a identificação de que essa mesma legitimidade se converteu em seu contrário, passando a ser representada como violência e agressão à população (Porto, 2001). Os meios de violência praticados por agentes policiais adquiriram uma dinâmica própria, tornaram-se mais importantes do que o fim de

manutenção do poder a que supostamente serviram. Esse poder fugiu ao controle até mesmo dos governantes, que toleram e estimulam os atos violentos (Belli, 2004, p.126):

Em outras palavras, o monopólio da violência legítima, que deveria ser regulado por estatutos impessoais aplicados por um corpo administrativo especializado e hierárquico, parece dar lugar a uma quebra *de fato* desse monopólio quando os agentes públicos desconsideram os estatutos legais que deveriam obedecer e administram uma concepção muito particular de justiça. (Belli, 2004, p, 4. Grifo do autor).

Corroborando com as discussões proporcionadas por Brito e Silva (2001, p.246), podemos entender a violência institucionalizada existente no país, também, como a persistência de práticas autoritárias fruto do período ditatorial, que permeiam as instituições públicas e a própria sociedade. Se, por um lado, vivemos em um país onde os direitos humanos ganham especial relevância no contexto constitucional, por outro, continuamos a conviver com agressões por parte do Estado, em especial as praticadas pelos agentes policiais, com relação à população, direcionada, especialmente, à sua parcela mais pobre.

Merecem discussão, também, as agressões direcionadas à população negra. O uso da violência para a manutenção da ordem pública atinge os pobres e, principalmente, os não-brancos. Esse é um fenômeno que não pode ser dissociado do fato de que uma sociedade como a nossa não assegura que todos os cidadãos sejam tratados com o mesmo princípio de isonomia legal. O fim da ordem escravocrata não possibilitou o acesso dos afro-descendentes à plena cidadania. Isso pode ser percebido, entre outras coisas, a partir do momento em que eles se tornaram alvos constantes da violência policial:

Os preconceitos da polícia em relação à condição de classe e à cor das pessoas são reflexos diretos da desvalorização dos pobres e dos não-brancos que perpassam a sociedade como um todo. A pobreza e a cor se articulam num sistema de discriminação que se reflete no minguido quinhão de direitos e de cidadania. [...] Para grande parte da sociedade e igualmente para a polícia, tais clivagens socioeconômicas e culturais são corporificadas em hierarquias e intransigências. Estas são demonstradas pelo sentimento racista em relação à fórmula classe/cor-gênero, interferindo na distribuição dos direitos, bem como afetando o agir policial dispensado ao indivíduo branco e não-branco. (Bandeira & Suárez, 2001, p. 143).

Por isso, através de um mundo circundado por sentimentos de insegurança e incerteza, onde se buscam alternativas de segurança para espantar o medo que ronda as pessoas que nele vivem, cria-se um ambiente onde prevalece a concepção de um Estado punitivo, que muitas vezes, como afirmamos antes, tem um total apoio da população. Passa-se a acreditar que a eliminação do mal que é a violência só poderá ser erradicada através do aniquilamento da sua fonte irradiadora, que são os criminosos, as escórias irrecuperáveis (Belli, 2004):

Aumento da criminalidade tem como consequência o aumento da ansiedade da população e a reclamação por mais segurança pública, que contribuem para o fortalecimento do papel do Estado no monitoramento da segurança pública, o que redundará em aumento da repressão. (Bem, 2006, p. 73).

O combate à criminalidade tem sido visto a partir desse ponto de vista, de punição dos “culpados”. Isso redundará em gastos com a segurança pública muitas vezes maiores do que com programas direcionados à educação e à saúde. Mas os efeitos desse medo e dessa seleção dos criminosos não são refletidos apenas através dos aspectos punitivos. Na sociedade, as cidades como exemplo disto, são criadas barreiras para prevenir e administrar o crime; através do aparato da indústria da segurança mostrado acima, vivemos na atualidade a separação de pessoas que vivem no mesmo espaço público, que passa a ser privatizado e demarcado por fronteiras que excluem e filtram:

Uma fronteira clara é criada entre o grupo nuclear e os de fora através de uma série de medidas: pelo planejamento urbano, a rede de estradas que divide cidades, o gradeamento de propriedades privadas, o bloqueio de áreas para evitar o acesso fácil, mas acima de tudo pelo dinheiro. (Young, 2002, p. 40).

Enfim, esse é o universo, em que se desenrola o cotidiano dos jovens que decidimos estudar. É a partir dessa realidade, que certamente se insere na vida da juventude, que descobriremos o crescimento e os efeitos produzidos pela circulação das drogas.

CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE EM DISCUSSÃO

No capítulo anterior, procuramos contextualizar a atualidade e caracterizá-la como um período de intensas transformações na sociedade que tiveram reflexo na produção de conseqüências negativas para o conjunto da sociedade, introduzindo processos de exclusão de parte da população e um sentimento de medo e insegurança entre as pessoas. Mesmo sendo efeitos sentidos em qualquer parcela da população, identificamos a juventude como um segmento populacional que tem suas vidas significativamente afetadas pela situação que descrevemos no primeiro capítulo de nosso trabalho. Por isso, nesta seção realizaremos uma reflexão sobre como esses elementos se inserem na vida dos jovens hoje, procurando refletir sobre como alguns aspectos acima mencionados produziram interferências em suas vidas. Para isso, realizaremos algumas reflexões sobre o significado de ser jovem e sobre como a juventude brasileira se apresentou ao longo das quatro décadas do século passado, buscando com isso entender alguns comportamentos produzidos por eles na contemporaneidade, entre eles o seu envolvimento com as drogas.

2. 1. A heterogeneidade constitutiva da juventude

Pensar em analisar a categoria juventude nos remete imediatamente à constatação de que, apesar de reunirmos diversos elementos em um termo, não significa que não encontraremos entre eles diferenciações importantes que os distingam em diversos aspectos. Por isso, afirmamos que não acreditamos que indivíduos, pelo simples fato de se incluírem em uma determinada faixa de idade, possam apresentar características semelhantes em todos os aspectos. Diferenciações importantes podem ser localizadas, por exemplo, pelo fato de eles

pertencerem a classes sociais, gênero, cor, religião diferentes⁴⁴. Não há uma homogeneização na juventude. Sendo assim, não há como supor, também, que ocorram uniformizações nas formas de circulação de drogas entre os jovens. Os motivos para o consumo e os efeitos sociais produzidos pela existência das drogas podem ser diferentes a partir das diferenciações existentes entre eles.

Trabalhamos com a perspectiva de que ser jovem significa estar numa condição transitória, uma fase que supera a infância e margeia a vida adulta. Estar nessa posição é ser identificado por algumas peculiaridades físicas e históricas socialmente construídas. Entretanto, em cada período histórico e nas várias formações sociais, as concepções, as representações, as funções atribuídas aos jovens na vida social e a compreensão de seu desenvolvimento serão diferentes. No interior da própria formação social, também, haverá diferenças a partir da posição que o jovem ocupa nas relações sociais:

Biologicamente, o jovem é aquele que, em tese, está mais longe da morte. Biologicamente mais predisposto à vida, tem o gosto pela aventura, tem maior curiosidade pelo novo. Em consequência, tem um lado mais propenso ao revolucionário. Entretanto, se pensarmos um pouco nos aspectos históricos e temporais, perceberemos que existem várias juventudes que convivem num mesmo tempo, no mesmo espaço social. Isto é, quando falamos em juventude, muitas vezes o fazemos como se houvesse um ciclo natural e universal da vida. Fala-se como se em todas as sociedades as etapas da vida – infância, adolescência, juventude, maturidade – fossem bem demarcadas e da mesma maneira. Porém, além do fato da idéia de “etapas da vida” ser uma produção de um processo histórico, há diferenças entre os jovens que são contemporâneos e vivem em uma mesma sociedade. Entre os jovens brasileiros há diferenças muito importantes em decorrência do pertencimento a classes sociais distintas, das relações de gênero, de estilos de vida, de local em que se habita, e outras diferenças tantas que nos levam a pensar até que a idéia de “juventude” é uma palavra vazia. De fato, o termo por si só não designa uma problemática comum a todos que se encontram com a mesma idade biológica. O lugar social que pessoas jovens ocupam na sociedade influi, portanto, nas maneiras como elas são ou não pensadas como jovens. (Novaes, 2002, p. 46).

A própria concepção de juventude foi ao longo do tempo uma noção construída. A idéia de juventude é uma construção histórica, social e cultural. Por isso o seu conhecimento não pode ser feito pelos critérios jurídicos e biológicos que a envolvem. É importante

⁴⁴ Entretanto, não desconhecemos a possibilidade de ocorrer o peso de alguma categoria na produção dessas diferenças, como, por exemplo, o padrão de renda.

considerar as formas de clivagem, como também descobrir a teia de símbolos e valores que a torna visível em cada época histórica (Cassab, 2001, p.64).

Essa introdução é fundamental porque, normalmente, quando se fala em juventude, ela é assimilada, de um modo geral, como um conjunto de indivíduos visualizados por apresentar alguns aspectos que os tornam homogêneos por incluírem-se em uma determinada faixa de idade e em uma determinada época. No entanto, sabemos que muitas diferenciações entre eles podem ser percebidas. Acreditamos que para trabalhar com a questão da juventude é necessário considerar a diversidade social, econômica e cultural que a categoria juventude encobre (Martins, 2002, p.20).

Questionar a universalidade da categoria juventude significa reconhecer sua historicidade. As definições não só sobre ser jovem, mas também sobre a infância e a maturidade foram ganhando conteúdos, contornos sociais e jurídicos ao longo da história, através de disputas econômicas e políticas. São arbitrários culturais e regras socialmente construídas que determinam quando, como e por meio de quais rituais as sociedades reconhecem as passagens entre essas fases de vida (Novaes, 2007).

Entretanto, apesar de reconhecermos as diversas formas de vivência da juventude, tanto em épocas diferentes como também na mesma formação social, percebemos, também, que os jovens podem apresentar elementos em comum, especialmente no que se refere à sua dimensão biológica (os hormônios, a adrenalina, o corpo jovem), à sua predisposição para a aventura e às representações de força e vitalidade, o que motiva a ousadia de arriscadas práticas juvenis.

Além do mais, aqueles que vivem em um mesmo tempo histórico experimentam com seus pares uma experiência geracional comum. Por isso, salientamos que, em cada tempo e lugar, fatores históricos, estruturais e conjunturais determinam como será a vivência dessa juventude, em especial quais as suas vulnerabilidades e suas potencialidades.

Particularmente na atualidade, quando vivemos em um acelerado processo de globalização e de criação de múltiplas desigualdades sociais, em que se evidenciam as manifestações de integração global e se processa de forma aguda a exclusão, encontramos a produção de diversas conseqüências para toda a sociedade, e em especial para a juventude, como pudemos ver no capítulo anterior.

Além do mais, ser jovem é ser visto como uma fase marcada por ambivalências. Vive-se no período de construção de identidade e de definição de futuro, que muitas vezes se faz de forma contraditória, convivendo com o sentimento de subordinação à família e à sociedade, ao mesmo tempo com grandes expectativas de emancipação.

Ser jovem é também ser visualizado como fazendo parte de uma etapa de preparação do indivíduo para a sua inserção nas diversas dimensões da vida social, como por exemplo a construção de uma família própria, a introdução no processo produtivo e o exercício pleno dos direitos e deveres de cidadania.

São algumas possibilidades de vivências dos jovens que iremos destacar a partir dessa introdução feita, procurando, principalmente, perceber como as drogas e suas conseqüências passaram a ser elementos importantes no cotidiano da juventude de hoje.

2.2. A juventude e suas diferenciações: escolaridade e mercado de trabalho

Iniciaremos as reflexões sobre a juventude refletindo sobre sua possibilidade de inclusão numa escolarização adequada e sua introdução no mercado de trabalho. Como dizemos anteriormente, o trabalho representa uma dimensão especial na vida dos indivíduos, sendo um dos elementos fundamentais para a sua sobrevivência. Para os jovens, ele é também, entre outras coisas, a porta de entrada para o mundo adulto. Entretanto, como constatamos anteriormente, inserir-se numa atividade laborativa não tem sido um exercício

fácil nos últimos tempos, representando, geralmente, um processo profundamente angustiante a partir da constatação de que existem poucos empregos disponíveis. A isso somamos a exigência da busca constante de qualificação que possibilite a disputa pelas poucas vagas disponíveis, o que sem dúvida aumenta o sentimento de angústia entre eles e, provavelmente, também o sentimento de competição.

Relacionaremos uma breve noção de juventude construída ao longo do tempo a partir, principalmente, desses dois fatores: escolarização e inclusão no mercado de trabalho, entendendo-os como elementos fundamentais na vida dos jovens e como instrumentos de diferenciações entre eles. Para isso, utilizaremos a contribuição de Cassab (2001), que observa essas diferenças entre eles historicamente. Trabalhando com a noção de juventude na história, ela afirma que os sujeitos eram divididos apenas em fases que incluíam a infância, a maturidade e a velhice. A sua concepção de um momento específico da existência humana como o da juventude não existia, sendo reconhecida apenas no mundo romano⁴⁵. Isso ocorre no momento em que há um crescimento da concentração da propriedade da terra e do capital e, também, quando o escravismo alcança seu desenvolvimento máximo na Antigüidade Clássica. O jovem passa a ser ocupado por um processo de aprendizagem⁴⁶ que o capacitará a ocupar as responsabilidades de preservação dessa terra e desse capital. É uma fase de aprendizado e de obediência ao mundo adulto. Seguem as palavras da autora sobre esse assunto:

O reconhecimento da juventude se dá em um contexto em que é necessário, no resguardo da propriedade, limitar certos poderes àqueles que, embora também proprietários por direitos de família, são considerados ainda sem condições para assumirem as complexas operações comerciais que começavam a surgir. Desse modo, a juventude surge como um período de dependência, ocupada pela aprendizagem e preparação para as responsabilidades da vida adulta. Nesse período, o jovem tem o dever de obediência absoluta ao pai. (Cassab, 2001, p.65).

⁴⁵ Reconhecimento feito por via jurídica.

⁴⁶ Essa aprendizagem não significa o processo formal de educação escolar conhecido atualmente.

Através dessa exposição, percebemos que desde o início ocorre o caráter de exclusão da concepção de juventude, pois no mundo romano aqueles que são considerados jovens são os oriundos da pequena nobreza ou dos segmentos que detinham o comércio, ou seja, os que tinham patrimônio a preservar. Aos escravos e pobres não havia o reconhecimento dessa condição. Eles eram logo iniciados na vida adulta pelo processo de trabalho e não necessitavam de aprendizagem, pois não tinham patrimônio a proteger (Cassab, op. cit., p.66). É nesse contexto que surge uma massa de despossuídos que, com o processo de urbanização, vaga pelas cidades romanas vivendo de pequenos expedientes (ibid., p. 65).

A exclusão dessa noção de juventude também era direcionada às jovens, pois elas não eram criadas para exercerem atividades produtivas na sociedade, e sim destinadas a manterem-se dentro da esfera privada, devendo obediência inicialmente aos pais e logo depois aos maridos.

Na Idade Média, há um desaparecimento da relação jurídica exposta anteriormente. As definições de limites etários para a juventude não existem, e ela encerra-se apenas com o casamento e a herança. Entretanto, como no período romano, preserva-se o caráter de diferenciação, com a exclusão de alguns da condição de ser jovem. Aos sete anos, os pobres, nesse período, já eram considerados aptos a realizar atividades laborativas, e sempre em trabalhos desprezados pelas “elites”, exercendo funções como as de criados pessoais ou aprendizes em oficinas. Desse modo, a juventude não era reconhecida como um período de preparação para a vida e de desenvolvimento do corpo e do intelecto; eles já saltavam, velozmente, para a vida adulta (Cassab, 2001, p. 67)

Com o surgimento da industrialização na Europa, ocorrem profundas mudanças no modo de vida das pessoas, e em especial na vida dos jovens. A expansão do capital gerada, principalmente, pela utilização mais intensiva da tecnologia, e sua concentração em alguns segmentos sociais, acentuou o distanciamento entre as classes. Os jovens das classes mais

abastadas são ingressados numa escolarização mais sistematizada. Isso acontece a partir do surgimento da burguesia e da família nuclear, que, por estarem mais abastadas financeiramente, afastam os jovens do mundo do trabalho, sendo isso possível através do excedente de recursos em poder desse grupo. Os estudos tornam-se uma alternativa de sucessão dos pais no mundo do trabalho. A escola vai se transformando em um espaço cada vez mais da infância e da juventude. A disciplina e a obediência são a base da pedagogia da época, que supõe uma estrita vigilância sobre aqueles que estavam vivenciando essa escolarização, complementando, assim, a proteção exercida nas famílias (Cassab, 2001, p. 67-68).

Nesse contexto destaca-se, também, o surgimento do serviço militar, que ganha importância a partir do século XVII com a prática da formação de exércitos regulares. Nesse período, ele não era uma atividade exclusiva de rapazes, mas também de homens maduros, crianças e mulheres. No século XIX, ele adquire funções de educar e virilizar a juventude masculina. De inicialmente voluntário, passa a ser obrigatório e serve de complemento educativo e de transmissão dos valores da nova classe ascendente:

O exército passa a ser um agente educativo, assumindo papel relevante não só na alfabetização dos jovens pobres, mas também como agente de formação moral e disseminador, no interior dos segmentos populares, de valores da nova ordem burguesa. Desse modo, o serviço militar obrigatório passa a ser visto como uma oportunidade de liberação do trabalho, em que os rapazes já estavam muitas vezes desde os sete anos, e de autonomização frente à autoridade paterna, que mesmo trabalhando não logravam atingir. (Cassab, 2001, p. 68).

É também nos quartéis que se forja um ideal de masculinidade. Ao lado das atividades educativas que abrangiam noções de higiene, disciplina e patriotismo, delineava-se um perfil do jovem viril, distanciado do mundo das “fragilidades e futilidades” femininas, com o corpo forte formado pelo exercício físico e com um caráter rijo de moralidade e patriotismo (Cassab, 2001, p. 69).

É na extensiva progressão do período de aprendizagem escolar que a etapa intermediária entre a infância e o mundo adulto, correspondente à adolescência e juventude, terá maior consistência e visibilidade. Intensifica-se a preparação dos filhos para o desempenho das funções produtivas (Zaluar, 1994).

No período de início da industrialização, prossegue o caráter de exclusão de alguns jovens. O processo de aprendizagem geralmente não abarcava o conjunto da juventude. Como em momentos anteriores, há a precocidade da passagem para a vida adulta das crianças das classes populares, que eram orientadas para trabalharem nas indústrias que surgiam. Por isso, a esses setores era negada a condição juvenil. Somente no século XX é que há uma ampliação dessa noção, passando a abarcar setores mais amplos. É o momento em que ocorre uma ampliação da aprendizagem sistematizada (Zaluar, 2001).

Como a juventude é criada para ocupar funções nas atividades produtivas, há uma preocupação em manter uma vigilância sobre esse segmento. Para isso, são utilizadas instituições especializadas em manter controle sobre eles, como a família e a escola. Isso acontece porque nas sociedades industriais os jovens são vistos de forma ambígua: ao mesmo tempo em que transmitem esperanças de um futuro melhor, eles são demarcados como uma fase da vida carregada de emoções violentas, de agressividade, com características de instabilidade emocional e curiosidade sexual. Portanto, é um segmento ameaçador, produzindo, nas instituições especializadas para lidarem com essa faixa etária, práticas de supervisão compulsiva sobre eles.

A visualização de ameaça potencial é direcionada, principalmente, aos jovens pobres, que são geralmente expressos por qualitativos como os de vagabundos, libertinos e rebeldes. Isso alimentou a existência de uma prática de segurança baseada na repressão e na

criação de uma justiça especializada, com uma pedagogia fundamentada nos castigos físicos e na humilhação (Cassab, 2001, p.70)⁴⁷.

Essas informações nos permitem concluir que as discrepâncias com relação ao processo de aprendizagem e a entrada no mundo do trabalho dos jovens pertencentes a estratos sociais diferentes têm raízes em um tempo muito longínquo⁴⁸. Visualizamos, na atualidade, a deficiência da educação transmitida aos jovens, especialmente quanto à criação de indivíduos com senso crítico. Mas ela se torna mais problemática entre os menos abastados financeiramente, pois a educação processa-se como uma mercadoria qualquer do sistema capitalista. Ganham mais qualificação aqueles que conseguem dispor de meios suficientes para isso. Nesse mercado, incluem-se as melhores escolas, os cursinhos preparativos para provas, as aulas de outros idiomas, os cursos de informática etc. De acordo com as entrevistas que realizamos com os estudantes de escolas públicas e privadas da cidade de Maceió, percebemos que os jovens das escolas particulares por nós pesquisados, tendo em vista os seus melhores recursos financeiros, preenchem mais o seu cotidiano com atividades que lhes possibilitam uma melhor competitividade no mercado de trabalho. Como dissemos anteriormente, conseguem ser mais aptos para exercerem os empregos cada vez mais exigentes e mais bem remunerados aqueles que conseguem dispor de meios financeiros para isso⁴⁹.

Aos jovens de baixa renda resta enquadrar-se nos meios educacionais “fornecidos” pelas escolas públicas, que sofrem de diversos problemas de falta de estrutura, entre eles a falta de professores, a inexistência ou deficiência de laboratórios de informática e de outros tipos, de bibliotecas⁵⁰, enfim, um quadro de carência de qualificativos importantes que os

⁴⁷ A marca de delinqüente é associada, até hoje, ao pobre. Segundo Cassab (2001), a história dos jovens no Brasil se confunde com as iniciativas que o Estado implementou na tentativa de controlá-los.

⁴⁸ Consideramos a educação e o emprego fundamentais na vida de qualquer indivíduo, levando-nos a realizar ações tendo em vista essas conquistas.

⁴⁹ Mesmo assim, como dissemos anteriormente, também é comum, para essa classe social, um sentimento de insegurança com relação à inclusão no mercado de trabalho, pois nem sempre o seu capital cultural garante a vitória na corrida pelos poucos empregos disponíveis.

⁵⁰ A falta de estrutura dessas escolas foi, inclusive, relatada por nossos entrevistados.

impedem de exercerem os melhores empregos produzidos pelo sistema, restando ocuparem-se naqueles que foram desprezados pela elite cultural.

Enfim, estamos falando de diferentes níveis de formação e possibilidades de inserção no mercado de trabalho, em que os jovens pobres, muitas vezes negros, são vítimas não só da estigmatização, como também do desemprego estrutural. Essas diferenciações serão importantes para entendermos parte das possíveis variações na forma como circulam as drogas em estratos sociais diferentes.

2.3. O Consumo e o lazer nas práticas juvenis

Refletiremos sobre o consumo e o lazer nas práticas juvenis por entender que esses elementos são importantes na vivência dos jovens. Eles são dinâmicas importantes no cotidiano da juventude e podem nos fornecer instrumentos para analisarmos parte das características dessa faixa etária, bem como entendermos parte das diferenciações existentes entre os que a compõem.

Entendemos o consumo como um elemento importante na sociedade capitalista. Esse sistema, baseado na busca incessante por lucro, tem nas práticas consumistas uma das possíveis manifestações desse objetivo. Para isso, ele conta com a ajuda dos meios de comunicação, que nos transmitem, a todo momento, a necessidade de se obterem determinadas vestimentas da moda, de se comprarem eletrodomésticos de última geração, automóveis do ano, enfim, uma série de mercadorias que vêm nos seduzindo e impondo imagens (Resende, 2001, p.49-50). Essa propaganda é divulgada para amplas camadas da sociedade, lembrando a todo tempo que *“consumir é um modo de existir e de ser notado na esfera pública iluminada”* (Diógenes, 1998, p.101).

Entretanto, o consumo ultrapassa o desejo de obtenção de objetos materiais. Ele cada vez mais tem se transformado numa forma de obtenção de status na sociedade. Ele é uma espécie de porta de entrada para a visibilidade social, sendo ele o que confere distinção entre as pessoas (Taille: 2002, p.123). A identificação do consumo de objetos como forma de visibilidade social recai, especialmente, sobre a juventude. Esse é um período de vida em que os indivíduos circulam com mais intensidade pelas esferas sociais, procurando uma maior convivência em pares. Na sociedade capitalista, cria-se uma imagem de que o consumo seria o passaporte para o ingresso na vida em grupo, sendo a aquisição de produtos uma das condições para ser notado nos espaços públicos. A essas informações, destacamos as análises de Soares como uma contribuição na identificação do consumo de objetos como forma de se buscar maior visibilidade social e identidade:

[...] a grana vai para a marca, não para o calçado ou a camisa, não para o atendimento às necessidades físicas, como a simples proteção do corpo ou dos pés. [...] o engano está em nossa idéia do que seja efetivamente necessário e do que seja supérfluo. [...] no caso, como o que está em jogo é a busca do reconhecimento e valorização, a marca é o que importa; é a marca o objeto cobiçado; é ela que atende a necessidades. [...] o fetiche da moda cumpre essa função: quem a consome deseja diferenciar-se para destacar-se, valorizando-se – mal percebe que copia o movimento de todos, tornando-se, assim, indistinguívelmente banal. [...] os jovens invisíveis copiam os hábitos dos outros para identificar-se com os outros, passando a valer o que eles valem para a sociedade. Inclusão é o sonho; respeito é a utopia⁵¹. (Soares, Bill & Athaide: 2005, p. 227).

Pudemos perceber essa valorização da marca através do depoimento de Fábio, de escola pública, que afirma que os jovens com que ele convive, que não têm boa situação financeira, são seduzidos por um tipo de roupa que, valorada pela marca⁵², é adquirido, muitas vezes, com a violência, como podemos ver a seguir:

Todo maloqueiro usa roupa de marca. [...] Roubando. Ele não gosta de marca de biquete não, 775, Riachuelo, ele não gosta dessa marca. Ele gosta tipo assim: maresia, essas marcas de maloqueiro mesmo. [...] São marcas caras. Para você ter

⁵¹ É importante destacar o alerta desse mesmo autor de que esses valores não são universais.

⁵² Lembrando que a valorização da marca ultrapassa a questão de classe.

uma idéia, fui comprar essa bermuda... as pessoas usam muito essas roupas. Só para você ter uma idéia, uma camisa dessa custa de 30 a 50 reais. Você não compra menos de 30. [...] A polícia quando vê essa marca já fica olhando. (Fábio, escola pública).

Sob a perspectiva do consumo, é possível identificar elementos de exclusão entre as pessoas. A propaganda consumista, ao difundir-se por todos os pontos do planeta, realiza um duplo movimento: fala que todos podem ter tudo e que, ao “terem”, os indivíduos seriam reconhecidos como sujeitos sociais; e depois nega à grande maioria o acesso a esses bens (Diógenes, 1998, p. 44-45). Dessa forma, podemos diferenciar a juventude, também, através da aquisição de mercadorias.

De acordo com as entrevistas, podemos visualizar que o consumo tanto pode identificar grupos como diferenciar outros. Os estudantes das escolas particulares, o que já era previsível, distinguem-se, especialmente, dos estudantes das escolas públicas pela aquisição de uma série de produtos que, geralmente, demarcam a sua posição de classe. Entretanto, podemos localizar, também, a diferenciação de pessoas dentro do mesmo convívio social. No caso das escolas privadas, também podemos encontrar a separação de grupos a partir dos possíveis objetos que cada um pode obter. Bianca, por exemplo, define como uma prática comum em sua escola a inclusão, e possivelmente exclusão, de pessoas em determinados grupos a partir da roupa que vestem. Isso revela que, apesar de definirmos o padrão de renda como um elemento de peso no processo de distinção entre os jovens, observa-se a diferenciação realizada por outros elementos, como religião, roupa, gosto musical, peso etc.

Por isso, acreditamos que a sociedade capitalista é profundamente marcada por valores extremamente negativos para o conjunto da sociedade, que valoriza mais a prática da aquisição de bens nas relações sociais, em detrimento dos fatores afetivos. Ela realiza um duplo movimento: propicia a formação de grupos através de alguns elementos semelhantes, como renda, estilo de vida, roupa que se veste, gosto musical etc. e exclui outros que não se enquadram nas definições produzidas pelo grupo. O mais grave é que, como disse

Vasconcelos, a busca incessante do querer ter, da satisfação de necessidades ilimitadas, exaltadas pelo mercado, podem levar a práticas agressivas⁵³:

Experimentamos uma crise social que se expressa, entre outras coisas, pela marca da violência e pelo uso de práticas agressivas como uma forma de sobrevivência social. O mundo do ter tem se sobreposto ao mundo do ser, do afeto. [...] A sociedade de consumo reforça valores como a ganância, a ansiedade pelo ter mais e sempre mais, a busca cega pelo sucesso, que são valores que dão suporte à própria lógica capitalista. (Vasconcelos: 2002, p.175-176).

Ainda podemos completar com a contribuição de Soares⁵⁴ (2005), que, assim como nós, entende a moda em sentido amplo, que não envolve apenas determinadas escolhas estéticas, mas, frequentemente, traduz escolhas éticas. Ela abrange coreografias, posturas, comportamentos etc. Se for mais ambiciosa, como as que traduziam os movimentos hippie, punk e yuppie, como exemplifica o autor, ela envolverá até uma ideologia ou um conjunto de crenças.

Nessa imposição do consumo são produzidos para os jovens bens especializados, criados em vários espaços como no cinema, na música, na moda, com grande poder de atração. Essa produção, largamente manifestada após o período de industrialização, como podemos perceber, tanto pode homogeneizar gostos como diferenciá-los. É o mercado, atento às possibilidades de homogeneização e heterogenização, atendendo às duas tendências: a que iguala e a que diferencia as pessoas.

Isso acontece porque o consumo é uma das expressões de identidade entre os jovens, de modo que seus membros possam se reconhecer e se distinguir dos outros. Os grupos jovens passam a desenvolver estilo próprio de vestimenta, a privilegiar alguns elementos de consumo que se tornam simbólicos e em torno dos quais marcam uma identidade distintiva.

⁵³ A agressividade que apontamos acima não é apenas física. Para nós, excluir pessoas do convívio em grupo também é uma manifestação de violência, pois, como dissemos anteriormente, práticas violentas podem ser identificadas de diversas formas.

⁵⁴ Soares, Bill & Athaide. Cabeça de Porco, 2005.

O lazer também é uma forma de identificarmos a juventude. Ele é um elemento fundamental, como dissemos anteriormente, na vivência juvenil. Ele proporciona, entre outras coisas, momentos de desligamento das tensões do dia-a-dia, favorece o encontro com os amigos e os amores. Entretanto, da mesma forma que o consumo, é no lazer também que se expressam diferenciações entre os jovens. Como vivemos numa sociedade capitalista, geralmente as formas de diversão pretendidas por esse segmento envolvem a posse de dinheiro. Dentre essas formas, destacamos os shows e os cinemas, muito citados nas entrevistas.

Por isso, afirmamos que os jovens de estratos sociais diferentes geralmente não se tornam amigos, porque seus espaços de circulação são geralmente definidos pela posse ou não do dinheiro. Não foi difícil, por exemplo, encontrarmos entrevistas de estudantes de escolas particulares afirmando que não conhecem jovens de periferia. Como afirmou Bianca, de escola privada, eles não circulam nos mesmos espaços que ela.

Na circulação pelos espaços públicos em busca de diversão podemos perceber, também, que alguns jovens, ou grupos de jovens, entram em conflitos, seja com autoridades, com outros jovens ou com outros grupos de jovens, trazendo para esse setor a marca da problematização. É comum atos de agressividades aproximando-os de comportamentos de desvio e delinqüência. É característico desses grupos atos de transgressão e violência aparentemente despropositados. A condição de potenciais atores delinqüentes amplia-se na busca de diversão:

Esses temas, consumo e diversão, são importantes para entendermos algumas manifestações da violência que acomete a sociedade na atualidade. Em parte, pode-se estabelecer, entre outras coisas, uma relação da entrada e permanência no tráfico de drogas com o desejo de consumo. Podemos perceber isso através da exposição da história de um traficante da classe média alta, relatada por Fiúza (2004). As grandes viagens, as compras

proporcionadas pelos negócios com essas substâncias, entre outras coisas, podem provocar um envolvimento com a criminalidade. Podemos identificar, também, a possibilidade de, na busca por diversão, haver um encontro dos jovens com as drogas. Ou, para sermos mais exatos, as drogas podem ser a própria diversão. Ou podemos dizer, ainda, que a falta de lazer dinamiza o consumo dessas substâncias, já que muitas cidades não oferecem opções de lazer alternativas a elas, ou a diversão que oferece geralmente é direcionada ao consumo dessas substâncias, em especial o álcool.

2. 4. A busca de identidades: conflitos e drogas

Como assinalamos anteriormente, identificamos a juventude como um período de formação, de descoberta de identidade e, por isso, de conflitos pessoais quando ela se depara com diversas alternativas no campo social e subjetivo. A sociedade, através do processo de educação, formal e informal, tenta transmitir seus valores aos jovens na perspectiva de que eles serão os adultos do futuro e, por isso, darão continuidade ao sistema vigente. Segundo Abramo (1994), nós somos criados para assumir funções na coletividade que são diferenciadas de acordo com a sociedade em questão. Nas sociedades primitivas, por exemplo, os papéis a assumir são mais definidos, contrastando visivelmente com as sociedades modernas devido, entre outras coisas, à acentuação da divisão do trabalho, à segregação da família e de outras esferas institucionais. Nessa perspectiva, a escola teria como papel a transmissão de conhecimentos e de valores para o desempenho da vida adulta.

Por isso, a sociedade capitalista, visando a continuidade desse sistema, cria indivíduos para exercerem as funções produtivas na sociedade. Para que isso funcione a contento é necessário montar uma superestrutura que mantenha vivos os valores desse sistema. A escola, nesse sentido, tem um papel fundamental na transmissão desse objetivo,

formando indivíduos principalmente para se incluírem no mercado de trabalho, ajudando assim a reproduzir o sistema⁵⁵.

Mas essas metas pré-estabelecidas nem sempre correspondem às necessidades surgidas na personalidade dos adolescentes. Por isso, nesse período de vida podemos encontrar jovens que promovem a continuidade do sistema social, seguindo as regras da sociedade, mas também encontramos aqueles que podem entrar em choque com essas imposições, em muitos casos surgindo propostas de transformação social, tornando assim a juventude um problema para a reprodução do sistema.

Por isso, indivíduos que questionam as regras, ou que não as seguem, são colocados como um “problema” para a continuidade do que está estabelecido. Quando eles não conseguem se “enquadrar” nos ditames da sociedade, podem ganhar qualitativos como os de “vagabundos”, “delinquentes” ou “contestadores”, tornando-se uma “ameaça” para essa sociedade. Sobre isso, afirma Abramo⁵⁶:

A questão da delinqüência, por um lado, e da rebeldia e da revolta, por outro, permaneceram como chaves na construção da problematização da juventude ao longo de todo esse século [...]. Paralelamente foi se estruturando, por contraposição, uma caracterização da “juventude normal” que, no entanto, não deixa de conter elementos que a definem como uma condição que guarda sempre, em potência, possibilidades de descontinuidade e ruptura das regras sociais. (Abramo: 1994, p.10).

Isso acontece por ser a juventude uma fase de construção de identidade própria. Favorece a elaboração dessa identidade, entre outras coisas, a circulação, a experimentação e os grupos como meio de realizar descobertas, de estruturação de novas atitudes. Por isso eles são essenciais no processo de mudanças, são eles que conseguem questionar os valores

⁵⁵ Podemos perceber essa questão, principalmente, entre os estudantes de escolas particulares, que afirmam ser o ensino voltado essencialmente para os alunos realizarem provas que o capacitem a entrarem no ensino superior. A educação, no geral, torna-se voltada para a realização de provas de vestibulares, direcionando-se à entrada desses jovens em universidades e, depois, no mercado de trabalho.

⁵⁶ A autora afirma que a sociologia se interessará pelo tema da juventude na medida em que determinados setores juvenis parecem problematizar o processo de transmissão das normas sociais, quando se tornam visíveis jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização definidos. E é como fenômeno da sociedade moderna que a juventude torna-se tema para essa disciplina. Sobre isso, ela aponta o final do século XIX e passagem para o XX como início desse período: “[a] visibilidade da juventude e sua tematização como problema constroem-se, nesse período, através do surgimento de um comportamento ‘anormal’ por parte de grupo de jovens *delinquentes* ou *excêntricos*, ou *contestadores*, implicando todos, embora de formas diferentes, em um contraste com os padrões vigentes” (Abramo, 1994, p.8. Grifos da autora).

vigentes quando esses já não correspondem à sua realidade, e conseguem, também, assimilar melhor novos valores. Sendo assim, não temos dúvida de que os jovens, em sua essência, podem ser extremamente revolucionários, sendo indispensáveis em qualquer projeto de transformação social⁵⁷. Os conflitos são característicos desse período, que pode refletir em crises com a família ou com outras instituições encarregadas da socialização de adolescentes jovens. A necessidade de se personalizar enquanto indivíduo choca-se com as imposições da sociedade. Dentro dessa crise, há uma possibilidade de haver uma ruptura do processo de integração do jovem à ordem estabelecida. Este processo geralmente é visto como uma crise que coloca a juventude como um “problema” da sociedade moderna. Sobre isso, afirma Abramo:

Todas as mudanças trazidas pela puberdade e pela necessidade de desenvolver uma personalidade própria, a ambigüidade do status social, a necessidade de efetuar uma série de escolhas, provocariam uma série de crises: de auto-estima, conflitos com familiares e outras autoridades e, por fim, choques com a própria ordem social na qual devem efetuar a sua entrada. (Abramo: 1994, p.13).

É neste contexto de reflexões que trazemos a questão das drogas no processo de socialização da juventude. É a partir daí que podemos visualizar, em parte, a circulação desses produtos entre a juventude. Elas espalham-se, também, como forma de expressar uma suposta “cultura juvenil”, sendo valorizadas pelas percepções que produzem no processo de identificação e pela atitude de inconformismo e rebeldia pessoal, por serem proibidas (Cassab: 2001, p.74).

Identificamos também as drogas no universo juvenil como uma das possibilidades de experimentação de experiências, algo tão comum nessa fase de vida. Como os jovens buscam firmar sua personalidade, e para isso estão vivenciando sensações, experiências, não é incomum, nesse período, o contato com essas substâncias, o que muitas vezes se dá apenas

⁵⁷ Não podemos esquecer, por exemplo, episódios importantes vividos na história brasileira, como na época da ditadura militar pós 64, em que os jovens foram personagens centrais na busca de liberdade de expressão e que proporcionaram mudanças importantes na política, no social e na cultura brasileira.

por uma questão de curiosidade. Poliana, professora de um estabelecimento privado, afirma que muitos jovens ficam curiosos para saber como é a sensação de usar droga, chegando muitas vezes a experimentar. Entretanto, muitos não passam de uma ou poucas experimentações, não se tornando, depois, usuários.

Na busca de uma identidade e do convívio em grupo, próprio da fase da juventude, as drogas podem, também, servir como uma espécie de mediador das relações sociais. A maconha e o álcool, drogas bastante utilizadas, são consideradas como facilitadoras da integração ao grupo⁵⁸.

Por entender que a fase vivida pelos indivíduos correspondente à juventude é um momento propício ao conflito e, por isso, passível ao encontro com as drogas, destacamos a contribuição de Fraga (2002, p.53-54) por esse autor relacionar o crescimento do envolvimento do adolescente jovem com as drogas com o modo de ser da juventude na sociedade que ele denomina “moderno-contemporânea”. Concordamos com a sua afirmação a compreensão do comportamento do indivíduo na sociedade capitalista dá-se pelo conflito entre o desenvolvimento do potencial criativo *versus* o bloqueio do sistema, que pode ser de ordem material externa ou moral interna. Por isso, acreditamos que indivíduos que têm suas potencialidades negadas, que vivem no mundo produtor de angústias, podem encontrar nas drogas um “desligamento” dessa realidade que tanto lhe angustia. Essa faixa etária seria o momento em que esse conflito se dá de forma intensa, interferindo diretamente nas escolhas e na definição da identidade individual e coletiva das pessoas.

Como a juventude é o momento em que o futuro da vida está sendo decidido, em que são tomadas decisões importantes, a existência desse conflito faz com que essas decisões e escolhas se dêem sob forte tensão e sob a presença da angústia. Isso pode se converter numa revolta, que não necessariamente precisa ser de caráter político. É uma revolta em que há a

⁵⁸ Bologna (2002, p.84) acredita, também, que a curiosidade é um elemento que conduz o jovem na direção das drogas. Na medida em que ela se espalha por essa categoria, ocorre a possibilidade de imitação. Foi justamente o que pudemos perceber no depoimento de Bianca, estudante de escola privada, que diz ter curiosidade de experimentar a droga porque seus amigos geralmente consomem.

busca de uma nova forma de reconhecimento, alternativa àquelas que o sistema bloqueou. Aqueles que passam por esse processo podem se identificar pluralmente em diversas formas de reconhecimento: na religião, no consumismo, na música, nas artes, no esporte, nas drogas etc.

2.5. Jovens brasileiros e as drogas

Podemos afirmar, como já o fizemos anteriormente, que as drogas anteriormente não tinham a relação com a violência vista atualmente. Muito pelo contrário, elas geralmente serviam como um instrumento a mais, em muitos casos, de contestação da ordem vigente, sendo associada, em muitos momentos, à pregação da não-violência. Os índices de violência que acompanham esses produtos hoje estão, em muitos momentos, especialmente ligados às ações do tráfico. Como veremos adiante, o ato de traficar se transformou em alternativa de sobrevivência para muitos que não se enquadram nas formas legais de produção, aumentando a oferta desse produto. O aumento da disponibilidade desses produtos, no nosso entendimento, aumentou o consumo, coisa talvez inimaginável em épocas anteriores, e a dinâmica de manutenção dessa venda gerou as práticas de violência vistas atualmente.

Por isso, nesta seção, realizaremos algumas reflexões sobre as formas de vivência da juventude ao longo de algumas décadas, tentando entender, em linhas gerais, o contexto histórico vivido pelos jovens e inserindo as drogas nesse processo, procurando com isso as possíveis diferenciações entre as formas de uso e as conseqüências adquiridas por esse produto ao longo do tempo.

Iniciaremos nossas reflexões sobre as vivências juvenis na história a partir do golpe militar de 64, que, apesar de ter sido um período tenebroso em termos de liberdade de expressão,

foi uma época em que a juventude se destacou na cena política, exigindo os seus direitos de cidadania e a possibilidade de cada um decidir ou agir segundo a sua própria determinação.

Baseando-nos em algumas contribuições de Tomazi (2000), podemos dizer que, em larga medida, o período em que os militares ocuparam assento no poder político brasileiro dava continuidade às ações de industrialização que eram promovidas no período anterior. Entre os anos de 69 e 73, por exemplo, o Brasil viveu uma fase denominada milagre econômico, tendo a economia alcançado índices maiores devido, entre outras coisas, a esse surto de industrialização.

Entretanto, esse crescimento foi acompanhado, como acontece em vários momentos da história brasileira, por uma forte concentração de renda. A industrialização vista nessa época era voltada, principalmente, para consumidores de poder aquisitivo mais alto. O consumo aumentou para essa classe, mais deixou à margem desses benefícios a população mais pobre.

Para completar essa breve visão sobre a situação encontrada no período de governo dos militares, tem-se que as condições de vida dos trabalhadores eram precárias devido, entre outras coisas, à queda dos seus salários. O arrocho salarial era uma medida constante nesse período como forma, diziam os governantes, de conter a inflação.

As condições de exclusão não se expressam, e não se expressaram, apenas nos níveis econômicos. Em termos políticos, ocorreu uma tentativa de retirar da cena política movimentos reivindicatórios, entre eles o sindical e o estudantil. Essa repressão política favorecia ainda mais as condições para o aprofundamento da reprodução do capitalismo no Brasil, com elevada acumulação do capital e uma maior exploração do trabalho.

Apesar dessas condições, foi uma época em que visualizamos um tempo privilegiado para a juventude. A sociedade, nesse período, passou por mudanças profundas, em especial nos seus costumes. Foi um momento de irreverência, protagonizados,

especialmente, pelos jovens, em relação às instituições e valores do mundo adulto. Houve uma grande contestação da ordem tecnocrática e autoritária por parte da juventude, além da formulação de utopias⁵⁹.

Hobsbawm (2003), por exemplo, refere-se à juventude desse período como o momento onde surgem e se vivenciam novidades. Geralmente, há um maior desejo, nessa fase, de busca de autonomia e liberdade. Nesse segmento há uma concentração da vitalidade, da contestação de velhas práticas de poder e do desejo de transformação social. O autor acrescenta que o seu poder de conhecimento é aumentado pela sua maior capacidade de absorção e adaptação ao ritmo acelerado das inovações tecnológicas, o que muitas vezes não se verifica nos mais velhos.

Esse poder de contestação social presente nessa faixa etária, em especial a desse período, é discutido, também, por Paiva (2002). Ele afirma que os jovens relacionam-se com as leis estabelecidas sabendo que elas podem ser alteradas. E, por estarem sempre questionando o valor das coisas e tentando formar sua opinião, eles são, como já dissemos anteriormente, necessários para haver transformações nas sociedades. Como exemplo, ele cita as características contestatórias da geração brasileira do final dos anos 60, que resistiu à ditadura e procurou transformar o cotidiano das pessoas através de uma nova utopia, de uma nova sexualidade, uma nova relação com a família. Por isso, ele afirma:

Não tenho a menor dúvida de que o jovem é um revolucionário, por estar convivendo com outros jovens, por ter problemas com gerações anteriores, por ter problemas na escola, por sempre duvidar daquilo que lhe é ensinado – muito diferentemente de pessoas que já estão produzindo, de agentes, como os próprios professores e pais. Esse é um caldeirão que forma uma nova pilha de conflitos. (Paiva, 2002, p.42).

Entretanto, não se pode dizer, como já afirmamos, que a juventude possui vivências indiferenciadas. Nesse período, há aqueles que, embalados pelo movimento contracultural⁶⁰,

⁵⁹ Esses acontecimentos não se resumiram ao caso brasileiro. O movimento de 68 tornou-se emblemático do poder juvenil em todo o mundo.

participavam de uma revolução nos costumes e, em especial, pregavam a revolução sexual. Ao lado do movimento estudantil, que lutava contra a ditadura militar da época, cresciam os movimentos feministas, a luta contra a discriminação racial e a recusa à sociedade de consumo. Exemplo desses movimentos são os hippies, que pregavam uma nova forma de vida, recusando a sociedade industrial e buscando o retorno à natureza, vivendo do próprio trabalho (Carmo, 2003)

Mas nesse período havia também jovens “seduzidos” pela onda de consumo. O automóvel, por exemplo, era um dos objetos desejados. Havia uma simbologia no carro, representando ostentação, independência, agressividade (Carmo: 2003, p.44). Parte da juventude vivia alheia aos acontecimentos políticos e culturais presentes nessa época.

As drogas já existiam, entretanto, o seu uso era mais localizado. Não se encontrava, por exemplo, a disponibilidade de venda de substâncias ilegais como se presencia na atualidade, proporcionada, como afirmamos, pelas ações do tráfico⁶¹. Muitas experiências com esses produtos eram uma tentativa de busca de ampliação da sensibilidade (Carmo: 2003, p.54-55). As drogas se inseriam num contexto em que havia um questionamento da sociedade de consumo e a valorização da não-violência, questões que estavam na ordem do dia.

O final da década de 60 e início dos anos 70 são considerados os “anos de chumbo” da ditadura, em que parte da juventude some nos porões da repressão militar. Mas também existiam jovens encantados com o que se presenciava na televisão, que nesse momento se popularizava. A TV Globo, por exemplo, reinava absoluta, mostrando imagens de um Brasil irreal, escondendo a fome, a miséria, o arrocho salarial através de uma riqueza de imagens eletrônicas transmitidas pelas novelas e noticiários (Carmo: 2003, p. 109-110).

⁶⁰ Contracultura trata-se da reivindicação de um estilo de vida diferente da cultura oficial, valorizada e defendida pelo sistema. *Underground*, no sentido de “à margem”, essa cultura contestava e criticava radicalmente o que havia sido produzido pela cultura ocidental, pondo em cheque os valores tradicionais, de diferentes maneiras, e buscando novas formas e novos canais de expressão (Carmo: 2003, p.50-51). Velho (1994, p.25) ressalta que “[...] o movimento denominado de contra-cultura caracteriza-se por uma rejeição de um modo de vida convencional em que os valores familiares, educacionais e de trabalho eram duramente criticados, quando não rejeitados em princípio. Enfatizava-se, por outro lado, uma concepção de mundo em que a liberdade amorosa, sexual, o comunitarismo, um certo tipo de hedonismo e o descompromisso com objetivos materiais eram marcantes”.

⁶¹ A disponibilidade de drogas nesse período não era lá muito grande talvez porque não havia uma mão de obra excessiva e disposta a correr os riscos que as atividades ilegais do tráfico proporcionam.

No final dos anos 70, a juventude ajuda a construir movimentos que fizeram brotar a anistia política e o crescimento dos Novos Movimentos Sociais⁶².

As drogas, nesse período, já não se restringiam à maconha. Ela ainda continuava sendo a mais consumida por ser mais barata; entretanto, a cocaína já começava a mostrar sinais de crescimento. Por ser mais cara, era considerada uma “droga chique”. Alguns jovens usavam drogas, nesse período, embalados pelo som das discotecas, entre outros ritmos. O uso dessas substâncias em festas, inclusive, tanto nessa época como atualmente, é bastante comum entre a juventude.

No início dos anos 80, os jovens participam da transição do regime autoritário para o regime democrático. Mas o que poderia significar um ganho, na verdade, visualiza-se como uma crise no seio da juventude com relação ao seu poder de contestação e de incentivo na busca de um mundo melhor (Abramo, 1994).

É uma época de surgimento da “geração saúde”, que tem como princípio a busca do corpo perfeito. Entrar, por exemplo, no “mundo chique das modelos” passa a ser o sonho de muitas garotas. Alguns jovens se preocupam com a sua carreira profissional, preferindo ganhar dinheiro para consumir carros, boas roupas e freqüentar bons restaurantes, do que pensar no idealismo da luta por uma sociedade melhor (Carmo: 2003, p. 141).

No campo musical, há o crescimento do rock nacional. Parte da juventude que assistia aos shows utilizava as drogas como um atrativo a mais, o que, muitas vezes, gerava conflitos com a polícia. A juventude desse período convive com o medo das doenças sexualmente transmissíveis. A Aids se espalha, fazendo com que haja uma retenção da liberação sexual pregada anteriormente.

⁶² Os movimentos como o de mulheres, negros, homossexuais, saíram da invisibilidade ao qual eram relegados, de bairros. As organizações não se restringiam, agora, as sindicais e as estudantis.

É o momento, também, de conquistas técnicas e tecnológicas, e a TV expressa bem esse momento. Os jovens passam a ter uma dedicação excessiva a esse aparelho. Isso trouxe conseqüências como às relatadas por Carmo:

No videoclipe, os atrativos são o movimento, o ritmo frenético e a rapidez das imagens: nenhum plano dura mais que cinco segundos. Muitas vezes não há enredo; tudo se move pela estimulação de efeitos visuais. Isso explica uma sensibilidade nova do jovem contemporâneo, cada vez mais incapaz de viver sem estímulos sonoros e visuais. Como conseqüência, sua visão da realidade é fragmentada e se valorizam o transitório e o fugidio. Um jovem acostumado ao ritmo frenético das imagens estranha a lentidão dos filmes das décadas passadas, como foi observado pelos educadores. (Carmo:2003, p.56).

Nesse período, o país mergulha numa profunda estagnação. As esperanças depositadas no fim do regime militar não se concretizam. A década apresenta-se como um momento de retrocesso econômico, com recordes mundiais de inflação. Nesse contexto, jovens vivem oprimidos pelo desemprego, pela exclusão social e pela repressão policial. Apesar disso, avançamos em termos legais com a promulgação da constituição federal de 1988, entre outras coisas.

A geração dos anos 90 convive, no plano econômico, com a hegemonia do modelo neoliberal. Globalização é a palavra mais usada para designar os novos tempos. A novidade desse período é a internet, que passa a fazer parte do cotidiano dos jovens.

Falar na juventude desse período é mencionar, também, o poder de contestação de parte dela. Muitos pintaram a cara de verde e amarelo, em referência às cores da bandeira; vestiram-se de preto para exigir ética na política e a retirada de Fernando Collor da Presidência da República. Através de suas passeatas, eles ajudaram a retirar da cena política um político envolvido numa série de denúncias sobre corrupção.

Segundo Carmo (2003), há uma divisão da juventude quanto ao seu poder econômico, refletindo também diferenças nas suas idéias, valores, cultura. Há uma classe alta mais otimista consigo própria. A maioria não pensa em aventuras radicais como abandonar

tudo por uma causa, semelhante aos guerrilheiros dos anos 60 e 70 ou às experiências existenciais dos hippies. Vivem usufruindo do poder de consumir.

Mas existe uma outra juventude que não reluz, que vive nas periferias ou subúrbios e compõe grande parte do Brasil. São jovens esquecidos pela mídia, ou lembrados por ela apenas na espetacularização dos episódios de violência. Para a polícia, eles são quase sempre tomados como suspeitos. Vivem nas grandes cidades, formando um contingente à margem da cidadania e em busca de reconhecimento:

Ao contrário dos jovens do corpo dourado, que querem ser reconhecidos e destacados pela diferença, “esses de cara naturalmente pintada de preto” querem sair da indiferença a que foram relegados. “A geração dos excluídos não quer ser um corpo estranho, quer ser tratada com naturalidade. A sua utopia é a igualdade”. (Carmo: 2003, p.169).

Carmo (2003) analisa os diferentes modos de participação social da juventude nesse período e conclui que parte dela não é apática. Ela faz essa observação devido ao interesse de alguns pela cultura, em especial, na produção de músicas que falam de miséria, desemprego, poluição, violência, drogas. Os grupos de hip hop, por exemplo, seriam um desses canais de contestação que manifestam o seu interesse pelos problemas do país. Eles reúnem-se em torno de diversão e arte e assumem o desejo de ser um elo de expressão de questões juvenis. O estilo de música conhecido como rap representa esse movimento:

Assim como nos primórdios do samba, que se originou de uma cultura marginal ligada aos setores populares, ocorre na atualidade o surgimento de um novo gênero musical que busca retratar, com fidelidade, dificuldades que a maioria da juventude pobre de periferia sofre no seu dia-a-dia. Ao cultivar “o ritmo dos excluídos”, os rappers tornaram-se os porta-vozes ou cronistas das injustiças sociais e dão visibilidade a seus problemas.

Trata-se de uma cultura de resistência que oferece um excelente retrato do Brasil contemporâneo. Esses jovens produzem crítica social em forma de música, entendendo que o verdadeiro rap serve para defender idéias, de preferência radicais. (Carmo: 2003, p.175).

Entretanto, não podemos esquecer que muitos jovens desse período valorizam as produções oriundas da indústria cultural, preferindo estilos de música sem qualquer conteúdo político, social, econômico ou de outra natureza que o leve à reflexão. Muito pelo contrário, às vezes supervalorizam letras que reforçam, entre outras coisas, a vulgarização da mulher, do sexo, exaltando o machismo e a violência.

Segundo Carmo (2003), é nesse período que surge o crack, uma droga extraída de parte da cocaína e com poder mais letal. Por ser mais barata, ela penetra muito nas camadas populares, produzindo um espantoso número de vítimas nesse setor. É uma substância formada por produtos muito nocivos à saúde que, ao ser fumada, percorre um caminho muito rápido ao cérebro, como rápido é o seu poder de vício.

Esse é o momento também do surgimento das chamadas Raves⁶³, grande festas ao ar livre que começam tarde da noite e só terminam pela manhã. Elas são conhecidas pelo uso da música eletrônica e pelo consumo de drogas pelos seus frequentadores, entre elas o ecstasy:

Na esteira da música eletrônica veio uma droga nova, o ecstasy. Sob a forma de um comprimido, dá a sensação de energia e de mergulho do indivíduo num transe grupal, sob o efeito da música e da iluminação. (Carmo: 2003, p.170)

Assim, contribuem para tornar a droga um problema da atualidade não só a disponibilidade dessas substâncias, encontrada especialmente nas mãos de traficantes, mas a variedade desses produtos. Surge nesse período uma grande diversificação delas, muitas com um poder maior de destruição do organismo e de maior possibilidade de dependência. Entender essa questão é importante porque, produzindo esses efeitos nos organismos, o que já é problemático, elas aumentam as ligações com o tráfico no momento que, ao chegar a um grau maior de dependência, os consumidores procuram incessantemente por traficantes para saciar o seu vício, aumentando assim o efeito letal delas.

⁶³ Em inglês rave significa delírio, mas na gíria sugere “festa animada”.

As reflexões feitas no decorrer desta seção são importantes para realçarmos a importância de relativizar e contextualizar o que se refere aos motivos que levam ao consumo de drogas. Da mesma forma, é preciso, também, relativizar os seus efeitos. Se pensarmos, por exemplo, como já afirmamos, nas décadas de 60 e 70, elas não se relacionavam a práticas violentas como na atualidade. Da mesma forma, não há como supor uma homogeneidade de comportamentos e atitudes referentes àqueles que se utilizam dessas substâncias: é preciso estabelecer as devidas distinções e particularidades:

Essas diferenças, até certo ponto, acompanham as fronteiras da estratificação sócio-econômica mais geral. Mas associam também a distintas orientações e tradições culturais e às peculiaridades no consumo de drogas específicas como a maconha, cocaína, crack, ácido, álcool etc. Historicamente, por sua vez, a mesma droga pode apresentar usos e padrões de consumo muito diferenciados. (Velho, 1994, p. 23-24).

Através da antropologia e da história, podemos perceber como diferentes culturas criaram um espaço próprio para o consumo dos mais variados tipos de drogas, muitas vezes em contextos religiosos, em rituais e cerimônias específicas. Um exemplo é o Xamanismo, que associa a droga a uma espécie de veículo de comunicação com o mundo dos espíritos e com o sobrenatural.

Por isso, seguindo esse mesmo raciocínio, MacRae (1994) chama a atenção para a necessidade de serem observados os aspectos sócio-culturais ao se desenvolverem políticas públicas específicas sobre o uso e abuso de psicoativos. Devem ser observados, em qualquer julgamento, os aspectos farmacológicos, relacionados à atuação no organismo, o estado psíquico e o contexto sociocultural em que se dá o uso. A utilização do chá *ayahuasca*, preparo de origem amazônica utilizado em ritos religiosos, o uso da maconha pelos indígenas, como lembra Henman (1994), fazem parte de um contexto cultural próprio de um povo e que possivelmente não se caracteriza como um problema social.

2. 6. A Juventude e a vitimização do pobre e do negro

Como afirmamos anteriormente, a atualidade destaca-se, entre outras coisas, pelo crescimento da venda e procura por substâncias alucinógenas. Esse é um fenômeno que envolve os indivíduos independentemente do gênero, classe, cor em que ele se inclua, e muitas vezes envolve pessoas independentemente de elas estarem envolvidas com o seu consumo. Relacionamos, também, esse fenômeno aos episódios de violência na contemporaneidade. São episódios que possuem um poder extraordinário de interferência na vida dos indivíduos, em especial na juventude.

Entretanto, acreditamos que os problemas que enfrentam a juventude são especialmente gritantes entre a parcela mais pobre, e a vitimização oriunda da relação entre drogas e violência é forte nesse segmento. Soares (2005)⁶⁴, por exemplo, identifica na sociedade brasileira retrocessos quanto ao tratamento dispensado aos nossos jovens. O que se presencia na contemporaneidade é que muitos deles saltam direto da infância para o mundo do trabalho, ou mais dramaticamente para o desemprego. Da mesma forma, assim como acontecia outrora, preparamos nossos jovens para uma espécie de guerra⁶⁵. Sobre isso, ele afirma:

[...] não estaremos combinando, no Brasil, traços avançados da democracia participativa com a supressão a galope da adolescência e a revalorização da moralidade guerreira tradicional. (Soares: 2005, p.211).

Esses fatos são especialmente visíveis na juventude pobre do Brasil, e sua análise não se pode desviar da condição que apresenta esse segmento na nossa época. É importante visualizarmos as condições que ele apresenta na violência urbana. É inegável que muitos se tornaram personagens da criminalidade brasileira, seja como vítimas ou algozes. Entretanto,

⁶⁴ Soares, Bill & Athaide, Cabeça de Porco, 2005.

⁶⁵ A guerra refere-se aos altos índices de violência atualmente visíveis na sociedade brasileira e que têm como principais protagonistas os jovens.

as análises geralmente são explicações preconceituosas e limitadas, típicas do senso comum⁶⁶, e não têm ajudado a entender o fenômeno da violência presente na atualidade. Uma das principais conseqüências dessas explicações não elaboradas é a transformação desse segmento em personagens que supostamente desempenham atos de agressividade potencialmente perigosos e, por isso, devem estar sob constante vigilância (Cassab: 2001, p. 9).

Mas as ações preconceituosas vão além da sua condição econômica. Ela pode se instalar, também, no que se refere às características da cor da pele. É inegável que no Brasil, em muitas situações, a cor negra significa indivíduos temidos pela população. A sociedade brasileira aparentemente apresenta-se como uma democracia racial, baseada, principalmente, pela miscigenação. Entretanto, creditamos que a esse fato combina-se, também, uma segregação que condena alguns segmentos da população a sofrer simplesmente por serem compostas de negros, sendo geralmente condenadas a viver na exclusão social, justificada por uma possível incapacidade inerente a cada um em particular. Sendo assim, a “brasilianização da violência” social é particularmente perversa na medida em que condena o sujeito por ser ele o que é (Cassab, 2001).

Uma série de argumentos é lançada para julgar o jovem que se posiciona na condição de pobre e/ou negro. Ele é normalmente julgado como potencialmente agressivo, exigindo consumo exacerbado, desapegado ao trabalho, desejoso de ascensão fácil e rápido, com crises de valores comunitários, morais, sem limites etc. Entretanto, essas explicações não levam em conta as reais necessidades desses jovens, que simplesmente são postos como uma presença agressiva que necessita estar sob eterna vigilância. Isso dificulta a circulação desse segmento nos espaços públicos. Isso é provocado, principalmente, pela excessiva exposição das experiências negativas desses jovens em detrimento das suas possibilidades de afirmação.

Essa discussão é particularmente importante para o nosso trabalho porque entendemos que há uma tendência da sociedade brasileira em colocar a juventude como

⁶⁶ São explicações feitas previamente, sem nenhum estudo elaborado, planejado.

principal protagonista e responsável pela violência urbana e pelo aumento exacerbado do consumo de drogas, isso sem levar em consideração as reais causas que levam a tal processo. Isso tem provocado uma postura estigmatizadora em relação à juventude, particularmente negra e pobre, produzindo um certo apartamento social.

Entretanto, como afirmou Soares (2005, p.247), esses jovens são as principais vítimas da onda de violência que assola o país. A morte violenta no Brasil é concentrada na população de jovens pobres, principalmente do sexo masculino na faixa etária de 15 a 24 anos. Geralmente essa parcela mora em vilas, favelas ou periferias das metrópoles e, freqüentemente, é negra. Trata-se de uma violência que tem idade, cor, sexo, endereço e classe social. Já deixou, inclusive, marcas na estrutura demográfica, um déficit de jovens com idade entre 15 e 24 anos só comparado a contextos de guerra.

[...] a criminalidade violenta é um problema de todos nós, brasileiros, mas é sobretudo o drama dos jovens pobres e, particularmente, negros. Claro que há inúmeras tragédias envolvendo jovens de classe média. Mas todos os diagnósticos convergem e apontam a mesma concentração, não nos autorizando tergiversações. Na realidade, o problema é tão grave que já deixou sua marca na estrutura demográfica. Há um déficit de jovens, entre 15 e 24 anos, na sociedade brasileira – fenômeno que só se verifica nas estruturas demográficas de sociedades que estão em guerra. Portanto, o Brasil vive as consequências de uma guerra inexistente e, mais do que qualquer outro, determinado setor social está pagando com a vida o preço dessa tragédia. (Soares, Bill & Athaíde, 2005, p. 247).

CAPÍTULO 3 – AS DROGAS E SEUS EFEITOS PSICOTRÓPICOS – UMA LEITURA MÉDICA

Sentimos necessidade de realizarmos, nesta seção, um panorama geral sobre os diversos tipos de drogas possíveis de localizarmos na atualidade, conceituando e mostrando alguns efeitos produzidos nos organismos daqueles que resolvem consumir essas substâncias. Mesmo não sendo o objetivo desta pesquisa trabalhar as sensações produzidas nos usuários, pois o que está em foco são os seus efeitos sociais, decidimos aumentar a carga dramática desse fenômeno visualizando as conseqüências nos organismos desses indivíduos. Além do mais, como apontamos anteriormente, a variedade de drogas, muitas com a possibilidade de aumentar o vício e as relações com o tráfico, tornaram a questão dessas substâncias mais problemática na atualidade.

Faremos aqui uma leitura da droga pelo viés da medicina, realçando seus possíveis efeitos fisiológicos e comportamentais. Entretanto, esses efeitos que iremos mencionar também podem variar de pessoa para pessoa devido a uma série de questões, entre elas a disposição física do usuário.

A palavra droga possui vários significados. Na linguagem comum costuma-se utilizá-la de forma depreciativa, significando “coisa ruim”, sem qualidade. Na medicina ela pode ser sinônimo de medicamento. Em sua origem, o termo droga vem da palavra droog (holandês antigo) e significa “folha seca”, pois antigamente quase todos os medicamentos eram feitos à base de vegetais. Atualmente a medicina define droga como sendo qualquer substância capaz de modificar o funcionamento dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento.

Há um tipo de droga chamada de psicotrópico, palavra composta por duas: psico, de origem grega que significa psiquismo (o que sentimos, fazemos e pensamos, enfim, o que

cada um é) e trópico, relacionada ao termo tropismo, significando atração por. Resumindo, psicotrópico significa atração pelo psiquismo e drogas psicotrópicas são aquelas que atuam sobre o nosso cérebro, alterando de alguma maneira o nosso psiquismo. A seguir, destacamos uma definição desse tipo de droga realizada pelo Programa Álcool e Drogas (PAD) do Hospital Israelita Albert Einstein (São Paulo):

As drogas capazes de alterar o funcionamento mental e psíquico são denominadas drogas psicotrópicas ou simplesmente psicotrópico. Psicotrópico advém da junção de psico (mente) e trópico (atração por). Desse modo, drogas psicotrópicas são aquelas que atuam sobre o nosso cérebro, alterando nossa maneira de sentir, de pensar e, muitas vezes, de agir. Mas essas alterações do nosso psiquismo não são iguais para todo e qualquer droga. Cada substância é capaz de causar diferentes reações.

Uma parte das drogas psicotrópicas é capaz de causar dependência. Essas substâncias receberam a denominação de drogas de abuso, devido ao uso descontrolado observado com frequência entre os seus usuários. (Site Álcool e Drogas sem Distorção – www.einstein.br/alcooledrogas. Página http://200.152.193.254/novosite/drogas_conceito.htm)⁶⁷.

É de tal importância tratar da questão das drogas na contemporaneidade que sua discussão não se restringe a publicações apenas de âmbito acadêmico, estando presente em produtos midiáticos voltados para o público em geral, em especial, o juvenil. Como exemplo disso, citamos a revista Mundo em Foco, que dedicou um de seus números a tratar do assunto⁶⁸. Segundo a publicação, a classificação da reação fisiológica e emocional produzida por essas drogas é comumente feita a partir da reunião em diversos grupos: Um grupo reúne aquelas que têm o poder de diminuir a atividade de nosso cérebro, ou seja, deprimem o funcionamento do mesmo. Isso significa que a pessoa ao fazer uso desse tipo de droga fica “desligada”, “devagar”, desinteressada pelas coisas. Sob o efeito dessas drogas, há uma tendência à diminuição da atividade motora, da reação à dor e da ansiedade. É comum um efeito de euforia inicial, seguido de sonolência. Elas são chamadas de Depressoras da

⁶⁷ Carlini-Cotrim (2002, p.72) conceitua e faz observação sobre as drogas da seguinte maneira: “Do ponto de vista orgânico, drogas são aquelas que possuem a capacidade de alterar nosso estado de consciência, nossa percepção. Como sabemos, todos temos de cumprir a tarefa de conviver conosco pelo resto de nossas vidas. De vez em quando, recorre-se à estratégia de mudar um pouco a percepção de si mesmo e da realidade, por meio da alteração da consciência; esse é um mecanismo usado desde que o mundo é mundo. É aí que entram as drogas”.

⁶⁸ Publicado pela ONline editora, a revista Mundo em Foco dedicou um número especial à questão das drogas, com diversos artigos, tratando de temas como: origem, álcool, maconha, cocaína, crack, LSD, ecstasy e outros. A publicação não trouxe referência à data de publicação. Ela é uma publicação do IBC – Instituto Brasileiro de Cultura, São Paulo.

Atividade do Sistema Nervoso Central⁶⁹. Temos como exemplos o álcool, soníferos ou hipnóticos (drogas que promovem o sono como os barbitúrios, alguns benzodiazepínicos), Ansiolíticos (acalmam, inibem a ansiedade como os benzodiazepínicos, que tem como exemplos o diazepam, lorazepam, etc), opiáceos ou narcóticos (aliviam a dor e dão sonolência, tendo como exemplo a morfina, heroína, codeína, maperidina, etc.) e os inalantes ou solventes como a cola, tintas, etc.

Um outro grupo refere-se àquelas que atuam aumentando a atividade do nosso cérebro e estimulam o seu funcionamento. A pessoa ao ingeri-la pode ficar “ligada”, “elétrica”, sem sono. Traz como consequência um estado de alerta exagerado e aceleração do processo psíquico. Elas são denominadas de Estimulantes da Atividade do Sistema Nervoso Central. Alguns exemplos são os Anorexígenos (diminuem a fome), cocaína e suas variações⁷⁰.

E, por fim, um outro grupo constituído pelas drogas que modificam qualitativamente a atividade do cérebro, ou seja, ele passa a funcionar fora do normal, deixando a pessoa que ingeriu esse tipo de droga com a mente perturbada. As pessoas ao consumir essas substâncias podem ter delírios⁷¹ e/ou alucinações⁷². Elas são chamadas de Perturbadoras da Atividade do Sistema Nervoso Central. Têm como exemplos os de origem vegetal como a mescalina (do cacto mexicano), THC (da maconha), psilocibina (de certos cogumelos), lírio (trombetaira, zabumba ou saia branca), e os de origem sintética, como o LSD-25, êxtase, anticolinérgicos.

Os efeitos das drogas apresentam-se de diversas formas e em várias etapas. Eles costumam dividir-se de acordo com a intensidade e os locais do corpo que se manifestam no indivíduo. Quanto à intensidade, as drogas podem proporcionar efeitos agudos, que são sintomas de curta duração ocorridos durante o uso da substância, e os efeitos crônicos, que

⁶⁹ SNC, Sistema Nervoso Central, é a parte que fica dentro da caixa craniana; o cérebro é o principal órgão deste sistema.

⁷⁰ Drogas bastantes comuns são obtidas através da cocaína, como o crack e a merla. Elas diferenciam da cocaína por ser utilizada pelo fumo, alcançando assim mais rápido os pulmões, que manda imediatamente ao cérebro. Elas tornam-se mais avassaladoras, pois seus efeitos são mais rápidos e intensos.

⁷¹ O delírio ocorre quando o indivíduo tem um falso juízo da realidade, atribuindo significados anormais aos eventos que ocorrem a sua volta.

⁷² A alucinação ocorre quando o indivíduo tem uma percepção sem objeto, ou seja, ele vê, ouve ou sente algo que realmente não existe.

são sintomas de longa duração ocorridos depois do uso da substância, geralmente após uso prolongado. Os efeitos podem manifestar-se no organismo, chamados de somáticos, e ocorrer na mente, denominados de psíquicos.

Os efeitos psíquicos, de um modo geral, causam prazer. Entretanto, o uso dessas substâncias nem sempre fornece os efeitos prazerosos desejados. E mesmo quando eles ocorrem, podem produzir efeitos colaterais indesejáveis, mesmo quando o usuário não tem noção desses efeitos negativos. A passagem do uso ocasional para a dependência nem sempre é sentida pelo indivíduo.

Podem ocorrer casos de tolerância à droga, ou seja, o indivíduo pode obter o costume de ingerir essas substâncias. É o estado em que leva o usuário a consumir quantidades cada vez maiores da mesma droga ou a recorrer a substâncias mais fortes para obter o mesmo efeito desejado. Há também a Síndrome de Abstinência, caracterizada por uma série de sintomas desagradáveis manifestando-se quando a pessoa suspende total ou parcial o uso de uma droga que vem sendo consumida há algum tempo. Ela, então, não consegue livrar-se da dependência mesmo quando os efeitos da droga não são mais prazerosos.

Chegar a esse ponto de dependência é, para Sá (1994, p. 154), o caso de agravamento do problema. É o momento em que ela constitui-se uma finalidade em si mesma, tornando seu usuário dependente dela, sem qualquer outra motivação a não ser a necessidade física ou psíquica de continuar consumindo. Carlini-Cotrim (2002, p.72-73) também fala da potencialidade dessas substâncias químicas para causar dependência. O indivíduo tem dificuldade de saber quando e como usá-la.

Essas informações técnicas nos interessam não exatamente porque visamos o que sentem os jovens ao ingerir drogas, mas para realçar, como afirmamos, a quantidade de drogas disponíveis e as possíveis alterações nos organismos daqueles que se tornam

dependentes dela, aspectos que com certeza tornam as drogas mais problemáticas no sentido que deixa, principalmente, os indivíduos mais ligados com a rede do tráfico.

Esta seção nos serve, também, para mostrar como drogas que são liberadas para o comércio podem produzir os mesmo efeitos que outros tipos de drogas que tem sua venda proibida por lei. Isso reforça a nossa falta de entendimento da legislação de um país quando proíbe certas substâncias e tornam permissivas outras.

Sendo assim, estaremos especificamente observando apenas as conseqüências desencadeadas na vida dos jovens no momento em que essas substâncias passam a circular em seu meio, reafirmando que houve na atualidade um aumento generalizado da oferta e procura desses produtos e uma modificação na sua esfera de ação baseadas, principalmente, nas ações do tráfico, que afetaram diretamente a vida dos nossos jovens,

CAPÍTULO 4 – DROGAS LÍCITAS E ILÍCITAS NA SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA

Partimos do pressuposto de que a presença constante de drogas na atualidade acontece, entre outras coisas, devido a esses produtos terem se transformado em fontes de enriquecimento e/ou sobrevivência da atualidade. Mesmo sabendo que a venda cresce a partir da existência de um mercado consumidor, acreditamos especialmente que há um aumento desse consumo a partir da oferta desses produtos, que com certeza está mais disponível nos dias atuais. Podemos identificar esse fato nas duas formas usualmente utilizadas de circulação das substâncias alucinógenas, ou seja, os dois tipos de situações existentes, a sua venda legal ou ilegal, são formas de empreendimento capitalista que visam ao lucro e/ou à sobrevivência, embora possam ser encontradas variações no modo como se processa essa comercialização e nas conseqüências que elas podem desencadear.

Por isso, nesta seção, realizaremos uma análise separada das formas de circulação de drogas nos dois campos acima assinalados, mostrando, especialmente, como se realiza essa venda e quais as conseqüências produzidas por essa circulação. Entender como se processa a existência e ingerência desses produtos na atualidade nos ajuda a entender como eles se transformaram em elementos de insegurança entre as pessoas.

Aqui será visível o destaque dado às drogas ilícitas pelas próprias características da sua comercialização. Por estar contrária às normas legais, essa venda geralmente vem acompanhada de episódios de violência, em muitos momentos levando à morte, o que torna essa circulação mais problemática na atualidade.

Optamos por realizar uma divisão das drogas a partir do seu enquadramento no campo da ilegalidade ou legalidade não necessariamente, como já afirmamos, para tomarmos alguma posição favorável à permissividade ou não do uso do uso dessas substâncias, e sim

para mostrar problemas ocorridos nos dois campos em que elas atuam. Entretanto – embora extrapole o objetivo do nosso trabalho a identificação das causas que levam a sociedade a reprimir algumas drogas e tornar permissivas outras, até porque, como afirmamos, foge do nosso entendimento os motivos que levam o país a reprimir uma droga como a maconha e deixar livre o uso do álcool, por exemplo – achamos interessante destacar alguns exemplos retirados da contribuição de Carlini-Cotrim (2002), que atribui a repressão e o controle das drogas, em alguns casos, à baixa produtividade que provoca nos trabalhadores.

A autora afirma, por exemplo, que o álcool era proibido pela sociedade americana porque estava prejudicando a produção em massa, ou seja, o desempenho das fábricas. Acreditava-se que a baixa produtividade estava ligada ao consumo dessas substâncias pelos trabalhadores. Além do mais, ela completa que essa substância era perseguida, também, em face da sua simbologia política. Como não existiam sindicatos no começo do século XX, os trabalhadores se organizavam e se reuniam em *saloons*, locais onde se serviam bebidas. Ele representava também um símbolo do nascente movimento feminista da década de 20. As mulheres bebiam pelos efeitos que o álcool proporcionava, mas também pela significação do gesto de uma mulher ingerir bebida alcoólica, representando um espírito de liberdade.

Dividi-las dessa maneira interessa-nos outrossim, como já afirmamos, por acreditarmos que a percepção de uma substância como droga realizada pelo imaginário popular, muitas vezes, realiza-se através do seu enquadramento feito pela lei. O álcool, por exemplo, tem presença marcante no cotidiano da juventude não apenas pela facilidade de acesso que possui por ser um produto livremente comercializado, mas também por não ser, geralmente, assimilado como uma droga. Partimos do pressuposto de que muitas pessoas deixam de consumir uma substância alucinógena por ela ser ilícita, da mesma forma como acha normal consumir as que são legalizadas.

4. 1. As Drogas Ilícitas e seus efeitos no campo social

Vários são os tipos de drogas que têm sua venda e circulação proibidas por lei no Brasil, entre elas destacamos a maconha, a cocaína, o crack, o êxtase, etc. Apesar dessa proibição, são substâncias bastante presentes no cotidiano juvenil. Entender os problemas desenvolvidos na vida dos jovens a partir da comercialização desses produtos não se limita, do nosso ponto de vista, aos possíveis efeitos produzidos nos organismos daqueles que decidem, por uma opção individual, consumir drogas. Elas se localizam, especialmente, na forma como se processa a sua produção, distribuição e circulação. Partimos do pressuposto de que essas drogas se transformaram em elementos de insegurança na sociedade devido à rede de tráfico que se montou para a sua comercialização. Sendo assim, nossas reflexões sobre esses tipos de drogas se concentram, em especial, sobre o tráfico que impera no país.

4.1.1. O mercado ilegal de drogas

Ligar a questão da criminalidade reinante na atualidade a partir do consumo de drogas não nos autoriza afirmar que os usuários tornam-se violentos quando decidem usar esse tipo de produto. Até porque, como bem disse Misse (2006, p. 109), não está comprovado que apenas e exclusivamente o seu uso seja causa isolada de comportamentos violentos na esmagadora maioria de seus consumidores.

Essa produção da violência está, para nós, especialmente ligada ao mercado ilícito que se montou para a comercialização desses produtos, transformando-os em um elemento de insegurança para a sociedade. Por isso, acreditamos que é nas ações do tráfico que está

especialmente localizada a constante presença das drogas e também onde iremos encontrar parte das explicações sobre a violência que se espraia na contemporaneidade.

Como afirmamos anteriormente, essa comercialização funciona como um empreendimento capitalista qualquer, só que funciona na ilegalidade. Acreditamos na existência de duas formas de venda desse tipo de droga: uma é quando há o deslocamento do vendedor em busca do consumidor, realizando essa transação a partir de senhas e códigos de comunicação; uma outra forma é quando há uma fixação de um ponto de venda em um determinado local, que fica à espera do “cliente”⁷³ (Soares: 2006, p.127-128).

O primeiro tipo de venda, a que vai em busca do consumidor, possibilita a existência, em qualquer espaço da cidade, dos vendedores dessas substâncias. Isso, para nós, aumenta consideravelmente a disponibilidade desses produtos. Entendemos que na atualidade não é difícil esbarrarmos com esse tipo de comerciante, facilitando não só os desejos dos usuários, mas também a criação de novos mercados consumidores. Como disse Misse (2006, p.112), o consumo de drogas não responde apenas a uma demanda inercial, mas também é produzido pela oferta.

O outro tipo de venda, aquela em que há a fixação de um local para a comercialização de drogas, é conhecido como “boca de fumo” (Resende, 2001). Como afirmou Soares (2006, p.128), nesse mercado exigem-se certas precauções, estratégias e formatos organizacionais, voltados para a produção e a manutenção do domínio territorial. Ele exige proteção contra as incursões policiais e dos grupos rivais também dispostos a manter o controle sobre essa venda. Em muitos casos, esses locais exigem o domínio sobre uma comunidade.

Um dos instrumentos exigidos para se manter esse controle é o armamento. A arma é peça fundamental no tráfico de drogas, o que para nós intensifica a violência:

⁷³ Dependendo da cidade, pode haver a predominância de um desses dois tipos de venda.

Quando as armas são a pré-condição para a reprodução econômica, e o são por conta da necessidade de domínio territorial que é fruto desse tipo de sedentarismo, as armas acabam decolando e instalando uma dinâmica que se autonomiza. Elas passam a ser fundamentais. De início, são importantes porque úteis ao exercício do domínio sobre a comunidade e o território. Logo em seguida, as armas funcionam com a lógica da guerra fria, isto é, como elemento de dissuasão de ataques potenciais dos grupos inimigos. (Soares: 2006, p 128).

A existência de um número crescente de “bocas de fumo” que disputam o mercado consumidor faz com que cada uma necessite de armamento em proporções crescentes a fim de sinalizar, seja para grupos rivais, seja para policiais, a sua potencialidade. O resultado comumente verificado em várias cidades do país são as constantes perseguições entre policiais e traficantes trocando tiros, ou entre traficantes disputando pontos de venda. Tudo isso deixa a população como alvo fácil ao recebimento de uma bala.

As armas servem também como intimidação aos clientes que resolvem não pagar pelo produto que adquiriram. Por ser uma comercialização clandestina, ao realizar uma venda não à vista, o tráfico não tem garantias de que esse pagamento realmente será efetuado. Não é incomum, por exemplo, muitos perderem suas vidas devido a dívidas contraídas nas mãos de traficantes:

Por se tratar de mercado não-regulável legalmente, portanto de um mercado definido como um mercado de alto risco e desconfiança recíproca, a solução para o pagamento de dívidas e atrasados segue uma lógica retaliativa, decorrente do receio de que qualquer atenuação regular nas cobranças gere um “efeito-demonstração” capaz de destruir o varejo e expor seu capitalizador, o “dono” do movimento, à mesma lógica no campo de seus fornecedores. (Misse, 2006, p. 110).

A droga pode estimular, também, a realização de pilhagem para que se possa obter o objeto cobiçado. É comum a entrada, por exemplo, de jovens no mundo do crime, realizando assaltos para contrair o produto desejado. Há casos também de pessoas que passam a entrar para o tráfico a fim de sustentar o seu vício.

Nesse mercado ilegal, que envolve a venda de drogas e o uso de armas, não podemos esquecer a participação do Estado nessas “transações comerciais”. Destaca-se,

dentre outros, o envolvimento de policiais nessa rede clandestina. De acordo com Misse (2006, p. 111), um segundo mercado ilícito se sobrepõe ao de drogas. Parcela significativa de policiais, agentes penitenciários e outros agentes do Estado “vendem” proteção e outras “mercadorias políticas” (expropriadas de suas funções no Estado) a traficantes, entre as quais estão as batidas, as Blitze, as ocupações dos territórios, a possibilidade de traficantes continuarem a exercerem suas atividades fora da prisão mesmo quando presos. O uso da violência por esses agentes também é uma constante:

A lógica da violência alimenta-se assim da sobreposição dos dois mercados, um que oferece drogas a varejo baseado num precário sistema de consignação de vendas, outro que oferece armas e outras mercadorias políticas ao primeiro, retaliando com violência quando a extorsão não é aceita. Não existem formas de acabar totalmente com os dois mercados enquanto houverem [sic] clientes para as drogas e clientes para as mercadorias políticas. (Misse, 2006, p. 111-112).

A prisão de traficantes, apesar de bem aceita, não tem resolvido o problema do mercado ilícito de drogas. Essa prática, quando muito, serve apenas como atenuador temporário em algumas áreas, pois está provado que a rotatividade desse comércio, bem como de suas lideranças, é muito grande. Como já afirmamos, são atraídos para esse mercado, principalmente, jovens pobres (ou mesmo de classe média) para o “ganho fácil”, apesar dos riscos de prisão e morte. Por isso, não adianta nada lotar as prisões de pequenos traficantes (ainda que perigosos) se seus fornecedores continuam a atrair outros jovens para sucedê-los no atrativo e arriscado negócio (Misse, 2006, p.113).

4.1.2. As drogas ilícitas e o crime organizado

Para entendermos a circulação e consumo de drogas ilegais e os efeitos produzidos na sociedade, devemos relacionar esses problemas ao crime organizado. Como diz Souza (2002, p 24), essa é uma organização que tem uma classificação que diz tudo: possui

estrutura, hierarquia, vozes de comando, infiltração nos poderes públicos. São tentáculos fortes e de longo alcance, asfixiantes e corruptores, com fantástico poder de intimidação, que tem o tráfico de drogas como uma das suas principais ramificações. O tráfico de drogas e de armas é a principal vertente desse crime organizado, é o que mais cresce nas metrópoles brasileiras e o que mais influi sobre o conjunto da criminalidade. As drogas financiam as armas e estas intensificam a violência.

Por isso, é necessário saber que atrás daquele indivíduo que consome essas substâncias, existe uma estrutura hierárquica infiltrada, inclusive, em vários pontos do poder público que sustenta essa rede ilegal. A análise deve ser ampliada até incluir a organização internacional dos cartéis das drogas e também as instituições locais, como a polícia e a justiça. Essa participação está direcionada, principalmente, por ser um negócio gerador de lucros altíssimos:

No início do terceiro milênio, a ONU apresentava os cálculos mais recentes sobre a movimentação do tráfico no mundo: 400 bilhões de dólares por ano e expansão cada vez maior do mercado, como se fosse uma tendência da sociedade dividir-se entre os que se drogam e os que não se drogam, ampliando circuitos de consumo, não se restringindo a lugares de maior demanda – como nos Estados Unidos, número 1 nas contas sobre o consumo de cocaína em todo mundo, Inglaterra e Holanda – e abrindo flancos em países com população de menor poder aquisitivo. (Souza, 2002, p. 24).

O seu funcionamento assemelha-se a um empreendimento qualquer de venda de mercadoria capitalista em termos de organização, com a diferença que trabalha na ilegalidade (Souza, 2002)⁷⁴. É uma estrutura de comercialização que trabalha, como já afirmamos, com a colaboração das instituições públicas criadas para manter a lei, pois sem elas, como diz Zaluar (2004), o crime organizado não conseguiria chegar ao patamar que chegou:

⁷⁴ Para Zaluar (2004, p. 48), “A criminalidade moderna e empresarial desde então é organizada segundo os princípios do lucro e da defesa dos interesses econômicos do grupo que controla o empreendimento, mas faz isso contra a lei”. Em trabalho anterior (1994, p.106), a autora já havia mencionado esse problema, analisando a entrada da cocaína no país: “No Brasil, onde a cocaína fez a sua entrada na década de 70, como em diversos outros países ocidentais, a criminalidade moderna e empresarial desde então é organizada segundo os princípios do mercado e da defesa dos interesses econômicos do grupo que controla o empreendimento, mas faz isso sem o amparo da e contra a lei”.

Este atravessa classes sociais, tem organização empresarial e não sobrevive sem o apoio institucional das agências estatais incumbidas de combatê-lo. Ou seja, as próprias instituições encarregadas de manter a lei tornam-se implicadas com o crime organizado. Sem isso não seria possível compreender a facilidade com que armas e drogas chegam até as favelas e bairros populares do Rio de Janeiro. [...] A participação de policiais e outros setores públicos na rede do crime organizado é peça fundamental desse quebra-cabeça de repentina explosão de violência a partir do final da década de 1970. (Zaluar: 2004, p. 31).

Estas observações são importantes para não resvalarmos para explicações fáceis e preconceituosas sobre o tráfico de drogas no Brasil, que visualiza as suas ações realizadas apenas por pequenos traficantes, geralmente moradores de alguma das favelas espalhada pelo país, direcionando apenas para esses locais as responsabilidades pelas mortes geradas pela comercialização desses produtos. A entrada de drogas nesses locais não poderia acontecer sem a participação de agentes do Estado.

4.1.3. Drogas e a exclusão do trabalho

Não podemos deixar de relacionar, também, a essa rede ilegal que se montou para a comercialização de drogas a disponibilidade de uma farta mão-de-obra existente no país. Como já afirmamos anteriormente, além da produção de mortes oriundas do tráfico de drogas, encontramos também nessa venda uma “fonte de vida”, ou seja, uma alternativa de renda para muitos que não conseguem obter ganhos pelas vias normais de produção e comércio tradicionais.

Essa afirmação necessita de alguns esclarecimentos: a comercialização de drogas no país é apenas uma alternativa, entre inúmeras, que as pessoas com dificuldades de inclusão no mercado de trabalho, ou aquelas que estão eliminadas da possibilidade de pleitear emprego, como vimos anteriormente, podem encontrar como forma de sobrevivência. Por isso, não estamos afirmando que essa situação leva, necessariamente, ao tráfico de drogas e nem que

essa venda seja realizada apenas por esse excedente de mão-de-obra. Como veremos adiante, outras motivações podem levar, também, a essa negociação.

Queremos apenas reafirmar que a transformação de um excedente inútil para o trabalho, criado, como vimos anteriormente, pela constante eliminação dos postos de trabalho, transforma o mercado ilícito de drogas numa possibilidade de sobrevivência, já que muitos se encontram eliminados da possibilidade de pleitear pelos poucos e exigentes empregos disponíveis.

Esse mercado ilegal de drogas, pelo contrário, busca constantemente mão-de-obra para a realização dos seus serviços⁷⁵ e não espera que ela seja especializada. Ele vai encontrar principalmente nesses eliminados dos postos do trabalho um exército disponível e barato para as suas realizações.

Os empregos, quando oferecidos a esse grupo, geralmente possuem ganhos irrisórios, são precários, exigem-se sacrifícios para realizá-los e não oferecem estabilidade, podendo encontrar essas pessoas melhores vantagens nessa venda ilegal. Por isso, Velho (1996, p. 20) afirma que *“A trajetória de trabalhadores modestos, repleta de dificuldades e frustrações, marcada pela pobreza, é encarada como algo a ser negado e evitado”*⁷⁶. Zaluar reforça essas suposições, mostrando que os ganhos adquiridos pelos trabalhadores no seu dia-dia geralmente são bem menores do que se pode conseguir com a ilegalidade:

[...] apenas o aumento do salário mínimo ou a implementação de políticas públicas que não contemplem a especificidade da nova criminalidade não serão suficientes nem eficazes [...] são raríssimos os empregos, mesmo os de classe média, que oferecem os níveis de renda do tráfico de drogas ilegais. (Zaluar: 1996, p.57).

Por isso, acreditamos que o tráfico de drogas se transformou em uma alternativa de sobrevivência, o que para nós aumenta consideravelmente a oferta desses produtos.

⁷⁵ Há uma rotatividade de mão-de-obra no tráfico de droga especialmente pelas constantes mortes proporcionadas entre os que estão a seu serviço.

⁷⁶ Na pesquisa que realizamos sobre a violência no bairro do Jacintinho da cidade de Maceió já havíamos discutido sobre a longa jornada de trabalho desenvolvida pelos trabalhadores diariamente, sem contar as longas horas para deslocar-se até seus empregos, somando ao retorno as suas residências.

4.1.4. O tráfico e a vitimização da pobreza

Como afirmamos anteriormente, o consumo de drogas ilegais está presente em diversos contextos de renda. Entretanto, acreditamos que as vítimas oriundas do tráfico se localizam, especialmente, entre a população mais pobre, principalmente entre aqueles que se distribuem nos bairros populares espalhados pelo país. As drogas podem estar em qualquer lugar, mas são os jovens mais pobres, acreditamos, que sentem os efeitos perversos produzidos por essa circulação, como veremos adiante.

Entre eles, destacamos as mortes oriundas do tráfico de drogas. Tornaram-se comuns assassinatos de jovens de bairros populares, alguns estudantes de escolas públicas, envolvendo a comercialização desses produtos⁷⁷. Os jovens desses locais se deparam, constantemente, com a perda de amigos vítimas da violência, provavelmente jamais vista em épocas anteriores.

Eles sofrem, também, com a estigmatização de que esses locais e provavelmente também essas escolas possuem apenas a vivência do tráfico de drogas e da violência. Isso acontece, especialmente, porque os meios de comunicação divulgam com mais intensidade o tráfico e as ações criminosas nesses lugares, estigmatizando os moradores e/ou estudantes como possíveis envolvidos nessa rede ilegal⁷⁸. A divulgação sobre as ações do tráfico criou nas cidades um medo generalizado e preconceitos direcionados a parcelas da população, tomadas como agentes desses empreendimentos ilegais e como autores da violência⁷⁹.

Acreditamos que há sim uma vivência do tráfico e da violência, assim como há em outros lugares. Entretanto, questionamos a omissão que fazem dos motivos que levam esses

⁷⁷ Isso não significa que as mortes envolvendo as drogas ilícitas aconteçam apenas entre estudantes de escolas públicas. Apenas nesses locais há uma maior intensificação.

⁷⁸ Notícias espalhadas, principalmente, na literatura sobre violência, na mídia, fornecem ao imaginário popular um estigma preconceituoso de que esses locais só possuem a vivência do tráfico e da violência.

⁷⁹ Em Resende (2001) podemos perceber esse imaginário popular de que as favelas concentram a distribuição das drogas

locais a tornarem-se pontos de distribuição de drogas e, conseqüentemente, transformarem-se em palcos de violência, principalmente pelas disputas de gangues. Pouco se fala, por exemplo, sobre as origens desses produtos⁸⁰ e como eles chegam a entrar no cotidiano desses bairros ou favelas (Zaluar, 2004). Acreditamos que a análise deve estar baseada sobre tais premissas:

É preciso acentuar que tais condições não seriam suficientes se não houvesse toda uma rede, exterior a essas áreas territorializadas, que propicia condições de importação de drogas e armas, de lavagem de dinheiro proveniente do narcotráfico e para a sua inserção nos circuitos da economia ilegal. Tal ressalva é fundamental para que não se resvale para explicações fáceis e reificadoras que associam as populações residentes nessas áreas a essas atitudes ilegais⁸¹. (Cassab: 2001, p.57).

Mas, afinal, a droga entra nesse mundo e, de uma forma ou de outra, ela envolve os moradores que estão a sua volta⁸². Segundo pesquisa realizada por Soares, Bill & Athaíde (2005), concentrando-se na observação sobre a organização do tráfico nas favelas⁸³ espalhadas por várias capitais do Brasil, foi possível observar em todas elas a presença das drogas e com elas todo o arsenal que a sua venda envolve. Para esses autores, a droga invadiu todos os espaços, o tráfico tornou-se uma realidade, e com ele a sua organização, existente em vários lugares do país⁸⁴.

Várias podem ser as explicações para a existência do consumo e/ou tráfico de drogas, por exemplo, nas favelas. Uma delas, bastante mencionada, refere-se ao tipo de construção. Em algumas há uma quantidade imensa de casas construídas que facilita o

⁸⁰ Souza (2002, p.71) afirma, por exemplo, que grandes remessas de cocaína que circulam no Brasil vêm de fora. Isso acontece, segundo ele, devido à fragilidade das nossas fronteiras, que são constantemente abertas, expostas para traficantes e contrabandistas. Dessas fronteiras entra e sai, em quantidades maiores ou menores, grande soma em dinheiro que certamente não são originados das favelas.

⁸¹ Já havíamos alertado anteriormente sobre a necessidade de relacionar a existência das drogas com o crime organizado

⁸² O envolvimento dos moradores pode se dá diretamente com a droga, seja no consumo e/ou venda do produto, ou indiretamente como, por exemplo, através do medo gerado pela violência

⁸³ Na verdade, a observação se dá não só nas favelas conhecidas tradicionalmente, como um conjunto de casebres condensados e comprimidos onde alojam-se os mais humildes, criados de forma desordenada e onde é possível verificar a existência de becos que dificultam a circulação e visão de todo território. Foram verificados, também, sinais do tráfico em conjuntos habitacionais oferecidos pelo Estado, citando como exemplo o de Brasília (Soares, Bill & Athaíde, 2005, p.30).

⁸⁴ Em trabalho anterior (Resende, 2001) apontamos a realidade do tráfico de drogas em um dos bairros de periferia da cidade de Maceió, o Jacintinho.

esconderijo de traficantes. Muitas são construções desordenadas, com becos conhecidos apenas por quem tem o hábito de circulá-las (Resende: 2001, p.41) ⁸⁵.

A existência da mão-de-obra disponível nesses locais, com já afirmamos, é um dos fatores explicativos da presença de drogas nesses lugares. O consumo e o tráfico intenso dessas substâncias entranharam-se no dia-a-dia das pessoas que convivem nesses locais exatamente porque, em algumas situações, são as drogas que trazem, contraditoriamente, a sobrevivência dos que vivem nesses lugares. Athaide, por exemplo, fala dessa percepção sentida em uma favela da Paraíba:

[...] aquilo que eu achava que era uma desgraça, de certa maneira fazia parte da economia daquele lugar; o dinheiro que entrava ali naquele bairro produzia uma grande quantidade de violência, exatamente porque produzia a riqueza e o ganho para todos eles. (Soares, Bill & Athaide: 2005, p.30).

Em muitos casos, o tráfico de drogas instalado nesses locais provocou o que se denomina “Estado Paralelo”, termo utilizado para identificar ações realizadas contrárias ao Estado legalmente estabelecido ⁸⁶. Ele tem se transformado num poder à parte, constituindo regras, códigos que são seguidos por aqueles que estão envolvidos de alguma forma com ele, seja por aqueles que estão envolvidos diretamente com o tráfico e/ou consumo, ou mesmo por moradores que temem represálias ⁸⁷.

Esse “Estado Paralelo” processa-se de forma contraditória: como afirmamos anteriormente, da mesma forma que ele é responsável pela intranquilidade dos moradores,

⁸⁵ Segundo Souza (2002, p.49), por exemplo, o domínio dos morros do Rio de Janeiro pelo tráfico de drogas explica-se pelas edificações nelas construídas, que são “bankers” impenetráveis. Em Resende (2001, p.41) há informações sobre as grotas do bairro do Jacintinho localizado na capital alagoana. Esses locais são vales profundos que cercam o bairro, visto pela população como esconderijos que facilitam a venda de drogas, ou mesmo esconderijos para bandidos comuns. Praticamente só os moradores se arriscam a locomoverem-se nesses locais. É quase nula a existência de polícias, tanto dentro das grotas como nas suas entradas, o que facilita o esconderijo. Como a polícia freqüenta pouco o local, é natural o seu desconhecimento sobre o lugar. Enquanto isso, os criminosos convivem dia-a-dia com a realidade das grotas, facilitando a sua dominação.

⁸⁶ Zaluar (1994, p.120) afirma que a violência existente reviveu o poder local e reduziu o poder do Estado em algumas zonas urbanas.

⁸⁷ Esse “Estado Paralelo”, com suas regras e códigos, é geralmente visualizado na mídia como caso típico do Rio de Janeiro. Entretanto, corroboramos com as opiniões de Bill e Athaide (Soares, Bill&Athaide, 2005) de que esse cotidiano pode ser presenciado em diversos lugares do Brasil, como uma espécie de cópia da chamada cidade maravilhosa. Da mesma forma, acreditamos que cada local também possui as suas especificidades no que se refere às dinâmicas do tráfico.

vendendo a morte para seus filhos, verifica-se também em alguns lugares o seu funcionamento como provedor de benefícios para a população que ali reside. Sabe-se que nesses locais prevalece a inexistência de meios necessários para a sobrevivência dos habitantes que ali residem, como saneamento básico, saúde, educação, emprego, etc. O tráfico funciona, em alguns aspectos, como ajuda para algumas necessidades imediatas. Como já foi mencionado, ele supre necessidades da mão-de-obra ociosa. Mas além disso, ele também, em certos momentos, promove um tipo de segurança. Como o Estado legalmente constituído não presta a atenção aos anseios por segurança, e os moradores desses lugares não possuem recursos para se defenderem com a implantação da segurança privada, eles resolvem no seu próprio cotidiano as suas estratégias de sobrevivência. Eles passam, em alguns momentos, a não incomodar as ações do tráfico por saberem que é quase uma “lei do tráfico” a não violência aos moradores⁸⁸. Isso acontece mais em casos extremos, como quando da realização de denúncias.

Esse relacionamento com os moradores faz parte da estratégia de sobrevivência do tráfico. Ele necessita dessa relação para o seu funcionamento. Alguns moradores chegam a esconder traficantes em suas residências nos momentos em que a favela é ocupada pelos policiais. Eles precisam também que os moradores não realizem denúncias sobre suas atividades ilegais. Athaíde comenta sobre essa contradição:

Esse título é muito mais agressivo do que as imagens que aqueles jovens sugeriam. [...] no fundo, eu sabia que a função principal daqueles jovens empresários era a venda da desgraça para os outros jovens da comunidade como eles. No fundo, eu sabia que eles tinham o sorriso de quem doa leite para os filhos mais novos das famílias e viram benfeitores das quebradas, enquanto, com a outra mão, viciam seus outros filhos e os tornam escravos da engrenagem mórbida das drogas. (Soares, Bill & Athaíde, 2005, p.41).

⁸⁸ É claro que essa lei não é bem definida e acontecem casos de descumprimento.

É necessário apontar que a “colaboração” dos moradores com o tráfico ocorre, entre outras coisas, pelo medo dessas atividades ilegais. Em trabalho anteriormente realizado (Resende, 2001), mostramos que o medo entranhado no cotidiano dos moradores de um bairro de periferia da capital alagoana, o Jacintinho, deixa-os impotentes para reverter o quadro de violência. Esse pavor instalado entre os moradores tem como consequência a chamada “lei do silêncio”. A garantia de sobrevivência só pode se dar, acreditam, não fazendo comentários sobre os acontecimentos ocorridos. Essa posição é tomada por existir um temor a represálias por parte dos denunciados.

Entre os motivos que desestimulam a realização de denúncias, citamos a falta de proteção a testemunhas. Ao falar, temem ser assassinadas, pois acreditam que o poder público não garante a sua sobrevivência. Afirmamos também nessa mesma pesquisa que muitos não denunciam porque têm seus filhos envolvidos em crimes.

Resumindo, há uma dialética existente entre ordem e desordem presentes na sociedade capitalista e que pode ser constatada nessa relação morador/tráfico:

[...] por um lado, há a ordem capitalista que, para esses sujeitos, produz segregação sócio-espacial, pobreza e conflitos sociais intensos, agravados ainda mais, na conjuntura atual, pela ausência do Estado no descumprimento de seus deveres na área de saúde, educação e assistência social, tornando essa ordem ainda mais enfraquecida e mais profundo o vácuo de poder político e legitimação democrática dos dirigentes. Por outro lado, há a desordem representada pelo tráfico, que surge em ação territorializada, regulando as ações nas áreas sob sua influência, ditando regras, resolvendo conflitos e atendendo algumas demandas dos moradores dessas áreas. Desse modo, o que é ordem produz condições de desordem que vem cronicamente frustrando as expectativas de mobilidade social dos jovens e impedindo sua inclusão no mercado de trabalho; o que é desordem dá um atendimento mínimo às necessidades desse grupo social. A dialética entre esses dois elementos produz as condições favoráveis à expansão do tráfico e ao recrutamento de sua mão-de-obra menos qualificada e remunerada nos jovens originários desse grupo social. (Cassab: 2001, p.56).

O tráfico de drogas nesses locais possui uma organização própria de empreendimentos empresariais comuns, só que funciona na ilegalidade. O grande feito geralmente começa com a chegada das drogas remetidas pelos “grandões”, provocando grandes operações e, finalmente, despachadas aos traficantes locais, que são encarregados de distribuir o produto para a venda direta ao consumidor. São instaladas as chamadas “bocas de fumo”⁸⁹, lugares responsáveis pela venda de drogas⁹⁰. Veja abaixo como normalmente funciona esse comércio:

Na atividade altamente rendosa do tráfico, poucas organizações com vínculos internacionais comandam o atacado e controlam o varejo da comercialização desse tão valorizado bem. No varejo, pequenos traficantes (os únicos presos e identificados) realizam grandes lucros: com a venda de apenas 200 gramas de cocaína pagam um quilo ao “matuto” ou o intermediário que a deixou em consignação. Dos 500% de lucro, a metade vai para o dono da boca, 30% para o gerente⁹¹ e 20% para o vapor⁹². Os pequenos “aviões” não recebem salários como se proclama. Recebem “cargas”⁹³ para vender, pelas quais são responsáveis, e têm acesso a droga para consumir um pouco. Só quando a vendem é que conseguem uma pequena parcela dos lucros a critério do chefe. (Zaluar 2004, p.33-34)⁹⁴.

Ao realizar entrevistas com os moradores do bairro do Jacintinho em uma outra pesquisa que realizamos em 2001, a qual mencionamos anteriormente (Resende, 2001),

⁸⁹ Segundo Bill (Soares, Bill & Athaide, 2005, p.19), percorrendo várias bocas de fumo encontradas em diversos lugares do país, esses locais são geralmente instalados em casas normais, e que coisas normais podem acontecer nesses lugares. Em Brasília, por exemplo, menciona a circulação de vizinhos para pedir favores. Para ele, a droga passa a ser coisa normal. Ela mistura-se no cotidiano das relações entre as pessoas.

⁹⁰ Mencionamos, também, no trabalho sobre a violência no Jacintinho (Resende, 2001), a existência dessas bocas de fumo no bairro que são responsáveis por parte da distribuição de drogas.

⁹¹ Distribui carga para o vapor vender.

⁹² O que trafica.

⁹³ Porção de droga.

⁹⁴ Essa visualização feita pela autora refere-se mais ao trabalho de pesquisa feito no Rio de Janeiro. Nos outros Estados podem haver semelhanças, bem como algumas particularidades (Soares, Bill & Athaide, 2005).

também podemos perceber como mais ou menos funciona parte da organização desse tráfico no local. Através do depoimento de uma moradora, dado na época, podemos demonstrar esse processo:

O tráfico dá mais dinheiro que o trabalhador. Um saquinho de droga é cinco reais. Imagine, eles pegam dez quilos de maconha. Aquilo não dá nem cinco gramas. A maioria é pelo dinheiro. Tem uns que vendem e hoje tem casa e tiram a família para vender, para comprar, para repassar e para usar. Tem uns que roubam da família, compram a droga, tiram uma certa parte para seu uso e vendem a outra. Então cada coisinha daquela é cinco reais, imagine, dez pacotinhos daqueles. Eles estão organizados, têm balança para fazer tudo certinho, têm os preços certos, sabem a quantidade de ficar, de vender para que isso possa dar lucro⁹⁵. (Resende: 2001, p.57)

A organização do tráfico costuma utilizar a mão-de-obra de crianças e jovens que trabalham a seu serviço. Eles geralmente desempenham diversas tarefas, desde a da venda das drogas até a de informantes de qualquer movimento suspeito, principalmente avisando quando a polícia está por perto⁹⁶.

A utilização de menores dos bairros de periferia a serviço do tráfico é comum na sociedade brasileira. Muitos, desde cedo, sentem a necessidade de ajudar nos custeios das suas residências. Geralmente são filhos oriundos da geração que sentiu a necessidade de se deslocar do campo para as cidades em busca de oportunidades. Logo constataram as frustrações dessa migração, observando que não existem empregos disponíveis para todo mundo. Como são novos para iniciarem no meio produtivo, certamente desenvolverão estratégias de sobrevivência, que pode ocorrer através da informalidade, realizando os

⁹⁵ Esse depoimento foi transcrito integralmente, conservando a linguagem do entrevistado, com a intenção de manter o máximo de fidelidade ao relato.

⁹⁶ Pelo Brasil, costuma-se chamar esses meninos que trabalham para o tráfico de soldados ou falcão. Aqui em Maceió, verificamos a existência da construção de “galeras” que são responsáveis pela distribuição dessas drogas. Dentro delas, verifica-se a existência de menores (Resende, 2001).

chamados “bicos”⁹⁷, ou mesmo vivendo na mendicância, ou seja, pedindo dinheiro às pessoas (Resende, 2001; Soares, Bill & Athaide, 2005).

Muitos estão fora do processo educacional, vivendo nas ruas, aprendendo com elas como seguir sua vida. Isso geralmente leva a um choque de gerações. Esses meninos, que vivem perambulando pelas ruas das cidades, podem obter valores totalmente invertidos daqueles que foram construídos pelos seus pais. Eles crescem vulneráveis aos valores que as ruas lhes oferecem, e um deles pode ser as experiências com as drogas.

Velho ressalta em seu trabalho que a bandidagem tornou-se uma alternativa para muitos jovens:

A carreira de bandido coloca-se como uma alternativa real para a maior parte da população masculina jovem. Mesmo aqueles que se mantêm no mundo legal, freqüentemente admitem a possibilidade de ingresso na vida da transgressão e do crime. (Velho: 1996, p.20)

Morais faz uma análise nada otimista sobre o futuro. Segundo ele, se não prestarmos atenção para a forma como é tratada a nossa juventude, o tempo que há de vir, afirma, certamente será desagradável e as vítimas desse sistema por certo se voltarão contra aqueles que se sentem indiferentes em relação à situação dos menores. Será uma guerra daqueles que não têm nada contra aqueles que possuem alguma coisa:

O que nos aguarda – a não ser que a história seja ilógica – é um futuro denso de violências sociais emergidas de uma entranhada necessidade de vingança. E esta

⁹⁷ Esses menores geralmente oferecem seus serviços em busca de algum dinheiro. Pode, por exemplo, carregar feira das pessoas até suas residências.

vingança deverá ser contra toda uma sociedade que se mostra apática e conivente com tamanha e tão bárbara repressão ao menor desvalido⁹⁸. (Morais: 1981, p.73).

O que se constata é que os moradores são as próprias vítimas do tráfico que reina nesses lugares. Eles são os que mais sofrem com os atos de violência desencadeados pela circulação das drogas. São guerras ocasionadas pelo desejo de controle dos pontos de tráfico. São perseguições desencadeadas entre policiais e bandidos que deixam a população desses lugares vulneráveis ao recebimento de balas perdidas. São filhos atraídos para as quadrilhas responsáveis pela venda de drogas, muitas vezes mortos em plena juventude. Além de tudo, como já afirmamos, sofrem discriminações por morarem no mesmo local que bandidos e traficantes.

É comum haver um preconceito, em que muitos passam a fazer uma associação entre ser pobre e ser marginal. Essa identificação entre pobreza e marginalidade, considerando aqueles que moram em favelas como elementos perigosos para a sociedade, é comum em vários lugares do país⁹⁹. Por isso, Diógenes (1998, p.84) afirma que: *“Vai ocorrer uma criminalização da pobreza, ou seja, falar de morador de favela vai ter o mesmo sentido de se apontar os setores considerados perigosos na sociedade”*¹⁰⁰.

Zaluar (1994) também expõe considerações a esse respeito. Afirma, por exemplo, que a vinculação, aceita como um truísmo, entre pobreza e criminalidade é um dos pressupostos mais arraigados em toda população brasileira, mas não está permitindo atitudes mais eficazes diante do novo fenômeno da criminalidade no Brasil urbano, vinculado a uma

⁹⁸ Diógenes (1998, p. 52) também mostra que esses jovens, crescendo sem nenhuma expectativa de futuro, pode ser o início para a sua entrada nas malhas do crime: “Não seria a violência uma resposta sangrenta e espetacular a indiferença a que são relegados os jovens moradores de periferia?”.

⁹⁹ Novaes (2002, p.49) afirma que a cultura do medo provocada na população tende a estigmatizar e pesar mais sobre certo segmento da sociedade, aqueles que moram em alguns espaços “condenados”. Generaliza-se que ali estaria a parte perigosa da juventude. Pobres, mais negros do que brancos, e favelados, seriam marginais de fato ou em potencial.

¹⁰⁰ Diógenes (1998, p.25) vai mais além quando afirma que esse preconceito pode ser dirigido, também, a jovens que estejam participando regularmente do processo educacional: “A vivência do jovem ‘pobre’ nos bairros de periferia, ainda que o mesmo não esteja participando de gangues e se inclua na condição de estudante, ostenta uma marca classificatória, segregadora, permeada pelo referente da ‘marginalidade’”.

atividade empresarial organizada do crime. Afirma que essa criminalização da pobreza tem consequências práticas no cotidiano desses jovens envolvidos com as drogas:

[...] o consumo delas continua se alastrando rapidamente, em especial entre os mais jovens e entre as populações mais pobres. Nestes setores mais vulneráveis à ação policial, os efeitos da própria repressão podem ser desastrosos por estimularem a criminalidade violenta. Isto porque, no combate ao uso de drogas, a polícia tem um enorme poder em determinar quem será ou não processado e preso como traficante, crime considerado hediondo. Jovens de classe média e alta não chegam a ser estigmatizados como problemáticos, anti-sociais e violentos, apresentando-se muito mais como jovens em busca de diversão ou, quando exageram, jovens que necessitam atendimento por médicos e clínicas particulares. (Zaluar: 1994, p. 9).

Em outro momento, a autora resume o drama sofrido por pessoas que convivem em bairros de periferia marcados pela circulação das drogas e da violência:

Além da discriminação sofrida por morarem no mesmo local que bandidos, os favelados e moradores de bairros populares enfrentam hoje mais uma dificuldade em seu viver: os repetidos tiroteios, o desvirtuamento ou enfraquecimento de suas associações de moradores, o aparecimento de um conflito religioso agudo, antes quase imperceptível. Seus filhos são atraídos pelas quadrilhas sem que eles compreendam muito o por quê. Junto com outras crianças e adolescentes, morrem numa “guerra” pelo controle do ponto-de-venda, mas também por quaisquer motivos que ameacem o status ou o orgulho masculino de jovens em busca de uma virilidade afirmada através da violência. Assim, as taxas de crimes violentos aumentaram tão dramaticamente nesses locais que se tornou banal a morte de seres humanos. (Zaluar: 2004, p.51).

4.1.5. A circulação de drogas fora dos espaços demarcados pela pobreza

Mas as drogas ilícitas não circulam apenas em áreas caracterizadas pela pobreza. Em locais mais abastados financeiramente, é grande o movimento desses produtos. Fiúza (2004), relatando a história de um traficante do Rio de Janeiro pertencente à elite econômica, jovem na época, mostra uma clientela composta de pessoas com alto poder aquisitivo, exercendo, por exemplo, profissões respeitadas pela sociedade, como profissionais liberais, psicólogos,

músicos, artistas de TV, jornalistas, médicos, etc., demonstrando uma certa “democracia” no consumo e tráfico desses produtos.

Entretanto, acreditamos que por diversos meios há uma tentativa de esconder esse fenômeno. Os pais desses jovens geralmente conseguem manter um maior controle sobre seus filhos devido a uma situação financeira mais privilegiada. Eles possuem melhores condições, por exemplo, para colocar seus filhos em escolas “especializadas na vigilância” de jovens, como se verifica em alguns colégios que possuem câmeras para manter uma vigília sobre eles. Os pais conseguem, com maior facilidade, monitorar os passos dados por seus filhos, como a utilização, especialmente, de telefones celulares e carros para deixá-los em algum lugar.

Acreditamos também que os recursos financeiros desses jovens garantem uma melhor resolução no caso deles se envolverem com esse tipo de substância. Muitos são colocados, por exemplo, em clínicas particulares especializadas no tratamento de pessoas com dependência química. Eles conseguem com mais facilidade quitar dívidas contraídas com traficantes, o que evita a sua morte nesse tipo de conflito. Muitas vezes não há dívidas por que o pagamento geralmente é feito à vista. Enfim, eles conseguem ter uma melhor proteção comparada a outros jovens que vivem em contextos caracterizados pela pobreza.

Entretanto, os recursos financeiros desses jovens podem esconder o problema ou protegê-los melhor, mas não são suficientes para reduzir o consumo de drogas nessa parcela da juventude. Nos seus espaços de circulação, que vai do escolar até os de lazer, é visível a combinação jovem e drogas.

Esse fenômeno tem provocado efeitos perversos na vida desses jovens e de suas famílias. As drogas provocam atitudes nessa juventude, antes só imaginada em pessoas que

eram premidas pela miséria. É grande o número deles que, em estado de dependência, passam a realizar roubos para sustentar o seu vício¹⁰¹.

Para sustentar o vício, muitos desses jovens passam, também, a comercializar a droga. Muitas vezes, pegam uma quantidade do produto, ficam com uma parte para consumo próprio, e revendem a outra, fazendo assim parte do circuito da ilegalidade que impera na atualidade.

Nos locais que habitam ou estudam esses jovens, também há venda de drogas, apesar dessa clientela buscar também em outros locais, como por exemplo, em favelas. Assim como nas outras áreas, também há lugares conhecidos pela comercialização desses produtos, as chamadas “bocas de fumo”. Mas, em qualquer lugar que esses jovens circulem, tem sempre alguém disposto a comercializar para eles esses produtos.

4.2. Drogas lícitas

Como foi mencionado, vários são os tipos de psicotrópicos que têm sua comercialização permitida no país. Como o objetivo do nosso trabalho é apontar os problemas sociais que essas substância podem causar no momento em que elas passam a ser circuladas, gostaríamos de esclarecer alguns pontos para evitar possíveis mal entendidos. Não é nossa intenção afirmar que todos esses tipos de drogas causam estragos à população, até porque estamos cientes dos benefícios que algumas podem produzir para a humanidade. Destacamos

¹⁰¹ Não queremos afirmar que esses jovens passam a utilizar a prática do roubo exclusivamente devido à busca por substâncias alucinógenas. Apenas identificamos uma intensificação dessa prática a partir do momento em que ele se envolve com esses produtos. A dependência química pode levar à prática de pilhagem para a manutenção do vício, seja em qualquer classe social que o drogado se inclua.

o uso da morfina, que alivia a dor daqueles que sofrem de alguma doença. Muitos tipos de drogas são vendidos livremente nas farmácias e utilizadas como medicamento¹⁰².

Das drogas que têm sua venda permitida no Brasil destacamos o álcool¹⁰³ como uma ameaça à segurança dos jovens. Ele tem sido responsável, entre outras coisas, por acidentes de trânsito e de violência envolvendo a sua ingestão¹⁰⁴. Torna-se perigoso, principalmente, quando o seu consumo vem acompanhado da posse de armas que facilitam a realização de crimes.

Consideramos o álcool a droga mais integrada ao cotidiano dos jovens¹⁰⁵. Corroboramos com o trabalho realizado por Abramovay e Castro (2005) que diz, ao pesquisar sobre o consumo de drogas entre estudantes de escolas públicas e particulares do Brasil, que essa é a substância mais freqüente entre eles.

Acreditamos que esse fato acontece, principalmente, pelo maior acesso e por que há um esquecimento ou falta de informação de que o álcool é também um tipo de droga. Isso pode acontecer devido ao fato de ele estar disponível em qualquer espaço público. Há muitas divergências quanto à classificação de uma substância como alucinógena. Geralmente aquelas que são institucionalizadas acabam se integrando aos comportamentos sociais, ou seja, droga é direcionada à questão da legalidade.

Relacionamos a presença forte e constante das drogas, e em especial do álcool, no dia-a-dia da juventude também à questão do lazer. A falta de alternativas de diversão, e em especial na cidade de Maceió, tem levado ao consumo intenso desses produtos no meio

¹⁰² Entretanto, o mau uso de algum medicamento vendido livremente podem causar prejuízos à população. Destacamos aqueles que são direcionados para o emagrecimento. Sabe-se que nessa sociedade há uma “ditadura da magreza”, em que as pessoas, especialmente as mulheres, são orientadas a seguir padrões de beleza que têm como destaque o corpo. Isso tem provocado, sem qualquer controle, o uso desses produtos e, em muitos casos, a morte dessas pessoas.

¹⁰³ A venda do álcool é proibida apenas para os menores de dezoito anos. Entretanto, percebe-se que essa proibição é muitas vezes desobedecida.

¹⁰⁴ Esses problemas não se direcionam apenas a juventude, mas são visíveis os efeitos provocados nessa faixa etária.

¹⁰⁵ Mesmo constatando essa realidade, não queremos com isso estigmatizar a juventude como sendo a faixa etária mais exposta à bebida.

juvenil. Os bares espalhados pela cidade, principalmente, têm sido as opções de lazer encontradas por muitos jovens, o que leva à ingestão de álcool, por exemplo.

Acreditamos também que essa circulação de álcool é uma forma de empreendimento capitalista que visa ao lucro. Por ser legal, não há restrições quanto à procura de consumidores. Destacamos, dentre as possíveis formas de se buscar consumidor, as diversas propagandas sobre bebidas alcoólicas que trazem, geralmente, uma imagem de pessoas saudáveis e “malhadas”¹⁰⁶, como se a ingestão desse produto fosse trazer a mesma perfeição mostrada nos comerciais.

Ao contrário, como afirmamos anteriormente, o álcool tem sido responsável por um número considerável de mortes na população brasileira, destacando as alarmantes estatísticas¹⁰⁷ dos acidentes de trânsito que têm essa substância como causa principal, bem como de homicídios, ocasionados pelos excessos na ingestão do álcool¹⁰⁸.

Um fator importante sobre o consumo de álcool é que muitas pessoas que fazem uso dele garantem que só bebem socialmente, em ocasiões festivas ou eventos sociais. Como afirmou Abramovay & Castro (2005), esse tipo de atividade costuma ser muito comum entre a juventude, o que lhe retira o caráter de “de vez em quando”. Além do mais, nesses eventos são comuns os excessos, o que leva aos acontecimentos problemáticos ditos acima.

¹⁰⁶ Não podemos esquecer de que viver saudável e com o corpo perfeito tem sido uma busca constante das pessoas nos últimos tempos.

¹⁰⁷ Carlini-Cotrim (2002) fala que nas estatísticas, esse tipo de óbito aparece como causas externas, ou seja, situações de acidentes e de violência. Geralmente não mencionam que nesses acidentes e nessas violências muitos casos envolveram excesso na ingestão de álcool.

¹⁰⁸ Não queremos com isso fazer com que o álcool passe a ter sua venda proibida, até porque sabemos que muitas pessoas têm o hábito de ingerir esse produto e não cometem excessos que levam à morte.

CAPÍTULO 5 – AS CONSEQÜÊNCIAS DAS DROGAS E DA VIOLÊNCIA NA JUVENTUDE DE MACEIÓ

5. 1. Caracterização geral dos nossos entrevistados

Para a realização dessa seção, baseamos nossas informações e análises em entrevistas realizadas com estudantes que estão inseridos no quadro das escolas públicas e particulares da cidade de Maceió, sendo cinco de cada escola citada. Esses alunos entrevistados possuem idade que vão dos quatorze aos dezoito anos, sendo todos do ensino médio, com exceção de Fábio, que cursa a sétima série do ensino fundamental e Andréa, que cursa em conjunto duas séries: o sexto ano e o sétimo ano do ensino fundamental, modalidade de aprendizagem escolar chamada de supletivo, onde a pessoa realiza duas séries em um ano só. Ambos estudam em escolas públicas e estão numa situação chamada fora de faixa na vida escolar, encontrando-se em idade avançada com relação à série que estão cursando¹⁰⁹.

Ao realizar as entrevistas, não procuramos os jovens seguindo a igualdade, em termos quantitativos, no que se refere ao sexo, pois não é nossa intenção trabalhar com a questão de gênero. Buscamos sim localizar pessoas com quem fosse mais fácil nos aproximarmos e aquelas que sabíamos que se sentiriam mais à vontade em revelar as informações pretendidas. Por isso conversamos, dentre as dez entrevistas, com sete homens, sendo três estudantes de escolas públicas e quatro de escolas privadas, e três mulheres, sendo duas de escolas públicas e uma que está inserida no quadro das escolas privadas. Sentimos que ambos os sexos tinham muita coisa a nos dizer, nos ajudando, e muito, a entender o cotidiano de drogas e violência que circula na cidade de Maceió, sendo eles consumidores ou

¹⁰⁹ Essa situação de jovem estar fora da faixa de idade na vida escolar é um acontecimento comum entre eles, principalmente entre estudantes de escola pública. Muitos não conseguem levar os estudos de forma regular, ou porque precisam trabalhar para sustentar a si, e provavelmente também a sua família, ou porque não conseguem encontrar estímulos na vida escolar.

não. O interessante que podemos apontar com relação a isso é que não conseguíamos encontrar muitas diferenciações no que se refere ao arcabouço de informações que ambos os sexos puderam nos oferecer. Ou seja, todos, de alguma forma, tinham conhecimentos sobre a circulação das drogas, demonstrando que esse é um fenômeno que de certa forma está presente na vida de todos os jovens, independente do sexo.

Também buscamos ajuda, para a realização da nossa pesquisa, de quatro profissionais que fazem parte dos dois tipos de escola acima citados, entrevistando duas professoras que trabalham em escolas públicas inseridas na parte alta da cidade de Maceió e duas pessoas que trabalham em escolas privadas, sendo uma professora de uma escola localizada próximo à orla marítima e um professor instalado em duas escolas: um estabelecimento no bairro do Farol e outro próximo à orla marítima. Mesmo sendo os jovens a base das nossas informações, pois são eles o objeto de nossa pesquisa, esses trabalhadores, com o relato de suas experiências profissionais, nos ajudaram a complementar as informações que necessitávamos para entender a vivência da juventude e sua relação com as drogas e violência, pois geralmente são pessoas que participam do dia-a-dia dos mesmos.

Alguns dos nossos entrevistados possuem uma vida familiar que se enquadra nas formas tradicionais no que se refere a viver com mãe e pai sob o mesmo teto. Entretanto, como é comum na atualidade, temos entre eles aqueles que estão fora desses padrões, com alguns convivendo com mães que têm outros companheiros que não os seus próprios pais, o que significa que os seus genitores passaram por um processo de separação, também tão comum nessa época. Essa situação foi localizada tanto entre estudantes de escola particular quanto de escola pública.

Como era de se esperar, os valores da renda familiar citadas pelos estudantes de escolas privadas, mesmo alguns não sabendo ao certo, foram mais elevados do que os das

escolas públicas. Os que fizeram alguma referência, no caso os estudantes de escolas privadas, falaram em mais de 5 salários, o que permite, entre outras coisas, pagar os melhores colégios. Esses, aliás, chegam a receber dos pais dos nossos entrevistados uma média de seiscentos reais por mês para educar seus filhos, que é a mensalidade cobrada nas escolas frequentadas por parte dos nossos entrevistados.

Essa renda familiar mais alta talvez explique o fato de todos os estudantes de escolas privadas citados na nossa pesquisa não trabalharem, o que contrasta consideravelmente com os estudantes de escolas públicas, que afirmam realizar alguma atividade laborativa. Carlos, por exemplo, afirma trabalhar em troca de um salário mínimo, dando aulas de informática, enquanto Fábio, mesmo não afirmando o valor do seu ganho, afirma realizar bicos no bufett¹¹⁰ da tia. Sílvio diz que trabalha, mas não quis comentar sobre a sua atividade. As exceções encontradas nessas escolas foram para as mulheres, que afirmaram não realizar nenhuma atividade profissional. Os que mencionaram trabalhar estão realizando essa atividade sem carteira assinada, uma tendência bastante comum entre jovens ainda sem qualificação que buscam nos empregos precários uma alternativa de renda¹¹¹.

Descobrimos muitos jovens esportistas nessa nossa pesquisa, o que demonstra a importância dessa atividade para a vivência juvenil. Todos eles, sejam de escola pública ou privada, dizem realizar ou já terem realizado alguma prática esportiva, com exceção de Sílvio, Andréa e Amanda, ambos de escolas públicas, que dizem não realizar nenhuma atividade nesse sentido, seja dentro ou fora da escola. Entre os estudantes de escola pública, Carlos menciona que já fez capoeira e Fábio afirma fazer musculação. Segundo eles, essas atividades foram ou são realizadas fora da escola. Já entre os estudantes de escola privada, encontramos aquele que faz ginástica e caminhada (ambas fora da escola), como Bianca, ou mesmo aquele

¹¹⁰ Empresa responsável por organizações de eventos.

¹¹¹ Percebemos que são para os homens as maiores exigências de entrar cada vez mais cedo no mercado de trabalho, provavelmente, entre outras coisas, para complementar a renda familiar.

que fez natação e handebol, sendo o primeiro fora da escola e o outro na escola, como Arnaldo. Encontramos também, nesses mesmos estabelecimentos, a prática de aikodô, realizada por Beto fora da escola e atividades esportivas em geral realizadas por Roberto, na escola. Ricardo também costuma fazer handebol na escola e musculação em uma academia. Sendo assim, percebemos que essas atividades são bastante valorizadas pelos nossos jovens, que eles procuram preencher o seu cotidiano com elas. Entretanto, nos pareceu mais visível que as escolas privadas investem mais nessas atividades, talvez como uma das formas de atrair mais alunos para os seus quadros. Da mesma forma, os recursos financeiros encontrados nesses estudantes certamente permitem a realização dessas atividades fora desses estabelecimentos.

Com relação ao bairro que eles habitam, os de escola privada estão inseridos em localidades com melhores condições de infra-estrutura, o que geralmente lhes garante melhores condições de habitação. Dos cinco entrevistados dessas escolas, quatro (Bianca, Beto, Arnaldo e Ricardo) afirmaram morar em bairros próximos à orla marítima. Essa proximidade geralmente supõe que são locais que não cresceram de forma desordenada, sendo as ruas geralmente asfaltadas, com iluminação pública e próximas a centros comerciais e de lazer, como, por exemplo, o maior shopping da cidade. Já Roberto, que afirma morar no bairro do farol, mesmo não tendo a proximidade com a orla marítima, está inserido numa localidade que é referência em termos de habitação da cidade de Maceió. Quando a parte baixa da cidade não conseguia mais comportar o número de pessoas que se instalavam lá, esse bairro se tornou refúgio para muitas pessoas que, de certa forma, dispõem de um capital para pagar moradias mais adequadas. Nele podemos encontrar uma maior proximidade com alguns dos melhores pontos comerciais, inclusive com o comércio central da cidade¹¹².

¹¹² Sobre a construção e desenvolvimento desses bairros, ver Normande (2000)

Já os estudantes de escolas públicas por nós entrevistados, estes estão inseridos no quadro de moradia mais precária, localizada na parte alta da cidade de Maceió. Essa localidade é conhecida, geralmente, por abrigar moradores que não conseguiram se instalar em locais mais próximos da parte central, provavelmente porque seus ganhos não são suficientes para o pagamento de moradias mais valorizadas pelo mercado imobiliário. Mesmo não podendo fazer afirmações generalizadas sobre essa parte da cidade por ser uma localidade de grande extensão de terras, podemos afirmar que ela teve um crescimento desordenado, em muitos casos produzindo áreas com péssimas condições de habitabilidade, com problemas que incluem a falta de saneamento, a falta de estrutura das escolas públicas, a falta de atendimento médico, as deficiências nos transportes coletivos, a violência, entre outros¹¹³. Silvio chega a afirmar que o seu local de moradia é semelhante a uma favela. Fábio também faz reclamações sobre o seu bairro, afirmando, por exemplo, que é um lugar com poucas ruas calçadas e pouco policiamento. Todos afirmam que moram no Tabuleiro, com exceção de Sílvio, que diz habitar no bairro chamado Santos Dumont. Destacamos, a seguir, um depoimento de Sônia, profissional de uma escola pública no bairro do Tabuleiro, que percebe a precariedade de algumas partes dessa área da cidade, no caso o local que ela trabalha:

Extremamente precária. É um bairro de periferia, longe do centro da cidade. Há um crescimento desordenado no bairro, casas populares foram surgindo sem nenhuma estrutura. Além do mais, tem uma favela ao lado da escola que possui uma série de problemas, entre eles a violência.

As entrevistas de Amanda e Andréa, de escolas públicas, por exemplo, foram realizadas na própria residência das mesmas, o que nos permite fazer algumas observações além daquelas que foram transmitidas por nossos entrevistados. Ambas moram no bairro do

¹¹³ Para ter mais informações sobre a ocupação da parte alta da cidade de Maceió, ver, também, Normande.

Tabuleiro, próximo à feira do local. Nas duas situações encontramos ruas não asfaltadas, com casas humildes e com pouca iluminação pública. Realizamos essas entrevistas em um período chuvoso e logo fomos surpreendidos pelo desabafo dos moradores que afirmaram sofrer nessa época com a invasão das águas da chuva em suas casas. Entretanto, uma situação de penúria mais elevada encontramos em Andréa. A sua residência, como tantas outras que percebemos no local, não possuía pintura nas paredes e nem cerâmica no piso. Entretanto, o mais terrível foi constatar que a sua posição não era a das piores dentre as muitas famílias que lá habitam, pois logo ao lado havia a existência de muitas casas construídas com lona, sem banheiro e sem a menor condição de habitabilidade. Percebemos que crianças andavam quase sem roupa pelas ruas e que as mulheres lavavam as louças, se é que se pode chamar assim os utensílios desses locais, fora dessas “residências”, dentro de bacias e baldes. Com isso, constatamos que há uma pobreza maior instalada dentro da própria pobreza, ocorrendo uma diferenciação também dentro dos próprios bairros de periferia.

Podemos também acrescentar que há uma diferenciação entre nossos entrevistados com relação ao local de estudo. Todos os estudantes das escolas públicas por nós entrevistados estudam em escolas que estão inseridas nos mesmos bairros que eles habitam, ou muito próximo a eles, o que nos permite antecipar que os problemas encontrados nos bairros se refletem nas escolas em que eles estudam. Elas se localizam, como já afirmamos, na parte alta da cidade de Maceió, distribuídas em locais como Tabuleiro, Clima Bom, Santos Dumont. Já entre os estudantes das escolas privadas não podemos encontrar essa unanimidade, pois Roberto diz morar no bairro do Farol e estudar na Jatiúca e Arnaldo afirma morar na Cruz das Almas e estudar no Farol. Por isso, as escolas privadas freqüentadas por nossos entrevistados concentram-se mais em localidades próximas à orla marítima, sendo apenas uma instalada no farol, mesmo assim numa parte do bairro que fica muito próxima ao centro.

Com relação à estrutura interna dessas escolas, encontramos características que diferenciam bastante esses estabelecimentos. Algumas entrevistas por nós realizadas foram feitas dentro desses locais, o que nos permite, também, fazer algumas observações além do que dizem os nossos entrevistados. Com relação às escolas privadas, sentimos uma melhor estrutura no prédio do que nos das escolas públicas. Eles são, por exemplo, amplos, com as paredes e o piso extremamente limpos. Há uma variedade de funcionários nesses estabelecimentos realizando as mais diversas atividades, desde a função de limpeza, de portaria, e de pessoas que ficam nos corredores observando todo o movimento da escola, inclusive utilizando instrumentos tecnológicos para se comunicarem entre si. Pelo que podemos perceber, cuidar da estrutura dessas escolas é uma exigência do mercado, conseguindo essas escolas angariar mais alunos através desses requisitos. Não houve entre os entrevistados dessas escolas, seja aluno ou professor, aquele que reclamasse da organização desses estabelecimentos. A seguir destacamos o depoimento de Poliana, professora de uma dessas escolas, que demonstra a realidade dita acima:

É uma escola bem grande, com uma preocupação bem grande com a questão física. Chega a ter quase cem funcionários de serviços gerais, né, para arrumar, né. É uma escola muito bonita, uma arquitetura muito arrojada. A escola se preocupa muito com a questão estética. Nunca vou me esquecer, uma pessoa da classe baixa disse: nossa, Poliana, essa escola parece um *shopping center*. Não parece, mas foi o jeito dela dizer que aquela escola é muito bonita. Todos os anos eles fazem reforma, todos os anos fazem pintura, todas as salas têm ar condicionado¹¹⁴.

Em termos de material, essas escolas também estão bem servidas, geralmente possuindo em sua estrutura bibliotecas e laboratórios que são utilizados pelos alunos. Os professores contam com a ajuda para as suas aulas de equipamentos como data show,

¹¹⁴ Isso não significa dizer que todas as escolas privadas encontram-se nessa mesma situação, mas que é comum, em um tipo de escola como as que nós pesquisamos, que provavelmente abarca uma parcela da classe média alta da cidade, incluir esses mecanismos para atrair essa parcela da juventude.

retroprojetor, computadores ligados à internet¹¹⁵, entre outros. Toda a estrutura dessas escolas certamente ajudará no processo de qualificação desses jovens, auxiliando-os com mais facilidade na corrida pelas poucas vagas existentes no mercado de trabalho.

Entretanto, a realidade presenciada nas escolas públicas foi bastante diferente. Aqui se torna mais fácil ainda fazermos considerações além do que foi dito pelos nossos estudantes, não só porque realizamos algumas entrevistas dentro dessas escolas, mas principalmente porque temos experiência profissional em uma delas. Com relação ao prédio, apesar de muitos serem bonitos e amplos, não conseguimos perceber a mesma limpeza que está presente nos outros espaços acima mencionados. Há sujeira não só no chão como principalmente nas paredes, que são alvos constantes de pichações produzidas por seus alunos. As frases ditas nesses rabiscos variam, podendo existir as que são relacionadas à torcidas organizadas do futebol ou mesmo frases pornográficas. Entretanto, são bastante comuns as que fazem referências às drogas. Há também a existência de muitas cadeiras quebradas, entre outras coisas, devido ao vandalismo praticado por alguns alunos.

Entretanto, isso não significa que essa prática de riscar paredes, quebrar cadeiras ou mesmo sujar a escola seja exclusiva ou aconteça mais entre os estudantes de escolas públicas, e sim que nesses estabelecimentos não há a quantidade de funcionários e nem a utilização de câmeras que geralmente inibem esses atos. Poliana, inclusive, afirma que no horário do intervalo os alunos da escola que ela trabalha, que é privada, sujam o chão mesmo existindo lixeiras espalhadas por toda a escola, como podemos ver a seguir:

No intervalo, apesar de ter muita gente limpando, toca e já tem gente limpando, então um visitante não vai perceber isso, mas quem tá ali... Tem um monte de

¹¹⁵ Poliana chega, inclusive, a dizer que esses materiais existem em todas as salas do ensino médio. Norberto também comenta sobre a existência de computadores em quase todas as salas em uma das escolas que ele ensina.

lixreira, chega a ter lixeira de três em três metros, mais ou menos, e mesmo assim o lixo no chão é incrível. É todo tipo de lixo. Lata de refrigerante, saco de salgadinho, papel, guardanapo, canudo, chiclete no chão, pipoca que eles derrubam, uma sujeira¹¹⁶.

É possível que, como foi discutido pelos professores desses estabelecimentos privados, quando ocorra alguma atitude de vandalismo como pichações e quebra de algum material, a escola já tome, imediatamente, providências para refazer o dano que foi causado. Entretanto, eles não acreditam que os estudantes dessas escolas realizem tal ato. Como geralmente encontram tudo muito limpo, é mais fácil eles se habituarem a manter isso limpo. Ou, como diz Norberto, não teria graça para eles, por exemplo, pichar uma parede que imediatamente seria limpa, não permitindo aos outros visualizarem o seu ato de “rebeldia”:

Eu acho que não faz pela vigília, pelo temor de represália e eu não sei se eles fariam mesmo. Parece quando algo já tem uma brecha, por exemplo, já tem uma parte pichada... fazer uma pichação é quase uma continuação do que já começou. Mas como o colégio é todo limpo, que eles sabem que não adianta pichar que no outro dia a coisa vai estar pintada, então não vai fazer efeito nenhum à pichação dele, porque quem picha, picha para ser visto. Ele vai pichar correndo o risco de sofrer represália, e no mesmo dia, ou no outro, a pichação já não vai estar lá, o seu ato de insubordinação, de rebeldia, não vai surtir efeito nenhum, só vai surtir efeito para eles mesmos. É até uma questão de inteligência dos alunos não picharem, porque só vai sobrar para eles, a mensagem não vai ficar registrada.

Por isso, acreditamos que atos como os de pichar paredes, quebrar cadeiras, entre outras coisas, são ações de rebeldia praticadas por parte da juventude, que muitas vezes precisa desses requisitos para ser notado diante do grupo, independente da classe que se inclua. A falta de recursos das escolas públicas para reverter práticas desse tipo acaba contribuindo para que essas atitudes fiquem registradas por mais tempo, atingindo o objetivo desses jovens, que é mostrar aos seus pares o seu ato e não serem punidos.

¹¹⁶ Esse ato de sujar no intervalo também foi mencionado por Norberto.

O interessante é perceber que a prática de vandalismo, como pichar paredes e quebrar material, acontece nas escolas públicas, principalmente quando esses alunos estão sem aula, o que não é uma coisa difícil de acontecer nesses estabelecimentos. Todos reclamam da falta de professores, contrastando com os das escolas particulares, que não tem esse problema em sua rotina. Sobre essa falta, destacamos depoimento de Sônia, que é professora de uma escola da rede estadual, e logo depois, o de Poliana, que menciona a raridade desse ato:

Faltam muitos professores. Ou porque não tem, que o Estado não contrata professores que estão faltando, principalmente para as áreas de exatas, ou porque tem o problema de que os próprios professores costumam faltar às aulas. Além do mais, tem o problema das greves constantes do estado. Os nossos alunos terminam o ano letivo sem ter visto todo o conteúdo.

Não há costume de falta, ao contrário, eles seguem a risca as regras da escola, até porque há uma exigência disso. Todos os anos se faz uma reunião sobre isso. A escola não chega a ter uma punição grave sobre isso, ameaça que vai descontar. Só fica na ameaça, por enquanto. Quando um falta, outro professor assume, alguém no departamento assume. Muito difícil uma turma ficar sem professor. Vai para a informática, fica assistindo um filme com alguém da disciplina.

Esses depoimentos confirmam as nossas afirmações feitas anteriormente, a de que os estudantes das escolas públicas estão cada vez mais concluindo seus estudos sem capacidade de entrar na disputa pelo reduzido mercado de trabalho que encontramos na atualidade. Isso acontece, entre outras coisas, porque o próprio Estado não tem compromisso com a qualidade do ensino público, já que permite que as escolas funcionem sem um número de professores suficientes exigidos para completar a carga curricular, não mantém uma estrutura digna para esses profissionais trabalharem, como por exemplo, não contrata funcionários para auxiliarem os mesmos nessa árdua tarefa que é educar e, também, permite que essas escolas passem pelas constantes e longas greves dos seus profissionais, que buscam apenas uma justa remuneração diante da responsabilidade que tem a sua função, que é produzir novos cidadãos. Sem querer

justificar a falta de compromisso de alguns desses profissionais com a educação, que não cumprem com suas obrigações, que é estar na escola repassando os conteúdos para os alunos, acreditamos que muitos estejam faltando porque já estão cansados, seja pela falta de estrutura que lhe é imposta, seja porque não consegue vislumbrar grandes resultados na sua prática profissional. Podemos perceber isso na fala de Sônia, que vivencia esse cotidiano:

Acho que os próprios professores estão desestimulados. Não há incentivo, falta material para trabalhar. Para você ter uma idéia, o prédio em que trabalhamos não oferece nenhuma estrutura. Só possuímos giz para trabalhar. Os alunos, muitas vezes, fazem o que querem em sala de aula, não têm respeito mais pelo professor.

Por isso, as escolas públicas, muitas vezes inseridas dentro de bairros precários, sofrem da mesma precariedade que afetaram consideravelmente a vida dos jovens que precisam dela para a sua formação. Talvez isso explique as dificuldades que eles sentem de se qualificarem, como por exemplo, fazendo um curso superior, ou de se instalarem no mercado de trabalho. Sendo assim, destacamos, mais uma vez, o desabafo de Sônia sobre as condições desses estabelecimentos e os reflexos na vida de seus estudantes:

Faltam funcionários, faltam professores, falta vontade de trabalhar desses profissionais porque nessas condições ninguém consegue trabalhar com vontade. Falta uma política educacional que mostre aos nossos alunos que pelo caminho da educação é melhor do que o caminho das drogas. Porque a educação do jeito que está o aluno não a vê como um caminho. É muita greve, faltam professores. No nosso caso não há uma biblioteca estruturada, não há laboratório, a escola é suja. Fica difícil trabalhar porque o aluno não quer mais aquela aula em que o professor só tem garganta e o giz para expressar alguma coisa. É como eu disse: os alunos terminam o ano e são empurrados com a barriga para o ano seguinte sem saber quase nada. Muitos não sabem nem escrever, o que se supõe que não sabem ler, pois as duas coisas estão implicadas. Desse jeito não tem como o aluno entender ou gostar do que o professor diz, porque ele não conseguiu aprender o conteúdo anterior que é fundamental para entender o seguinte. Então falta muita coisa.

O dia-a-dia dos nossos jovens entrevistados tem semelhanças e diferenciações nos dois contextos de renda por nós pesquisados. A maioria preenche suas manhãs com as aulas proporcionadas pelo colégio. Buscam, no período da tarde, ocupar seu tempo de alguma forma. Sílvio e Carlos, por exemplo, trabalham nesse período, já os demais estão em atividades relacionadas à sua qualificação e à prática de esporte. Entretanto, os estudantes das escolas particulares por nós entrevistados se ocupam mais com requisitos relacionados aos estudos. Bianca, Roberto e Beto, por exemplo, costumam, em algumas tardes, assistir aulas que reforçam o conteúdo passado pela escola. Arnaldo faz cursinho na tentativa de entrar no Cefet. Arnaldo e Beto fazem curso de inglês. Esse quadro reforça ainda mais as nossas reflexões feitas anteriormente, de que os estudantes de escolas privadas, por terem mais condições, conseguem investir mais em sua qualificação, ampliando mais as possibilidades de ingressarem no mercado de trabalho.

Já entre os estudantes de escola pública, são nítidos os problemas que serão enfrentados pelos mesmos para se inserirem nesse mercado de trabalho. Como foi dito acima, as escolas não conseguem garantir uma formação para esses alunos competirem pelos poucos empregos disponíveis e nem eles podem manter um ritmo de vida dedicado à qualificação, só possuindo apenas o horário da escola para tal feito, e que mesmo assim está permeado das dificuldades que discutimos acima. Por isso, sobram poucas chances de sobrevivência para as pessoas que se inserem nessas condições:

Percebo que nossos alunos estão com uma defasagem. Eles geralmente são fracos nas disciplinas, passam de ano sem saber o conteúdo do ano anterior. Não sabem ler, escrever, não conseguem fazer reflexões. Muitos dos nossos alunos não conseguem entrar em uma universidade. Muitos só conseguem emprego de vendedor, de caixa de supermercado. Não é que eles não sejam bons, acontece que não há estrutura para eles. (Sônia, professora de escola pública).

No restante, os jovens gostam de preencher a sua semana de forma parecida. Gostam, como qualquer jovem dessa época, de estar no computador, de ver filmes e estar com os amigos e namoradas ou namorados. Nos finais de semana procuram encontrar esses amigos e sair, geralmente para shows, festas. Temos também, entre os nossos entrevistados, aqueles que não gostam dessas saídas, preferindo o convívio com a Igreja, como no caso de Amanda, ou mesmo a situação de Andréa, que não costuma sair porque sua mãe não deixa. O que ficou nítido para nós nessas entrevistas é que esse lazer feito por esses estudantes de escolas públicas e privadas não são nas mesmas localidades. Eles não costumam freqüentar os mesmos espaços, com exceção talvez da praia ou shopping. Essas festas e shows geralmente são em lugares diferentes para esses dois grupos de jovens.

Como as saídas não são as mesmas, bem como as escolas e o bairro, geralmente não há muita possibilidade desses jovens tornarem-se amigos. Esses espaços são lugares privilegiados para se fazer amizade, o que nos faz perceber que as relações de amizade geralmente se dão entre jovens pertencentes à mesma classe. Bianca, de escola privada, por exemplo, diz que *“Nunca tive oportunidade. Assim... até porque os lugares que eu freqüento não vai”*. Essa situação também é nítida no restante das entrevistas feitas com estudantes de escolas privadas, o que nos leva a afirmar que o fator renda interfere não nas escolhas das amizades, mas nas oportunidades dos jovens se encontrarem e manterem relação entre si, gerando situações de contato que possibilitem criar laços afetivos.

5 2. A juventude e as drogas em diversos contextos de renda

Tornou-se nítido para nós, através dessa pesquisa, que na vida desses jovens a possibilidade de envolvimento com experiências alucinógenas é muito grande devido, entre outras coisas, ao fato de as drogas terem se transformado em um fenômeno muito próximo do seu cotidiano. A presença constante desses produtos no dia-a-dia da juventude pôde ser

identificada através da fala dos entrevistados. Mesmo a maioria admitindo que não faz uso de drogas¹¹⁷, como por exemplo das ilegais, sendo apenas Roberto o único a afirmar que possui o hábito de fumar maconha, geralmente eles admitem que conhecem alguém com o hábito de consumir esses produtos ou mesmo identificam os locais geralmente utilizados para o consumo e/ou venda desses produtos. Já o uso de álcool foi identificado com mais facilidade entre os entrevistados, fazendo uso dele não só os mesmos como os seus amigos mais próximos. Apenas Amanda, Andréa, Arnaldo e Bianca disseram não consumir bebida alcoólica. Bianca, inclusive, diz não se agradar do gosto, mas admite que já experimentou. Andréa não sai muito de casa, quando o faz é para ir à escola e junto com a mãe. Já Amanda frequenta a Igreja Universal, que proíbe o uso de drogas.

A possibilidade de ocorrer esse envolvimento aumenta pelo fato da circulação das drogas existir em diversos espaços percorridos pela juventude, podendo ser no ambiente escolar, no local de moradia, nas atividades de lazer etc. Não há, entre os jovens aqui pesquisados, seja ele de escola pública ou particular, aquele que de alguma forma não tenha relatado algum episódio envolvendo a ingestão dessas substâncias, reforçando a nossa suposição de que esse é um fenômeno muito próximo do seu cotidiano. A proximidade maior, entretanto, foi encontrada nos relatos de Roberto que, como afirmamos anteriormente, faz uso não só do álcool, mas de uma substância ilegal que é a maconha, e de Bianca, que afirma ter um irmão com o hábito de usar também, além do álcool, uma droga ilícita, no caso também a maconha.

Essas entrevistas nos confirmaram, também, o que pensávamos inicialmente: o fenômeno do envolvimento dos jovens com as drogas se dá de forma bastante intensa e democrática. Sentimos a intensidade não só pelos vários episódios relatados, sobretudo pelos

¹¹⁷ Já havíamos afirmado anteriormente que os depoimentos geralmente eram negativos com relação ao seu envolvimento com as drogas, em especial as ilegais, e que não conseguíamos identificar a veracidade dessas afirmações por ser esse tema um tabu devido à questão da ilegalidade.

detalhes narrados, que vão desde o conhecimento dos lugares mais costumeiros para o consumo, passando pelas informações sobre os pontos de venda e as drogas mais consumidas, até, muitas vezes, as referências de seus preços. Para nós, são informações que geralmente só podem ser fornecidas por alguém que de certa forma presencia de perto esse fenômeno, mesmo que não esteja diretamente envolvido com o seu consumo. Para saber de tais coisas é preciso, geralmente, estar de alguma forma dentro desse mundo, fazer parte dele de alguma maneira, principalmente quando se fala em detalhes da circulação das drogas ilícitas, pois, por fazer parte do mercado ilegal, exige-se que ela esteja envolta de certas obscuridades.

A democracia desse fenômeno está relacionada, como já havíamos pensado anteriormente, ao fato de a circulação das drogas existir em diversos segmentos sociais, ou seja, não há restrições de classe, de gênero ou de cor para o envolvimento e/ou conhecimento sobre as drogas. O conhecimento detalhado sobre a circulação de drogas, por exemplo, nos foi transmitido por pessoas que apresentam diversos contextos de renda, fornecido tanto por homens como por mulheres e que tinham diversas cores, desde o branco, passando pelos pardos até os de cor negra. Os episódios de consumo e/ou de violência também refletiam essa democracia. Nossos entrevistados relataram o envolvimento de pessoas com drogas nos dois contextos de renda, em que tanto mulheres quanto homens foram personagens de tramas envolvendo o consumo das drogas. Entretanto, essa democracia limita-se, no nosso ponto de vista, a essas observações porque, como veremos adiante, os efeitos se dão de forma bastante diferenciada, em especial quando apresentam contextos de rendas diferenciados, que foi o ponto que buscamos identificar na nossa pesquisa.

Antes de prosseguirmos com as nossas reflexões, queremos reafirmar que quando falamos em drogas com nossos estudantes, a idéia que sempre vem à cabeça são aquelas que são apontadas, através da lei, como drogas ilícitas. Por isso, no decorrer desta seção, será

visível, também, o destaque dado às substâncias que circulam no mercado ilegal, pois muitas vezes elas são apontadas como mais problemáticas.

5. 2. 1. A circulação de drogas nos diversos espaços percorridos pela juventude

5. 2. 1. 1. A circulação de drogas pelos bairros

Para conhecermos detalhadamente a intensificação da presença de drogas entre a juventude, destacaremos essa circulação nos diversos espaços percorridos pelos nossos jovens, demonstrando primeiramente, como ela acontece nas duas partes da cidade de Maceió citadas acima, ou seja, a parte alta e a parte baixa da cidade, mais especificamente os locais próximo à orla marítima. Começaremos mostrando depoimentos dos estudantes que relatam a existência dessas substâncias em cada local mencionado, que para nós são demonstrações das afirmações feitas acima, as de que essas substâncias circulam em diversos contextos de renda e de que também é um acontecimento visível na atualidade para qualquer pessoa, mesmo que ela não esteja envolvida no seu consumo. Começaremos então com a exposição da fala de Carlos, morador e estudante da parte alta da cidade, que faz a seguinte afirmação:

O local que eu moro, moro também próximo à escola, né, e na escola, perto dela, existe um canto que é muito escuro, que é a Telasa. Eles colocaram esse apelido que lá realmente tinha torre que era da Telasa, e ali à noite tem uns bancos e fica muito escuro, né. Então ali que é feito todos os usuários de drogas.

Depoimentos dos profissionais dessa parte alta da cidade também refletem essa percepção de que é intensa a circulação de drogas nessa área, produzindo várias

conseqüências não só para os jovens, mas para a comunidade como um todo. Sônia, por exemplo, diz que *“Quase toda semana há casos de mortes. Tem muitos assaltos mais eu acho que o principal são as drogas”*. Joelma, que trabalha e mora no local, por conta dessa vivência, acaba fazendo essa associação entre drogas e violência:

O bairro atualmente está com uma violência enorme. É morte de adolescente semanalmente. Na minha porta mesmo eu sinto o cheiro. [...] Já cheguei a ver carros em altas horas da noite, os dois carros pararam perto e trocaram sacolas. Provavelmente é droga. Um passa arma um para o outro. Tá ficando comum [...].

Como se pode ver acima, quando se fala em um contexto em que circulam drogas, provavelmente há também, junto a esse fenômeno, episódios de violência, o que confirma a nossa relação feita anteriormente. Por isso, depoimentos sobre como é o dia-a-dia dessa parte alta da cidade vêm sempre acompanhado de relatos sobre ações criminosas, de conflitos como os que foram expostos por Fábio:

Existe violência. É a área mais afastada da capital, aí tem aquele pessoal metido a maloqueiro, aí pronto, começa a formar aquela patotinha. Certas pessoas que não podem passar em certos lugares, entendeu, porque já tem conflito, alguma briga, sabe que se passar ali, o pessoal vai estar ali, entendeu?

Com relação aos estudantes das escolas privadas, que falaram com bastante intensidade sobre a circulação de drogas na orla marítima, mais especificamente na praia de Ponta Verde e Jatiúca¹¹⁸, destacamos as afirmações de Roberto, na sua afirmação de que *“geralmente na praia é topado. Aqui em baixo é muita droga”* e Beto, que diz que essa

¹¹⁸ Não queremos com isso afirmar que as drogas circulem apenas nessas praias.

circulação “*depende do horário, a parte da praia, mais tarde, eu identifico*¹¹⁹”. Bianca, por exemplo, relata como acontece a venda de drogas ilegais nas praias da cidade de Maceió, a Jatiúca:

Tem na praia, na balança da Ponta Verde tem uns pontinhos que vende. Que eu saiba só esses pontos. [...] No Posto Sete também vende. Eles passam e diz: olha a Maria, olha a Maria. A gente sabe que é Maria Ruana, sabe? [...] É uma coisa que só quem consome, que tá no meio, sabe o que é, entendeu? É o que fica circulando. (Bianca, escola privada)

Entretanto, esses depoimentos geralmente não têm a intensidade dos relatos de violência que constatamos na parte alta da cidade de Maceió, o que nos leva a fazer a seguinte afirmação: a de que são essas periferias da cidade que possuem um maior cotidiano de violência, em especial os que envolvem a relação com as drogas. Os motivos para essa constatação serão expostos no decorrer desta seção. Por ora, nos interessa reafirmar que são os moradores desses locais que acabam sendo as maiores vítimas dessa trama que envolve episódios de drogas e violência.

5. 2. 1. 2. A circulação de drogas nas escolas públicas e privadas

Essa percepção da circulação de drogas pelos nossos estudantes não se limita aos seus locais de moradia. As escolas em que esses estudantes estão inseridos foram mencionadas, também, como lugares passíveis para a existência desses produtos. Entretanto,

¹¹⁹ Como essa entrevista foi realizada no horário da tarde, ele se refere à noite como o período mais provável de existir consumidores de drogas.

nas escolas particulares, não há a identificação de consumo dentro das dependências das escolas, apenas a existência de usuários que utilizam essas substâncias fora desses espaços, ou que já entre nestes após fazerem uso desses produtos. Dentre os estudantes por nós entrevistados, nenhum afirmou que tenha presenciado algum estudante consumindo dentro desses estabelecimentos. Eles apenas ouviram histórias de episódios envolvendo drogas dentro dessas escolas, como essas:

Já ouvi falar que umas meninas foram pegas com loló no banheiro. Aí elas foram expulsas do colégio e tal, mais nunca vi nada não. Expulsaram elas até porque elas já não eram boas alunas. Aí depois dessa, tiraram. (Bianca, escola privada).

Nunca vi mais sei que eles consomem. Eles consomem mais lá fora. Dentro da escola não, porque tem câmeras. [...] Já ouvi um caso de um menino que estava usando no banheiro, porque no banheiro não tem câmeras. Mas eu não vi. (Arnaldo, escola privada).

Essas afirmações para nós demonstram que há sim consumidores existentes entre os estudantes tanto de escolas públicas quanto de particulares. Entretanto, nas privadas, é comum a utilização de mecanismos que inibem o consumo dentro desses locais. Entre eles destacamos a utilização de câmeras, mencionadas nos depoimentos dos estudantes, bem como nas entrevistas dos professores Norberto e Poliana. O número de funcionários existente em grande quantidade nessas escolas também reforça a inibição do uso dessas substâncias. Entretanto, a vigilância também pode vir dos próprios alunos, que comumente avisam quando ocorre algum movimento suspeito envolvendo drogas. Interessante perceber é que nessas escolas, para atrair mais alunos para o seu quadro, necessita-se incluir na sua estrutura itens que mantenha vigilância sobre o comportamento dos jovens, entre eles o uso de drogas. Provavelmente, sua reputação estaria abalada, e também a quantidade de seus “clientes”, se ela fosse conhecida como um local em que costuma circular droga. O depoimento abaixo

confirma esses motivos que levam os alunos que consomem drogas a evitarem esse tipo de comportamento no seu local de estudo¹²⁰:

Tem toda uma questão de fiscalização aqui. Assim, se você vai consumir alguma coisa dentro da escola, você vai ter que se entocar em algum lugar, se esconder, obviamente. Tem muita vigilância, obviamente. E os próprios alunos também se virem uma coisa dessa podem falar. (Beto)

O local mais mencionado para o consumo dentro da escola, ou seja, o espaço onde se desenrolaram os episódios que nossos entrevistados ouviram falar foi o banheiro. Dentro dele, como afirmou Arnaldo, só há câmeras nas entradas e, provavelmente, não vai ter funcionários seguindo seus passos. As festas que ocorrem na escola são também mencionadas como momentos em que os jovens aproveitam para utilizar essas substâncias.

O que nos chamou atenção sobre essas questões foi à afirmação de alguns de que os profissionais dessas escolas sabem que parte de seus alunos são usuários de drogas. Entretanto, os seus esforços são geralmente voltados para que esse consumo não seja feito dentro da escola, nos passando a sensação que o tema droga e violência não é uma prioridade desses estabelecimentos. Apesar de Poliana e Norberto, professores desses locais, afirmarem que de vez em quando há a realização de atividades envolvendo essas discussões, alguns jovens por nós entrevistados falam da raridade ou inexistência desse tipo de atividade. Bianca, por exemplo, afirma que *“Durante dois anos que eu estou na escola eu nunca vi uma palestra sobre drogas”*. Arnaldo, inclusive, diz que é muito difícil a escola incluir em sua rotina palestras ou debates¹²¹. Segundo alguns estudantes, é comum a inércia desses

¹²⁰ Pode acontecer também que esporadicamente o uso seja pego pela direção da escola. Entretanto, como veremos adiante, esses episódios não são revelados para o restante da comunidade escolar.

¹²¹ É bom salientar que não estamos afirmando que palestras ou debates sobre drogas sejam a solução para o problema do envolvimento dos jovens com essas substâncias. Apenas nos parece que não há muita preocupação desses estabelecimentos com esse problemática, procurando informar, ou mesmo debater com os jovens sobre essa questão.

estabelecimentos¹²² para com esses fatos, seja porque não se preocupam com o assunto, seja porque não sabem como lidar com ele:

Não, acho que eles nem imaginam. Acho que pode ter alguns que saibam, entendeu? E se souber não adianta nada. E parece que não sabe porque ninguém faz nada. (Roberto, escola privada).

Além do mais, a atitude desses estabelecimentos de expulsar os alunos que realizam esse ato dentro da escola, reforça a nossa suposição de que eles não querem “manchar” sua imagem com esse tipo de episódio. Acreditamos que não há muito a preocupação em ajudar o usuário, e sim mantê-lo afastado do seu quadro. Poliana, inclusive, relata episódios dessa expulsão:

Foram expulsos. Expulsos não que é contra a lei, foram convidados a se retirar da escola. Qualquer aluno que usou ou levou para a escola, foi convidado a se retirar da escola. [...] Outro caso foi um grupo de meninas, que foram pegadas no banheiro cheirando loló. Foram cinco meninas e as cinco foram convidadas a se retirar, mesmo quem não usou a droga. (Poliana, professora de escola privada).¹²³

Sentimos, também, que há uma preocupação desses estabelecimentos privados em manter sigilo quando sabem da existência de algum aluno envolvido com droga. Muitas vezes, como afirmam Norberto e Poliana, esse assunto é escondido até dos professores que trabalham nessas escolas. Duas explicações para esse tipo de atitude podem ser dadas no momento: primeiro é a de que a escola não está querendo, como afirmamos acima, ter seu

¹²² Como veremos adiante, a inércia não é exclusiva desses estabelecimentos. Toda a sociedade, de certa forma, cala-se para o problema da relação juventude e violência.

¹²³ Adiante veremos que essa ação de retirar alunos que são pegos com drogas nas escolas acontece mais com relação às drogas ilícitas.

nome ligado a essa questão e, segundo, e não menos importante, seria porque ela tenta preservar o jovem que está envolvido nessa situação, a pedido, inclusive, dos próprios pais:

Há um cuidado muito grande para que as coisas não se espalhem, cuidar da privacidade do aluno. A gente nem sempre fica sabendo. Por exemplo, um aluno tinha até um problema, tinha dislexia, e ele faltou que só. Disseram que ele tinha viajado. Meses depois eu encontrei com o primo dele do outro colégio e disse que ele tinha viajado para cuidar de intoxicação. Mas o colégio não informou. Então eles têm muito cuidado. (Norberto, professor de escola privada).

Percebemos, através dessas informações, que os jovens de escolas privadas conseguem maior privacidade quando estão em estágios mais avançados de envolvimento com drogas. Eles são privilegiados, também, quando conseguem obter tratamento para livrá-los dessa dependência. Infelizmente, essa situação não pôde ser identificada entre os jovens que habitam os bairros de periferia.

Poliana afirma que essa atitude de esconder dos professores a realidade dos alunos, que não é só o envolvimento com drogas, acaba afetando o seu cotidiano profissional. Ela precisa, para desenvolver um melhor processo de aprendizagem, conhecer a vida dos seus alunos, saber dos seus problemas, das suas angústias para então desenvolver um trabalho que esteja de acordo com o estado emocional desses jovens. Como ela sabe que esses problemas afetam, de alguma maneira, o aprendizado, conhecendo o tipo de vida que levam esses estudantes, ajudará na forma que ela irá trabalhar com eles. Sobre isso ela afirma:

Eu sinceramente não tenho informação, a escola é muito fechada em relação a isso. A gente fica sabendo isso pelo zonzuzun dos alunos. [...] Isso não é só com as drogas não. A escola não abre quando o aluno tem pais separados, quando o aluno tem problema de alcoolismo na família, quando a mãe se matou. Os professores não ficam sabendo disso. A escola se justificou que os professores não têm maturidade

profissional para tratar de um problema desse. Eu contra argumentei: se o professor não tem maturidade para tratar um tipo desse, a escola errou em contratar um professor desse, porque ele é um péssimo profissional. Vou contar um caso: uma aluna completamente desatenta, desinteressada. Aí eu fui até a direção e perguntei. Não é que a mãe dela se matou. Eu disse: porque vocês não falam para a gente, porque a gente fala: fulana, venha aqui, ou então respeita aquele momento. [...] Essa é a minha grande preocupação, de um professor brigar com um aluno, com razão, sem saber as condições emocionais daquele aluno. (Poliana, professora, escola privada).

Tornou-se perceptível para nós, também, que a preocupação maior desses estabelecimentos é com o repasse dos conteúdos das disciplinas normais que estão no currículo educacional, como matemática, história, geografia, etc. Repassar da melhor forma possível para os seus estudantes tornou-se uma forma de sobrevivência dessas escolas, principalmente, porque há uma exigência de que elas joguem nas universidades o maior número de alunos possível, tornando-se assim conhecida pela aprovação no vestibular, tornando mais fácil o ingresso de novos membros para os seus quadros. É o foco tanto da escola, como da sociedade como um todo, pois os familiares desses estudantes também visam isso ao colocar seus filhos nessas escolas, ou seja, o ingresso desses jovens no mercado de trabalho mais qualitativo que é oferecido. Segundo Roberto, de escola privada, a escola se preocupa mais em *“passar no vestibular, ter um maior número na lista dos aprovados. No ensino privado a gente aprende a ser capitalista”*. Poliana, que é professora de um desses estabelecimentos, afirma que esse objetivo é atingido. Sem ser um dado realmente científico, ela fala que geralmente 100% dos alunos conseguem ingressar em um curso superior ao término do ensino médio. E desses 100%, 50% geralmente são incluídos nas universidades federais, o que reforça as nossas afirmações de que esses jovens estão com mais capacidades de buscarem uma melhor colocação no mercado de trabalho, pois têm mais acesso aos requisitos para a sua qualificação.

Norberto fala que nas duas escolas que ele leciona há também muita preocupação em colocar no ensino superior o maior número de alunos possível. Entretanto, ele afirma que essa realidade é especialmente visível no tipo de escola que ele chama de mais “moderna”, ou seja, criada mais recentemente e que já nasceu dentro de uma visão mercadológica que visa ao ingresso no vestibular. Já na outra escola que ele trabalha, mais antiga e que ele chama de tradicional, ela procura colocar mais projetos, tocar em outras coisas que não a realização dessas provas. Entretanto, como essa questão faz parte da própria sobrevivência dessas escolas na atualidade, elas acabam tendo que se adaptar a essa realidade. Por isso, essa escola passou a criar, também, atividades visando à entrada dos jovens nas universidades.

Voltando ao tema da circulação de drogas, como podemos perceber acima, alguns alunos costumam avisar à direção ou coordenação da escola quando há usuários de drogas dentro da escola. Entretanto, a situação oposta também acontece. Podemos identificar nessas entrevistas que alguns alunos costumam não se envolver com o problema da relação de outros alunos com o consumo de drogas. Eles não têm o hábito, por exemplo, de avisar à direção da escola quando acontece alguma coisa. Entretanto, pelo que podemos perceber em algumas entrevistas, isso acontece, principalmente, por medo de represália, que nessas escolas geralmente se dá através da exclusão desse estudante que fez a denúncia, como podemos perceber através do depoimento abaixo:

Dentro da escola tem, só que na baixa. Entre os alunos todo mundo sabe. Não tem nenhum aluno que não sabe porque é uma coisa aberta. A coordenação eu acho é que não sabe. Se alguém falar para a coordenação, imagina, ele vai ser excluído mais ainda, entendeu? Então todo mundo é conivente, ninguém fala nada. (Roberto, escola privada).

Já nas escolas públicas os alunos conseguem identificar mais facilmente consumidores dentro desses estabelecimentos. Carlos, estudante de uma dessas escolas, chega a dizer que *“É uma coisa que a gente vê como normal, do dia-a-dia”*. Segundo os entrevistados, os alunos costumam entrar com ela seja escondida no corpo, seja na mochila que leva para a escola, no bolso da roupa, etc, ou mesmo já chegam à escola após terem consumido o produto. Sônia e Joelma, que trabalham em escolas públicas, percebem quando alguns alunos entram em sala de aula após terem consumido alguma droga:

Eu nunca vi nenhum aluno consumindo, mas já cheguei a perceber algumas diferenças de comportamento em alguns que às vezes atribuo ao consumo de drogas. Às vezes acho que é o álcool. [...] Às vezes agressivo, às vezes fica dormindo demais na aula e os próprios alunos chegam a afirmar que é por conta das drogas. Cheguei a perceber em um aluno que ele estava cambaleando, falando demais, rindo demais, e achei que ele não estava em plena consciência. (Sônia)

Como se fosse outra pessoa, como se ele quisesse aparecer na sala. Aí começa a brincadeira que incomoda os colegas, palavões, vá tomar não sei aonde. Agora tem colegas de trabalho que já viram, mas eu não vi não. (Joelma)

Fábio relatou um episódio de um estudante que consumiu drogas e foi para a escola após esse consumo:

Uma vez um amigo meu consumiu, foi para a escola e estava subindo a escada e ficou tonto, entendeu? Aí encostei nele para disfarçar. Ele começou a ficar vermelho. .

Como assinalamos, os lugares mais comentados para esse consumo também são os banheiros¹²⁴, sobretudo nas festas que acontecem dentro da escola. Muitos alunos já entram com o produto na escola, mas também é comum a realização da venda dentro dela, segundo os depoimentos de Fábio, Andréa e Silvio. Esse último chega a afirmar que existem traficantes dentro da escola, que são alunos das escolas, e que ele mesmo conhece um. Aqui percebemos que a falta de estrutura dessas escolas como, por exemplo, a falta de funcionários, permite uma maior liberalização desse consumo e venda dentro dela. Andréa chega a afirmar que viu um aluno oferecendo a droga para vender:

Eu vi um garoto dentro da escola falando que vendia loló, só que tava perguntando quem queria comprar. [...] às vezes é brincadeira, mas no outro colégio que eu estudava eles falavam e vendiam dentro da escola.

Por isso, a falta de funcionários que controlem a presença dessas substâncias nas dependências da escola vem causando a impressão de que são os alunos das escolas públicas os que estão mais envolvidos com o uso de drogas. Entretanto, como podemos perceber, a desorganização de alguns estabelecimento, proporcionados principalmente pela ausência do Estado, de controle, de intimidação, entre outras coisas, tem causado uma visualização maior do consumo de drogas entre esses estudantes:

Na escola não tem guarda nesse portões, só tem um funcionário que fica olhando o horário de entrar. Mas não tem ninguém assim, que amedronte o aluno, que o aluno tenha um receio de entrar com aquilo. Não tem ninguém que fique nos corredores, então o aluno fica muito solto. Não tem ninguém para cobrar nada deles ali dentro. (Joelma, professora de escola pública)

¹²⁴ Joelma, professora de uma escola pública, relata um desses episódios de consumo no banheiro, afirmando, inclusive, que isso é feito em turma e que todos estão ali para garantir que esse ato não será flagrado pelos profissionais da escola, utilizando para isso, de avisos para alertar quando os mesmos estão chegando: “Quando eles estavam usando a droga dentro do banheiro, que o diretor ia passando, os que estavam fora soltaram uma bomba para alertar os que estavam no banheiro. Eles fingiram que estavam fumando cigarro”.

Podemos perceber no que foi dito acima que é comum entre as pessoas que fazem parte dessas escolas o conhecimento de usuários e traficantes dentro desses estabelecimentos. Entretanto, assim como acontecem nas escolas privadas, ninguém costuma fazer nada para resolver ou prevenir esse problema. Como acontece nas outras escolas por nós pesquisadas, as privadas, há pouco trabalho de informação. O máximo que essas escolas proporcionam é a realização de algumas palestras e debates. A falta de estrutura também prejudica e nos faz pensar que, como há uma carência de funcionários, provavelmente essas escolas não contam com a ajuda de psicólogos para ajudar a amenizar o problema. Quando essas escolas resolvem tomar alguma atitude com relação às drogas, geralmente é chamando o batalhão escolar, tratando assim o problema meramente como um caso de segurança. O interessante é perceber que o uso desse batalhão só foi citado entre as pessoas que convivem nas escolas públicas. Ninguém das escolas privadas se referiu a esse instrumento em seus estabelecimentos, o que nos leva a refletir sobre a seguinte questão: o problema das drogas entre os pobres está sendo tratado como um problema de polícia¹²⁵. No depoimento de Joelma, podemos ver um relato de uma dessas ações:

Eu até estranhei. Quando eu tô na sala de aula, aí chegou um guarda na porta. Aí eu perguntei: aconteceu alguma coisa? Ele respondeu: não, a gente ta fazendo uma revista aqui. (Joelma, professora de escola pública).

Muitos profissionais dessas escolas ou não sabem como lidar com o assunto e/ou ficam com medo de sofrer represálias quando resolvem tomar alguma atitude. Entretanto, essa possível represália é vista de forma diferente daquela que acontece nas escolas privadas. Ela

¹²⁵ Falaremos mais sobre isso adiante, no quesito que relata as ações policiais em diversos contextos de renda.

não se limita à questão da exclusão, como vimos nas outras, e sim à produção de um sentimento de medo que toma conta dos alunos, direção, coordenação, professores e funcionários de que isso possa chegar, entre outras coisas, a sua morte por causa das ações do tráfico¹²⁶. Eles acreditam que alguns alunos podem estar envolvidos em episódios de violência e que tenham o hábito de andar armados¹²⁷, inibindo assim qualquer tipo de ação, como podemos ver a seguir através do depoimento de uma pessoa que trabalha em um desses estabelecimentos:

É muito ruim. A gente fica com medo de impor autoridade a alguns alunos porque a gente sabe que alguns andam armados. [...] Eu nunca vi mais escuto muito falar que existem muitos alunos armados. Talvez não tenha no horário que eu ensino, que é na manhã, mas à tarde e à noite existe muito. Um estudante da tarde foi preso roubando fora da escola. Ele estava armado. E o interessante nisso é que dizem alguns professores dos outros horários que esse problema é mais no ensino fundamental. Esse mesmo que foi preso roubando ele é do fundamental. Muitos que se envolvem em roubos, que andam armados, estão fora de faixa. (Sônia, professora de escola pública)¹²⁸.

Andréa mesmo, que é estudante de um desses estabelecimentos, fala de ameaças sofridas por professores e alunos quando estes flagram o consumo de drogas dentro das escolas:

Porque assim, eles ficam com medo porque alunos mesmo da escola ameaçam professores. [...] Dizem que vai bater, que vai matar. [...] Nessa que eu tava mesmo um aluno ameaçou um professor porque o professor viu. Aí ele disse que se o professor falasse para a direção ele ia matar o professor. [...] Teve até um garoto

¹²⁶ O medo de represália, que leva à não realização de denúncias, não acontece apenas com relação às atitudes que envolvam drogas. Amanda, por exemplo, diz que foi ameaçada quando viu pessoas fazendo rabiscos na parede do banheiro, e que preferiu, por conta disso, não informar à direção da escola: “só sei que uma vez eu entrei no banheiro e duas meninas estavam pichando o banheiro. Eu vi assim, eu fiquei espantada. Aí ela falou: cala a boca se não você vai ver. [...] Aí eu fiquei calada, eu não ia falar porque se não. (Amanda, escola pública).

¹²⁷ Acreditamos que o número de alunos das escolas públicas que andam armados é uma minoria. Entretanto, essa é uma possibilidade que não pode ser negada. Andréa, inclusive, afirma que numa escola pública que estudou, alguns alunos tinham essa prática: “Nessa que eu tô agora não sei não, mas na outra que eu estudava eles entram com faca, dessa faca grande, com arma dentro da escola”.

¹²⁸ Joelma, também professora de uma escola pública, chegou a afirmar que a direção comentou na sala dos professores do estabelecimento que ela ensina que um aluno entrou armado.

que ameaçou uma menina lá dentro da escola que eu estudava porque ela não queria usar. Porque ela tinha visto e ele falou que se ela não usasse, ele ia matar ela.

A situação das escolas públicas nos pareceu ser, através desse depoimento, bastante complexa: os professores estão sendo contratados para dar formação aos jovens que ingressam nesses estabelecimentos, sendo responsáveis pela transmissão dos conteúdos, dos valores da sociedade, devendo repassar noções de cidadania, de ética, de disciplina, etc. Para esse serviço, necessita-se que haja uma certa hierarquia, em que esses estudantes devem obedecer e respeitar os professores para que esses itens sejam transmitidos da melhor forma possível. Entretanto, parece que há uma inversão de valores. Alguns alunos, através da imposição do medo, muitas vezes pela arma, estão intimidando esses profissionais, invertendo a posição na hierarquia, em que ele passa a mandar mais que o professor.

Os professores desses estabelecimentos já agregaram um sentimento de medo em suas vidas, de modo que qualquer atitude que eles venham a tomar com relação aos alunos já produz um pavor de que estes venham cometer alguma espécie de vingança. Esse medo tem dificultado bastante o trabalho desses profissionais. Atos comuns de repreender estudantes quando os mesmos encontram-se “filando” nas avaliações são evitados pelos professores, porque têm sido motivo de tortura psicológica para esses profissionais, mesmo que não ocorra nenhuma indicação de que esse aluno fará alguma coisa para se vingar. O que se percebe é que há uma antecipação do sofrimento, como podemos ver através do depoimento de Joelma:

O ano passado mesmo eu cheguei a ter um problema com um aluno que era usuário de drogas. Eu cheguei a repreendê-lo quando peguei ele filando na prova. Tomei a prova e fiquei com medo. Eu passei a noite sem dormir pensando porque eu tinha feito aquilo e com medo de que no outro dia fosse acontecer alguma coisa, ou depois. No outro dia eu cheguei a conversar com ele, tentando me justificar porque eu tinha feito aquilo. Mas na realidade, mesmo sabendo que eu estava certa e ele

errado; mas eu fiz isso com medo que ele fizesse alguma coisa. (Joelma, professora de escola pública)

Essa inversão na posição hierárquica pode estar começando cada vez mais cedo. Como disse Sônia, que trabalha em escola pública, esses estudantes geralmente são do ensino fundamental. Mesmo estando fora da faixa, ou seja, com idade mais avançada, se supõe que estes alunos estejam incluídos mais ou menos na idade dos quatorze anos e que podem transmitir esses valores aos outros alunos menores, numa probabilidade de haver imitação desse tipo de comportamento. Ou seja, o uso de arma pode acontecer cada vez mais cedo na nossa sociedade. Carlos chega a comentar sobre essa inversão de autoridade que acontece nas escolas públicas:

Os professores querem ter, passar para a gente o certo e o aluno sempre quer ter razão e passar por cima da autoridade do professor, né. Então é sempre o aluno contra o mestre, que é o professor. (Carlos, escola pública).

Afrontar o professor também é uma situação sentida nas escolas privadas. A crise de autoridade, inclusive, é um dos aspectos presentes na atualidade. É comum o desrespeito aos pais, às leis e, também, aos professores, setores que tradicionalmente a sociedade obedecia por considerar fundamental para a sua organização. Norberto, inclusive, foi um dos que comentou essas atitudes de alguns alunos, muitos sob o efeito de drogas, de responder aos mestres.

Como podemos perceber, essas escolas sofrem com os mesmos problemas dos bairros em que estão localizadas, lugares marcados pela circulação de drogas e de ações criminosas. São lugares especialmente marcados pela presença do tráfico, o que nos leva a

manter a posição de que há a possibilidade de alguns alunos desses estabelecimentos ou de moradores próximos a essas escolas, inseridos em um contexto de dificuldades financeiras, encontrarem nessas atividades uma alternativa, seja de sobrevivência, seja de visibilidade social, etc.

Além do mais, elas não possuem estrutura para lidar com toda essa problemática existente na vida dos alunos. Muitas vezes as famílias, que geralmente atravessam um processo de desestruturação, jogam para esses estabelecimentos toda a responsabilidade no processo educacional de seus filhos¹²⁹. Sem saber como lidar, por exemplo, com as agressões e o envolvimento dos estudantes de drogas, essas escolas têm encontrado como “ajuda” a repressão, sendo a polícia esse instrumento.

5. 2. 1. 3. A circulação de drogas nos espaços de lazer da juventude

Os momentos de lazer são, sem dúvida, os preferidos pela juventude para o uso de drogas. Tanto os estudantes das escolas públicas quanto os das escolas privadas dizem observar consumidores nos lugares em que eles freqüentam para se divertir. Dentre as formas de lazer, há um destaque especial às festas e shows que acontecem nos finais de semana. Esses são locais preferidos, segundo alguns dos nossos entrevistados, para o consumo de drogas pela juventude¹³⁰. Isso acontece, acreditamos, porque a própria droga é uma forma de diversão, combinando assim com essas saídas.

¹²⁹ Essa situação também pode ser identificada em outros contextos de renda. Muitas vezes os pais dos jovens de escolas privadas envolvem-se em demasia em quesitos profissionais que se afastam da educação direta de seus filhos, jogando essa responsabilidade para as escolas, cursos, etc.

¹³⁰ Já havíamos apontado, inclusive, que nas festas que acontecem tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares, há o consumo de drogas pelos jovens que a freqüentam.

Nas escolas públicas, destacamos mais a entrevista de Fábio que nos pareceu um jovem que frequenta esse tipo de atividade, apesar de que os outros dizem conhecer jovens que circulam nesses lugares. Segundo Fábio, seus amigos e ele costumam frequentar shows de forró e discotecas e consumir álcool nesses lugares. Entre as drogas ilícitas, ele afirma que seus amigos usam maconha e loló nas suas saídas de final de semana.

Já os estudantes de escolas privadas, que como pudemos observar, geralmente frequentam festas e shows diferentes dos estudantes de escolas públicas, mencionam que em qualquer espaço que eles pensem em ir há o consumo de drogas.

A diferença entre os tipos de drogas de um lugar para o outro se dá de acordo com o poder aquisitivo das pessoas que as consomem. Os lugares mencionados pelos estudantes das escolas públicas geralmente são frequentados por pessoas de poder aquisitivo menor, permitindo apenas a compra de alguns tipos de drogas, como loló e maconha, que são mencionadas como drogas mais baratas. Já nos lugares que circulam os estudantes de escolas privadas, encontramos drogas mais caras como o LSD e a cocaína, pois o poder aquisitivo dessas pessoas permite que elas possam usufruir dessas substâncias. Entretanto, não desconhecemos que há também o consumo de drogas mais baratas nessas localidades, como o uso da maconha e loló. Acreditamos que quando uma substância requer uma quantidade menor de dinheiro facilita mais o uso de drogas em qualquer extrato em que a pessoa esteja, especialmente se ela já está passando pelo processo de vício e que precisa cada vez mais de drogas para saciar sua vontade.

5. 3. Por que os jovens se drogam?

Encontrar motivos que levam a juventude a ser usuária de drogas não é tarefa fácil. Várias podem ser as explicações para esse ato porque isto envolve muito a questão da subjetividade, ou seja, das escolhas, opiniões, dos juízos das pessoas, das emoções, sensações, etc. Essa diversidade de causas pode ser constatada nas entrevistas que realizamos, onde nossos jovens entrevistados não conseguem encontrar uma resposta única.

Entretanto, de acordo com as nossas entrevistas, podemos lançar algumas reflexões sobre os motivos que levam alguns jovens a se envolver com drogas¹³¹. Em primeiro lugar, lançamos a necessidade de vivência em grupo como uma das possibilidades que os levam à experimentação, ou mesmo consumo de drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas. Essas substâncias podem facilitar, do nosso ponto de vista, a participação em algum grupo que o jovem queira entrar. Se esse grupo que ele está querendo se inserir, ou está inserido, faz uso dessas substâncias, é provável que ele tenha curiosidade ou mesmo vontade de consumir para se sentir mais incluído “na turma”. Acreditamos que não seja fácil para um jovem, ou para qualquer outra pessoa, andar com um grupo que normalmente sai do seu estado normal de consciência com a utilização das drogas, e ele permanecer no estado “normal”. As conversas, as sensações, etc., serão diferentes para ambas as partes. Por isso, ver o grupo, ou parte dele, consumindo drogas poderá trazer uma curiosidade para os jovens, pois estes estão passando pelo processo de descoberta, de experimentação de experiências, como podemos perceber no depoimento abaixo:

Eu tenho curiosidade porque eu vejo meu irmão, meus amigos, eu saio com ele às vezes, mas ele não deixa eu provar. O meu irmão não deixa eu provar mas ele pode. Eu tenho curiosidade. [...] E a galera que eu ando também usa. Só que eu vejo o povo viajando ali e eu digo meu Deus, o que é que esse povo sente. Eu tenho muita curiosidade mas a consciência não deixa porque eu não sei se eu for experimentar

¹³¹ Lembrando que não é o objetivo principal da nossa pesquisa trabalhar de forma detalhada sobre os diversos motivos que levam os jovens a consumir drogas, até porque estamos focalizando, principalmente, os efeitos externos desse consumo na juventude como um todo.

vou sair ou não dessa, aí é melhor não arriscar. Mas eu tenho curiosidade. (Bianca, escola privada).

Essas questões podem ser complementadas por uma informação passada pelos nossos entrevistados: a de que são os amigos que, geralmente, influenciam no início do consumo de drogas. São eles que, na grande maioria das vezes, oferecem a droga para ser experimentada. Isso reforça a nossa suposição de que a vivência em pares, tão comum nessa época, pode envolver o consumo dessas substâncias. Entretanto, o contrário também pode ser dito: muitos jovens que dizem não consumir drogas e nem pretendem fazê-lo preferem não andar com pessoas que sejam usuárias, demonstrando que na vivência em grupo é comum a aproximação por afinidades, que dentre elas pode ser o consumo ou não de drogas. Essa não convivência com amigos que não consomem foi sentida especialmente por Arnaldo, de escola privada, Carlos e Amanda, de escolas públicas. Os três dizem não fazer nenhum uso de drogas, inclusive o álcool, e talvez por isso seja mais difícil conhecer ou conviver com quem tem atitude totalmente oposta. Mesmo Fábio, que conhece muitas pessoas que consomem drogas e assume não ter problema quanto a isso, fala que é melhor para quem não usa não andar com pessoas que tenham esse hábito para não ter curiosidade de experimentar:

Se afastar das pessoas que usam porque senão, elas vão usar perto de você e você vai ter aquela tentação. Se você for uma pessoa fraca, você vai usar também. (Fábio, escola pública).

Por isso, acreditamos que pode haver uma divisão na juventude através da utilização ou não dessas substâncias, afetando as relações espontâneas de amizade entre os jovens, pois o outro pode ser visto como uma ameaça ou um inimigo em potencial, aquele que pode levar

o jovem ao caminho das drogas. A consequência pode ser, em alguns casos, a identificação da necessidade de afastamento dos não usuários de drogas dos usuários dessas substâncias, pois esses últimos são identificados como um perigo para a sociedade. Os jovens podem não desenvolver relações espontâneas com seus pares com medo de que eles, de certa forma, estejam envolvidos com o consumo dessas substâncias e/ou com práticas violentas. Partimos do pressuposto de que esses fatores produzem estigmas nos usuários, dificultando a sua circulação nos espaços públicos. O usuário dificilmente é visto como vítima desse processo¹³². O depoimento de Sílvio reflete a importância que tem para alguns o afastar-se de um usuário de drogas:

Porque eu não vou andar com pessoas que fazem coisa errada. Já vi muita gente morrer porque tava andando com gente que fazia coisa errada. Morreu de bobeira, sem fazer nada. (Sílvio, de escola pública).

Esse afastamento é direcionado, principalmente, para os jovens que mantêm relações com o tráfico de drogas. Muitos acreditam que podem morrer ao desenvolver laços de amizade com quem esteja implicado nessas ações criminosas¹³³.

No que foi exposto acima, podemos perceber, entre outras coisas, que o fator curiosidade ou experimentação, comuns na juventude, pode levar ao contato com as drogas. Entretanto, isso não significa que a pessoa que resolveu realizar essa experiência se tornará um usuário de consumo irreversível. Acreditamos na possibilidade desse contato não passar de poucas experimentações. Poliana, inclusive, pela sua experiência profissional dentro de uma escola privada, acredita que há mais experimentadores do que consumidores no seu local de trabalho. Ela faz, inclusive, uma diferenciação desses dois tipos de uso: o experimentador e o consumidor, desenvolvendo, porém, uma preocupação com ambas as formas:

¹³² Veremos sobre essa produção de estigma no decorrer dessa seção.

¹³³ Como veremos adiante, quem mantém mais relação direta com o tráfico são os jovens de periferia, sendo para eles mais direcionado o pedido de afastamento.

O consumidor, que você percebe. Veja bem, é dentro do preconceito que você vai construindo ao longo da vida. Como é especulação, não tem nenhuma base científica. É pura especulação, e especulação é cheia de preconceito. Então pelo tipo a gente percebe que há sim o usuário. Geralmente começa com bebida, depois com cigarro, ou cigarro depois bebida. Entra na maconha, continua na bebida, continua no cigarro e entra em droga um pouco mais pesada. O experimentador quer saber, ouviu falar, tem um acompanhamento muito bom em casa, ouviu falar sobre a droga e aí quer saber. A preocupação da gente é se ele experimentar num momento não muito bom emocional dele ele poder se tornar um usuário porque a droga pode ser uma escapatória de algum problema dele.

Outra questão fundamental discutida por nossos entrevistados sobre o que pode levar os jovens a consumir drogas está na falta que o mesmo sente de algo. O mundo em que vivemos produz uma série de angústias, uma sensação de incompletude e frustrações, que podem levar ao consumo dessas substâncias como uma tentativa de preenchimento desse vazio existente. Esses produtos seriam como uma válvula de escape para os problemas, uma espécie de consolo¹³⁴ para os dramas desencadeados no dia-a-dia. O depoimento de Beto expressa bem essa situação:

Fuga de uma situação economicamente falando, ou amorosamente falando. Mas assim, fuga de um desconforto que tem com alguma coisa que aconteceu, alguma decepção muito grande e que ele arrumou um meio de fugir disso através das drogas. [...] É uma pessoa que tá passando por uma coisa ruim, uma decepção muito grande, uma coisa que abalou muito a vida dela, entende, e ela não consegue se manter. Tá passando por uma crise seja psicológica, seja o que for, uma crise. Tá num estado, sabe, dor muito forte e de algum modo a droga pode trazer isso, pode levar ela fora desse estado de dor. (Beto, escola privada).

Mas o depoimento que pode expressar melhor essa capacidade das drogas de “aliviar” os problemas do dia-a-dia é o de Roberto, por ser ele mesmo usuário não só do álcool, mas da maconha. Ele fala da sensação que elas podem produzir:

¹³⁴ Não estamos com isso querendo dizer que as drogas são a solução para esses problemas.

Geralmente a droga substitui alguma coisa, entendeu? As pessoas têm um problema e vai e entra nas drogas. Eu acho que é uma coisa interessante para abstrair o stress. É uma experiência interessante apesar dos efeitos. [...] Mas o efeito bom é o poder de abstração maior, você está relaxado e esquece das angústias e começa a pensar em coisas boas. (Roberto, escola privada).

Por isso, acreditamos que a venda de bebidas alcoólicas e o tráfico de drogas ilegais se fortalece diante da diversidade de problemas existentes na atualidade. A venda cresce também porque há um aumento de pessoas que buscam, como diz Arnaldo (de escola privada), refúgio nas drogas. Vários podem ser esses problemas existentes na atualidade e que podem influenciar no uso de drogas. Segundo Roberto, somos um país cheio de problemas, de angústias e incertezas que certamente influenciam na venda e consumo de drogas:

Acho que o problema está na raiz, e as drogas não são os únicos problemas dessa raiz. São todos problemas que estão envolvidos, e as drogas são só uma saída. O nosso Estado tem corrupção, entendeu, tem miséria. Você vê que a maioria da população é pobre, entendeu? Sei lá, você olha para a existência, fica meio descrente. Acho que o Brasil sofre muito dessa angústia, vive cheio de guerra, de desespero, cheio de coisa. Você olha para a história e só vê isso. A maioria das pessoas que eu converso sempre fala a mesma coisa: ah, o mundo não tem jeito não, os homens são muito egoístas por natureza e pronto. (Roberto, escola privada).

Um desses problemas pode estar instalado dentro das próprias famílias, como foi discutido por nossos entrevistados. A falta de amor, de atenção, entre outros, dos genitores para com sua prole é apontada como uma dessas faltas que o jovem sente na atualidade. Entretanto, isso não significa que as famílias de hoje não sejam amorosas com seus filhos, mas parece que na atualidade há uma maior saída dos pais para o mercado de trabalho, inclusive da mulher, que cada vez mais ou complementa o custeio das residências ou mesmo tornaram-se chefes de famílias, dividindo assim as suas atenções. Além do mais, as crianças e

jovens hoje cada vez mais não recebem apenas influência das famílias, sendo forte, por exemplo, as influências dos amigos e da mídia. Isso foi expresso no depoimento de Roberto:

Mas acho que deve ser por conta dos pais, falta de amor, falta de atenção. Porque essa geração minha é uma geração em que os pais são muitos ocupados. Acaba tendo outra influência que não a família. (Roberto, escola privada).

Sentimos que as famílias estão se esquecendo do seu papel de educadora para com seus filhos, jogando essa responsabilidade para a escola. Os jovens por nós entrevistados, por exemplo, clamam para que as famílias conversem mais abertamente com seus filhos sobre tudo, inclusive sobre drogas, e de preferência sem pré-julgamentos. Na percepção de Roberto, de escola privada, por exemplo, quando não há diálogo, não há como detectar o problema:

Ela deve ser mais aberta, começar a abrir mais a cabeça. Se abrir a cabeça pode-se começar a mudar, mas como é aquela coisa conservadora, o filho nunca vai dizer que consome droga pro pai.

A existência dos diálogos familiares foi mencionada por parte considerável dos nossos entrevistados, o que talvez explique, em parte, o fato de alguns se distanciarem das drogas. Arnaldo, por exemplo, de escola privada, diz que as famílias devem “*Ter mais diálogos, ter mais conversas e mais abertas*”. Carlos, Andréia, Amanda e Fábio, de escolas públicas, dizem que costumam conversar com seus familiares, sendo no caso desse último mais comum os diálogos com a mãe. Bianca e Beto, por exemplo, ambos de escolas privadas, conversam com seus pais sobre a curiosidade que têm de experimentar alguma droga, no caso

a ilegal, e que isso vem ajudando a tomar decisões, como podemos ver nos depoimentos abaixo:

Eu tenho um pai que conversa sobre isso, converso com meu pai sobre minha curiosidade. [...] pelo menos a tomar uma decisão consciente. Se eu chegar a usar, eu vou pensar nas conseqüências, eu vou saber o que eu to fazendo, decidir arcar com aquilo. (Beto, escola privada).

Eu chego assim para o meu pai: eu tenho vontade de experimentar maconha. Ai ele diz: é, mas tá bom né, nem queira porque você não sabe se vai sair ou não. Ai eu digo: pai, você já experimentou quando era adolescente? Ele diz que já mas é uma coisa que não tem nada a ver, aí fica desviando assunto. (Bianca, escola privada)

Entretanto, não desconhecemos a possibilidade de muitos jovens não se envolverem com drogas devido ao temor que sentem dos pais. O medo que Poliana, por exemplo, que é professora de escola privada, sentiu do pai quando era adolescente fez com que ela se afastasse dessas substâncias. Fábio, que é estudante de escola pública, diz que muitos dos seus amigos não usam drogas porque têm medo dos pais.

Por isso, acreditamos que a não participação da família na vida do filho pode contribuir para a entrada e permanência dele no consumo de drogas. Sentimos esse distanciamento através de informações tanto dos professores de escolas públicas, quanto das escolas privadas, que afirmam não perceber a presença dos pais e das mães no ambiente escolar. Se eles não procuram conhecer a vida escolar de seus filhos, acreditamos também que eles estejam ausentes em outros aspectos da vida deles. Através do depoimento desses profissionais, podemos sentir essa ausência:

Pelo menos as turmas que eu tenho nenhum pai até hoje... são o quê? Três anos que eu tenho experiência na área do ensino médio, até hoje nenhum. Só quando chega

no final do ano, né, se o aluno for para uma recuperação e estiver ameaçado de ser reprovado, então eles vão para a escola com unhas e dentes. Mas não é para conversar nem com o professor, e sim direto com a direção da escola. [...] tipo amedrontar o professor. Acha que se conversar com a direção ela vai intimidar o professor para passar o aluno. (Joelma, professora, escola pública)

- Vamos botar na reunião dos pais, tô sendo muito generosa, 40%. na primeira série, primeiro ano, dos pequenininhos, do ensino fundamental, 80% vão. Os 20% não foram naquele momento, porque aconteceu alguma coisa, mas em algum momento vão para a escola. Ou seja, você tem participação dos pais de 100%. No quinto ano isso cai para 60%. No nono ano do ensino fundamental cai para 40% de participação. No terceiro ano do ensino médio 30% vão e olhe lá e só se tiver dificuldade na tua disciplina, não vão para conversar, como é que tá meu filho? E principalmente que a gente tem um nível grande de recuperação. Eu já tive 30% de alunos em recuperação na minha disciplina que inclusive é dita como fácil, que é história. Se eu fosse professora de matemática eu estaria falando com você em 60% de recuperação, de alunos que não conseguiram tirar o mínimo. E mesmo assim os pais não vão. Eles não participam nem por causa da aprendizagem e muito menos por causa de comportamento. Até mesmo para receber elogio. Eu sou louca para conhecer um pai para elogiar um aluno, porque eu acho que o nosso trabalho é isso. Dizer, olha, você tá indo no caminho certo. [...] se o seu filho está em recuperação e você não vai para a escola, imagina saber onde ele vai. Só se ele aparece para a equipe técnica, mas para a gente... (Poliana, professora, escola privada).

Poliana, inclusive, chega a afirmar que não conhece a família dos alunos que ela sabe que estão envolvidos com drogas¹³⁵:

Inclusive os alunos que dizem que usam eu não conheço os pais deles. Há dois anos que eu estou com esses alunos e eu não conheço os pais deles. Eles não frequentam as reuniões. Inclusive essa menina que foi carregada da sala de aula não conheço a mãe, não tenho idéia quem seja. (professora, escola privada).

Não queremos com isso afirmar que a presença da família na vida dos filhos irá fazer com que eles não usem drogas, até porque sabemos que existem outros fatores que permeiam esse problema e muitas vezes determinam. Entretanto, não podemos deixar de perceber que a ausência dos pais na vida escolar, a sua falta de informação sobre problemas cotidianos do filho como namoro, amigos, a falta de diálogos, etc., podem sim contribuir para

¹³⁵ Norberto chega a dizer que só vão a escola os pais dos “bons alunos”. Os que eles tem alguma coisa para falar não aparece.

que eles encontrem nas drogas uma parceria de vida, já que não conseguem encontrar isso em casa.

Ainda com relação às famílias, podemos perceber que muitas sentem receio de que os filhos entrem para o mundo das drogas, seja ela ilícita ou lícita. Acreditamos que seja o medo de eles se envolverem em acidentes de trânsito ou em episódios de violência, tão comuns na atualidade. Entretanto, contraditoriamente, acontece de alguns pais exercerem ações que condenam, como podemos ver a seguir através da exposição de um usuário de maconha e álcool que estuda em uma escola privada:

[...] geralmente os pais não conversam com seus filhos. Às vezes os pais usam drogas e não querem que os filhos usem e dizem que nunca usou. É aquela coisa: faça o que eu digo mas não faça o que eu faço. Eu falo por meus pais, meu próprio pai faz isso. Ele fica bebendo e diz não faça isso. A gente se espelha muito na nossa família. A gente vê aquele comportamento e acaba sofrendo reflexo (Roberto, escola privada).

Por isso, não ignoramos a possibilidade de haver uma imitação do comportamento dos pais. Em muitos casos, os filhos crescem se espelhando nas experiências dos pais, tentando reproduzir o mesmo tipo de atitude desenvolvida pelos seus familiares mais próximos. Por isso, o discurso de algumas famílias contrário às drogas, seja ela ilícita ou lícita, não surtirá efeito se elas mesmas realizam a prática que tanto condenam¹³⁶.

Outra questão é que a própria droga, como dissemos anteriormente, é uma possibilidade de diversão. Abstraindo os discursos sobre os efeitos que ela pode proporcionar, a droga pode trazer sensações de euforia, de desinibição, de alegria, com poder de atração muito grande entre as pessoas. Ter a droga como uma forma de diversão é uma tendência que

¹³⁶ Veremos adiante que essa reprodução de comportamento ligado às drogas está especialmente ligado ao consumo de álcool, por ser uma substância legalizada.

aumenta, sobretudo quando se vive em uma cidade como Maceió, em que não há muitas opções de lazer. As opções que existem mais são bares, shows e festas que geralmente combinam com o consumo de bebidas alcoólicas ou outros tipos de drogas, pois essas substâncias ajudam a liberar esses ingredientes subjetivos que foram citados acima, como alegria, euforia, etc., itens que se associam a esse tipo de lazer.

Por isso, entre outros motivos, acreditamos que há várias possibilidades de o jovem consumir drogas. Essas substâncias, de fato, exercem um poder de atração muito forte na juventude. A entrevista de Norberto, professor de escola privada, esclareceu bastante esse fascínio exercido por essas substâncias. Segundo ele, elas têm a capacidade de transformar as pessoas em algo que elas não conseguem ser na vida real, provavelmente por viverem em uma sociedade produtora de angústia e incerteza. Por isso, destacamos o seu relato sobre a sensação produzida por um desses produtos, no caso a maconha¹³⁷:

A minha mente fica muito analítica, começa a analisar tudo, o mundo fica muito belo, o mundo parece uma obra de arte. [...] fico muito mais inteligente, eu fico percebendo as coisas e tal, tipo: uma pessoa fala uma frase para mim, eu analiso tudo. [...] Uma pessoa que não tem família legal, por exemplo, muito problema, ela usa algo e nesse momento essa coisa o transforma em super-homem. É claro, dependendo da sua cabeça, ela vai querer isso. Imagine, ela te transforma em super-homem, você fica mais corajoso, você se torna mais inteligente, é uma delícia. É como se você não tivesse nenhum efeito colateral, você só vê a delícia. (Norberto, professor de escola privada)¹³⁸.

Esse depoimento nos leva à seguinte reflexão: não é através da repressão, elemento muito usado na sociedade, que iremos resolver o problema do envolvimento da juventude com as drogas. Ele precisa preencher sua vida com algo que lhe dê prazer que não seja necessariamente essas substâncias. No momento em que os jovens precisam desses produtos

¹³⁷ Essa sensação refere-se apenas à maconha, não nos autorizando afirmar que seja a mesma produzida por outras drogas.

¹³⁸ É claro que esses efeitos dependem de cada pessoa.

para realizar alguma fuga do mundo real, eles se tornam presas fáceis nas mãos de traficantes, que os percebem apenas como fontes de lucro. Por isso, concordamos com as opiniões de Norberto quando diz que precisamos buscar vivências alternativas além das que esses produtos oferecem:

É tentar entrar na vida deles, colocar elementos para que ele não precise fugir. Ele não vai deixar de usar enquanto ele não tiver na vida coisas que lhe dêem prazer, que sejam legais, que façam com que ele se sinta bem. O que precisa ser feito é preencher a vida, até que ele precise só usar uma vez. [...] Eu, por exemplo, não fumo mais porque eu sei que é uma fuga, e eu tenho consciência de que eu não quero viver numa fuga. O adolescente não tem essa consciência. Ele quer ficar na fuga, fuga, fuga. [...] O adolescente precisa que coloque esses elementos. O adolescente só vai parar de ser usuário contumaz quando mudar a sua vida, porque a vida dele quando está sob o efeito da droga é muito diferente, não há motivo para parar. (Norberto, professor de escola privada).

5. 4. A juventude e o álcool

Já informamos anteriormente que a maioria dos jovens por nós entrevistados, no início das entrevistas, negou usar drogas ou, em alguns casos, conhecer alguém com essa prática. Com o andamento da entrevista, conseguíamos extrair a informação de que alguns deles, como também seus amigos, tinham o hábito do consumo do álcool. Era visível a naturalidade com que transmitiam essa informação.

Constatamos, então, que há um esquecimento ou desinformação de que bebidas alcoólicas fazem parte do quadro de substâncias alucinógenas e que elas também podem provocar a morte de muitos jovens devido, entre outros fatores, à ingestão de álcool, como os acidentes de trânsito e os homicídios provocados pelo excesso no consumo de bebidas alcoólicas. Acreditamos que isso aconteça porque no imaginário popular as drogas são identificadas mais como sendo aquelas que se encontram no campo da ilegalidade. Portanto,

por ser legalmente permitida a sua venda, o álcool, geralmente é fonte de estímulo para a juventude. Sônia, professora de escola pública, fala da frequência e dos problemas que essa substância acarreta no estabelecimento em que ela ensina:

Mas tem também o álcool que é muito consumido. É muito comum encontrar na praça em frente à escola alunos bebendo. Faltar às aulas para ficar bebendo. Tem um aluno que no final do ano deixou de frequentar a escola e eu perguntei aos amigos dele o que estava acontecendo. Eles me falaram que ele estava chegando bêbado em casa todos os dias e por isso a mãe dele resolveu não deixá-lo sair de casa, inclusive para a escola.

Poliana, Professora de escola privada, também afirma que os estudantes dessas escolas costumam consumir bebidas alcoólicas, demonstrando que esse uso, muitas vezes intenso, acontece em diversos contextos de renda:

Aí é outra coisa e é muito rápido. Eu pego ele no primeiro ano, ele tá saindo do fundamental. Então pouquíssimos bebem e geralmente os meninos. Quando passam o segundo ano e vão para o terceiro, eles já estão no final do ensino médio. Antes eles tinham acabado de sair do ensino fundamental. Para a sociedade ainda são crianças, estão entrando no ensino médio. Estão se tornando adolescentes, para a sociedade. No terceiro ano o consumo é bem maior. Quase todo mundo bebe socialmente e boa parte bebe muito, tanto que todas as festas deles têm bebida.

Como podemos ver acima, as festas¹³⁹ frequentadas por esses estudantes são os locais privilegiados para o consumo de bebidas. Muitos dizem beber socialmente. Isso não significa que eles abusam no consumo. Poliana, inclusive, fala que a maioria de seus alunos não costuma exagerar na bebida. Entretanto, como já afirmamos anteriormente, esses eventos geralmente são uma prática bastante comum entre a juventude, o que nos leva a pensar que esse é um ato muito corriqueiro entre eles. Esse consumo para nós está acontecendo cada vez mais cedo. Temos o exemplo de Sílvio nas nossas entrevistas, que afirma beber quase todos os dias, desde os quinze anos. Poliana mesmo disse que teve uma aluna alcoólatra no

¹³⁹ Poliana, professora de um estabelecimento privado, fala que nas festas de formatura, por exemplo, geralmente compostas por alunos menores de idade, tem sempre um médico contratado por eles, e que o maior número de medicamento que esse profissional leva para esse serviço é a glicose.

estabelecimento privado que ela ensina. Mas o que nos chamou a atenção dessa prematura atitude foi o depoimento de Andréa, de escola pública, que diz que “(...) *todas as amigas bebem. Vão para o pagode, show, bar. (...) Tem umas que fumam cigarro. (...) tem de 13, 14, 15, por aí*”.

Essas informações corroboram, como já dissemos, com a pesquisa realizada por Abramovay & Castro (2005) realizada em escolas públicas e particulares espalhadas pelo Brasil, inclusive a capital alagoana. Esta pesquisa constatou ser o álcool a droga mais inserida no cotidiano juvenil.

Identificamos também que nas escolas há uma maior condescendência com o álcool. Falamos isso especialmente para as escolas privadas, que têm atitudes extremamente contrárias no que se refere ao uso de drogas lícitas e ilícitas. Se um estudante for flagrado consumindo uma substância que tem sua venda proibida por lei, como vimos acima, ele provavelmente será convidado a se retirar dessa escola. Entretanto, a coisa muda quando envolve aqueles produtos de circulação legalmente permitida, como podemos ver no depoimento de Poliana, professora de um desses estabelecimentos:

Com relação à bebida, a escola é mais condescendente. Mesmo quem já consumiu bebida alcoólica ou cigarro dentro da escola não foi convidado a se retirar. [...] Nesses eventos que a gente faz, São João, baile de carnaval, poucos alunos se atrevem a levar bebida alcoólica pesada, cachaça, porque é mais fácil de levar. E os que foram pegos não foram convidados a se retirar da escola.

Da mesma forma que as escolas, acreditamos que os pais também são mais condescendentes com a bebida alcoólica. Muitos jovens, inclusive, realizam festinhas em casa que tem a presença do álcool. Isso foi especialmente sentido nas escolas privadas, na medida

em que Poliana afirma que seus alunos costumam realizar esse tipo de atividades nas suas residências com o consentimento dos pais.

Da mesma forma, como o álcool é mais consumido pela juventude, é provável que ele seja também uma droga mais consumida pelos pais desses jovens. Só que, por ser uma substância livremente permitida de circular, eles geralmente não têm a intenção de esconder esse uso, o que muitas vezes se faz à vista dos próprios filhos, acarretando uma possibilidade de imitação desse gesto. Sendo assim, não há como os pais desses alunos virem com discursos moralistas sobre os males que acarreta o álcool se eles mesmos reproduzem esse ato:

Não tem jeito isso né, o espelho e a referência de adulto é o pai, é a mãe, então eles vão fazer. Não tô dizendo aqui que um casal que não bebe de maneira nenhuma, que não fuma de maneira nenhuma está imune a ter filhos que bebam e fumem. Agora, que o primeiro exemplo de bebida e de cigarro é dentro de casa não tenha dúvida. Alguns têm até o exemplo de drogas mais pesadas, como eu já soube: há o meu pai usa, o meu pai usa. Aí ele acaba percebendo que se eu posso tomar um copo de cerveja, eu posso tomar uma dose de cachaça, se eu posso tomar uma dose de cachaça, eu posso fumar um baseado, se eu posso fumar um baseado, eu posso cheirar cocaína. (Poliana, professora de escola privada)

Sílvio, de escola pública, chega a comentar sobre essa imitação quando expõe os motivos para o uso do álcool, dizendo que *“Meu pai mesmo vive bebendo e eu acabo bebendo também. Meus amigos todos bebem e eu acabo bebendo”*. Isso demonstra que a possibilidade de reproduzir esse comportamento acontece em qualquer contexto de renda em que o jovem se inclua¹⁴⁰.

Muitos até nem querem que eles se envolvam com o álcool. Entretanto, em vez de orientar sobre esse consumo, apontando as suas conseqüências, por exemplo, geralmente afirmam que seus filhos só podem consumir álcool quando tiverem idade para isso e com

¹⁴⁰ Ricardo, de escola privada, afirma que começou a beber com o pai e os tios, nas festas entre família.

condições de por si só pagarem por esse consumo. Isso nos faz pensar que as drogas, principalmente à bebida alcoólica ou até mesmo o cigarro, podem ser portas de entrada para o mundo adulto. Poliana, inclusive, chega a dizer que muitos alunos afirmam que quando crescerem vão beber e fumar. Os jovens que têm essa oportunidade de consumir, muitos com o consentimento dos pais, podem chegar nas escolas espalhando o seu feito, gerando um sentimento de vontade nos seus colegas de fazer o mesmo, como podemos ver a seguir:

É, inclusive os pais fazem isso, do tipo quando crescer você faz. O meu pai dizia isso, quando você crescer e você trabalhar você faça esse consumo. Quer dizer, não há nenhuma orientação do que esse consumo possa trazer. Quando você crescer, você pode comprar, isso aí é problema seu. Meu pai falava isso, eu falei isso para o meu filho equivocadamente, acabei repetindo isso. Também existem pais que incentivam os filhos a beber desde os dez, doze anos. Tá numa festa, dá um gole, abre uma cerveja, não uma cervejinha só. O menino chega na escola, pô, tomei uma cerveja ontem, menino de doze, treze anos. Os outros vão dizer, pô, eu também quero. Tem toda essa mística da bebida e do cigarro. É como você falou, é uma porta para o mundo adulto, uma das portas, o sexo seria outro, a universidade seria outro. (Poliana, professora de escola privada).

Por isso, no que foi exposto acima, podemos perceber que a permissão do consumo de um determinado tipo de droga pode acontecer devido ao seu enquadramento na legalidade. Sendo o álcool uma substância livremente circulada por meios legais, ela torna-se mais tolerada, seja pela família, seja pela escola, seja pelos próprios jovens.

5. 5. O acesso às drogas

Já dissemos anteriormente que o acesso às drogas é muito fácil na atualidade, o que para nós aumenta consideravelmente o seu consumo. Em qualquer espaço de circulação dos

jovens, há sempre a possibilidade de obterem-se essas substâncias, seja ela lícita ou ilícita. No caso das drogas lícitas como o álcool, mesmo existindo a lei que proíbe a venda aos menores de dezoito anos, podemos perceber através das entrevistas que colhemos que muitas vezes essa regra é descumprida. Não foi difícil encontrar jovens que dizem comprar com facilidade bebidas alcoólicas, seja mentindo a idade, seja utilizando um amigo com uma aparência de mais velho. Bares e depósitos de bebidas estão espalhados pela cidade, e não é difícil o jovem menor de dezoito anos, seja em qualquer contexto de renda que ele se encontre, tornar-se cliente desses estabelecimentos, como podemos ver a seguir:

Olha, tia, em questão do álcool o pessoal consegue, inclusive eu, através de depósito de bebida que tem espalhado pela cidade. [...] Às vezes algum tem a cara de maior de idade. Assim, acabam... não pedem identidade e conseguem comprar facilmente. (Beto, escola particular).

Não funciona. Essa lei pode ter mas não existe, entendeu? Você pode pedir a qualquer pessoa, ir ao bar comprar a cerveja, ele vai lhe atender. [...] O bar, qualquer bodega atende. O cara até no shopping: “quero um chope”. (Fábio, escola pública).

Com relação à ilícita, também não é difícil para os nossos jovens, hoje em dia, ter acesso a elas. Como vimos anteriormente, há a presença desse tipo de substância em diversos espaços de circulação de nossos jovens, o que se pressupõe que nesses lugares pode ocorrer também a venda desses produtos.

Com relação aos estudantes da parte alta da cidade, vimos que em diversas localidades de circulação desses jovens há a possibilidade de compra desses produtos, seja nas favelas espalhadas pelo bairro, nas escolas que eles estudam, entre outros. No caso da orla marítima, nas praias de Jatiúca e Ponta Verde, como já vimos, não é difícil possuir acesso a

essas substâncias. Entretanto, os lugares preferidos por esses jovens para realizar atividades de lazer são pontos privilegiados para o contato com essas substâncias¹⁴¹.

Quanto aos preços, não foi possível determiná-los com exatidão porque, como diz Bianca, de escola privada, eles variam de pessoa para pessoa que vende, do lugar que se vende e, também, da quantidade que se compra. O que nos chama atenção é como esses jovens conseguem a droga, já que muitos não trabalham ou, se trabalham, muitas vezes o ganho não é suficiente para manter essa despesa. Segundo depoimentos, é muito comum um jovem passar a roubar para manter o vício. Essa situação é especialmente sentida nos depoimentos dos estudantes das escolas públicas, como o de Carlos, que diz que *“o que eu sei que eles fazem é roubar, aí é que eles começam a roubar para consumir”*.

Há depoimentos, inclusive, como o de Fábio, de escola pública, que diz que é comum alguém fabricar na própria casa a droga para deixar de estoque, podendo ser utilizada tanto para consumo como para a venda. A droga a que ele se referiu é a loló, nos levando a pensar na possibilidade de que alguns consumidores, para ter acesso mais fácil à droga ou torná-la mais barata, produzem na sua própria residência, facilitando o consumo na hora em que quiser.

A droga é posta nas mãos desses jovens principalmente através de amigos, como podemos perceber através da fala de Beto:

Olha, eu nunca perguntei como eles conseguiam, mas a maioria, pelo que eu soube de amigo aqui e de amigo ali, a maioria é através dos próprios amigos também. Algum amigo que é ligado a isso, que pode chegar e falar, aí conseguem para ele, entendeu? Aí ele chega e pergunta: aí, você pode arrumar um negócio? Aí o amigo vai e desenrola”. (Beto, escola privada,).

¹⁴¹ É claro que a existência desse tipo de drogas é visível também em outras localidades. Apenas mencionamos esses locais por serem mais citados pelos nossos entrevistados. Da mesma forma, não queremos com isso estigmatizar esses lugares como possuindo exclusivamente a vivência de drogas, pois como afirmamos anteriormente, a circulação pode acontecer em diversos espaços percorridos pela juventude.

Com relação a obter a droga diretamente com o tráfico, essa situação foi mais percebida entre os estudantes de escolas públicas. No caso dos estabelecimentos privados, não conseguimos visualizar essa mesma aproximação. Tanto os estudantes dessas escolas, quanto os seus professores afirmam que os jovens desses locais geralmente não mantêm relações direta com traficantes, em especial com aqueles que vendem esses produtos nas favelas espalhadas pela cidade, sendo mais comum, como vimos acima, obter a droga através de amigos. No nosso ponto de vista, o não contato direto desses jovens com essa rede criminosa ajuda a livrá-los de alguns efeitos sociais que são perceptíveis na atualidade a partir da circulação das drogas, como as mortes produzidas a partir da ligação com o tráfico. Por isso, acreditamos que essa classe média alta que consome drogas financia o tráfico, pois é ela que tem mais dinheiro para esse consumo, mas sofre menos os efeitos sociais do que os jovens de periferia, como veremos adiante. Esse distanciamento pode ser demonstrado através de depoimento de Poliana, que é professora de escola privada:

Acredito que não, porque a maioria não sabe pegar ônibus, a maioria, estamos falando da maioria. Só se vai um ou outro, mais a maioria nunca pegou um ônibus. É a maior dificuldade para a gente fazer uma aula de campo, querendo ir de ônibus de linha, mas os pais não querem, eles não querem. Então para quem nunca pegou um ônibus ir para uma comunidade dessa, acredito que não. A não ser que um tenha coragem de ir, mais despojado, consiga ir e traga para os outros.

Podemos perceber, também, que muitas vezes o dinheiro que leva os jovens a ter acesso às drogas vem da própria família. Muitas vezes a grana que o filho pede, em alguns casos, pode ser utilizada para a compra de drogas. Sentimos isso tanto nas falas dos estudantes de escolas públicas quanto nos das privadas. Bianca, por exemplo, que estuda em um

estabelecimento particular, fala sobre a origem do dinheiro que seu irmão utiliza para a compra do produto:

Meu pai dá uma mesada para ele se manter todo mês. Mas o meu pai fala: não vai ser assim a vida toda, é por enquanto. E ele tem plena consciência disso. Acho que ele guarda, não sei, vai juntando. Porque assim, ele racha muito com os amigos, compram e eles vão dividindo, aí é uma coisa que sai barato. (Bianca, escola privada).

Essa situação também pôde ser sentida nos seguintes depoimentos:

Tem muita gente que rouba, tem muita gente que os pais dão. Tem uns que o pai dá mesada, entendeu? Pensa que dar dinheiro ao filho vai resolver. Aí ele consome droga, consome droga, pronto. (Fábio, escola pública)

Ele diz assim: pai, me dê vinte reais. Aí ele sai com dez e pega dez para comprar a droga. (Roberto, escola privada).

Entretanto, é mais provável que os estudantes de escolas privadas utilizem mais o dinheiro dos pais para a compra de drogas. Primeiro porque, como vimos, a maioria não trabalha. As escolas que estamos focalizando são aquelas definidas como de grande porte, com mensalidade alta, o que nos permite pressupor que as condições financeiras desses estudantes não os obrigam a iniciarem, prematuramente, a entrada no mercado de trabalho. Segundo porque os nossos entrevistados não percebem nesses locais a venda de drogas pelos próprios estudantes. Isso nos leva a refletir que a compra pode se dar pelo dinheiro dos próprios familiares.

5. 6. Conseqüências das drogas

Muitas conseqüências puderam ser percebidas a partir do momento em que os jovens começam a se envolver com as drogas, especialmente na atualidade. Iremos apenas enumerar algumas que nos pareceram mais visíveis ao longo dos depoimentos que colhemos.

5. 6. 1. O desinteresse pelos estudos

Como vimos anteriormente, a escola sistematizada surge na modernidade como forma de preparação dos jovens para o mercado de trabalho. Nem sempre essa condição condiz com os interesses desses jovens. Não é raro muitos irem às escolas forçados por uma situação que é imposta pelas famílias ou pela sociedade como um todo. O desinteresse de alguns nos estudos é notório nessa fase da vida. Entretanto, nos foi possível perceber que quando alguns jovens partem para o consumo constante de drogas, seja ela ilícita ou lícita, a falta de disposição para os estudos é um dos efeitos mais visíveis na vida desses jovens usuários:

Desinteresse no estudo, tá nem aí, sabe? Mas assim, meu irmão até que é muito consciente, mas meus amigos mesmos não estão nem aí para nada. Se passar de ano passou, não estuda e, sei lá, acho que vai acabando com a pessoa. (Bianca, escola privada).

No caso das escolas públicas, Sônia, professora de um desses estabelecimentos, chega a afirmar que reconhece, algumas vezes, um consumidor de drogas através desse

desinteresse escolar. Muitas vezes, afirma ela, eles ficam dormindo demais na sala de aula e ela atribui ao consumo dessas substâncias. Da mesma forma, Poliana, que trabalha em estabelecimento privado, também atribui ao uso de drogas o desinteresse pelos estudos.

5. 6. 2. As drogas e a violência

As drogas são temidas na atualidade, especialmente, pelo grau de violência que acompanha a sua circulação. Isso pôde ser percebido tanto entre estudantes de escolas públicas, quanto entre os estudantes de escolas privadas. Esse é o efeito principal que faz pensar que a opção pelo consumo dessas substâncias extrapola os problemas desencadeados nos organismos dos usuários, atingindo a sociedade como um todo. Os tipos de ações criminosas existentes são as mais variadas possíveis, trabalharemos aqui com as mais visíveis por nossos entrevistados.

Uma das mais comentadas dessas ações criminosas são os roubos e assaltos praticados por aqueles que já atingiram um grau de vício e que precisam de dinheiro para sustentá-lo, o que muitas vezes pode gerar mortes. Podemos ver isso através dos depoimentos de Arnaldo e Beto, respectivamente, ambos de escolas privadas, que perceberam os efeitos danosos que a droga pode causar ao jovem viciado:

Só a questão da violência. [...] É assim: você usa a droga e para manter esse vício parte para a violência, roubar, matar, assaltar. (Arnaldo, escola privada).

Tem muita gente que é levada a roubar porque tá dependente. O crack, por exemplo, muita gente, a maioria, perde a noção e só vive em busca do crack, tamanha a dependência. Ele rouba, mata, vende a casa, vende a mãe, vende tudo. (Beto, escola privada).

Entretanto, os estudantes de escolas públicas sentem com mais intensidade o problema da violência gerada pela circulação de drogas, fazendo inclusive com que eles o apontem como um dos piores efeitos delas. Fábio, por exemplo, expõe como entende essa relação entre drogas e violência:

Nenhuma droga é boa. A mais razoável que tem é a loló. Tem gente quando usa faz tudo, assalta. [...] É afetado pela violência. Tem um mais drogado do que o outro, aí tem conflito, entendeu? (...) Mas a droga gera a violência, entendeu? Se o pessoal deixasse de usar droga, pronto, dificilmente tinha violência. (Fábio, escola pública).

Esses jovens temem ser incluídos nas estatísticas de homicídios gerados por aqueles que decidem usar da violência para manter o vício, pois não são incomuns casos de latrocínios, ou seja, o roubo seguido de morte. Entretanto, acreditamos que as maiores vítimas e, ao mesmo tempo, algozes dessa violência acabam sendo mais os jovens de periferia¹⁴². Primeiro porque são eles que desenvolvem uma relação mais íntima com o tráfico, seja porque precisam manter o vício e/ou porque precisam estreitar esses laços para manter a sua própria sobrevivência. Eles acabam, muitas vezes, realizando ações criminosas e com uma possibilidade grande de contrair dívidas com traficantes, levando, em muitos casos, à morte desses usuários. Esses acontecimentos não foram possíveis de visualizar com a mesma intensidade entre os estudantes de escolas privadas porque, como vimos, há um maior distanciamento com relação à venda ilegal dessas substâncias.

¹⁴² Não estamos com isso afirmando que os estudantes de escolas privadas estão imunes à prática da violência e de se tornarem inclusos nas estatísticas de violência como vítima. Entretanto, acreditamos que esses efeitos recaem com menor intensidade nesse público jovem, pelo menos no perfil de escola que estamos focalizando, do que os acometidos aos jovens dos bairros de periferia.

Esse é um dos efeitos mais perversos das drogas na atualidade: os homicídios praticados pelas organizações do tráfico. Veremos adiante que esse é o principal problema desencadeado na atualidade a partir da existência das drogas. Estamos cada vez mais acostumando nossas vidas com casos de mortes direcionados, especialmente, para a população masculina que se enquadra em requisitos como juventude e pobreza.

Mas estamos cientes, por outro lado, de que a violência perpetrada pela maneira como as drogas circulam na atualidade não se limita às ruas das cidades, ela pode estar instalada dentro das próprias famílias. São comuns desavenças familiares provocadas pelo consumo de drogas.

5. 6. 3. A morte e o medo

A juventude na contemporaneidade passa pela seguinte contradição: ser jovem é geralmente percebido como uma fase da vida em que há um maior distanciamento da morte¹⁴³. Entretanto, os indivíduos que atravessam esse período de vida convivem constantemente com a morte de seus pares (Novaes, 2006). Isso tem produzido um profundo sentimento de medo e insegurança. A possibilidade de morrer ainda jovem é uma constante na vida dos jovens de hoje, impedindo-os de viver tranquilamente.

Através da fala dos entrevistados, podemos perceber que é comum perder algum amigo nessa fase de vida devido ao envolvimento dele com as drogas. Esse fato foi sentido nos dois contextos de renda por nós pesquisados. Entretanto, acreditamos que esse fato aconteça, principalmente, entre a população que vive mais previda pela miséria. As mortes envolvendo jovens acontecem, especialmente, como já mencionamos anteriormente, quando os mesmos passam a se relacionar com o tráfico de drogas. Como há a possibilidade de uma

¹⁴³ Principalmente nos dias de hoje, em que se constata o aumento da expectativa de vida das pessoas (Novaes, 2006).

pessoa tornar-se viciada após entrar em contato com essas substâncias, ela tende, muitas vezes, a contrair dívidas com traficantes para saciar seus desejos. Quando não se tem os recursos suficientes para saldar essas dívidas, muitos perdem suas vidas nas mãos de traficantes. Por isso, encontramos mais essa situação entre os estudantes de escolas públicas, que estão rodeados por pessoas com uma situação financeira menos privilegiada e conhecem alguém que já morreu devido ao não pagamento de dívidas contraídas com traficantes, como se pode perceber através do depoimento abaixo:

Nessa brincadeira, tem amigos meus que morreram usando drogas. Três colegas morreram por causa de drogas. [...] Um foi consumir, entendeu? Vinha de bicicleta fugindo, fugindo [...] desse maluco que ele tava devendo droga. Ai foi fugindo... de repente... só sei que morreu. Muita gente falou que foi um tiro na cabeça [...] só sei que ele morreu. Ele tava drogado. (Fábio – Escola Pública).

Sônia fala que já houve mortes de estudantes na escola pública em que trabalha e que esses acontecimentos envolveram as drogas, mais especificamente a relação de usuários jovens com o mundo do tráfico:

Já tivemos alunos que morreram, foram assassinados e eram usuários de drogas. Morreram na favela. [...] Tem um caso de um que não era de lá mas foi com um amigo para a favela. Morreram na favela.

Chamou-nos especial atenção a continuidade da fala de Sônia sobre como essas mortes são recebidas pela comunidade escolar:

Eu fiquei um pouco chocada quando eu soube dessas mortes. Cheguei para trabalhar na escola no dia de sábado e a escola não teve aula porque esses dois alunos foram mortos na noite anterior. Quando cheguei não sabia o que estava acontecendo, mas fiquei mais chocada é que quando perguntei o que havia acontecido, as pessoas diziam que eles tinham morrido porque se envolveram com drogas. A forma que eles falavam era culpando os meninos pelo seu envolvimento com as drogas, como se a culpa fosse deles terem morrido, como se fosse o caminho natural (Sônia, professora de escola pública)

Acreditamos que esse depoimento reflete mais um paradoxo desta realidade vivenciada no cotidiano das drogas: a de que os jovens que se envolvem com drogas geralmente não são tratados como vítimas desse processo, e sim como os responsáveis pelos seus atos e as conseqüências que podem advir deles. Por isso, eles são tratados como os principais culpados pelas suas mortes. Talvez essa culpabilização explique o fato de que, muitas vezes, a morte de jovens por envolvimento com o tráfico de drogas caia no esquecimento. Geralmente não há uma pressão para que esses homicídios sejam resolvidos e os culpados punidos, como podemos perceber no depoimento abaixo:

Os familiares, junto com amigos deles, fizeram uma passeata no conjunto mas ficou só nisso. Lembro que foi um problema porque essa passeata era para pedir para tirar a favela, culpando ela pelo ocorrido. A escola não queria participar por conta disso, com medo de colocar os moradores da favela contra a escola. Mas acho que hoje nem se fala mais nisso, nem sei se os culpados foram presos. (Sônia, professora de escola pública).

Isso nos faz refletir sobre o seguinte: até quando vamos ficar vendo nossos jovens de periferia morrer nas ações do tráfico? Como podemos perceber, cada vez alastra-se mais não só o consumo, como a venda de drogas ilegais pelo país. Isso porque, como também afirmamos, motivos existem o mais diversificados possíveis que podem contribuir para que esses jovens busquem nessas substâncias um “parceiro” para o desenrolar do seu dia-a-dia. Sendo assim, as ações do tráfico encontram facilidades não só nessa busca, como na inércia do Estado e da sociedade como um todo. A conseqüência disso é cada vez um número maior de jovens que entram para o vício e desenvolvem relações perigosas com o mundo do tráfico, produzindo um saldo assustador de mortes entre eles, como podemos ver adiante:

Acho que ocorrem muitas mortes de jovens por conta dela. Por exemplo, muitos começam a entrar no vício, ficam nas mãos de traficantes por conta de dívidas, não conseguem pagá-las aí acabam sendo mortos por eles. (Sônia, professora de escola pública).

A morte de jovens transformou-se, na nossa concepção, em um acontecimento “normal” devido principalmente às ações do tráfico. Quanto maior a “normalidade”, maior é a inércia da população em reivindicar a solução do problema. Pela fala dos entrevistados, o máximo que essas escolas fazem é deixar de funcionar por um dia, como uma espécie de sentimento de luto e não como uma atitude de revolta. A banalização dessa violência acontece, principalmente, pela constância desses atos, pela culpabilização da vítima e pela insuficiente divulgação e forma como são repassadas as informações sobre a morte de jovens pelos meios de comunicação. Joelma, professora, fala dessa “normalidade” dos óbitos:

Sim, já ta virando comum. Já chegou a ser uma coisa anormal, mas hoje está ficando normal. Todo mundo se conforma. Acha que foi ele que procurou aquilo e que ele teve o que procurou. Porque veja só, quando eu abro a internet hoje o que mais me chama atenção é a quantidade de assassinatos, então tá virando uma coisa comum. Quando eu era criança, que se matava alguém, era uma coisa, poxa, todo mundo caía em cima para descobrir. Hoje não, hoje você conta quantos foram assassinados. E no dia em que você vai olhar o site e não tem ninguém você até estranha, poxa, ninguém faleceu hoje, ninguém matou ninguém hoje. Tá uma coisa comum. Você vê no próprio rádio, na televisão, que os repórteres falam que são os próprios traficantes que estão se matando. Então a população não faz nada para que isso pare porque eles acham que eles procuraram aquilo. Como era traficante com usuário ninguém perdeu nada. Se ele é, é menos um, acabou.

Entre os estudantes de escolas privadas a morte nessa fase de vida é sentida com menos intensidade. Com relação à morte por envolvimento com drogas, não conseguimos identificar quando ela relaciona-se diretamente com o tráfico de drogas. Apesar de saber que jovens nesse contexto de renda podem também morrer devido a dívidas contraídas nas mãos de traficantes, acreditamos que essas mortes aconteçam, principalmente, através do excesso no uso dessas substâncias. Esses jovens podem sim contrair dívidas com o tráfico, mas as suas condições financeiras lhe permitem uma melhor negociação, o que não acontece entre a juventude mais pobre. Além do mais, muitos desses jovens conseguem comprar a droga à vista, o que facilita o seu não envolvimento direto com a rede de traficantes.

Muitos alunos das escolas particulares por nós conectados, e também professores, afirmam, inclusive, que não há uma relação direta desses jovens consumidores com os traficantes, pois quando os mesmos querem comprar alguma substância consegue com algum intermediário, geralmente amigo, facilitando a sua distância com esse mundo.

Entretanto, isso não significa que não ocorram mortes entre esses jovens pertencentes a esse contexto social envolvendo drogas. Ela se dá, como dissemos anteriormente, de acordo com os depoimentos que pudemos colher, através do excesso de seu consumo. O óbito ocasionado por *overdose* foi uma das principais causas de morte mencionada por esses estudantes que envolveram drogas. Isso talvez se explique pelo acesso mais fácil às drogas pesadas, que são mais caras e que esses jovens acabam consumindo sem nenhum controle. A seguir podemos perceber as características dessas mortes envolvendo *overdose*:

Assim, eu não conhecia esse cara, mas ele era amigo da galera. Ele morreu de overdose, parece que de loló. Parece que foi do coração. (Roberto, escola privada).

Assim, foi no dia do aniversário do meu irmão e teve um almoço no Stela Maris Grill. Depois do almoço eles foram para uma rave. Aí não sei, acho que ele tomou algum remédio, acho que o nome era biflogim, que é para garganta. Só que se tomar uns quinze comprimidinhos você fica meio assim alterada. Não sei se foi biflogim, foi alguma coisa, um comprimido. Eu falo biflogim porque meu irmão já usou. E assim, deu taquicardia nele. Ele não podia usar, aí parou. E foi a namorada que deu e ele não sabia que ele não podia usar aquele tipo de remédio porque tinha alguma substância. Aí ele morreu. Depois tiveram que perguntar o que foi que ele usou, aí viram a causa. (Bianca, escola privada).

Esse último depoimento, o de Bianca, nos chama a atenção nas seguintes questões: primeiro o de que os nossos jovens estão consumindo drogas, muitas vezes se excedendo e resultando em morte, não apenas com substâncias que são encontradas no mercado ilegal, ou seja, nas mãos de traficantes. O que podemos perceber é que essa morte relatada por essa estudante se deu por um remédio vendido provavelmente em alguma farmácia da cidade, com probabilidade de ter saído do comércio legal. Uma outra questão é a de que os jovens, muitas

vezes, consomem alguma droga sem saber o que ela é, sem saber os seus efeitos. Nos pareceu que há a possibilidade de alguns jovens, no êxtase da diversão, receberem essas substâncias de alguém, podendo inclusive ser bastante próximo. Nesse caso relatado, essa pessoa foi a namorada, que provavelmente não sabia a origem e as propriedades da droga. Esse costume aumenta a possibilidade de morte por *overdose*.

Poliana, que é professora de uma escola privada, fala que não lembra de ter algum aluno na sua escola que tenha morrido através das ações do tráfico. Para ela, o mais comum são as mortes por acidente de trânsito, proporcionadas principalmente pelo excesso na ingestão do álcool.

O fato de as drogas produzirem uma série de conseqüências, entre elas o saldo de mortes que hoje em dia se verifica na sociedade, vem provocando um medo generalizado que tem tomado conta da população. Ela teme ser vítima das drogas e dos efeitos que elas desencadeiam¹⁴⁴. Percebemos esse receio tanto no seio das famílias que esses jovens fazem parte, como no ambiente escolar, que além das disciplinas oferecidas, muitas vezes tem que envolver no seu planejamento pedagógico atividades que contemplem discussões sobre as drogas e a violência. Como vimos nos depoimentos, os próprios jovens pedem esse tipo de atividade nas escolas. Essas pessoas sabem que os jovens estão presentes em diversas estatísticas, seja como vítimas ou atores desse fenômeno, ou mesmo presenciam no seu cotidiano esses acontecimentos, receando que seus entes queridos façam parte do quadro de vitimados.

No caso específico das famílias, identificamos algumas ações direcionadas à tentativa de livrar seus filhos desse fenômeno. Alguns pais temem as saídas dos filhos das residências, aconselhando-os a terem cuidado quando circulam pela cidade. Entretanto, salientamos que esses atos geralmente estão ligados a fatores que envolvem a sua situação

¹⁴⁴ Pois como afirmamos anteriormente, esses efeitos não estão apenas localizados nos organismos dos usuários. Eles são, especialmente, sociais.

econômica, social, cultural etc. Em especial, podemos perceber que os jovens sentem dificuldades de circulação pelos espaços públicos. Com medo de seus filhos serem vítimas da violência, os pais tendem a dificultar a saída deles de suas residências. Quando isso acontece, geralmente é feito sob certa “vigília”. Muitos conselhos são dados e os passos, na maior parte das vezes, direcionados e “vigiados” pelos genitores.

Entretanto, os pais com maiores recursos financeiros possuem maior possibilidade de vigilância dos filhos, podendo, por exemplo, possuir carro para levar seus filhos aos lugares e buscá-los depois, bem como possuem melhores condições de escolher escolas que ofereçam, na sua estrutura, mecanismos de vigilância.

Mas o temor da rua não foi percebido apenas nos familiares. Os próprios jovens, muitas vezes, tendem a preferir em muitos momentos ficar em casa com medo, entre outras coisas, da violência¹⁴⁵. Isso foi sentido, especialmente, na fala de Carlos, que é de escola pública, e de Arnaldo, que é de escola privada, demonstrando assim que o medo extrapola o pertencimento à classe social. Queremos apontar com isso que os jovens, muitas vezes e paradoxalmente, não usufruem da liberdade¹⁴⁶ que parece ser marcante nessa faixa etária. Partimos do pressuposto de que o medo da morte proporcionado por um mundo cada vez mais violento retira a possibilidade de vida espontânea dos jovens brasileiros. Até mesmo o ato de conviver na mesma rua com outros adolescentes vem sendo afetado por esse fenômeno. Apontamos aqui uma tendência de se resguardar os jovens no seu espaço privado e vigiado, a fim de que eles não se envolvam com substâncias alucinógenas. Carlos, por exemplo, se diz muito “caseiro” devido a esses fenômenos. Se prevenir para ele é não estar muito na rua, não chegar altas horas da noite de um show, por exemplo, porque para ele essas atitudes levam ao consumo de drogas. Através do seu depoimento, podemos perceber como ele sente que o resguardar-se em casa torna-se uma prevenção, não só das drogas, mas da violência:

¹⁴⁵ Eles se tornam reféns desses acontecimentos por não vislumbrarem outra saída para fugir desses episódios de violência.

¹⁴⁶ A liberdade aqui mencionada é essa capacidade e essa vontade que os jovens sentem de circulação pelos espaços públicos, de ver gente da sua idade para conversar ou mesmo paquerar, namorar.

Eu sou muito caseiro. Eu disse que gosto de sair mas gosto de sair com meus primos, né. É, dificilmente eu gosto de sair com colegas, de estar na rua até altas horas da noite, de estar chegando de show, essas coisas, né. Eu gosto de... eu sou uma pessoa, eu me considero uma pessoa normal, mas depois eu gosto de me prevenir, tá ali normal. [...] estar na rua para não estar vagabundando, de estar andando, né, então eu acho que é melhor você estar em casa, estar na internet, estar assistindo televisão do que estar na rua no meio da violência que hoje há. (Carlos, escola pública).

5. 7. As drogas na pobreza e na riqueza

Como vimos, a circulação de drogas é comum em diversos espaços freqüentados pelos jovens entrevistados. Ela acontece tanto entre uma população que possui mais condições financeiras, quanto naqueles lugares mais premidos pela miséria. Entretanto, é muito comum a afirmação de que a propagação desse fenômeno acontece, principalmente, nas favelas espalhadas pelo país. É comum a crença de que são esses lugares os concentradores da venda e/ou consumo de drogas, transformando esses lugares em locais temidos pela população que não necessita morar nesses espaços. Podemos identificar essa percepção tanto entre pessoas que convivem nas escolas públicas, quanto entre aqueles de escolas privadas, que expõem os motivos para tal crença:

O que eu costumo ouvir, não posso afirmar com certeza, é de que essa droga existe muito na favela ao lado, e também de que os jovens que moram próximos à favela buscam a droga nessa favela. É assim, o consumo está alastrado em todo o bairro, mas o que se costuma falar é de que a venda acontece nessa favela. Muitos jovens já morreram próximos a ela. (Sônia, professora de escola pública).

Mas acho que se vende mais na favela. (Arnaldo, escola privada).

Eu acho assim pela falta de oportunidade deles estudarem, do desemprego, e acabam encontrando a droga e isso leva ao crime para poder manter o vício. Também assim, os traficantes ficam mais nas favelas e o acesso deles é bem mais fácil com as crianças e os jovens. (Antônio, escola privada).

Olha, a gente vê muito o uso nas favelas, tanto por questão de se obter, a questão de difícil acesso da polícia. A polícia dificilmente vai lá, você tem mais acesso, como você tem em áreas nobres isso. Acho que tá mais difundido na favela. Sem querer discriminar nem nada, o acesso lá é mais fácil. (Beto, escola privada).

A pobreza é, muitas vezes, estigmatizada e, contraditoriamente, justificada no que se refere ao uso das drogas e da violência, como podemos ver acima. Já entre os jovens que se incluem na classe mais alta, mesmo muitos justificando alguns tipos de consumo, geralmente tende-se a não acreditar que haja motivos para o mesmo. Ou seja, a associação das drogas com a pobreza é tão forte que ela serve, muitas vezes, de justificativa. Já aqueles que não passam por essa situação podem ser vistos como pessoas que poderiam recusar o uso dessas substâncias e são qualificados como jovens sem controle, com excesso de liberdade, sem limites, quando resolvem seguir esse caminho, como podemos ver nessas duas visões expressas nos depoimentos abaixo:

Eu acho que fica assim, páreo a páreo. Devido às condições de vida deles, eles vão procurar, eu acho, e aqui porque... só por curtidão. Assim, tipo filhinho de papai, sabe? Pegam o carro, saem, bebem adoidado, se drogam adoidado. (Bianca, escola privada)

São eles realmente que financiam. Eles têm todas as condições de recusar aquilo e lascam a própria vida dessa maneira. Todas as condições de uma vida boa. (Beto, escola privada).

Entretanto, como podemos ver nas reflexões dessas entrevistas, a situação financeira nem sempre define a entrada ou não no mundo das drogas. O que define é como se vivenciam essas duas situações. No caso dos jovens que vivem nos bairros de periferia, que na grande maioria convivem com o crescimento da circulação dessas substâncias e da violência, pode haver uma facilidade porque, entre outras coisas, a falta de oportunidades pode ser um dos elementos que fazem com que a juventude busque nesses produtos uma forma de liberar os problemas do dia-a-dia, e problemas é o que não faltam para esse tipo de jovem, como

podemos ver nesse trabalho. Além do mais, o tráfico cresce, especialmente, devido à mão-de-obra disponível e barata, que existe em grandes proporções nesses lugares.

Já entre os jovens pertencentes ao estrato social mais privilegiado, há também sentimentos de angústias, de falta de “algo”, como de amores não correspondidos, de ausência de atenção dos pais, em alguns casos. Se eles buscam diversão sem limites, acreditamos que esses jovens são apenas personagens de uma sociedade que vislumbra uma vivência de consumo e de diversão sem limites, que – não podemos esquecer – são excelentes fontes de lucro para o capitalismo.

5. 8. Estigma e exclusão

Vivemos em uma sociedade em que a produção de estigmas é uma constante. Vários são os estigmas produzidos por nós, que vão desde a cor da pele, a questão de gênero, ao local de moradia, etc. Entretanto, acreditamos que o fator droga também estimula preconceitos na população que dificultam a aceitação daqueles que fazem uso dessas substâncias.

Esse estigma pode ser real ou imaginário. Apontar uma pessoa como usuária não necessariamente pressupõe a comprovação da suspeita. Geralmente quem faz uso de drogas é enquadrado em algumas características como, por exemplo, o modo de vestir, de andar e falar. Se alguém possui esses atributos, mesmo que nunca tenha usado drogas, poderá ser apontado como usuário e como tal será tratado. Carlos, por exemplo, mesmo não conseguindo definir ao certo quais seriam os atributos de um usuário de drogas, afirma que consegue identificar aqueles que fazem uso dessas substâncias:

Eu acho porque é na questão que a gente vê o jeito do aluno se arrumar, se expressar, [...] do jeito que ele chega. [...] pelo jeito que ele chega aqui na escola,

né, pelo jeito que ele vem aí dá para perceber que ele usa. [...] Totalmente diferente dos outros alunos, né, ele chega totalmente diferente dos outros alunos. [...] No andar, né, no andar da pessoa, e como eu disse para a senhora que é na questão dele falar.

A possibilidade de ser identificado como um usuário pode extrapolar a questão de classe, apesar de considerarmos que na pobreza esse estigma é maior. Beto, por exemplo, que é de escola privada, diz que já foi confundido com um usuário de drogas ilegais, provavelmente a maconha, devido a sua aparência. Diz gostar de andar muito à vontade, possui um cabelo grande, e por isso alguém pediu droga a ele quando estava no ponto de ônibus:

Curioso é que até me pararam para perguntar se eu tinha droga para vender. No caso assim, eu ando mais ou menos de um jeito assim. [...] Os cabelos, as roupas. Eu não faço questão de andar arrumado nem nada. Vou ao Posto Sete, ando numa boa, ando tranquilo, não tenho preconceito com ninguém. [...] Aí, por exemplo, eu tô sentado no ponto de ônibus esperando um amigo, aí vem um cara e diz: olha, você tem um baseado para vender não sei o quê. Aí eu disse: olha, não tenho não, desculpa aí. É normal.

O depoimento de Carlos, estudante de escola pública, é interessante para essas reflexões que estamos travando nesse momento sobre o estigma, porque nos dá a sensação de que há a produção de uma juventude “normal”, que provavelmente pode ter alguns gostos, estilos, roupas diferentes, mas que na essência se comporta de forma parecida, não transgredindo muito as regras da “normalidade”, criadas pela sociedade. Aquele que não se enquadra nessa normalidade pode sofrer algumas estigmatizações, inclusive ser apontado como usuário de drogas. Por isso, esse depoimento abaixo reforça que somos uma sociedade que está sempre tachando o outro de alguma coisa, que sempre tem em mente atributos que definem o próximo apenas pelo que apresenta sua aparência:

Totalmente diferente dos outros alunos, né, ele chega totalmente diferente dos outros alunos. [...] Porque a gente sempre encara assim porque ele é de outro estilo, gosta de outro tipo de música, alguma coisa assim, mas a questão do jeito que ele

vem. [...] No andar, né, no andar da pessoa, e como eu disse para a senhora que é na questão dele falar. (Carlos, escola pública)

Essas questões reforçam ainda mais o que já havíamos afirmado: que os jovens sentem dificuldades de fazer amizade porque precisam, em primeiro lugar, verificar a conduta do outro com relação às drogas. Por acreditar que o outro é o que pode levar ao caminho das drogas, as relações de amizade devem ser vigiadas e por isso são estigmatizadas. Como podemos ver a seguir, isso acontece em diversos contextos de renda:

Na comunidade eu creio que seja a mesma coisa, né. As pessoas chegam a se afastar dele, das pessoas que são usuárias para poder se manter, se prevenir, para depois não estar sendo falado. (Carlos, escola pública).

Não tenho nada contra, mas é ele lá e eu cá [...] Acho que o papo seria outro, o gosto nas saídas seria outro, por isso eu prefiro não me envolver. [...] É como eu falei, eu prefiro qualidade do que quantidade com relação aos amigos. Como são poucos, e eu saio muito com meus pais, não conheço alguém que consome droga. (Arnaldo, escola privada).

Passar da simples estigmatização para a exclusão, pode ser muito rápido. Vários processos de exclusão podem ser sentidos na atualidade a partir de pré-julgamentos que fazemos com o outro, dificultando a aceitação desses elementos excluídos pelo meio social.

Um dos estigmas e conseqüente exclusão que podemos identificar, tanto nas escolas públicas quanto nas particulares, como já afirmamos, é de que são as favelas que mais possuem a vivência da circulação das drogas e, em especial, a existência do tráfico das substâncias ilegais. Como podemos ver acima, esses lugares são apontados como concentradores de venda e/ou consumo de drogas no país, produzindo estigmas a toda uma população que apenas encontra nesses locais uma alternativa de moradia. Beto, por exemplo, diz que sente medo de ser vítima da violência e que esse receio é direcionado, especialmente, quando a pessoa é pobre, produzindo dificuldades de circulação pelos espaços públicos dessa

parcela da população, que além das dificuldades financeiras que lhe são impostas, convivem diariamente com a denominação de bandido:

Olha, a gente sempre tem. A questão da violência que tá hoje. Já fui assaltado ajudando pessoas, dando comida. Foi uma coisa que me deixou meio assim. Eu tenho receio. Depois que a gente é assaltado, a gente... eu não sei explicar mas a gente fica meio com receio. Qualquer pessoa que chega, principalmente uma pessoa pobre. Eu não gosto de sentir isso mas a gente sente. (Beto, escola privada)

Entretanto, esse processo de estigmatização e conseqüente exclusão é um processo construído pela sociedade. Essa visão que a sociedade tem das favelas espalhadas pelo país, a de que são locais em que só há a vivência do tráfico, trata-se de um preconceito, sem dúvida. Bianca, de escola privada, por exemplo, diz que *“Na televisão é que a gente mais vê assim, sabe”*, culpando a mídia por tal estigma. Roberto, de escola privada, também responsabiliza esse instrumento por tal situação:

A idéia que a mídia faz da periferia é uma coisa muito ruim. Eu prefiro não ter conceito para uma coisa que eu nunca fui. Geralmente a mídia ensina errado e eu não confio na mídia. [...] Que a periferia é um lugar de marginal, violência. Eles são as pessoas excluídas da sociedade. A gente não pode cobrar, a gente não sabe o que faria no lugar deles. (Roberto, escola privada).

Mas a exclusão também pôde ser sentida dentro do círculo dos estudantes de escolas privadas. Bianca e Roberto, por exemplo, deram destaque a essa questão nos seus depoimentos, afirmando que, normalmente, os estudantes das escolas que eles estudam visam a uma forma única de ser e que quando um jovem não se encaixa nesse padrão que foi eleito por eles, é normal a exclusão do mesmo. Vários podem ser os atributos que não se enquadram nessa “normalidade”, como podemos perceber através da fala dos mesmos:

Tanto fisicamente, pelo fato de ser mais gordinha, pelo fato de ser, sabe, tudo. Mas eu procuro pessoas mais cabeças, e as pessoas que eu ando não fazem isso. [...]

Acho que tudo, pelo fato de ter dinheiro, ter... arrumam alguma coisinha para excluir. (Bianca, escola privada).

Era tipo assim: qualquer pessoa que não se encaixasse no padrão deles eles excluía. [...] Aquela coesão deles é uma coisa bem unida, entendeu? Quem é igual à gente bem, se não for vamos tirar onda. [...] O mesmo comportamento, entendeu? O jeito de se vestir, o jeito de falar. [...] mas geralmente quem é mais calado aí sofre mais preconceito. (Roberto, escola privada).

Mas há também o preconceito, e conseqüente exclusão, por parte de alguns jovens, direcionado a essa juventude “normal”, consumista. Percebemos isso através da fala de Roberto, que com seu discurso acaba afirmando que de alguma forma produz preconceito contra aquele que vive na “normalidade” ou que tem grana e gosta de se arrumar. Isso reforça a nossa afirmação de que o pré-julgamento pode estar localizado em diversas partes. O depoimento abaixo expressa bem essa problemática:

Olha, eu era meio excluído, sabe? Antes eu me fechava, não queria conversar com esse tipo de gente porque assim, eu julgava pela aparência. Eu não queria me envolver com Mauricinho. (Roberto, escola privada).

5. 9. A ação policial em diversos contextos de renda

A polícia é sempre um personagem importante na trama que envolve o consumo de drogas, em especial a sua relação com a violência. Como o consumo dessas substâncias abarca, em muitos casos, a questão da ilegalidade, ela é sempre requisitada quando se refere a coibir esse consumo. Como elemento fundamental da repressão às drogas, nos chamou especial atenção as diferenciações nas formas de agir quando se refere aos diversos contextos de renda. Houve uma diferenciação fundamental na percepção do tratamento dispensado aos jovens que estão incluídos nas duas partes da cidade que estamos analisando, no caso a parte alta da cidade, abarcando bairros como Tabuleiro, Clima Bom, Santos Dumont, etc., e a parte baixa da cidade, mais especificamente os bairros próximos à orla marítima, como Ponta

Verde, Jatiúca, Cruz das Almas e o bairro do Farol, esse mais direcionado para o lado do centro da cidade¹⁴⁷.

No que se refere aos locais utilizados pela juventude com mais condições financeiras, é visível a afirmação de que há uma omissão por parte da polícia em coibir o consumo de drogas. No caso específico do lazer, todos afirmam que o consumo dessas substâncias é alto e que, na maioria das vezes, ela acontece sob a observação desses policiais, que normalmente não fazem nada para evitar que isso aconteça, e nem há punição para os jovens, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Não, até porque em show é o que você mais vê polícia rondando. Até porque loló cheira aí o povo finge que está tomando. Mas assim, mesmo se vir eu acho que... como já vi várias vezes gente consumindo perto de mim, a polícia passa e não faz nada. Posto Sete principalmente, não acontece nada. (Bianca, escola privada).

Assim, a própria polícia quando passa no Posto Sete não faz nada. [...] porque aqui é lugarzinho de rico. (Roberto, escola privada).

Tem a questão do Posto Sete que lá rola muito, é muito consumo de droga. E tem um posto policial ali e eu nunca vi nenhuma apreensão nem nada. Tem um grupo lá que consome drogas. Tem um barzinho ali, numa daquelas palhoças e logo atrás tem um grupinho que tá quase sempre consumindo droga, é direto. A polícia fica por ali. Eu não sei o que é, não sei se é complô, não sei se é alguma coisa, só sei que sempre acontece e os policiais ficam sem fazer nada. (Beto, escola privada).

No caso das escolas públicas, temos uma ação totalmente oposta da polícia. Fábio, que estuda em um desses estabelecimentos, fala que chegou a ser preso, junto com seu amigo, após ser confundido com um bandido:

Eu fui preso, eu e meu colega, sem fazer nada. Iam bater na gente. Eu fui revistado por causa do meu colega, entendeu? Por causa da camisa. Um cara que roubou um DVD estava com a camisa preta, e o meu amigo também estava com uma camisa preta. Passou pela mesma rua, aí o policial começou a correr atrás da gente. Se eles tivessem dúvida, que chegassem para a gente, perguntassem, mais não, colocou a gente na mala, um apertado. Ele disse que ia levar a gente para a casa. Já pensou a gente chegar na porta da casa de camburão, na mala de um carro desse. Meu colega disse que é melhor levar uma pisa do que chegar na porta de casa de camburão. (Fábio, escola pública).

¹⁴⁷ Mesmo Roberto morando no Farol, ele circula muito nessa área da orla marítima, seja para estudar ou para se divertir.

Os depoimentos acima, dos estudantes de escolas privadas, afirmando que o uso de substâncias ilegais por essa juventude não é incomodado pelas ações policiais, contrasta consideravelmente, por exemplo, com o de Joelma, professora de escola pública, que afirma já presenciar uma dessas ações no bairro que ela habita, em que foram presos jovens que moram nesses locais por estarem consumindo drogas:

Alguns vizinhos denunciaram. De repente a polícia chegou, eles estavam na calçada, tinha uma turminha e a polícia abordou os três e levou para a delegacia.

Já havíamos afirmado, inclusive, que uma das medidas utilizadas nas escolas públicas para conter o consumo e venda de drogas é a utilização do batalhão escolar, que é um policiamento que ronda esses lugares em busca de drogas. Falamos, por esse fato, que o uso dessas substâncias pelos pobres geralmente é tratado como caso de polícia. A mesma situação é sentida nos bairros que eles habitam. É comum a afirmação de que o tratamento da polícia na “resolução” do problema das drogas e da violência, é a morte daqueles que se envolvem nesses episódios. Sentimos isso especialmente no depoimento abaixo, que expressa bem a sensação de que a polícia confunde os moradores desses lugares com bandidos:

Há mas não resolve nada. Ela só chega quando o cara já tá morto. [...] Ela acha que tudo é bandido, trata na bala. [...] Isso é de monte. O povo da escola mesmo, quase todo é confundido com bandido. Ficam revistando, olhando o que você tem, isso é direto. (Sílvia, escola pública).

CONCLUSÃO

Cientes da vastidão de dados que ainda podem ser colhidos sobre as relações envolvendo drogas e juventude, o presente trabalho pretendeu apenas realizar algumas reflexões envolvendo essa problemática. Nesse sentido, esta pesquisa não teve o objetivo de ser conclusiva, mas unicamente o de transmitir e problematizar algumas informações que julgamos importantes sobre esse tema, obtidas diretamente através de alguns dos principais atores que vivenciam essa trama, que são os jovens de escolas públicas e privadas da cidade de Maceió.

A primeira coisa que podemos apontar é a impossibilidade de encontrarmos uma solução definitiva dentro da lógica do capitalismo para o problema do envolvimento da juventude com essas substâncias. Isso porque, entre outras coisas, esse produto cada vez mais tem se transformado em uma mercadoria desse sistema com capacidade extraordinária de gerar grandes lucros, isso dependendo, como vimos no corpo do trabalho, do grau de participação na comercialização desses produtos, seja através da sua comercialização lícita ou ilícita, evitando-se que sua venda diminua ou desapareça nesta sociedade.

Da mesma forma, podemos concluir que não é apenas a grande disponibilidade e variedade desses produtos que aumenta a existência de drogas na atualidade, mas a própria sociedade em que vivemos, produtora de incertezas e angústias, pode contribuir, e muito, para uma busca incessante por essas substâncias, aumentando consideravelmente a sua circulação.

Sobre a variedade de drogas que podemos encontrar na atualidade, divididas entre aquelas que têm sua venda permitida e as que se encontram proibidas de circulação, concluímos que as duas possibilidades têm produzido conseqüências negativas para o conjunto da juventude, em muitos casos provocando a morte de pessoas incluídas nessa faixa etária. Entretanto, mesmo sabendo dos homicídios e acidentes de trânsito provocados pela

ingestão do álcool e que há também um descontrole no uso de medicamentos (que são encontrados livremente no mercado), inferimos que o comércio ilegal torna essas substâncias mais problemáticas devido à rede de tráfico que se montou para a comercialização desses produtos; rede que, para sobreviver, tem se utilizado de um arsenal de violência, deixando toda uma população insegura diante das suas ações.

Concluimos também que, mesmo essa comercialização acontecendo no campo da ilegalidade, ela se dá dentro de uma lógica de venda semelhante a qualquer mercadoria que circula no sistema capitalista, exigindo, da mesma forma que as outras, uma organização de venda e uma mão-de-obra determinada a distribuir esse produto.

Esse último requisito, para nós, aumenta consideravelmente a impossibilidade de encontrarmos uma solução definitiva para esse problema, pois o capitalismo, na sua essência, é um sistema extremamente excludente, jogando um número considerável de pessoas fora do processo produtivo; situação que, como vimos anteriormente, aumentou consideravelmente na atualidade. Por isso, essa venda ilegal encontra força, principalmente, numa mão-de-obra ociosa que está disposta a correr os riscos que essa comercialização ilícita proporciona.

A dificuldade em solucionar o problema do envolvimento de jovens com as drogas, no caso as que se encontram no campo da ilegalidade, aumenta também pelo fato de a venda dessas substâncias fazer parte de uma estrutura criminal organizada que conta, inclusive, com a participação do poder público, como a polícia e a justiça, dificultando a quebra de todos os tentáculos que compõem essa rede criminoso.

Por isso, um dos principais resultados que podemos apontar nessa pesquisa é que por trás de cada indivíduo que faz uso de drogas ilegais, muitas vezes se excedendo nesse consumo, existe toda uma rede criminoso que, dependendo do grau de participação na hierarquia do tráfico, se beneficia dos lucros que essa venda produz, impossibilitando o fim dessa comercialização.

No caso das drogas permitidas de circular no Brasil, encontramos o álcool como a substância não só mais consumida pela juventude, mas principalmente permitida pela sociedade. Pudemos perceber que há uma maior aceitação desse consumo, muitas vezes estimulado. Vimos, inclusive, que nas escolas privadas não há a expulsão do jovem consumidor de álcool dentro desses estabelecimentos¹⁴⁸, como acontece no caso dos flagrantes do uso de alguma droga ilícita. No caso das famílias, vimos também que é comum os jovens crescerem tendo esse consumo dentro de casa. Parece haver um esquecimento de que esse produto também é um psicotrópico e que pode trazer, entre outras coisas, quando há excesso de consumo, casos de violência e acidentes de trânsito. Por isso, afirmamos que geralmente a aceitação de uma droga se dá quando ela se encontra no campo da legalidade.

Como visualizamos no corpo do trabalho, as drogas têm seu consumo na atualidade independente da classe social e do sexo de que os jovens fazem parte. Percebemos, inclusive, que essa circulação acontece em diversos espaços percorridos por eles. Entretanto, os resultados identificados foram diferentes nos diversos padrões de renda por nós verificados. No caso da juventude que habita os bairros de periferia e que muitas vezes estuda em escolas inseridas nesses locais, os problemas desencadeados a partir da existência dessas substâncias têm sido mais intensos devido, entre outros fatores, à ligação direta dessas pessoas com a rede do tráfico; pessoas que muitas vezes contraem dívidas com essas organizações e/ou participam dessa venda ilegal. Esse relacionamento tem provocado a morte de muitos indivíduos incluídos nessa faixa etária, em especial, os que compõem as periferias da cidade.

Da mesma forma, os jovens que moram nesses bairros e estudam nessas escolas mencionadas acima, sendo usuários ou não dessas substâncias, têm seu dia-a-dia permeado por casos de violência, muitas vezes presenciando mortes devido às ações do tráfico de drogas ilegais. Por isso, mencionamos também como resultado desta pesquisa a seguinte afirmação: a

¹⁴⁸ Não estamos com isso afirmando que se deva expulsar o aluno que consome álcool nas dependências das escolas, apenas estamos apontando o tratamento diferenciado para os dois tipos de psicotrópicos.

de que são os jovens pobres, geralmente inseridos em locais periféricos das cidades, os que mais convivem com a morte de seus pares.

Na mesma proporção em que crescem as mortes desses jovens envolvidos com drogas e/ou tráfico dessas substâncias, aumenta também a banalização desse tipo de violência. A morte de usuários e traficantes nessas circunstâncias tem se transformado em uma coisa corriqueira na sociedade, muitas vezes justificada, tornando esse tipo de crime um acontecimento “normal” e provocando com isso a inércia da população em termos de mobilização para pôr fim à criminalidade. Vimos, inclusive, que a vítima em um homicídio envolvendo drogas é, muitas vezes, culpabilizada por esse acontecimento

Da mesma forma, podemos perceber que a separação de parte considerável da população em bairros de periferia sem estrutura, em especial sem educação de qualidade e sem emprego, vem contribuindo para o aumento considerável da venda de drogas e da violência nesses lugares. Por isso, é necessário que a sociedade e, em especial, os poderes públicos direcionem o seu olhar para esses lugares, em especial para as favelas existentes no país, já que esses locais geralmente são apontados como concentradores da circulação de drogas e da violência. Não se pode “maquiar” as cidades jogando os pobres para a parte periférica, pois em algum momento eles vão clamar pela visibilidade da sociedade, nem que seja pela criminalidade e pela violência.

Encontramos também como resultado deste nosso trabalho uma maior punição desses jovens de periferia com relação ao tratamento dispensado pela sociedade no que se refere ao seu envolvimento com as drogas. Acreditamos que, na grande maioria das vezes, as ações perpetradas pelo Estado para lidar com o problema do envolvimento dos jovens de periferia com as drogas se dá de forma punitiva. Esse problema não é tratado com a compreensão da realidade social e psicológica em que vive esse jovem, e sim lidam com a questão das relações dos jovens pobres com as drogas como um caso de polícia,

transformando assim esse instrumento em elemento privilegiado de repressão contra essa parcela da população.

Quando afirmamos que consideramos difícil o fim da criminalidade proporcionada pela circulação das drogas, não queremos com isso dizer que a sociedade deva ficar inerte ante essa problemática. Através do que discutimos no corpo do trabalho, podemos concluir que, com mais educação e emprego, entre outros requisitos para a juventude, poderia haver uma alternativa de vida diferente da que oferece, por exemplo, o tráfico de drogas. Estamos reivindicando um tipo de educação que não contemple apenas a matrícula de crianças e jovens nas escolas, mas que principalmente tenha a capacidade de repassar, da melhor forma possível, os conteúdos que são exigidos não só para a vida profissional dessas pessoas, mas especialmente para um bom exercício de cidadania. Talvez se não existissem tantos jovens ociosos, a venda dessas substâncias não estivesse espalhada por diversas localidades. Sendo assim, é necessário que ocorra uma mobilização da sociedade para amenizar essa mazela social que é a violência decorrente do uso e da comercialização de drogas.

Por isso, através do que foi exposto no corpo do trabalho, concluímos que a educação ocupa um espaço importante na possibilidade de libertação dos jovens das drogas e da criminalidade. A escola, nesse sentido, tem um papel fundamental nessa investida por ser ela um instrumento importante na nossa sociedade para levar a informação à nossa juventude. Informar sobre os riscos e conseqüências que podem ocorrer quando as pessoas tornam-se usuárias dessas substâncias ajuda a evitar a escolha do caminho das drogas e do crime, por exemplo. A educação, através da escola, precisa ser atrativa para os jovens e mostrada como uma perspectiva de futuro.

As escolas públicas, em geral, não cumprem esse papel de orientação da juventude. Muito pelo contrário, elas têm se transformado em um lugar inseguro e não atrativo para aqueles que participam do seu cotidiano. Muitos professores e estudantes, que fazem a

essência desses estabelecimentos, diante da falta de estrutura que ronda o dia-a-dia escolar, não conseguem encontrar estímulos para realizar uma atividade educacional harmoniosa.

Sendo assim, é necessário visualizarmos os problemas que estão sendo perpetrados dentro das escolas, focalizando os motivos que transformaram esses estabelecimentos, em especial as escolas públicas, em palcos de violência. Para entender e solucionar essas questões é preciso perceber que os conflitos existentes¹⁴⁹ não devem ser buscados apenas dentro desses espaços educativos, e sim saber que eles estão inseridos numa sociedade marcada por uma cultura política autoritária, excludente, discriminatória, intolerante, bem como não se deve deslocar a análise da compreensão da violência estrutural expressa, entre outras coisas, na fome, nos problemas habitacionais, de saúde e segurança, na falta de lazer e emprego, entre outras coisas. (Vasconcelos, 2009).

Da mesma forma, a análise e possível solução não teria sentido se não despertarmos para a dinâmica de violência existente dentro da própria escola. Como afirma Vasconcelos (2009), as instituições educativas passam por uma crise institucional que se refletem nas evasões escolares, nos índices de reprovações que podem ser reflexos da própria dinâmica pedagógica. Os profissionais educativos não podem se eximir da responsabilidade que possuem - assim como os agentes estatais, os pais dos estudantes, etc. - para reverter esse quadro de crise. É preciso deslocar nossas observações também para a postura pedagógica implementada por certos profissionais, que pautam suas ações em atitudes autoritárias, que humilham, desrespeitam e estigmatizam os estudantes (Vasconcelos, 2009, p. 65). Sendo assim, a escola pode também estar implicada com a prática da violência, contribuindo, como diz Patto (2002, p. 30), com a “formação de personalidades autoritárias, capazes de relações frias e sádicas com os outros¹⁵⁰”.

¹⁴⁹ Como vimos ao longo dessa pesquisa, as escolas transformaram-se, em especial os estabelecimentos públicos, em locais onde são perpetrados vários tipos de conflitos, em especial os que se referem a violência contra o patrimônio, que se destaca nos atos de vandalismo e depredações que destroem as escolas, a violência entre os estudantes, a violência dos estudantes contra professores e as violências decorrentes da presença de drogas e armas nesses locais.

¹⁵⁰ Esse tipo de prática pedagógica não é exclusivo das escolas públicas.

Mesmo as escolas privadas, que, como expusemos ao longo das nossas reflexões, não sofrem muito com o problema da falta de estrutura, precisam equilibrar melhor a questão de preparar o aluno para a entrada no curso superior e, conseqüentemente, no mercado de trabalho, com a preparação desses alunos para a vida em sociedade. Por isso, acreditamos que o ensino precisa refletir sobre os assuntos que permeiam a sociedade, orientando os estudantes sobre as diversas problemáticas existentes na atualidade.

O mesmo acontece no campo do trabalho; se houvesse mais oportunidades de emprego para essa juventude ociosa, ela provavelmente não precisaria sobreviver através das vagas oferecidas pela rede do tráfico. Melhor dizendo, se houvesse uma renda suficiente para as famílias desses jovens, principalmente os que vivem nos bairros de periferia, provavelmente eles poderiam ocupar mais o seu tempo com requisitos de qualificação para brigar em termos de igualdade por um lugar no mercado de trabalho.

As famílias, como discutimos anteriormente, têm um papel crucial na orientação dos jovens. É a partir delas que eles recebem as primeiras influências que provavelmente comporão as suas personalidades. Por isso, acreditamos que aqueles familiares que são mais ausentes na vida dos seus filhos, que não conversam abertamente com eles, orientando sobre as diversas problemáticas que eles poderão encontrar pela frente, que não impõem limites, entre outras coisas, têm mais probabilidade de verem seus filhos recebendo influências fora do âmbito privado, entre elas o caminho para as drogas e a violência.

As famílias não podem jogar para a escola todas as responsabilidades da educação e orientação de seus filhos. Mesmo as escolas privadas por nós pesquisadas, que mantêm uma estrutura de funcionamento que conta, inclusive, com psicólogos no seu quadro pedagógico, não cobrem a necessidade que têm os jovens de sentirem a participação dos pais em suas vidas. Entretanto, no caso das escolas públicas, a impossibilidade de suprir alguma falta que sente a juventude em casa é ainda maior. Essas escolas, no nosso ponto de vista, não possuem

estrutura para lidar sozinha com toda a problemática existente na vida dos estudantes que se agregam nesses espaços.

Enfim, podemos perceber que o problema da relação juventude e drogas existente na atualidade não pode ser resolvido de forma isolada ou, para sermos mais claros, de forma punitiva, pois esse problema social não é um caso apenas de segurança, mas de saúde pública, de educação, de falta de oportunidade, exigindo então uma solução geral. Concordamos com os nossos entrevistados quando dizem que esse é um problema de toda a sociedade e que devemos todos nos unir para cobrar dos governos as suas responsabilidades, pois, como bem disse Arnaldo, de escola privada, *“isso em grande parte é por conta da gente que não cobra”*. Os jovens são inteligentes, mas precisam ser orientados a fazer reflexões, a se informar e saber escolher o melhor caminho. E isso pode ser visto nas falas de Roberto e Beto, respectivamente, ambos de escolas privadas. Assim, damos a eles a palavra final; deixamos que eles mesmos falem e concluam este trabalho; pois foi a partir deles e para eles que nos dedicamos durante toda a nossa pesquisa:

Eu acredito, eu acredito muito na juventude. É só orientar. O problema é a mídia e a educação. Se orientar, tem condições de mudar. Assistindo Malhação, assistindo Globo, acho que não vai mudar não. (Roberto).

A gente, assim, dentro da escola, a gente pode informar o jovem, entendeu? Eu não acredito que a gente vá acabar com 100% do uso. Sempre vai haver alguém que usa e tudo o mais. Mas a gente pode informar os jovens a ponto de saber o que ele tá fazendo. Ele saber o que tá vindo para ele. A educação, que não é só no colégio, que é na família também, que vai conversar sobre isso. (Beto).

REFERÊNCIAS

Abramo, Helena Wendel. *Cenas Juvenis – punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita, 1994.

Abramovay & Castro. *Drogas nas escolas- versão resumida*. Brasília: Unesco, Rede Pitágoras, 1994.

Albert Einstein: sociedade israelita brasileira. Disponível em <http://200.152.193.254/novosite/drogas_conceito.htm> . Acesso em 15 jan. 2006.

Anderson, Perry. “Balanço do Neoliberalismo”. In: Sader, Emir (org.). *Pós-neoliberalismo – As políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

Antunes, Ricardo. 1998. *Adeus ao trabalho?* – ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez.

Bauman, Zygmunt. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Bandeira, Lourdes; Suárez, Mireya. “Ordem pública, discriminação e repressão”. In: Oliveira, Dijaci David de; Santos, Sales Augusto dos; Silva, Valéria Getúlio de Brito e. *Violência policial: tolerância zero?* Goiânia: UFG, 2001, p. 129-150.

Belli, Benoni. *Tolerância zero e democracia no Brasil: visões da segurança pública na década de 90*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Bem, Arim Soares do. “Criminologia e etnicidade: culpa categórica e seletividade de negros no sistema judiciário brasileiro”. In: Cavalcanti, Bruno César; Suassuna, Clara; Barros, Raquel Rocha de Almeida Barros (orgs.). *Kulé-Kulé: visibilidades negras*. Maceió: Edufal, 2006.

Bock, Silvio D. “A inserção do Jovem no mercado de trabalho”. In: Abramo, Helena Wendel (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 11-16.

Bologna, José Ernesto. “Referencias e drogas”. In: Abramo, Helena Wendel (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 79-96.

Brito e Silva, Valéria Getulio. “A violência institucionalizada na encruzilhada da desigualdade e da injustiça”. In: Oliveira, Dijaci David de; Santos, Sales Augusto dos; Silva, Valéria Getúlio de Brito e. *Violência policial: tolerância zero?* Goiânia: UFG, 2001, p. 243-258.

Brum, Argemiro j. *Desenvolvimento Econômico Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1999.

Carlini-Cotrim. “Estranhando o óbvio”. In: Abramo, Helena Wendel (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 71-78.

Carmo, Paulo Sérgio do. *Cultura da Rebeldia – a juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2003.

Carvalho, Maria do Carmo Brant & Netto, José Paulo. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. São Paulo: Cortez, 2000.

- Cassab, Maria Aparecida. *Jovens Pobres e o Futuro: a construção da subjetividade na instabilidade e incerteza*. Niterói: Intertexto, 2001.
- Castro, Lola Aniyar. *Criminologia da libertação*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- Coulon, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- . *Escola de Chicago*. São Paulo: Papyrus, 1995.
- Diógenes, Glória. *Cartografias da cultura e da violência – gangues, galeras e o movimento hip hop*. São Paulo: Annablume, 1998.
- Fiúza, Guilherme. *Meu nome não é Johnny – a viagem real de um filho da burguesia à elite do tráfico*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- Fraga, Paulo Denisar. *Forma de dilaceramento do ser social*. Revista de Serviço Social e Sociedade, nº 70. São Paulo: Cortez, 2002, pp. 44-58.
- Frigotto, Gaudêncio. “Estruturas e sujeitos e os fundamentos da relação trabalho e educação”. In: Lombardi, José Claudinei, Saviani, Dermeval, Sanfelice, José Luís (orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. São Paulo, Autores Associados, 2002, p. 61-74.
- Gentili, Pablo. “Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais”. In: Lombardi, José Claudinei, Saviani, Dermeval, Sanfelice, José Luís (orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. São Paulo, Autores Associados, 2002, p. 45-59.
- Guimarães, Alberto Passos. *As Classes Perigosas – banditismo urbano e rural*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- Henman, Anthony. “A guerra às drogas é uma guerra etnocida”. In: Zaluar, Alba (org.). *Drogas e Cidadania – repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- Hobsbawm, Eric. *Era dos Extremos – o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Kohrausch, Andrea. “A evolução das relações de trabalho”. In: Instituto de Estudos Empresariais. *Cultura do trabalho*. Porto Alegre: IEE, 2005, p. 43-56.
- Lira, Fernando José de. *Realidade, desafios e possibilidades*. Maceió: Edufal, 1998.
- Macrae, Edward. “A importância dos fatores socioculturais na determinação da política oficial sobre o uso ritual da ayahuasca”. In: Zaluar, Alba. *Drogas e cidadania – repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 31-45.
- Martins, Heloisa Helena Souza. “A juventude no contexto da reestruturação produtiva”. In: Abramo, Helena Wendel. *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2002, p.17-41.
- Marx, Karl. *O Capital – o processo de produção do capital*. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1998, (col. Os Economistas vol. 2 tomo 2).
- Marx & Engels. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- Misse, Michael. *Crime e violência no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lumen Júris, 2006.
- Mészáros, István. 2006. *O Século XXI – socialismo ou barbárie*. São Paulo: Boitempo, 2006.

Morais, Regis. *O que é Violência Urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

Netto, José Paulo. “Transformações societárias e serviço social – notas para uma análise perspectiva da profissão no Brasil”. In: *Serviço Social e Sociedade*, nº50. São Paulo: Cortez, 1996, p. 87-131.

Normande, Taís Bentes. *História de uma permanência: a jatiúca velha - pobres e ricos na orla marítima de Maceió*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal de Alagoas. Maceió. 2000.

Novaes, Regina. “Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”. In: Almeida, Maria Isabel Mendes & Eugenio, Fernanda. *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. “Juventude e sociedade: jogos de espelhos”. *Sociologia especial: juventude brasileira*. São Paulo: Escala, ano I, n. 2, p. 6-15, 2007.

_____. “Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política”. In: Abramo, Helena Wendel. *Juventude em debate*. São Paulo Cortez, 2002.

Paiva, Marcelo Rubens. “Juventude e mobilização”. In: Abramo, Helena Wendel (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 42-45.

Patto, Maria Helena Souza. “Violência nas escolas: um caso de polícia?”. In: *Violência nas escolas e policiamento escolar*. São Paulo: Ilanud, 2002, p. 25-32.

Pochmann, Marcio & Borges, Altamiro. “Era FHC”: *A Regressão do Trabalho*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2007.

Porto, Maria Stela Grossi. “Violência e segurança: a morte como poder?”. In: Oliveira, Dijaci David de; Santos, Sales Augusto dos; Silva, Valéria Getúlio de Brito e. *Violência policial: tolerância zero?* Goiânia, UFG, 2001, p. 29-51.

Resende, Solange Enoi Melo de. *O Drama das Grotas: violência e o cotidiano no Jacintinho*. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais submetido à Universidade Federal de Alagoas. Maceió. 2001.

Sá, Domingos Bernardo Silva. “Projeto para uma nova política de drogas no país”. In: Zaluar, Alba (org.). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 147-171.

Saviani, Dermeval. “Transformações do capitalismo, do mundo do trabalho e da educação”. In: Lombardi, José Claudinei; Saviani, Dermeval; Sanfelice, José Luís (orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. São Paulo: Autores Associados, 2002, p. 13-24.

Silva, Lorena Holzmann. “Automação”. In: Cattani, Antonio David. *Trabalho e Tecnologia – dicionário crítico*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 25-27.

Silva, Valéria Getúlio de Brito e. “A violência institucionalizada na encruzilhada da desigualdade e da injustiça”. In: Oliveira, Dijaci David de; Santos, Sales Augusto dos; Silva, Valéria Getúlio de Brito e. *Violência policial: tolerância zero?* Goiânia, UFG, 2001, p. 243-258.

Soares, Luis Eduardo. Bill & Athaíde. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. “O futuro como passado e o passado como futuro: armadilhas do pensamento cínico e política da esperança”. In: Almeida, Maria Isabel Mendes; Eugenio, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens- novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Souza, Percival de. *Narcoditadura – o caso Tim Lopes, crime organizado e jornalismo investigativo no Brasil*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2002.

Taille, Yves de La. “Violência: falta de limites ou valor? Uma análise psicológica”. In: Abramo, Helena Wendel (org.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 110-134.

Tomazi, Nelson Dacio. *Iniciação à sociologia*. São Paulo: Atual, 2000.

Vasconcelos, Ruth. “O narcisismo e a violência na atualidade”. In: Burity, Joanildo A. *Cultura e Identidade – perspectiva interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

----- “Violência na escola: um ‘caso de polícia’ ou uma ‘questão de educação’”. In: Vasconcelos, Ruth & Pimentel Elaine. *Violência e criminalidade em mosaico*. Maceió: Edufal, 2009, p. 59-71.

Velho, Gilberto. “Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica”. In: Alvito, Marcos & Velho, Gilberto. *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: UFRJ E FGV, 1996.

_____. “A dimensão cultural e política dos mundos das drogas”. In: Zaluar, Alba. *Drogas e Cidadania – repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 23-29.

_____. “Juventude, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea”. In: Almeida, Maria Isabel Mendes; Eugenio, Fernanda. *Culturas jovens- novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

Young, Jock. *A sociedade excludente: exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente*. Rio de Janeiro: Revan: Instituto Carioca de Criminologia, 2002. (Pensamento criminológico 7).

Zaluar, Alba. “A globalização do crime e os limites da explicação local”. In: Alvito, Marcos Velho, Gilberto. *Cidadania e violência: repressão ou redução de riscos*. Rio de Janeiro: UFRJ E FGV, 1996.

_____. *A Integração Perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

_____. “A criminalização das drogas e o reencantamento do mal”. In: Zaluar, Alba (org.). *Drogas e cidadania*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 97-127.

ANEXOS

Anexo A: Roteiro de Entrevistas com Estudantes

Anexo B: Roteiro de Entrevistas com Profissionais

Anexo B: Entrevistas

Anexo A (ROTEIRO DE ENTREVISTAS – ESTUDANTES)**1) CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA**

IDADE

SEXO

SÉRIE

ESCOLA PÚBLICA OU PARTICULAR?

FAZ ALGUM OUTRO TIPO DE CURSO?

PAI

MÃE

MORAM JUNTOS?

IRMÃOS

QUANTOS MORAM NA CASA E QUEM SÃO (GRAU DE PARENTESCO)

PROFISSÃO DO PAI

PROFISSÃO DA MÃE

RENDAMENTO FAMILIAR – 1 SALÁRIO ()

ENTRE 1 E 2 SALÁRIOS ()

ENTRE 2 E 3 SALÁRIOS ()

ENTRE 3 E 4 SALÁRIOS ()

MAIS DE 5 SALÁRIOS ()

TRABALHA?

SE TRABALHA, QUAL A RENDA INDIVIDUAL?

BAIRRO

CASA PRÓPRIA - SIM () NÃO ()

RELIGIÃO – SIM () NÃO ()

SE SIM, QUAL?

PRATICA ESPORTE?

SE SIM, QUAL?

PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ARTÍSTICO?

SE SIM, QUAL?

2) DESCRIVER O SEU COTIDIANO

COMO É O SEU DIA-A-DIA DE SEGUNDA À SEXTA?

COMO É O SEU DIA-A-DIA AOS SÁBADOS E DOMINGOS?

O QUE FAZ NO FERIADO E NAS FÉRIAS?

COSTUMA MUDAR A ROTINA?

3) RELAÇÃO COM OS AMIGOS?

TEM AMIGOS?

DE ONDE SÃO OS AMIGOS?

ONDE MORAM FREQUENTAM A CASA UM DO OUTRO?

COM QUE FREQUÊNCIA SE ENCONTRAM?

O QUE COSTUMAM FAZER JUNTOS? (ESTUDAR, DIVERTIR...)

HÁ CONFLITOS ENTRE VOCÊS?

COMO ELES SÃO RESOLVIDOS?

QUAIS OS PRINCIPAIS MOTIVOS DOS CONFLITOS?

4) LAZER

COMO É O SEU LAZER?

GOSTA DESSE LAZER?

O QUE GOSTARIA DE FAZER E NÃO FAZ?

PORQUE NÃO FAZ?

5) ESCOLAS/DROGAS

COMO É O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA?

QUAIS AS DISCIPLINAS?

QUAIS OUTRAS ATIVIDADES REALIZADAS PELA ESCOLA ALÉM DESSAS DISCIPLINAS? (ESPORTE, ATIVIDADES ARTÍSTICAS, PALESTRAS, DEBATES...)

AS DISCIPLINAS E/OU OUTRAS ATIVIDADES SÃO REALIZADAS COM FREQUÊNCIA E A CONTENTO OU HÁ ALGUMA FALTA?

VOCÊ GOSTA DA ESCOLA? POR QUÊ?

O QUE MAIS VOCÊ GOSTA NA ESCOLA?

O QUE MENOS VOCÊ GOSTA NA ESCOLA?

O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE A ESCOLA TIVESSE?

O QUE VOCÊ MUDARIA NA ESCOLA?

JÁ SE ENVOLVEU EM ALGUM CONFLITO NA ESCOLA?

SE SIM, COM QUEM E COMO FOI ESSE CONFLITO?

COMO PROCUROU RESOLVÊ-LO?

O QUE SENTIU NESSE CONFLITO?

JÁ PRESENCIOU OUTROS CONFLITOS ENVOLVENDO OUTRAS PESSOAS NA ESCOLA?

SE SIM, QUAIS ERAM OS PERSONAGENS E COMO FOI ESSE CONFLITO?

COMO ESSE CONFLITO FOI RESOLVIDO?

PROCUROU INTERFERIR NESSE CONFLITO?

O QUE SENTIU COM RELAÇÃO A ESSE CONFLITO?

MORA PRÓXIMO A ESCOLA?

QUAIS OS PROBLEMAS IDENTIFICADOS NA COMUNIDADE NO QUAL A ESCOLA ESTÁ INSERIDA?

JÁ PRESENCIOU ALGUM CONFLITO NESSA COMUNIDADE?

QUAIS SÃO OS PERSONAGENS DESSE CONFLITO?

QUAIS OS MOTIVOS DESS CONFLITO?

COMO FOI RESOLVIDO?

VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS NA COMUNIDADE NA QUAL A ESCOLA ESTÁ INSERIDA?

COMO É ESSA IDENTIFICAÇÃO?

QUAIS OS TIPOS DE DROGAS CIRCULADAS NA COMUNIDADE?

POR QUE CIRCULA ESSE TIPO DE DROGA NA COMUNIDADE?

VOCÊ IDENTIFICA MEDIDAS DE PREVENÇÃO NA COMUNIDADE COM RELAÇÃO ÀS DROGAS?

VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS NA SUA ESCOLA?

COMO É ESSA IDENTIFICAÇÃO?

QUAIS OS TIPOS DE DROGAS CIRCULADAS NA SUA ESCOLA?

PORRQUE VOCÊ ACHA QUE CIRCULAM ESSE TIPOS DE DROGAS?

COMO ESSA DROGA ENTRA NA ESCOLA?

ESSA DROGA É VENDIDA OU DOADA?

ISSO É FEITO POR ALGUÉM DE DENTRO OU DE FORA DA ESCOLA?

QUAL O PREÇO DESSA DROGA?

COMO AS PESSOAS FAZEM PARA COMPRAR ESSA DROGA?

PRESENCIOU ALGUM CONFLITO NA ESCOLA ENVOLVENDO DROGAS?

QUAIS ERAM E COMO FOI ESSE CONFLITO?

COMO ELE FOI RESOLVIDO

QUAIS OS MOMENTOS UTILIZADOS NA ESCOLA PARA CONSUMIR ESSA DROGA?

OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA SABEM DESSA CIRCULAÇÃO DE DROGAS?

VOCÊ IDENTIFICA MEDIDAS UTILIZADAS PELOS PROFISSIONAIS PARA PREVENIR OS ESTUDANTES DA UTILIZAÇÃO DAS DROGAS?

6) INDIVÍDUO/DROGAS

VOCÊ CONSUME OU JÁ CONSUMIU ALGUM TIPO DE DROGA?

SE NÃO, JÁ LHE OFERECERAM ALGUMA DROGA?

JÁ FICOU TENTADO A EXPERIMENTAR?

O QUE SENTIU QUANDO LHE OFERECERAM?

PORQUE NÃO ACEITOU?

SE JÁ CONSUMIU OU CONSUME, QUAL O TIPO DE DROGA?

COMO VOCÊ CONSEGUIU OU CONSEGUE ESSA DROGA?

O QUE LEVOU VOCÊ A CONSUMIR ESSA DROGA?

COM QUE FREQUÊNCIA CONSUMIA OU CONSUME ESSA DROGA?

COMO FAZ PARA OBTER ESSA DROGA?

QUAL O PREÇO PAGO POR ESSA DROGA?

SE PAROU DE CONSUMIR, PORQUE RESOLVEU TOMAR ESSA DECISÃO?

COMO VOCÊ SE PREVINE DAS DROGAS OU DOS EFEITOS QUE ELA PODE PROPORCIONAR?

SE AINDA CONSUME DROGA, VOCÊ CONSEGUE PARAR? COMO?

7) AMIGOS/DROGAS

CONHECE ALGUÉM QUE CONSUME OU JÁ CONSUMIU DROGAS?

QUAL OU QUAIS OS TIPOS DE DROGAS CONSUMIDAS?

QUAL O PREÇO PAGO POR ESSA PESSOA PARA CONSUMIR ESSA DROGA?

COMO ELA FAZ PARA OBTER ESSA DROGA?

PORQUE ELA RESOLVEU CONSUMIR DROGA?

SE NÃO CONSOME MAIS, COMO ELA CONSEGUIR E PORQUE ELA PAROU?

COMO ELA SE ENVOLVEU COM DROGA?

ESSA PESSOA É DE ONDE?

QUAL O LOCAL QUE ELA COSTUMA CONSUMIR DROGA?

E OS AMIGOS QUE NÃO CONSOMEM DROGAS, PORQUE ELES TOMAM ESSA ATITUDE?

O QUE ELES ACHAM DAS PESSOAS QUE CONSOMEM DROGAS?

O QUE VOCÊ ACHA DAS PESSOAS QUE CONSOMEM DROGAS?

COMO É A VIDA ESCOLAR DESSE AMIGO QUE NÃO CONSOME DROGA?

COMO É A VIDA ESCOLAR DOS QUE CONSOMEM DROGAS?

COMO É A VIDA FAMILIAR DOS QUE NÃO CONSOMEM DROGA?

COMO É A VIDA FAMILIAR DOS QUE CONSOMEM DROGAS?

QUAL O LAZER DOS QUE NÃO CONSOMEM DROGAS?

QUAL O LAZER DOS QUE CONSOMEM DROGAS?

O QUE NÃO CONSOMEM DROGAS TRABALHA?

E OS QUE NÃO CONSOMEM DROGAS TRABALHAM?

OS QUE CONSOMEM DROGAS SE ENVOLVEM EM CONFLITOS? SE SIM, COMO SÃO ESSES CONFLITOS?

OS QUE NÃO CONSOMEM SE ENVOLVEM EM CONFLITOS? SE SIM, COMO SÃO ESSES CONFLITOS?

QUAIS AS CARACTERÍSTICAS DESSES USUÁRIOS DE DROGAS?

VOCÊ IDENTIFICA MEDIDAS UTILIZADAS PELAS FAMÍLIAS DOS SEUS AMIGOS PARA LIVRAR SEUS FILHOS DAS DROGAS?

8)RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

COMO É A RELAÇÃO COM SUA FAMÍLIA?

HÁ DIÁLOGOS?

O QUE OUVI AO SAIR DE CASA?

HÁ CONFLITOS?

COMO SÃO ESSES CONFLITOS?

COMO ELES SÃO RESOLVIDOS?

HÁ CONSELHOS? SE SIM, QUAIS?

ELES SÃO SEGUIDOS?

VOCÊ GOSTA DE FICAR EM CASA? PORQUE?

COMO É O MOMENTO QUE VOCÊ ESTÁ DENTRO DE CASA?

COMO É A REAÇÃO COM SEUS PAIS?

E A RELAÇÃO COM OS OUTROS MEMBROS DE CASA?

COMO FOI A SUA INFÂNCIA?

O QUE MUDOU COM O FIM DA INFÂNCIA?

A VIDA SE TORNOU MAIS DIFÍCIL OU MAIS FÁCIL?

QUAIS OS GANHOS E PERDAS ADQUIRIDAS COM A JUVENTUDE?

9) DROGAS/GERAL

VOCÊ ACHA A DROGA UM PROBLEMA?

SE SIM, QUAL?

SE NÃO, POR QUÊ?

QUEM VOCÊ ACHA QUE É AFETADO POR ESSA CIRCULAÇÃO DE DROGAS?
(ESCOLA, COMUNIDADE DA ESCOLA, COMUNIDADE DA SUA RESIDÊNCIA,
FAMÍLIA, USUÁRIO, AMIGOS, ETC.)

QUEM É MAIS AFETADO POR ESSA CIRCULAÇÃO? POR QUÊ?

O QUE VOCÊ ACHA NECESSÁRIO PARA SE PREVENIR?

VOCÊ ACHA TODAS AS DROGAS UM PROBLEMA?

VOCÊ ACHA QUE TODAS AS DROGAS CAUSAM OS MESMOS EFETOS? POR QUÊ?

VOCÊ ACHA O ÁLCOOL UMA DROGA?

VOCÊ IDENTIFICA RELAÇÃO DO ÁLCOOL COM A VIOLÊNCIA?

VOCÊ ACHA QUE AS DROGAS DEVEM SER LIBERADAS? POR QUÊ?

O QUE VOCÊ ACHA DA LIBERALIZAÇÃO DO ÁLCOOL?

O QUE VOCÊ ACHA DA PROIBIÇÃO DO ÁLCOOL AOS MENORES DE 18 ANOS?

ESTUDOS APONTAM QUE HÁ UM ALTO ÍNDICE DE MORTES ENTRE JOVENS DE 18 E 24. SÃO OS JOVENS QUE MAIS MATA E MORRE. O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

POR QUE VOCÊ ACHA QUE TEM SIDO ASSIM?

O QUE VOCÊ ACHA QUE O ESTADO DEVE FAZER?

O QUE VOCÊ ACHA QUE A SOCIEDADE DEVE FAZER?

Anexo B (ROTEIRO DE ENTREVISTAS – PROFISSIONAIS)

VOCÊ TRABALHA EM ESCOLA PÚBLICA OU PRIVADA?

O QUE FAZ NA ESCOLA?

COMO É O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA?

QUAIS AS DISCIPLINAS?

AS AULAS E AS ATIVIDADES FUNCIONAM COM FREQUÊNCIA?

HÁ PROBLEMAS NESSE FUNCIONAMENTO?

QUAL A ORIGEM SOCIAL DOS ALUNOS?

VOCÊ TEM IDÉIA DAS ATIVIDADES REALIZADAS PELOS ALUNOS FORA DA ESCOLA?

VOCÊ IDENTIFICA CONFLITOS NA ESCOLA?

SE NÃO, POR QUE NÃO OCORREM CONFLITOS?

SE SIM, QUAIS OS TIPOS DE CONFLITOS?

QUEM SÃO OS PERSONAGENS DESSES CONFLITOS?

COMO ESSES CONFLITOS SÃO RESOLVIDOS?

HÁ CONFLITOS NA COMUNIDADE EM QUE ESSAS ESCOLAS ESTÃO INSERIDAS?

SE NÃO, POR QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO HÁ CONFLITOS?

SE SIM, QUAIS OS TIPOS DESSES CONFLITOS?

QUAIS OS PERSONAGENS DESSES CONFLITOS?

COMO ELES SÃO RESOLVIDOS?

ESSES CONFLITOS INTERFEREM NO FUNCIONAMENTO DA ESCOLA?

VOCÊ IDENTIFICA O CONSUMO DE DROGAS ENTRE OS ESTUDANTES DESSA ESCOLA?

SE NÃO IDENTIFICA, POR QUE VOCÊ ACHA QUE NÃO HÁ ESSE CONSUMO?

SE HÁ, ESSE CONSUMO ACONTECE DENTRO OU FORA DA ESCOLA?

COMO VOCÊ IDENTIFICA ESSE CONSUMO?

QUA O TIPO DE DROGA CONSUMIDA?

POR QUE SE CONSOME ESSE TIPO DE DROGA?

ONDE ESSES ESTUDANTES COMPRAM ESSA DROGA?

QUEM VENDE ESSA DROGA?

COMO FAZEM PARA COMPRAR ESSA DROGA?

SE ELES CONSOMEM ESSA DROGA DENTRO DA ESCOLA, COMO ESSAS DROGAS ENTRAM NA ESCOLA?

POR QUE VOCÊ ACHA QUE ESSES ESTUDANTES SE ENVOLVEM COM ESSAS DROGAS?

QUAL O PERFIL DESSE USUÁRIO?

COMO GERALMENTE COMEÇA ESSE CONSUMO?

QUAL A ORIGEM SOCIAL DESSES USUÁRIOS?

COMO É O RELACIONAMENTO DELES COM A FAMÍLIA?

A FAMÍLIA SE ENVOLVE NA SUA VIDA ESCOLAR?

QUAL A ORIGEM SOCIAL DOS QUE NÃO SÃO USUÁRIOS?

COMO É O RELACIONAMENTO COM A FAMÍLIA?

A FAMÍLIA SE ENVOLVE NA SUA VIDA ESCOLAR?

QUA O PERFIL DOS NÃO USUÁRIOS?

CONHECE ALUNO QUE NÃO CONSOME MAIS DROGAS?

SE SIM, COMO LARGOU?

VOCÊ ACHA QUE É POSSÍVEL LARGAR A DROGA?

A ESCOLA TRABALHA NO SEU DIA-A-DIA SOBRE ESSE TEMA?

SE SIM, COMO ESSE TRABALHO É FEITO?

QUAIS OS EFEITOS DAS DROGAS NA VIDA ESCOLAR?

VOCÊ É A FAVOR DA LIBERALIZAÇÃO DAS DROGAS? POR QUÊ?

VOCÊ CONSIDERA O ÁLCOOL UMA DROGA?

ACREDITA QUE OS ALUNOS CONSOMEM ÁLCOOL?

VOCÊ TEM FILHOS? QUAL A IDADE?

ACREDITA QUE ELES SE ENVOLVEM OU JÁ SE ENVOLVERAM COM DROGAS?

SE ELE NÃO SE ENVOLVE MAIS, COMO PAROU?

SE ELE NÃO É USUÁRIO, COMO ELE FAZ PARA EVITAR O CONSUMO?

SE ELE É USUÁRIO, QUAL OU QUAIS AS DROGAS CONSUMIDAS?

COMO FAZ PARA CONSEGUIR ESSA DROGA?

ONDE COMPRA?

COMO INICIOU NO CONSUMO?

QUAIS OS PROBLEMAS QUE ESSE CONSUMO PROVOCA?

O QUE FAZ PARA RESOLVER ESSE PROBLEMA?

Anexo C (ENTREVISTAS)

ESCOLA PÚBLICA

CARLOS: 15 ANOS, SEXO MASCULINO.

-ALÉM DA ESCOLA NORMAL, VOCÊ FAZ ALGUM TIPO DE CURSO?
-FIZ O CURSO DE TÉCNICO DE INFORMÁTICA.

-ENTÃO HOJE VOCÊ NÃO FAZ NENHUM TIPO DE CURSO?
-FAÇO CURSO PARA TENTAR O VESTIBULAR.

-VOCÊ TEM PAI E MÃE?
-TENHO.

-MORAM JUNTOS?
-SIM.

-QUANTOS MORAM NA CASA?
-4 PESSOAS.

-SEU PAI, SUA MÃE, VOCÊ E...
-MEU IRMÃO.

-PROFISSÃO DO PAI?
-ELE É... ANTES DE ELE SER COMERCIANTE ELE ERA PROFESSOR.

-ELE É FORMADO?
-ELE É FORMADO.

-QUAL O CURSO?
-GEOGRAFIA, MATEMÁTICA, HISTÓRIA E CIÊNCIAS CONTÁBEIS.

- AÍ DEIXOU TUDO ISSO PARA...
-TUDO ISSO PARA EXERCER A PROFISSÃO.

-POR QUE ELE DEIXOU?
-PORQUE ANTES DELE SER PROFESSOR ELE TRABALHAVA NA SALGEMA. ELE ERA CHEFE DE CONTABILIDADE DA SALGEMA. ELE CONTAVA MUITO DINHEIRO, MOVIA MUITO COM DINHEIRO. MAS DEPOIS DISSO, QUANDO EU NASCI, ELE DISSE QUE PEDIU PARA SAIR DA SALGEMA, PASSOU A CUIDAR MAIS DA MINHA MÃE. MINHA MÃE TAMBÉM TRABALHAVA, ERA DIRETORA DE UMA ESCOLA. DEPOIS ELE COMEÇOU A FAZER OS CURSOS. COMEÇOU, COMEÇOU A TRABALHAR, DEPOIS ELE PEGOU E DESISTIU, DISSE QUE COM O DINHEIRO QUE ELE TINHA TIRADO DA SALGEMA, COM A INDENIZAÇÃO QUE A SALGEMA DEU A ELE E TUDO, ELE PEGOU E MONTOU O SEU PRÓPRIO RAMO NO COMÉRCIO.

-VOCÊ FALOU QUE SUA MÃE TAMBÉM É FORMADA?
-SIM.

-É FORMADA EM QUÊ?
-PEDAGOGIA.

- ELA TAMBÉM NÃO ESTÁ EXERCENDO?
-TAMBÉM NÃO EXERCE.

-QUAL A RENDA FAMILIAR?

-5 SALÁRIOS.

-VOCÊ TRABALHA?
-TRABALHO.

-TRABALHA EM QUÊ?
-DOU AULA DE INFORMÁTICA.

-QUAL SUA RENDA INDIVIDUAL?
-1 SALÁRIO.

- BAIRRO QUE MORA?
-TABULEIRO.

-A SUA CASA É PRÓPRIA?
-É.

-VOCÊ TEM RELIGIÃO?
-FUI BATIZADO NA IGREJA CATÓLICA MAIS FREQUENTE A IGREJA BATISTA.

-O QUE TE FAZ IR PARA UMA IGREJA?
-OLHA, O MELHOR CAMINHO HOJE EM DIA PARA O QUE A GENTE VIVE É A GENTE ESTÁ COM DEUS, PROCURAR DEUS PRIMEIRAMENTE PARA A GENTE TOMAR CERTAS ATITUDES. ANTES DA GENTE PROCURAR ALGUMA COISA, A GENTE SEMPRE TIVESSE COM DEUS, PORQUE É A MELHOR COISA QUE EXISTE.

-POR QUE VOCÊ ACHA QUE HÁ ESSA NECESSIDADE DE ESTAR COM DEUS?
-PORQUE NO MUNDO EM QUE NÓS VIVEMOS, NÉ, EXISTE A QUESTÃO DE DROGAS, NÉ, TEM MUITO LADRÃO, MUITO BANDIDO, QUESTÃO DA POLITICA, NÉ, QUE DEUS CRIOU A GENTE PARA SER LIVRE, MAIS HOJE EM DIA NADA QUE A GENTE PODE FAZER A GENTE SENTE LIVRE, A GENTE SENTE UMA PESSOA PRESA, NÉ. ENTÃO É JUSTAMENTE ISSO, A GENTE PROCURANDO DEUS, A GENTE CONVERSANDO COM ELE, ELE PODE DAR LUZ A GENTE, A PROTEÇÃO, NÉ, E NOS MOSTRAR UM CAMINHO MELHOR PARA A GENTE SEGUIR. É ISSO QUE EU ACHO.

-DE ACORDO COM O QUE ACONTECE NA SOCIEDADE VOCÊ ACHA QUE A RELIGIÃO É IMPORTANTE?
-SIM.

-VOCÊ PRATICA ALGUM ESPORTE?
-NÃO.

-NUNCA PRATICOU?
-PRATIQUEI, FIZ CAPOEIRA.

-ISSO TUDO NA ESCOLA?
-NÃO, ERA FORA.

-PORQUE VOCÊ PAROU?
-PAREI PORQUE ME DEU VONTADE DE FAZER, COMO EU DISSE, OS CURSOS DE INFORMÁTICA.

-VOCÊ PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ARTÍSTICO?
-NÃO.

-EU QUERO QUE VOCÊ FALE SOBRE O SEU DIA-A-DIA, DE SEGUNDA A SEXTA. O QUE VOCÊ FAZ GERALMENTE DE SEGUNDA A SEXTA?
-BOM, DE SEGUNDA A SEXTA TENHO AULA NORMAL. MANHÃ VENHO PARA A ESCOLA, À TARDE VOU PARA O TRABALHO E À NOITE EU ESTUDO, FAÇO ALGUM TRABALHO QUE ELES PASSAM.

-HÁ ALGUMA MODIFICAÇÃO NESSA ROTINA?

-ÀS VEZES.

-NESSA MUDANÇA VOCÊ FAZ O QUÊ?

-É... NA QUESTÃO DA MUDANÇA EU DEDICO UM TEMPO MAIS PARA MIM, NÉ, PORQUE EU ACHO QUE EU TÔ SEMPRE TRABALHANDO DEMAIS, NÉ, TÔ PROCURANDO OUTRAS COISAS. ENTÃO QUANDO EU TENHO TEMPO PARA MIM EU TENTO PREENCHER ESSE TEMPO SÓ PARA MIM, PARA MIM DIVERTIR, PARA FICAR SOSSEGADO.

-E NOS FINAIS DE SEMANA VOCÊ FAZ O QUÊ?

-TENHO UMA PILHA DE PROVA DE INFORMÁTICA PARA CORRIGIR, NÉ. ESTUDO UM POUCO E DEPOIS MARCO COM MEUS PRIMOS PARA SAIR.

-VOCÊ COSTUMA SAIR PARA ONDE?

-SHOPPING, PRAIA, NÉ. GOSTO MUITO DE PASSEAR NA CASA DA MINHA TIA, GOSTO MUITO DE ANDAR NO SÍTIO DELA, AÍ EU COSTUMO SAIR MUITO COM ELES.

-E NAS FÉRIAS, FERIADO, VOCÊ COSTUMA SAIR, VIAJAR, VOCÊ FAZ O QUÊ?

-NAS FÉRIAS, QUANDO EU TENHO FÉRIAS, EU LIGO PARA CASA DE ALGUMA TIA MINHA E... ELES SEMPRE ME CHAMAM. ÀS VEZES EU PASSO PRATICAMENTE MINHAS FÉRIAS TODA LÁ.

-ONDE É A CASA DA SUA TIA?

-ELA MORA ALI PERTO DO... TEM UMA TIA NO TABULEIRO, NO SANTOS DUMONT, E TAMBÉM UMA PERTO DA FERNANDES LIMA, QUE ELA TEM UM SÍTIO ALI, QUE O SÍTIO É DELA.

-ESSAS SAÍDAS QUE VOCÊS TÊM HÁ MUITO GASTO DE DINHEIRO?

-NÃO, EU PROCURO MUITO ECONOMIZAR BASTANTE.

-VOCÊ NÃO GASTA PORQUE VOCÊ ECONOMIZA?

-NÃO, PORQUE EU NÃO ACHO QUE NÃO TEM NECESSIDADE DE FICAR GASTANDO.

-NÃO É PORQUE VOCÊ NÃO TENHA?

-NÃO.

-VOCÊ PELO MENOS TERIA DINHEIRO PARA ESSAS SAÍDAS?

-EXATAMENTE.

-VOCÊ TEM AMIGOS?

-TENHO.

-MUITOS AMIGOS?

-MUITO MESMO.

-VOCÊ TEM AMIGOS DE ESCOLA, TRABALHO, DE ONDE?

-OLHA, AMIGOS EU SEMPRE DIGO QUE A GENTE NÃO TEM, NÉ, A GENTE NÃO TEM AMIGO DE JEITO NENHUM. AQUELAS PESSOAS QUE DIZ QUE É NOSSO AMIGO, AQUELA PESSOA SE FAZ DE UM AMIGO. ENTÃO PRATICAMENTE EU NÃO CONSIGO DIZER QUE ELE É UM AMIGO. EU DIGO QUE ELE É UMA PESSOA QUE TÁ ALI PARA A GENTE CONVERSAR, BRINCAR NAQUELA HORA, MAIS SER AMIGO MESMO EU NÃO CONSIDERO.

-VOCÊ NÃO TEM AMIGO QUE VOCÊ CONVERSA, QUE TROCA CONFIDÊNCIAS?

-TER TEM. TEM UM AMIGO QUE É ATÉ NA PRÓPRIA ESCOLA.

-MAS SÃO POUCOS?

-É UMA PESSOA SÓ.

-SÓ UMA? AQUELE QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS E TROCA CONFIDÊNCIAS? O RESTO É MAIS AQUELE NORMAL?

-É, AQUELE NORMAL, DE BRINCAR, CONVERSAR.

-VOCÊ TEM AMIGOS FORA, NO BAIRRO?

-PRATICAMENTE NA ESCOLA E NO BAIRRO.

-É PORQUE A ESCOLA É NO BAIRRO NÃO É ISSO?

-SIM.

-E NO TRABALHO?

-NO TRABALHO EU PROCURO CHEGAR LÁ, DAR MINHA AULA E VOLTAR, NÉ. PROCURO SÓ BRINCAR UM POUCO E VOLTAR, NÃO TENHO MUITO AMIGO. ATÉ PORQUE ESTOU COMEÇANDO AGORA, NÉ, SÓ VOU TOMAR 2 MESES DE UMA VAGA DE UM PRIMO MEU.

-VOCÊS FREQUENTAM A CASA UM DO OUTRO?

-FREQUENTE BASTANTE.

VOCÊS CONHECEM OS PAIS UM DO OUTRO?

-CONHEÇO OS PAIS TUDO DELES.

-QUAL A FREQUÊNCIA COM QUE VOCÊS SE ENCONTRAM?

-PRATICAMENTE QUASE TODOS OS DIAS, QUANDO EU TENHO FOGA, QUANDO SAIO DO TRABALHO A GENTE SEMPRE SE ENCONTRA. ELES VÃO PARA A PORTA DA MINHA CASA, EU VOU PARA A PORTA DA CASA DELES E É COM BASTANTE FREQUÊNCIA.

-ESSAS SAÍDAS QUE VOCÊ FALOU, JÁ QUE SEUS AMIGOS SÃO MAIS DA ESCOLA E ACABA SENDO DO BAIRRO, VOCÊS SAEM FINAL DE SEMANA?

-SAÍMOS. SHOPPING, FESTA, SÍTIO DA MINHA TIA.

-MAS O SÍTIO DA SUA TIA VOCÊ VAI MAIS SOZINHO?

-É DIFÍCIL EU LEVAR AMIGO.

-VOCÊS FAZEM O QUE ALÉM DE SE DIVERTIR? VOCÊS ESTUDAM?

-A GENTE ESTUDA, A GENTE GOSTA DE MARCAR ENCONTRO DE ESTUDO, NÉ, A GENTE ESTUDA MUITO MATÉRIA. ANTES DA GENTE COMEÇAR A ESTUDAR A GENTE PROCURA CONVERSAR SOBRE O QUE ACONTECEU NO DIA-A-DIA DE CADA UM. DEPOIS É QUE A GENTE VAI COMEÇAR A FAZER AS OUTRAS ATIVIDADES.

-EXISTE ALGUM CONFLITO ENTRE VOCÊ E SEUS AMIGOS? JÁ HOUVE ALGUMA BRIGA, ALGUMA COISA, GERALMENTE VOCÊS DISCUTEM?

-JÁ. A GENTE PROCURA NÃO TER CONFLITO, NÉ. A GENTE QUANDO VAI COMEÇAR A GENTE PROCURA DIZER ÔPA, PAROU, NÉ, VAMOS TENTAR CONVERSAR, VAMOS TENTAR PROCURAR UMA OUTRA MANEIRA PARA A GENTE CONVERSAR.

-E ESSES CONFLITOS GERALMENTE SÃO SOBRE O QUÊ?

-QUESTÃO DE PRECONCEITO.

-QUAL O TIPO DE PRECONCEITO?

-PRECONCEITO QUE HÁ HOJE EM DIA, NÉ. A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA, DAS DROGAS, DA IGNORÂNCIA COM AS PESSOAS.

-CADA UM TEM OPINIÃO DIFERENTE. VOCÊ SE ENQUADRA EM QUE OPINIÃO?

-OLHA, A OPINIÃO QUE EU DOU É QUE MUITAS PESSOAS ELAS NÃO GOSTAM DE... ELA QUER AGIR POR CONTA PRÓPRIA, ELAS NÃO PROCURAM AS OUTRAS PESSOAS PARA CONVERSAR, PARA VER COMO É QUE VAI ACHAR A SOLUÇÃO, NÉ. ELAS QUEREM IR LOGO À FRENTE, TOMAR LOGO A VEZ, NÉ. ENTÃO ESSA É UMA DAS MINHAS OPINIÕES. JÉ NAS OUTRAS PESSOAS ELAS DIZEM QUE ISSO É NORMAL, ISSO É ASSIM MESMO, QUE A GENTE TEM QUE IR NA VIOLÊNCIA, NA IGNORÂNCIA. EU ACHO ISSO UMA COISA MUITO ERRADA.

-VOCÊ FALA QUE NO LAZER VAI AS FESTAS, SHOPPING. VOCÊ GOSTA DE FAZER ESSAS COISAS?

-GOSTAR NÃO GOSTO. GOSTO MAIS DE FICAR EM CASA. É QUE ÀS VEZES MEUS PRIMOS LIGAM PARA MIM AÍ EU ACABO NÃO DIZENDO NÃO E VOU.

-E O QUE É QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER NO LAZER?

-PASSAR O DIA TODINHO EM FRENTE A UMA TELEVISÃO ASSISTINDO UM BOM FILME, PENSANDO SÓ NO QUE EU VOU FAZER NO DIA SEGUINTE.

-MAS VOCÊ FAZ ISSO?

-FAÇO, QUANDO EU SEMPRE POSSO EU FAÇO.

-TEM ALGUMA COISA QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER E NÃO FAZ?

-EXISTE. PEGAR O CARRO E PASSAR O DIA TODO PASSEANDO, QUE ÀS VEZES EU PASSO MAS ÀS VEZES EU GOSTO MUITO DE TÁ COM O CARRO E TÁ SEMPRE NO FINAL DE SEMANA COM ELE.

-MAS VOCÊ NÃO TEM CARTEIRA?

-É, MAS QUEM VAI NO CASO É MEU PRIMO DIRIGINDO. AÍ É ATÉ UMA DIVERSÃO PARA A GENTE. AÍ QUANDO A GENTE NÃO TEM VÊ SÓ UMA SOLUÇÃO QUE É LOCAR UM CARRO.

-COMO É O FUNCIONAMENTO DA SUA ESCOLA?

-OLHA, A PARTIR, ANTES, O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA PELO QUE EU ENCARAVA ESTAVA BOM, EXCELENTE, MAS A PARTIR DE AGORA A GENTE PASSOU A MUDAR DE DIREÇÃO, NÉ, E INFELIZMENTE A GENTE MUDOU DE ADMINISTRADOR DA ESCOLA E A ESCOLA PASSOU A PASSAR POR CERTAS DECISÕES QUE A GENTE NUNCA TINHA VISTO, NÉ, A QUESTÃO DO PRECONCEITO COM OS NOVOS DIRETORES QUE TEM. ENTÃO EU ACHO ISSO MUITO ERRADO E HÁ MUITA CONFUSÃO AQUI NA ESCOLA QUE ERA COISA QUE A GENTE NÃO TINHA, A GENTE NÃO VIA NO DIA-A-DIA.

-ALÉM DISSO, COMO É O FUNCIONAMENTO ASSIM... O QUE É QUE A ESCOLA OFERECE ALÉM DAS AULAS?

-TEM A QUESTÃO DA PEDAGOGIA, NÉ, QUE ELA TRABALHA MUITO, A ESCOLA EM SI ELA TRABALHA MUITO COM A QUESTÃO DINÂMICA COM OS ALUNOS.

-QUAIS SÃO ESSAS ATIVIDADES DINÂMICAS?

-NA QUESTÃO DE PROCURAR VALORIZAR, NÉ, PROCURAR A QUESTÃO DAS DROGAS, A VIOLÊNCIA, PROCURAR A QUESTÃO DO PRECONCEITO. OS PROFESSORES EM SI, A COORDENAÇÃO.

-QUEM É QUE FAZ ISSO, SÃO OS PROFESSORES OU A COORDENAÇÃO OU DIREÇÃO?

-A MAIORIA É SEMPRE COM OS PROFESSORES JUNTAMENTE COM A COORDENAÇÃO. A DIREÇÃO SÓ FAZ DAR O APOIO COM A QUESTÃO DO LUGAR, É O QUE EU PENSO. A DIREÇÃO ATUALMENTE HOJE ELA NÃO QUER SE ENVOLVER EM NADA, ELA PENSA QUE É SÓ PORQUE TEM UMA COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA É QUE A COORDENAÇÃO TEM QUE TOMAR CERTAS ATITUDES COM OS PROFESSORES. ELES SÓ TÃO ALI PARA COORDENAR, MANDAR, É O QUE EU PENSO.

-MAS HÁ TAMBÉM DEBATES, ATIVIDADES ARTÍSTICAS, ESPORTES, COMO É O FUNCIONAMENTO DISSO?

-A QUESTÃO DE DEBATES OS PROFESSORES SEMPRE FAZEM DEBATES, PRINCIPALMENTE DA MATÉRIA DE CADA UM, ELES GOSTAM DE ESTAR SEMPRE FAZENDO.

MAS É EM SALA DE AULA? FORA TAMBÉM?

-NÃO, FORA TEM MENOS. É SÓ MAIS RECITAL, NÉ, É QUESTÃO DE ALGUMAS AULAS PRÁTICAS, NÉ, E AULAS TEÓRICAS É MAIS EM SALA DE AULA.

-ESSAS ATIVIDADES EM SALA DE AULA QUAL A FREQUÊNCIA?

-POUCAS.

-O ESPORTE NA ESCOLA COMO É QUE FUNCIONA?

-A QUESTÃO DE ESPORTE NA ESCOLA, NÉ, TOTALMENTE OS ALUNOS GOSTAM MAIS DO ESPORTE, ENTÃO ELA FUNCIONA ASSIM... SEM O ESPORTE A ESCOLA NÃO É NADA, ENTÃO ELE FUNCIONA NORMALMENTE BEM NA ESCOLA, NÉ. ENTÃO COM OS PROFESSORES QUE NÓS

TEMOS AQUI NA ESCOLA, QUE É PROFESSORES ÓTIMOS, CAPACITADOS, NÉ, ELES CONSEGUEM MELHORAR O RACIOCÍNIO E O PENSAMENTO DO ALUNO PARA A SALA DE AULA.

-VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA OU O PRÓPRIO PROFESSOR INCENTIVA,OU SEJA, DIZ PARA FAZER ESPORTE, DIZ PARA FAZER UMA ATIVIDADE ARTÍSTICA, POR EXEMPLO? VOCÊ ACHA QUE HÁ ESSE INCENTIVO PARA QUE DESENVOLVA TALENTOS NO ESPORTE E NAS ATIVIDADES ARTÍSTICAS?

-POUCO MAS HÁ.

-VOCÊ SENTE ALGUMA FALTA NA ESCOLA? O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NA ESCOLA?
-FALTA PROFESSORES.

-VOCÊ ACHA QUE A ÚNICA FALTA É DE PROFESSORES?

-QUESTÃO DE FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES. ESCOLA PÚBLICA A GENTE TEM SEMPRE ESSA QUESTÃO DE CARÊNCIA, NÉ. ENTÃO EU ACHO QUE DEVERIA TER MAIS PROFESSORES E FUNCIONÁRIOS.

-COMO É QUE SÃO AS AULAS, ELAS INCENTIVAM OS ALUNOS A PENSAREM, A DISCUTIR, OU VOCÊ ACHA QUE AS AULAS SÃO MAIS PRONTAS, QUE O ALUNO SÓ PRECISA DECORAR?

-NÃO. EU ACHO QUE AS AULAS, PRINCIPALMENTE DA NOSSA NOVA PROFESSORA QUE CHEGOU AGORA, PROFESSORA DE GEOGRAFIA, ELA É TOTALMENTE DINÂMICA, COMO DE VÁRIOS OUTROS PROFESSORES. ELES SEMPRE TRAZEM PARA GENTE A QUESTÃO DA GENTE FAZER O RACIOCÍNIO EM SALA DE AULA. NÃO SÓ A QUESTÃO DE DECORAR, MAS TAMBÉM A GENTE TRABALHAR AQUELE CONTEXTO, AQUELE ASSUNTO QUE ELES TRAZEM, ENTÃO É O QUE EU ACHO.

-ESSA PROFESSORA DE GEOGRAFIA COMO É ESSA DINÂMICA DELA?

-ELA APLICA A AULA DELA, NÉ, COMEÇA A EXPLICAR E DÁ O MOMENTO DA GENTE TIRAR, NÉ, A QUESTÃO DAS DÚVIDAS QUE A GENTE TEM. COMEÇA A BRINCAR COM OS ALUNOS, NÉ, MAS NA HORA CERTA ELA... ELA BRINCA NA HORA CERTA, ELA PÁRA NA HORA DE DAR O CONTEÚDO.

-MAS ELA FAZ COM QUE VOCÊS MESMOS TRABALHEM, COM QUE VOCÊS MESMOS PENSEM, BUSQUEM O CONHECIMENTO?

-É

-VOCÊ GOSTA DA ESCOLA?

-GOSTO. EU SEMPRE ESTUDEI EM ESCOLA PARTICULAR, NÉ. SÓ TEM 2 ANOS DE ESCOLA DE ESTADO, NÉ, PORQUE QUANDO EU MORAVA NO CLIMA BOM EU ESTUDAVA NUMA ESCOLA NO OSMAN LOUREIRO, QUE ERA O LOCAL DA ESCOLA. A ESCOLA QUE EU ESTUDAVA ERA A ROSA MÍSTICA. DEPOIS QUE EU PASSEI A ESTUDAR NO TABULEIRO FICAVA MAIS DIFÍCIL DE TÁ SAINDO DO TABULEIRO PARA IR PARA O OSMAN. ENTÃO A GENTE PROCUROU UMA ESCOLA PARTICULAR. ESTUDEI 1 ANO, NÃO GOSTEI DA ESCOLA E MEU PAI CONHECIA A DIRETORA DA ESCOLA, A EX-DIRETORA, ENTÃO ELE CONSEGUIU A VAGA PARA MIM E MEU IRMÃO E A GENTE COMEÇOU A ESTUDAR AQUI E A GENTE TOTALMENTE SE ADAPTOU NO REGIME DA ESCOLA.

-O QUE É QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA ESCOLA?

-O QUE EU MAIS GOSTO É NA QUESTÃO DO FUNCIONAMENTO. FUNCIONAMENTO NÃO É MUITO BOM MAS A QUESTÃO DOS PROFESSORES, DOS FUNCIONÁRIOS, ELES SEMPRE ESTÃO BUSCANDO COM OS ALUNOS O PORQUE, NÉ, E SEMPRE EXISTE NA CABEÇA DO ADOLESCENTE UMA INTERROGAÇÃO. ENTÃO ELES FAZEM COM QUE A GENTE ESQUEÇA ESSA INTERROGAÇÃO E COLOQUE UMA RESPOSTA NA NOSSA CABEÇA.

-O QUE VOCÊ MENOS GOSTA NA ESCOLA?

-NA ESCOLA O QUE EU MENOS GOSTO É NA QUESTÃO DAS INTRIGAS QUE A GENTE VER MUITO, NÉ. A QUESTÃO QUE ÀS VEZES NÃO TEM AQUELE FUNCIONAMENTO QUE NÓS PENSAMOS QUE IA TER, NÉ, A QUESTÃO DA... MUITOS FUNCIONÁRIOS QUE SÃO EXCELENTES, NÉ. A QUESTÃO DA... MUITOS RECLAMAM DE VÁRIOS FUNCIONÁRIOS, NÉ. ENTÃO ESSA É A QUESTÃO QUE É O PONTO NEGATIVO DA ESCOLA.

-VOCÊ FALOU NA QUESTÃO DE INTRIGAS, ENTÃO A GENTE PODE FALAR EM CONFLITOS, VOCÊ IDENTIFICA CONFLITOS NA ESCOLA, DIVERGÊNCIAS, BRIGAS, SEJA ENTRE ALUNOS, SEJA ALUNO E PROFESSOR, SEJA ENTRE PROFESSORES?

-VEJO.

-COMO SÃO E COM QUEM SÃO ESSES CONFLITOS?

-É MUITO MAIS COM PROFESSORES E ALUNOS. OS PROFESSORES QUEREM TER, PASSAR PARA A GENTE O CERTO E O ALUNO SEMPRE QUER TER RAZÃO E PASSAR POR CIMA DA AUTORIDADE DO PROFESSOR, NÉ. ENTÃO É SEMPRE O ALUNO CONTRA O MESTRE, QUE É O PROFESSOR.

-ESSA RELAÇÃO NÃO É MUITO BEM TRABALHADA?

-NÃO.

-HÁ BRIGA ENTRE ALUNOS?

-MUITAS VEZES É A QUESTÃO QUE EU TAVA DIZENDO ANTERIORMENTE, O PRECONCEITO. MUITA GENTE É PRECONCEITUOSO, NÉ, E É O QUE TEM MAIS NA ESCOLA PÚBLICA.

-VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUMA BRIGA?

-JÁ.

-QUAL A CAUSA?

-POR CONTA DE PRECONCEITO.

-QUAL PRECONCEITO?

-A QUESTÃO DO PRECONCEITO É PORQUE UM ERA BRANCO E O OUTRO ERA NEGRO E ELES SAÍRAM NA TAPA, SAÍRAM BRIGANDO NA RUA. ENTÃO ESSA ERA A QUESTÃO DO PRECONCEITO. TAMBÉM TEM A QUESTÃO DE UM QUERER SER MELHOR DO QUE O OUTRO, NÉ. NA REALIDADE NENHUM ERA MELHOR, NENHUM ERA BOM, ENTÃO ERA POR ISSO QUE SAIU ESSA CONFUÃO.

-ELES DIZIAM QUE ERAM MELHOR EM QUE SENTIDO?

-NA QUESTÃO DO DIÁLOGO, NA QUESTÃO DA APRENDIZAGEM, NA QUESTÃO DA INTELIGÊNCIA.

-ELES SE ACHAVAM MAIS INTELIGENTE DO QUE O OUTRO?

-É.

-COMO É QUE FOI RESOLVIDO ESSE CONFLITO? FOI DENTRO DA ESCOLA OU FORA DELA?

-FORA DA ESCOLA. OS PRÓPRIOS AMIGOS APARTARAM ELES, NÉ, E LEVARAM ELES PARA A DIREÇÃO E A DIREÇÃO LÁ CONVERSOU COM ELES, COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E OS AMIGOS DELES TAMBÉM CONVERSARAM COM ELES.

-ENTÃO ESSE CONFLITO FOI RESOLVIDO?

-SIM.

-TEM ALGUM OUTRO TIPO DE CONFLITO QUE VOCÊ TENHA PRESENCIADO?

-NÃO.

-VOCÊ JÁ SE ENVOLVEU EM ALGUM TIPO DE CONFLITO?

-NÃO. EU PROCURO ESTAR SEMPRE NO MEU LOCAL.

- QUANDO VOCÊ VIU ESSE CONFLITO VOCÊ PROCUROU DE ALGUMA FORMA INTERVIR NELE?

- NÃO PORQUE EU NÃO CONHECIA ELES, NÃO SABIA O PORQUE DA BRIGA, SÓ VIM SABER ISSO DEPOIS, ENTÃO POR ISSO NÃO ME METI NA HORA.

- O QUE VOCÊ SENTIU COM ESSE CONFLITO QUE VOCÊ PRESENCIOU?

- A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA, NÉ, A VIOLÊNCIA QUE HÁ NO MUNDO E PRINCIPALMENTE NAS ESCOLAS PÚBLICAS.

- MAS VOCÊ SE SENTIU COMO ASSIM... VOCÊ FICOU COMO POR DENTRO?
- A QUESTÃO DO RANCOR QUE UM TINHA PELO OUTRO NA HORA E ELES NÃO CONSEGUIAM DIALOGAR, ELES QUERIAM RESOLVER NA VIOLÊNCIA.

- NA COMUNIDADE VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS?
- IDENTIFICO.

- VOCÊ JÁ VIU?
- SIM.

- COMO É ESSA IDENTIFICAÇÃO? COMO É QUE VOCÊ VER ESSA CIRCULAÇÃO? PORQUE VOCÊ DIZ QUE EXISTE DROGA?
- O LOCAL QUE EU MORO, MORO TAMBÉM PRÓXIMO A ESCOLA, NÉ, E NA ESCOLA, PERTO DELA, EXISTE UM CANTO QUE É MUITO ESCURO, QUE É A TELASA. ELES COLOCARAM ESSE APELIDO QUE LÁ REALMENTE TINHA TORRE QUE ERA DA TELASA, E ALI À NOITE TEM UNS BANCOS E FICA MUITO ESCURO, NÉ. ENTÃO ALI QUE É FEITO TODOS OS USUÁRIOS DE DROGAS.

- OU SEJA, É UM LUGAR QUE NÃO CIRCULA MUITA GENTE, NÃO TEM CASAS, É UM LUGAR DESERTO?
- É UM LUGAR DESERTO.

- QUEM SÃO ESSES TIPOS DE PESSOAS?
- ALGUNS PRÓPRIOS ALUNOS DA ESCOLA QUE FREQUENTAM LÁ, ALGUNS DA FAVELA, QUE AQUI NO TABULEIRO A GENTE TEM UMA FAVELA. ELES SAEM DO LOCAL QUE ELES TÊM PARA PODER VIR PARA A COMUNIDADE E FAZER UM ATO QUE NÃO É DEVIDO.

- VOCÊ SABE QUAIS SÃO OS TIPOS DE DROGAS QUE CIRCULAM POR LÁ?
- NÃO.

- VOCÊ JÁ VIU ALGUÉM?
- JÁ, NESSE LOCAL, EM OUTRO LOCAL E ATÉ MESMO NA ESCOLA, EM FRENTE A ESCOLA A GENTE VÊ MUITO.

- VOCÊ IDENTIFICA ALGUMA MEDIDA QUE A COMUNIDADE TOMA PARA PREVENIR CONTRA O CONSUMO DE DROGA?
- NÃO, NEM A ASSOCIAÇÃO, COM O PRESIDENTE E VICE, NINGUÉM TOMA PROVIDÊNCIA.

- ACABA QUE A COISA VAI FICANDO E AS PESSOAS VÃO SE ACOSTUMANDO...
- É UMA COISA QUE A GENTE VER COMO NORMAL, DO DIA-A-DIA.

- VOCÊ NUNCA VIU A CIRCULAÇÃO DENTRO DA ESCOLA MAS VOCÊ SABE QUE EXISTE.VOCÊ ACHA QUE ALGUÉM JÁ CONSUMIU DENTRO?
- CREIO QUE SIM.

- POR QUE VOCÊ ACHA?
- EU ACHO PORQUE É NA QUESTÃO QUE A GENTE VER O JEITO DO ALUNO SE ARRUMAR, SE EXPRESSAR, ENTÃO EU ACHO QUE SIM.

- ENTÃO VOCÊ ACHA QUE A FORMA DA PESSOA SE VESTIR...
- NÃO DE SE VESTIR, MAIS DO JEITO DELA SE EXPRESSAR, DO JEITO QUE ELA CHEGA.

- COMO É ESSA FORMA DE SE EXPRESSAR?
- EU NÃO TENHO NEM COMO DIZER A VOCÊ, NÉ, MAS A QUESTÃO É...PELO JEITO QUE ELE CHEGA AQUI NA ESCOLA, NÉ, PELO JEITO QUE ELE VEM AÍ DÁ PARA PERCEBER QUE ELE USA.

- MAS VOCÊ NÃO SABE DIZER COMO É ESSE JEITO?
- NÃO. TOTALMENTE DIFERENTE DOS OUTROS ALUNOS, NÉ, ELE CHEGA TOTALMENTE DIFERENTE DOS OUTROS ALUNOS.

- MAS NÃO TEM A VER COM A ROUPA?
- NÃO, NÃO COM A ROUPA. PORQUE A GENTE SEMPRE ENCARA ASSIM PORQUE ELE É DE OUTRO ESTILO, GOSTA DE UM OUTRO TIPO DE MÚSICA, ALGUMA COISA ASSIM, MAIS É QUESTÃO DO JEITO QUE ELE VEM.

- MAS O JEITO É NO ROSTO, NO ANDAR?
- NO ANDAR, NÉ, NO ANDAR DA PESSOA, E COMO EU DISSE PARA A SENHORA QUE É NA QUESTÃO DELE FALAR.

- POR QUE VOCÊ ACHA QUE A DROGA ENTRA NA ESCOLA?
PORQUE É A QUESTÃO DA... QUE A ESCOLA NÃO TEM FUNCIONÁRIOS, NÉ. TER FUNCIONÁRIO A GENTE TEM MAIS NÃO TEM FUNCIONÁRIOS QUALIFICADOS, NÉ, NÃO TEM FUNCIONÁRIOS TREINADOS PARA RECEBER ESSE TIPO DE PESSOA NA ESCOLA. ENTÃO EU ACHO QUE É MUITO FÁCIL DELES VIREM COM ALGUMA COISA.

- COMO É QUE VOCÊ ACHA QUE ELES CONSEGUEM ENTRAR?
- A QUESTÃO DELE ESCONDER NO CORPO.

- ESCONDER NO CORPO?
- É, PORQUE O PORTEIRO, OU O PRÓPRIO SEGURANÇA, COMO CHAMAM, NÉ, ELE NÃO PODE REVISTAR AS PESSOAS.

- VOCÊ ACHA QUE DEVE TER ALGUM HORÁRIO QUE ELE DEVE ENTRAR COM DROGA?
- NÃO, CREIO QUE NÃO.

- QUALQUER HORÁRIO É NORMAL?
- QUALQUER HORÁRIO É NORMAL.

- VOCÊ NÃO ACHA QUE É MAIS UMA IMAGEM QUE A GENTE TEM, JÁ QUE VOCÊ DIZ QUE NUNCA VIU?
- MUITAS VEZES A GENTE JÁ VIU, MUITAS VEZES ELES DIZEM QUEM É, MOSTRAM QUEM É.

- ENTÃO ALGUÉM JÁ DISSE QUE VIU?
- JÁ.

- VOCÊ SABE COMO ELES PEGAM ESSA DROGA, SE É VENDIDA, SE ALGUÉM DÁ?
- NÃO SEI.

- VOCÊ ACHA QUE ESSA DROGA É VENDIDA DENTRA DA ESCOLA OU É ALGUÉM FORA QUE VENDE?
- GENTE DE FORA.

- QUE VENDE A DROGA PARA O ESTUDANTE?
- SIM, PARA O ESTUDANTE.

- VOCÊ ACHA QUE HÁ ALGUÉM DENTRO DA ESCOLA QUE VENDE?
- NÃO, PELO QUE A GENTE POSSA PERCEBER, NÃO.

- VOCÊ SABE QUAL É O PREÇO QUE ELES PAGAM PELA DROGA, OU O QUE ELES FAZEM PARA COMPRAR ESSA DROGA?
- O QUE EU SEI QUE ELES FAZEM É ROUBAR, AÍ É QUE ELES COMEÇAM A ROUBAR PARA PODER CONSUMIR.

- VOCÊ ACHA QUE TEM ALGUÉM QUE ROUBA NA ESCOLA PARA PODER CONSUMIR?
- NÃO.

- VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUM CONFLITO DENTRO DA ESCOLA ENVOLVENDO DROGA?

- NÃO. QUANDO EU FALO QUE ELES ENTRAM NA ESCOLA EU FALO MAIS NA PARTE DA NOITE, E PRINCIPALMENTE NO OUTRO PRÉDIO DA ESCOLA, QUE A ESCOLA PERMANECE COM DOIS PRÉDIOS.

- VOCÊ SABE QUAIS SÃO OS MOMENTOS DENTRO DA ESCOLA QUE SÃO USADOS PARA CONSUMIR DROGAS?

- NA QUESTÃO DA FESTA, QUANDO OS ALUNOS ELES PROMOVEM UMA FESTA, NÉ, PARA TER LAZER, EU CREIO QUE SEJA NESSA HORA MESMO.

- VOCÊ SABE QUAIS SÃO OS LOCAIS?

- O LOCAL EU CREIO QUE SEJA ONDE ELE ESTÁ NA FESTA, NA FRENTE DE QUALQUER UM EU CREIO QUE ELES POSSAM FAZER.

- VOCÊ JÁ FREQUENTOU ESSAS FESTAS?

- NUNCA FREQUENTEI MAS EU CREIO QUE... TAMBÉM ATÉ QUANDO ELES VÃO DIZER QUANDO VÃO AO BANHEIRO.

- VOCÊ ACHA QUE OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA SABEM DESSA SITUAÇÃO?

- CREIO QUE SABEM MAIS ÀS VEZES FICAM COM MEDO, NÉ, ABAFAM O CASO.

- NÃO TOMAM NENHUMA MEDIDA?

- NÃO.

- ELES FAZEM ALGUMA COISA PARA PREVENIR?

- SÓ A QUESTÃO DE CARTAZES, CONVERSAR, MAIS AGIR NA HORA NÃO.

- VOCÊ CONSOME OU JÁ CONSUMIU ALGUM TIPO DE DROGA?

- NÃO.

- ALGUÉM JÁ LHE OFERECEU ALGUMA DROGA?

- NÃO.

- VOCÊ JÁ VIU ALGUMA?

- NÃO.

- NEM NUNCA FICOU TENTADO?

- NÃO, NUNCA FIQUEI TENTADO.

- POR QUE VOCÊ NÃO PENSA EM CONSUMIR DROGA?

- PORQUE EU TENHO PARENTES POLICIAIS, JÁ FREQUENTEI MUITAS DELEGACIAS, PASSEI PLANTÃO COM CADA UM DELES, ENTÃO EU PENSO QUE NÃO É UM BOM CAMINHO. EU ACHO QUE ELES DEVERIAM PROCURAR OUTRA COISA PARA PODER ELES SE MANTER, JÁ QUE ELES NÃO CONSEGUEM SE HABITUAR SEM AS DROGAS. ENTÃO ELES DEVERIAM PROCURAR OUTRA DEPENDÊNCIA QUÍMICA QUE NÃO AFETASSE PARA PODER IR SE MANTENDO ENQUANTO ELES TOMAVAM ALGUM OUTRO TIPO DE ATITUDE.

- VOCÊ ACHA QUE HÁ ALGUMA COISA NO INDIVÍDUO QUE LEVA ELE A CONSUMIR DROGA?

- É... O CONFLITO É DELE E DA FAMÍLIA.

- COMO VOCÊ SE PREVINE PARA NÃO ENTRAR NAS DROGAS?

- EU SOU MUITO CASEIRO. EU DISSE QUE GOSTO DE SAIR MAIS GOSTO DE SAIR COM MEUS PRIMOS, NÉ. É DIFICILMENTE EU GOSTO DE SAIR COM COLEGAS, DE ESTAR NA RUA ATÉ ALTAS HORAS DA NOITE, DE ESTAR CHEGANDO DE SHOW, ESSAS COISAS, NÉ. EU GOSTO DE... EU SOU UMA PESSOA, EU ME CONSIDERO UMA PESSOA NORMAL, MAIS DEPOIS EU GOSTO DE ME PREVINIR, TÁ ALI NORMAL.

- VOCÊ FALOU DE AMIGOS. É ISSO QUE LEVA MAIS A CONSUMIR A DROGA?

- SÃO OS AMIGOS E SAÍDAS.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE CONSOME DROGAS?

- NÃO.

- VOCÊ DISSE QUE TEM AMIGOS QUE NÃO CONSOMEM DROGAS. POR QUE ESSES AMIGOS TAMBÉM NÃO CONSOMEM DROGAS?

- PORQUE ELES TENTAM SE PRESERVAR, SEMPRE NA DELE, SEMPRE NORMAL PARA NÃO ENTRAR NESSE VÍCIO.

- O QUE VOCÊ ACHA DESSES AMIGOS QUE NÃO CONSOMEM DROGA? VOCÊ GOSTA DELES?

- GOSTAR EU GOSTO, CONSIDERO ELES BASTANTE, MAS É COMO EU DISSE: ELE LÁ E EU CÁ, ATÉ MESMO PARA AQUELAS PESSOAS QUE NÃO CONSOMEM.

- SE VOCÊ SOUBESSE DE ALGUÉM QUE NÃO CONSOME DROGA VOCÊ SERIA AMIGO DELE?

- SERIA, MAIS EU TENTARI MUDAR, TENTARIA VER SE ELE CONSEGUIA MUDAR O PENSAMENTO DELE, PARA VER SE EU CONSEGUIA RESGUARDAR AQUELA PESSOA QUE ELE ERA.

- COMO É SUA VIDA ESCOLAR? VOCÊ CONSEGUE SE DAR BEM EM TODAS AS DISCIPLINAS?

- CONSIGO ME DAR NORMAL, TENHO UMA ADAPTAÇÃO EM TODAS AS DISCIPLINAS, EU MESMO ME CONSIDERO, SÓ É TENTAR SER AQUELA PESSOA NORMAL EM SALA DE AULA, NÃO ESTAR CONVERSANDO, NÃO ESTAR BRIGANDO, NÉ, SER AQUELA PESSOA PRESTANDO ATENÇÃO NAS AULAS.

- ESSES AMIGOS QUE NÃO CONSOMEM TAMBÉM CONSEGUEM SE DAR BEM EM TODAS AS DISCIPLINAS?

- CREIO QUE SIM.

- AS PESSOAS QUE VOCÊ DIZ CONSEGUIR IDENTIFICÁ-LAS COMO USUÁRIAS PELO ASPECTO TAMBÉM CONSEGUEM SE DAR BEM NAS DISCIPLINAS?

- MUITAS PESSOAS PODE SER QUE SE DER BEM, MAS ELE TEM ESSE PEQUENO LADO RUIM DELE, E OUTRAS PESSOAS PODE SER QUE NÃO.

- VOCÊ ACHA QUE A DROGA ATRAPALHA A VIDA ESCOLAR?

- ATRAPALHAR ATRAPALHA, ATRAPALHA BASTANTE.

- ATRAPALHA COMO?

- PODE ATRAPALHAR NA QUESTÃO EDUCACIONAL, NÉ, PORQUE O JOVEM ESTÁ SE FORMANDO, NÉ, ENTÃO ATRAPALHA MUITO NA QUESTÃO EDUCACIONAL DELE. ENTÃO É POR ISSO QUE EU ACHO QUE ELES DEVEM, NÉ, A SE MANTER, A PROCURAR UM LUGAR E SE PRESERVAR DO MAL QUE VEM AÍ.

- ESSES AMIGOS QUE NÃO CONSOMEM DROGAS VOCÊ SABE COMO É A RELAÇÃO DELES COM A FAMÍLIA?

- ALGUNS AMIGOS EU SEI QUE TEM UMA RELAÇÃO RUIM E OUTRAS TEM UMA RELAÇÃO BOA.

- ESSES AMIGOS QUE NÃO CONSOMEM TEM O MESMO TIPO DE LAZER QUE VOCÊ OU TEM OUTROS?

- ELES GOSTAM MUITO DE ESPORTE NA ESCOLA.

- ESSES MENINOS QUE VOCÊ IDENTIFICA COMO CONSUMIDORES QUAL O LAZER DELES?

- ESTAR MAIS NA RUA, NÉ, ANDANDO PARA CIMA E PARA BAIXO, TÁ BAGUNÇANDO, PROCURAR OUTRO TIPO DE LAZER QUE NÃO SEJA UMA COISA BOA.

- ELE NÃO SE ENVOLVEM EM ESPORTE OU OUTRA COISA NÃO?

- É.

- OS SEUS AMIGOS TRABALHAM?

- NÃO

- ESSES QUE CONSOMEM DROGAS TRABALHAM?

- CREIO QUE SIM.

- POR QUE VOCÊ ACHA?
- É PORQUE EU ACHO QUE ESSAS PESSOAS QUE ESTÃO COMEÇANDO A USAR DROGA ELE NÃO PROCURA SE MOSTRAR MUITO, PROCURAM MOSTRAR QUE SÃO UMA PESSOA NORMAL. MAIS COMO A DROGA DEIXA A PESSOA TOTALMENTE DIFERENTE A GENTE TEM COMO PERCEBER UM USUÁRIO DE DROGA.

- VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUM CONFLITO ENVOLVENDO DROGA?
- NÃO.

- VOCÊ IDENTIFICA ALGUMAS MEDIDAS UTILIZADAS PELAS FAMÍLIAS DE SEUS AMIGOS PARA QUE ELES NÃO SE ENVOLVAM COM DROGAS?
- TENTAR PRENDER OS FILHOS DELES EM CASA, TENTAR PRESERVÁ-LOS NA PRÓPRIA CASA E NÃO SOLTÁ-LOS MUITO NA RUA, NÃO DEIXAR ELE ANDAR. MUITOS SAEM PORQUE OS PAIS CONFIAM, OUTROS NÃO.

- COMO É A RELAÇÃO COM A SUA FAMÍLIA?
- NORMAL, UMA RELAÇÃO NORMAL.

- TEM DIÁLOGOS?
- TEM. MEU PAI E MINHA MÃE SEMPRE CONVERSAM MUITO COMIGO E COM MEU IRMÃO.

- O QUE VOCÊ OUVIU QUANDO SAI DE CASA? HÁ CONSELHOS, ESSAS COISAS?
- TENHA CUIDADO, NÉ, PROCURE SEUS AMIGOS QUEM É BOM E QUEM É MELHOR. NÃO SE SEPARA DOS SEUS AMIGOS RUINS, MAIS DIGA SEMPRE ASSIM MESMO: ELE LÁ E EU CÁ.

- VOCÊ SEMPRE SEGUE ESSES CONSELHOS?
- ACHO UMA COISA BOA, NÉ, PORQUE ALERTA A GENTE.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVERIA FAZER DENTRO DA FAMÍLIAS PARA QUE O JOVEM NÃO SE ENVOLVA COM DROGAS?
- PROCURAR SABER COM QUEM ELE ANDA, PROCURAR SABER COM QUEM ELE ESTÁ, SEMPRE ESTAR PERGUNTANDO, ENTÃO É ISSO QUE EU ACHO QUE ELES DEVEM FAZER.

- VOCÊ ACHA QUE PRENDER O FILHO EM CASA RESOLVE?
- NÃO.

- VOCÊ ACHA QUE CONSELHO DE FAMÍLIA RESOLVE?
- NÃO RESOLVE MUITO, RESOLVE A QUESTÃO DO PAI ENTRAR NA VIDA DO FILHO, DO PAI E DA MÃE, DO PAI E DA MÃE ENTRAR NA VIDA DO FILHO OU ENTÃO O RESPONSÁVEL PROCURAR SABER ONDE ELE ESTÁ.

- VOCÊ ACHA QUE ISSO RESOLVE?
- TENTARIA RESOLVER.

- POR QUE A FAMÍLIA NÃO CONSEGUE RESOLVER TOTALMENTE?
- PORQUE A QUESTÃO, NÉ, É MUITO DOS AMIGOS, OS AMIGOS INFLUENCIAM MUITO AINDA, NÉ. ENTÃO EU CREIO QUE A FAMÍLIA NÃO CONSIGA MUITO AJUDAR.

- POR QUE VOCÊ GOSTA DE FICAR EM CASA?
- UMA OPÇÃO MINHA, EU GOSTO MAIS, TENHO TEMPO MAIS PARA MIM, NÉ, E SEMPRE GOSTO DE ESTAR NO COMPUTADOR, NÉ, NA INTERNET.

- POR QUE A CASA AGRADA MAIS DO QUE A RUA?
- NÃO ESTAR NA RUA PARA NÃO ESTAR VAGABUNDANDO, DE ESTAR ANDANDO, NÉ, ENTÃO EU ACHO QUE É MELHOR VOCÊ ESTAR EM CASA, ESTAR NA INTERNET, TÁ ASSISTINDO TELEVISÃO, DO QUE VOCÊ ESTAR NA RUA NO MEIO DA VIOLÊNCIA QUE HOJE HÁ.

- VOCÊ FAZ O QUE NO COMPUTADOR?

- FICO PESQUISANDO MUITO, BAIXANDO PROGRAMAS NOVOS, NÉ. FAÇO UMA INSTALAÇÃO, ALGUM PROGRAMA QUE ELE PRECISA.

- ENTRA NO BATE-PAPO?
- NÃO MUITO PARA NÃO FICAR VICIADO.

- COMO É A RELAÇÃO COM SEU IRMÃO?
- A MESMA COISA QUE COM PAI E MÃE, NORMAL.

- VOCÊ SAI COM SEU IRMÃO?
- NÃO SAIO MUITO COM ELE PORQUE ELE TEM SEMPRE UMA OPÇÃO DIFERENTE DA MINHA, NÉ. ELE GOSTA MAIS DE ESTAR NO ESPORTE, EU GOTO DE STAR COM MEUS PRIMOS, ENTÃO A GENTE SAI POUCO.

- HÁ ALGUM CONFLITO NA CASA DE VOCÊS?
- NÃO. ACONTECER ACONTECE ALGUMAS BRIGAS, ALGUMA CONFUSÃO, MAS A GENTE SEMPRE PROCURA AMENIZAR.

- E ESSA BRIGA É POR CONTA DE QUÊ?
- NA QUESTÃO DE... PORQUE EU GOSTO SEMPRE DE FAZER ALGUMA COISA NO COMPUTADOR E ELE VAI LÁ E APAGA.

- E COM SEU PAI E SUA MÃE?
- EXISTE NA QUESTÃO QUE EU GOSTO DE DORMIR UM POUCO, NÉ.

- COMO É QUE SÃO RESOLVIDOS ESSES CONFLITOS?
- A GENTE PROCURA SENTAR E CONVERSAR E MELHORAR.

- COMO FOI A SUA INFÂNCIA?
- NORMAL. NÃO LEMBRO MUITO MAIS CREIO QUE FOI NORMAL, UMA INFÂNCIA COMO QUALQUER OUTRA.

- COMO É UMA INFÂNCIA NORMAL?
- SEM A QUESTÃO DE VIOLÊNCIA, O PAI E A MÃE SEMPRE CONVERSANDO, SEMPRE BRINCANDO.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE MUDOU NA SUA INFÂNCIA PARA HOJE?
- A QUESTÃO DE DISCIPLINA FOI MUDANDO MAIS, A QUESTÃO DA APRENDIZAGEM, ENTÃO EU CREIO QUE ISSO FOI MUDANDO.

- VOCÊ ACHA QUE A VIDA SE TORNOU MAIS FÁCIL OU MAIS DIFÍCIL?
- MAIS FÁCIL, MAIS DIFÍCIL, NORMAL, CREIO QUE SEJA NORMAL. DIFÍCIL FICOU UM POUCO PORQUE A GENTE TEM QUE CORRER ATRÁS DOS NOSSOS OBJETIVOS, NÉ.

- OBJETIVO DE QUE?
- DE UMA VIDA MELHOR.

-COMO É QUE SERIA UMA VIDA MELHOR?
- TER UM BOM EMPREGO, ESTUDAR BASTANTE, NÉ, E TENTAR SE MANTER NO FUTURO.

- O QUE VOCÊ GANHOU COM A JUVENTUDE?
- UMA BOA DISCIPLINA.

- E O QUE VOCÊ PERDEU?
- NO TEMPO DA INFÂNCIA QUE EU PODIA BRINCAR MAIS, DORMIR MAIS, ENTÃO CREIO QUE PERDI MUTA COISA.

- VOCÊ NAMORA?
- NÃO.

- VOCÊ ACHA A DROGA UM PROBLEMA?

- ACHO.

- QUAL O PROBLEMA QUE VOCÊ IDENTIFICA NA DROGA?

- PORQUE ELA MUDA A PESSOA, ELA FAZ COM QUE A PESSOA NÃO CONHEÇA, NÃO CONFIE NELA MESMA.

QUAL O PROBLEMA QUE A DROGA CAUSA A SOCIEDADE?

- A VIOLÊNCIA.

- COMO É ESSA VIOLÊNCIA QUE A DROGA CAUSA?

- A VIOLÊNCIA EM TERMO... NÃO SEI EXPLICAR, NÉ, MAIS QUE GERA VIOLÊNCIA SIM.

- QUEM VOCÊ ACHA QUE É MAIS AFETADO POR ESSA DROGA?

- O ADOLESCENTE.

- VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA É AFETADA?

- TAMBÉM.

- POR QUÊ?

- PORQUE ELA PERDE O ALUNO, NÉ, PRINCIPALMENTE A ESCOLA PÚBLICA. O PESSOAL QUE ESTUDA NA ESCOLA PARTICULAR ELE DIZ QUE A ESCOLA PÚBLICA NÃO TEM DOMÍNIO SOBRE SEU ALUNO, NÉ, NÃO CONSEGUE AJUDÁ-LO.

- E NA COMUNIDADE QUAL O MAIOR PROBLEMA QUE VOCÊ ACHA QUE A DROGA CAUSA?

- NA COMUNIDADE EU CREIO QUE SEJA A MESMA COISA, NÉ. AS PESSOAS CHEGAM A SE AFASTAR DELE, DAS PESSOAS QUE SÃO USUÁRIAS PARA PODER SE MANTER, SE PREVENIR, PARA DEPOIS NÃO ESTAR SENDO FALADO.

- E NA FAMÍLIA QUAL O PROBLEMA QUE VOCÊ IDENTIFICA?

- A QUESTÃO QUE VEM A VIOLÊNCIA ATÉ NA PRÓPRIA FAMÍLIA, NÉ, A QUESTÃO DE AGREDIR A FAMÍLIA. E O QUE A GENTE PODE IDENTIFICAR É QUE ÀS VEZES O PAI SE AFASTA DOS FILHOS PORQUE NÃO CONSEGUE E NÃO TEM DOMÍNIO SOBRE CADA UM DELES.

- NA SOCIEDADE EM GERAL O QUE DEVE SER FEITO PARA SE PREVENIR DAS DROGAS?

- ESTAR SEMPRE PROCURANDO O QUE É CERTO E O QUE É ERRADO.

- VOCÊ ACHA TODA DROGA UM PROBLEMA?

- ACHO.

- VOCÊ ACHA QUE ELAS CAUSAM OS MESMOS EFEITOS?

- SIM.

- VOCÊ ACHA O ÁLCOOL UMA DROGA?

- ACHO TAMBÉM.

- QUAL A DROGA MAIS PROBLEMÁTICA?

- COM CERTEZA TODAS.

-VOCÊ ACHA QUE A DROGA DEVERIA SER LIBERADA AQUI NO BRASIL?

- EM LUGAR NENHUM.

- O QUE VOCÊ ACHA DA LIBERALIZAÇÃO DO ÁLCOOL?

- PODERIA SER ATÉ UM CERTO PONTO, ATÉ UM CERTO HORÁRIO. ATÉ UM CERTO PONTO PORQUE CADA PESSOA TEM UM CERTO LIMITE NO ORGANISMO DA PESSOA.

- UMA ÉPOCA PROIBIRAM O USO DO ÁLCOOL EM CERTOS HORÁRIOS NO BAIRRO SANTOS DUMONT, QUE É UMA PERIFERIA. O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

- SE FIZER SÓ ISSO ELES VÃO FICAR ATÉ UM CERTO HORÁRIO E DEPOIS VÃO PROCURAR OUTRO LOCAL QUE ESTEJA LIVRE.

- VOCÊ IDENTIFICA O CONSUMO DE ÁLCOOL NA ESCOLA, NA COMUNIDADE?
- SIM, E COMO.

- MESMO QUE NÃO CONSUMAM DROGA, SEUS AMIGOS CONSOMEM ÁLCOOL?
- ÁLCOOL CONSOMEM, SÓ NÃO DROGA.

-SEGUNDO ESTATÍSTICAS, QUEM MAIS MATA E MORRE NO BRASIL HOJE EM DIA SÃO OS JOVENS. O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

- QUE TÁ UM ÍNDICE MUITO ALTO, NÉ. ELES MORREM NA QUESTÃO DO ÁLCOOL, QUE É UMA DROGA, E NA QUESTÃO DO PRÓPRIO USO DE DROGA, ELES MORREM POR ISSO.

- VOCÊ ACHA QUE EXISTE ÁLCOOL MAIS DO QUE OS OUTROS TIPOS DE DROGAS?
- SIM.

- POR QUE VOCÊ ACHA QUE TEM OCORRIDO ESSAS MORTES?

- NA QUESTÃO DELES USAREM O ÁLCOOL E DIRIGIREM EM ALTA VELOCIDADE, E ATÉ A DROGA MESMO.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE O ESTADO DEVE FAZER PARA CONTROLAR O ALTO CONSUMO DE DROGA?

- COLOCAR MAIS POLÍCIA FEDERAL, CIVIL E MILITAR E PROCURAR MAIS OS CANTOS QUE SÃO VENDIDOS AS DROGAS. INVESTIR MAIS NA SEGURANÇA.

FÁBIO -ESCOLA PÚBLICA – SEXO MASCULINO

- QUAL A SUA IDADE?
- 15.

- SÉRIE?
- 7 ANO.

- ALÉM DA ESCOLA VOCÊ FAZ ALGUM CURSO?
- ACABEI UM CURSO DE COMPUTADOR.

- VOCÊ MORA COM SEU PAI E SUA MÃE?
- MORO.

- TEM ALGUM IRMÃO?
- TENHO DUAS IRMÃS.

- QUAL É A PROFISSÃO DE SEU PAI?
- ELE TRABALHA NO INSSS.

- E A SUA MÃE?
- ELA NÃO TRABALHA.

- VOCÊ TEM IDÉIA DE QUANTO É A RENDA DA SUA FAMÍLIA?
- NÃO.

- VOCÊ TRABALHA?
- FAÇO ALGUNS BICOS ÀS VEZES NO BUFET NA MINHA TIA.

- QUAL É O BAIRRO QUE VOCÊ MORA?
- TABULEIRO.

- A SUA CASA É PRÓPRIA?
- É.

- VOCÊ PRATICA ALGUM ESPORTE?
- SÓ ACADEMIA, MUSCULAÇÃO.

- VOCÊ TEM ALGUMA RELIGIÃO?
- CATÓLICA.

- VOCÊ FREQUENTA A IGREJA?
- NÃO, SOU SÓ BATIZADO.

- VOCÊ PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ARTÍSTICO?
- NÃO.

- COMO É O SEU DIA-A-DIA DE SEGUNDA A SEXTA?
- ACORDO, TOMO BANHO, VOU PARA A ESCOLA E CHEGO MAIS OU MENOS 12:00 HORAS. À TARDE EU VOU PARA A ACADEMIA. AÍ CHEGO UMAS 17:30 É QUANDO É UMA 19:30 VOU PARA A RUA VER OS COLEGAS, A NAMORADA.

- AOS SÁBADOS E DOMINGOS VOCÊ FAZ O QUÊ?
- SÁBADO VOU PARA A ACADEMIA. À TARDE ÀS VEZES EU SAIO COM MEUS COLEGAS. À NOITE VOU PARA A SORVETERIA, FICO COM MEUS COLEGAS NUMA PRAÇA CONVERSANDO COM OS MENINOS E AS MENINAS.

- NOS FERIADOS E NAS FÉRIAS VOCÊ COSTUMA FAZER O QUÊ?
- EU VIAJO PARA O SÍTIO DO MEU AVÔ, EM VIÇOSA, ÀS VEZES.

- VOCÊ JÁ VIAJOU PARA OUTROS ESTADOS OU PARA FORA DO PAÍS?
- JÁ FUI PARA JUAZEIRO E PARA RECIFE.

- NESSE DIA-A-DIA QUE VOCÊ FALOU HÁ ALGUMA MUDANÇA DE ROTINA?
- DEPENDE DA SITUAÇÃO. ÀS VEZES VOU PARA A ACADEMIA À NOITE.

- DE ONDE SÃO SEUS AMIGOS?
- BAIRRO, ESCOLA, SOU MUITO POPULAR.

- E A ESCOLA FICA NO MESO BAIRRO QUE VOCÊ MORA?
- É.

- SEUS AMIGOS SÃO SÓ DO BAIRRO OU VOCÊ TEM OUTROS AMIGOS?
- TEM DE OUTROS BAIRROS.

- VOCÊS COSTUMAM FREQUENTAR A CASA UM DO OUTRO?
- FICA MAIS NA PORTA.

- VOCÊ DORME NA CASA DE ALGUM?
- NÃO.

- QUAL É A FREQUÊNCIA QUE VOCÊS SE ENCONTRAM?
- A GENTE SE ENCONTRA NA RUA, NA LAN HOUSE.

- ENTRE VOCÊS EXISTE ALGUM CONFLITO?
- BRIGAR NÃO, A GENTE SÓ DISCUTE.

- SOBRE O QUÊ?
- SEI LÁ, UM TÁ COM CIÚMES DO OUTRO, AÍ VÁRIOS MEUS COLEGAS JÁ TEVE CIÚMES DE MIM. EU TAVA SEM NAMORADA E ELE TAVA COM NAMORADA DELE, AÍ A NAMORADA DELE TINHA MUITA INTIMIDADE COMIGO AÍ FICAVA DIZENDO MEU LINDO AÍ ELE FICAVA DIZENDO: SEU PORRA, SEU FLHO DA PUTA, SEU CACHORRO, AÍ FICAVA DIZENDO ESSES NEGÓCIOS. DEPOIS FICAVA TUDO BEM.

- VOCÊS COSTUMAM SAIR PARA BALADAS, SHOWS?
- VOU PARA SHOWS.

- QUAL TIPO VOCÊ COSTUMA FREQUENTAR?
- FORRÓ, DISCOTECA, QUASE TODO SANTO MÊS EU VOU.

- VOCÊ COSTUMA SAIR PARA VOLTAR SÓ DE MANHÃ?
- É SÓ DE MANHÃ.

- TEM ALGUMA COISA QUE VOCÊ NÃO FAZ MAS QUE GOSTARIA DE FAZER?
- CURTIR MAIS A VIDA.

- ESPECIFICAMENTE O QUÊ?
- ÀS VEZES EU QUERIA IR PARA O CINEMA MAS NÃO TENHO DINHEIRO, ENTENDEU? O DINHEIRO QUE EU GANHEI NA SEMANA PASSADA ACABOU, ENTENDEU?

- ENTÃO VOCÊ GANHA MESADA ALÉM DOS BICOS QUE VOCÊ FAZ?
- É. TODA VEZ QUE EU PRECISO DE DINHEIRO A MINHA MÃE DÁ, SÓ QUE ÀS VEZES EU FICO ENCABULADO DE PEDIR DINHEIRO, ENTENDEU?

- COMO É O FUNCIONAMENTO DA SUA ESCOLA? FALTA MUITO PROFESSOR?
- É DIFÍCIL NÃO TER PROFESSOR NA ESCOLA, QUANDO FALTA É AS DUAS ÚLTIMAS. A GENTE LARGA 10:30, 11:00.

- ENTÃO É COMUM LARGAR MAIS CEDO?
- É COMUM.

- VOCÊ GOSTA DA ESCOLA?
- GOSTO.

- EXISTE ALGUM OUTRO TIPO DE ATIVIDADE NA ESCOLA SEM SER AS DISCIPLINAS NORMAIS?
- EXISTE. É... DE VEZ EM QUANDO TEM FESTA, TEM TEATRO, TEM EDUCAÇÃO FÍSICA.

- EXISTEM DEBATES, PALESTRAS?
- TEM.

- EXISTE GRÊMIO?
- TEM.

- O GRÊMIO FUNCIONA BEM?
- FUNCIONA, QUASE TODOS OS DIAS ESTOU LÁ.

- A ESCOLA REALIZA DEBATES SOBRE QUESTÕES COMO VIOLÊNCIA, DROGAS, SEXUALIDADE DOS JOVENS?
- FALA SOBRE ISSO.

- POR QUE VOCÊ GOSTA DA ESCOLA?
- PORQUE EU CONHEÇO TODO MUNDO, ENTENDEU? E TODO MUNDO NUNCA TIROU BRINCADEIRA DE MAU GOSTO COMIGO, SABE QUE EU SOU CABRA SÉRIO, SE EU NÃO GOSTAR DE UMA COISA EU XINGO, EU ARRUMO CONFUSÃO PORQUE EU CONHEÇO MUITA GENTE MESMO. SE TIRAR BRINCADEIRA AGUENTE AS CONSEQÜÊNCIAS, ENTENDEU?

- TEM ALGUMA ATIVIDADE QUE VOCÊ GOSTA MAIS NA ESCOLA?
- ESPORTE NA ESCOLA EU NÃO GOSTO, ENTENDEU? SÓ GOSTO DE FICAR CONVERSANDO MESMO, FICAR NA PATOTINHA, ENTENDE? A GENTE FAZ UM CÍRCULO NA ESCOLA E FICA CONVERSANDO, ENTENDEU?

- JÁ ACONTECEU ALGUM CONFLITO NA SUA ESCOLA?
- JÁ ACONTECEU.

- FREQUENTEMENTE?
- FREQUENTEMENTE NÃO, UMA CINCO VEZES.

- POR QUE FORAM ESSES CONFLITOS?
- BRIGA.

- QUAL O MOTIVO DESSAS BRIGAS?
- BRIGA QUE JÁ VINHA DE RUA, POR CAUSA DE BESTEIRA. UM TROMBOU NO OUTRO, NÃO SEI O QUE. UM PEDIU DESCULPA “DESCULPA O QUÊ”. UM MECHEU COM A IRMÃ DO OUTRO AÍ JÁ METE A MÃO, COMEÇA A BRIGA, PRONTO, AÍ QUANDO VAI VER SE TORNA UM CLIMA DE GANGUE, TIPO UMA GANGUE, ENTENDEU? PORQUE VOCÊ MECHEU COM MEU COLEGA? PRONTO, AÍ COMEÇA.

- COMO ESSES CONFLITOS SÃO RESOLVIDOS?
- ATRAVÉS DE OUTROS COLEGAS QUE NÃO QUEREM BRIGAR: “NÃO, A GENTE NÃO QUER BRIGAR NÃO”. OS MAIS CONHECIDOS NÃO QUER BRIGAR. ELES APARTAM, SE MECHEU DE NOVO A GENTE VAI RESOLVER E PRONTO.

- E A ESCOLA INTERVÉM NESSES MOMENTOS?
- INTERVÉM, INTERVÉM. CHAMA MÃE, CHAMA PAI, VAI PARA A DIRETORIA.

- COMO VOCÊ SE SENTE NESSES CONFLITOS QUE VOCÊ PRESENCIA?
- NORMAL, EU CONHEÇO AS PESSOAS QUE ESTÃO ALI, ENTENDEU?

- MAS VOCÊ GOSTA OU NÃO QUANDO ACONTECEM ESSAS COISAS?
- NÃO, SEI LÁ, NEM GOSTO, NEM ACHO BOM, ACHO NORMAL. QUEM QUIZER SE RESOLVER PARA LÁ QUE SE RESOLVA. QUEM QUIZER SE MATAR PARA LÁ SE MATE, ENTENDEU?

- VOCÊ NÃO INTERFERE?
- INTERFIRO NÃO. SÓ SE FOR UM CONHECIDO MEU, QUE EU ANDO, AÍ EU NÃO DEIXO NÃO.

- ENTÃO QUANDO VOCÊ NÃO CONHECE VOCÊ NÃO INTERFERE?
- FICO SÓ OLHANDO, DEIXO A DIRETORIA CHEGAR PARA RESOLVER.

- ENTÃO OS CONFLITOS SÃO COM OS PRÓPRIOS JOVENS. EXISTE CONFLITO COM OUTROS PERSONAGENS?
- O ALUNO JÁ XINGOU DIRETOR, COORDENADOR, ESSAS COISAS, MAIS SÓ ISSO.

- HÁ RESPEITO ENTRE PROFESSOR E ALUNO?
- HÁ RESPEITO, SÓ QUE HÁ MUITA CONVERSA NA SALA DE AULA, ENTENDEU?

- NA COMUNIDADE QUE VOCÊ MORA, QUE FICA PERTO DA SUA ESCOLA, EXISTE ALGUM CONFLITO?
- EXISTE.

- QUAL O PROBLEMA QUE VOCÊ IDENTIFICA NA COMUNIDADE?
- ASSIM, COISA DE PREFEITURA, DE CALÇAR A RUA, ACHO QUE SÓ. POLICIAMENTO À NOITE, QUE TEM MAIS É POUCO, ENTENDEU?

- SE VOCÊ FALA QUE TEM POUCO POLICIAMENTO É PORQUE TEM VIOLÊNCIA LÁ?
- EXISTE VIOLÊNCIA. É A ÁREA MAIS AFASTADA DA CAPITAL, AÍ TEM AQUELE PESSOAL METIDO A MALOQUEIRO, AÍ PRONTO, COMEÇA A FORMAR AQUELA PATOTINHA. CERTAS PESSOAS NÃO PODE PASSAR EM CERTOS LUGARES, ENTENDEU, PORQUE JÁ TEM ALGUM CONFLITO, ALGUMA BRIGA, SABE QUE SE PASSAR ALI O PESSOAL VAI TÁ ALI, ENTENDEU?

- QUAIS SÃO AS CAUSAS DESSES CONFLITOS?
- DEVE SER BRIGA DE TRIO ELÉTRICO, DE FESTA.

- VOCÊ IDENTIFICA DROGAS NO LOCAL?
- IDENTIFICO.

- QUAIS SÃO OS TIPOS DE DROGAS QUE VOCÊ IDENTIFICA?
- LOLÓ E MACONHA.

- VOCÊ JÁ VIU OU OUVIU FALAR?
- EU JÁ VI.

- POR QUE VOCÊ ACHA QUE CIRCULA MAIS ESSE TIPO DE DROGA?
- PORQUE SÃO DROGAS MAIS BARATAS QUE TEM, ENTENDEU? CRACK TAMBÉM TEM MUITO.

- VOCÊ SABE COMO ELES CONSEGUEM ESSA DROGA?
- MUITA GENTE PEGA NA FAVELA. LOLÓ TEM MUITA GENTE QUE FAZ EM CASA, AÍ JÁ FICA DE ESTOQUE EM CASA, ENTENDEU?

- NO BAIRRO VOCÊ IDENTIFICA ALGUMA MEDIDA DE PREVENÇÃO CONTRA AS DROGAS?
- SÓ SE AFASTAR, ENTENDEU?

- NA ESCOLA VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS?
- IDENTIFICO.

- SÃO AS MESMAS DROGAS?
- SÃO AS MESMAS.

- VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUM CONSUMO DENTRO DA ESCOLA?
- DENTRO DA ESCOLA, NA PORTA DA ESCOLA.

- DENTRO DA ESCOLA QUAL É O LOCAL QUE ELES CONSTUMAM CONSUMIR MAIS?

- PERTO DA ESCADA E NO GINÁSIO.
- COMO É QUE ELES ENTRAM COM ESSA DROGA?
- BOTA NO BOLSO, BOTA NA BOLSA. NÃO SÃO REVISTADOS QUANDO ENTRAM NA ESCOLA.
- VOCÊ SABE O PREÇO DESSA DROGA?
- LOLÓ DOIS REAIS E UM CIGARRO DE MACONHA É DOIS REAIS TAMBÉM.
- VOCÊ SABE QUEM VENDE ESSA DROGA, SE É ALGUÉM DENTRO DA ESCOLA OU FORA DELA?
- DENTRO DA ESCOLA, FORA DA ESCOLA.
- VOCÊ SABE COMO ESSAS PESSOAS FAZEM PARA COMPRAR ESSA DROGA?
- MUITA GENTE VAI PEGAR NA FAVELA.
- ESSAS PESSOAS TRABALHAM PARA COMPRAR ESSA DROGA, COMO É QUE ELAS CONSEGUEM DINHEIRO PARA COMPRAR ESSA DROGA?
- TEM MUITA GENTE QUE ROUBA, TEM MUITA GENTE QUE OS PAIS DÃO. TEM UNS QUE O PAI DÁ MESADA, ENTENDEU? PENSA QUE DÁ DINHEIRO AO FILHO VAI RESOLVER. AÍ ELE CONSUME DROGA, CONSUME DROGA, PRONTO. NESSA BRINCADEIRA TEM AMIGOS MEUS QUE MORRERAM USANDO DROGAS. TRÊS COLEGAS MORRERAM POR CAUSA DE DROGA.
- COMO FORAM ESSAS MORTES?
- UM FOI CONSUMIR, ENTENDEU, VINHA DE BICICLETA FUGINDO, FUGINDO...
- FUGINDO DE QUÊ?
- DESSE MALUO QUE ELE TAVA DEVENDO DROGA. AÍ FOI FUGINDO, DE REPENTE... SÓ SEI QUE MORREU. MUITA GENTE FALOU QUE FOI UM TIRO NA CABEÇA, ELE TAVA DROGADO.
- VOCÊ SABE DIZER QUAIS SÃO OS MOMENTOS QUE ELES PROCURAM MAIS PARA CONSUMIR A DROGA?
- FINAL DE SEMANA.
- E NA ESCOLA?
- INTERVALO, AULA VAGA.
- E OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA SABEM QUE ELES CONSOMEM DROGAS?
- SABEM, EXISTE ATÉ UM BATALHÃO ESCOLAR LÁ.
- É FREQUENTE?
- NÃO, DE VEZ EM QUANDO. A ESCOLA JÁ FOI DENUNCIADA POR CAUSA DE DROGA.
- VOCÊ CONSUME OU JÁ CONSUMIU ALGUM TIPO DE DROGA?
- NÃO.
- ALGUÉM JÁ LHE OFERECEU?
- JÁ.
- VOCÊ JÁ FICOU TENTADO A CONSUMIR A DROGA?
- AQUELE NEGÓCIO O CARA PODE FAZER MAIS SABE QUE É ERRADO. É TIPO ROUBAR, O CARA ROUBA MAIS SABE QUE É ERRADO.
- POR QUE VOCÊ NÃO USOU?
- NÃO TIVE VONTADE DE USAR.
- MAS VOCÊ TEM AMIGOS QUE CONSOMEM?
- TENHO.
- POR QUE VOCÊ ACHA QUE SEUS AMIGOS RESOLVERAM CONSUMIR A DROGA?
- EU ACHO QUE É AQUELE METIDO A MALOQUEIRO, AÍ QUER USAR AQUELA COISA SÓ PARA EXPERIMENTAR. LOLÓ MESMO NÃO VICIA.

- QUAL É A QUE VICIA?
- SÓ É A ÚNICA QUE NÃO VICIA. A PARTIR DA MACONHA O CARA JÁ VICIA. MAS PODE CHEIRAR LOLÓ QUE NÃO VICIA.

- POR QUE LOLÓ NÃO VICIA?
- SEI LÁ, PORQUE NÃO É TÃO FORTE.

- E ESSES AMIGOS SE ENVOLVERAM COM DROGA COMO?
- A PARTIR DE OUTRO COLEGA QUE A GENTE CONHECE. COMEÇA COM LOLÓ E A PARTIR DA MACONHA DESMANTELOU. UMA VEZ UM AMIGO MEU CONSUMIU, FOI PARA A ESCOLA E ESTAVA SUBINDO A ESCADA E FICOU TONTO, ENTENDEU? AÍ ENCOSTEI NELE PARA DISFARÇAR. ELE COMEÇOU A FICAR TODO VERMELHO. E A NAMORADA DELE SOUBE QUE ELE USA, ENTENDEU? A NAMORADA DELE TENTA TIRAR ISSO DELE MAIS NÃO CONSEGUE, ENTENDEU? ELE JÁ TÁ VICIADO.

- E SEUS AMIGOS SÃO DE ONDE?
- DA ESCOLA, DO BAIRRO.

- QUAIS SÃO OS OUTROS LOCAIS QUE SEUS AMIGOS COSTUMAM USAR DROGAS ALÉM DA ESCOLA?
- EM FESTAS, À NOITE TAMBÉM. FINAL DE SEMANA PRINCIPALMENTE.

- TEM AGUÉM QUE JÁ CONSUMIU E NÃO CONSUME MAIS?
- NÃO. A PARTIR DO MOMENTO QUE VOCÊ USA UMA VEZ VOCÊ PERDE O MEDO. ÀS VEZES TEM UNS QUE NÃO USA MACONHA PORQUE TEM MEDO, AÍ USA LOLÓ.

- MAS VOCÊ TEM AMIGOS QUE NÃO CONSOMEM, NÃO É? PORQUE VOCÊ ACHA QUE ELES NÃO CONSOMEM?
- COM MEDO DOS PAIS.

- VOCÊ ACHA QUE ALGUÉM JÁ OFERECEU A ELES?
- JÁ. TEM UM AMIGO MEU QUE ME PEDIU PARA COMPRAR, AÍ EU FUI E COMPREI E DEI A ELE. ELES TEM MEDO DE USAR E CHEGAR EM CASA.

- O QUE VOCÊ ACHA DA PESSOA QUE CONSUME DROGA?
- DEPENDE DA DROGA.

- QUAL SERIA A RUIM?
- NENHUMA DROGA É BOA. A MAIS RAZOÁVEL QUE TEM É A LOLÓ. TEM GENTE QUANDO USA FAZ TUDO, ASSALTA.

- VOCÊ SABE COMO É A VIDA FAMILIAR DESSE AIGOS QUE CONSOMEM?
- SEI NÃO.

- ESSES AMIGOS QUE CONSOMEM TRABALHAM?
- TEM UNS QUE TRABALHAM, TEM UNS QUE NÃO TRABALHAM.

- PRATICAM ESPORTE?
- NÃO SEI.

- COMO É O RELACIONAMENTO COM SUA FAMÍLIA, HÁ DIÁLOGOS?
- CONVERSO QUASE TUDO COM MINHA MÃE.

- O QUE VOCÊ OUVI QUANDO SAI DE CASA?
- CUIDADO COM SUA VIDA MENINO, VEJA LÁ O QUE VOCÊ VAI FAZER.

- O QUE SERIA ESSE CUIDADO?
- É MAIS COM NAMORADA, COM FICANTE. EU NÃO SOU MUITO PARA A DROGA, ENTENDEU?

- ACHO QUE ELA TEM MEDO DE VOCÊ ENGRAVIDAR ALGUMA MENINA?
- É ISSO MESMO.

- E É SEGUIDO ESSE CONSELHO?
- QUASE TODA NOITE QUANDO EU SAIO MEU PAI DIZ: CHEGUE CEDO, CHEGUE CEDO.

- VOCÊ CHEGA?
- ÀS VEZES EU CHEGO MAS TEM VEZ QUE NÃO DÁ MESMO.

- MAS ELE TEM MEDO QUE VOCÊ SE ENVOLVA COM DROGA?
- TEM, TEM. MINHA MÃE JÁ ESCUTOU UM CERTO BOATO QUE EU ESTAVA USANDO, ENTENDEU. AÍ ELA FICOU APERRIADA.

- ATÉ PELO FATO DE VOCÊ ANDAR COM QUEM USA JÁ COMEÇA A DIZER?
- O FATO DE EU CONHECER MUITA GENTE, SABE QUE EU ANDO POR ALI DE BICICLETA MESMO, EU ANDO POR TUDO QUANTO É CANTO, DEZ, ONZE, DOZE, NUNCA FUI ASSALTADO. MEU PAI SAIU COM A MESMA BICICLETA E FOI ASSALTADO.

- DIZEM QUE QUANDO A GENTE FAZ AMIZADE ACABA NÃO SENDO ASSALTADO.
- É. MEU PAI SAIU, CHEGOU UMAS DEZ E MEIA, CHEGOU EM CASA SEM A BICICLETA. NO CASO ELE ME CONHECE, SABE QUE EU CONHEÇO MUITA GENTE, AÍ QUANDO ELE ME ASSALTAR VÃO SE PREJUDICAR. PODEM SE JUNTAR PARA PEGÁ-LO, PODEM PEGAR O QUE FOI ROUBADO.

- VOCÊ DIZ QUE SAI MUTO. VOCÊ NÃO GOSTA DE FICAR EM CASA?
- ÀS VEZES, É RARO, QUANDO EU ESTOU MEIO PARA BAIXO, ENTENDEU? SEM MUITA ENERGIA.

- QUANDO VOCÊ FICA EM CASA VOCÊ FAZ O QUE?
- ASSISTO TELEVISÃO, DVD, ALGUMA COISA.

- VOCÊ TEM COMPUTADOR?
- NÃO, NÃO TENHO NÃO.

- COMO É A RELAÇÃO COM A SUA MÃE E SEU PAI?
- COM A MINHA MÃE É BOA, MAIS COM MEU PAI, ENTENDEU? ELE BEBE, EU NÃO GOSTO, ENTENDEU? TEM MUITA DISCUSSÃO, A GENTE NÃO SE DÁ BEM UM COM O OUTRO. A GENTE CONVERSA E TAL MAIS...

- O CONFLITO COM SEU PAI ENTÃO SERIA MAIS POR CONTA DA BEBIDA?
- É, ISSO MESMO. ELE É MUITO IGNORANTE, EU TAMBÉM SOU, AÍ DOIS BRIGUENTOS DENTRO DE CASA NÃO DÁ CERTO.

- COMO É A RELAÇÃO COM SUAS IRMÃS?
- ELAS SÃO PEQUENAS, UMA TEM SETE, A OUTRA TEM DEZ.

- TEVE ALGUM OUTRO CONFLITO DENTRO DE CASA ALÉM DAQUELE DO SEU PAI?
- EU JÁ DISCUTI COM QUASE TODO MUNDO DENTRO DE CASA.

- ESSAS DISCUSSÕES SÃO MAIS POR CAUSA DO QUE?
- COM MINHA MÃE. É POR CAUSA DAS MINHAS TRAVESSURAS. EU NÃO OBEDEÇO, ALGUMA COISA. NÃO TÔ OBEDECENDO AÍ METE O PAU, AÍ COMEÇA A FALAR. NÃO BATE MAIS FALA MUITO.

- COMO É QUE SÃO RESOLVIDOS ESSES CONFLITOS?
- COM O TEMPO. OUTRO ESQUECE, ACABA FALANDO.

- COMO FOI A SUA INFÂNCIA?
- A MINHA INFÂNCIA FOI MUITO MIMADA POR MINHA FAMÍLIA TODINHA.

- VOCÊ FEZ O QUE?

- BRINQUEI MUITO. O MEU PRIMO MESMO A GENTE ERA MUITO GRUDADO, GRUDADO MESMO. SÓ NÃO VINHA PARA A CASA DELE QUANDO NÃO TINHA JEITO MESMO, ENTENDEU? AÍ A GENTE FICAVA SEPARADO. SE NÃO TODO FINAL DE SEMANA, TODO FERIADO A GENTE TAVA JUNTO E TAVA SAINDO.

- BRINCAVA NA RUA?

- BRINCAVA, ERA UM TRAVESSO. CHEGAVA NO MERCADINHO BAGUNÇANDO. DE BICICLETA MESMO ANDAVA NA LAMA, TODO MELADO.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE MUDOU NA SUA INFÂNCIA PARA HOJE?

- ACHO QUE EU AMADURECI MAIS UM POUCO, AMADURECI DE CABEÇA MAIS UM POUCO, ENTENDEU? ACHO QUE MINHA MÃE COMEÇOU A ME TRATAR MAIS DIFERENTE, MEU PAI COMEÇOU A ME TRATAR FEITO GENTE, NÃO COMO CRIANÇA.

- VOCÊ ACHA QUE ESTÁ MAIS DIFÍCIL AGORA OU MAIS FÁCIL DE VIVER?

- ACHO MAIS FÁCIL PORQUE PRATICAMENTE AGORA EU TÔ ANDANDO COM MINHAS PRÓPRIAS PERNAS, ENTENDEU? MINHA MÃE DE VEZ EM QUANDO ME AJUDA, NÃO SEI O QUE. ENTÃO EU TÔ ANDANDO COM MINHAS PRÓPRIAS PERNAS, TÔ TRABALHANDO COM MINHA TIA NO BUFET, ENTENDEU? AÍ EU GANHO ALGUMA COISA.

- É LEGAL TRABALHAR, NÃO É?

- É, PRINCIPALMENTE QUANDO É COM A FAMÍLIA, PRONTO.

- MAS VOCÊ ACHA QUE TEVE ALGUMA PERDA COM A JUVENTUDE?

- O MIMO, O CARA SENTE FALTA, NÉ.

- VOCÊ FALOU MUTO NAS MENINAS, NAS FICANTES, MAS VOCÊ NAMORA MESMO?

- SÓ TIVE UMA NAMORADA.

- ENTÃO ESTÁ SÓ FICANDO?

- É. COMECEI A FICAR A PARTIR DOS 13 ANOS, AÍ PRONTO. VOU COMPLETAR 16, TENHO PRATICAMENTE 16 ANOS, AÍ PRONTO. COMECEI SÓ FICANDO, SÓ FICANDO, AÍ ARRUMEI UMA NAMORADA, PASSEI COM ELA UNS SEIS MESES.

- VOCÊ FAZ O QUE COM ESSAS FICANTES, VOCÊS VÃO PARA ONDE?

- A GENTE VAI PARA PIZZARIA, PARA A SORVETERIA, ENTENDEU? VAI PARA O CINEMA, VAI PARA A CASA UM DO OUTRO, PRONTO.

- A SUA FAMÍLIA TOMA ALGUMA PROVIDÊNCIA PARA PREVENIR OS FILHOS DAS DROGAS?

- DE TRATAR A GENTE... SABE QUE A GENTE É AMADO, ISSO JÁ É UMA FORMA DE PREVENÇÃO, ENTENDEU?

- VOCÊ ACHA A DROGA UM PROBLEMA?

- ELA É UM PROBLEMA SÓ PARA VOCÊ QUE ESTÁ USANDO E SUA FAMÍLIA. NÃO É COMO AQUELA DOENÇA CONTAGIOSA.

- NO CASO ENTÃO VOCÊ DIZ QUE NÃO CONSUME ENTÃ ELA NÃO LHE AFETA?

- NÃO, NÃO ME AFETA NÃO. QUALQUER UM PODE USAR AQUI E PRONTO.

- ENTÃO, POR EXEMPLO, A ESCOLA, A COMUNIDADE, NÃO É AFETADA PELA CIRCULAÇÃO DAS DROGAS?

- É AFETADO PELA VIOLÊNCIA. TEM UM MAIS DROGADO DO QUE O OUTRO AÍ TEM CONFLITO, ENTENDEU?

- ENTÃO O PROBLEMA SERIA A VIOLÊNCIA NÃO AS DROGAS EM SI?

- MAS A DROGA GERA A VIOLÊNCIA, ENTENDEU? SE O PESSOAL DEIXASSE DE USAR DROGA, PRONTO, DIFICILMENTE TINHA VIOLÊNCIA.

- E VOCÊ NÃO ACHA ISSO UM PROBLEMA?

- É, PODE SER. MAIS NÃO É AQUELA VIOLÊNCIA QUE PODE LHE ATINGIR, ENTENDEU? SE A PESSOA É QUIETA, NÃO CONHECE MUITA GENTE, COMO PODE LHE ATINGIR?

- MAS VOCÊ ACHA QUE A VIOLÊNCIA NÃO LHE ATINGE? VOCÊ DIZ QUE HÁ O ROUBO PARA SE CONSUMIR DROGA. E SE ALGUÉM RESOLVER ROUBAR VOCÊ PARA CONSUMIR DROGA?

- SE ALGUÉM ME ROUBAR, SÉRIO, ALI PERTO ONDE MORO, PODE ROUBAR MAIS EU VOU BUSCAR.

- VOCÊ ENTÃO É DE REAGIR?

- EU SÓ NÃO GOSTO DE REAGIR NA HORA, ENTENDEU? É A PARTIR DO CONHECIMENTO O CARA VAI PERGUNTANDO, O PESSOAL JÁ IDENTIFICA QUEM FOI QUEM ROUBOU, ENTENDEU? VENHA AQUI MEU AMIGO, QUERO O NEGÓCIO QUE VOCÊ ROUBOU, ENTENDEU? EU FIQUEI COM O TELEFONE DE UM COLEGA, DE UM PRIMO DE UMA COLEGA. ELE FOI ROUBADO NA PORTA DE CASA. AÍ ELE FALOU QUE FOI ROUBADO AÍ EU PEGUEI O TELEFONE DELE. VIM PEGAR O TELEFONE QUE VOCÊ ROUBOU, AÍ PRONTO.

- ENTÃO VOCÊ ACHA QUE É MAIS AFETADO QUEM CONSOME A DROGA?

- É, QUEM CONSOME.

- POR QUE?

- EU ACHO PORQUE DERRUBA TODINHO, ENTENDEU? SE VOCÊ TEM DINHEIRO PARA SAIR COM AMIGOS, COM NAMORADA, ALGUMA COISA, PARA COMPRAR ROUPA MESMO, PARA COMPRAR ALGUMA COISA PARA VOCÊ, PREFERE USAR A DROGA. A DROGA JÁ É CARA QUE SÓ. O PESSOAL QUANDO COMPRA NÃO QUER SÓ UM, SÓ UM POUQUINHO, QUER LOGO PARA FICAR DOIDÃO.

- E O ÁLCOOL, VOCÊ ACHA ELE UMA DROGA?

- TEM AQUELE DITADO, NÉ, O QUE A CACHAÇA NÃO FIZER, OUTRA COISA NÃO FAZ NÃO. EU ACHO QUE... EU NUNCA EXPERIMENTEI MACONHA, ESSAS COISAS.

- MAS VOCÊ BEBE?

- JÁ BEBI, JÁ FIQUEI MEIO TONTO.

- MAS NÃO BEBE MAIS NÃO?

- QUANDO TEM ALGUMA FOLIA, ALGUMA COISA.

- DE VEZ EM QUANDO?

- É, NA FOLIA, NA FESTA, ALGUMA COISA, AÍ EU BEBO ALGUMA COISA. MAIS SÓ QUE O CARA OLHA ASSIM: EU ACHO QUE BEBIDA NÃO FICA ATRÁS DE DROGA NÃO, NÃO SEI PORQUE. EU ACHO QUE É FARINHA DO MESMO SACO. BEBIDA EU ACHO QUE É UM VÍCIO, ENTENDEU?

- OS SEUS AMIGOS CONSOMEM TAMBÉM?

- CONSOMEM, CONSOMEM.

- NO CASO OS DOIS?

- É, AQUELE QUE NÃO CONSOME DROGA CONSOME ÁLCOOL.

x- VOCÊ ACHA QUE AS DROGAS DEVEM SER LIBERADA?

- NÃO.

- POR QUE?

- A BAGACEIRA JÁ TÁ DESSE JEITO SENDO PROIBIDA, JÁ PENSOU SENDO LIBERADA, AÍ ACABOU-SE.

- O QUE VOCÊ ACHA DA PROIBIÇÃO DA VENDA DE ÁLCOOL AOS MENORES DE 18 ANOS?

- É CORRETO MAIS NÃO EXISTE.

- NÃO FUNCIONA?

- NÃO FUNCIONA. ESSA LEI PODE TER MAIS NÃO EXISTE, ENTENDEU? VOCÊ PODE PEDIR A QUALQUER PESSOA, IR NO BAR COMPRAR A CERVEJA, ELE VAI LHE ATENDER.

- O BAR ATENDE?

- O BAR, QUALQUER BODEGA ATENDE. O CARA ATÉ NO SHOPPING “QUERO UM CHOPE”. ENTÃO... ENTENDEU? NÃO EXISTE NÃO.

- TEM MUITOS ESTUDOS QUE APONTAMQUE QUEM MAIS MATA OU MORRE NO BRASIL SÃO OS JOVENS, GERALMENTE ENTRE 18 E 24 ANOS. O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

- POR CAUSA DE VIOLÊNCIA, POR CAUSA DE DROGA MESMO. SE O CARA MORRE CEDO, ENTENDEU, PODE DIZER QUE ELE USA DROGA. SE ELE TÁ MUITO ACABADO, UM TIPO MAGRO, ENTENDEU, CONHECE MUITA GENTE TIPO... TODO MALOQUEIRO USA ROUPA DE MARCA.

- POR QUE ELE USA? ELE CONSEGUE COMPRAR COMO?

- ROUBANDO. ELE NÃO GOSTA DE MARCA DE BIQUETE NÃO, 775, RIACHUELO, ELE NÃO GOSTA DESSA MARCA. ELE GOSTA TIPO ASSIM: MAREZIA, ESSAS MARCAS DE MALOQUEIRO MESMO.

- MAS SÃO MARCAS CARAS TAMBÉM?

- SÃO MARCAS CARAS. PARA VOCÊ TER UMA IDÉIA, FUI COMPRAR ESSA BERMUDA... AS PESSOAS USAM MUITO ESSAS ROUPAS. ENTÃO O CARA FICA ATRAÍDO PELAS ROUPAS. SÓ PARA VOCÊ TER UMA IDÉIA, UMA CAMISA DESSA CUSTA DE 30 A 50 REAIS. VOCÊ NÃO COMPRA MENOS DE 30.

- AÍ VOCÊS SE SENTEM ATRAÍDOS POR ESSA ROUPA?

- A GENTE COMPRA ESSA ROUPA PORQUE É BONITO, MAS SÓ QUE A MARCA É DE MALOQUEIRO, ALGUMA COISA ASSIM. E VOCÊ PODE VER QUANDO TEM ALGUMA FESTA, TIPO UMA FESTA QUE EU FUI NO TABULEIRO, NO TRIO ELÉTRICO. EU TAVA COM A CAMISA MAREZIA, DE MALOQUEIRO. SÓ DE OLHAR ELE SABE QUANTO É O PREÇO, MAIS OU MENOS ALGUMA COISA ASSIM. A POLÍCIA QUANDO VER COM ESSA MARCA JÁ FICA OLHANDO.

- VOCÊ JÁ FOI ABORDADO PELA POLÍCIA ALGUMA VEZ?

- JÁ.

- PORQUE VOCÊ ACHA QUE OS POLICIAIS FAZEM ISSO?

- EU FUI PRESO, EU E MEU COLEGA, SEM FAZER NADA. IAM BATER NA GENTE. EU FUI REVISTADO POR CAUSA DO MEU COLEGA, ENTENDEU? POR CAUSA DA CAMISA. UM CARA QUE ROUBOU UM DVD ESTAVA COM A CAMISA PRETA PENA E O MEU AMIGO TAMBÉM ESTAVA COM UMA CAMISA PRETA. PASSOU PELA MESMA RUA AÍ O POLICIAL COMEÇOU A CORRER ATRÁS DA GENTE. SE ELAS TIVESSEM DÚVIDA QUE CHEGASSEM PARA A GENTE, PERGUTASSEM, MAIS NÃO, COLOCOU A GENTE NA MALA, UM APERTADO. ELE DISSE QUE IA LEVAR A GENTE PARA CASA. JÁ PENSOU A GENTE CHEGAR NA PORTA DA CASA DE CAMBURÃO, NA MALA DE UM CARRO DESSE. MEU COLEGA DISSE QUE É MELHOR LEVAR UMA PISA DO QUE CHEGAR NA PORTA DE CASA DE CAMBURÃO. PARA VOCÊ TER UMA IDÉIA COM RELAÇÃO A DROGA, VOCÊ USA UMA VEZ E TEM POUCAS CHANCES DE SAIR. ISSO EU TÔ DIZENDO PORQUE MEU COLEGA TAVA FALANDO. USOU UMA VEZ NO CARNAVAL, AÍ PRONTO, FICOU DOIDO, DOIDO MESMO. SABE O QUE É UM CARA DOIDO? TAVA AZUADO. PASSOU UMA SEMANA PENSANDO, AQUELE NEGÓCIO SECO DENTRO DELE. AÍ PASSOU UM MÊS, DOIS, TRÊS, AÍ SUSSEGOU. QUANDO FOI USAR A SEGUNDA, PRONTO. DISSE QUE QUANDO QUISER PARAR, PRONTO. HUM! USA UMA VEZ, SÓ SENTE BEM QUANDO ESTÁ USANDO.

- AS PESSOAS ACHAM QUE TEM CONTROLE MAIS NÃO TEM?

- NA PRIMEIRA VEZ ELE DISSE QUE NÃO TINHA CONTROLE NÃO. ELE FEZ DE TUDO PORQUE ELE DISSE QUE SE USASSE MAIS UMA VEZ ENTENDEU, IA VICIAR. AÍ COMEÇOU UMA SEGUNDA VEZ, DISSE QUE PRONTO.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE O ESTADO DEVE FAZER COM RELAÇÃO ÀS DROGAS?

- ELE PRECISA TER CONHECIMENTO DOS LUGARES QUE ESTÃO DISTRIBUINDO E SABER AS PESSOAS QUE ESTÃO DISTRIBUINDO. COMO É QUE A POLÍCIA VAI SABER DISSO? NÃO VAI SABER NUNCA. POR ISSO NÃO TEM COMO ACABAR. ELAS PODEM ACABAR SE TIVER ALGUM CONHECIMENTO, ALGUM INFORMANTE, APONTAR ALGUMAS PESSOAS, DESCOBRIR ALGUNS LUGARES QUE ELAS GOSTAM DE DISTRIBUIR MAIS, ENTENDEU? MAS EU ACHO QUE... A POLÍCIA, ALGUMAS PESSOAS PODEM SABER.

- E A SOCIEDADE DEVE FAZER O QUE?

- SE AFASTAR DAS PESSOAS QUE USAM PORQUE SE NÃO ELAS VÃO USAR PERTO DE VOCÊ E VOCÊ VAI TER AQUELA TENTACÃO. SE VOCÊ FOR UMA PESSOA FRACA VOCÊ VAI USAR TAMBÉM.

SÍLVIO – ESCOLA PÚBLICA – SEXO MASCULINO

- QUANTOS ANOS VOCÊ TEM?
- 18 ANOS.

- SÉRIE?
- 3 ANO.

- VOCÊ FAZ ALGUM OUTRO TIPO DE CURSO ALÉM DA ESCOLA?
- NÃO.

- VOCÊ MORA COM QUEM EM CASA?
- PAI, MÃE E IRMÃO.

- PROFISSÃO DO PAI?
- MOTORISTA.

- E A MÃE?
- DOMÉSTICA.

- VOCÊ TEM IDÉIA DA RENDA FAMILIAR?
- MIL E DUZENTOS.

- ESCOLARIDADE DE SEU PAI?
- 8 SÉRIE.

- E SUA MÃE?
- TAMBÉM.

- VOCÊ TRABALHA?
- SIM, MAIS PREFIRO DIZER QUE NÃO.

- BAIRRO EM QUE MORA?
- SANTOS DUMOND.

- A CASA É PRÓPRIA?
- É.

- TEM ALGUMA RELIGIÃO?
- CATÓLICA.

- É SÓ BATIZADO OU FREQUENTA?
- BATIZADO.

- PRÁTICA ALGUM ESPORTE?
- NÃO.

- NEM NA ESCOLA E NEM FORA?
- NÃO.

- PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ARTÍSTICO?
- NÃO.

- A ESCOLA QUE VOCÊ ESTUDA É NO MESMO BAIRRO QUE VOCÊ MORA?
- NÃO.

- VOCÊ MORA NO SANTOS DUMOND. E A SUA ESCOLA FICA ONDE?
- TABULEIRO, MAIS É PRÓXIMO DE ONDE EU MORO.

- COMO É O SEU DIA-A-DIA DE SEGUNDA A SEXTA?

- PELA MANHÃ ESTUDO, À TARDE TRABALHO E À NOITE SAIO COM OS COLEGAS.
- E SÁBADO E DOMINGO?
- PRAIA.
- ALÉM DA PRAIA QUAL OUTRO LAZER?
- SÓ PRAIA. QUANDO NÃO VOU PARA A PRAIA FICO EM CASA.
- FERIADO E FÉRIAS FAZ ALGUMA COISA?
- PRAIA TAMBÉM.
- VOCÊ COSTUMA VIAJAR?
- NÃO.
- VOCÊ NÃO FREQUENTA FESTAS, SHOWS?
- É DIFÍCIL. NÃO GOSTO MUITO PORQUE AQUI NO BAIRRO TEM MUITA VIOLÊNCIA.
- COMO É O FUNCIONAMENTO DA SUA ESCOLA?
- TEM AS DISCIPLINAS NORMAIS. DE VEZ EM QUANDO TEM ALGUMAS PALESTRAS, RECITAIS, PROJETOS.
- PROJETOS SOBRE O QUE?
- ASSIM, TEM SOBRE A DENGUE, MEIO AMBIENTE, ESSAS COISAS.
- HÁ ALGU PROJETO QUE FALE SOBRE DROGAS E VIOLÊNCIA?
- É DIFÍCIL.
- COMO É A ESTRUTURA DA ESCOLA?
- É MUITO RUIM, A GENTE NÃO TEM QUASE NADA.
- COMO ASSIM, O QUE É QUE FALTA?
- NÃO TEM BIBLIOTECA, LABORATÓRIO, FALTA MUITO PROFESSORES. A GENTE FICA MUITO TEMPO SEM FAZER NADA.
- VOCÊ FALA QUE FALTAM PROFESSORES. FALTAM EM QUE SENTIDO? NÃO TEM OU OS QUE TEM COSTUMAM NÃO DAR AULA?
- OS DOIS. MAIS ASSIM, OS QUE TEM FALTA MUITO.
- O QUE É QUE VOCÊS FAZEM QUANDO NÃO TEM ESSAS AULAS?
- NADA. A GENTE FICA ESPERANDO PARA APARECER O OUTRO PROFESSOR.
- COMO OS ALUNOS SE COMPORTAM NESSE MOMENTO QUE NÃO TEM AULA?
- ELES FAZEM MUITA BAGUNÇA, QUEBRAM CADEIRAS, RISCAM AS PAREDES, FAZEM ZUADA.
- É COMUM ESSE TIPO DE ATITUDE NA ESCOLA.
- É. OS ALUNOS ESTÃO DE SACO CHEIO DAS AULAS E QUANDO PODE COMEÇAM A QUEBRAR AS COISAS.
- O QUE ACONTECE COM ELES?
- NADA PORQUE NINGUÉM VER O QUE ACONTECE E SE VER NINGUÉM QUER FALAR.
- NÃO HÁ FUNCIONÁRIOS?
- TEM MUITO POUCO.
- VOCÊ FALA QUE SE VER NÃO FALAM. PORQUE?
- COM MEDO DE PEGAR NA SAÍDA.
- E OS RISCOS NAS PAREDES SÃO SOBRE O QUE?
- DE TANTA COISA. É UM XINGANDO O OUTRO.

- TEM ALGUM QUE FALA SOBRE DROGAS?
- É O QUE MAIS TEM.

- VOCÊ IDENTIFICA CIRCULAÇÃO DE DROGAS NA ESCOLA?
- IDENTIFICO.

- VOCÊ JÁ VIU?
- JÁ.

- É DENTRO DA ESCOLA?
- É DENTRO, FORA.

- QUAL FOI O LUGAR DA ESCOLA QUE VOCÊ VIU?
- NO BANHEIRO. ELES USAM MUITO NAS FESTAS.

- QUAL FOI A DROGA QUE VOCÊ VIU?
- LOLÓ, MACONHA.

- COMO ELES TRAZEM ESSA DROGA PARA A ESCOLA?
- NA MOCHILA, NO BOLSO.

- COMO ELES FAZEM PARA CONSEGUIR ESSA DROGA?
- NÃO SEI, ACHO QUE PEGA NA FAVELA QUE FICA PERTO DA ESCOLA.

- HÁ VENDA DENTRO DA ESCOLA?
- TEM GENTE QUE VENDE.

- GENTE DE ONDE?
- DA ESCOLA MESMO, ALUNO.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM NA ESCOLA QUE VENDE?
- CONHEÇO.

- É COMUM ESSA VENDA?
- É.

- FORA DA ESCOLA TAMBÉM TEM?
- MUITO. A ESCOLA FICA PERTO DE UMA FAVELA E ELES PEGAM LÁ.

- O QUE É QUE OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA FAZEM COM RELAÇÃO A ISSO?
- NADA, ELES NÃO FAZEM NADA.

- PORQUE NÃO FAZEM NADA?
- SEI LÁ, FICAM COM MEDO.

- MEDO DE QUE?
- DELES FAZEREM ALGUMA COISA.

- O QUE É QUE ELES PODEM FAZER?
- SEI LÁ. QUEM SE ENVOLVE COM DROGA ÀS VEZES USA DA VIOLÊNCIA, ANDA ARMADO, SEI LÁ, ACHO QUE ELES TEM MEDO DE FAZER ALGUMA COISA COM ELES.

- HÁ PESSOAS ARMADAS DENTRO DA ESCOLA?
- EU JÁ OUVI FALAR MAIS NUNCA VI.

- NA COMUNIDADE QUE VOCÊ MORA HÁ CIRCULAÇÃO DE DROGAS?
- É O QUE MAIS TEM. TODA SEMANA MORRE GENTE POR CONTA DE DROGA.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE JÁ MORREU POR CONTA DE DROGA?

- CONHEÇO. MORREU POR QUE TAVA DEVENDO DROGA. É O QUE MAIS TEM NO LUGAR QUE EU MORO. TEM UM PRIMO MEU MESMO QUE VENDIA DROGA E TAVA DEVENDO DROGA AÍ MORREU, DERAM UNS TIRO NELE. ELE ERA TRAFICANTE.

- ERA JOVEM?
- NÃO SEI A IDADE MAIS ERA JOVEM.

- A COMUNIDADE FEZ ALGUMA COISA?
- NINGUÉM SE ENVOLVE PORQUE TEM MEDO. JÁ TEVE MORTES NO BAIRRO POR CONTA DISSO, DÁ PESSOA SE METER ONDE NÃO DEVE. É MELHOR VER E FICAR CALADO SE NÃO MORRE TAMBÉM. QUEM VAI QUERER SE METER POR CONTA DE GENTE QUE FAZ COISA ERRADA. FEZ COISA ERRADA, TÁ AÍ A CONSEQUÊNCIA. QUEM VAI SE METER.

- QUER DIZER QUE QUANDO MORRE ALGUÉM POR CONTA DE DROGA NINGUÉM SE ENVOLVE?
- TÁ LOUCO, QUEM É DOIDO. QUEM FAZ AS COISAS ERRADAS QUE SE RESOLVA.

- HÁ POLICIAMENTO NO LOCAL?
- HÁ MAIS NÃO RESOLVE NADA. ELA SÓ CHEGA QUANDO O CARA JÁ TÁ MORTO.

- COMO ELA TRATA OS JOVENS, NO CASO A POLÍCIA, QUE MORAM NO LOCAL?
- ELA ACHA QUE TUDO É BANDIDO, TRATA NA BALA.

- VOCÊ CONHECE ALGUM CASO DE JOVENS QUE FORAM CONFUNDIDOS COM BANDIDOS NO SEU BAIRRO?
- ISSO É DE MONTE. O POVO LÁ DA ESCOLA MESMO, QUASE TODO É CONFUNDIDO COM BANDIDO. FICAM REVISTANDO, OLHANDO O QUE VOCÊ TEM, ISSO É DIRETO.

- NO LUGAR QUE VOCÊ MORA É COMUM JOVENS SE TORNAREM TRAFICANTE?
- É, AQUI TEM UM BOCADO.

- PORQUE VOCÊ ACHA QUE ELES FAZEM ISSO?
- É SAFADEZA, METIDO A MALOQUEIRO.

- ESSES JOVENS TEM EMPREGO?
- NÃO, É MUITO DIFÍCIL ARRUMAR EMPREGO AQUI.

- COMO É O LAZER NO SEU BAIRRO?
- LÁ NÃO TEM NADA, SÓ BAR, BAR, É O QUE MAIS VER.

- E A VIOLÊNCIA, COMO É?
- É TODA SEMANA, TODA SEMANA TEM MORTE.

- PORQUE ACONTECE E ONDE ACONTECE ESSA VIOLÊNCIA?
- ACONTECE EM FESTAS, UM BEBEU DE MAIS AÍ COMEÇA A BRIGAR. UM MATA O OUTRO POR CONTA DE DROGA, ESSAS COISAS.

- VOCÊ SABE QUAIS SÃO ESSAS DROGAS QUE CIRCULAM NO BAIRRO?
- SEI LÁ, MACONHA, LOLÓ.

- VOCÊ COSOME DROGA?
- NÃO.

- NUNCA EXPERIMENTOU?
- NÃO.

- ALGUÉM JÁ LHE OFERECEU?
- JÁ, É O QUE ELES MAIS FAZEM É OFERECER.

- TEM AMIGOS PRÓXIMOS A VOCÊ QUE CONSOME?
- CONHEÇO GENTE QUE CONSOME MAIS NÃO É AQUELE AMIGO MESMO.

- PORQUE VOCÊ NÃO É AMIGO DESSAS PESSOAS QUE CONSOMEM JÁ QUE VOCÊ DIZ CONHECER?
- PORQUE EU NÃO VOU ANDAR COM PESSOAS QUE FAZEM COISA ERRADA. JÁ VI MUITA GENTE MORRER PORQUE TAVA ANDANDO COM GENTE QUE FAZIA COISA ERRADA. MORREU DE BOBEIRA, SEM FAZER NADA.

- POR ISSO VOCÊ PREFERE SE AFASTAR?
- É.

- E O ÁLCOOL, VOCÊ NÃO CONSOME?
- BEBER EU BEBO TODO DIA.

- E OS SEUS AMIGOS?
- TODOS OS MEUS AMIGOS BEBEM. É DIFÍCIL NÃO TER UM QUE NÃO BEBA.

- VOCÊ BEBEM ONDE?
- NA CASA UM DO OUTRO, NO BAR, EM QUALQUER LUGAR.

- HÁ CONFUSÕES POR CONTA DA BEBIDA?
- COM A GENTE NÃO, MAS NO BAIRRO HÁ MUITA CONFUSÃO POR CONTA DA BEBIDA. O CABA BEBE E QUER LOGO BRIGAR, ARRUMAR CONFUSÃO. ISSO ACONTECE MUITO AQUI.

- ENTRE OS SEUS AMIGOS, OU VOCÊ MESMO, NUNCA HOVE ESSAS CONFUSÕES?
- COM A GENTE NÃO.

- OS SEUS AMIGOS SÃO DA SUA IDADE?
- TEM MAIS NOVO, TEM MAIS VELHO.

- QUEM É QUE COMPRA ESSA BEBIDA?
- QUALQUER UM.

- TEM ALGUM DE MENOR QUE COMPRA ESSA BEBIDA?
- TEM, NÃO TEM ISSO NÃO, EM QUALQUER LUGAR ELES CONSEGUEM COMPRAR BEBIDA.

- COM RELAÇÃO ÀS DROGAS ILÍCITAS, COMO OS JOVENS DO SEU BAIRRO FAZEM PARA COMPRÁ-LA?
- AQUI TEM UM MONTE DE BOCA DE FUMO, TEM UM MONTE DE LUGAR QUE VENDE.

- MAS O DINHEIRO VEM DE ONDE?
- ÀS VEZES ROUBAM PARA USAR, ÀS VEZES SÃO OS PAIS QUEM DÁ, ÀS VEZES TRABALHAM, DEPENDE.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE LEVA ESSES JOVENS A CONSUMIR DROGA?
- AMIZADE, É TUDO POR CONTA DE AMIZADE. O CABA SE JUNTA COM QUEM NÃO PRESTA AÍ VAI FAZER BAGACEIRA.

- COMO É O RELACIONAMENTO COM SUA FAMÍLIA?
- NORMAL.

- HÁ DIÁLOGOS?
- NÃO MUITO, SÓ MAIS COM MEU PAI.

- PORQUE VOCÊ BEBE?
- EU TENTO SAIR MAIS EU VEJO TODO MUNDO BEBENDO. MEU PAI MESMO VIVE BEBENDO E EU ACABO BEBENDO TAMBÉM. MEUS AMIGOS TODOS BEBEM E EU ACABO TAMBÉM BEBENDO.

- VOCÊ SAI PARA BOATES, BARES LÁ PELA PONTA VERDE, JATIÚCA?
- NÃO, SÓ FICO POR AQUI.

- CONHECE PESSOAS DE LÁ?
- NÃO, MESMO AMIGOS SÃO MAIS POR AQUI.

- NÃO FREQUENTA SHOWS LÁ EM BAIXO?
- NÃO, SÓ VOU A PRAIA.

- QUANDO VOCÊ SAI DE CASA VOCÊ ESCUTA CONSELHOS DO SEU PAI?
- ELE MANDA TER CUIDADO, OLHAR COM QUEM EU ANDO.

- MAS ELE NÃO RECLAMA PORQUE VOCÊ BEBE?
- NÃO.

- DESDE QUANDO VOCÊ BEBE?
- DESDE OS QINZE ANOS.

- COMO COMEÇOU A BEBER?
- COM AMIGOS, A MAIORIA GOSTA DE BEBER AÍ VOCÊ ACABA BEBENDO TAMBÉM.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA DEVE FAZER PARA RESOLVER O PROBLEMA DAS DROGAS?
- SEI LÁ, TER PROFESSORES, OS PROFESSORES DEVEM FAZER COISAS DIFERENTES PORQUE OS ALUNOS NÃO GOSTAM MUITO DAS AULAS QUE TEM.

- COMO SÃO AS AULAS QUE TEM?
- SEI LÁ, É TUDO A MESMA COISA. É POR ISSO QUE OS ALUNOS FICAM CHATEADOS PORQUE ESTÃO DE SACO CHEIO DESSAS AULAS QUE TEM, ACABAM QUEBRANDO CADEIRAS, RISCANDO PAREDES.

- NA SUA ESCOLA TEM BATALHÃO ESCOLAR?
- JÁ TEVE MAIS AGORA NÃO TEM NÃO. ELES FICAVAM LÉ SEM FAZER NADA, FICAVAM SENTADOS E NÃO RESOLVIAM NADA.

- COMO ERAM AS AÇÕES DELES?
- SÓ FICAVAM SENTADOS. ÀS VEZES IAM NOS CORREDORES MAIS NA MAIORIA ERA SENTADO.

- E NA COMUNIDADE VOCÊ ACHA QUE DEVE SER FEITO O QUE?
- TER MAIS POLICIAMENTO, TER UM POLICIAMENTO SÉRIO, QUE COMBATA O TRÁFICO E NÃO FIQUE SÓ MATANDO. TER POLICIAL SÉRIO PORQUE TEM POLICIAL MESMO QUE SE ENVOLVE NO TRÁFICO, ACABA NÃO FAZENDO NADA COM ELES.

- VOCÊ ACREDITA QUE HÁ ISSO NO SEU BAIRRO, DO POLICIAL SE ENVOLVER NO TRÁFICO?
- NÃO SÃO TODOS, MAIS TEM UNS QUE SIM. MAS ASSIM... ESSES POLICIAIS SÓ CHEGAM PARA MATAR, PARA REVISTAR, MAIS ACABAR ELES NÃO ACABAM NÃO. MATA UM TRAFICANTE E DEPOIS APARECE OUTRO, É SEMPRE ASSIM.

- E AS FAMÍLIAS VOCÊ ACHA QUE ELAS DEVEM FAZER ALGUMA COISA?
- CONVERSAR COM OS FILHOS, VER COM QUEM ELES ANDAM, VER POR ONDE ELES ANDAM, DEVEM VIGIAR.

- VOCÊ ACHA QUE AS DROGAS QUE SÃO PROIBIDAS DE COMERCIALIZAÇÃO DEVEM SER LEGALIZADAS?
- SE LEGALIZAR AÍ É QUE A BAGACEIRA VAI PIORAR. SE A COISA JÁ ESTÁ ASSIM, IMAGINA SE LEGALIZAR.

- E O ÁLCOOL, VOCÊ ACHA QUE DEVE SER LEGALIZADO?
- EU NÃO SEI, PORQUE O ÁLCOOL FAZ A MESMA BAGACEIRA.

- VOCÊ ACHA AS DROGAS UM PROBLEMA?

- É POR CONTA DELA QUE TEM TANTA MORTE. SE NÃO FOSSE ELA NÃO MORRIA TANTA GENTE COMO MORRE HOJE EM DIA. SE ACABASSE ELA, PRONTO, NÃO MORRIA TANTA GENTE.

- E O ESTADO, O QUE DEVE FAZER PARA AJUDAR NESSE PROBLEMA?

- DAR MAIS EMPREGO PORQUE NÃO TEM EMPREGO PARA A GENTE, MELHORAR AS ESCOLAS QUE AS ESCOLAS HOJE NÃO SÃO BOAS. COM ESSAS ESCOLAS DE HOJE O CARA NÃO GOSTA NEM DE ESTUDAR. COLOCAR MAIS POLICIAMENTO PORQUE TEM POUCO, UM POLICIAMENTO QUE RESOLVA, SEI LÁ, TANTA COISA.

ANDREA - ESCOLA PÚBLICA – SEXO FEMININO

- IDADE?
- 14 ANOS.

- ESTUDA EM QUE BAIRRO?
- É FRONTEIRA CLIMA BOM, TABULEIRO.

- MORA PRÓXIMO?
- MAIS OU MENOS, MORA NA NASENSA, COMO SE FOSSE TABULEIRO.

- MORA COM QUEM EM CASA?
- MÃE,

- QUAL A RENDA FAMILIAR?
- NÃO SEI.

- QUAL A SÉRIE?
- SEXTA E SÉTIMA, SUPLETIVO.

- HORÁRIO DE ESTUDO?
- ESTUDO À NOITE.

- COMO É O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA?
- NÃO É BOM. MAIS ASSIM, A ORGANIZAÇÃO TAMBÉM NÃO É MUITO BOM. ENTRA QUEM QUER, QUEM NÃO QUER, TEM MUITO ASSALTO.

- NÃO TEM NINGUÉM NA PORTA?
- TEM, FICA O PORTEIRO. QUANDO ELE SAI ENTRA MUITO MALOQUEIRO LÁ DENTRO E ACONTECE MUITA COISA LÁ DENTRO. OS ALUNOS TAMBÉM USAM MUITA DROGA LÁ DENTRO.

- ENTÃO O PRÉDIO NÃO TEM UMA SEGURANÇA BOA. ISSO É PORQUE NÃO TEM MUITO FUNCIONÁRIO?
- NÃO É POR ISSO, OS FUNCIONÁRIOS QUE TEM NÃO FICAM NA PORTARIA. FICAM ASSIM SETE HORAS, FECHAM O PORTÃO PARA NENHUM ALUNO ENTRAR, MAIS DEPOIS ELES SAEM.

- COMO É O PRÉDIO, É ARRUMADO, COMO SÃO AS PAREDES?
- SÓ AS DAS FRENTE QUE SÃO SUJAS, SÃO MUITAS PIXAÇÕES, SÓ QUE LÁ DENTRO NÃO.

- PIXAM O QUE NAS PAREDES?
- COLOCAM ESSE NEGÓCIO DE MANCHA AZUL.

- TEM ALGUMA RELACIONADA COM DROGA?
- TEM.

- VOCÊ LEMBRA QUAL FOI ALGUMA RELACIONADA AS DROGAS?
- LEMBRO NÃO.

- E A PARTE PEDAGÓGICA, COMO É? HÁ FALTA DE PROFESSORES?
- TEM ALGUNS DELES QUE FALTAM MUITO. TEM ATÉ UMA PROFESSORA DE HISTÓRIA QUE PASSOU QUASE TRÊS MESES SEM IR, SÓ VEIO APARECER NO FINAL DO ANO.

- NESSE TEMPO VOCÊS FICAM SEM AULA?
- É.

- É COMUM SAIR CEDO?
- É.

- SE ENTRA MUITA GENTE NA ESCOLA VOCÊS FICAM MUITO INSEGUROS COM ISSO?
- É, EXATAMENTE.

- JÁ ACONTECEU ALGUMA COISA?
- JÁ, UM ALUNO MORREU LÁ DENTRO.

- COMO FOI ISSO?
- ELES CHEGARAM E ENTRARAM E MATARAM ELE DENTRO DA ESCOLA.

- QUER DIZER QUE FOI ALGUÉM DE FORA?
- FOI ALGUÉM DE FORA.

- OS CULPADOS FORA ENCONTRADOS?
- NÃO.

- A ESCOLA FEZ ALGUMA COISA?
- NÃO, FICOU FECHADA SÓ POR UM DIA

- É COMUM ALGUM ALUNO ANDAR ARMADO?
- NÃO, SÓ DE FORA.

- VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS DENTRO DA ESCOLA? VOCÊ JÁ VIU?
- NUNCA VI NÃO.

- VOCÊ JÁ OUVIU FALAR?
- JÁ, JÁ OUVI FALAR QUE ELES FAZEM ISSO DENTRO DA ESCOLA. LEVAM ATÉ LOLÓ, MACONHA.

- AS PESSOAS DA ESCOLA SABEM DISSO?
- NÃO. TEM ALGUNS QUE SABEM MAIS NÃO LIGAM.

- PORQUE NÃO LIGAM?
- PORQUE ASSIM, ELES FICAM COM MEDO PORQUE ALUNOS MESMO DA ESCOLA AMEAÇAM OS PROFESSORES.

- AMEAÇAM COMO?
- DIZEM QUE VAI BATER, QUE VAI MATAR.

- JÁ HOVE ALGUM CONFLITO DENTRO DA ESCOLA POR CONTA DE DROGA?
- NÃO, QUE EU SAIBA NÃO.

- E FORA DA ESCOLA, EXISTE CIRCULAÇÃO?
- FORA É UMA PARTE BEM ESCURA. TEM ALGUNS ALUNOS QUE FICAM FUMANDO MACONHA LÁ. FORA DA ESCOLA TEM UM POSTE, SÓ QUE É SÓ UM. LÁ PARA DENTRO TEM UM BALCÃO, SÓ QUE É BEM ESCURO E ELES FICAM LÁ.

- APARECE POLÍCIA?
- DE VEZ EM QUANDO FICA UMA VIATURA LÁ NA FRENTE, SÓ QUE NÃO SÃO TODOS OS DIAS NÃO.

- VOCÊ JÁ SOUBE DE ALGUM CASO DA POLÍCIA PEGAR ALGUM ALUNO?
- QUE EU SAIBA NÃO.

- ELES BEBEM NA ESCOLA?
- RAPAZ, LÁ NA FRENTE DA ESCOLA, LÁ DENTRO NUNCA VI NÃO.

- FORA VOCÊ ACHA QUE ELES BEBEM?
- FORA EU ACHO QUE ELES BEBEM.

- VOCÊ SABE QUAL O LAZER DELES?
- SEI NÃO.

- VOCÊ TEM MUITO AMIGO LÁ?
- NÃO.

- VOCÊ JÁ SE ENVOLVEU COM DROGAS?
- NÃO.

- JÁ CONSUMIU ÁLCOOL?
- NÃO, MAIS TODAS AS MINHAS AMIGAS BEBEM.

- ELAS SAEM PARA ONDE?
- VÃO PARA O PAGODE, SHOW, BAR.

- ELAS CONSOMEM OUTROS TIPO DE DROGAS?
- NÃO, SÓ ÁLCOOL. E TEM UMAS QUE FUMAM CIGARRO.

- TEM QUANTOS ANOS MAIS OU MENOS SUAS AMIGAS?
- TEM DE 13, 14, 15, POR AÍ.

- SEMPRE NAS SAÍDAS ELAS CONSOMEM?
- É.

- E VOCÊ SAI NOS MESMOS LUGARES?
- NÃO, EU NÃO ANDO NÃO.

- VOCÊ TEM ALGUMA AMIGA QUE NÃO CONSOME ÁLCOOL?
- NÃO.

- TODAS QUE VOCÊ TEM BEBEM E ENTÃO VOCÊ ACABA NÃO SAINDO?
- SAIO NÃO PORQUE MINHA MÃE NÃO DEIXA.

- SE DEIXASSE VOCÊ SAIA?
- NÃO PORQUE ELAS BEBEM E FICAM BEBAS AÍ EU NÃO GOSTO NÃO, ACHO CHATO.

- PORQUE VOCÊ ACHA CHATO?
- PORQUE ELAS BEBEM, QUER TÁ COM UM E COM OUTRO, QUEREM SAIR AÍ A PESSOA ACABA FICANDO SOZINHA, COMO ACONTECE ENTRE ELAS MESMO, QUE SAI PARA BEBER TUDINHO. UMA SAI E NÃO VOLTA TUDO JUNTO PARA CASA.

- AÍ A TURMA FICA DIFERENTE?
- É.

- ELAS TRABALHAM?
- NÃO.

- VOCÊ TRABALHA?
- NÃO.

- COMO ELAS FAZEM PARA BEBER?
- OS PAIS DELAS É QUE DAR O DINHEIRO.

- OS PAIS SABEM QUE ELAS BEBEM?
- TEM PAIS QUE SABEM, TEM OUTROS QUE NÃO.

- TEM PAIS QUE DÃO DINHEIRO MAIS NÃO SEBE PARA QUE É?
- É. TEM UNS QUE DÁ DINHEIRO PARA UM SHOW, PARA UMA FESTA, MAIS NÃO SABEM QUE BEBEM.

- A ESCOLA FAZ ALGUMA ATIVIDADE SOBRE DROGAS, PALESTRAS?

- NA ESCOLA ONDE EU ESTUDAVA, QUE TAMBÉM É PÚBLICA, ELES FAZIAM SOBRE AS DROGAS, DIZENDO ASSIM PARA A GENTE NÃO BEBER, NÃO CONSUMIR. MAIS ISSO SÓ PRESTA PARA QUEM TEM CABEÇA MESMO.

- VOCÊ ACHA QUE NÃO FUNCIONA?
- NÃO FUNCIONA.

- O QUE ELES COSTUMAM DIZER?
- HÁ, ELES FALAM QUE É BESTEIRA, QUE BEBER É NORMAL.

- VOCÊ IDENTIFICA NA ESCOLA QUEM É QUE CONSOME?
- IDENTIFICO.

- COMO?
- PORQUE, OLHE, QUANDO EU CHEGO NA ESCOLA ELES FICAM FALANDO HÁ, VAI TER UMA FESTA SEMANA QUE VEM. GERALMENTE NA SEGUNDA, PORQUE TEVE SÁBADO E DOMINGO PARA ELES BEBER AÍ ELES FICAM FALANDO.

- ELES FALAM NA BEBIDA OU NAS OUTRAS DROGAS?
- NA BEBIDA.

- DENTRO DA ESCOLA TEM ALGUM QUE SE ENVOLVE COM O TRÁFICO.
- SEI NÃO.

- HOUVE OUTROS ALUNOS QUE JÁ MORRERAM POR CONTA DE DROGAS?
- OLHE, NESSE COLÉGIO QUE EU ESTUDAVA TEVE MUITAS, MAIS DE MENINOS, NA FAIXA DE 14, 15 ANOS.

- MULHERES VOCÊ NÃO CONHECE NÃO?
- NÃO.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE VENDE DENTRO DA ESCOLA?
- EU VI UM GAROTO DENTRO DA ESCOLA FALANDO QUE ELE VENDIA LOLÓ, SÓ, QUE TAVA PERGUNTANDO QUEM QUERIA COMPRAR.

- VOCÊ NÃO SABE NEM SE ISSO É BRINCADEIRA?
- É, ÀS VEZES É BRINCADEIRA, MAIS NO OUTRO COLÉGIO QUE EU ESTUDAVA ELES FALAVAM E VENDIAM DENTRO DA ESCOLA.

- NO OUTRO COLÉGIO TINHA MAIS ISSO?
- É.

- QUE É TAMBÉM PÚBLICA?
- É.

- PORQUE VOCÊ SAIU DESSE OUTRO?
- PORQUE EU REPETI, EU REPETI DOIS ANOS NA QUINTA SÉRIE E A MINHA MÃE RESOLVEU ME TIRAR PORQUE TINHA MUITO MALOQUEIRO E ATÉ NESSE OUTRO COLÉGIO QUE EU ESTUDAVA ERA MAIS DESORGANIZADO.

- A DESORGANIZAÇÃO É DE QUÊ?
- DOS PROFESSORES, DOS DIRETORES. E TAMBÉM PORQUE OS ALUNOS QUE ENTRAM LÁ ELES SE ENVOLVEM MUITO COM DROGAS, ENTENDEU? AÍ MINHA MÃE FICOU MUITO COM MEDO.

- NESSA OUTRA ESCOLA QUE É PÚBLICA?
- É.

- VOCÊ ESTUDAVA À NOITE?
- NÃO, DE MANHÃ.

- E MESMO ASSIM DE MANHÃ TINHA?
- TINHA.

- QUER DIZER QUE NESSA ESCOLA QUE VOCÊ ESTUDAVA DE MANHÃ TINHA MAIS QUE NESSA QUE VOCÊ ESTÁ À NOITE?
- É.

- ENTÃO NESSA ESCOLA QUE VOCÊ ESTUDAVA TINHA MUITO MENINO QUE MORRIA PORQUE SE ENVOLVIA COM DROGA?
- TEVE DOIS COLEGAS MEUS, COLEGAS ASSIM QUE EU FALAVA, ELES MORRERAM.

- COMO FOI ESSA MORTE?
- FOI PORQUE ELE VENDIA DROGA ALI EM BAIXO E NÃO PAGARAM. UM TINHA 14 ANOS E O OUTRO MORREU TAMBÉM, MORREU DEVENDO.

- A MORTE É GERALMENTE PORQUE DEVE?
- É, PORQUE DEVE.

- VOCÊ CONHECE ALGUM QUE JÁ MORREU POR OVERDOSE.
- NÃO, SÓ NO TRÁFICO.

- VOCÊ SEMPRE ESTUDA EM AMBIENTES QUE TEM ESSE TIPO DE PROBLEMA. ISSO DIFICULTA A SUA APRENDIZAGEM?
- PORQUE, OLHE, PORQUE EU TENHO 14 ANOS EU ESTUDO NUMA SALA QUE TEM PESSOAS MAIS VELHAS, NÉ, AÍ SÃO AQUELAS PESSOAS QUE GOSTAM MAIS DE ESTAR SE ENVOLVENDO COM DROGAS, DE TÁ COMPRANDO, DENTRO DA ESCOLA MESMO DE ESTAR USANDO.

- AÍ VOCÊ TEM MEDO?
- TEVE ATÉ UM GAROTO QUE AMEAÇOU UMA MENINA LÁ DENTRO DA ESCOLA QUE EU ESTUDAVA PORQUE ELA NÃO QUERIA USAR. PORQUE ELA TINHA VISTO E ELE FALOU QUE SE ELA NÃO USAR ELE IA MATAR ELA.

- É COMUM VOCÊS DENUNCIAREM ALGUM ALUNO?
- NÃO.

- PORQUE?
- PORQUE TEM MEDO.

- MEDO DELES FAZEREM O QUE?
- PORQUE COMO SÃO ASSIM MAIS VELHOS, DE 15, AÍ JÁ FICAM COM MEDO DE MATAR, DE BATER.

- ENTÃO ELE DEVEM ANDAR ARMADOS DENTRO DA ESCOLA?
- ANDAM ARMADOS DENTRO DA ESCOLA.

- NESSA ESCOLA QUE VOCÊ ESTUDA E NA OUTRA?
- NESSA QUE EU TÔ AGORA NÃO SEI NÃO, MAS NA OUTRA QUE EU ESTUDAVA ELES ENTRAM COM FACA, DESSA FACA GRANDE, COM ARMA DENTRO DA ESCOLA.

- EU SOU PROFESSORA MESMO E A GENTE TEM MEDO DE FALAR ALGUMA COISA.
- NESSA QUE EU TAVA MESMO UM ALUNO AMEAÇOU UM PROFESSOR PORQUE O PROFESSOR VIU. AÍ ELE DISSE QUE SE O PROFESSOR FALASSE PARA A DIREÇÃO ELE IA MATAR O PROFESSOR.

- TEM MUITA BRIGA?
- TEM. NA ESCOLA QUE EU ESTUDAVA MESMO TINHA TANTA BRIGA MESMO POR CONTA DISSO, AÍ ELES CUSTAVAM A PAGAR AÍ ELES BRIGAVAM.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA PODIA FAZER PARA MELHORAR ISSO?

- ASSIM, EXPULSAR OS ALUNOS DA ESCOLA PORQUE ELES AMEAÇAM A VIDA DE MUITOS ALUNOS LÁ DENTRO, E TAMBÉM DE PROFESSORES MESMO, AÍ SERIA MELHOR EXPULSAR ELES.

- VOCÊ SABE SE OS PAIS VÃO A ESCOLA?

- ACHO QUE A MAIORIA VAI, TEM SEMPRE ALGUÉM QUE VAI PEGAR.

- ENTÃO ISSO SÃO PARA OS PEQUENOS OU PARA OS MENORES?

- NÃO, PARA OS PEQUENOS.

- E PARA OS GRANDES?

- PARA OS GRANDES NÃO.

- COMO DEVE SER A RELAÇÃO FAMILIAR DESSES JOVENS QUE SE ENVOLVEM COM DROGAS?

- ACHO QUE DEVE SER RUIM. SE ELES TIVESSEM UMA RELAÇÃO BOA COM OS PAIS ELES NÃO FAZIAM ISSO NÃO.

- COMO É A SUA RELAÇÃO COM A SUA FAMÍLIA?

- É BOA, A MINHA MÃE CONVERSA SEMPRE COMIGO.

- VOCÊ OUVE O QUE DENTRO DE CASA?

- CUIDADO, NÃO SE JUNTE COM QUEM NÃO PRESTA.

- QUEM SÃO ESSES QUE NÃO PRESTAM?

- OS QUE USAM DROGAS.

- O QUE A SUA MÃE DIZ QUANDO VOCÊ VAI PARA A ESCOLA JÁ QUE VOCÊ ESTUDA E ESTUDOU EM LOCAIS ASSIM?

- ELA ESTUDA COMIGO.

- ELA DEIXARIA VOCÊ IR SOZINHA?

- NÃO.

AMANDA – ESCOLA PÚBLICA – SEXO FEMININO

- QUAL A SUA IDADE?
- 15 ANOS.

- ESTUDA EM QUE PERÍODO?
- TARDE.

- COMO É O SEU DIA-A-DIA?
- EU VOU PARA A IGREJA, EU VOU PARA A CASA DA MINHA TIA, NÃO É MUITO MOVIMENTADO. EM CASA É TRANQUILO.

- SUA SAÍDA É MAIS ESCOLA E IGREJA?
- É.

- VOCÊ É DE QUE IGREJA?
- DA UNIVERSAL.

- VOCÊ MORA COM QUE EM CASA?
- COM MEU PADRASTO, MINHA MÃE E COM MEUS DOIS IRMÃOS.

- ELES TRABALHAM?
- ELE É MECÂNICO E ELA FAZ LANCHE PARA VENDER.

- VOCÊ SABE A ESCOLARIDADE DELES?
- A MINHA MÃE ESTÁ ESTUDANDO DE NOVO, ESTÁ FAZENDO A SEXTA. ELE EU NÃO SEI NÃO, ACHO QUE SÓ A TERCEIRA.

- VOCÊ TRABALHA?
- AINDA NÃO.

- VOCÊ FAZ QUE SÉRIE?
- PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO.

- VOCÊ SABE A RENDA FAMILIAR?
- EM TORNO DE 700 REAIS.

- PRATICA ALGUM ESPORTE?
- NÃO.

- PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ARTÍSTICO?
- TAMBÉM NÃO. NA IGREJA SÓ QUANDO TEM, POR EXEMPLO ASSIM, NATAL A GENTE SE REUNI E FAZ UMA DANÇA, UMA APRESENTAÇÃO PARA OS DIAS DAS MÃES.

- VOCÊ TEM MUITOS AMIGOS?
- TENHO.

- ELES SÃO DE ONDE?
- TENHO AMIGOS, COLEGAS DA ESCOLA. AMIGOS EU TENHO MAIS DA IGREJA.

- VOCÊ SAI COM ELES?
- SAIO.

- VOCÊS SAEM PARA ONDE?
- SAIO PARA A PRAIA SÓ COM AS AMIGAS DA IGREJA, SAIO PARA VISITAR OUTRAS IGREJAS TAMBÉM. FICAR NA BEIRA DE PRAIA PARA RELAXAR UM POUQUINHO.

- SUAS ATIVIDADES SE RESUMEM MAIS A IGREJA?
- É. QUANDO É FAMÍLIA É PISCINA, PRAIA.

- VOCÊ COSTUMA VIAJAR?
- SÓ PASSEIO.

- COM A IGREJA?
- NÃO, COM A FAMÍLIA.

- COMO É A RELAÇÃO COM SEUS AMIGOS?
- É TRANQUILA.

- TEM ALGUM CONFLITO?
- NÃO, SÓ QUANDO TEM FOFOCA, QUE EU NÃO GOSTO DE FOFOCA. QUANDO A PESSOA CONFIA EM ALGUÉM E DEREPEENTE FALA COM UMA PESSOA AÍ PENSOU QUE NÃO OUTRA PESSOA FICOU SABENDO. SÓ ISSO.

- NESSE SEU GRUPO TEM ISSO?
- ÀS VEZES. NÃO MUITO, MAS ÀS VEZES.

- COMO É O FUNCIONAMENTO DA SUA ESCOLA? COMO É A ESTRUTURA DO PRÉDIO? ELA É LIMPA?
- É ORGANIZADA, É LIMPA. FALTA ORGANIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO, ELES FALTAM MUITO.

- QUEM FALTA?
- OS PROFESSORES. ÀS VEZES TEM UMA AULA, DUAS AULAS, TRÊS AULAS. TUDO POR CONTA DA FALTA DE PROFESSORES.

- A FALTA DE PROFESSORES É PORQUE NÃO TEM OU OS QUE TEM NÃO VÃO TRABALHAR?
- ÀS VEZES É PORQUE NÃO TEM E ÀS VEZES É PORQUE TEM E ELES NÃO PODEM IR.

- AS DUAS SITUAÇÕES?
- AS DUAS SITUAÇÕES.

- O PRÉDIO NÃO É SUJO?
- O BANHEIRO, O BANHEIRO FICA SUJO. A MULHER DA LIMPEZA ELA LIMPA QUANDO A GENTE VAI EMBORA. MAS JOVEM, NÉ?

- AS PAREDES SÃO LIMPAS?
- NÃO, PIXADAS.

- É SOBRE O QUE AS PIXAÇÕES?
- ESSAS COISAS DE GANGUE, DE TORCIDAS ORGANIZADAS.

- TEM ALGUMA SOBRE DROGAS?
- EU NÃO SEI. SÓ SEI QUE UMA VEZ EU ENTREI NO BANHEIRO E DUAS MENINAS ESTAVAM PIXANDO O BANHEIRO. EU VI ASSIM EU FIQUEI ESPANTADA. AÍ ELA FALOU: CALA A BOCA SE NÃO VOCÊ VAI VER.

- ELA AMEAÇOU?
- ELA AMEAÇOU.

- FALANDO SÉRIO MESMO?
- FALANDO SÉRIO MESMO. AÍ EU FIQUEI CALADA, EU NÃO IA FALAR PORQUE SE NÃO.

- LÁ TEM BIBLIOTECA, LABORATÓRIO?
- TEM BIBLIOTECA, LABORATÓRIO. MAS DIFICILMENTE A GENTE VAI AO LABORATÓRIO.

- PORQUE VOCÊS NÃO USAM?
- NÃO SEI, POR QUESTÃO DE LIMPEZA, SEI NÃO.

- VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS NA ESCOLA?

- EU JÁ OUVI FALAR. UMA VEZ EU TAVA LÁ NA ESCOLA AÍ EU ESCUTEI SEM QUERER. UM ALUNO FALOU: O QUE É ISSO AQUI, É DROGA, É DROGA. EU DEIXEI PARA LÁ.

- MAS NUNCA VIU?
- NUNCA VI.

- MAS JÁ OUVIU FALAR E ACHA QUE ELES CONSOMEM DENTRO?
- EU NÃO ACHO QUE ELES CONSOMEM DENTRO DA ESCOLA. EU ACHO QUE AMIGOS DE FORA CONSOMEM AQUI PERTO, QUE POR ALI TEM UM CANTINHO, TEM UM NEGÓCIO DE DROGA, UMA COMUNIDADE DE DROGA, PARECE.

- PRÓXIMO A ESCOLA?
- NÃO É MUITO PRÓXIMO.

- MAS QUE OS ALUNOS DE LÁ USAM?
- EU JÁ VI UM, ATÉ QUE DEIXOU DE ESTUDAR. ELE É USUÁRIO DE DROGA. ELE ATÉ ESTUDAVA NA MINHA SALA.

- VOCÊ SABE QUAL É O TIPO DE DROGA?
- NÃO. EU NÃO CONVERSO COM ELE, EU SOU CHAMO ELE PARA IR PARA A IGREJA. VAMOS PARA A IGREJA.

- VOCÊ JÁ CHAMOU ESSE USUÁRIO?
- ELE É NOSSO AMIGO. ELE É AQUELE TIPO DE PESSOA BRINCALHONA. QUANDO A PESSOA É USUÁRIA DE DROGA QUANDO ELE SISMA COM A PESSOA, NÉ, É QUE NÃO GOSTA. QUANDO ELE FAZ AMIZADE ELE NÃO FAZ NADA NÃO.

- JÁ HOUVE CONFLITO NA ESCOLA POR CONTA DE DROGA?
- QUE EU LEMBRE NÃO. ACONTECE MUITA BRIGA NA ESCOLA AGORA PORQUE O MOTIVO...

- JÁ SOUBE DE ALGUMA MORTE ENVOLVENDO DROGA?
- JÁ MORRERAM MUITO ALUNO NA ESCOLA E EU CREIO QUE FOI POR CONTA DE DROGA.

- FORAM ONDE ESSAS MORTES?
- FORA DA ESCOLA.

- MESMO QUE VOCÊ NÃO VEJA DENTRO VOCÊ SABE QUE ELES CONSOMEM DROGAS NO BAIRRO. O BAIRRO CHEGA A SER VIOLENTO POR CONTA DISSO?
- NUNCA CHEGUEI A PRESENCIAR, AGORA EU SEI QUE TEM.

- O QUE A ESCOLA FAZ COM RELAÇÃO A ISSO?
- FAZ PALESTRAS. UMA VEZ FOI UM RAPAZ PARA LÁ E ELE FEZ UMA PALESTRA QUE FOI ÓTIMO.

- OS PAIS COSTUMAM IR A ESCOLA?
- QUANDO TEM REUNIÃO.

- VÃO MUITOS?
- NÃO.

- SEUS PAIS VÃO A ESCOLA?
- VÃO.

- E O ÁLCOOL, VOCÊ PRESENCIA O COSUMO?
- NÃO. EU JÁ VI FUMANDO DENTRO DA ESCOLA, DENTRO DO BANHEIRO, AS MENINAS. JÁ VI MENINO SAINDO DENTRO DO BANHEIRO. DROGA NÃO VI NÃO.

- NINGUÉM VER?
- VER MAS SE FOR FALAR...

- QUEM VER: OS FUNCIONÁRIOS OU OS ALUNOS?
- OS ALUNOS.

- O QUE ACONTECE SE FALAR?
- AÍ JÁ VIU, NÉ, SABE QUE É MAU PEÇA.

- EXISTEM FUNCIONÁRIOS QUE CONTROLEM ISSO?
- A MAIORIA É MULHER.

- VOCÊ ACHA QUE ISSO NÃO INIBE?
- PORQUE NÃO SÃO MULHERES JOVENS, SÃO MULHERES JÁ DE IDADE, ADULTA.

- TEM MUITAS?
- NÃO.

- A ESCOLA É GRANDE?
- É.

- ACABA NÃO CONTROLANDO?
- É.

- O QUE VOCÊS FICAM FAZENDO QUANDO ESTÃO SEM AULA, NO CASO QUANDO NÃO TEM PROFESSOR?
- EU VOU PARA A BIBLIOTECA FAZENDO TRABALHO, QUANDO NÃO TEM MAIS AULA VOU PARA CASA. AS MENINAS QUE TEM NAMORADO FICAM LÁ, CONVERSANDO, COM AMIGAS.

- TEM ALGUNS QUE FICAM QUEBRANDO CADEIRAS, ESSAS COISAS?
- TEM MENINOS, MENINAS NÃO. TEM ALGUNS QUE FICAM NO PAVILHÃO, PELA MANHÃ, QUE A TARDE É MAIS SUSSEGADO, SÃO MAIS JOVENS.

- OUTRO HORÁRIO É MAIS?
- PRINCIPALMENTE PELA MANHÃ, QUE A GENTE COSTUMA DIZER QUE A MUNDIÇA É TODA DE MANHÃ.

- MAIS DO QUE À NOITE?
- NÃO, ACHO QUE É À NOITE. EU SEI PORQUE EU ESTUDEI DE MANHÃ E À TARDE É MAIS CALMO.

- VOCÊ JÉ CONSUMIU OU CONSOME DROGA?
- NÃO.

- ALGUÉM JÁ OFERECIU?
- JÁ, FUMO.

- COMO ASSIM, CIGARRO NORMAL?
- CIGARRO NORMAL.

- QUEM OFERECIU?
- FOI AMIGO DA MINHA MÃE, MAS ACHO QUE FOI BRINCADEIRA.

- FORA NÃO?
- NÃO.

- SEUS AMIGOS CONSOMEM?
- NÃO.

- PORQUE A MAIORIA É DA IGREJA?
- É. EU NÃO GOSTO DE AMIZADE COM QUE CONSOME.

- PORQUE?

- A MINHA AMIZADE COM ELE É DE DAR CONSELHO, ENTENDEU, PORQUE FAZ MAL A SAÚDE.
- MAS VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE CONSOME?
- CONHEÇO, MAS AMIZADE NÃO TENHO.
- ESSES QUE VOCÊ NÃO TEM AMIZADE JÁ SE ENVOLVERAM EM ALGUM CONFLITO?
- NÃO, SÓ ESSE RAPAÇ.
- O QUE ACONTECEU COM ELE?
- NÃO SEI. ELE SE METE EM MUITA COISA. ELE TEM AMIZADE PIOR DO QUE COM ELE TAMBÉM, POR ISSO QUE ELE É INFLUENCIADO. LÁ PERTO DE ONDE ELE MORA JÁ ACONTECEU TIROTEIO.
- E TÁ RELACIONADO COM DROGA?
- ISSO. AGORA NÃO SEI SE ELE TAVA NO MEIO.
- COMO É A RELAÇÃO COM A SUA FAMÍLIA?
- A GENTE CONVERSA.
- A SUA MÃE É DA IGREJA?
- É.
- O QUE VOCÊ OUVE QUANDO SAI DE CASA?
- DÁ CONSELHO, PRINCIPALMENTE QUANDO VOU PARA A ESCOLA, QUANDO VOU SAIR COM AS MINHAS COLEGAS TAMBÉM. ELA DIZ: CUIDADO, VOCÊ SABE QUE HOJE EM DIA NÃO ESTÁ PARA BRINCADEIRA.
- ELA DIZ ESSE CUIDADO MAIS RELACIONADO A QUE?
- CUIDADO PRINCIPALMENTE QUANDO AS MINHA COLEGAS VÃO SAIR COM NAMORADO, QUE AS MINHAS COLEGAS NÃO GOSTAM DE SAIR SOZINHA COM NAMORADO, ATÉ PORQUE PEGA MAL, NÉ. AÍ ELA DIZ: CUIDADO, NÃO É PORQUE É DA IGREJA, OU É FULANA, OU É NAMORADO DE FULANA QUE, NÉ, CUIDADO PORQUE HOMEM É FOGO. CUIDADO NA ESCOLA, SE ALGUÉM TE OFERECER ALGUMA COISA NÃO ACEITA. DESDE PEQUENA ELA FALA ISSO. UMA VEZ EU ESTAVA VINDO DA ESCOLA SOZINHA, ELA BRIGOU QUE SÓ COMIGO, EU ERA PEQUENA.
- O QUE VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA DEVERIA FAZER PARA MELHORAR ESSE PROBLEMA?
- DEVERIA TER MAIS PALESTRAS DAQUELAS.
- VOCÊ ACHA QUE PALESTRAS RESOLVE?
- SÓ PALESTRAS NÃO, TEM QUE TER ALGUMA PRÁTICA COMO FUTEBOL, NÉ, ALGUMA COISA ENVOLVIDA COM IGREJA, TRABALHO SOCIAL.
- VOCÊ ACHA A RELIGIÃO UM BOM CAMINHO?
- EU, NO MEU CASO, NUNCA ME ENVOLVI COM ESSAS COISAS POR CAUSA JUSTAMENTE DA LEI QUE EU SIGO.
- QUANTO TEMPO VOCÊ TÁ NA IGREJA?
- DESDE OS SETE ANOS.
- QUEM LEVOU VOCÊ FOI SUA MÃE?
- FOI. EU NÃO SOU AQUELE TIPO DE RELIGIOSA, CRENTE, FANÁTICA. EU SEI O QUE É CERTO, O QUE É ERRADO, SEI O QUE ME CONVÉM, O QUE NÃO ME CONVÉM. TUDO ISSO EU APRENDI LÁ NA IGREJA.
- O QUE É QUE LEVA ESSES JOVENS A ENTRAR NAS DROGAS?
- AS MÁ INFLUÊNCIAS, OS AMIGOS, O CARINHO QUE ELE NÃO TEM EM CASA ELE... ALGO QUE ELE NÃO TEM EM CASA ELE TENTA PREENCHER LÁ FORA, COM OS AMIGOS. QUANDO O PAI E MÃE NÃO ACOLHE, NÃO DÁ CONSELHO. TEM UNS QUE DÁ CONSELHOS MAS O FILHO NÃO TÁ NEM AÍ, TEM UNS QUE É DELE MESMO, QUE ELE VIROU A CABEÇA, NÃO QUER SABER, QUER FAZER A VONTADE DELE. MAS TEM UNS QUE É POR CAUSA DO PAI E DA MÃE, EU ACHO ASSIM, NÃO CUIDOU DESDE PEQUENO DA EDUCAÇÃO DOS FILHOS. AÍ O FILHO QUE SABER DO

MUNDO E O MUNDO VAI E AGARRA. NEM EU NEM MEUS IRMÃOS NÃO É DESSE MUNDO PORQUE A MINHA MÃE NÃO DEIXA TER MAU AMIZADE. MINHA MÃE SEMPRE ACONSELHA QUE A GENTE NÃO IR PARA A RUA PARA FICAR COM FOFOCA. MINHA MÃE SEMPRE ACONSELHA, DESDE PEQUENO.

- E OS NOSSOS GOVERNANTES?

- EU ACHO QUE OS GOVERNOS DEVERIAM INVESTIR MAIS. OS JOVENS GOSTAM MUITO DE FUTEBOL, ESPORTE, DE MÚSICA. DEVERIA INVESTIR MAIS. TER ESCOLA PÚBLICA QUE ENSINA MÚSICA, FUTEBOL.

- E ISSO NÃO TEM NA ESCOLA QUE VOCÊ ENSINA?

- NÃO.

- O QUE VOCÊ ACHA DESSAS MORTES DE JOVENS?

- EU ACHO ISSO UM ABSURDO, PORQUE JOVENS QUE TERIA A VIDA PELA FRENTE, QUE PODERIA, NÉ, TER UM FUTURO BRILHANTE, UM FUTURO COMO UM NOVO MÉDICO, UM ADVOGADO, UMA COISA ASSIM, ESTUDAR. MAS MUITOS NÃO QUEREM SABER DE ESTUDO, E O ESTUDO É FUNDAMENTAL. VOCÊ TER UMA EDUCAÇÃO É FUNDAMENTAL, E A EDUCAÇÃO VEM DE CASA.

BIANCA - ESCOLA PRIVADA – SEXO FEMININO

-QUAL A SUA IDADE?

- 16 ANOS.

-SÉRIE?

- PRIMEIRO. EU REPETI, ERA PARA ESTÁ NO SEGUNDO.

-VOCÊ ESTUDA NO PERÍODO DA MANHÃ. VOCÊ FAZ ALGUM OUTRO TIPO DE CURSO?

- JÁ FIZ INGLÊS E PAREI.

- COMPUTAÇÃO NÃO?

- NÃO MAIS SEI MECHER.

- VOCÊ MORA COM QUEM EM CASA?

- MEU PAI E MINHA MÃE.

-PROFISSÃO DE SEU PAI?

- FISCAL DE RENDA.

- E DA SUA MÃE?

- DECORADORA.

- VOCÊ TEM IDÉIA DE QUANTO É A RENDA FAMILIAR?

- EU ACHO QUE É UNS 16 MIL, POR AÍ.

- VOCÊ TRABALHA?

- NÃO.

- BAIRRO QUE MORA?

- PONTA VERDE.

- A CASA É PRÓPRIA?

- É.

- VOCÊ TEM ALGUMA RELIGIÃO?

- ESPÍRITA.

- VOCÊ PRÁTICA MESMO? O QUE LEVOU PARA ESSA RELIGIÃO?

- MINHA TIA É ESPÍRITA, ELA PASSOU A SER DEPOIS QUE MEU TIO MORREU. AJUDOU MUITO A ELA. EU CONVERSEI MUITO COM ELA E ME INTERESSEI PELO ASSUNTO. VOU COMEÇAR A FREQUENTAR O CENTRO. ASSIM... FUI ME INTERESANDO, LENDO LIVRO, LENDO LIVRO.

- ENTÃO FOI PELA LEITURA NÃO FOI POR UMA NECESSIDADE PESSOAL?

- COMEÇOU POR UMA NECESSIDADE PESSOAL.

- PRÁTICA ALGUM ESPORTE?

- ACADEMIA.

- COMO É O SEU DIA-A-DIA, O QUE VOCÊ FAZ DE SEGUNDA A SEXTA?

-DE MANHÃ ESTUDO, QUANDO CHEGO DA ESCOLA DURMO UM POUQUINHO, AÍ VOU PARA O COMPUTADOR, VOU PARA ACADEMIA DUAS VEZES POR SEMANA E CAMINHO UM POUQUINHO NA PRAIA.

- VOCÊ FAZ ALGUMA AULA DE REFORÇO?

- NA QUARTA FEIRA.

- E NOS FINAIS DE SEMANA?

- PROCURO IR A PRAIA QUANDO O TEMPO AJUDA, VOU PARA O COMPUTADOR, CONVERSO COM A GALERA PARA VER O QUE VAI SER À TARDE. GOSTO DE IR PARA CINEMINHA, TEATRO, CINE SESI EU VOU MUITO. E SHOW, GOSTO MUITO.

- QUAL O TIPO DE SHOW QUE VOCÊ VAI?

- MPB, ROCK, REGGAE , TUDO.

- VOCÊ COSTUMA IR PARA SHOW DE AXÉ, ESSAS COISAS?

- VOU QUANDO A GALERA VAI MAS NÃO FAZ MEU ESTILO NÃO.

-VOCÊ TEM MUITOS AMIGOS? DE ONDE SÃO ESSES AMIGOS?

- TENHO MUITO COLEGA. AMIGO, AMIGO ACHO QUE SÓ TENHO UNS CINCO.

- COMO É QUE VOCÊ DIFERENCIA?

- AMIGO É O QUE ESTÁ SEMPRE PRESENTE, ASSIM NAS HORAS QUE VOCÊ MAIS PRECISA E TAL E QUE VOCÊ MANTÉM AQUELE VÍNCULO DIARIAMENTE.

- VOCÊS FAZEM O QUE JUNTOS? ELE SVÃO PARA O MESMO LUGAR QUE VOCÊ VAI.

- ALGUNS.

- VOCÊ TEM AMIGO DO QUE: BAIRRO, ESCOLA?

- MAIS ESCOLA.

- É MAIS PELA REDONDEZA?

- É, STELA MARIS, PONTA VERDE, PAJUÇARA.

- VOCÊ NÃO TEM AMIGO POR EXEMPLO EM PERIFERIA NÃO?

- NUNCA TIVE OPORTUNIDADE ASSIM... ATÉ PORQUE OS LUGARES QUE EU FREQUENTO NÃO VAI.

- VOCÊ GOSTA DESSE LAZER? TEM ALGUMA COISA QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER E NÃO FAZ?

- ESTOU SATISFEITA.

- QUAIS SÃO AS ATIVIDADES DA ESCOLA ALÉM DAS AULAS NORMAIS?

- TEATRO. NÃO TEM MUITA PALESTRA NÃO.

- O NORMAL É MAIS AS AULAS?

- É MAIS AS AULAS MESMO.

- ELAS FUNCIONAM NORMALMENTE?

- O PROFESSOR RARAMENTE FALTA, SE FALTA PROCURA OUTRO PROFESSOR PARA REPOR.

- VOCÊ GOSTA DA ESCOLA?

- ADORO.

- O QUE VOCÊ GOSTA NELA?

- POR QUE ASSIM... EU VIM DE UM OUTRO COLÉGIO E ASSIM... É UM COLÉGIO QUE TEM MUITA PRESSÃO. EU REPETI POR CAUSA DELE. QUANDO EU VIM PARA CÁ OS PROFESSORES TIPO ASSIM ME ACOLHERAM. É UMA ESCOLA MUITO FAMILIAR, QUE PROCURA ASSIM OUVIR O QUE ESTÁ INCOMODANDO OS ALUNOS, VÊ O QUE PODE MELHORAR. PROCURA MUITO SABER O QUE O ALUNO ESTÁ PENSANDO.

- O QUE VOCÊ GOSTARIA QUE TIVESSE NA ESCOLA E NÃO TEM?

-MAIS PALESTRAS.

- SOBRE QUE TEMAS?

- ESSES TABUS, JUSTAMENTE PARA QUEBRAR: SEXUALIDADE, RELIGIÃO, ESSAS COISAS. ASSIM... MAIS APRESENTAÇÃO E... ASSIM... FOLCLORE, ESSAS COISAS. TEMAS QUE PODIAM SER ABORDADOS.

-TEM ALGUMA COISA QUE INCOMODA NELA?

- NÃO. SÓ O PREÇO.

- VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS NA ESCOLA?

- NÃO. JÁ OUVI FALAR QUE UMAS MENINAS FORAM PEGAS COM LOLÓ NO BANHEIRO. AÍ ELAS FORMA EXPULSAS DO COLÉGIO E TAL, MAIS NUNCA VI NADA NÃO. EXPULSARAM ELAS ATÉ PORQUE ELAS JÁ NÃO ERAM BOAS ALUNAS. AÍ DEPOIS DESSA TIRARAM.

- VOCÊ ACHA QUE TEM ALGUMA RELAÇÃO O FATO DELAS NÃO SEREM BOAS ALUNAS?

- TEM.

- VOCÊ SABE SE OUTRAS PESSOAS DA ESCOLA CONSOMEM EM OUTRO LUGAR?

- É O QUE MAIS TEM.

- QUAIS SÃO OS LUGARES?

- SHOWS, PRAÇAS, MAIS É MAIS SHOWS. TANTO MACONHA, LOLÓ. POSTO SETE, FRANCÊS, LUGARES MAIS...

- E O ÁLCOOL?

- ÁLCOOL NEM FALEI MAIS É O QUE MAIS TEM.

- CONSIDERA O ÁLCOOL UMA DROGA?

- CONSIDERO.

- PORQUE VOCÊ ESQUECEU DE MENCIONAR O ÁLCOOL?

- PORQUE ASSIM... É LÍCITO CIGARRO E BEBIDA. ASSIM... COMO EU VEJO MEU PAI BEBENDO QUE SÓ. É COMUM VOCÊ VER BEBIDA.

- VOCÊ SABE COMO ELES FAZEM PARA CONSEGUIR A DROGA ILÍCITA?

- TEM NA PRAIA, NA BALANÇA DA PONTA VERDE TEM UNS PONTINHOS QUE VENDE. QUE EU SAIBA SÓ ESSES PONTOS.

-VOCÊ CONHECE ALGUÉM DA ESCOLA QUE TRAFICA OU ELES COMPRAM?

- ACHO QUE ELES COMPRAM MAIS POR FORA, NA BAIXA.

- VOCÊ SABE COMO É A RELAÇÃO DESSAS PESSOAS QUE CONSOMEM DROGAS COM A POLÍCIA? VOCÊ ACHA QUE A POLÍCIA TOMA ALGUMA MEDIDA?

- NÃO, ATÉ POR QUE EM SHOW É O QUE VOCÊ MAIS VER POLÍCIA RONDANDO. ATÉ POR QUE LOLÓ CHEIRA AÍ O POVO FINGE QUE ESTÁ TOMANDO. MAIS ASSIM, MESMO SE VER EU ACHO QUE... COMO JÁ VI VÁRIAS VEZES GENTE CONSUMINDO PERTO DE MIM, A POLÍCIA PASSA E NÃO FAZ NADA. POSTO SETE PRINCIPALMENTE, NÃO ACONTECE NADA.

- A ESCOLA TRABALHA ALGUMA MEDIDA PARA PREVINIR DA DROGA?

- RAPAZ, EU NÃO SEI. PORQUE ASSIM, AS PALESTRAS... POR QUE O POVO SABE QUANDO USA, APARECE NA TELEVISÃO, FALTA DE RECADADO É QUE NÃO É, O POVO USA ACHO QUE... SE FALAR USEM DROGA O POVO NÃO USA, ACHO QUE É O CONTRÁRIO.

- ENTÃO VOCÊ ACHA QUE O POVO GOSTA DE FAZER O PROIBIDO?

- NÃO SEI O QUE É.

- MAS VOCÊ ACHA QUE NA ESCOLA NÃO TEM NADA?

- TEM OS COORDENADORES QUE FICAM ANDANDO PELOS CORREDORES MAIS ACHO QUE NÃO ADIANTA MUITA COISA NÃO.

- É MAIS PARA NÃO USAR NA ESCOLA?

- MAIS PARA AQUI. DURANTE DOIS ANOS QUE EU ESTOU NA ESCOLA EU NUNCA VI PALESTRA SOBRE DROGAS.

- VOCÊ ACHA QUE OS PROFISSIONAIS DA ESCOLA SABEM QUE OS ALUNOS CONSOMEM DROGAS FORA?
- ACHO QUE SABEM.

- VOCÊ JÁ CONSUMIU ALGUM TIPO DE DROGA?
- NÃO MAIS TENHO VONTADE, CURIOSIDADE.

- POR QUE VOCÊ TEM CURIOSIDADE?
- ASSIM, O MEU IRMÃO USA MACONHA, MAIS ASSIM... ELE USA JÁ UNS QUATRO ANOS E ASSIM, NÃO É VÍCIO. DURANTE QUATRO ANOS ELE NÃO É VICIADO, ELE SABE CONTROLAR. QUANDO ELE VIU QUE ESTAVA COMEÇANDO A TOMAR CONTA ELE FALOU PERAÍ. MAIS ELE USA.

- VOCÊ ACHA QUE A PESSOA CONTROLA?
- ELE CONSEGUIE, ELE CONSEGUIE, PORQUE JÁ TEM UNS QUATRO ANOS E ELE NÃO VIROU UM DEPENDENTE. ASSIM: É MAIS EM FESTA, É SÓ PARA... EU TENHO CURIOSIDADE PORQUE EU VEJO MEU IRMÃO, MEUS AMIGOS, EU SAIO COM ELAS ÀS VEZES, MAIS ELE NÃO DEIXA EU PROVAV. O MEU IRMÃO NÃO DEIXA EU PROVAV MAIS ELE PODE. EU TENHO CURIOSIDADE.

- ELE TEM QUANTOS ANOS?
- 20. E A GALERA QUE EU ANDO TAMBÉM USA. SÓ QUE EU VEJO O POVO VIAJANDO ALI E EU DIGO MEU DEUS, O QUE É QUE ESSE POVO SENTE. EU TENHO MUITA CURIOSIDADE MAIS A CONSCIÊNCIA NÃO DEIXA PORQUE EU NÃO SEI SE EU FOR EXPERIMENTAR VOU SAIR EU NÃO DESSA, AÍ É MELHOR NÃO ARRISCAR. MAIS EU TENHO CURIOSIDADE.

- E O ÁLCOOL?
- NÃO, NÃO GOSTO.

- VOCÊ NUNCA TOMOU?
- JÁ EXPERIMENTEI MAIS NÃO GOSTO MESMO.

- PORQUE VOCÊ NÃO GOSTA DO ÁLCOOL?
- SABOR MESMO, NÃO ME AGRADA.

- ALGUÉM JÁ TE OFERECER DROGA?
- JÁ.

- QUEM?
- COLEGA. POR ISSO QUE EU DIGO, COLEGA, PORQUE AMIGO NÃO IA OFERECER ISSO.

- PORQUE VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS CONSOMEM DROGAS?
- ASSIM, TEM VÁRIOS MOTIVOS. TALVEZ PORQUE PARA ALGUNS A VIDA É SEM GRAÇA, FICA DIZENDO UM MONTE DE COISA, SÓ POR PURA DIVERSÃO, PORQUE ALI É AQUELE MOMENTO, OU POR, SEI LÁ, A DROGA LHE PROPORCIONAR SENSACIONES QUE VOCÊ NÃO CONSEGUIE TER. SE SENTIR AUTOSUFICIENTE, SE SENTIR ALEGRE, ACHO QUE É ISSO. EU NÃO VEJO OUTRA EXPLICAÇÃO.

- VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS TÊM ESSA NECESSIDADE?
- É.

- VOCÊ SABE DIZER O PREÇO DA DROGA, NO CASO O QUE O SEU IRMÃO PAGA? O SE IRMÃO CONSOME ÁLCOOL TAMBÉM?
- CONSOME.

- NO CASO É ÁLCOOL E MACONHA?
- É. É CARO.

- VOCÊ TEM IDÉIA DE QUANTO SEJA?
- POR QUE ASSIM, VARIA MUITO DE LUGAR PARA LUGAR. SE VOCÊ TIVER CINCO REAIS DÁ PARA COMPRAR UM POUQUINHO. DEZ DÁ PARA COMPRAR, SABE?

- VARIA MUITO DE LUGAR PARA LUGAR COMO ASSIM?
- DE PESSOA PARA PESSOA QUE VENDE. TEM UNS QUE FAZEM MAIS CARO E TAL. DEPENDE DA QUANTIDADE TAMBÉM QUE A PESSOA VAI COMPRAR. EU NÃO ENTENDO MUITO DESSAS COISAS.

- VOCÊ SABE ONDE SEU IRMÃO CONSEGUE?
- ELE MORA EM RECIFE, MAIS QUANDO ELE VEM PARA MACEIÓ ELE COMPRA NA BALANÇA.

- NO CASO ESPECÍFICO DOS SEUS AMIGOS. COMO É QUE ELES SE DÃO COM AS DROGAS, PORQUE ELES ENTRARAM?
- ASSIM, ACHO QUE... SÓ PORQUE PROVOCA SENSações QUE... OU POR CURIOSIDADE E NÃO CONSEGUIR SAIR, OU SÓ PORQUE NÃO TEM VERGONHA NA CARA.

- ESSES AMIGOS PEGAM ONDE?
- NA BALANÇA, NO MESMO LOCAL.

- É UM LUGAR FIXO OU SÃO PESSOAS VENDENDO POR LÁ.
- É. NO POSTO SETE TAMBÉM VENDE. ELAS PASSAM E DIZ: OLHA A MARIA, OLHA A MARIA. A GENTE JÁ SABE QUE É MARIA RUANA, SABE?

- QUER DIZER QUE ELES GRITAM?
- É, UMA COISA QUE SÓ QUEM CONSUME, QUE TÁ NO MEIO, SABE O QUE É, ENTENDEU? É O QUE FICA CIRCULANDO.

- VOCÊ CONHECE ALGUM LUGAR PARADO AQUI PELO BAIRRO?
- NÃO.

- VOCÊ ACHA QUE ESSAS PESSOAS QUE CONSOMEM TEM ALGUM PROBLEMA NA FAMÍLIA?
- MEU IRMÃO PELO MENOS NÃO TEM. ACHO QUE ELES VÃO PROCURAR NAS DROGAS ALGUMA COISA QUE ELES SENTEM FALTA, SABE? SEJA DE PAI, DE AMORES NÃO CORRESPONDIDO, SABE?

- QUER DIZER QUE HÁ UMA ANGÚSTIA?
- É, COMO SE FOSSE UM CONSOLO, SABE?

- COMO É A RELAÇÃO COM A SUA FAMÍLIA?
- É ÓTIMA, MUITO ABERTA, HÁ DIÁLOGOS.

- ELES SABEM DO SEU IRMÃO?
- NÃO.

- VOCÊS OUVEM CONSELHOS?
- BASTANTE. EU CHEGO ASSIM PARA O MEU PAI: EU TENHO VONTADE DE EXPERIMENTAR MACONHA. AÍ ELE DIZ: É MAIS TÁ BOM NÉ, NEM QUEIRA PORQUE VOCÊ NÃO SABE SE VAI SAIR OU NÃO. AÍ EU DIGO: PAI, VOCÊ JÁ EXPERIMENTOU QUANDO ERA ADOLESCENTE. ELE DIZ QUE JÁ MAIS É UMA COISA QUE NÃO TEM NADA HÁ VER AÍ FICA DESVIANDO ASSUNTO.

- ELE EXPERIMENTOU O QUÊ?
- MACONHA QUANDO ERA JOVEM, SABE.

- ELE BEBE, ELE E SUA MÃE?
- MINHA MÃE NÃO, SÓ ELE. MAIS BEM MODERADO, SABE?

- O DINHEIRO PARA COMPRAR DROGA VEM DE ONDE, NO CASO O DO SEU IRMÃO, DOS SEUS AMIGOS?
- MEU IRMÃO NÃO TRABALHA. MEU PAI DÁ UMA MESADA PARA ELE. MEU IRMÃO JÁ APARECEU PARA ELE VÁRIAS OFERTAS DE EMPREGO PARA TRABALHAR NA RIACHUELO SÓ QUE ELE ESTÁ ESPERANDO UMA COISA A MAIS, AÍ NÃO ESTÁ ACEITANDO. MEU PAI DÁ UMA MESADA PARA ELE PARA ELE SE MANTER TODO MÊS. MAIS O MEU PAI FALA: NÃO VAI SER

ASSIM A VIDA TODA, É POR ENQUANTO. E ELE TEM PLENA CONSCIÊNCIA DISSO. ACHO QUE ELE GUARDA, NÃO SEI, VAI JUNTANDO. PORQUE ASSIM, ELE RACHA MUITO COM OS AMIGOS, COMPRAM E ELES VÃO DIVIDINDO, AÍ É UMA COISA QUE SAI BARATO.

- VOCÊ VÊ ALGUM EFEITO NISSO, VOCÊ ACHA QUE HÁ ALGUM PROBLEMA PARA A FAMÍLIA, PARA A COMUNIDADE, PARA A ESCOLA?

- ACHO QUE PREJUDICA.

- PREJUDICA COMO?

- DESINTERESSE NO ESTUDO, TÁ NEM AÍ, SABE? MAIS ASSIM, MEU IRMÃO ATÉ QUE É MUITO CONSCIENTE, MAIS MEUS AMIGOS MESMOS, NÃO ESTÃO NEM AÍ PARA NADA. SE PASSAR DE ANO PASSOU, NÃO ESTUDA E, SEI LÁ, ACHO QUE VAI ACABANDO COM A PESSOA.

- VOCÊ CONHECE ALGUM VICIADO MESMO?

- JÁ CONHECI, MAIS ELA PAROU, MAIS ELA ERA VICIADA MUITO, MUITO.

- COMO FOI QUE ELA PAROU?

- ELA FOI PARA UMA CLÍNICA, CONVERSOU COM OS PAIS, MAIS ERA BRABO MESMO, NINGUÉM VIA MAIS SOLUÇÃO. DURANTE SEIS ANOS FOI ASSIM. ELA FOI PARA UMA CLÍNICA, SE CUROU E...

- UMA CLÍNICA PARTICULAR?

- EU NÃO SEI QUAL FOI A CLÍNICA, ELA NÃO ENTROU EM DETALHES. ERA PAGA, ERA PARTICULAR. FOI ATÉ EM SÃO PAULO. ELA SE MUDOU E EU NEM TENHO MUITO CONTATO COM ELA. A FAMÍLIA CONTA MUITO.

- CONTA MUITO COMO?

- AJUDA MUITO SE MOSTRANDO PRESENTE, DANDO TODO APOIO ACHO QUE AJUDA DEMAIS EM RELAÇÃO A TUDO.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE JÁ TENHA MORRIDO POR CONTA DA DROGA?

- NÃO. A NÃO, TENHO, AMIGO DO MEU IRMÃO, TENHO.

- ELE MORREU COMO?

- ASSIM, FOI NO DIA DO ANIVERSÁRIO DO MEU IRMÃO E TEVE UM ALMOÇO NO STELA MARIS GRILL. DEPOIS DO ALMOÇO ELES FORAM PARA UMA RAVE. AÍ NÃO SEI, ACHO QUE ELE TOMOU ALGUM REMÉDIO, ACHO QUE O NOME ERA BIFLOGIM, QUE É PARA GARGANTA. SÓ QUE SE TOMAR UNS QUINZE COMPRIMIDINHOS VOCÊ FICA MEIO ASSIM ALTERADA. NÃO SEI SE FOI BIFLOGIM, FOI ALGUMA COISA, UM COMPRIMIDO. EU FALO BIFLOGIM PORQUE MEU IRMÃO JÁ USOU. E ASSIM, DEU TAQUICARDIA NELE. ELE NÃO PODIA USAR, AÍ PAROU. E FOI A NAMORADA QUE DEU E ELA NÃO SABIA QUE ELE NÃO PODIA USAR AQUELE TIPO PORQUE TINHA ALGUMA SUBSTÂNCIA. AÍ ELE MORREU. DEPOIS TIVERAM QUE PERGUNTAR O QUE FOI QUE ELE USOU, AÍ VIRAM A CAUSA.

- PELO TRÁFICO VOCÊ CONHECE ALGUÉM?

- NÃO.

- VOCÊ FREQUENTA RAVE?

- NÃO, NÃO GOSTO.

- O SEU IRMÃO FREQUENTA?

- FREQUENTA.

- PORQUE VOCÊ NÃO GOSTA DE RAVE?

- O SOM EU NÃO GOSTO, AQUELAS BATIDAS. PORQUE ASSIM, EU GOSTO MAIS DE LUGAR TRANQUILO, MAIS SOSSEGADO. ESSES DIAS TEVE ATÉ UMA RAVE CHAMADA MADAGASCAR.

- AQUI EM MACEIÓ?

- ESSA MADAGASCAR PARECE QUE JÁ É O SEGUNDO ANO, SEGUNDO ANO OU TERCEIRO. E TEM UMA NO NATAL QUE É A MELHOR RAVE, NO DIA 25 MESMO, DEPOIS DA CEIA. VAI TODO

MUNDO. CHAMA SUBSTACION. O QUE MAIS ROLA EM RAVE É DROGA. EU ACHO QUE NÃO É NEM MACONHA, SÃO AS DROGAS MAIS PESADAS: LSD, BOA NOITE CINDERELA, COCAÍNA. MEU IRMÃO JÁ VIU DO LADO DELE UM CARA TENDO CONVULSÃO E TAL. É O QUE MAIS TEM.

- A POLÍCIA BATE NESSAS RAVE?

- ATÉ AGORA NÃO, MAIS EM SÃO PAULO ASSIM BATE.

- OS SEUS AMIGOS FREQUENTAM RAVE?

- FREQUENTAM.

- DENTRO DO GRUPO DE AMIGOS SEUS HÁ ALGUM TIPO DE EXCLUSÃO?

- O PESSOAL QUE EU ANDO NÃO PORQUE EU JÁ PROCURO ANDAR COM ALGUÉM QUE NÃO EXCLUEM, SABE, MAIS AQUI NA ESCOLA É O QUE MAIS TEM.

- EXCLUEM COMO?

- TANTO FISICAMENTE, PELO FATO DE SER MAIS GORDINHA, PELO FATO DE SER, SABE, TUDO. MAS EU PROCURO PESSOAS MAIS CABEÇAS, E AS PESSOAS QUE EU ANDO NÃO FAZEM ISSO.

- QUER DIZER QUE ELES EXCLUEM PELA APARÊNCIA?

- ACHO QUE TUDO, PELO FATO DE TER DINHEIRO, TER... ARRUMAM ALGUMA COISINHA PARA EXCLUIR.

- VOCÊ SABE A IDÉIA QUE ELES TEM DE PESSOAS DE PERIFERIA?

- DISCRIMINAM, EU ACHO QUE DESCRIMINAM BASTANTE.

- VOCÊ ACHA QUE O CONSUMO DE DROGA ESTÁ MAIS ONDE?

- EU ACHO QUE FICA ASSIM, PAREO A PAREO. DEVIDO AS CONDIÇÕES DE VIDA DELES, ELES VÃO PROCURAR EU ACHO E AQUI PORQUE... SÓ POR CURTIÇÃO. ASSIM, TIPO FILHINHO DE PAPAÍ, SABE? PEGAM O CARRO, SAEM, BEBEM ADOIDADO, SE DROGAM ADOIDADO.

- QUAIS AS CONSEQÜÊNCIAS QUE VOCÊ PERCEBE NA DROGA?

- TANTA COISA, SÓ COISA RUIM.

- VOCÊ ACHA A DROGA UM PROBLEMA ENTÃO?

- É, DROGA É UMA DROGA.

- VOCÊ ACHA QUE TEM ALGUMA RELAÇÃO DA DROGA COM A VIOLÊNCIA?

- TEM.

- COMO É O TIPO DE VIOLÊNCIA QUE VOCÊ PERCEBE?

- VIOLÊNCIA DE AMIGO, ENTRE MÃE E PAI MESMO. QUALQUER TIPO DE VIOLÊNCIA ACHO QUE GERA ASSIM.

- E VOCÊ ACHA QUE A VIOLÊNCIA SE DÁ MAIS ONDE?

- PERIFERIA EU ACHO.

- POR QUE?

- PELAS CONDIÇÕES DE VIDA, SEI LÁ, ACHO QUE É.

- VOCÊ JÁ FOI EM UMA PERIFERIA?

- É, NUNCA FUI.

- ENTÃO PORQUE VOCÊ DIZ ISSO?

NA TELEVISÃO É QUE A GENTE MAIS VER ASSIM, SABE.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVERIA FAZER, ESCOLA, FAMÍLIA, PARA RESOLVER O PROBLEMA?

- COMO EU JÁ DISSE: TODO MUNDO TÁ CARECA DE SABER QUE NÃO PODE USAR, QUE... É O QUE MAIS PASSA: NÃO USE DROGA E O POVO USA. NÃO SEI ASSIM, PALESTRA ADIANTA PARA UNS, PARA OUTROS ENTRA POR UM OUVIDO E SAI POR OUTRO. ACHO QUE NADA A NÃO SER A CABEÇA DAS PESSOAS.

- HOJE HÁ MUITO MAIS CONSUMO DO QUE NA ÉPOCA DOS SEUS PAIS. PORQUE VOCÊ ACHA QUE AUMENTOU ESSE CONSUMO?

- PORQUE ASSIM: OS PAIS DÃO MUITA LIBERDADE PARA OS SEUS FILHOS E OS JOVENS DE HOJE NÃO SABEM ATÉ ONDE VAI PARAR ESSA LIBERDADE. NÃO MEDEM CONSEQÜÊNCIA DE NADA.

- O QUE VOCÊ ACHA DO TRÁFICO? POR QUE AS PESSOAS ENTRAM PARA O TRÁFICO?

- PARA GANHAR DINHEIRO, SEI LÁ, ELES PROCURAM UM JEITO DE SE SUSTENTAR, NÃO SEI.

- VOCÊ ACHA QUE TEM MAIS AQUI OU NA PERIFERIA?

- NA PERIFERIA. ASSIM, COMO ELES NÃO TIVERAM OPORTUNIDADE PARA ESTUDAR, PARA GARANTIR UM EMPREGO BOM, FOI A ÚNICA SOLUÇÃO QUE ELES VEEM. ASSIM, ALGUNS, TÁ LIGADO, A MAIORIA, É O MUNDO DO CRIME, ASSIM, E ELES ENTRAM.

- VOCÊ ACHA QUE DEVERIA LEGALIZAR AS DROGAS?

- EU JÁ CHEGUEI A PENSAR QUE SE LEGALIZAR NÃO TERIA TANTA PESSOA FAZENDO ISSO, MAIS EU NÃO SEI O QUE PENSAR SOBRE ISSO. FICO MUITO CONFUSA PORQUE PARECE QUE O POVO GOSTA DE FAZER O QUE NÃO PODE. AÍ EU FICO PENSANDO: SERÁ QUE SE PUDESSE TERIA TANTA GENTE FAZENDO, SEI LÁ?

- VOCÊ ACHA QUE O PROIBIDO AJUDA O CONSUMO?

- SEI LÁ.

- O QUE VOCÊ ACHA DO ÁLCOOL?

- É UMA DROGA, CAUSA PROBLEMA DA MESMA FORMA.

ARNALDO – ESCOLA PRIVADA – SEXO MASCULINO

- VOCÊ É ESTUDANTE DE ESCOLA PRIVADA, NÃO É?
- SIM.

- QUAL SUA IDADE?
- 14 ANOS.

- QUAL SUA SÉRIE?
- ESTOU NO 1 ANO.

- ALÉM DA ESCOLA NORMAL, VOCÊ FAZ ALGUM TIPO DE CURSO?
- FAÇO. EU FAÇO INGLÊS E ATUALMENTE ESTOU FAZENDO CURSINHO PARA ENTRAR NO CEFET.

- VOCÊ MORA COM MÃE E PAI?
- MORO COM MÃE E PADRASTO MAS SEMPRE TENHO CONTATO COM MEU PAI.

- ENTÃO SEUS PAIS SÃO SEPARADOS MAS VOCÊ TEM CONTATO COM ELE. VVOCÊ TEM ALGUM PERÍODO QUE FICA COM ELE?
- FINAL DE SEMANA.

- FAZ TEMPO DA SEPARAÇÃO?
- 3 ANOS.

- QUAL A PROFISSÃO DE SEU PAI E DE SUA MÃE?
- MEU PAI É COMERCIANTE E MINHA MÃE É PROFESSORA.

- E O SEU PADRASTO?
- PROFESSOR.

- QUAL A ESCOLARIDADE DE SEU PAI?
- FEZ CURSO TÉCNICO.

- E SUA MÃE?
- MINHA MÃE FEZ UNIVERSIDADE E AGORA ESTÁ FAZENDO ESPECIALIZAÇÃO.

- E O SEU PADRASTO?
- ESTÁ FAZENDO MESTRADO.

- VOCÊ TEM IDÉIA DA RENDA FAMILIAR?
- SEI NÃO.

- VOCÊ ACHA QUE É MAIS DE 5 SALÁRIOS.
- É MAIS DE CINCO SALÁRIOS.

- VOCÊ TEM IDÉIA DA RENDA DO SEU PAI?
- EU ACHO QUE É MAIS DE 5 SALÁRIOS.

- VOCÊ TRABALHA?
- NÃO.

- A SUA CASA É PRÓPRIA?
- É FINANCIADA.

- QUAL O BAIRRO QUE VOCÊ MORA?
- CRUZ DAS ALMAS.

- A SUA ESCOLA É PERTO DO BAIRRO?
- NÃO.

- ELA FICA ONDE?
- FAROL.

- VOCÊ TEM ALGUMA RELIGIÃO?
- EU ME CONSIDERO ESPÍRITA.

- MAS VOCÊ FREQUENTA?
- NÃO.

- POR QUE VOCÊ GOSTOU?
- MEU PAI ME INTRODUIZIU, ELE ME DÁ LIVROS PARA EU LER SOBRE O ASSUNTO.

- VOCÊ PRÁTICA ALGUM ESPORTE?
- PRATICAVA BASTANTE, NÃO PRÁTICO MAIS NATAÇÃO.

- VOCÊ DEIXOU DE PRATICAR QUANDO NATAÇÃO?
- 5 MESES ATRÁS.

- FOI O ÚNICO ESPORTE?
- PRATIQUEI HANDEBOL MAS EU ERA MUITO RUIM.

- ESSES ERAM ESPORTES DA ESCOLA MESMO?
- NATAÇÃO NÃO, HANDEBOL ERA.

- VOCÊ DEIXOU PORQUE?
- POR QUE EU ESTAVA FICANDO MUITO CANSADO.

- VOCÊ PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ARTÍSTICO?
- NÃO. GOSTARIA MUITO DE PARTICIPAR.

- POR QUE VOCÊ NÃO PARTICIPA?
- PORQUE NÃO VEJO EM MACEIÓ, A CIDADE NÃO DÁ OPORTUNIDADES PARA QUEM SE INTERESSA. A QUESTÃO DO TEATRO PELO QUE EU ACHO É POUCO VALORIZADO.

- COMO É O SEU DIA-A-DIA DE SEGUNDA A SEXTA?
- EU ME ACORDO, TOMO BANHO, TOMO CAFÉ, VOU PARA O COLÉGIO. DEPOIS MINHA MÃE ME PEGA NO COLÉGIO.

- VOCÊ ESTUDA DE MANHÃ?
- DE MANHÃ. ELA ME DEIXA E ME PEGA NO COLÉGIO E VOLTA PARA CASA. DEPOIS EU COMO. DEPOIS DO ALMOÇO SE FOR DIA DE TERÇA E QUINTA OU SEXTA EU VOU PARA O CURSINHO OU PARA O INGLÊS. VOU E VOLTO PARA CASA E FICO ATÉ À NOITE, ESTUDO, VOU PARA O COMPUTADOR.

- AOS SÁBADOS E DOMINGOS O QUE VOCÊ FAZ?
- QUANDO EU VOU PARA A CASA DO MEU PAI A GENTE SAI. SAIO COM MINHA MÃE PARA O CINEMA, SHOPPING.

- QUANDO É FERIADO VOCÊ COSTUMA VIAJAR?
- FERIADO A GENTE FICA EM CASA DESCANSANDO.

- E NAS FÉRIAS?
- NORMALMENTE NÃO FAÇO NADA.

- VOCÊ CONHECE ALGUM LUGAR FORA, JÁ VIAJOU ALGUMA VEZ?
- JÁ, PARA O SUL, PARA RECIFE, SALVADOR, ARACAJU.

- FORA DO BRASIL NÃO?
- PRETENDO IR EM 2008.

- PARA QUE PAÍS?
- NORUEGA, INTERCÂMBIO.

- VOCÊ COSTUMA MUDAR A SUA ROTINA ALGUMA VEZ?
- NÃO.

- VOCÊ TEM AMIGOS?
- TENHO.

- MUITOS AMIGOS MESMO?
- NÃO MUITOS, PORQUE É COMO DIZEM, PREFIRO QUALIDADE DO QUE QUANTIDADE.

- DE ONDE SÃO ESSES AMIGOS?
- DO COLÉGIO, DO INGLÊS, DO CURSINHO., SÓ.

- VOCÊ NÃO TEM AMIGOS NO BAIRRO?
- NÃO.

- ESSES AMIGOS MORAM ONDE?
- TRÊS MORAM NO FAROL, DOIS MORAM NA SERRARIA, UM MORA NA GRUTA E OUTRO MORA NO ALDEBARAM.

- VOCÊS COSTUMAM FREQUENTAR A CASA UM DO OUTRO?
- COSTUMO.

- QUAL A FREQUÊNCIA QUE VOCÊS SE ENCONTRAM?
- QUASE TODOS OS DIAS.

- NAS FÉRIAS VOCÊS SE ENCONTRAM?
- NÃO, É MAIS NA ESCOLA. NOS COMUNICAMOS MAIS POR TELEFONE.

- O QUE VOCÊS FAZEM JUNTOS?
- A GENTE SAI.

- VOCÊS SAEM PARA ONDE?
- CINEMA.

- A COISA QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE FAZER SERIA ISSO?
- É, EU GOSTO MAIS. E TEATRO.

- VOCÊS COSTUMAM ESTUDAR JUNTOS?
- COSTUMAMOS.

- ENTRE VOCÊS EXISTE ALGUM TIPO DE CONFLITO, VOCÊS BRIGAM DE VEZ EM QUANDO?
- A GENTE BRIGA SÓ QUE NO MESMO DIA A GENTE FAZ AS PAZES.

- É UMA BRIGA NORMAL DE POSIÇÕES DIFERENTES?
- É.

- QUAIS SÃO OS MOTIVOS?
- COISA DE COMPUTADOR, COISA DO DIA-A-DIA, DO MUNDO EM GERAL, DAS NOTÍCIAS DE TV. A GENTE FICA COMENTANDO AÍ COMEÇA A SURTIR OPINIÕES DIFERENTES E A GENTE COMEÇA A DISCUTIR.

- COMO É QUE VOCÊS RESOLVEM ESSES CONFLITOS?
- ALGUÉM ENTRA QUANDO A GENTE NÃO PÁRA, NÃO CHEGA AO CONSENSO.

- TEM ALGUM TIPO DE LAZER QUE VOCÊ GOSTARIA DE FAZER E NÃO FAZ?

- ACHO QUE NÃO É QUESTÃO DE NÃO PODER FAZER, É... A CIDADE, O CIRCUITO CULTURAL NÃO OFERECE ISSO PORQUE AQUI A GENTE NÃO TEM CONCERTO, A GENTE NÃO TEM SHOW DE SAPATIADO, SHOW DE BALÉ. A GENTE NÃO TEM CONCERTO DE PIANO, DE ORQUESTRA. A GENTE NÃO TEM MUITAS PEÇAS, CINEMAS JÁ SÃO REDUZIDOS E ISSO ACABA AFETANDO PORQUE NÃO GOSTO DE SHOW DE FORRÓ, NÃO GOSTO DE SHOW DE AXÉ, ESSAS COISAS, E ACABO DESISTINDO.

- COMO É O FUNCIONAMENTO DA SUA ESCOLA? QUAIS AS DISCIPLINAS OFERECIDAS, POR EXEMPLO?

- MATEMÁTICA, INGLÊS, HISTÓRIA GEOGRAFIA, FÍSICA, ARTES, LITERATURA, EDUCAÇÃO FÍSICA, QUÍMICA, RELIGIÃO.

- ALÉM DESSAS DISCIPLINAS, TEM ALGUMA ATIVIDADE QUE A ESCOLA COSTUMA OFERECER?

- ELA FAZ JOGOS INTERNOS.

- EXISTEM DEBATES, PALESTRAS?

- É DIFÍCIL.

- VOCÊ GOSTA DA ESCOLA?

- GOSTO.

- POR QUÊ?

- É UMA ESCOLA TRADICIONAL, ORGANIZADA, OS PROFESSORES NÃO FALTAM.

- VOCÊ JÁ SE ENVOLVEU EM ALGUM CONFLITO NA ESCOLA?

- NÃO.

- JÁ PRESENCIOU ALGUM CONFLITO ENVOLVENDO OUTRAS PESSOAS NA ESCOLA?

- NÃO.

- MORA PRÓXIMO A ESCOLA?

- NÃO. A ESCOLA É NO FAROL E EU MORO NA CRUZ DAS ALMAS.

- QUAIS OS PROBLEMAS IDENTIFICADOS NO BAIRRO NA QUAL A ESCOLA ESTÁ INSERIDA?

- É MAIS POR CAUSA DO TRÂNSITO, QUE A ESCOLA ESTÁ EM FRENTE A UMA PISTA MOVIMENTADA E DE VEZ EM QUANDO ACONTECEM ACIDENTES.

- JÁ PRESENCIOU ALGUM CONFLITO NESSA COMUNIDADE?

- NÃO.

- VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS NA COMUNIDADE NA QUAL A ESCOLA ESTÁ INSERIDA?

- NÃO IDENTIFICO MAIS SEI QUE TEM.

- COMO VOCÊ SABE?

- DE OUVIR FALAR.

- VOCÊ SABE O TIPO DE DROGAS CIRCULADAS?

- ACHO QUE É MAIS MACONHA.

- VOCÊ IDENTIFICA ALGUM TIPO DE PREVENÇÃO NA COMUNIDADE POR CAUSA DAS DROGAS?

- NÃO.

- VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS NA SUA ESCOLA?

- NUNCA VI MAIS SEI QUE ELES CONSOMEM. ELES CONSOMEM MAIS LÁ FORA. DENTRO DA ESCOLA NÃO PORQUE TEM CÂMERAS.

- MAIS VOCÊ NUNCA VIU?

- JÁ OUVI UM CASO DE UM MENINO QUE ESTAVA USANDO NO BANHEIRO, PORQUE NO BANHEIRO NÃO TEM CÂMERAS. MAIS EU NÃO VI.

- VOCÊ SABE COMO ESSA DROGA ENTRA NA ESCOLA?
- ELES LEVAM NA MOCHILA.

- VOCÊ SABE COMO ELES FAZEM PARA COMPRAR ESSA DROGA?
- SEI NÃO. MAS ACHO QUE SE VENDE MAIS NA FAVELA.

- VOCÊ CONSOME OU JÁ CONSUMIU ALGUM TIPO DE DROGA?
- NÃO.

- ALGUÉM JÁ LHE OFERECEU ALGUMA DROGA?
- NÃO.

- JÁ FICOU TENTADO A EXPERIMENTAR?
- NÃO.

- PORQUE VOCÊ NUNCA SENTIU VONTADE DE EXPERIMENTAR?
- NÃO ACHO QUE SEJA UMA COISA LEGAL.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE CONSOME OU JÁ CONSUMIU DROGAS?
- É COMO EU FALEI, EU PREFIRO QUALIDADE DO QUE QUANTIDADE COM RELAÇÃO AOS AMIGOS. COMO SÃO POUCOS, E EU SAIO MUITO COM MEUS PAIS, NÃO CONHEÇO ALGUÉM QUE CONSOME DROGA.

- VOCÊ SABE PORQUE OS SEUS AMIGOS NÃO CONSOMEM DROGAS?
- É COMO EU DISSE, ELES NÃO VEEM SENTIDO EM FICAR LOUCÃO.

- O QUE VOCÊ ACHA DAS PESSOAS QUE, OU DOS JOVENS, QUE CONSOMEM DROGAS?
- NÃO TENHO NADA CONTRA, MAIS É ELE LÁ E EU CÁ.

- VOCÊ NÃO ANDARIA COM UMA PESSOA QUE USA DROGA?
- ACHO QUE O PAPO SERIA OUTRO, O GOSTO NAS SAÍDAS SERIA OUTRO, POR ISSO EU PREFIRO NÃO ME ENVOLVER.

- SEUS AMIGOS SE ENVOLVERAM EM ALGUM CONFLITO?
- QUE EU SAIBA NÃO.

- A RELAÇÃO FAMILIAR DOS SEUS AMIGOS É BOA?
- ACHO QUE É.

- COMO É A RELAÇÃO COM SUA FAMÍLIA?
- É MUITO BOA, A GENTE CONVERSA BASTANTE SOBRE TUDO.

- O QUE OUVE AO SAIR DE CASA?
- EU NÃO SAIO MUITO DE CASA SEM ELES. EU PREFIRO SAIR COM ELES. MAIS QUANDO EU SAIO ELES DIZEM O NORMAL, PARA TER CUIDADO COM AS COISAS, ESSAS COISAS.

- HÁ CONFLITOS DENTRO DE CASA?
- NÃO, É TUDO NORMAL.

- VOCÊ GOSTA DE FICAR EM CASA?
- GOSTO MAIS DE FICAR EM CASA DO QUE SAIR. AQUI EU VEJO FILME, FICO NO COMPUTADOR ATÉ A HORA QUE EU QUERO. A CIDADE, COMO EU FALEI, NÃO TEM MUITO ATRATIVO, AÍ EU PREFIRO FICAR EM CASA.

- COMO FOI A SUA INFÂNCIA?
- FOI BOA, BRINQUEI MUITO.

- O QUE MUDOU COM O FIM DA INFÂNCIA?
- EU AMADURECI.

- VOCÊ ACHA QUE SE TORNOU MAIS DIFÍCIL OU MAIS FÁCIL?
- NÃO, EU ACHO QUE CONSIGO LEVAR A MINHA VIDA FACILMENTE.

- QUAIS OS GANHOS E PERDAS ADQUIRIDAS COM A JUVENTUDE.
- VOCÊ PERDE A PROTEÇÃO DE QUANDO ERA CRIANÇA, MAIS EM COMPENSAÇÃO GANHA LIBERDADE.

- MAIS VAMOS VOLTAR AO ASSUNTO DAS DROGAS. PELO FATO DELA EXISTIR VOCÊ SENTE ALGUMA CONSEQUÊNCIA COM RELAÇÃO A ISSO?
- SÓ A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVE SER FEITO PARA SE PREVENIR DAS DROGAS?
- TEM QUE MELHORAR A ESTRUTURA DAS FAVELAS, MAIS SAÚDE, EDUCAÇÃO, SEGURANÇA, INFRA-ESTRUTURA, MAIS OPORTUNIDADES PARA OS JOVENS. ENTÃO OS JOVENS PROCURAM REFÚGIO NAS DROGAS.

- ENTÃO VOCÊ ACHA QUE AS DROGAS ESTÁ MAIS NA POBREZA?
- NÃO, TAMBÉM TEM MUITO NA CLASSE MÉDIA, CLASSE MÉDIA ALTA, CLASSE ALTA.

- VOCÊ ACHA QUE TEM MAIS ONDE?
- NA POBREZA.

- PORQUE NA POBREZA?
- EU ACHO ASSIM: PELA FALTA DE OPORTUNIDADES DELES ESTUDAREM, DE EMPREGO, AÍ ACABAM ENCONTRANDO A DROGA E ISSO LEVA AO CRIME PARA PODER MANTER O VÍCIO. TAMBÉM ASSIM: OS TRAFICANTES FICAM MAIS NAS FAVELAS E O ACESSO DELES É BEM MAIS FÁCIL NAS CRIANÇAS, NOS JOVENS.

- VOCÊ SABE DE ALGUMA HISTÓRIA DE ALGUM TRAFICANTE NA CLASSE MÉDIA?
- JÁ, JOVEM TRAFICANDO NA PONTA VERDE, AS DROGAS SINTÉTICAS.

- É O QUE TEM MUITO?
- É.

- VOCÊ FALA QUE HÁ UMA RELAÇÃO ENTRE DROGAS E VIOLÊNCIA. COMO É ESSA RELAÇÃO?
- É ASSIM: VOCÊ USA A DROGA E PARA MANTER ESSE VÍCIO PARTE PARA A VIOLÊNCIA, ROUBAR, MATAR, ASSALTAR.

- VOCÊ ACHA QUE AS DROGAS ILÍCITAS DEVEM SER LIBERADAS?
- É UMA QUESTÃO POLÊMICA MAIS ACHO QUE... EM ALGUNS LUGARES, NA HOLANDA, BÉLGICA, AINDA TEM ALGUNS LUGARES QUE NÃO SÃO PROIBIDOS. POR EXEMPLO, NA HOLANDA AS PESSOAS PODEM CONSUMIR, COMPRAR EM ALGUNS CAFÉS.

- E LÁ SÃO TODOS OS TIPOS DE DROGAS?
- NÃO.

- QUAIS SÃO AS PROIBIDAS?
- HEROÍNA, ECSTASY, COCAÍNA. NA BÉLGICA UMA PESSOA PODE TER UM PÉ DE MACONHA EM CASA.

- E AQUI, COMO É QUE PODERIA SER FEITO?
- CRIAR LOJAS, COMO LÁ, OS CAFÉS QUE VEDEM ESSAS DROGAS EM UMA QUANTIDADE POR DIA. CRIAR UM CADASTRO PARA OS USUÁRIOS COMO ACONTECE LÁ. SE INVESTISSE, SE O GOVERNO PROCURASSE TOMAR MUITO CUIDADO FUNCIONARIA.

- E O QUE VOCÊ ACHA DA LIBERALIZAÇÃO DO ÁLCOOL? VOCÊ ACHA QUE DEVE CONTINUAR DA FORMA QUE É OU VOCÊ ACHA QUE DEVERIA TER ALGUMA RESTRIÇÃO?
- PARA MIM EU ACHO QUE DEVERIA SER NÃO A PARTIR DE 18, MAIS DE 21 ANOS.

- OS ESTUDOS APONTAM UM ALTO ÍNDICE DE VIOLÊNCIA ENTRE OS JOVENS DE 18 E 24, OU SEJA, ENTRE 18 E 24 ANOS SÃO OS QUE MAIS MATAM E MORREM HOJE EM DIA. O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

- EU ACHO QUE É POR CAUSA DISSO, DO ÁLCOOL ESTÁ SENDO LIBERADO A PARTIR DOS 18. PARA MIM ADOLESCENTE É ATÉ OS 21 ANOS.

- PORQUE VOCÊ ACHA QUE OS JOVENS ESTÃO MATANDO E MORRENDO TANTO?

- AS DROGAS.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE O ESTADO DEVE FAZER PARA CONTROLAR ISSO?

- É O QUE EU DISSE: INVESTIR MAIS NOS PROGRAMAS SOCIAIS, TER MAIS EDUCAÇÃO, SAÚDE, SEGURANÇA, OPORTUNIDADES PARA OS JOVENS, OPORTUNIDADES DE EMPREGO.

- E A SOCIEDADE, NÓS COMO CIDADÃOS COMUNS, O QUE DEVEMOS FAZER?

- AJUDAR O GOVERNO, COBRAR DO GOVERNO. ISSO EM GRANDE PARTE É POR CONTA DA GENTE, DA SOCIEDADE QUE NÃO COBRA.

- E AS FAMÍLIAS, COMO ELAS DEVEM CONTROLAR OS JOVENS?

- TER MAIS DIÁLOGOS, TER MAIS CONVERSAS MAIS ABERTAS.

ROBERTO – ESCOLA PRIVADA DO ENSINO MÉDIO – 3 ANO – SEXO MASCULINO

- ALÉM DAS AULAS NORMAIS VOCÊ FAZ ALGUM TIPO DE CURSO?
- FAÇO REFORÇO PARA O COLÉGIO.

- VAI FAZER VESTIBULAR?
- VOU.

- MORA COM QUAM EM CASA?
- MÃE, AVÓ, AVÔ E TIA.

- VOCÊ TEM IDÉIA DA RENDA FAMILIAR?
- UNS 6 MIL.

- VOCÊ TRABALHA?
- NÃO.

- PRATICA ALGUM ESPORTE?
- AQUI NA ESCOLA.

- VOCÊ PARTICIPA DE ALGUM TIPO DE GRUPO ARTÍSTICO?
- NO MOMENTO NÃO, MAS EU TOCO.

- COMO É O SEU DIA A DIA DE SEGUNDA A SEXTA?
- VENHO DE MANHÃ PARA O COLÉGIO. À TARDE VOU TREINAR, CORRO, FAÇO REFORÇO, ENCONTRO COM ALGUÉM, SAIO. EM CASA FICO ASSISTINDO FILME, MUSICA.

- E NO FINAL DE SEMANA?
- SHOW, SÓ QUE NÃO GERALMNTÉ SHOW QUE O PESSOAL COSTUMA IR, TIPO CHICLETE. EU GOSTO MAIS DE SHOW UNDERGRAU.

- VOCÊ NÃO GOSTA DESSE TIPO DE SHOW?
- NÃO. É PORQUE ROLA MUITA DROGA, ENTENDEU?

- VOCÊ ACHA QUE ROLA MUITO NESSE SHOW?
- É. ASSIM, RAVE EU VOU E ROLA MUITO. MAIS ASSIM, QUESTÃO DE BRIGA TEM MAIS NOS SHOWS DE AXÉ, TEM LOLÓ, É O QUE MAIS TEM. E A RAVE EU MESMO NUNCA VI UMA BRIGA. O CARA CONSOME DROGA PESADA SENDO QUE MAIS NA PAZ.

- MAS EXISTE O CONSUMO EM QUALQUER LUGAR?
- É.

- MAS A VIOLÊNCIA SERIA NESSE TIPO DE SHOW?
- É.

- PORQUE VOCÊ ACHA QUE EXISTE MAIS LÁ? ASSIM, VOCÊ VER UMA LIGAÇÃO DAS DROGAS COM A VIOLÊNCIA?
- EU VEJO MAIS NA CULTURA DAS PESSOAS QUE CONSOMEM. EU POSSO ESTÁ SENDO PRECONCEITUOSO FALANDO DESSE JEITO, MAIS NOS SHOWS QUE TEM AXÉ, GERALMENTE AQUELES QUE TEM UMA CULTURA DE MACHÃO, PLAIBOY, TEM MAIS COM O AXÉ.

- NESSES LUGARES QUE TIPO DE DROGAS VOCÊ ENXERGA?
- RAPAZ, EU VEJO MUITO LOLÓ, MACONHA TAMBÉM TEM. EM RAVE TEM DROGAS MAIS PESADAS, LSD, ECTASY, CRACK, MACONHA.

- ESSAS SÃO AS DROGAS NÃO PERMITIDAS. E AS PERMITIDAS, COMO É O CASO DO ÁLCOOL?
- A CULTURA MAIOR QUE TEM NESTA MINHA GERAÇÃO É BEBER. É UMA COISA QUE JÁ É NORMAL. ESSA GERAÇÃO NÃO TEM MUITO O QUE ACREDITAR, ENTÃO SUBSTITUI POR DROGA, POR BEBIDA.

- VOCÊ FALA NO ÓCIO, QUE A JUVENTUDE NÃO TEM MUITO O QUE FAZER.
- EXATAMENTE, É NÃO TER O QUE FAZER.

- E O QUE É TER O QUE FAZER?
- TER O QUE FAZER É TER ALGUMA ATIVIDADE SOCIAL, LEITURA, COISAS QUE VÃO SER ÚTEIS PARA A NOSSA SOCIEDADE. É COMO SE A NOSSA GERAÇÃO FOSSE INFLUENCIADA PELA MÍDIA, ENTENDEU? MAIS ESPECIFICAMENTE PELA EMISSORA GLOBO. E O POVO FICA ASSISTINDO NOVELA E ACABA ASSIMILANDO O COMPORTAMENTO, ENTENDEU? NÃO TEM EM QUEM SE ESPELHAR, NÃO TEM PARA ONDE IR ENTÃO VAI PARA OUTRA COISA.

- VOCÊ TEM AMIGOS?
- TENHO.

- OS AMIGOS SÃO DE ONDE?
- DE ESCOLA, AMIGO DE TREINO, DE SAIR.

- VOCÊ MORA PERTO DA ESCOLA?
- NÃO, MORO NO FAROL.

- COMO É A RELAÇÃO COM SEUS AMIGOS?
- OLHA, TEM UNS QUE É UMA RELAÇÃO BEM ÍNTIMA, DE CONVERSAR, TEM OUTROS QUE É SÓ DE FALAR, DE SAIR, DE BEBER.

- VOCÊS SAEM PARA ONDE?
- TEM UMA GALERA ALTERNATIVA, QUE VAI NA PAZ. TENHO AMIGOS NO COLÉGIO QUE EU NÃO SAIO MUITO, SÓ COM UNS CARAS PARA JOGAR VÔLEI.

- VOCÊS TEM ALGUM CONFLITO?
- OLHA, EU ERA MEIO EXCLUÍDO, SABE? ANTES EU ME FECHAVA, NÃO QUERIA CONVERSAR COM ESSE TIPO DE GENTE. PORQUE ASSIM, EU JULGAVA MUITO PELA APARÊNCIA. EU NÃO QUERIA ME ENVOLVER COM MAURICINHO. CADA LUGAR TEM AS PESSOAS QUE TE TRATAM BEM.

- ENTÃO QUER DIZER QUE O CONFLITO DE VOCÊS ERA MAIS PELA DIFERENÇA DE OPINIÃO?
- ERA TIPO ASSIM: QUALQUER PESSOA QUE NÃO SE ENCAIXASSE NO PADRÃO DELES ELES EXCLUÍAM.

- ELES FAZEM ISSO?
- EXATAMENTE. AQUELA COESÃO SOCIAL DELES É UMA COISA BEM UNIDA, ENTENDEU? QUEM É IGUAL A GENTE BEM, SE NÃO FOR VAMOS TIRAR ONDA.

- O IGUAL QUE ELES CONSIDERAM SERIA O QUE?
- O MESMO COMPORTAMENTO, ENTENDEU? O JEITO DE SE VESTIR, O JEITO DE FALAR.

- ESSE PESSOAL QUE ELES CRITICAM SÃO DA ESCOLA?
- SÃO DA ESCOLA.

- COMO É QUE MELHOROU A SUA RELAÇÃO?
- MELHOROU MAIS COMIGO, COMECEI A FALAR MAIS, FIQUEI MAIS COMUNICATIVO AÍ APAZIGOU AS COISAS. MAIS GERALMENTE QUEM É MAIS CALADO AÍ SOFRE MAIS PRECONCEITO.

- VOCÊ VIAJA NOS FINAIS DE SEMANA, NAS FÉRIAS?
- FÉRIAS GERALMENTE VOU PARA O RIO. VIAJAR MESMO QUASE NUNCA.

- COMO É O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA?
- ESSE ANO TEVE ATIVIDADES MELHORES. A PROFESSORA FEZ UM SEMINÁRIO DE HISTÓRIA SOBRE HISTÓRIA DE ALAGOAS NA QUAL EU NÃO TINHA VISTO ANTES, ENTENDEU? GERALMENTE TEM TROTE.

- MAS ASSIM: EXISTEM PALESTRAS, DEBATES POR FORA?
- DEBATES GERALMENTE SÃO NAS AULAS. A GENTE DEBATE ALGUMA COISA, UM GRUPO PEQUENO QUE DISCUTE, MAIS A MAIORIA DA SALA NÃO ESTÁ NEM AÍ.

- VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR CONSUMO DE DROGAS NA ESCOLA?
- É ABERTO.

- MAIS AQUI DENTRO DA ESCOLA?
- DENTRO DA ESCOLA TEM, SÓ QUE NA BAIXA. ENTRE OS ALUNOS TODO MUNDO SABE. NÃO TEM NENHUM ALUNO QUE NÃO SABE PORQUE É UMA COISA ABERTA. A COORDENAÇÃO EU ACHO É QUE NÃO SABE. SE ALGUÉM FALAR PARA COORDENAÇÃO, IMAGINA, ELE VAI SER EXCLUÍDO MAIS AINDA, ENTENDEU? ENTÃO TODO MUNDO É CONIVENTE, NINGUÉM FALA NADA.

- VOCÊ FALA MUITO EM EXCLUSÃO, INCLUSIVE NUM LUGAR ONDE NÃO SE IMAGINA QUE HÁ EXCLUSÃO. QUER DIZER QUE DENTRO DAQUI HÁ EXCLUSÃO?
- É PORQUE JÁ ENTRA AQUI UM NÍVEL PARECIDO, MAIS QUANDO SE VESTE DIFERENTE JÁ É EXCLUÍDO.

- QUER DIZER QUE A DIREÇÃO, A COORDENAÇÃO, OS FUNCIONÁRIOS, NÃO SABEM DO CONSUMO DE DROGAS DENTRO DA ESCOLA?
- NÃO, ACHO QUE ELES NEM IMAGINAM. ACHO QUE PODE TER ATÉ ALGUNS QUE SAIBAM, ENTENDEU? E SE SOUBER NÃO ADIANTA NADA. E PARECE QUE NÃO SABE PORQUE NINGUÉM FAZ NADA.

- TEM ALGUM LOCAL QUE SE USA MAIS PARA CONSUMIR?
- NÃO. É QUANDO TEM TROTE GERALMENTE, ATÉ NA SALA MESMO.

- TROTE É UMA FESTA?
- É.

- AÍ É NESSAS FESTAS É QUE ACONTECE MAIS?
- É.

- QUAL É A DROGA?
- NÃO É MUITO ASSIM. É MAIS BEBIDA, LOLÓ.

- A ESCOLA, NAS SUAS ATIVIDADES, SE PREPARA PARA ESSE PROBLEMA DE DROGAS?
- NÃO ACHO QUE ELES SE PREOCUPAM NÃO.

- O QUE É QUE ELES SE PREOCUPAM MAIS?
- PASSAR NO PSS, TER UM MAIOR NÚMERO NA LISTA DOS APROVADOS. NO ENSINO PRIVADO A GENTE APRENDE A SER CAPITALISTA.

- JÁ HOUVE ALGUM CONFLITO DENTRO DA ESCOLA ENVOLVENDO DROGA DENTRO DA ESCOLA?
- RAPAZ QUE EU SAIBA NÃO. A SIM, TEVE UM CASO DE UMA MENINA QUE FOI SUSPENSA PORQUE ESTAVA NO BANHEIRO CHEIRANDO LOLÓ. A DIREÇÃO ACHOU.

- VOCÊ SABE DIZER SE NA COMUNIDADE EM QUE A ESCOLA ESTÁ INSERIDA EXISTE A CIRCULAÇÃO DE DROGAS. NO CASO ELA FICA AQUI PRÓXIMO A PRAIA, NA JATIÚCA.
- GERALMENTE NA PRAIA É TOPADO. AQUI EM BAIXO É MUITA DROGA. EU NÃO SEI DIZER SE É MAIOR PORQUE EU NUNCA ANDEI NOS BAIRROS POBRES PARA SABER COMO É AS DROGAS LÁ.

- VOCÊ NÃO CIRCULA PELA PERIFERIA?
- PERIFERIA EU NÃO TENHO CONTATO. APESAR QUE EU QUERIA TER CONTATO.

- VOCÊ IDENTIFICA CONFLITO NA COMUNIDADE COM RELAÇÃO AS DROGAS?

- CONFLITO NÃO. ASSIM, A PRÓPRIA POLÍCIA QUANDO PASSA, NO POSTO SETE, POR EXEMPLO, NÃO FAZ NADA.
- A POLÍCIA NÃO FAZ NADA QUANDO VER?
- NÃO FAZ NADA.
- DIFERENTE DA PERIFERIA.
- EXATAMENTE, PORQUE AQUI É LUGARZINHO DE RICO.
- VOCÊ SABE ONDE É QUE ELES COMPRAM DROGAS?
- ÀS VEZES QUE EU USEI EU ARRUMEI COM AMIGOS.
- SEMPRE SÃO OS AMIGOS?
- É. SÓ QUE A GALERA SABE ONDE É.
- EXISTE LUGAR AQUI QUE VENDE?
- AQUI EM BAIXO NÃO SEI MAIS DEVE VENDER.
- PORQUE A GENTE TEM A NOÇÃO DE QUE SÓ VENDE NA FAVELA?
- EU ACHO QUE TEM AQUI MAIS NÃO SEI DIZER.
- NO CASO VOCÊ DISSE QUE JÁ USOU. QUE TIPO DE DROGA VOCÊ USOU?
- MACONHA.
- COMO VOCÊ USOU?
- EU ESTAVA NUM SHOW, AÍ NÃO TINHA NADA.
- É A ÚNICA CAUSA QUE VOCÊ ENCONTRARIA PARA TER EXPERIMENTADO?
- NÃO. GERALMENTE A DROGA SUBSTITUI ALGUMA COISA, ENTENDEU? AS PESSOAS TEM UM PROBLEMA E VAI E ENTRA NAS DROGAS. EU ACHO QUE É UMA COISA INTERESSANTE PARA ABSTRAIR O STRESS. É UMA EXPERIÊNCIA INTERESSANTE APESAR DOS EFEITOS.
- QUAL O EFEITO RUIM?
- ESSAS COISAS RUINS QUE A GENTE SABE. MAIS O EFEITO BOM É O PODER DE ABSTRAÇÃO MAIOR, VOCÊ ESTÁ RELAXADO E ESQUECE DAS ANGÚSTIAS E COMEÇA A PENSAR EM COISAS BOAS.
- ISSO FOI A MACONHA QUE TE PROPORCIONOU? VOCÊ TEM IDÉIA DAS OUTRAS?
- DAS OUTRAS NÃO SEI. MAIS QUALQUER DROGA É SOCIÁVEL, VOCÊ QUER ESTÁ JUNTO DAS OUTRAS PESSOAS.
- QUER DIZER QUE VIVER EM GRUPO SERIA UM DOS MOTIVOS?
- EU ACHO. NO COLÉGIO MESMO, VÁRIAS PESSOAS VÃO SE UNINDO, JÁ É UMA COISA QUE TODO MUNDO JÁ ESTÁ JUNTO ALI.
- VOCÊ TEM IDÉIA DE COMO ISSO É NA PERIFERIA?
- A IDÉIA QUE A MÍDIA FAZ DA PERIFERIA É UMA COISA MUITO RUIM. EU PREFIRO NÃO TER CONCEITO PARA UMA COISA QUE EU NUNCA FUI. GERALMENTE A MÍDIA ENSINA ERRADO, E EU NÃO CONFIO NA MÍDIA.
- QUAL É A IMAGEM QUE A MÍDIA CONSTRÓI DA PERIFERIA?
- QUE A PERIFERIA É UM LUGAR QUE TEM MARGINAL, VIOLÊNCIA. ELES SÃO AS PESSOAS QUE FORAM EXCLUÍDAS DA SOCIEDADE. A GENTE NÃO PODE COBRAR, A GENTE NÃO SABE O QUE FARIA NO LUGAR DELES.
- VOCÊ ACHA QUE AS OUTRAS PESSOAS QUE VOCÊ FALOU QUE SÃO DIFERENTES DE VOCÊ, VOCÊ ACHA QUE ELES PENSAM IGUAL A MÍDIA?
- QUANDO EU CONVERSO COM ELES A OPINIÃO DELES VÃO MUDANDO, ENTENDEU? SÓ QUE ANTES A OPINIÃO NÃO ERA ASSIM, ERA A OPINIÃO DA MÍDIA.

- QUER DIZER QUE SE TIVER ALGUÉM QUE DÊ UM TOQUE A JUVENTUDE CONSEGUE MUDAR?
- EU ACREDITO, EU ACREDITO MUITO NA JUVENTUDE. É SÓ ORIENTAR. O PROBLEMA É A MÍDIA E A EDUCAÇÃO. SE ORIENTAR TEM CONDIÇÕES DE MUDAR. ASSISTINDO MALHAÇÃO, ASSISTINDO GLOBO, ACHO QUE NÃO VAI MUDAR NÃO.

- E ESSA ORIENTAÇÃO DEVE SER DE QUEM?
- DEVE SER DOS PAIS, QUE GERALMENTE OS PAIS NÃO CONVERSAM COM OS FILHOS. ÀS VEZES OS PAIS USARAM DROGAS E NÃO QUEREM QUE OS FILHOS USEM E DIZEM QUE NUNCA USOU. É AQUELA COISA: FAÇA O QUE EU DIGO MAIS NÃO FAÇA O QUE EU FAÇO. EU FALO POR MEUS PAIS, MEU PRÓPRIO PAI FAZ ISSO. ELE FICA BEBENDO E DIZ NÃO FAÇA ISSO.

- SEU PAI FUMA E BEBE? VOCÊ SABE SE ELE JÁ CONSUMIU ALGUMA DROGA ILÍCITA?
- JÁ.

- VOCÊ ACHA QUE O FATO DELE CONSUMIR INFLUENCIA OS FILHOS?
- A GENTE SE ESPELHA MUITO NA NOSSA FAMÍLIA. A GENTE VER AQUELE COMPORTAMENTO E ACABA SOFRENDO REFLEXO.

- VOCÊ TEM ALGUM AMIGO PRÓXIMO QUE CONSUME?
- TENHO.

- TEM ALGUM QUE ULTRAPASSA?
- TEM. LSD, CHÁ DE TROMBETA, ESSAS COISAS.

- VOCÊ VER DIFERENÇA ENTRE OS EFEITOS.
- ASSIM, EU NÃO VEJO MUITA DIFERENÇA NÃO. NO COMPORTAMENTO SOCIAL NORMAL NÃO VEJO MUITA DIFERENÇA.

- HÁ ALGUM EFEITO NA APRENDIZAGEM?
- NÃO SEI DIZER.

- SE ALGUÉM EXPERIMENTAR PODE INTERFERIR?
- É, ACHO QUE PODE.

- VOCÊ SABE DIZER SE SEUS AMIGOS QUE CONSOMEM DROGAS TEM ALGUM PROBLEMA EM CASA?
- TEM.

- VOCÊ CONHECE ALGUM VICIADO?
- NÃO. MAIS ACHO QUE DEVE SER POR CONTA DOS PAIS, FALTA DE AMOR, FALTA DE ATENÇÃO. PORQUE ESSA GERAÇÃO MINHA É UMA GERAÇÃO EM QUE OS PAIS SÃO MUITO OCUPADOS, UMA GERAÇÃO DE PAIS OCUPADOS. ACABA TENDO OUTRA INFLUÊNCIA QUE NÃO A FAMÍLIA.

- VOCÊ TEM ALGUM AMIGO QUE JÁ MORREU POR CONTA DAS DROGAS?
- ASSIM, EU NÃO CONHECIA ESSE CARA, MAIS ELE ERA AMIGO DA GALERA.

- ELE MORREU COMO?
- ELE MORREU DE OVERDOSE, PARECE QUE DE LOLÓ. PARECE QUE FOI DO CORAÇÃO.

- VOCÊ CONHECE ALGUM QUE TEVE PROBLEMA COM TRAFICANTE?
- COM TRAFICANTE NÃO PORQUE É UMA COISA MAIS INDIRETA. É UM CARA QUE ARRUMA. PELO MENOS EU NÃO CONHEÇO ALGUÉM QUE TENHA UMA RELAÇÃO DIRETA.

- GERALMENTE PAGA NA HORA?
- É, GERALMENTE PAGA NA HORA.

- COMO ELES CONSEGUEM ESSE DINHEIRO PARA COMPRAR AS DROGAS?
- ELE DIZ ASSIM: PAI, ME DÊ 20 REAIS. AÍ ELE SAI COM 10 E PEGA 10 PARA COMPRAR A DROGA. TEM GENTE QUE TRABALHA. NA UNIVERSIDADE TAMBÉM TEM MUITA DROGA.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE O ESTADO DEVE FAZER PARA ACABAR COM ESSE PROBLEMA?
 - ACHO QUE O PROBLEMA ESTÁ NA RAIZ, E AS DROGAS NÃO SÃO OS ÚNICOS PROBLEMAS DESSA RAIZ. SÃO TODOS PROBLEMAS QUE ESTÃO ENVOLVIDOS, E AS DROGAS SÃO SÓ UMA SAÍDA. O NOSSO ESTADO TEM CORRUPÇÃO, ENTENDEU, TEM MISÉRIA. VOCÊ VER QUE A MAIORIA DA POPULAÇÃO É POBRE, ENTENDEU? SEI LÁ, VOCÊ OLHA PARA A EXISTÊNCIA FICA MEIO DESCRENTE. ACHO QUE O BRASIL SOFRE MUITO DESSA ANGÚSTIA, VIVE CHEIO DE GUERRA, DE DESESPERO, CHEIO DE COISA. VOCÊ OLHA PARA A HISTÓRIA E SÓ VER ISSO. A MAIORIA DAS PESSOAS QUE EU CONVERSO SEMPRE FALA A MESMA COISA: HÁ, O MUNDO NÃO TEM JEITO NÃO, OS HOMENS SÃO MUITO EGOÍSTAS POR NATUREZA E PRONTO.

- A DROGA PREENCHE EXATAMENTE O QUE?
 - EU NÃO SEI DIZER, MAIS QUE FALTA ALGUMA COISA FALTA, UMA ATIVIDADE. É MUITO RUIM VOCÊ ESTÁ AQUI E VER UM MENINO PEDINDO ESMOLA. VOCÊ SABE SE DER ESMOLA NÃO VAI ADIANTAR NADA. NÃO TEM TIPO, NEM A VONTADE, NEM UMA PROPOSTA QUE DIGA ASSIM: HÁ, EU VOU FAZER UM PROJETO. E A PRÓPRIA CULTURA NÃO ENSINA ISSO, O HÁBITO DE TER AMOR PELO NOSSO POVO, DE VAMOS MUDAR. É UMA COISA QUE DIZ VAI TRABALHAR, SEI LÁ.

- NO CASO TOCANDO NO QUE VOCÊ FALOU SOBRE O SEU PAI, QUE ELE CONSUMIA MAIS NESTA ÉPOCA NÃO ERA TANTO. PORQUE VOCÊ ACHA QUE AUMENTOU O CONSUMO?

- AUMENTOU A INFORMAÇÃO, INTERNET.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE A ESCOLA DEVERIA FAZER?

- A ESCOLA DEVERIA INCENTIVAR PROJETOS, QUALQUER ATIVIDADE PORQUE ERA UMA ALTERNATIVA. AS CAMPANHAS DEVERIAM SER MAIS INTELIGENTES, PORQUE GERALMENTE COMO EU VEJO AS CAMPANHAS É UMA COISA SECA, NÃO DISCUTE O ASSUNTO A FUNDO. É UMA COISA ASSIM: VAMOS FAZER UMA CAMPANHA PORQUE A GENTE ESTÁ SE SENTINDO CULPADO.

- E A FAMÍLIA, COMO ELA DEVE AGIR?

- ELA DEVE SER MAIS ABERTA, COMEÇAR A ABRIR A CABEÇA. SE ABRIR A CABEÇA AS COISAS PODEM COMEÇAR A MUDAR, MAIS COMO É AQUELA COISA CONSERVADORA, O FILHO NUNCA VAI DIZER QUE CONSOME DROGA PRO PAI.

- VOCÊ FALA DE SER MAIS ABERTO PARA ACEITAR OU...

- NÃO, CONVERSAR.

- VOCÊ ACHA QUE AS DROGAS DEVEM SER LEGALIZADAS?

- EU ACHO QUE AS DROGAS QUE ACABAM COM O SER HUMANO, ESSAS MAIS PESADAS, É INVÁLIDO PORQUE VOCÊ PODERIA ESTAR SE MATANDO.

- QUAIS SERIAM ESSAS DROGAS, NO CASO?

- A COCAÍNA, CRACK, ASSIM. NO CASO ASSIM, A MACONHA EM ALGUNS PAÍSES SÃO LEGALIZADAS, O QUE AS PESSOAS TEM QUE SABER É O CONTROLE. EU NÃO ACHO A MACONHA TÃO NOCIVA. ELA GERALMENTE É UM CAMINHO, O CARA USA E DE REPENTE, SEI LÁ, QUER USAR OUTRAS.

- VOCÊ ACHA QUE É UMA PONTE?

- É UMA PONTE SE VOCÊ NÃO TIVER CABEÇA.

- VOCÊ ACHA ENTÃO QUE ELA DEVE SER LEGALIZADA?

- EU NÃO TENHO MUITA OPINIÃO NÃO PORQUE SE LEGALIZASSE. EU NÃO SEI COMO SERIA NO BRASIL. MAIS SE A CULTURA FOSSE DIFERENTE ACHO QUE DAVA PARA A MACONHA SER LEGALIZADA, MAIS AS OUTRAS DROGAS NÃO.

- ENTÃO VOCÊ ACHA QUE O POVO NÃO ESTÁ PREPARADO?

- É.

- E O QUE VOCÊ ACHA DO ÁLCOOL?

- NÃO SEI TAMBÉM. MAIS POR EXEMPLO, MUITA GENTE FAZ MUITA BESTEIRA, ACIDENTE DE TRÂNSITO.

- EM ALGUNS BAIRROS, AQUI EM MACEIÓ, CHEGOU A TER UMA LEI EM QUE NÃO SE PODIA CONSUMIR ÁLCOOL EM DETERMINADOS HORÁRIOS, COM SANTOS DUMOND, TABULEIRO. O QUE VOCÊ ACHA DISSO?

- SE PROIBI EM UM BAIRRO DEVERIA PROIBIR EM TODOS.

- ENTÃO VOCÊ ACHA QUE O ÁLCOOL DEVE SER PROIBIDO?

- EU NÃO SEI SE IA MUITO FUNCIONAR, PORQUE AQUI O POVO NÃO É DE SEGUIR MUITO LEI.

- E O QUE VOCÊ ACHA DO TRÁFICO?

- EU ESCUTO TODO DIA ISSO, JÁ É CLICHÉ, MAIS ACHO QUE É VERDADE. SE AS PESSOAS TIVESSEM OPORTUNIDADES NA VIDA NÃO ESTARIA. ACHO QUE NA FAVELA É MUITO MAIS FÁCIL VOCÊ VER AQUELAS PESSOAS SEM EMPREGO, AQUELA COISA FÁCIL. VOCÊ GANHA DINHEIRO MAIS FÁCIL ALÉM DE TER A PROTEÇÃO DO TRAFICANTE, NÉ. EU ACHO QUE SE A GENTE TIVESSE NASCIDO NA FAVELA A GENTE IA SABER COMO QUE É. AQUI A GENTE FICA JULGANDO, O TRÁFICO É ASSIM.

- AQUI VOCÊ NÃO IDENTIFICA RAIZ DESSE TRÁFICO?

- NÃO.

BETO, 16 ANOS - ESCOLA PRIVADA - SEXO MASCULINO

- ALÉM DA ESCOLA VOCÊ FAZ ALGUM OUTRO TIPO DE CURSO?
- FAÇO CURSO DE INGLÊS.

- QUAL A SUA SÉRIE?
- 2 ANO DO ENSINO MÉDIO.

- VOCÊ MORA COM QUEM EM CASA?
- MINHA MÃE E O MARIDO DELA, MEU PADRASTO.

- NO CASO SEUS PAIS SÃO SEPARADOS?
- É.

- QUAL A PROFISSÃO DOS SEUS PAIS?
- MINHA MÃE É SERVIDORA PÚBLICA FEDERAL E O MARIDO DELA É BANCÁRIO, APOSENTADO.

- VOCÊ TEM IDÉIA DA RENDA FAMILIAR?
- É BOA PARA MANTER O PADRÃO DE VIDA DA GENTE.

- VOCÊ TRABALHA?
- DEPENDE DO QUE VOCÊ DIZ SOBRE TRABALHO. JÁ FIZ TRABALHO VOLUNTÁRIO E TAL. ATUALMENTE NÃO.

- VOCÊ PRÁTICA ALGUM ESPORTE?
- PRÁTICO AIKODÔ.

- VOCÊ TEM ALGUMA RELIGIÃO?
- TENHO, SOU BATIZADO CATÓLICO.

- MAIS NÃO FREQUENTA?
- NÃO.

- PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ARTÍSTICO?
- NÃO, NADA OFICIAL. SÓ TENHO AMIGOS, NADA OFICIAL.

- COMO É SEU DIA-A-DIA DE SEGUNDA A SEXTA?
- A ROTINA BASICAMENTE É DO COLÉGIO A CASA. SOU PROIBIDO DE SAIR DIA DE SEMANA. SEGUNDA E QUINTA EU TENHO REFORÇO ESCOLAR, INGLÊS. SEXTA FEIRA É TEATRO NO COLÉGIO.

- E NOS FINAIS DE SEMANA?
- FINAL DE SEMANA É FARRA.

- VOCÊ SAI PARA ONDE?
- OLHA, AÍ É MAIS DIFÍCIL DE DIZER. QUALQUER EVENTO. EU OLHO MUITO O CADERNO B, ENTENDEU, NA GAZETA, QUALQUER FILME BOM NO SESI, COMO UM DOCUMENTÁRIO QUE TÁ PASSANDO AGORA, NOVO. SAIO COM A NAMORADA, VOU A PRAIA, VEJO OS AMIGOS. RARAS VEZES A GENTE TOMA UM POUQUINHO, ESSAS COISAS.

- NO CASO VOCÊ CONSUME O ÁLCOOL?
- É.

- VOCÊ TEM MUITOS AMIGOS?
- TENHO.

- ESSES AMIGOS SÃO DE ONDE?
- DA ESCOLA, ATÉ DO BAIRRO QUE EU MORAVA NA CRUZ DAS ALMAS.

- VOCÊ AGORA MORA PERTO DA ESCOLA?
- MORO.

- ESSES LUGARES QUE VOCÊ FREQUENTA É JUNTO COM SEUS AMIGOS?
- TAMBÉM, É.

- VOCÊ VAI PARA SHOWS?
- VOU.

- O QUE A ESCOLA PROPORCIONA PARA VOCÊ ALÉM DAS DISCIPLINAS NORMAIS. ELA TEM UMA OUTRA ATIVIDADE DIFERENTE? VOCÊ FALOU ATÉ EM TEATRO...
- TEM A QUESTÃO DE TEATRO, QUE EU FAÇO.

- MAIS ELA TEM TAMBÉM PALESTRAS, DEBATES...
- TEM, TEM. ELA SEMPRE OFERECE RECITAIS, COISAS DE LITERATURA, MUITA CULTURA, PALESTRAS.

- AS PALESTRAS SÃO SOBRE QUE TEMAS?
- PROFISSÃO, MOTIVAÇÃO. É MAIS SOBRE COISAS DE FUTURO.

- VOCÊ GOSTA DA ESCOLA OU ACHA QUE ELA DEVERIA TER MAIS COISA?
- OLHA, A GENTE SEMPRE PODE DIZER QUE PODE HAVER MAIS COISA. EU GOSTO MUITO DESSA ESCOLA.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE FALTA?
- OLHA, O QUE FALTA... NÃO SEI, PORQUE A GENTE SENTE FALTA É DE UMA FORMA GERAL. COMO O COLÉGIO TEM QUE CUMPRIR AS METAS POR CAUSA DO PSS, AÍ ISSO LIMITA MAIS. ELE TEM QUE FICAR MAIS VOLTADO PARA ISSO DE VEZ EM QUANDO. AÍ EU NÃO TENHO COMO PEDIR QUE ELE SE VOLTE PARA QUESTÃO DE TRABALHO, DE CIDADÃO, PARA AS PESSOAS, DO QUE TÉCNICO.

- AS AULAS ACONTECE COM FREQUENCIA?
- RARAS VEZES PROFESSOR FALTA. QUANDO ISSO ACONTECE UM PROFESSOR DÁ AULA NO LUGAR DELE.

- ISSO PARA VOCÊS NÃO FICAREM DESOCUPADOS/
- ÀS VEZES FICAMOS MAIS NÃO É FREQUENTE.

- VOCÊ IDENTIFICA DENTRO DA ESCOLA O CONSUMO DE DROGAS?
- OLHA TIA. POSSO TE CHAMAR DE TIA, NÉ?
- PODE.
- EU NÃO IDENTIFICO CONSUMO, MAIS IDENTIFICO USUÁRIO, ENTENDEU?

- QUE NÃO É DENTRO DA ESCOLA?
- NA ESCOLA JÁ HOVE UMAS CERTAS HISTÓRIAS.

- SE HÁ USUÁRIOS MAIS NÃO ACONTECE NA ESCOLA PORQUE VOCÊ ACHA QUE ISSO ACONTECE?
- TEM TODA UMA QUESTÃO DE FISCALIZAÇÃO AQUI. ASSIM: SE VOCÊ VAI CONSUMIR ALGUMA COISA DENTRO DA ESCOLA VOCÊ VAI TER QUE SE INTOCAR EM ALGUM LUGAR, SE ESCONDER, OBVIAMENTE. E ASSIM...

- QUER DIZER QUE TEM MUITA VIGILÂNCIA?
- TEM MUITA VIGILÂNCIA, OBVIAMENTE. E OS PRÓPRIOS ALUNOS TAMBÉM SE VEREM UMA COISA DESSA PODEM FALAR.

- JÁ HOVE ALGUM CONFLITO ENVOLVENDO DROGA AQUI NA ESCOLA?
- OLHA, HOVE UMA HISTÓRIA E TAL, ENVOLVENDO LOLÓ, ENVOLVENDO CIGARRO, MAIS... MAIS... FOI COISA QUE EU ESCUTEI DE LONGE.

- ONDE FOI ESSE LUGAR?
- NO BANHEIRO.

- COMO FOI RESOLVIDO ISSO?
- EU ACHO QUE FOI EXPULSÃO, CONVERSOU COM OS PAIS, COISA BEM SÉRIA.

- E NO BAIRRO QUE VOCÊ MORA, VOCÊ IDENTIFICA?
- OLHA, NO BAIRRO QUE EU MORO, NÃO, NÃO IDENTIFICO.

- QUE É AQUI BEM PERTO?
- ISSO, PONTA VERDE.

- MAIS VOCÊ NÃO IDENTIFICA CONSUMO NESSE LUGAR?
- DEPENDE DO HORÁRIO. ASSIM, A PARTE DA PRAIA, MAIS TARDE EU IDENTIFICO.

- NO CASO OS USUÁRIOS QUE VOCÊ IDENTIFICA NA ESCOLA ELES CONSOMEM ONDE?
- OLHA, A GENTE IDENTIFICA ATRAVÉS DO HÁBITO, QUANDO É EM FESTAS A GENTE VER. ÀS VEZES NA RUA, QUANDO VER DE LONGE ENCONTRA POR ACASO. MAIS SÃO RARAS VEZES. A GENTE SABE QUE TEM ALGUÉM NO MEIO.

- VOCÊ DISSE NA PRAIA. TEM ALGUM POLICIAMENTO NESSE LOCAL QUE IMPEÇA ISSO?
- VOCÊ DEVE SABER DISSO QUE VOCÊ PESQUISA ISSO. TEM A QUESTÃO DO POSTO SETE QUE LÁ ROLA MUITO, É MUITO CONSUMO DE DROGA. E TEM UM POSTO POLICIAL ALI E EU NUNCA VI NENHUMA APREENSÃO NEM NADA. TEM UM GRUPO LÁ QUE CONSOME DROGAS. TEM UM BARZINHO ALI, NUMA DAQUELAS PALHOÇAS E LOGO ATRÁS TEM UM GRUPINHO QUE TÁ QUASE SEMPRE CONSUMINDO DROGA, É DIRETO. A POLÍCIA FICA POR ALI. EU NÃO SEI O QUE É, NÃO SEI SE É COMPLÔ, NÃO SEI SE É ALGUMA COISA, SÓ SEI QUE SEMPRE ACONTECE E OS POLICIAIS FICAM SEM FAZER NADA.

- QUEM É QUE VENDE ALI?
- DEVE SER ALGUM TRAFICANTE.

- DEVE TER ALGUM TRAFICANTE?
- DEVE TER ALGUM DA FAVELA. ACHO QUE NEM PRECISA SER DA FAVELA.

- VOCÊ ACHA QUE O TRÁFICO DÁ MAIS ONDE?
- POIS É TIA, EU NÃO SEI. ÀS VEZES TEM PRÓPRIA GENTE DO GRUPO QUE FAZ ALGUMA COISA COM TRAFICANTE PARA VENDER ALI. TEM A PRÓPRIA HISTÓRIA DE VENDER AQUI NO COLÉGIO. NUNCA PRESENCIEI ISSO, MAIS CONTARAM ESSA HISTÓRIA.

- AQUI MESMO HOVE ESSA HISTÓRIA, COMO POR EXEMPLO, NA PORTA OU DENTRO?
- É. NÃO LEMBRO SE FOI AQUI, MAIS A GENTE OUVIU FALAR SOBRE ISSO.

- VOCÊ JÁ IDENTIFICOU CONFLITO NA COMUNIDADE POR CONTA DA QUESTÃO DAS DROGAS?
- OLHA, PELA QUESTÃO DAS DROGAS EU NÃO SEI DIZER EXATAMENTE MAIS CREIO QUE SIM, GRITARIA ASSIM, PRESEGUIÇÃO, ASSALTO. A GENTE PODE DIZER QUE É MUITO PROVÁVEL QUE SEJA POR QUESTÃO DE DROGAS. AGORA DIZER QUE É É MAIS COMPLICADO.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE CONSOME?
- OLHA, CONHEÇO, CONHEÇO.

- DO CÍRCULO DE AMIZADE?
- BEM, DO CÍRCULO DE AMIZADE O CONSUMO É MAIS DE ÁLCOOL, ENTENDEU?

- E QUAL O OUTRO TIPO DE DROGA QUE TERIA?
- NÃO, NO MEU CÍRCULO DE AMIZADE PRÓXIMO NÃO CONHEÇO NINGUÉM QUE USA, ENTENDEU, ALÉM DO ÁLCOOL. SE ACONTECESSE DE USAR SERIA NO MÁXIMO MACONHA POR QUE O PESSOAL É MAIS ELUCIDADO NESSA QUESTÃO. A GENTE SEMPRE CONVERSA SOBRE ISSO ABERTAMENTE.

- PARA NÃO PASSAR DA MACONHA, NO CASO?
- NÃO, PARA NÃO PASSAR DO ÁLCOOL.

- ENTÃO VOCÊS VEEM PROBLEMA NAS OUTRAS DROGAS?
- É. EU TENHO MINHAS CURIOSIDADES MAIS PRIMEIRO PROCURO CONHECER SOBRE ISSO, ENTENDEU, SABER O MAL QUE ELAS PODEM TRAZER, A DEPENDÊNCIA QUE ELAS CAUSAM. AÍ SEMPRE QUE UM AMIGO MEU VEM DIZER QUE TEM UMA CURIOSIDADE A GENTE CONVERSA SOBRE ISSO E TAL.

- VOCÊ JÁ CONSUMIU ALGUMA VEZ?
- NÃO. JÁ TIVE MINHAS OPORTUNIDADES MAIS RECUSEI.

- SÓ O ÁLCOOL, NO CASO?
- É.

- POR QUE VOCÊ RECUSOU?
- EU NÃO SEI, SINCERAMENTE. COM RELAÇÃO A MACONHA EU TENHO UMA CURIOSIDADE DE EXPERIMENTAR. JÁ TIVE OPORTUNIDADES E NA HORA EU OLHEI ASSIM E NÃO QUIS. EU PENSO ASSIM MUITO: SE EU FOSSE EXPERIMENTAR EU QUERO UMA COISA QUE SEJA DE BEM COMIGO MESMO, ENTENDEU? QUE EU NÃO VÁ COMPRAR DE UM CARA, DE UM TRAFICANTE QUE EU SEI QUE VAI USAR AQUELE DINHEIRO DA PIOR FORMA, ENTENDEU? ASSIM, SE EU PUDESSE TERIA UMA PLANTINHA, ENTENDE, USARIA SEM PROBLEMA.

- ENTÃO VOCÊ VER O PROBLEMA DAS DROGAS NO TRÁFICO?
- MUITO.

- PORQUE VOCÊ ACHA QUE É O TRÁFICO.
- PORQUE A GENTE SABE QUE O TRÁFICO ELE ALICIA VÁRIOS TIPOS DE VIOLÊNCIA. TRÁFICO MANTÉM TODA UMA ESTRUTURA CRIMINAL. ELE... ELE GERA VÁRIOS OUTROS TIPOS DE PROBLEMA, TANTO DE SAÚDE PORQUE ELE SE MANTÉM ATRAVÉS DO VÍCIO DAS PESSOAS E TANTO POR QUERER MANTER AQUILO ATRAVÉS DA VIOLÊNCIA, ATRAVÉS DE VÁRIOS MEIOS QUE A GENTE SABE QUE É RUIM TAMBÉM.

- POR QUE VOCÊ ACHA QUE EXISTE O TRÁFICO?
- OLHA, EU DIRIA QUE O TRÁFICO TÁ MUITO LIGADO A ILEGALIDADE, PELO FATO DA DROGA SER ILEGAL. E... É NATURAL VOCÊ TER CONSUMIDORES PARA CERTO TIPO DE DROGA QUE É ILEGAL E, COMO MUITOS VEEM ISSO COMO OPORTUNIDADE DE LUCRO ELES VÃO E FAZEM ISSO O LUCRO DELES. FAZEM CIRCULAR PRODUTOS QUE SÃO ILEGAIS. COMO O ESTADO NÃO PODE COMERCIALIZAR, ELES FAZEM NO LUGAR DO ESTADO.

- ACABAM SE APROVEITANDO?
- É. EU NÃO DEFENDO A LEGALIZAÇÃO, MAIS...

- PORQUE?
- PORQUE EU NÃO ACHO O BRASIL PREPARADO.

- COM É ESTAR PREPARADO?
- ESTAR PREPARADO É ESTAR INFORMADO, CONSCIENTE, ENTENDEU? PORQUE A GENTE PODE IMAGINAR: SE HOUVESSE UMA LEGALIZAÇÃO AGORA O USO IRIA TRIPLICAR, PORQUE TODOS QUE TINHAM DE CERTO MODO ESSA CURIOSIDADE IRIA AO MESMO TEMPO... EU ACHO QUE COM A LEGALIZAÇÃO A DROGA IA ESTÁ NO ESTADO MAIS PURO, NÃO IA TER TODA AQUELA MISTURA QUE É FEITA.

- ESSA MISTURA VOCÊ ACHA QUE COMPLICA?
- É. O QUE EU ACHO É QUE VOCÊ NÃO PODE MANTER UMA SOCIEDADE QUE É DEPENDENTE, ENTENDEU? AÍ TERIA QUE FAZER UMA CAMPANHA CONTRA O USO.

- VOCÊ ACHA QUE UMA CAMPANHA RESOLVERIA?

- A CAMPANHA TÁ LIGADO A VÁRIAS COISAS, TÁ LIGADO A... FORA TODA A PROPAGANDA. TÁ LIGADA A DIFUNDIR ENTRE CÍRCULOS. POR EXEMPLO, ENTRE AMIGOS QUE SABE, CONVERSA COM OUTRO. O BOCA A BOCA É MUITO IMPORTANTE.

- POR QUE VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS CONSOMEM DROGAS?
- EU ACHO QUE SÃO INÚMEROS MOTIVOS. A FUGA.

- FUGA DE QUE?

- POIS É, ESSES SÃO OS VÁRIOS MOTIVOS. FUGA DE UMA SITUAÇÃO ECONOMICAMENTE FALANDO, OU AMOROSAMENTE FALANDO. MAIS ASSIM, FUGA DE UM DESCONFORTO QUE TEM COM ALGUMA COISA QUE ACONTECEU, ALGUMA DECEPÇÃO MUITO GRANDE E QUE ELE ARRUMOU UM MEIO DE FUGIR DISSO ATRAVÉS DAS DROGAS.

- VOCÊ IDENTIFICA ISSO ENTRE SEUS AMIGOS?
- NÃO, NÃO VEJO ISSO NELES NÃO.

- VOCÊ NÃO FALOU QUE CONHECE ALGUMAS PESSOAS QUE CONSOMEM DROGAS? ESSA FUGA SERIA UM DOS MOTIVOS?

- CREIO QUE NÃO. O MOTIVO DELES SERIA A QUESTÃO DA CURIOSIDADE MESMO. AQUELA VELHA HISTÓRIA, QUER SABER COM É, EXPERIMENTAR.

- E A FUGA É PARA QUEM?

- É PARA UMA PESSOA QUE TÁ PASSANDO POR UMA COISA RUIM, UMA DECEPÇÃO MUITO GRANDE, UMA COISA QUE ABALOU MUITO A VIDA DELA, ENTENDE, E ELA NÃO CONSEGUE SE MANTER. TÁ PASSANDO POR UMA CRISE, SEJA PSICOLÓGICO, SEJA O QUE FOR, UMA CRISE. TÁ NUM ESTADO, SABE, DOR MUITO FORTE E, DE ALGUM MODO, QUER FUGIR DISSO E ACREDITA QUE DE ALGUM MODO A DROGA PODE TRAZER ISSO, PODE LEVAR ELA FORA DESSE ESTADO DE DOR.

- COMO ELES CONSEGUEM ESSA DROGA?

- OLHA TIA, EM QUESTÃO DO ÁLCOOL O PESSOAL CONSEGUE, INCLUSIVE EU, ATRAVÉS DE DEPÓSITO DE BEBIDA QUE TEM ESPALHADO PELA CIDADE.

- MESMO DE MENOR VOCÊS CONSEGUEM ENCONTRAR FACILMENTE?

- ÀS VEZES ALGUM TEM A CARA DE MAIOR DE IDADE. ASSIM, ACABAM... NÃO PEDEM IDENTIDADE E CONSEGUEM COMPRAR FACILMENTE.

- E NO CASO DAS ILÍCITAS?

- OLHA, EU NUNCA PERGUNTEI COMO ELES CONSEGUIAM, MAIS A MAIORIA, PELO QUE EU SOUBE DE AMIGO AQUI E DE AMIGO ALI, A MAIORIA É ATRAVÉS DOS PRÓPRIOS AMIGOS TAMBÉM. ALGUM AMIGO QUE É LIGADO A ISSO, QUE PODE CHEGAR E FALAR AÍ CONSEGUEM PARA ELE, ENTENDEU? AÍ ELE CHEGA E PERGUNTA: AÍ, VOCÊ NÃO PODE ARRUMAR UM NEGÓCIO? AÍ O AMIGO VAI E DESENROLA.

- COMO É QUE VOCÊ ACHA QUE A PESSOA COMEÇA A USAR PELA PRIMEIRA VEZ?

- OLHA, EU DIRIA QUE É PELOS AMIGOS. EU NÃO CONHEÇO NINGUÉM, ASSIM, QUE REALMENTE É LIGADO AO TRÁFICO. QUEM CONSOME É LIGADO, MAIS ASSIM, É LIGADO PORQUE CONSOME. ELE TÁ AÍ FINANCIANDO MAIS ELE NÃO É LIGADO A TODOS OS MEIOS. ELE CONSOME.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE MORREU POR CONTA DE DROGA?

- NÃO.

- NEM QUE TEVE PROBLEMA COM O TRÁFICO?

- NÃO TAMBÉM.

- E COM A POLÍCIA?

- COM A POLÍCIA TAMBÉM NÃO. ASSIM, O PESSOAL QUE USA ANDA ESCONDIDO. ELES NÃO ANDAM COM DROGAS NO BOLSO, NEM NADA. ALGUNS TEM EM CASA. ALGUNS TEM PAIS QUE

SABE, TEM PAI OU MÃE QUE NÃO APOIA E ENTENDE O USO DA MACONHA PELO FILHO E TENTA FAZER UMA COISA EQUILIBRADA, FAZER QUE ELE TENHA UM CONSUMO CONSCIENTE.

- EU COSTUMO DIFERENCIAR O CONSUMO DE DROGAS DESSA ÉPOCA E A DA ÉPOCA DOS SEUS PAIS. NÃO SEI SE VOCÊ CONCORDA COM ISSO?

- UM AUMENTO E UMA TROCA DE DEFINIÇÃO.

- COMO É QUE VOCÊ EXPLICA ISSO?

- A GENTE PODE PEGAR UM EXEMPLO DE COMO AS DROGAS COMEÇARAM, COMO ELAS TIVERAM UM RUMO. POR EXEMPLO, ANOS 60, POR ALI, QUESTÃO DOS HIPPIES. A GENTE SABE QUE AS DROGAS ALI NAQUELE PERÍODO TAVA MUITO LIGADA MAIS A UMA BUSCA DA PRÓPRIA PESSOA. ERA MUITO LIGADA A QUESTÕES HUMANAS. ALI TEM UMA BUSCA, TINHA TODO UM TRABALHO PARA AQUILO. E A GENTE VER A DROGA PASSAR HOJE ASSIM UMA COISA, ASSIM UMA COISA, UMA FUGA, ÀS VEZES UMA COISA PARA LHE DEIXAR SIMPLEMENTE DOIDÃO. NÃO SEI EXPLICAR DIREITO.

- VCÊ VER DIFERENÇAS NAS CONSEQUÊNCIAS DAQUELA ÉPOCA PARA AS DE HOJE?

- AS CONSEQUÊNCIAS DE CERTA FORMA SÃO AS MESMAS: QUESTÃO DE SAÚDE. ACABAM COM A SAÚDE DO MESMO JEITO. DEPENDÊNCIA, É A MESMA DEPENDÊNCIA. O QUE LEVAVA A PESSOA A USAR ERA OUTRO MOTIVO. HOJE EM DIA TÁ, OBVIAMENTE, MAIS DIFUNDIDO, É MAIS FÁCIL DE CONSEGUIR PORQUE TEM MAIS ACESSO, PORQUE TEM MAIS NÚMERO, TEM TODA UMA ESTRUTURA, SÃO MAIS VARIADAS, TEM AS MISTURAS QUE DEIXAM UM EFEITO MAIOR E CAUSAM UMA MAIOR DEPENDÊNCIA. EU ACHO QUE O TRÁFICO TÁ MAIOR HOJE.

- PORQUE ELE TÁ MAIOR HOJE?

- PORQUE ELE TÁ MAIS INTERLIGADO, EM DIFERENTES PAÍSES, EM VÁRIAS REGIÕES DO MUNDO.

- VOCÊ ACHA QUE A PESSOA QUE NÃO CONSOME DROGAS É AFETADA PELO ALTO CONSUMO DE DROGAS?

- A VIOLÊNCIA.

- COMO É ESSA VIOLÊNCIA?

- TEM MUITA GENTE QUE É LEVADA A ROUBAR PORQUE TÁ DEPENDENTE. O CRACK, POR EXEMPLO, MUITA GENTE, A MAIORIA, PERDE A NOÇÃO E SÓ VIVEM EM BUSCA DO CRACK, TAMANHA A DEPENDÊNCIA. ELE ROUBA, MATA, VENDE A CASA, VENDE A MÃE, VENDEM TUDO.

- VOCÊ CONHECE ALGUÉM NESSA ÁREA QUE ROUBA PARA CONSUMIR?

- NÃO, NUNCA VI. ASSIM, TEM AMIGOS DE CONHECIDOS, JÁ HOVERAM MORTES. CONHECI UM CARA EM FOZ DE IGUAÇU QUE TAVA FALANDO SOBRE O CONSUMO DE CRACK COMIGO E ELE EXPLICANDO QUE OS VÁRIOS AMIGOS QUE ELE TINHA SÓ SOBRARAM TRÊS.

- VOCÊ ACHA QUE OS EFEITOS MAIS PERVERSOS DAS DROGAS SE DÃO MAIS EM QUE PARTE DA CIDADE?

- OLHA, A GENTE, A GENTE VER MUITO O USO NAS FAVELAS, TANTO POR QUESTÃO DE SE OBTER, QUESTÃO DE DIFÍCIL ACESSO DA POLÍCIA, A POLÍCIA DIFICILMENTE VAI LÁ, VOCÊ TEM MAIS ACESSO, COMO VOCÊ TEM EM ÁREAS NOBRES ISSO. ACHO QUE TÁ MAIS DIFUNDIDO NA FAVELA. SEM QUERER DISCRIMINAR NEM NADA, O ACESSO LÁ É MAIS FÁCIL.

- VOCÊ ACHA QUE A POLÍCIA ANDA MAIS AQUI DO QUE LÁ?

- OLHA, A POLÍCIA DIZ QUE É EM TODO CANTO. TEM AS RONDAS POLICIAIS AQUI, TEM AS RONDAS POLICIAIS LÁ, AGORA POR SER A FAVELA É MAIS DIFÍCIL O ACESSO A ELA. E TAMBÉM TEM A CORRUPÇÃO DENTRO DA POLÍCIA.

- VOCÊ ACHA QUE A POLÍCIA ENTRA DENTRO DO TRÁFICO TAMBÉM?

- OLHA, ENTRA DE UMA FORMA QUE PERMITE, SEJA NO SUBORNO, SEJA LÁ O QUE FOR, DE CERTO MODO PERMITE.

- ENTÃO VOCÊ VER PROBLEMA NAS DROGAS?

- PRINCIPALMENTE AS DROGAS FORTES, QUE REALMENTE PREJUDICA. DROGAS FORTES SEMPRE HOVERAM, MAIS ELAS ESTÃO MAIS DIFUNDIDAS.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVERIA SER FEITO PARA AMENIZAR ESSE PROBLEMA?

- OLHA, TEM UMA COISA QUE EU POSSO FALAR... A GENTE PODE FALAR SOBRE TODOS OS PROBLEMAS, NÃO SÓ DROGAS, E A GENTE NO DECORRER QUE FALA PODE LIGAR A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO. A GENTE, ASSIM, DENTRO DA ESCOLA A GENTE PODE INFORMAR O JOVEM, ENTENDEU? EU NÃO ACREDITO QUE A GENTE VÁ ACABAR COM 100% DO USO. SEMPRE VAI HAVER ALGUÉM QUE USA E TUDO MAIS. MAS A GENTE PODE INFORMAR OS JOVENS A PONTO DE SABER O QUE ELE TÁ FAZENDO, A PONTO DE SABER O QUE ELE TÁ FAZENDO, ELE SABER O QUE TÁ VINDO PARA ELE. A EDUCAÇÃO QUE NÃO É SÓ NO COLÉGIO, QUE É NA FAMÍLIA TAMBÉM, QUE VAI CONVERSAR SOBRE ISSO. EU TENHO UM PAI QUE CONVERSA SOBRE ISSO, CONVERSO COM MEU PAI SOBRE MINHA CURIOSIDADE.

- NA SUA CASA TEM DIÁLOGO?

- TENHO COM ELE.

- VOCÊ ACHA QUE ISSO AJUDA A NÃO ENTRAR NAS DROGAS?

- É, PELO MENOS A TOMAR UMA DECISÃO CONSCIENTE. SE EU FOR CHEGAR A USAR EU PENSAR NAS CONSEQUÊNCIAS, EU SABER O QUE EU TÔ FAZENDO, DECIDIR ARCAR COM AQUILO.

- ENTÃO VOCÊ ACHA QUE ESSA ÉPOCA É DE POUCA INFORMAÇÃO?

- É, É UMA ÉPOCA QUE A GENTE SABE QUE O ENSINO NÃO É DE QUALIDADE. E É UM PROBLEMA QUE JÁ VEM HÁ MUITO TEMPO. ISSO CONTRIBUI NÃO SÓ NA QUESTÃO DAS DROGAS, MAIS NA QUESTÃO DA SOCIEDADE COMO UM TODO.

- MAIS ESSE PROBLEMA NO ENSINO TÁ LOCALIZADO ONDE? VOCÊ PRESENCIA ISSO NA SUA ESCOLA?

- NÃO, EU TENHO ENSINO DE QUALIDADE AQUI. A MAIORIA DAS ESCOLAS PRIVADAS CARAS TEM UM BOM ENSINO. AGORA A MAIORIA DA POPULAÇÃO NÃO TEM ACESSO A ESSE ENSINO. E A ESCOLA PÚBLICA TEM UM ENSINO MAIS DEFICIENTE.

- VOCÊ ACHA QUE O CONSUMO TÁ MAIS ONDE?

- ACHO QUE O CONSUMO TÁ MAIS DE CLASSE BAIXA. A GENTE TEM UM PESSOAL DE CLASSE ALTA QUE USUFRUI, QUE EU ACHO ATÉ PIOR...

- POR QUE É PIOR?

- PORQUE SÃO ELES REALMENTE QUE FINANCIAM. ELES TEM TODAS CONDIÇÕES DE RECUSAR AQUILO E LASCAM A PRÓPRIA VIDA DESSE MODO. TODAS AS CONDIÇÕES DE UMA VIDA BOA.

- ENTÃO NA PERIFERIA SERIA MAIS JUSTIFICÁVEL O USO?

- É, VOCÊ TEM MAIS MOTIVOS PARA INTERLIGAR ISSO. PODE LIGAR AS POLÍTICAS PÚBLICAS TAMBÉM E ETC.

- A FALTA DELA?

- É SEMPRE UMA REGIÃO MARGINALIZADA, UMA REGIÃO DESPROVIDA DE SANEAMENTO, DESPROVIDA DE POLÍTICAS SOCIAIS, TANTO QUE NÃO É URBANIZADA.

- ISSO VAI AJUDAR NO CONSUMO E NO TRÁFICO?

- ISSO AJUDA. É UM LUGAR DE DIFÍCIL ACESSO DA POLÍCIA. EU GOSTO DE DISTINGUIR A FORMA COMO AS PESSOAS USAM. A GENTE SABE QUE MUITA PESSOA FUMA MACONHA MAIS FUMA DE UMA FORMA QUE NÃO SE PREJUDICA. É CURIOSO POIS É UMA DROGA QUE TRÁS DEPENDÊNCIA, E TODAS ESSAS COISAS, E ELA USA DE UMA FORMA CONSCIENTE, TRABALHADA, SABE DOS RISCOS QUE PODE TER E FICA NUMA BOA. É COMO SE FOSSE O CIGARRO. ÀS VEZES O CIGARRO É ATÉ PIOR, COM TODAS AS SUBSTÂNCIAS QUE CONTÉM.

- ESSE CONSUMO ENTÃO NÃO TERIA PROBLEMA?

- ACHO QUE NÃO. SE A PESSOA SABE DE ONDE VEM.

- E ESSA FORMA NÃO SUSTENTA O TRÁFICO?
- É, JUSTAMENTE, SE A PESSOA SABE DE ONDE VEM. EU, POR EXEMPLO, SE EU FOSSE USAR, EU TERIA UMA PLANTA EM CASA, UM CANABIS. CRIARIA ELA E QUANDO QUISESSE EU USARIA. EU NÃO QUERO NUNCA NA MINHA VIDA TER QUE CONTRIBUIR COM TODA ESSA COISA.

- ENTÃO O PROBLEMA SERIA O TRÁFICO?
- É. O TRÁFICO, POR EXEMPLO, TIRA A PUREZA DELA.

- QUAL A PIOR DROGA QUE VOCÊ ACHA?
- ATUALMENTE É O CRACK.

- TEM MUITO EM MACEIÓ?
- TEM EM TODO BRASIL, PRINCIPALMENTE NA FRONTEIRA. OS JORNAIS SABEM DISSO, JÁ APARECEU NO FANTÁSTICO ACHO, VEM DO PARAGUAI. É UMA COISA QUE VOCÊ NÃO TEM COMO PARAR. O CRACK É UMA DROGA PEQUENA, SÃO PEQUENAS PEDRAS, E UMA COISA DEQUELA VOCÊ PODE COLOCAR NA CARTEIRA DE CIGARRO, BOTAR CIGARRO EM CIMA, BOTAR NA CUECA, BOTAR NO SEU BOLSO, BOTAR NA MEIA, NO SAPATO E CHEGAR LÁ NA FRONTEIRA. SE OS GUARDAS PARAREM O SEU CARRO ELAS COM CERTEZA NÃO VÃO REVISTAR O BOLSO DE CADA PESSOA QUE VAI ATRAVESSAR A FRONTEIRA, ELAS NÃO TEM COMO FAZER ISSO. ELAS PODEM DIMINUIR A QUANTIDADE MAIS ACABAR DE VEZ É COMPLICADO.

- ENTÃO FISCALIZAR A FRONTEIRA SERIA UMA DAS MEDIDAS?
- É, ELAS ESTÃO FISCALIZANDO MAIS, PRINCIPALMENTE LÁ NO PARAGUAI, PORQUE EU JÁ FUI LÁ UMA VEZ, E LÁ É UMA COISA BRAVA.

- BRAVA COMO?
- TRÁFICO, CORRUPÇÃO, VENDA DE PRODUTOS, CONTRABANDO.

- TEM A VIOLÊNCIA QUE TEM NO BRASIL?
- DEVE TER. EU NÃO PASSEI UM DIA LÁ INTEIRO, EU PASSEI UMA TARDE INTEIRA LÁ. FUI COMPRAR UNS PRODUTOS LÁ, UNS CONTRABANDOS. O TRÁFICO É UMA ATIVIDADE ILÍCITA, QUE GERA LUCROS, QUE PARA SE MANTER ELA SE COMPACTUA COM TODO O SISTEMA, USA DE JUÍZES, USA DE POLÍTICOS, DE PESSOAS DAS CIDADES DE UMA FORMA QUE SE MANTENHA E CONSIGA MANTER SUAS ATIVIDADES. PODE DIZER QUE É ILÍCITO. É ILÍCITO MAIS É COMÉRCIO DA MESMA FORMA. O CURIOSO É QUE... A GENTE PODE PEGAR O EXEMPLO DO RIO DE JANEIRO, ELE ATUA COMO UM SEGUNDO ESTADO, MUITAS VEZES, QUE A GENTE VER QUE MUITA GENTE VER UMA FORMA MAIS FÁCIL DE GANHAR DINHEIRO ATRAVÉS DO TRÁFICO DE DROGAS DE QUE QUALQUER OUTRA ATIVIDADE.

- É COMO UM ESTADOPARALELO?
- É. A GENTE SABE QUE TEM MUITA GENTE HONESTA, QUE MESMO ASSIM PREFERE TRABALHAR NUM MUNDO HONESTO, QUE MESMO PASSANDO NECESSIDADE NÃO ROUBA, LUTAM POR SEU DINHEIRO. MAIS A GENTE SABE QUE TEM MUITA GENTE DESONESTA E VER O TRÁFICO COMO OPORTUNIDADE DE ASCENSÃO. É UM DINHEIRO FÁCIL, É DINHEIRO RÁPIDO, ENTENDEU, E ÀS VEZES É USUÁRIO TAMBÉM, É DROGA FÁCIL. E AÍ NÃO PRECISA ESTUDAR, NÃO PRECISA PASSAR TODA A INFÂNCIA, TODA A ADOLESCÊNCIA NUM COLÉGIO, ENTENDEU, QUE VER O COLÉGIO COMO UMA COISA RUIM.

- VOCÊ TEM AMIGOS NA PERIFERIA?
- OS AMIGOS DA CRUZ DAS ALMAS SÃO MAIS OU MENOS DA PERIFERIA. ELAS MORAM NO DOM ADELMO. É UM PESSOAL QUE NÃO É BOM DE VIDA MAIS TAMBÉM NÃO É RUIM.

- MAIS E NAS FAVELAS VOCÊ CONHECE ALGUÉM?
- NÃO. EU CONHEÇO MAIS PELO TRABALHO VOLUNTÁRIO.

- MAS NA FAVELA VOCÊ JÁ ENTROU?
- NA FAVELA EU TER ENTRADO... OLHA, QUE EU LEMBRE NÃO. SÓ POR PERTO, QUESTÃO DO JACINTINHO, QUE TEM AQUELA RUA PRINCIPAL DO COMÉRCIO E TUDO ALI ENVOLVE FAVELA.

- VOCÊ TEM MEDO DESSAS QUESTÕES DE DROGAS?
- OLHA, ATÉ QUE NÃO. CURIOSO É QUE ATÉ ME PARARAM PARA PERGUNTAR SE EU TINHA DROGA PARA VENDER. NO CASO ASSIM, EU ANDO MAIS OU MENOS DE UM JEITO ASSIM.

- E OS CABELOS, NÉ?
- É. OS CABELOS, AS ROUPAS. EU NÃO FAÇO QUESTÃO DE ANDAR ARRUMADO NEM NADA. VOU AO POSTO SETE, ANDO NUMA BOA, ANDO TRANQUILO, NÃO TENHO PRECONCEITO COM NINGUÉM.

- ENTÃO AS PESSOAS JULGAM PELA APARÊNCIA?
- É, ÀS VEZES. AÍ, POR EXEMPLO, EU TÔ SENTADO NO PONTO DE ÔNIBUS ESPERANDO UM AMIGO, AÍ VEM UM CARA E DIZ: OLHA, VOCÊ TEM UM BASEADO PARA VENDER NÃO SEI O QUÊ. AÍ EU DISSE: OLHA, NÃO TENHO NÃO, DESCULPA AÍ. É NORMAL.

- VOCÊ TEM MEDO DE SAIR NA RUA?
- OLHA, A GENTE SEMPRE TEM. A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA QUE TÁ HOJE. JÁ FUI ASSALTADO AJUDANDO PESSOAS, DANDO COMIDA. FOI UMA COISA QUE ME DEIXOU MEIO ASSIM. EU TENHO RECEIO. DEPOIS QUE A GENTE É ASSALTADO A GENTE... EU NÃO SEI EXPLICAR MAIS A GENTE FICA MEIO COM RECEIO. QUALQUER PESSOA QUE CHEGA, PRINCIPALMENTE UMA PESSOA POBRE. EU NÃO GOSTO DE SENTIR ISSO MAIS A GENTE SENTE.

- PELA APARÊNCIA VOCÊ CONSEGUE IDENTIFICAR QUANDO UMA PESSOA USA DROGA?
- OLHA, SÓ SE A PESSOA TIVER REALMENTE USANDO. NÃO TENHO COMO DIZER ASSIM.

- MAS AS PESSOAS FAZEM ISSO, NO CASO SE CONFUNDIRAM VOCÊ.
- É PURO PRECONCEITO. PELA SUA ROUPA, PELO SEU JEITO DE SER DIZER QUE USA DROGA, DIZ QUE VOCÊ É MACONHEIRO PORQUE VOCÊ FALA MUITO EM PAZ, NÃO SEI O QUÊ, ISSO É PRECONCEITO.

- DROGA DEVE ROLAR MUITO EM SHOW?
- É.

- QUAL O TIPO DE SHOW QUE DEVE ROLAR?
- OLHA, O REGGUE TEM MUITA LIGAÇÃO COM A DROGA, COM A MACONHA. ELES DEFENDEM MUITO A LEGALIZAÇÃO, ELES ENCARAM DROGA DE UMA OUTRA FORMA. A PRÓPRIA RELIGIÃO RASTAFARI ENCARA A MACONHA COMO UMA ATIVIDADE SAGRADA.

RICARDO- ESCOLA PRIVADA- SEXO MASCULINO

- SÉRIE?
- 3 ANO.

- IDADE?
-16 ANOS.

- TEM MÃE E PAI?
- SIM.

- MORA COM OS DOIS?
- SIM.

- VOCÊ TEM IRMÃOS?
- NÃO, SOU FILHO ÚNICO.

- QUAL A PROFISSÃO DO SEU PAI?
- MEU PAI TEM UMA LOJA.

- E SUA MÃE?
- TRABALHA COM ELE NA LOJA.

-VOCÊ SABE A QUAL A RENDA FAMILIAR?
- NÃO TENHO IDÉIA MAIS ACHO QUE É MUITO, A LOJA DELE É BOA, VENDE MUITO.

- VOCÊ TRABALHA?
- NÃO, SÓ ESTUDO.

- PRATICA ALGUM ESPORTE?
- EU JOGO HANDEBOL NA ESCOLA E FAÇO MUSCULAÇÃO NUMA ACADEMIA PERTO DE CASA.

- O HANDEBOL É NA ESCOLA?
- É.

- VOCÊ TEM ALGUMA RELIGIÃO?
- SOU BATIZADO NA CATÓLICA MAIS NÃO FREQUENTO A IGREJA NÃO.

- PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ARTÍSTICO?
- NÃO.

- VOCÊ MORA EM QUE BAIRRO?
- MORO NA PONTA VERDE.

- É PRÓXIMO A PRAIA?
- É.

- DESCREVA COMO É O SEU DIA-A-DIA, DE SEGUNDA À SEXTA?
- ESTUDO PELA MANHÃ, À TARDE FAÇO CURSINHO PARA O VESTIBULAR, ÀS VEZES TENHO TREINO NA ESCOLA, À NOITE VOU PARA A ACADEMIA. TEM NOITE QUE EU FICO CONVERSANDO COM OS AMIGOS, FICO NO COMPUTADOR, ESSAS COISAS.

- E NOS FINAIS DE SEMANA, O QUE VOCÊ FAZ?
- SAIO COM OS AMIGOS, ÀS VEZES PREFIRO FICAR EM CASA.

- PORQUE VOCÊ ÀS VEZES FICA EM CASA?
- PORQUE ÀS VEZES NÃO TEM MUITA COISA BOA PARA FAZER, A CIDADE NÃO TEM MUITA OPÇÃO PARA FAZER. SEI LÁ, ÀS VEZES VOU PARA ALGUMA FESTA E É A MESMA COISA, SÓ SE VER GENTE ENCHENDO A CARA, NÃO GOSTO MUITO NÃO.

- OS LUGARES QUE VOCÊ VAI GERALMENTE TEM BEBIDA?
- TEM, ESSES SHOWS MESMO DE FORRÓ SÓ TEM BEBIDA. ACONTECE TANTA BRIGA POR CONTA DISSO, É O QUE MAIS TEM.

- É POR ISSO QUE VOCÊ NÃO SAI ÀS VEZES?
- EU ACABO SAINDO PORQUE NÃO TEM PARA ONDE IR.

- VOCÊ BEBE NESSES LUGARES?
- ASSIM, BEBO MAIS NÃO FICO ARRUMANDO CONFUSÃO POR AÍ, FICO SEMPRE NA MINHA.

- O QUE VOCÊ BEBE?
- BEBO MAIS CERVEJA.

- SEUS AMIGOS BEBEM?
- QUASE TODOS BEBEM NESSAS FESTAS, NESSES SHOWS.

- ELES SE METEM NESSAS CONFUSÕES QUE VOCÊ FALOU ANTERIORMENTE?
- NÃO, MEUS AMIGOS NÃO, ELES SÃO MAIS TRANQUILOS. ASSIM, CONHEÇO ALGUNS MAIS NÃO SÃO ASSIM AMIGO MESMO, SÃO AQUELES QUE FALO, CONHEÇO, VEJO DE VEZ EM QUANDO, ESSES É QUE ARRUMAM CONFUSÃO, BRIGAM QUANDO BEBEM, FICAM DOIDÃO, PEGAM CARRO BÊBADO, SÃO DOIDOS.

- ENTÃO VOCÊ PRESENCIA BRIGAS NESSES LOCAIS POR CONTA DO ÁLCOOL?
- NÃO É SEMPRE QUE TEM BRIGA. ÀS VEZES TEM UMA CONFUSÃO, UM EMPURRA O OUTRO SEM QUERER MAIS NÃO DÁ EM BRIGA, OS AMIGOS SEMPRE EVITAM DE BRIGAR. SE NÃO FOSSE ISSO ERA BRIGA DIRETO.

- NESSES LUGARES QUE VOCÊ ANDA HÁ CONSUMO DE OUTRAS DROGAS?
- EU SÓ VEJO MAIS ÁLCOOL. ASSIM, ACHO QUE ALGUNS DEVEM CONSUMIR MACONHA, SEI LÁ, MAIS A GENTE VER MAIS ÁLCOOL, PRINCIPALMENTE CERVEJA.

- SEUS AMIGOS CONSOMEM OUTRAS DROGAS ALÉM DO ÁLCOOL?
- AMIGOS PRÓXIMOS MESMO ACHO QUE NÃO, EU SÓ VEJO MAIS CERVEJA, CACHAÇA, ESSAS COISAS. PELO MENOS EU NUNCA PERCEBI DELES.

- VOCÊ CONSOME ALGUMA OUTRA DROGA ALÉM DO ÁLCOOL?
- NÃO.

- ALGUÉM NUNCA LHE OFERECEU?
- NÃO. É PORQUE É ASSIM, MEUS AMIGOS MESMOS NÃO USAM DROGAS. AGORA EU TENHO AMIGO QUE JÁ OFERECERAM A ELE, UNS AMIGOS DELE.

- SÃO MAIS OS AMIGOS QUE OFERECEM?
- É.

- QUANDO VOCÊ SAI PARA BEBER VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUM ACIDENTE DE TRÂNSITO POR CONTA DO CONSUMO EXAGERADO DE ÁLCOOL?
- EU JÁ VI MUITA CONFUSÃO NO TRÂNSITO MAIS NÃO SEI SE É POR CAUSA DO ÁLCOOL.

- SEUS AMIGOS JÁ SE ENVOLVERAM EM ALGUM ACIDENTE DE TRÂNSITO POR CONTA DE ÁLCOOL?
- EU TENHO UM AMIGO QUE JÁ BATEU O CARRO DEPOIS QUE SAIU DE UM BAR MAIS NÃO ACONTECEU NADA NÃO, SÓ AMASSOU O CARRO UM POUQUINHO.

- NUNCA PERDEU ALGUM AMIGO POR CONTA DESSA MISTURA DIREÇÃO E ÁLCOOL?
- NÃO, ASSIM, JÁ OUVI MUITO FALAR DE PESSOAS NOVAS QUE MORRERAM NO TRÂNSITO DEPOIS DE BEBER MAIS NÃO ERA AMIGO MEU NÃO.

- E AS OUTRAS DROGAS, JÁ PERDEU ALGUM AMIGO?
- NÃO.

- ME FALE UM POUQUINHO COMO É A SUA ESCOLA, COMO É O FUNCIONAMENTO DELA?
- FUNCIONAMENTO ASSIM COMO?

- COMO É O PRÉDIO, ELE É LIMPO, TEM MUITOS FUNCIONÁRIOS, ESSAS COISAS?
- ELA É BEM LIMPA, É GRANDE, SEMPRE TEM ALGUÉM LIMPANDO. TEM MUITOS FUNCIONÁRIOS COM AQUELE APARELHO CHAMADO DE WALK TOQUE AVISANDO QUANDO TEM ALGUM PROBLEMA, QUANDO TEM ALGUMA SUJEIRA NA ESCOLA, POR EXEMPLO. AS SALAS TEM COMPUTADOR, DATA SHOW. É UMA ESCOLA MUITO ORGANIZADA.

- E OS PROFESSORES, A ESCOLA TEM TODOS OS PROFESSORES DAS DISCIPLINAS?
- COMO ASSIM?

- TEM ALGUMA DISCIPLINA QUE NÃO EXISTA PROFESSOR?
- NÃO, TODAS TEM PROFESSOR.

- E OS QUE TEM COSTUMAM FALTAR?
- NÃO, É MUITO DIFÍCIL.

- COMO SÃO AS PAREDES DA ESCOLA, SÃO RABISCADAS?
- NÃO, É BEM LIMPA.

- OS ALUNOS NÃO COSTUMAM PIXAR?
- NÃO, ATÉ PORQUE NÃO PODE. TEM MUITO FUNCIONÁRIO OLHANDO, TEM CÂMERAS EM ALGUNS LUGARES DA ESCOLA. SE ELES PIXAREM CERTAMENTE VÃO DESCOBRIR.

- OS ESTUDANTES COSTUMAM QUEBRAR CADEIRAS, ESSAS COISAS?
- TAMBÉM NÃO PORQUE TEM SEMPRE ALGUÉM VIGIANDO.

- VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS PELA ESCOLA?
- NÃO, NUNCA VI NÃO. ASSIM, JÁ OUVI FALAR QUE TEVE ALUNO QUE JÁ FOI PEGO COM LOLÓ NO BANHEIRO. EXPULSARAM ELES, MAS EU NUNCA VI NÃO.

- MAS VOCÊ ACHA QUE OS ESTUDANTES DA SUA ESCOLA NÃO CONSUMEM DROGAS?
- ELES DEVEM USAR MAS NA ESCOLA NÃO PORQUE SÃO DESCOBERTOS.

- ENTÃO ELES CONSUMEM FORA?
- CONSUMEM.

- VOCÊ CONHECE ALGUM?
- ASSIM, EU ESCUTO MUITO FALAR MAS NÃO É MEU AMIGO NÃO.

- VOCÊ SABE QUAIS AS DROGAS?
- SEI LÁ, LOLÓ, MACONHA.

- E O ÁLCOOL?
- HÁ, BEBIDA A MAIORIA BEBE.

- BEBEM NA ESCOLA?
- NÃO, FORA. ASSIM, ÀS VEZES NAS FESTAS DA GENTE TEM BEBIDA.

- DA GENTE COMO?
- DA ESCOLA, DOS ESTUDANTES. QUASE TODO MUNDO BEBE QUANDO VAI PARA ESSAS FESTAS. É MUITO DIFÍCIL NÃO TER ALGUÉM QUE NÃO BEBA. PODE TER UM OU OUTRO QUE NÃO BEBE MAS A MAIORIA BEBE.

- ELES EXCEDEM?
- NEM TODOS, SÓ ALGUNS.

- O QUE ACONTECE QUANDO ELES BEBEM, O QUE ELES FAZEM?

- FICAM CAINDO, RINDO À TOA.
- OS PAIS DESSES ALUNOS SABEM QUE ELES BEBEM?
 - NÃO SEI, ACHO QUE ALGUNS SABEM. MESMO QUE SAIBAM NÃO IMAGINAM O QUE ELES FAZEM QUANDO BEBEM.
- FAZEM O QUE?
 - ASSIM, QUE FICAM CAINDO, ESSAS COISAS.
- SEUS PAIS SABEM QUE VOCÊ BEBE?
 - EU COMECEI A BEBER COM O MEU PAI. TINHA ALGUMAS FESTAS DE FAMÍLIA QUE EU SEMPRE VI ELE BEBENDO JUNTO COM MEUS TIOS. EU E OS MEUS PRIMOS ACABAMOS BEBENDO TAMBÉM NESSAS FESTAS.
- OS PRIMOS QUE VOCÊ FALA SÃO HOMENS?
 - É. TEM ALGUMAS PRIMAS MAIS ELAS NÃO BEBEM.
- PORQUE ELAS NÃO BEBEM?
 - NÃO SEI, ACHO QUE NÃO GOSTAM.
- SERÁ QUE OS PAIS NÃO PERMITEM POR SER MULHER?
 - É, PODE SER. TEM UM TIO MEU MESMO QUE BEBE MAIS DIZ QUE A FILHA NÃO PODE BEBER.
- E ELA NÃO BEBE?
 - SÓ SE ELE BEBE COM OS AMIGOS, NA FAMÍLIA ELA NÃO BEBE NÃO.
- O QUE O SEU TIO DIZ PARA ELA COM RELAÇÃO À BEBIDA?
 - QUE É FEIO MULHER BEBER, QUE SÓ PODE FAZER ISSO QUANDO TIVER DE MAIOR, QUANDO TIVER O DINHEIRO DELA, ESSAS COISAS.
- ELE TEM FILHO HOMEM?
 - NÃO, SÓ ESSA FILHA.
- ELE BEBE COM VOCÊ E SEUS PRIMOS?
 - BEBE. ASSIM, MAIS A GENTE NÃO BEBE MUITO COM ELE NÃO, É MAIS NAS FESTAS.
- VOCÊ TAMBÉM SAI PARA OS BARES?
 - ÀS VEZES SAIO.
- E BEBE NELES?
 - SIM.
- ELES VENDEM PARA VOCÊ QUE É DE MENOR?
 - ELES NUNCA FALAM SOBRE ISSO.
- VOLTANDO UM POUCO PARA A QUESTÃO DA ESCOLA, VOCÊ JÁ IDENTIFICOU ALGUM CONFLITO DENTRO DA ESCOLA, ALGUMA BRIGA ENVOLVENDO ALGUÉM DA ESCOLA?
 - NÃO, QUE EU LEMBRE NÃO.
- VOCÊ MORA PRÓXIMO A ESCOLA?
 - MORO, MAIS ASSIM, SÃO BAIRROS DIFERENTES. MORO NA PONTA VERDE E ESTUDO NUMA ESCOLA QUE É MEIO DIVISA ENTRE PONTA VERDE, SANTO EDUARDO. NÃO É TÃO PERTO PORQUE EU NUNCA VOU ANDANDO, MEU PAI SEMPRE LEVA.
- COMO É O BAIRRO QUE A ESCOLA ESTÁ INSERIDA?
 - É UM BAIRRO BEM MOVIMENTADO, MUITOS BARES, EDIFÍCIOS, AS CASAS SÃO BOAS. É UM BAIRRO BOM.
- VOCÊ IDENTIFICA CIRCULAÇÃO DE DROGAS NELE?

- ASSIM, COMO TEM MUITO BAR BEBIDA É O QUE NÃO FALTA. MAIS ASSIM, OUTRAS DROGAS ACHO QUE TEM TAMBÉM.

- VOCÊ SABE O LOCAL?

- OLHA, ALI PERTO EU NÃO SEI, EU SEI MAIS NA ORLA, NO POSTO SETE, POR EXEMPLO, EU SEI QUE TEM MUITO.

- VOCÊ SABE SE CIRCULA MUITO TRAFICANTE?

- PRETO DA ESCOLA EU NUNCA VI MAIS NA PRAIA TEM MUITO.

- ASSIM, VOCÊ DISSE QUE NÃO CONSUME OUTRAS DROGAS, NEM VOCÊ E NEM SEUS AMIGOS, MAIS VOCÊ CONHECE ALGUÉM QUE TENHA LIGAÇÃO COM O TRÁFICO, QUE VENDA?

- NÃO, NUNCA OUVI FALAR.

- NA ESCOLA MESMO VOCÊ NÃO CONHECE ALGUM QUE VENDA OU CONHEÇA ALGUM TRAFICANTE?

- ASSIM, ACHO QUE MUITOS PEGAM DE UM AMIGO, QUE ESSE AMIGO PEGA DE UM OUTRO AMIGO, MAIS ACHO QUE ELES NÃO SÃO TRAFICANTES NÃO.

- COMO ELES FAZEM PARA COMPRAR ESSA DROGA?

- ACHO QUE É COM O DINHEIRO QUE GANHAM DA MESADA, QUE OS PAIS DÃO, SEI LÁ.

- ELES NÃO TRABALHAM?

- NÃO, ACHO QUE NÃO.

- VOCÊ CONHECE ALGUM QUE ROUBA OU JÁ ROUBOU PARA CONSUMIR DROGA?

- NÃO.

- NÃO CONHECE ALGUÉM QUE TENHA MORRIDO ASSASSINADO PELO TRÁFICO?

- NÃO.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE A FAMÍLIA DEVE FAZER PARA MELHORAR ESSE PROBLEMA DO ENVOLVIMENTO DOS JOVENS COM AS DROGAS?

- SEI LÁ, ACOMPANHAR MAIS A VIDA DO FILHO, NÃO SOLTÁ-LO TANTO, CONVERSAR MAIS, ORIENTAR, ESSAS COISAS.

- VOCÊ CONVERSA COM OS SEUS PAIS?

- MAIS OU MENOS, ALGUMAS COISAS SIM, OUTRAS NÃO, MAIS NÃO CONVERSO MUITO NÃO.

- SEUS PAIS DEIXAM VOCÊ SAIR OU ELES PROIBEM DE ALGUMA FORMA?

- ELES DEIXAM SAIR MAIS NOS FINAIS DE SEMANA.

- VOCÊ OUVE CONSELHOS AO SAIR DE CASA?

- ELES DIZEM PARA TOMAR CUIDADO, PARA TER CUIDADO COM QUEM ANDA, ESSAS COISAS.

- E A ESCOLA, O QUE VOCÊ ACHA QUE ELA DEVE FAZER?

- ELA DEVE ORIENTAR MAIS OS JOVENS, CONVERSAR ABERTAMENTE SOBRE DROGAS, ESSAS COISAS.

- NA ESCOLA QUE VOCÊ ESTUDA NÃO TEM ISSO?

- TEM MAIS É POUCO. ÀS VEZES FAZEM PALESTRAS MAIS ACHO QUE NÃO ADIANTA MUITO NÃO.

- E O ESTADO, O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVE SER FEITO, NO CASO OS GOVERNANTES?

- DAR MAIS ESCOLAS, MAIS EMPREGO PARA OS JOVENS PARA VER SE ELES NÃO ENTRAM PARA O TRÁFICO. DEVE COLOCAR MAIS POLÍCIA NA RUA PARA PRENDER OS TRAFICANTES, ESSAS COISAS. MAIS ASSIM, DEVE TER TAMBÉM CLÍNICAS PARA OS JOVENS TENTAREM SAIR DAS DROGAS, AJUDAR AQUELES QUE SE ENVOLVEM COM AS DROGAS.

PROFESSORA SÔNIA – ESCOLA PÚBLICA

- VOCÊ LECIONA QUAL DISCIPLINA?
- HISTÓRIA.

- É MUNICÍPIO OU ESTADO?
- ESTADO.

- QUAIS AS SÉRIES QUE VOCÊ ENSINA?
- ENSINO MÉDIO.

- NA ESCOLA QUE VOCÊ TRABALHA SÓ TEM ENSINO MÉDIO?
- NÃO. TEM ENSINO MÉDIO E FUNDAMENTAL.

- EM QUE BAIRRO FICA A ESCOLA QUE VOCÊ TRABALHA?
- TABULEIRO.

- COMO É O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA QUE VOCÊ TRABALHA?
- NORMAL. TEM AS DISCIPLINAS NORMAIS. DE VEZ EM QUANDO REALIZAMOS ALGUM PROJETO ESCOLAR QUE FOGE UM POUCO DA ROTINA.

- ESSAS DISCIPLINAS NORMAIS QUE VOCÊ FALA SÃO REALIZADAS A CONTENTO?
- FALTAM MUITO PROFESSORES. OU PORQUE NÃO TEM, QUE O ESTADO NÃO CONTRATA PROFESSORES QUE ESTÃO FALTANDO, PRINCIPALMENTE PARA AS ÁREAS DE EXATAS, OU PORQUE TEM O PROBLEMA DE QUE OS PRÓPRIOS PROFESSORES COSTUMAM FALTAR ÀS AULAS. ALÉM DO MAIS, TEM O PROBLEMA DAS GREVES COSTANTES DO ESTADO. OS NOSSOS ALUNOS TERMINAM O ANO LETIVO SEM TER VISTO TODO O CONTEÚDO.

- OS PRÓPRIOS PROFESSORES QUE SÃO LOTADOS NESSA ESCOLA COSTUMAM FALTAR?
- É, MUITAS VEZES ENTRAM TARDE NA SALA, SAEM ANTES DO HORÁRIO.

- PORQUE VOCÊ ACHA QUE ISSO ACONTECE. HÁ COLOCAÇÃO DE FALTAS?
- ACHO QUE OS PRÓPRIOS PROFESSORES ESTÃO DESESTIMULADOS. NÃO HÁ INCENTIVO, FALTA MATERIAL PARA TRABALHAR. PARA VOCÊ TER UMA IDÉIA, O PRÉDIO EM QUE TRABALHAMOS NÃO OFERECE NENHUMA ESTRUTURA. SÓ POSSUÍMOS O GIZ PARA TRABALHAR. OS ALUNOS, MUITAS VEZES, FAZEM O QUE QUEREM EM SALA DE AULA, NÃO TEM RESPEITO MAIS PELO PROFESSOR.

- QUAIS SÃO ESSES PROJETOS QUE VOCÊ FALOU ANTERIORMENTE?
- A ESCOLA FAZ ALGUNS PROJETOS COMO PRODUÇÃO DE PEÇAS TEATRAIS, DISCUSSÕES SOBRE ALGUM TEMA ATUAL, COMO TEVE RECENTEMENTE SOBRE O MEIO AMBIENTE, FAZ SIMULADO, GINCANA.

- ESSES PROJETOS SÃO REALIZADOS A CONTENTO? QUAL O OBJETIVO DELES?
- O OBJETIVO É SAIR UM POUCO DA ROTINA. ÀS VEZES DESCOBRIMOS ALGUNS TALENTOS NESSES PROJETOS. ÀS VEZES ALGUNS ALUNOS NÃO GOSTAM DE ESTAR EM SALA DE AULA, NÃO PRODUZEM NADA DENTRO DELA. ENTÃO MUITAS VEZES ELES FICAM MAIS SATISFEITOS NESSES PROJETOS. MAS AINDA ACHO QUE FALTA MUITA COISA. PERCEBO QUE NOSSOS ALUNOS ESTÃO COM UMA DEVASSAGEM NA APRENDIZAGEM. ELES GERALMENTE SÃO FRACOS NAS DISCIPLINAS, PASSAM DE ANO SEM SABER O CONTEÚDO DO ANO ANTERIOR. NÃO SABEM LER, ESCREVER, NÃO CONSEGUEM FAZER REFLEXÕES. MUITOS DOS NOSSOS ALUNOS NÃO CONSEGUEM ENTRAR EM UMA UNIVERSIDADE. MUITOS SÓ CONSEGUEM EMPREGO DE VENDEDOR, DE CAIXA DE SUPERMERCADO. NÃO É QUE ELES NÃO SEJAM BONS, ACONTECE QUE NÃO HÁ ESTRUTURA PARA ELES.

- VOCÊ FALOU QUE A SUA ESCOLA FICA NO TABULEIRO. COMO É A ESTRUTURA DO BAIRRO?
- EXTREMAMENTE PRECÁRIA. É UM BAIRRO DE PERIFERIA, LONGE DO CENTRO DA CIDADE. HÁ UM CRESCIMENTO DESORDENADO NO BAIRRO, CASAS POPULARES FORAM SURGINDO SEM NENHUMA ESTRUTURA. ALÉM DO MAIS, TEM UMA FAVELA AO LADO DA ESCOLA QUE POSSUI UMA SÉRIE DE PROBLEMAS, ENTRE ELAS A VIOLÊNCIA.

- O BAIRRO É VIOLENTO?
- MUITO. QUASE TODA SEMANA HÁ CASOS DE MORTES.

- ESSA VIOLÊNCIA SE DÁ MAIS POR CONTA DE QUE?
- TEM MUITOS ASSALTOS MAIS EU ACHO QUE O PRINCIPAL SÃO AS DROGAS.

- O QUE É QUE A EXISTÊNCIA DAS DROGAS OCASIONA PARA O BAIRRO?
- ACHO QUE OCORREM MUITAS MORTES DE JOVENS POR CONTA DELA. POR EXEMPLO, MUITOS COMEÇAM A ENTRAR NO VÍCIO, FICAM NAS MÃOS DE TRAFICANTES POR CONTA DE DÍVIDAS, NÃO CONSEGUEM PAGÁ-LAS AÍ ACABAM SENDO MORTOS POR ELES.

- ONDE É QUE TEM MAIS ESSA DROGA NO BAIRRO?
- O QUE EU COSTUMO OUVIR, NÃO POSSO AFIRMAR COM CERTEZA, É DE QUE ESSA DROGA EXISTE MUITO NA FAVELA AO LADO, E TAMBÉM DE QUE OS JOVENS QUE MORAM PRÓXIMOS A FAVELA BUSCAM A DROGA NESSA FAVELA. É ASSIM, O CONSUMO ESTÁ ALASTRADO EM TODO O BAIRRO, MAIS O QUE SE COSTUMA FALAR É DE QUE A VENDA ACONTECE NESSA FAVELA. MUITOS JOVENS JÁ MORRERAM PRÓXIMO A ELA.

- VOCÊ SABE QUAL O TIPO DE DROGA QUE CIRCULA?
- ESCUTO MUITO FALAR NA MACONHA.

- E NA ESCOLA QUE VOCÊ LECIONA, VOCÊ IDENTIFICA A PRESENÇA DE DROGAS?
- EU NUCA VI NENHUMA ALUNO CONSUMINDO, MAIS JÁ CHEGUEI A PERCEBER ALGUMAS DIFERENÇAS DE COMPORTAMENTO EM ALGUNS QUE ÀS VEZES ATRIBUO AO CONSUMO DE DROGAS. ÀS VEZES ACHO QUE É O ÁLCOOL.

- COMO É ESSE COMPORTAMENTO?
- ÀS VEZES AGRESSIVO, ÀS VEZES FICA DORMINDO DEMAIS NA AULA E OS PRÓPRIOS ALUNOS CHEGAM A AFIRMAR QUE É POR CONTA DAS DROGAS. CHEGUEI A PERCEBER EM UM ALUNO QUE ELE ESTAVA CAMBALEANDO, FALANDO DEMAIS, RINDO DEMAIS E ACHEI QUE ELE NÃO ESTAVA EM PLENA CONSCIÊNCIA. AS PAREDES DA ESCOLA SÃO TODAS RABISCADAS COM MENSAGENS RELACIONADAS A DROGAS. TEM ALGUMAS QUE CHAMA O OUTRO DE TRAFICANTE, TEM UMA QUE DIZ O TIPO DAS DROGAS E O PREÇO.

- QUAIS SÃO ESSES TIPOS E O PREÇO?
- EU NÃO LEMBRO BEM. SÓ LEMBRO DA MACONHA.

- OS ALUNOS DA ESCOLA SÃO OS MESMOS DO BAIRRO?
- TEM DO BAIRRO, TEM DE CONJUNTOS HABITACIONAIS PRÓXIMOS, TEM DA FAVELA.

- ESSES OUTROS CONJUNTOS TAMBÉM CIRCULA MUITA DROGA?
- MUITA DRGA E TAMBÉM A VIOLÊNCIA. TEM O GAMA LINS, DENISON MENEZES, TODOS ELES TEM MUITA DROGA E VIOLÊNCIA.

- JÁ HOUVE ALGUM CONFLITO NA ESCOLA ENVOLVENDO DROGAS?
- DENTRO DA ESCOLA EU NÃO LEMBRO, MAS FORA DELA SIM, COM NOSSOS ALUNOS. JÁ TIVEMOS ALUNOS QUE MORRERAM, FORAM ASSASSINADOS E ERAM USUÁRIOS DE DROGAS. MORRERAM NA FAVELA.

- ELES MORAVAM LÁ?
- NÃO. TEM UM CASO DE UM QUE NÃO ERA DE LÁ MAIS FOI COM UM AMIGO PARA FAVELA. DIZEM QUE IAM ATRÁS DE DROGA.

- O QUE VOCÊ SENTIU COM ESSA MORTE. ERA SEU ALUNO?
- NÃO, NÃO ERA MEU ALUNO. NUNCA PERDI UM ALUNO MAIS TENHO MUITO MEDO QUE ISSO ACONTEÇA. EU FIQUEI UM POUCO CHOCADA QUANDO EU SOUBE DESSAS MORTES. CHEGUEI PARA TRABALHAR NA ESCOLA NO DIA DE SÁBADO E A ESCOLA NÃO TEVE AULA PORQUE ESSES DOIS ALUNOS FORAM MORTOS NA NOITE ANTERIOR. QUANDO CHEGUEI NÃO SABIA O QUE ESTAVA ACONTECENDO, MAIS FIQUEI MAIS CHOCADA É QUE QUANDO PERGUNTEI O QUE

HAVIA ACONTECIDO, AS PESSOAS DIZIAM QUE ELES TINHAM MORRIDO PORQUE SE ENVOVERAM COM DROGAS. A FORMA QUE ELES FALAVAM ERA CULPANDO OS MENINOS PELO SEU ENVOLVIMENTO COM AS DROGAS, COMO SE A CULPA FOSSE DELES TEREM MORRIDO, COMO SE FOSSE O CAMINHO NATURAL.

- QUAL A IDADE DESSES JOVENS?

- EU NÃO LEMBRO, MAIS ACHO QUE UM TINHA SÓ 14 ANOS.

- A ESCOLA, A COMUNIDADE FEZ ALGUMA COISA?

- OS FAMILIARES, JUNTO COM AMIGOS DELES, FIZERAM UMA PASSEATA NO CONJUNTO MAIS FICOU SÓ NISSO. LEMBRO QUE FOI UM PROBLEMA PORQUE ESSA PASSEATA ERA PARA PEDIR PARA TIRAR A FEVELA, CULPANDO ELA PELO OCORRIDO. A ESCOLA NÃO QUERIA PARTICIPAR POR CONTA DISSO, COM MEDO DE COLOCAR OS MORADORES DA FAVELA CONTRA A ESCOLA. MAIS ACHO QUE HOJE NEM SE FALA MAIS NISSO, NEM SEI SE OS CULPADOS FORAM PRESOS.

- COMO É TRABALHAR COM TODO ESSE CLIMA?

- É MUITO RUIM. A GENTE FICA COM MEDO DE IMPOR AUTORIDADE A ALGUNS ALUNOS PORQUE A GENTE SABE QUE ALGUNS ANDAM ARMADOS.

- ELES ANDAM ARMADOS? VOCÊ JÁ PRESENCIOU ISSO?

- EU NUNCA VI MAIS ESCUTO MUITO FALAR QUE EXISTE MUITOS ALUNOS ARMADOS. TALVEZ NÃO TENHA NO HORÁRIO QUE EU ENSINO, QUE É NA MANHÃ, MAIS À TARDE E À NOITE EXISTE MUITO. UM ESTUDANTE DA TARDE FOI PRESO ROUBANDO FORA DA ESCOLA. ELE ESTAVA ARMADO. E O INTERESSANTE NISSO É QUE DIZEM ALGUNS PROFESSORES DOS OUTROS HORÁRIOS É QUE ESSE PROBLEMA É MAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL. ESSE MESMO QUE FOI PRESO ROUBANDO ELE É DO FUNDAMENTAL. MUITOS QUE SE ENVOLVEM EM ROUBOS, QUE ANDAM ARMADOS, ESTÃO FORA DE FAIXA.

- QUAIS SÃO AS DROGAS QUE ESSSES ESTUDANTES CONSOMEM?

- NÃO SEI. ACHO QUE A MACONHA, LOLÓ. MAIS TEM TAMBÉM O ÁLCOOL QUE É MUITO CONSUMIDO. É MUITO COMUM ENCONTRAR NA PRAÇA EM FRENTE À ESCOLA ALUNOS BEBENDO. FALTAR AS AULAS PARA FICAR BEBENDO. TEM UM ALUNO QUE NO FINAL DO ANO DEIXOU DE FREQUENTAR A ESCOLA E EU PERGUNTEI AOS AMIGOS DELE O QUE ESTAVA ACONTECENDO. ELES ME FALARAM QUE ELE ESTAVA CHEGANDO BÊBADO EM CASA TODOS OS DIAS E POR ISSO A MÃE DELE RESOLVEU NÃO DEIXÁ-LO SAIR DE CASA, INCLUSIVE PARA A ESCOLA.

- VOCÊ FALA QUE AS PAREDES DA ESCOLA SÃO RISCADAS. COMO É QUE ELES CONSEGUEM FAZER ISSO?

- O PROBLEMA É QUE TEM POUCOS FUNCIONÁRIOS NA ESCOLA. MUITAS VEZES À DIREÇÃO E A COORDENAÇÃO TEM QUE FICAR O TEMPO TODO VIGIANDO OS ALUNOS PORQUE NÃO TEM FUNCIONÁRIOS PARA ISSO. MUITAS VEZES SÃO OS PROFESSORES QUE FAZEM ESSE PAPEL PORQUE O GOVERNO NÃO CONTRATA FUNCIONÁRIOS PARA ISSO. FICA DIFÍCIL ATÉ MESMO DAR AULA PORQUE ALUNOS FICAM NOS CORREDORES E NÃO TEM NINGUÉM PARA EVITAR QUE ELES FAÇAM BARULHO.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE FALTA PARA RESOLVER ESSE PROBLEMA?

- FALTA FUNCIONÁRIOS, FALTA PROFESSORES, FALTA VONTADE DE TRABALHAR DESSES PROFISSIONAIS PORQUE NESSES CONDIÇÕES NINGUÉM CONSEGUE TRABALHAR COM VONTADE. FALTA UMA POLÍTICA EDUCACIONAL QUE MOSTRE AOS NOSSOS ALUNOS QUE PELO CAMINHO DA EDUCAÇÃO É MELHOR DO QUE O CAMINHO DAS DROGAS. PORQUE A EDUCAÇÃO DO JEITO QUE ESTÁ O ALUNO NÃO A VÊ COMO UM CAMINHO. É MUITA GREVE, FALTA PROFESSORES. NO NOSSO CASO NÃO HÁ UMA BIBLIOTECA ESTRUTURADA, NÃO HÁ LABORATÓRIO, A ESCOLA É SUJA. FICA DIFÍCIL TRABALHAR PORQUE O ALUNO NÃO QUER MAIS AQUELA AULA EM QUE O PROFESSOR SÓ TEM A GARGANTA E O GIZ PARA EXPRESSAR ALGUMA COISA. É COMO EU DISSE: OS ALUNOS TERMINAM O ANO E SÃO EMPURRADOS COM A BARRIGA PARA O ANO SEGUINTE SEM SABER QUASE NADA. MUITOS NÃO SABEM NEM ESCREVER, O QUE SE SUPÕE QUE NÃO LER, POIS AS DUAS COISAS ESTÃO IMPLICADAS. DESSE JEITO NÃO TEM COMO O ALUNO ENTENDER OU GOSTAR DO QUE O PROFESSOR DIZ PORQUE

ELE NÃO CONSEGUIU APRENDER O CONTEÚDO ANTERIOR QUE É FUNDAMENTAL PARA ENTENDER O SEGUINTE. ENTÃO FALTA MUITA COISA.

- E COM RELAÇÃO AS DROGAS NA ESCOLA?

- NÃO DÁ PARA RESOLVER O PROBLEMA DAS DROGAS DENTRO DA ESCOLA SE NÃO RESOLVER O PROBLEMA EXTERIOR A ELA. SE ELA ESTÁ INSERIDA DENTRO DE UM CONTEXTO DE VIOLÊNCIA E DROGAS, NÃO TEM COMO A ESCOLA FICAR FORA DISSO. NO NOSSO CASO, POR EXEMPLO, SE O BAIRRO NÃO TEM OPORTUNIDADES DE LAZER PARA ESSES JOVENS, SE NÃO HÁ EMPREGO PARA AS PESSOAS QUE MORAM NO BAIRRO, ELES VÃO ENCONTRAR NAS DROGAS UM CAMINHO PARA GANHAR DINHEIRO OU SE DIVERTIR. SE ELES NÃO ENXERGAM UM FUTURO ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO PARA QUE ELE VAI SE INTERESSAR PELA AULA, SE ELES SABEM QUE NÃO CONSEGUEM ENTRAR NA UNIVERSIDADE, SE ELES SABEM QUE VÃO TER TRABALHO DE ARRUMAR UM EMPREGO QUE GANHE BEM.

PROFESSORA JOELMA –ESCOLA PÚBLICA

- TRABALHA EM QUE BAIRRO?
- EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS NO TABULEIRO.

- COMO É A ESTRUTURA DESSAS ESCOLAS?
- UMA É ATÉ EXCELENTE, JÁ A OUTRA.

- EXCELENTE COMO?
- AS SALAS SÃO AMPLAS, SÃO AREJADAS. TEM PROBLEMAS, TIPO ASSIM, CORREDORES BARULHENTOS, MAIS ISSO JÁ É UM PROBLEMA DE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA E NÃO DA ESTRUTURA DA ESCOLA. E A OUTRA É PORQUE A ESCOLA SÃO DE TRÊS ANDARES, NÃO TEM UMA INFRAESTRUTURA.

- COMO SÃO ESSAS PAREDES, SÃO SUJAS?
- A DO PRÉDIO SIM, BASTANTE SUJA, A OUTRA NEM TANTO, SÓ ALGUMAS SALAS, MAIS NA PARTE DO FUNDAMENTAL. NO ENSINO MÉDIO NEM TANTO, SÓ ALGUMAS SALAS.

- MAIS NO GERAL TEM PIXAÇÕES?
- TEM.

- É SOBRE O QUE ESSAS PIXAÇÕES?
- NA ESCOLA QUE TEM TRÊS ANDARES SÃO PALAVRÕES, É... PORNOGRAFIA NAS PAREDES.

- TEM ALGUMA RELACIONADA ÀS DROGAS?
- TEM.

- VOCÊ LEMBRA DE ALGUMA?
- NÃO. JÁ NA OUTRA ESCOLA SÃO MAIS COISA DE TIME, MANCHA AZUL, MANCHA VERDE, ESSAS COISAS.

- ELAS SÃO SUJAS?
- SIM, AS DUAS SÃO.

- COMO É O FUNCIONAMENTO PEDAGÓGICO. FALTA PROFESSORES, COMO É A COORDENAÇÃO?
- FALTA MUITO PROFESSORES, EM AMBAS. NA ESCOLA QUE TEM TRÊS ANDARES A COORDENAÇÃO É ATÉ UM POUCO ORGANIZADA, APESAR DOS PROBLEMAS DE FALTA DE PROFESSORES, A GENTE AINDA ENCONTRA UM POUCO DE APOIO PEDAGÓGICO. JÁ NA OUTRA, DURANTE O DIA, NEM TANTO PORQUE ASSIM, A COORDENAÇÃO FAZ O PAPEL DE DIREÇÃO. ENTÃO PRATICAMENTE FICAMOS SEM COORDENAÇÃO. MAIS À NOITE NÃO EXISTE NADA, É CADA UM POR SI.

- É COMUM OS ALUNOS FICAREM SEM AULA?
- SIM, É NORMAL. E O PROFESSOR TEM QUE ADIANTAR AULA TAMBÉM.

- E ESSES ALUNOS FICAM FAZENDO O QUE QUANDO NÃO TEM AULA?
- MUITOS VÃO EMBORA, MUITOS NÃO FICAM. OS QUE FICAM FICAM CONVERSANDO. SAI DA ESCOLA, QUER DIZER, DA OUTRA ESCOLA. EU TÔ FALANDO DO PERÍODO DA NOITE. SAEM, VÃO DAR UMA VOLTA, VOLTA NA HORA DA AULA. O DA ESCOLA QUE É DE ANDAR FICAM NOS CORREDORES CONVERSANDO MESMO. MUITAS VEZES BAGUNÇANDO, QUEBRANDO AS CADEIRAS.

- NESSAS HORAS VAGAS ELES COSTUMAM QUEBRAR AS CADEIRAS?
- SIM, CADEIRAS, PORTA, O QUE TIVER POR PERTO.

- TEM BIBLIOTECA, LABORATÓRIO?
- TEM MAIS NÃO FUNCIONA. BIBLIOTECA NA OUTRA ESCOLA ATÉ TEM MAIS NÃO É TANTO UTILIZADO. LABORATÓRIO TEM MAIS NÃO FUNCIONA. E NA ESCOLA QUE É UM PRÉDIO NÃO TEM BIBLIOTECA E NEM LABORATÓRIO.

- PORQUE NÃO FUNCIONA?

- PORQUE NÃO TEM MATERIAL, NÃO TEM COMO TRABALHAR.

- COMO É O QUADRO DE FUNCIONÁRIOS?

- FALTA E COMO. NA ESCOLA QUE É UM PRÉDIO SÓ TEM DUAS PESSOAS DE LIMPEZA. DUAS PESSOAS PARA LIMPAR OS TRÊS ANDARES, PARA FICAR NO PORTÃO. ENTÃO REALMENTE NÃO TEM COMO, SÃO TRÊS ANDARES. QUANTIDADE DE SALAS NEM SEI TE DIZER. CADA ANDAR, SE A MEMÓRIA NÃO ME FALHA, SÃO TRÊS OU QUATRO SALAS, DOIS BANHEIROS E AINDA TEM UM PÁTIO. ENTÃO NÃO TEM COMO. E NA OUTRA ESCOLA TEM O QUE: TRÊS FUNCIONÁRIAS, MAIS A ESCOLA TEM O LADO A E O LADO B. CADA LADO DEVE TER UMAS SEIS SALAS. NÃO TEM COMO, A ESCOLA É GRANDE, TEM QUADRA, TEM MUITA COISA. NÃO TEM COMO, FALTA FUNCIONÁRIOS.

- ENTÃO É O ESTADO QUE NÃO CONTRATA?

- SIM.

- E OS PAIS DESSES ALUNOS ELES COSTUMAM PARTICIPAR DA VIDA ESCOLAR DELES?

- NÃO. PELO MENOS AS TURMAS QUE EU TENHO NENHUM PAI ATÉ HOJE, SÃO O QUE? TRÊS ANOS QUE EU TENHO EXPERIÊNCIA NA ÁREA DO ENSINO MÉDIO, ATÉ HOJE NENHUM. SÓ QUANDO CHEGA NO FINAL DO ANO, NÉ, SE O ALUNO FOR PARA UMA RECUPERAÇÃO E ESTIVER AMEAÇADO DE SER REPROVADO, ENTÃO ELES VÃO PARA A ESCOLA COM UNHAS E DENTES. MAIS NÃO É PARA CONVERSAR NEM COM O PROFESSOR, E SIM DIRETO COM A DIREÇÃO DA ESCOLA.

- ELES VÃO FAZER O QUE NESSE PERÍODO?

- TIPO AMEDRONTAR O PROFESSOR. ACHA QUE SE CONVERSAR COM A DIREÇÃO ELA VAI INTIMIDAR O PROFESSOR PARA PASSAR O ALUNO.

- ISSO É A MAIORIA QUE VAI?

- NÃO, É UMA MINORIA. UM, DOIS.

- ENTÃO A FAMÍLIA NÃO PARTICIPA MUITO DA VIDA ESCOLA DOS SEUS FILHOS?

- NÃO.

- VOCÊ JÁ VIU O CONSUMO DE DROGAS DENTRO DA ESCOLA?

- VER O ALUNO USANDO DENTRO DA ESCOLA NÃO, MAIS EU JÁ VI ALUNOS QUE USARAM DENTRO DA SALA DE AULA. A GENTE CONHECE QUANDO O ALUNO É USUÁRIO E PRINCIPALMENTE QUANDO ELE USOU NAQUELE MOMENTO. QUANDO ELE ENTRA EM SALA DE AULA, O COMPORTAMENTO.

- COMO É O COMPORTAMENTO?

- COMO SE ELE FOSSE OUTRA PESSOA, COMO SE ELE QUISESSE APARECER NA SALA. AÍ COMEÇA A FAZER BRINCADEIRA QUE INCOMODA OS COLEGAS, PALAVRÕES, HÁ, VÁ TOMAR NÃO SEI AONDE. AGORA TEM COLEGAS DE TRABALHO QUE JÁ VIRAM, MAIS EU NÃO VI NÃO.

- VIRAM ONDE?

- DENTRO DO BANHEIRO.

- SABE QUAL FOI A DROGA?

- NÃO. QUANDO ELES ESTAVAM USANDO A DROGA DENTRO DO BANHEIRO, QUE O DIRETOR IA PASSANDO, OS QUE ESTAVAM FORA SOLTARAM UMA BOMBA PARA ALERTAR OS QUE ESTAVAM NO BANHEIRO. QUANDO O DIRETOR ENTROU NO BANHEIRO ELES FINGIRAM QUE ESTAVAM FUMANDO CIGARRO.

- QUE TIPO DE DROGA VOCÊ ACHA QUE CIRCULA MAIS?

- A MACONHA.

- E O ÁLCOOL?

- O ÁLCOOL NÃO PORQUE É MAIS VISÍVEL. VOCÊ TEM COMO DETECTER RÁPIDO. EU NUNCA VI NEM A MACONHA NEM A LOLÓ POR ISSO EU NÃO SEI IDENTIFICAR MUITO. E TAMBÉM ASSIM, ACONTECE, POR EXEMPLO, UMA SALA LARGOU MAIS CEDO, ENTÃO ELES APROVEITAM, PRINCIPALMENTE À NOITE PORQUE FICA ESCURA.

- É MAIS À NOITE?

- DE DIA TAMBÉM TEM, MAIS À NOITE É MAIS NOTÁVEL PORQUE SÃO MAIS ADULTOS. APESAR DE TER ADOLESCENTES DOS SEUS 15, POR AI, MAIS QUEM ESTUDA À NOITE É PORQUE TRABALHA DURANTE O DIA ENTÃO FICA MAIS LIBERAL PARA ELES.

- SE VOCÊ VER ESSE CONSUMO VOCÊ FALA PARA A DIREÇÃO?

- SIM.

- E PARA OUTROS, COMO A POLÍCIA?

- NÃO.

- VOCÊ TEM MEDO?

- SIM, DE UMA REPRESÁLIA FORA DA ESCOLA.

- VOCÊ ACHA QUE ELES PODEM FAZER O QUE?

- ATÉ MATAR PODE.

- COMO É O TRABALHO DE VOCÊS COM ESSES ALUNOS QUE CONSOMEM. HÁ INTERFERÊNCIAS NA SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL?

- SIM, ÀS VEZES SIM. O ANO PASSADO MESMO EU CHEGUEI A TER UM PROBLEMA COM UM ALUNO QUE ERA USUÁRIO DE DROGAS. EU CHEGUEI A REPREENDÊ-LO QUANDO PEGUEI ELE FILANDO NA PROVA. TOMEI A PROVA MAIS FIQUEI COM MEDO. EU PASSEI À NOITE SEM DORMIR PENSANDO PORQUE EU TINHA FEITO AQUILO E COM MEDO DE QUE NO OUTRO DIA FOSSE ACONTECER ALGUMA COISA, OU DEPOIS. NO OUTRO DIA EU CHEGUEI A CONVERSAR COM ELE, TENTANDO ME JUSTIFICAR PORQUE EU TINHA FEITO AQUILO. MAIS NA REALIDADE, MESMO SABENDO QUE EU ESTAVA CERTA E ELE ERRADO, MAIS EU FIZ ISSO COM MEDO QUE ELE FIZESSE ALGUMA COISA. A GENTE NÃO TRATA DIFERENTE, EU NÃO TRATO DIFERENTE, MAIS QUANDO EU FAÇO ALGO, PRINCIPALMENTE NA FRENTE DOS COLEGAS, DEPOIS EU TENTO CONVERSAR COM ELE, SER AMIGÁVEL PARA QUE ELE NÃO FIQUE COM MÁGOA DE MIM.

- ESSE MEDO É DOS QUE USAM DROGA?

- SIM.

- VOCÊ ACHA QUE ALUNOS ANDAM ARMADOS?

- NA ESCOLA QUE É UM PRÉDIO SIM. NÃO ALUNO MEU, MAIS DA PRÓPRIA ESCOLA.

- VOCÊ VIU OU OUVIU FALAR?

- JÁ OUVI FALAR, A PRÓPRIA DIREÇÃO COMENTANDO NA SALA DE PROFESSORES QUE O ALUNO ENTROU ARMADO. NA OUTRA NÃO, AINDA NÃO OUVI.

- NESSA OUTRA É COMUM?

- NÃO, FOI A PRIMEIRA VEZ QUE EU OUVI.

- VOCÊ JÁ PERDEU ALGUM ALUNO?

- SIM, O ANO PASSADO UM ALUNO DO TERCEIRO ANO MORREU NO MÊS DE JUNHO DE 2008.

- FOI POR CONTA DE QUE?

- DE DROGAS.

- MAIS COMO FOI?

- MATARAM ELE. ELE TINHA IDO PARA A FAVELA COM O COLEGA DELE E LÁ ELE FOI ASSASSINADO. O COLEGA DELE NÃO, SÓ FOI FERIDO, MAIS ELE FOI ASSASSINADO.

- VOCÊ SABE O MOTIVO?

- ACHO QUE FOI ACERTO DE CONTAS.

- DÍVIDAS?

- DÍVIDAS.

- VOCÊ CONHECE OUTRO CASO?

- TEVE UMA ALUNA QUE MORREU MAIS NÃO FOI POR CONTA DE DROGAS. ELA ERA CASADA E TINHA SE SEPARADO E TAVA NAMORANDO COM OUTRA PESSOA E O MARIDO FOI E ASSASSINOU ELA, O EX MARIDO, NO CASO.

- FORA DA ESCOLA, COMO É O BAIRRO QUE A ESCOLA ESTÁ INSERIDA?

- É UM BAIRRO TRANQUILO, UM BAIRRO DE CLASSE MÉDIA. APESAR DE QUE OS ALUNOS QUE FREQUENTAM ESSAS DUAS ESCOLAS SÃO DOS BAIRROS VIZINHOS, A GRANDE MAIORIA.

- VOCÊ FALA CLASSE MÉDIA COMO? TEM FAVELA NÃO?

- NA VERDADE A ESCOLA É DENTRO DE UM CONJUNTO QUE TEM UMA CASAS REZOÁVEIS, MAIS ELA TEM UMA FAVELA DENTRO DELE.

- E COMO SÃO ESSES BAIRROS VIZINHOS QUE OS ALUNOS MORAM? SÃO VIOLENTOS?

- MAIS OU MENOS.

- VOCÊ COSTUMA OUVI FALAR SOBRE TRÁFICO NESSES LUGARES?

- TER TEM MAIS NÃO OUVIMOS TANTO PORQUE A VIOLÊNCIA TÁ EM TODO CANTO. ENTÃO ASSIM, SÃO PERÍODOS. UM PERÍODO TÁ EM UM BAIRRO, TÁ NO OUTRO. ULTIMAMENTE NESSES BAIRROS PRÓXIMOS TÁ MAIS TRANQUILO.

-MAIS JÁ FOI MAIS?

- SIM, JÁ TEVE PERÍODO QUE ERA PIOR.

- COMO ESSES ALUNOS ENTRAM COM A DROGA NA ESCOLA?

- NA ESCOLA NÃO TEM GUARDA NESSES PORTÕES, SÓ TEM UM FUNCIONÁRIO QUE FICA OLHANDO O HORÁRIO DE ENTRAR. MAIS NÃO TEM NINGUEM ASSIM, QUE AMEDRONTE O ALUNO, QUE O ALUNO TENHA UM RECEIO DE ENTRAR COM AQUILO. NÃO TEM NINGUÉM QUE FIQUE NOS CORREDORES, ENTÃO O ALUNO FICA MUITO SOLTO. NÃO TEM NINGUÉM PARA COBRAR NADA DELES ALI DENTRO.

- TEM UMA FACILIDADE?

- TEM, MUITO GRANDE, ENTÃO FICA DIFÍCIL PARA QUEM TÁ NO PORTÃO CONTROLAR.

- COMO É QUE ESSES ALUNOS CONSEGUEM ESSA DROGA?

- NÃO SEI. ACHO QUE CHEGA A SER UM MEIO DE VIDA PARA ELES, A FALTA DE EMPREGO.

- VOCÊ ACHA QUE TEM ALUNO QUE VENDE?

- TEM.

- VOCÊ JÁ VIU OU JÁ OUVIU FALAR?

- JÁ OUVI FALAR.

- VENDE O QUE?

- MACONHA E LOLÓ, QUE É MODA AGORA. E TAMBÉM NAS PORTAS DA ESCOLA QUE VENDE MUITO.

- TEM ALGUM TRAFICANTE NA PORTA DA ESCOLA QUE NÃO É ALUNO?

- SIM. INCLUSIVE EM UMA DAS ESCOLAS JÁ FOI VISTO MAIS NADA SE PÔDE FAZER.

- PORQUE NÃO SE PÔDE FAZER?

- ELE OFERECIU A DROGA A UMA ALUNA QUE TAVA INDO PARA A ESCOLA E QUANDO ELA ENTROU CHEGOU A COMUNICAR A DIREÇÃO. DE LÁ ELA AINDA MOSTROU A DIREÇÃO QUEM ERA A PESSOA QUE TAVA OFERECENDO. E NA HORA QUE ELE OFERECIU A ELA ELA FALOU AGORA NÃO, DEPOIS. ELA NÃO É USUÁRIA, MAIS FALOU AQUILO COM MEDO. NÃO PODE SE

FAZER NADA PORQUE MUITO BEM, PODERIA SE DENUNCIAR, ELE SERIA PRESO, MAIS IRIA OUTRA PESSOA.

- ENTÃO A ESCOLA NÃO COSTUMA DENUNCIAR?

- NÃO.

- PORQUE?

- TALVEZ FALTA DE INFORMAÇÃO TAMBÉM, FALTA DE INFORMAÇÃO DA DIREÇÃO. DEVIDO OS PROBLEMAS QUE A ESCOLA TEM DENTRO DA ESCOLA A DIREÇÃO DA ESCOLA NÃO TEM COMO, NÃO TEM UMA ESTRUTURA PARA FISCALIZAR O QUE TÁ ACONTECENDO LÁ FORA.

- VOCÊ ACHA QUE ELA TEM MEDO TAMBÉM?

- TAMBÉM, ACREDITO QUE SIM.

- QUANDO O ALUNO QUE MORREU, AQUELE QUE VOCÊ FALOU, HOVE ALGUMA MOBILIZAÇÃO QUANTO A ISSO?

- TEVE DE AMIGOS.

- MAIS A ESCOLA ENQUANTO ESCOLA?

- NÃO. INCLUSIVE O ANO PASSADO MORREU OUTRO E EU SÓ SOUBE QUE ELE TINHA MORRIDO ASSASSINADO UM MÊS DEPOIS, POR CONTA DE DROGA. COMO ELE ERA MUITO AUSENTE NA ESCOLA ENTÃO A GENTE ACHAVA QUE ELE IA APARECER DEPOIS. AÍ UMA DAS PROFESSORAS COMENTOU QUE FULANO TINHA MORRIDO

- VOCÊ ACHA QUE FICOU COMUM ALUNO MORRER E NINGUÉM FAZER MAIS NADA?

- SIM, TÁ VIRANDO COMUM. JÁ CHEGOU A SER UMA COISA ANORMAL, MAS HOJE ESTÁ FICANDO NORMAL. TODO MUNDO SE CONFORMA. ACHA QUE FOI ELE QUE PROCUROU AQUILO E QUE ELE TEVE O QUE PROCUROU. PORQUE VEJA SÓ, QUANDO EU ABRO A INTERNET HOJE O QUE MAIS ME CHAMA ATENÇÃO É A QUANTIDADE DE ASSASSINATOS, ENTÃO TÁ VIRANDO UMA COISA COMUM. QUANDO EU ERA CRIANÇA, QUE SE MATAVA ALGUÉM, ERA UMA COISA, POXA, TODO MUNDO CAÍA EM CIMA PARA DESCOBRIR. HOJE NÃO, HOJE VOCÊ CONTA QUANTOS FORAM ASSASSINADOS. E NO DIA QUE VOCÊ VAI OLHAR O SITE QUE NÃO TEM NINGUÉM VOCÊ ATÉ ESTRANHA, POXA, NINGUÉM FALECEU HOJE, NINGUÉM MATOU NINGUÉM HOJE. TÁ UMA COISA COMUM. VOCÊ VER NO PRÓPRIO RÁDIO, NA TELEVISÃO, QUE OS REPÓRTERES FALAM QUE SÃO OS PRÓPRIOS TRAFICANTES QUE ESTÃO SE MATANDO. ENTÃO A POPULAÇÃO NÃO FAZ NADA PARA QUE ISSO PARE PORQUE ELES ACHAM QUE ELES PROCURARAM AQUILO. COMO ERA TRAFICANTE COM USUÁRIO NINGUÉM PERDEU NADA. SE ELE É, É MENOS UM, ACABOU.

- MAIS É UMA MINORIA QUE SE ENVOLVE COM DROGAS NA ESCOLA?

- É.

- A ESCOLA FAZ ALGUMA COISA, DISCUTE A QUESTÃO DA DROGA?

- NÃO, EM NENHUMA DAS DUAS. ATÉ AGORA EU NÃO VI NENHUM COMENTÁRIO DE PALESTRAS. NA REALIDADE A ESCOLA NÃO TEM NENHUMA INICIATIVA PARA QUE ISSO ACONTEÇA. UMA DAS ESCOLAS SÓ CHEGOU A TOMAR INICIATIVA QUANDO PEGARAM OS ALUNOS USANDO DROGAS DENTRO DE UMA DAS SALAS DE AULA E NO BANHEIRO. ELES CHAMARAM O BATALHÃO ESCOLAR MAIS ISSO SÓ ACONTECEU UMA VEZ.

- ENTÃO O PROBLEMA É RESOLVIDO EM TERMOS DE SEGURANÇA?

- SIM.

- MAIS EM TERMOS DE PREVENÇÃO NÃO?

- NÃO, NADA, NÃO TEM.

- QUANDO TEM PROBLEMA CHAMA A POLÍCIA?

- SIM, ACHA QUE O PROBLEMA SERÁ RESOLVIDO DESSA FORMA. AÍ TUDO BEM, NAQUELE DIA AMEDRONTOU. EU ATÉ ESTRANHEI. QUANDO EU TÔ NA SALA DE AULA AÍ CHEGOU UM GUARDA NA PORTA. AÍ EU PERGUNTEI: ACONTECEU ALGUMA COISA? ELE RESPONDEU: NÃO, A GENTE TÁ FAZENDO UMA REVISTA AQUI.

- A POLÍCIA APARECE SEMPRE LÁ?
- NÃO, SÓ QUANDO É CHAMADA. ISSO ACONTECEU TAMBÉM NA OUTRA, MAIS ESSE CASO FOI POR QUESTÃO DE ÁLCOOL, CHAMARAM O CONSELHO TUTELAR.

- QUAL É A DROGA MAIS CONSUMIDA, DE TODAS, ENTRE ELAS O ÁLCOOL?
- O ÁLCOOL TAMBÉM É MUITO USADO NAS ESCOLAS. MAIS O QUE O QUE MAIS SE USA É A MACONHA.

- MAIS DO QUE O ÁLCOOL?
- DENTRO DA ESCOLA SIM.

- E NO GERAL, FORA DELA?
- SIM, AÍ AUMENTA O CONSUMO DE ÁLCOOL. AGORA DENTRO DA ESCOLA PODE SE FALAR QUE É MAIS A MACONHA PORQUE ELES MUDAM SÓ O COMPORTAMENTO. QUANDO SE USA O ÁLCOOL PERCEBE-SE PELO CHEIRO, QUANDO ELE COMEÇA A FALAR.

- MAIS A MACONHA TAMBÉM TEM UM CHEIRO CARACTERÍSTICO.
- É, MAS NO CASO O ÁLCOOL ALTERA MAIS. EU TAMBÉM TIVE ALUNO QUE ASSISTE AULA BÊBADO, MAIS ASSIM, NO CASO EU SÓ TIVE UM, NO CASO A DROGA É MAIS FREQUENTE, A MACONHA.

- PELA SUA EXPERIÊNCIA QUE VOCÊ TEM VOCÊ IDENTIFICA, NO GERAL, MAIS CONSUMIDORES DO ÁLCOOL OU DE OUTRAS DROGAS?
- O ÁLCOOL.

- COMO VOCÊ PERCEBE ISSO?
- PORQUE EU DOU MAIS AULAS DIA DE SEXTA AÍ A GENTE ESCUTA MUITO, HÁ, AMANHÃ EU VOU PARA TAL CANTO, NÃO SEI O QUE. ENTÃO PELAS CONVERSAS DELES, SE VÃO PARA A BALADA VÃO BEBER.

- ENTÃO NAS SAÍDAS DELES É COMUM BEBER?
- SIM.

- VOCÊ SABE PARA ONDE ELES VÃO?
- NÃO.

- VOCÊ MORA NO MESMO BAIRRO QUE VOCÊ MORA?
- É.

- COMO É ESSE BAIRRO EM TERMOS DE VIOLÊNCIA E DROGAS?
- O BAIRRO ATUALMENTE ESTÁ COM UMA VIOLÊNCIA ENORME. É MORTE DE ADOLESCENTE SEMANALMENTE. NA MINHA PORTA MESMO EU SINTO CHEIRO.

- DA DROGA?
- É.

- QUE DROGA É?
- EU ACREDITO QUE SEJA A MACONHA OU LOLÓ. JÁ CHEGUEI A VER CARROS EM ALTAS HORAS DA NOITE, OS DOIS CARROS PARAM PERTO E TROCAM SACOLAS. PROVAVELMENTE É DROGA. UM PASSA ARMA UM PARA O OUTRO. TÁ FICANDO COMUM, SÓ QUE A GENTE VER E NÃO PODE FAZER NADA. TEM QUE VER, OUVIR E CALAR.

- VOCÊ SABE COMO A POLÍCIA AGE NESSA ÁREA?
- OLHA, GERALMENTE PASSA VIATURA DA POLÍCIA MAIS NUNCA PÁRA PARA VERIFICAR REALMENTE. E A POPULAÇÃO TEM RECEIO DE DENUNCIAR PORQUE TEM MEDO DE TROCA DE TIRO, ATINGIR, NÉ. PORQUE SE ACONTECER DA VIZINHANÇA DENUNCIAR ESSAS PESSOAS, COM CERTEZA ELES VÃO SABER E NEM TODOS VÃO SER PRESOS, E SE FOREM AMANHÃ SERÃO SOLTOS.

- A COMUNIDADE FAZ ALGUMA COISA?
- NÃO, COMENTA COM ALGUÉM MAIS PEDE SIGILO.

- VOCÊ CONHECE NESSA REDONDEZA ALGUM JOVEM QUE SE ENVOLVE COM DROGAS. POR EXEMPLO, CONHECE A MÃE DE ALGUM DESSE JOVEM?
- DE DOIS.

- COMO É A RELAÇÃO FAMILIAR?
- A FAMÍLIA NUNCA ACEITA, FICA ARRUMANDO PRETESTO DO COMPORTAMENTO. DIZ QUE É UMA FASE, DE ADOLESCÊNCIA.

- VOCÊ CONHECE, POR AQUI, ALGUM JOVEM QUE MORREU POR CONTA DE DROGA?
- ANO PASSADO UM, ANO RETRASADO OUTRO. ATÉ O DO ANO PASSADO ERA BEM PRÓXIMO MEU, MUITO BONITO E NOVINHO. ATÉ CHEGAR A FREQUENTAR A MINHA CASA ELE CHEGOU.

- VOCÊ CONHECE JOVENS AQUI QUE FORAM PRESOS POR CONTA DE DROGAS?
- SIM.

- COMO FOI ISSO?
- ALGUM VIZINHO DENUNCIOU. DE REPENTE A POLÍCIA CHEGOU, ELES ESTAVAM NA CALÇADA, TINHA UMA TURMINHA E A POLÍCIA ABORDEOU OS TRÊS E LEVOU PARA A DELEGACIA.

- ENTÃO ELES ESTAVAM USANDO E A POLÍCIA CHEGOU E PRENDEU?
- SIM.

- O QUE VOCÊ ACHA, COM SUA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL, QUE A POLÍCIA PODIA FAZER PARA MELHORAR O PROBLEMA DO JOVEM COM AS DROGAS?
- EM PRIMEIRO LUGAR EU ACHO QUE A DROGA DEVERIA SER LIBERAL, ENTENDEU. SE LIBERASSE... EU ACREDITO QUE OS JOVENS ELES PROCURAM MUITO... PORQUE PARA ELES É NOVIDADE. TEM AQUELA COISA DO ESCONDIDO, TUDO QUE É ESCONDIDO É MELHOR. ENTÃO QUANTO MAIS PROIBIR MAIS ELES VÃO USAR. SE O PAÍS FOSSE LIBERAL ACHO QUE DIMINUIRIA MUITO O USO.

- VOCÊ ACHA QUE O PAÍS ESTÁ PREPARADO?
- NÃO, NÃO ESTÁ PREPARADO. CLARO QUE ANTES DE LIBERAR, CRIAR UMA LEI, TEM QUE FAZER ALGO PARA PREPARAR O PESSOAL PARA ISSO. COM RELAÇÃO AO QUE OS PAIS PODEM FAZER, CONVERSAR MAIS, FICAR MAIS POR DENTRO DO QUE O FILHO ESTÁ FAZENDO. PORQUE ASSIM, O CORRE-CORRE DO DIA A DIA, O TRABALHO MUITAS VEZES, SÃO PAIS SEPARADOS ONDE A MÃE TEM QUE FAZER O PAPEL DOS DOIS, TRABALHAR, DÁ CONTA DA CASA. ENTÃO ELA VAI DEIXANDO ESSE LADO DE MÃE PARA CONVERSAR COM OS FILHOS E AÍ QUANDO CHEGA EM CASA JÁ É TARDE DA NOITE E NÃO TEM TEMPO DE...

- VOCÊ CONHECE ESSE TIPO DE MÃE?
- SIM.

- E É MAIS POR CONTA DO TRABALHO?
- SIM. PORQUE ELA TEM A OBRIGAÇÃO DE COLOCAR ALIMENTAÇÃO, PAGAR ALUGUEL, PAGAR ESCOLA E AÍ O TEMPO SE TORNA CURTO. QUANDO ENTRA O FILHO O TEM IDO PARA ESCOLA, QUANDO CHEGA JÁ É TARDE DA NOITE, JÁ VAI DURMIR, NÃO TEM TEMPO DE CONVERSAR. E MESMO QUE ESSA MÃE QUEIRA MUDAR ELA JÁ NÃO CONSEGUE MUDAR PORQUE OS FILHOS JÁ SÃO MUITO FECHADOS, ELE JÁ NÃO TEM AQUELE HÁBITO DE CONVERSAR COM ELA. ENTÃO ELES VIVEM ASSIM, MORAM NA MESMA CASA, SÓ É MÃE E FILHO, MAIS ELES NÃO SE CONVERSAM, SÓ O BÁSICO: ROUPA, COMIDA, MAIS NADA DE MAIS PRÓXIMO, ENTENDEU, DE NAMORADA.

- E A ESCOLA, O QUE PODIA SER FEITO?
- PROJETOS, DEBATES, LEVAR PESSOAS QUE ENTENDAM, QUE TENHAM CONHECIMENTO DE DROGA, MOSTRAR ELA PARA OS ALUNOS, PORQUE TEM A QUESTÃO DA CURIOSIDADE. QUEM NUNCA VIU QUANDO OFERECE TEM VONTADE. ENTÃO ASSIM, TRABALHAR MAIS EM SALA DE

AULA ESSAS COISAS ASSIM. EU ACHO QUE DEVERIA TER UMA DISCIPLINA ESPECIFICAMENTE PARA ISSO, UMA VEZ POR SEMANA EM CADA TURMA, IA MELHORAR MUITO.

- ENTÃO A ESCOLA TEM QUE COLOCAR, EM SUA ROTINA, ESSA DISCUSSÃO?

- SIM.

- VOCÊ ACHA QUE ESSE É O MAIOR PROBLEMA QUE TEM A ESCOLA OU TERIA OUTRO?

- NO MOMENTO EM RELAÇÃO A COMPORTAMENTO DENTRO DA ESCOLA SIM, SEM CONTAR COM A AUSÊNCIA DOS PAIS QUE ESSES DEVIAM ESTAR MAIS PRESENTES. COMO A GENTE ESTÁ FALANDO DA DROGA DE UMA FORMA GERAL PORQUE A INTERFERÊNCIA DELA NÃO É SÓ NA ESCOLA, É EM CASA TAMBÉM. SE TIVESSE UM TRABALHO NA ESCOLA E EM CASA MELHORARIA MUITO.

- E OS GOVERNOS?

- O GOVERNO TAMBÉM DEVERIA AJUDAR, PORQUE EXISTEM POUCAS CLÍNICAS QUE TRABALHAM COM ESSES JOVENS, A MAIORIA DAS CLÍNICAS SÃO PARTICULARES. MUITAS VEZES A GENTE JÁ VIU NA TV, MUITOS USUÁRIOS PEDEM AJUDA E TEM QUE PROCURAR PROGRAMAS PARA PEDIR AJUDA PORQUE A GENTE NÃO TEM CLÍNICAS PARA AJUDAR.

PROFESSORA POLIANA –ESCOLA PRIVADA

- COMO É O FUNCIONAMENTO DA ESCOLA?

- FUNCIONAMENTO EM TERMOS PEDAGÓGICO OU...

- PEDAGÓGICA E A ESTRUTURA DO PRÉDIO.

- É UMA ESCOLA BEM GRANDE, COM UMA PREOCUPAÇÃO MUITO GRANDE COM A QUESTÃO FÍSICA, CHEGA A TER QUASE CEM FUNCIONÁRIOS DE SERVIÇOS GERAIS, NÉ, LIMPEZA, PARA ARRUMAR, NÉ. É UMA ESCOLA MUITO BONITA, UMA ARQUITETURA MUITO ARROCHADA. A ESCOLA SE PREOCUPA MUITO COM A QUESTÃO ESTÉTICA. NUNCA VOU ME ESQUECER UMA PESSOA DA CLASSE BAIXA DISSE: NOSSA POLIANA, ESSA ESCOLA PARECE UM SHOPPING CENTER. NÃO PARECE, MAS FOI O JEITO DELA DIZER QUE AQUELA ESCOLA É MUITO BONITA. TODOS OS ANOS ELAS FAZEM REFORMA, TODOS OS ANOS FAZEM PINTURA, TODAS AS SALAS DE AULA TEM AR CONDICIONADO. NO ENSINO MÉDIO TODAS AS SALAS TEM PROJETO, TEM DATA SHOW, TEM COMPUTADOR, TODOS LIGADOS A INTERNET. EXISTEM DOIS LABORATÓRIOS. ENTÃO A PARTE FÍSICA, A INFRAESTRUTURA É MUITO BOA E BONITA. PEDAGOGICAMENTE A ESCOLA PASSA POR UMA CRISE EXISTENCIALISTA, NÃO SABE SE TRABALHA PARA O VESTIBULAR, QUE O MERCADO TÁ PEDINDO ISSO, OU SE PREPARA PARA A VIDA. ENTÃO A ESCOLA NÃO TÁ SABENDO DOSAR ISSO, TALVEZ NÃO TÁ SABENDO EQUILIBRAR ISSO, USAR ISSO DE FORMA MERCADOLÓGICA, DIDÁTICA. MAS A PRIORIDADE DO ENSINO MÉDIO, QUE É ONDE EU DOU AULA, É VESTIBULAR. ISSO NÃO QUER DIZER QUE NÃO TENHA ESPAÇO PARA OUTRAS ATIVIDADES, AO CONTRÁRIO. ALGUMAS SÃO ANUAIS, OUTRAS SÃO ATIVIDADES QUE A CADA ANO MUDAM, FLEXÍVEIS, OUTRAS SÃO FIXAS, COMO AMOSTRA DE ARTE, CONCURSO DE POESIA, DE CONTO, FÓRUM DAS NAÇÕES QUE ESCOLHE UM TEMA CADA ANO, ECOLOGIA, CRISE MUNDIAL. ESCOLHE UM PAÍS E DISCUTE O QUE TÁ ACONTECENDO NAQUELE PAÍS SOBRE AQUELE TEMA.

- ESSE OBJETIVO É CONSEGUÍDO COM FACILIDADE, O DE PASSAR NO VESTIBULAR?

- NÃO É COM FACILIDADE, É UMA TAREFA MUITO ÁRDUAS, MAS O ÍNDICE TEM AUMENTADO BASTANTE. ESSE ANO A GENTE CHEGOU, SEM CURSINHO, QUE É UMA ESCOLA DIFERENCIADA DAS OUTRAS ESCOLAS DA REGIÃO, DO MESMO PORTE, QUE DISPUTA O MESMO MERCADO, NÓS SOMOS A ÚNICA ESCOLA DA REGIÃO QUE NÃO TEM CURSINHO, ENTÃO O NÚMERO DE PASSAR DE 50% DE APROVAÇÃO NA UFAL É MUITO BOM, E 98% DE APROVAÇÃO EM OUTRAS FACULDADES PARTICULARES É MUITO BOM. É BASTANTE ALTO O NÍVEL PARA UMA ESCOLA QUE NÃO TEM CURSINHO. PARA A ESCOLA QUE TEM CURSINHO AÍ ENTÃO A HISTÓRIA É OUTRA.

- ENTÃO A ESCOLA É LIMPA, NÃO HÁ RABISCOS NAS PAREDES?

- NÃO. QUANDO ACONTECE O ALUNO É QUEM LIMPA, OU ELE PAGA SE A LIMPEZA NÃO PODE SER FEITA POR ELE. SE O ALUNO NÃO FOR PEGO A ESCOLA IMEDIATAMENTE RESOLVE O PROBLEMA.

- TEM CÂMERAS NAS ESCOLAS?

- TEM NOS CORREDORES E NAS ENTRADAS DO BANHEIRO, A PARTE DE USO COMUM. O BANHEIRO É BASTANTE ARRUMADO, LIMPO, TEM UM ESPELHO GRANDE. PELO MENOS NO DAS MENINAS SÃO ASSIM, EU NÃO SEI O DOS MENINOS PORQUE EU NUNCA ENTREI.

- HÁ VANDALISMO POR PARTE DOS ALUNOS, ELAS COSTUMAM QUEBRAR AS CADEIRAS?

- NÃO, NÃO. JÁ TIVEMOS UM PROBLEMA HÁ MUITO TEMPO ATRÁS. INIBE PORQUE TÁ TUDO LIMPO, ENTÃO A TENDÊNCIA É VOCÊ SE PORTAR DAQUELA FORMA. E DEPOIS OS PROFESSORES SÃO INSTRUÍDOS PARA MANTER AS SALAS LIMPAS. E TAMBÉM A PRÓPRIA ESCOLA PROCURA RESOLVER LOGO, A GENTE ACABA NÃO TENDO MUITO CONTATO COM A DEPREDÇÃO.

- E NO INTERVALO?

- NO INTERVALO É UMA COISA A SER PESQUISADO. PARECE QUE QUANDO ELAS ESTÃO SEPARADAS A COISA FUNCIONA MELHOR, MAS QUANDO ELAS ESTÃO JUNTAS A COISA DEBANDA. NO INTERVALO, APESAR DE TER MUITA GENTE LIMPANDO, TOCA JÁ TEM GENTE LIMPANDO, ENTÃO UM VISITANTE NÃO VAI PERCEBER ISSO. MAS QUEM TÁ ALI. TEM UM MONTE DE LIXEIRA, CHEGA A TER LIXEIRA DE TRÊS EM TRÊS METROS, MAIS OU MENOS, E

MESMO ASSIM O LIXO NO CHÃO É INCRÍVEL. E É TODO TIPO DE LIXO, LATA DE REFRIGERANTE, SACO DE SALGADINHO, PAPEL, GUARDANAPO, CANUDO, CHICLETE NO CHÃO, PIPOCA QUE ELES DERRUBAM, É UMA SUJEIRA. A ESCOLA TEM TENTADO FAZER ALGUNS PROJETOS MAS SEM SUCESSO. NA MINHA OPINIÃO TAMBÉM... COMO TEM GENTE PARA LIMPAR. ELES NÃO APROFUNDAM, NÃO GERAM A PREOCUPAÇÃO NO ALUNO. DO MESMO JEITO A GENTE VER O PAI JOGANDO SACO NO CHÃO, NA RUA.

- OS PROFESORES FALTAM NA SUA ESCOLA?

- NÃO HÁ O COSTUME DE FALTA, AO CONTRÁRIO, ELES SEGUEM A RISCA AS REGRAS DA ESCOLA, ATÉ PORQUE HÁ UMA EXIGÊNCIA DISSO. TODOS OS ANOS SE FAZ REUNIÃO SOBRE ISSO. A ESCOLA NÃO CHEGA A TER UMA PUNIÇÃO GRAVE SOBRE ISSO, AMEAÇA QUE VAI DESCONTAR. SÓ FICA NA AMEAÇA, POR ENQUANTO. QUANDO FALTA OUTRO PROFESSOR ASSUME, ALGUÉM NO DEPARTAMENTO ASSUME. MUITO DIFÍCIL UMA TURMA FICAR SEM PROFESSOR. VAI PARA A INFORMÁTICA, FICA ASSISTINDO UM FILME COM ALGUÉM DA DISCIPLINA.

- NÃO FICAM DESOCUPADOS?

- JÁ FICARAM, HOJE EM DIA NÃO. É UMA POLÍTICA MUITO GRANDE DA ESCOLA.

- VOCÊ IDENTIFICA DENTRO DA ESCOLA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS?

- DENTRO DA ESCOLA ACONTECERAM RARÍSSIMOS CASOS. FICA UMA PESSOA A CADA TRÊS SÉRIE, UMA PESSOA EM CADA ANDAR, MAIS AS CÂMERAS, MAIS A ORIENTAÇÃO DE DISCIPLINA, MAIS A PSICÓLOGA. ENTÃO ESSES CASOS QUE ACONTECERAM FORAM POUCOS.

- O QUE ACONTECEU COM ELES?

- FORAM EXPULSOS. EXPULSOS NÃO QUE É CONTRA A LEI, FORAM CONVIDADOS A SE RETIRAR DA ESCOLA. QUALQUER ALUNO QUE USOU, OU LEVOU PARA A ESCOLA FORAM CONVIDADOS A SE RETIRAR DA ESCOLA.

- QUAIS AS DROGAS QUE ELES FORAM PEGOS?

- UM LEVOU UM PEZINHO DE MACONHA, UMA LATINHA DE NESCAU COM UM PEZINHO DE MACONHA.

- PARA MOSTRAR?

- PARA MOSTRAR E... OLHA, EU FICO ME PERGUNTANDO: COMO É QUE UM ALUNO LEVA UM PÉ DE MACONHA PARA A ESCOLA SEM O PAI SABER, QUE NÃO SEJA DO PAI, PORQUE NÃO É UMACARTELINHA DE REMÉDIO, NÃO É UM TUBO DE LOLÓ. ENTÃO A GENTE ESTRANHA. EU SINCERAMENTE NÃO TENHO INFORMAÇÕES, A ESCOLA É MUITO FECHADA EM RELAÇÃO A ISSO. A GENTE FICA SABENDO ISSO PELO ZUNZUN DOS ALUNOS. ISSO FOI UM CASO, OUTRO CASO FOI UM GRUPO DE MENINAS, FOI PEGA NO BANHEIRO CHEIRANDO LOLÓ. FORAM CINCO MENINAS E AS CINCO FORAM CONVIDADAS A SE RETIRAR, MESMO QUEM NÃO USOU A DROGA. ISSO EU SOUBE PORQUE EU ERA PROFESSORA DAQUELA SALA, ENTREI NELA NAQUELE DIA, SENÃO EU NÃO FICAVA SABENDO.

- QUER DIZER QUE PODE TER HAVIDO OUTRAS VEZES E VOCÊS NÃO FICAM SABENDO?

- A ESCOLA NÃO ABRE ESSE TIPO DE PROBLEMA.

- PORQUE ELA NÃO ABRE?

- PRIMEIRO PORQUE EU ACHO ISSO UM EQUÍVOCO DA ESCOLA FICAR ESCONDENDO DO PROFESSOR. EU JÁ QUESTIONEI. ISSO NÃO É SÓ COM DROGAS NÃO. A ESCOLA NÃO ABRE QUANDO O ALUNO TEM PAIS SEPARADOS, QUANDO O ALUNO TEM PROBLEMA DE ALCOLISMO NA FAMÍLIA, QUANDO A MÃE SE MATOU. OS PROFESSORES NÃO FICAM SABENDO DISSO. A ESCOLA SE JUSTIFICOU QUE OS PROFESSORES NÃO TÊM MATURIDADE PROFISSIONAL PARA TRATAR DE UM PROBLEMA DESSE. EU CONTRA-ARGUMENTEI. SE O PROFESSOR NÃO TEM MATURIDADE PARA TRATAR UM TIPO DESSE, A ESCOLA ERROU EM CONTRATAR UM PROFESSOR DESSE, PORQUE ELE É UM PÉSSIMO PROFISSIONAL. VOU CONTAR UM CASO: UMA ALUNA COMPLETAMENTE DESATENTA, DESINTERESSADA. AÍ EU FUI ATÉ A DIREÇÃO E PERGUNTEI. NÃO É QUE A MÃE DELA SE MATOU. EU DISSE: PORQUE VOCÊS NÃO FALAM PARA A GENTE, PORQUE A GENTE FALA, FULANA, VENHA AQUI, OU ENTÃO RESPEITA AQUELE MOMENTO.

- E O PROFESSOR PODE ATÉ BRIGAR COM ESSE ALUNO?

- EXATAMENTE. ESSA É MINHA GRANDE PREOCUPAÇÃO, DE UM PROFESSOR BRIGAR COM UM ALUNO, COM RAZÃO, SEM SABER AS CONDIÇÕES EMOCIONAIS DAQUELE ALUNO. VOCÊ ME PERGUNTOU PELOS CASOS, EU TIVE UMA ALUNA COM PROBLEMA DE ALCOLISMO, UMA ALUNA ALCÓLATRA. ESSA EU PRESENCIEI, IA PARA A ESCOLA BÊBADA.

- MAS A ESCOLA ACEITAVA ELA?

- CONVERSOU BASTANTE VEZES, MANDAVA PARA CASA QUANDO ELA ESTAVA BÊBADA PARA NÃO ATRAPALHAR O PROCESSO DE APRENDIZAGEM. COM RELAÇÃO A BEBIDA A ESCOLA É MAIS CONDECEDENTE. MESMO QUEM JÁ CONSUMIU BEBIDA ALCOÓLICA, OU CIGARRO DENTRO DA ESCOLA, NÃO FOI CONVIDADO A SE RETIRAR. NESSES EVENTOS QUE A GENTE FAZ, SÃO JOÃO, BAILE DE CARNAVAL, POUCOS ALUNOS SE ATREVEM A LEVAR BEBIDA ALCÓLICA PESADA, CACHAÇA, PORQUE É MAIS FÁCIL DE LEVAR. E OS QUE FORAM PEGOS NÃO FORAM CONVIDADOS A SE RETIRAR DA ESCOLA.

- VOCÊ DIZ QUE NÃO HÁ O CONSUMO DENTRO DA ESCOLA. MAS FORA DELA VOCÊ ACHA QUE OS ALUNOS CONSOMEM?

- ACREDITO. PELO TIPO QUE A GENTE CONSTRÓI PRECONCEITUOSAMENTE DE UM USUÁRIO DE DROGA SÃO POUCOS. MAS SE A GENTE ABRIR ESSE TIPO, ABRIR PARA OS CHAMADOS MAURINCINHOS, PATRICINHAS, CDFS, A GENTE VAI ENCONTRAR UM NÚMERO MAIOR. MAS A OLHO NÚ, E BASEADO NO TIPO CHEIOS DE PRECONCEITO QUE A GENTE CONSTRÓI AO LONGO DO TEMPO, SÃO POUCOS.

- ALGUM JÁ FALOU COM VOCÊ QUE USA DROGA?

- JÁ, NÃO SÓ PARA MIM COMO PARA A SALA TODA. UMA OU DUAS VEZES ISSO ACONTECEU.

- ELE FALOU QUAL FOI O TIPO DE DROGA?

- ACABAVAM CAINDO NO SENSO COMUM DA MACONHA, PORQUE SABIAM SE FALASSEM ALGUMA COISA MAIS DO QUE ISSO, DO QUE LOLÓ, DO QUE LANÇA, DO QUE MACONHA, PODERIA HAVER UM PRECONCEITO MAIOR. COMO A ESCOLA É MAIS CONDECEDENTE COM BEBIDA E CIGARRO, A JUVENTUDE É MAIS CONDECEDENTE COM A MACONHA, COM A LOLÓ E COM LANÇA. FICAM UM POUCO MAIS ARREDIA QUANDO SE TRATA DE DROGA MAIS PESADA. ENTÃO EU ACREDITO QUE ESSA PESSOA TENHA FALADO EM MACONHA E LOLÓ PARA NÃO CAUSAR UM CHOQUE MAIOR PORQUE ELE SÓ QUERIA UMA REAÇÃO DO TIPO: POXA, FULANO USA, SICRANO ESTÁ USANDO, É O CARA, O MAIORAL.

- VOCÊ DIFERENCIA NESTA ESCOLA SE HÁ CONSUMIDORES OU SÓ EXPERIMENTADORES?

- O CONSUMIDOR, QUE VOCÊ PERCEBE. VEJA BEM, É DENTRO DO PRECONCEITO QUE VOCÊ VAI CONSTRUINDO AO LONGO DA VIDA. COMO É ESPECULAÇÃO, NÃO TEM NENHUMA BASE CIENTÍFICA. É PURA ESPECULAÇÃO, E ESPECULAÇÃO É CHEIA DE PRECONCEITO. ENTÃO PELO TIPO A GENTE PERCEBE QUE HÁ SIM O USUÁRIO. GERALMENTE COMEÇA COM BEBIDA, DEPOIS COM O CIGARRO, OU CIGARRO DEPOIS BEBIDA. ENTRA NA MACONHA, CONTINUA NA BEBIDA, CONTINUA NO CIGARRO E ENTRA EM DROGA UM POUCO MAIS PESADA. O EXPERIMENTADOR QUER SABER, OUVIU FALAR, TEM UM ACOMPANHAMENTO MUITO BOM EM CASA, OUVIU FALAR SOBRE A DROGA E AÍ QUER SABER. A PREOCUPAÇÃO DA GENTE É SE ELE EXPERIMENTAR NUM MOMENTO NÃO MUITO BOM EMOCIONAL DELE ELE PODE SE TORNAR UM USUÁRIO PORQUE A DROGA PODE SER A ESCAPATÓRIA DE ALGUM PROBLEMA DELE.

- VOCÊ ACHA QUE HÁ MAIS EXPERIMENTADORES DO QUE USUÁRIOS NA ESCOLA?

- EU ACHO QUE HÁ MAIS EXPERIMENTADORES DO QUE CONSUMIDOR.

- E O ÁLCOOL?

- AÍ É OUTRA COISA E É MUITO RÁPIDO. EU PEGO ELE NO PRIMEIRO ANO, ELE TÁ SAINDO DO FUNDAMENTAL. ENTÃO POUQUISSÍMOS BEBEM E GERALMENTE OS MENINOS. QUANDO PASSAM O SEGUNDO ANO E VÃO PARA O TERCEIRO, ELE JÁ ESTÃO NO FINAL DO ENSINO MÉDIO. ANTES ELES TINHAM ACABADO DE SAIR DO ENSINO FUNDAMENTAL. PARA A SOCIEDADE AINDA SÃO CRIANÇAS, ESTÃO ENTRANDO NO ENSINO MÉDIO ESTÃO SE TORNANDO ADOLESCENTES, PARA A SOCIEDADE. NO TERCEIRO ANO O CONSUMO É BEM

MAIOR. QUASE TODO MUNDO BEBE SOCIALMENTE E BOA PARTE BEBE MUITO, TANTO QUE TODAS AS FESTAS DELES TEM BEBIDA.

- ELES BEBEM MAIS NAS FESTAS?

- É. A MAIORIA BEBE SOCIALMENTE. COMO EU JÁ FUI EM ALGUMAS FESTAS DELES O QUE EU PERCEBO É QUE A MINORIA EXAGERA. A MAIORIA AINDA SEGURA A PETECA. BEBEM UM POUCO, QUANDO TÁ CHEGANDO, NÉ, TONTO, AÍ PARAM. E A MINORIA EXAGERA. INCLUSIVE É UMA PRÁTICA COMUM DELES EM FESTAS ORGANIZADAS, NÃO FESTAS DE CASA, MAS CHURRASCOS, EM OUTROS LUGARES, ELES CONTRATAM MÉDICO. AS EMPRESAS DE FORMATURAS, SÃO AS MESMAS DAS UNIVERSIDADES, ELAS ORGANIZAM AS FESTAS QUE NA VERDADE SÃO TRÊSZ FESTAS. É O BAILE, UMA FESTA NA BOATE, E UMA AULA DA SAUDADE, QUE DE AULA DA SAUDADE NÃO TEM NADA, É APENAS UM CHURRASCÃO, QUE ALGUNS PROFESSORES SÃO CONVIDADOS A IR E GERALMENTE É NUM SALÃO DE FESTA QUE TEM PISCINA, QUE É UMA ÁREA MUITO VERDE E TAL. TANTO NA BOATE, TANTO NO BAILE, PRINCIPALMENTE NA AULA DA SAUDADE, ELES CONTRATAM UM MÉDICO. GERALMENTE O MÉDICO TEM REMÉDIO PARA DOR E TAL, MAS NA MALETA DELE O QUE MAIS TEM É GLICOSE. DAÍ VOCÊ TIRA QUE A PREOCUPAÇÃO MAIOR DA FESTA É SE EMBEBEDAR. ACREDITO QUE DO TERCEIRO ANO É QUE ELES CONTRATAM O MÉDICO MAIS DO QUE DA UNIVERSIDADE, POR SEREM DE MENOR, QUE TEM UMA PREOCUPAÇÃO MAIOR DOS PAIS.

- QUER DIZER QUE OS PAIS SABEM DISSO?

- TALVEZ FIJAM NÃO SABER. MAS SABEM, PAGAM, A EMPRESA MANDA UM RELATÓRIO DIZENDO QUE A FESTA VAI TER ISSO.

- ENTÃO VOCÊ ACHA QUE OS PAIS SABEM?

- DA BEBIDA SABEM. SÃO ALUNOS QUE NÃO TRABALHAM, NÃO TEM UMA RENDA. PODE ATÉ TER UMA MESADA. INCLUSIVE ELES FAZEM UMA REUNIÃOZINHA EM CASA. EU SOU UMA VÍTIMA DISSO. MEU FILHO JÁ FEZ UMA FESTA EM CASA, COM BEBIDA. ATÉ A ESTRATÉGIA DE BEBER UMA DOSE DE CADA BEBIDA PARA NÃO PERCEBEREM. MAIS O PAI ACABA SABENDO. QUANDO MEU FILHO CHEGOU EM CASA BÊBADO NINGUÉM PERCEBEU, MAS EU PERCEBI. VOCÊ PERCEBE PORQUE TEU FILHO TÁ ALTERADO DE ALGUM JEITO. O OLHAR, O JEITO. TALVEZ VOCÊ NÃO CONSIGA IDENTIFICAR O QUE SEJA, SE TÁ TRISTE, SE TÁ MAGOADO, MAS QUE TÁ ALTERADO ELE TÁ. ENTÃO ALGUNS PODE FINGIR QUE NÃO SABEM. MUITOS COMPRAM BEBIDA PARA OS FILHOS, PRINCIPALMENTE PARA OS MENINOS.

- ENTÃO HÁ UMA IMITAÇÃO?

- NÃO TEM JEITO ISSO NÉ, O ESPELHO E A REFERÊNCIA DE ADULTO É O PAI, É A MÃE. ENTÃO ELES VÃO FAZER. NÃO TÔ DIZENDO AQUI QUE UM CASAL QUE NÃO BEBEM DE MANEIRA NENHUMA, QUE NÃO FUMAM DE MANEIRA NENHUMA ESTÃO IMUNES A TEREM FILHOS QUE NÃO BEBAM E NÃO FUMEM. AGORA QUE O PRIMEIRO EXEMPLO DE BEBIDA E DE CIGARRO É DENTRO DE CASA NÃO TENHA DÚVIDA. ALGUNS TEM ATÉ O EXEMPLO DE DROGAS MAIS PESADAS, COMO EU JÁ SOUBE: HÁ O MEU PAI USA, O MEU PAI USA. AÍ ELE ACABA PERCEBENDO QUE SE EU POSSO TOMAR UM COPO DE CERVEJA EU POSSO TOMAR UMA DOSE DE CACHAÇA, SE EU POSSO TOMAR UMA DOSE DE CACHAÇA EU POSSO FUMAR UM BASEADO. SE EU POSSO FUMAR UM BASEADO EU POSSO CHEIRAR COCAÍNA.

- ACABA SAINDO PARA AS OUTRAS?

- ESSE CAMINHO EXISTE, ESSE CAMINHO NÃO PODE SER NEGADO. ELE NÃO É O ÚNICO CAMINHO PARA CHEGAR AS DROGAS PESADAS, MAIS ESSE CAMINHO EXISTE E NINGUÉM PODE NEGAR. COMO ASSIM, EU BEBO DENTRO DE CASA E MEU FILHO NÃO PODE BEBER. ELE NÃO VAI BEBER QUANDO TIVER 3, 4 ANOS DE IDADE, MAIS QUANDO TIVER 7 ELE VAI QUERER BEBER. ALGUNS ALUNOS QUE EU TENHO ACESSO, MENORES ATÉ, DIZEM: HÁ, QUANDO CRESCER EU QUERO FUMAR E BEBER.

- ESSES ITENS SÃO PORTAS DE ENTRADA PARA O MENDO ADULTO?

- É, INCLUSIVE OS PAIS FAZEM ISSO, DO TIPO QUANDO CRESCER VOCÊ FAZ. O MEU PAI DIZIA ISSO, QUANDO VOCÊ CRESCER E VOCÊ TRABALHAR VOCÊ FAÇA ESSE CONSUMO. QUER DIZER, NÃO HÁ NENHUMA ORIENTAÇÃO DO QUE ESSE CONSUMO POSSA FAZER. QUANDO VOCÊ CRESCER VOCÊ PODE COMPRAR ISSO AÍ É PROBLEMA SEU. MEU PAI FALAVA ISSO, EU FALEI ISSO PARA O MEU FILHO EQUIVOCADAMENTE, ACABEI REPETINDO ISSO. TAMBÉM EXISTEM

PAIS QUE INSENTIVAM OS FILHOS A BEBER DESDE OS DEZ, DOZE ANOS. TÁ NUMA FESTA, DÁ UM GOLE, ABRE UMA CERVEJA, NÃO UMA CERVEJINHA SÓ. O MENINO CHEGA NA ESCOLA, PÔ, TOMEI UMA CERVEJA ONTEM, MENINO DE DOZE, TREZE ANOS. OS OUTROS VÃO DIZER, PÔ, EU TAMBÉM QUERO. TEM TODA ESSA MÍSTICA DA BEBIDA E DO CIGARRO. É COMO VOCÊ FALOU, É UMA PORTA PARA O MUNDO ADULTO, UMA DAS PORTAS, O SEXO SERIA OUTRO, A UNIVERSIDADE SERIA OUTRO.

- VOCÊS COSTUMAM FAZER REUNIÕES COM OS PAIS. ELES SE PREOCUPAM COM ISSO?
 - NÃO, ENGRAÇADO. INCLUSIVE OS ALUNOS QUE DIZEM QUE USAM EU NÃO CONHEÇO OS PAIS DELES. HÁ DOIS ANOS QUE EU ESTOU COM ESSES ALUNOS E EU NÃO CONHEÇO OS PAIS. ELES NÃO FREQUENTAM AS REUNIÕES. INCLUSIVE ESSA MENINA QUE FOI CARREGADA DA SALA DE AULA NÃO CONHEÇO A MÃE, NÃO TENHO IDÉIA QUEM SEJA.

- VOCÊ ACHA QUE HÁ ESSA RELAÇÃO ENTRE A NÃO PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA VIDA DOS FILHOS COM O CONSUMO DE DROGAS?

- OLHA, VOU REPETIR: UM PAI PRESENTE, CONCIENTE DO SEU PAPEL. UMA MÃE CONCIENTE, PRESENTE, QUE CONVERSA COM SEU FILHO, ELA NÃO TÁ IMUNE PORQUE EXISTEM OUTRAS COISAS QUE PERMEIAM ESSE PROBLEMA E ATÉ MESMO DETERMINAM. PRIMEIRO QUE CRIAMOS CÓDIGOS DA VIDA ADULTA, HISTORICAMENTE CRIAMOS ESSES CÓDIGOS E ESTAMOS PAGANDO POR ELE. MAS, QUE EU TAMBÉM NÃO POSSO NEGAR QUE HÁ UMA INSIDÊNCIA MAIOR DE ALUNOS QUE ABUSAM, VEJA BEM, NÃO USAM, ABUSAM DO ÁLCOOL, USAM EXCESSIVAMENTE O CIGARRO, OU USAM DROGAS, HÁ SIM UMA LIGAÇÃO COM A FALTA DE PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA ESCOLA. E AÍ É ESPECULAÇÃO MINHA, MAIS EU ACHO QUE ELES NÃO PARTICIPAM DA VIDA DOS SEUS FILHOS, NÃO SABEM ONDE ELES ESTÃO, NÃO SABEM QUE HORAS ELE CHEGA E COM QUEM ESTÃO E FAZENDO O QUE. NINGUÉM ESTÁ IMUNE, MAS QUE HÁ UMA LIGAÇÃO DO PAI NA VIDA... SE VOCÊ NÃO VAI NA ESCOLA É UM REFLEXO DE QUE VOCÊ NÃO PARTICIPA DA VIDA DO SEU FILHO.

- MAS OS PAIS DA ESCOLA QUE VOCÊ TRABALHA COMPARECEM NAS REUNIÕES?

- NÃO. VAMOS BOTAR NA REUNIÃO DOS PAIS, TÔ SENDO MUITO GENEROSA, 40%. NA PRIMEIRA SÉRIE, PRIMEIRO ANO, DOS PEQUENININHOS, DO ENSINO FUNDAMENTAL, 80% VÃO. OS 20% NÃO FORAM NAQUELE MOMENTO, PORQUE ACONTECEU ALGUMA COISA, MAS EM ALGUM MOMENTO VÃO PARA A ESCOLA. OU SEJA, VOCÊ TEM PARTICIPAÇÃO DOS PAIS DE 100%. NO QUINTO ANO ISSO CAI PARA 60%. NO NONO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL CAI PARA 40% DE PARTICIPAÇÃO. NO TERCIRO ANO DO ENSINO MÉDIO 30% VÃO E OLHE LÁ E SÓ SE TIVER DIFICULDADE NA TUA DISCIPLINA, NÃO VÃO PARA CONVERSAR, COMO É QUE TÁ MEU FILHO. E PRINCIPALMENTE QUE A GENTE TEM UM NÍVEL GRANDE DE RECUPERAÇÃO. EU JÁ TIVE 30% DE ALUNOS EM RECUPERAÇÃO NA MINHA DISCIPLINA QUE INCLUSIVE É DITA COMO FÁCIL, QUE É HISTÓRIA. SE EU FOSSE PROFESSORA DE MATEMÁTICA EU ESTARIA FALANDO COM VOCÊ EM 60% DE RECUPERAÇÃO, DE ALUNOS QUE NÃO CONSEGUIRAM TIRAR O MÍNIMO. E MESMO ASSIM OS PAIS NÃO VÃO. ELES NÃO PARTICIPAM NEM POR CAUSA DA APRENDIZAGEM E MUITO MENOS POR CAUSA DE COMPORTAMENTO. ATÉ MESMO PARA RECEBER ELOGIO. EU SOU LOUCA PARA CONHECER UM PAI PARA ELOGIAR UM ALUNO, PORQUE EU ACHO QUE O NOSSO TRABALHO É ISSO. DIZER, OLHA, VOCÊ TÁ INDO NO CAMINHO CERTO. NÃO TEM COISA PIOR, MAIS INSEGURA DO QUE A ATIVIDADE DE PAI E DA MÃE, PORQUE VOCÊ NUNCA SABE O QUE ESTÁ CERTO. SE O SEU FILHO ESTÁ EM RECUPERAÇÃO E VOCÊ NÃO VAI PARA A ESCOLA, IMAGINA SABER ONDE ELE VAI. SÓ SE ELE APARECE PARA A EQUIPE TÉCNICA, MAIS PARA A GENTE...

- QUAL A MAIOR INFLUÊNCIA QUE VOCÊ ACHA QUE LEVA O JOVEM A ENTRAR NAS DROGAS, PELA EXPERIÊNCIA QUE VOCÊ TEM COM SEUS ALUNOS?

- EU REALMENTE NÃO POSSO DIZER APENAS COMO PROFESSORA, EU TENHO QUE PUXAR UM POUCO PARA A MINHA EXPERIÊNCIA ENQUANTO ADOLESCENTE. EU TENHO 36 ANOS E DÁ PARA LEMBRAR. O QUE ME FEZ NÃO USAR FOI O MEDO DO MEU PAI. NÃO FOI RESPEITO, NÃO CONSCIÊNCIA, FOI MEDO, EU ME PELAVA DE MEDO DO MEU PAI. MEU PAI TINHA UMA EDUCAÇÃO MUITO RÍGIDA, ELE FOI MILITAR NA JUVENTUDE E IMPRIMIU ESSA EDUCAÇÃO A MIM. AÍ EU FIQUEI PENSANDO DEPOIS: E SE EU NÃO TIVESE UM PAI MILITAR, SE EU NÃO TIVESSE ESSE MEDO, PORQUE EU EXPERIMENTARIA? INFLUÊNCIA DOS COLEGAS, INFLUÊNCIA DOS AMIGOS. MAIS AÍ SURGE UMA PERGUNTA: QUEM INFLUÊNCIA OS AMIGOS. AÍ COMO PROFESSORA EU CONSIGO VER QUE SÃO OS CHAMADOS CÓDIGOS QUE A GENTE ESTABELECE

AO LONGO DA VIDA, DA PASSAGEM DO ADOLESCENTE PARA A VIDA ADULTA, OS CÓDIGOS QUE A GENTE TAMBÉM ESTABELECEU HISTORICAMENTE DE INDEPENDÊNCIA, DE AUTONOMIA INTELECTUAL, FINANCEIRA, SEJA ELA QUAL FOR. DURANTE MUITO TEMPO O CIGARRO E A BEBIDA FORAM ESSES CÓDIGOS, NÉ, SÓ VIRAVA HOMEM QUANDO BEBIA, SÓ VIRAVA HOMEM QUANDO FUMAVA. DURANTE MUITO TEMPO ESSES CÓDIGOS PERMANECERAM, INCLUSIVE COM ESPAÇO NA TELEVISÃO, NO CINEMA. QUAL ERA O INTELECTUAL DA DÉCADA DE 60 QUE NÃO BEBIA, QUE NÃO FUMAVA. TODOS OS ÍDOLOS DA MÚSICA BEBIAM, FUMAVAM, A SOCIEDADE CRIOU ESSES CÓDIGOS. SÓ QUE AGORA A COISA É MAIS COMPLICADA, EXISTEM DROGAS MAIS PESADAS E DROGAS QUE NÃO DÃO SÓ UMA RESSACA.

- ENTÃO ESSA É A DIFERENÇA DO CONSUMO HOJE?

- O CIGARRO E A BEBIDA SEMPRE FORAM UM MERCADO, SEMPRE FORAM MERCADORIA. E COMO MERCADORIA ERA IMPORTANTE SE IMPOR ENQUANTO MERCADO. QUAL ERA O MERCADO CONSUMIDOR: A JUVENTUDE. A DROGA LSD, MACONHA, TAMBÉM ERAM DESSA ÉPOCA, MAIS VIRARAM MERCADORIA NA DÉCADA DE 70 PARA CÁ, PRINCIPALMENTE NOS ANOS 80 QUE AÍ VIROU MERCADORIA COM GRANDE LUCRO DO TRÁFICO DE DROGAS. NAS COMUNIDADES DO RIO DE JANEIRO, QUE COMEÇA A SE ESPALHAR ESSA IDÉIA DE MERCADO, ESSA LÓGICA DE MERCADO, DE UMA COISA QUE NÃO É OFICIAL, MAIS A LÓGICA É A MESMA. VOCÊ PRECISA DE MÃO DE OBRA, VOCÊ PRECISA DE MATÉRIA PRIMA, VOCÊ PRECISA DE PROPAGANDA. COMO NÃO É OFICIAL, CONTINUA SENDO, NESSA CLASSE MÉDIA ALTA, A QUESTÃO DA DIVERSÃO, DA AUTONOMIA, DA INDEPENDÊNCIA, DO CARA CABEÇA, DO CARA QUE NÃO É CARETA, A MENINA QUE NÃO FUMA É CARETA. ELES DIZEM: DEIXA DE SER CARETA, DEIXA DE SER CRIANÇA. ENTÃO O CONCEITO DE CARETA, DE SER CRIANÇA, NESSE MOMENTO DA ADOLESCÊNCIA É O MESMO. COM O MERCADO VOCÊ TEM DIVERSIDADE, QUALIDADE DO PRODUTO, CADA VEZ MAIS ACESSO, ACESSO QUE NÃO TINHAMOS NA NOSSA ÉPOCA, QUE NÓS CONHECIAMOS HÁ, FULANO DE TAL TOMA REMÉDIO, COMO É QUE EU CHEGO A ELE. TINHA ATÉ UMA CERTA DIFICULDADE DE CHEGAR ATÉ ELE. AGORA NÃO, AGORA NÃO. ELES CONSEGUEM FACILMENTE, MAIS NÃO NA ORIGEM, NÃO NA FAVELA.

- ELES NÃO TEM RELAÇÃO COM TRAFICANTE?

- EU ACREDITO QUE NÃO. POSSO ESTAR COMPLETAMENTE ERRADA.

- ELES CONSEGUEM COMO?

- EU ACHO QUE É O CARA QUE SAI DA FAVELA QUE VENDE NÃO SEI AONDE, QUE ENTREGA NÃO SEI PARA QUEM, UM VENDEU PARA O OUTRO, VENDEU PARA UM AMIGO, AÍ O AMIGO DEU. O NEGÓCIO É COLETIVO, FAZ UMA VAQUINHA AÍ E USA COLETIVO.

- VOCÊ ACHA QUE INCLUSIVE ELES NUNCA FORAM A FAVELA?

- ACREDITO QUE NÃO, PORQUE A MAIORIA NÃO SABE PEGAR ÔNIBUS, A MAIORIA, ESTAMOS FALANDO DA MAIORIA. SÓ SE VAI UM OU OUTRO. MAIS A MAIORIA NUNCA PEGOU UM ÔNIBUS. É A MAIOR DIFICULDADE PARA A GENTE FAZER UMA AULA DE CAMPO, QUERENDO IR ÔNIBUS DE LINHA, MAIS OS PAIS NÃO QUEREM, ELES NÃO QUEREM. ENTÃO PARA QUEM NUNCA PEGOU UM ÔNIBUS IR PARA UMA COMUNIDADE DESSA, ACREDITO QUE NÃO. A NÃO SER QUE UM TENHA CORAGEM DE IR, MAIS DESPOCHADO, CONSIGA IR E TRAGA PARA OS OUTROS.

- VOCÊ ACHA QUE ELES CHEGAM A SE TORNAR TRAFICANTE PARA CONSUMIR?

- NÃO SEI TE DIZER ISSO, ACREDITO QUE NÃO PORQUE NÃO PRESENCIEI, NUNCA DESCONFIEI. DAQUELA ESCOLA NÃO MAIS TALVEZ UMA ESCOLA DE UM PORTE, PRIVADO INCLUSIVE, CHAMADA DE ESCOLA SALVA VIDA, ESCOLAS MENORES, QUE ACABAM SALVANDO A VIDA ESCOLAR DE ALGUNS ALUNOS E COM UM TEMPO ACABAM AGREGANDO ALGUNS ALUNOS QUE NÃO QUEREM ESTUDAR, QUE NÃO TEM ACOMPANHAMENTO DOS PAIS. TALVEZ ESSAS ESCOLAS TENHAM ALGUM ALUNO QUE VENDE.

- JÁ OUVIU FALAR DE ALGUM TRAFICANTE NA PORTA DA ESCOLA?

- NA PORTA NÃO. NA REDONDEZA NÃO OUVI FALAR MAIS DESCONFIO. TEM ALGUMAS RUAS QUE TEM UMA CLASSE MÉDIA BAIXA E EU JÁ FIQUEI SABENDO QUE ALGUNS MORADORES ALI PRÓXIMOS SÃO USUÁRIOS, SÃO VICIADOS, E QUE VENDEM DROGA.

- ENTÃO OS QUE VENDEM SÃO DA CLASSE BAIXA E VENDE PARA A ALTA?

- É. TEM MESADA DE PAPAÍ, TEM MP3.

- VOCÊ ACHA QUE COMPRAM DESSA MESADA?

- COM CERTEZA, NÃO TRABALHAM. SE EU TENHO UM ALUNO QUE TRABALHA NO TERCEIRO ANO É MUITO.

- VOCÊ CONHECE ALGUM ALUNO QUE TENHA ROUBADO PARA CONSUMIR?

- NÃO.

- JÁ PERDEU ALGUM ALUNO POR CONTA DE DROGA?

- NÃO, PARA ISSO NÃO. BOM, EU NÃO SEI COMO TÁ ESSA ALUNA QUE BEBIA MUITO. ENQUANTO ESTUDANTE DA ESCOLA NÃO, DEPOIS EU NÃO SEI PORQUE A GENTE PERDE COMPLETAMENTE O CONTATO. JÁ FIQUEI SABENDO DE UM AMIGO DOS ALUNOS DA ESCOLA QUE BATEU O CARRO PORQUE ESTAVA EMBRIAGADO E MATOU AS PESSOAS QUE ESTAVAM PRÓXIMA.

- NUNCA OUVIU FALAR DE MORTES POR OVERDOSE?

- NÃO.

- VOCÊ IDENTIFICA CONSUMO NA ORLA MARÍTIMA?

- OLHA, EU FIQUEI SABENDO DE UMA PRAÇA, VERA ARRUDA, QUE NO COMEÇO ERA UMA PRAÇA MUITO FREQUENTADA POR CRIANÇA, MÃES, ALI NO STELA MARIS. EU NÃO SEI PORQUE ELA SE TRANSFORMOU NUMA PRAÇA FREQUENTADA POR ADOLESCENTES USUÁRIOS DE DROGAS, SEJA ÁLCOOL OU DROGAS ILÍCITAS. NÃO SEI COMO ESTÁ AGORA.

- O USO E A VENDA?

- O USO E A VENDA.

- O QUE VOCÊ ACHA QUE DEVE SER FEITO, ESCOLA, FAMÍLIA, SOCIEDADE, ESTADO?

- QUE FIQUE CLARO QUE SÓ A ESCOLA E A FAMÍLIA NÃO VÃO RESOLVER ESSE PROBLEMA. ESSE PROBLEMA É MAIOR, TEM UMA LÓGICA MAIOR, TEM UMA LÓGICA DE MERCADO E ENQUANTO ESSA LÓGICA DE MERCADO NÃO FOR CORTADA É COMPLICADO. NÃO É SÓ A DROGA, PORQUE A DROGA ESTÁ NUMA LÓGICA DE MERCADO QUE É GERAL. ELA SÓ NÃO É OFICIAL, ELA É UMA MERCADORIA MAIS É UMA MERCADORIA ILÍCITA, MAIS ELA USA A MESMA LÓGICA. É A MESMA ORGANIZAÇÃO. OS TRAFICANTES TEM A MESMA ORGANIZAÇÃO, DE FORMA DIFERENTE, MAIS COMO EU FALEI, A LÓGICA É A MESMA. TEM O CHEFE, OS FUNCIONÁRIOS, A SEGURANÇA, MESMO JEITO. O QUE EU ACHO QUE A ESCOLA PODIA FAZER, OS PAIS NO CASO, PARTICIPEM DA VIDA DOS SEUS FILHOS. ISSO EU NÃO QUERO DIZER QUE ELES PRECISEM SER AMIGOS DOS SEUS FILHOS. PAI TEM QUE SER PAI, MÃE TEM QUE SER MÃE. NÃO ESTOU DEFENDENDO A DISCIPLINA MILITAR, AO CONTRÁRIO. A BOA CONVERSA, A BOA CONSCIENTIZAÇÃO, É MUITO VÁLIDA, ELA É DE EXTREMA IMPORTÂNCIA NA RELAÇÃO PAI E FLHO. MAIS A MÃE NÃO PODE SER AMINGUINHA DA FILHA E NEM O PAI PODE SER AMIGÃO DO FILHO. ELE TEM UM OUTRO PAPEL, QUE É O PAPEL DE PAI, QUE IMPÕE LIMITES, DO QUE DIZ NÃO. AMINGUINHO NÃO DIZ NÃO. IMPOR LIMITES. ELES ESTÃO SEM LIMITES COMPLETO, VALORES COMUNS, COTIDIANOS, BOM DIA, BOA TARDE, RESPEITAR OS AMBIENTES.

- QUANDO VOCÊ FALA ISSO É PORQUE ESTÁ FALTANDO NOS ALUNOS DA ESCOLA QUE VOCÊ TRABALHA?

- SIM, COM CERTEZA. RESPEITAR OS AMBIENTES. EU TENHO UMA CONDUTA EM MINHA CASA, EU NÃO POSSO LEVAR ESSA CONDUTA PARA A CASA DA MINHA NAMORADA, OU DO MEU AMIGO. EU TENHO QUE RESPEITAR AQUELE AMBIENTE. AMBIENTE DE APRENDIZAGEM NA ESCOLA É UM AMBIENTE COMPLETAMENTE DIFERENCIADO, ENTÃO EU NÃO POSSO SENTAR DE QUALQUER JEITO, EU NÃO POSSO ME PORTAR DE QUALQUER JEITO, EU NÃO POSSO BOCEJAR ALTO NAQUELE AMBIENTE DE APRENDIZAGEM PORQUE É UM AMBIENTE DE APRENDIZAGEM COLETIVO. SE TODO MUNDO BOCEJAR ALTO NAQUELE AMBIENTE DE APRENDIZAGEM COLETIVO NÃO HÁ AMBIENTE DE APRENDIZAGEM. AS PESSOAS TÃO CONFUNDINDO IMPOR LIMITES COM EDUCAÇÃO MILITAR. NÃO, IMPOR LIMITES É FAZER COM

QUE TEU FILHO SEJA UMA PESSOA QUE CONSIGA TRANSITAR NESSES AMBIENTES E CONSIGA SE PORTAR NESSES AMBIENTES, PARA QUE ELE NÃO INCOMODE ESSES AMBIENTES.

- E OS DIÁLOGOS?

- SIM, TEM QUE TER DIÁLOGOS E A IMPOSIÇÃO DE LIMITES. CASTIGO... SINCERAMENTE, EU SOU CONTRA A MESADA. ESSA HISTORINHA DE DÉCADA DE 80 DE QUE MESADA VAI AJUDAR AS CRIANÇAS A ADMINISTRAR O DINHEIRO É FALSA, É FALSEAR, VOCÊ TROCAR O CARINHO DO SEU FILHO, A CUMPLICIDADE DO SEU FILHO, A AUTORIDADE QUE VOCÊ TEM SOBRE SEU FILHO, POR DINHEIRO. QUER ENSINAR ELE A TRABALHAR COM DINHEIRO, PRONTO, DÊ DINHEIRO PARA ELE PARA FAZER AS COMPRAS DE CASA. ISSO VAI AJUDAR ELE A ENTENDER A IMPORTÂNCIA DO DINHEIRO. BOTE SEU FILHO PARA TRABALHAR. LEVA ELE PARA DISNEYLÂNDIA E DAR TRÊS MIL DÓLARES. COMO É ISSO, TRÊS MIL DÓLARES PARA UM FEDELHO DE QUINZE ANOS. EU SOU COMPLETAMENTE CONTRA MESADA. SEU SE FILHO GANHA POR MÊS CEM REAIS COM DEZ ANOS DE IDADE O QUE ELE VAI QUERER COM DEZOITO. QUER ENSINAR O SEU FILHO A REALIDADE DO DINHEIRO, LEVA ELE PARA A FAVELA E DIGA PARA ELE QUANTO ESSA FAMÍLIA GANHA PARA SE SUSTENTAR DURANTE UM MÊS. AGORA VOCÊ DÁ CEM REAIS POR MÊS COM DEZ ANOS, COM DEZOITO ELE VAI QUERER AS TUAS CUECAS, A TUA CASA, O TEU CARRO, O QUE ACONTECE. E COM 22 SE ELE NÃO TIVER UM EMPREGO DE 17 MIL REAIS ELE NÃO TÁ FELIZ, E A VIDA NÃO É ASSIM. QUANTAS PESSOAS GANHAM 17 MIL REAIS? ENTÃO OS PAIS TEM QUE SER PAIS. DIÁLOGO, COMPREENSÃO, CARINHO, QUER MIMAR DE VEZ EM QUANDO NÃO TEM PROBLEMA, MAIS TEM QUE SER PAIS. NÃO TEM QUE SER AMIGUINHOS, DA TURMA. E NÃO TEM NADA A VER COM SUPERPROTEÇÃO, AO CONTRÁRIO, OS PAIS TEM LIMITAR OS FILHOS, O QUE NÃO É AUTORITARISMO, AUTORIDADE, COMO O PROFESSOR TEM QUE TER AUTORIDADE DE PROFESSOR, PORQUE AQUELE AMBIENTE ALI É DE AUTORIDADE SE NÃO ENLOQUECEM.

- VOCÊ CONSEGUE TER AUTORIDADE NA SALA?

- ELES PERTUBAM MAIS EU CONSIGO.

- E COM OS OUTROS PROFESSORES?

- A GENTE FICA SABENDO ASSIM... EU POSSO FALAR DA MINHA EXPERIÊNCIA. EU RESPEITO MUITO O MEU TRABALHO. EU NUNCA VOU BRIGAR COM ELES. EU VOU BRIGAR POR VOCÊS. E SE EU TIVER QUE BRIGAR COM UM POR CAUSA DOS OUTROS EU VOU BRIGAR, PELA APRENDIZAGEM. ELES TEM QUE SABER QUE UMA RELAÇÃO DE AMOR NÃO TEM NADA A VER COM FALTA DE RESPEITO, UMA RELAÇÃO DE AMOR NÃO TEM NADA A VER COM SIM O TEMPO TODO, COM CONCESSÃO ETERNA. AO CONTRÁRIO, UMA RELAÇÃO DE AMOR É FEITA COM DIÁLOGO, RESPEITO, AUTORIDADE, NÉ, DO PROFESSOR COM RELAÇÃO AO ALUNO, DO PAI COM RELAÇÃO AO FILHO. MAIS A AUTORIDADE VAI SEMPRE ANDAR JUNTO COM A GENEROSIDADE. ENTÃO SE ELES ENTENDEREM ISSO, DE QUE O MEU PAI É MUITO RÍGIDO, ME IMPÕE LIMITES, MAIS ELE É MUITO GENEROSO EM ME EDUCAR, EM ME DAR CARINHO, ELE VAI ENTENDER. OS PAIS VÃO CRIAR INDIVÍDUOS EMOCIONALMENTE MAIS MADUROS, BEM RESOLVIDOS. E ASSIM COM O PROFESSOR, SÓ QUE É UMA RELAÇÃO DE UMCOM 40, ENQUANTO QUE O PAI É DE DOIS, TRÊSZ FILHOS. ENTÃO PRIMEIRO ESSARELAÇÃO COM OS PAIS TEM QUE TÁ BEM ESTABELECIDO. OS PAIS SÃO PAIS. PARTICIPAR DA VIDA DOS FILHOS, TER AUTORIDADE DE PAI IMPONDO LIMITES E GENEROSIDADE. GENEROSIDADE É IMPRECINDÍVEL TAMBÉM. RESOLVENDO ISSO A ESCOLA PRECISA TER O MESMO CAMINHO. A ESCOLA PRECISA TER O PAPEL DE ESCOLA. A ESCOLA NÃO É IGREJA, A ESCOLA NÃO É POLÍCIA, A ESCOLA NÃO É CURSINHO, A ESCOLA É ESCOLA. O PROFESSOR NÃO É TIO E TIA, O PROFESSOR NÃO É PAI DAQUELA CRIANÇA, O PROFESSOR É PROFESSOR. ELE TEM UMA AÇÃO MUITO BEM ESTABELECIDO, E A ESCOLA PRECISA ENTENDER ISSO. ENTÃO ENQUANTO A ESCOLA TRATAR A DROGA COMO UM PROBLEMA RELIGIOSO, OU COMO UM PROBLEMA DE SEGURANÇA, OU COMO PROBLEMA DE PATERNALISMO, NÉ, INCITANDO O PROFESSOR A SER PAI DAQUELE ALUNO, OU O ORIENTADOR A SER PAI DAQUELE ALUNO. A ESCOLA TEM QUE TRATAR O PROBLEMA DAS DROGAS ENQUANTO ESCOLA, PROFESSOR ALUNO. POR EXEMPLO, EU SOU CONTRA AS PALESTRAS DA POLÍCIA MILITAR PORQUE NA ESCOLA NÃO É PROBLEMA DE SEGURANÇA. A POLÍCIA MILITAR TEM QUE TÁ PREPARADA PARA TRATAR COM TRAFICANTE. QUEM TEM QUE TÁ PREPARADA PARA TRATAR COM ADOLESCENTE É PROFESSOR, PSICÓLOGO, ORIENTADOR EDUCACIONAL. A POLÍCIA FAZ UM DESFAVOR.

- E VOCÊS FAZEM PALESTRAS COM A POLÍCIA MILITAR?

- A MUITO TEMPO ATRÁS, AINDA BEM QUE PARARAM PORQUE É UMA PALESTRA DE DIZER QUE A DROGA É RUIM. E AÍ O ALUNO ENTRA NUMA CONTRADIÇÃO: COMO ASSIM RUIM SE EU FUMO UM BASEADO E ME SINTO SUPER BEM. OU OLHA PARA UM CAPITÃO DE POLÍCIA, SIM CAPITÃO, PODE ATÉ SE PERGUNTAR PORQUE MACEIÓ É PEQUENA, TODO MUNDO SE ENCONTRA, AÍ ENCONTRA O CAPITÃO DIZENDO QUE DROGA É RUIM E CHEGA NO PINTO DA MADRUGADA TÁ LÁ O CAPITÃO ENCHENDO A CARA. COMO ASSIM? SE A GENTE ENTRAR NESSE ASSUNTO DE DROGA COM ADOLESCENTE DIZENDO QUE DROGA É RUIM, ACABOU, VOCÊ NÃO FALA MAIS NADA. PODE ATÉ FALAR MAIS ELES NÃO VAI ESCUTAR NADA. PARA ELES A DROGA NÃO É RUIM. A DROGA É BOA, PARA ELES. A SENSACÃO QUE A DROGA PROVOCA É ÓTIMA, NINGUÉM PODE NEGAR ISSO. E SE A ESCOLA TIVER NEGANDO ISSO... É UMA DELÍCIA FUMAR CIGARRO. O PROBLEMA É A CONSEQUÊNCIA DISSO, O PROBLEMA É A RELAÇÃO DE PODER QUE ISSO IMPERA. ENTÃO TEM ALGUNS ALUNOS, É ENGRAÇADO ISSO, EU TENHO CERTEZA SE EU TIVESSE TEMPO, UM ACESSO MAIOR A ALGUNS ALUNOS QUE SÃO POLITICAMENTE MAIS ABERTOS, MAIS CONSCIENTES, DENTRO DO LIMITE DE UM ADOLESCENTE DE 17 ANOS, DE CLASSE MÉDIA ALTA QUE NÃO TIVERAM EXPERIÊNCIA NENHUMA PARTIDÁRIA OU DE MOVIMENTO SOCIAL, MAIS SÃO POUQUINHO MAIS ABERTO, EU TENHO CERTEZA QUE SE A GENTE TIVESSE UMA CONVERSA COM DADOS E INFORMAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE PODER QUE A DROGA TEM E INCENTIVA EU TENHO CERTEZA QUE ESSE ALUNO IA DIZER: NÃO, REALMENTE VOCÊ TEM RAZÃO, VAMOS PARAR COM ISSO AQUI. PORQUE ELE É UM CARA POLITIZADO, AÍ VEM UM ARGUMENTO JUSTAMENTE EM RELAÇÃO A POLÍTICA, NÃO VAI PODER CONTRA ARGUMENTAR. AGORA CHEGAR PARA UM ALUNO DESSE E DIZER QUE É RUIM EU TÔ SENDO INFANTIL, EU TÊ SENDO INGÊNUO AO ACHAR QUE ESSE PAPIÑO VAI FAZER COM QUE ELE PARE. OUTROS TIPOS DE ALUNOS SÃO ECOLOGICAMENTE CORRETOS, ENTÃO DE REPENTE FAZER UMA DISCUSSÃO FAZENDO UMA RELAÇÃO ENTRE ECOLOGIA E DROGA. OU SEJA, TRATAR A DROGA COMO UMA QUESTÃO CIENTÍFICA, COM A SERIEDADE QUE ELA PRECISA SER TRATADA, E NÃO COM PATERNALISMO, COM MEDO, OU COM RELIGIÃO, DEUS NÃO QUER QUE VOCÊ FUME UM BASEADO, AÍ VOCÊ NÃO CONSEGUE ATINGIR. TEM QUE SER TRATADA COM A SERIEDADE QUE ELA TEM E COM A DIVERSIDADE QUE OS MENINOS TEM TAMBÉM. ENTÃO SE UM É ECOLOGICAMENTE CORRETO, VAMOS TRABALHAR A RELAÇÃO ECOLOGIA E A DROGA, SE UM É UM CARA QUE MALHA, VAMOS TRATAR A RELAÇÃO DROGA E SAÚDE. A QUESTÃO É: NOS ENSINAM NA ESCOLA A SER UM PROFESSOR PLURAL, A ENSINAR DE VÁRIAS FORMAS PARA QUE VOCÊ CONSIGA PEGAR AS INDIVIDUALIDADES DE TEUS ALUNOS. UM APRENDE MAIS COM VISUAL, OUTRO PRESTANDO ATENÇÃO, OUTRO ESCRREVENDO, OUTRO PRODUZINDO, ENFIM, VOCÊ TER UM LEQUE DE ATIVIDADES DIVERSAS, UMA DIVERSIDADES NESSAS ATIVIDADES PARA QUE VOCÊ CONSIGA CHEGAR, ALCANÇAR CADA ALUNO TEU. E COM AS DROGAS A GENTE NÃO FAZ ISSO? ENTÃO VAMOS FAZER O QUE A GENTE APRENDEU NA UNIVERSIDADE PARA SE FORMAR PROFESSOR E TRAZER PARA TRATAR COM PROBLEMAS, NÃO SÓ DE DROGAS, MAIS DE SEXO. USE CAMISINHA, MOSTRAR COMO USA CAMISINHA, TAMBÉM NÃO SERVE MAIS. TEM QUE TRATAR O SEXO, TEM QUE TRATAR A DROGA DE FORMA CIENTÍFICA, NA QUÍMICA, NA BIOLOGIA, NA PSICOLOGIA, NA QUESTÃO POLÍTICA, NA ECONOMIA, EM TODOS OS RAMOS. CADA UM FAZENDO O SEU PAPAEL, FAMÍLIA ENQUANTO FAMÍLIA, ESCOLA ENQUANTO ESCOLA, A GENTE VAI PODER NÃO RESOLVER, MAIS ENFRENTAR MELHOR O PROBLEMA.

- E O ESTADO?

- A Í TEM UM PAPEL DIFERENCIADO, PORQUE A GENTE JÁ TÁ FALANDO DE MACRO. NAS ESCOLAS PÚBLICAS ELE TEM UM PAPEL DENTRO DA ESCOLA. O ESTADO ENQUANTO INSTITUIÇÃO MAIOR ELE TEM A SEGURANÇA, O TRAFICANTE TEM QUE SER TRATADO COMO TRAFICANTE NESSE SISTEMA ECONÔMICO QUE A GENTE VIVE. O TRAFICANTE PRECISA SER TRATADO ENQUANTO TRAFICANTE E O USUÁRIO COMO USUÁRIO. É UM CASO DE SEGURANÇA PÚBLICA É, MAIS É UM CASO DE SAÚDE PÚBLICA, É UM CASO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA, DE PROPAGANDA, DE CONSCIENTIZAÇÃO. REPRESSÃO DENTRO DA ESCOLA NÃO FUNCIONA, DENTRO DE CASA TAMBÉM NÃO FUNCIONA A REPRESSÃO ENTÃO NÃO VAI FUNCIONAR NO ESTADO TAMBÉM. O MENOR QUE TÁ USANDO DROGA, E AÍ? VAI ENCHER A FEBEM. E A FEBEM VAI FAZER O QUE COM ESSE MENOR? VAI REABILITAR? NÃO, AO CONTRÁRIO, VAI ENSINAR ELE A USAR OUTRAS DROGAS E VAI ENSINAR ELE A VENDER DROGA. QUEM NÃO É CRIMINOSO E CAI NA FEBEM APRENDE A SER. AGORA ISSO TUDO PARA ENFRENTAR ESSE PROBLEMA, PARA RESOLVER A GENTE PRECISA TER OUTRO TIPO DE ESTADO. A DROGA ENQUANTO FOR MERCADORIA COMO QUALQUER OUTRA, NÃO VAI ACABAR. UMA VEZ A GENTE TROUXE UMA PESSOA QUE FALOU UMA COISA MUITO

INTERESSANTE. A GENTE COMEÇOU A FALAR O QUE ERA DROGA, DROGA É UMA COISA QUE VICIA. QUANTOS REMÉDIOS VICIAM? REMÉDIOS PARA EMAGRECER VICIAM. AS GAROTAS NA ESCOLA TOMAM REMÉDIOS INDEVIDAMENTE PARA EMAGRACER E FAZEM OUTRAS COISAS PIORES, INDUZIR O VÔMITO, TOMAR LACHANTE. EU NÃO SEI VOCÊ, MAIS EU CONHEÇO PESSOAS QUE TEM QUATRO A CINCO REMÉDIOS DENTRO DA BOLSA. UM DIGESTIVO, PARA DOR DE CABEÇA, PARA CÓLICA, PARA DOR DE CABEÇA, UM COLÍRIO. É UM PRODUTO QUÍMICO QUE PODE OU NÃO ALTERAR O TEU ESTADO. E O ALTEROFILISTA, É VICIADO EM GINÁSTICA. EU NÃO TÔ FALANDO DE ANABOLIZANTE, EU TÔ FALANDO DE VICIADO EM GINÁSTICA. QUANDO VOCÊ FAZ EXERCÍCIO FÍSICO TEU CORPO PRODUZ INDORFINA QUE É UMA SUBSTÂNCIA QUÍMICA NATURAL DO TEU CORPO, MAIS É UMA SUBSTÂNCIA QUE DAR PRAZER, E TEM GENTE QUE VICIA NISSO. ESSA DISCUSSÃO DO QUE É DROGA É MAIS PROFUNDA DO QUE É LEVADO PELA POLÍCIA MILITAR PARA A ESCOLA, DO QUE O ESTADO POSSA DAR CONTA. SE VOCÊ VIVE NUM ESTADO, UM PODER POLÍTICO SUBORDINADO A UM PODER ECONÔMICO QUE SE BASEIA EM MERCADORIA, TUDO PODE VIRAR MERCADORIA, AS PESSOAS PODEM VIRAR MERCADORIA. UMA DROGA ILÍCITA PODE TER UMA MESMA LÓGICA DE MERCADO QUE UMA ROUPA. A SOCIEDADE LÍCITA, LEGAL, DENTRO DA LEGALIDADE, DA OFICIALIDADE, DEU AS REGRAS PARA OUTRA COISA ILÍCITA VIRAR MERCADORIA. SE LIBERAR AS DROGAS ELE VAI ACHAR OUTRAS COISAS.

PROFESSOR NORBERTO - ESCOLA PRIVADA

- QUAL O BAIRRO QUE VOCÊ TRABALHA?

-TRABALHO EM UMA ESCOLA NO FAROL E UMA PRÓXIMA A ORLA MARÍTIMA.

- COMO É A ESTRUTURA DESSES PRÉDIOS?

- ELAS SÃO BEM EQUIPADAS. AMBOS OS PRÉDIOS SÃO GRANDES, E TEM UMA ESTRUTURA MUITO BOA, COM SALAS DE MULTIMEIOS, ESSAS COISAS TODAS, LABORATÓRIO, QUADRA. TEM MAIS DE UM PAVIMENTO. UMA DELAS TEM COMPUTADOR PRATICAMENTE EM TODAS AS SALAS, O OUTRO NÃO, MAIS TEM LABORATÓRIO DE AUDIOVISUAL. UM DELES É BEM MAIS EQUIPADO, O OUTRO, COMO É MAIS ANTIGO, TEM LABORATÓRIOS, MAIS NÃO É TÃO EQUIPADO COMO O OUTRO.

- TEM MUITOS FUNCIONÁRIOS?

- TEM MUITOS FUNCIONÁRIOS. NO MAIS ANTIGO, PROPORCIONALMENTE, ACABA TENDO MAIS FUNCIONÁRIOS.

- COMO SÃO AS PAREDES? SÃO PIXADAS?

- NÃO, NÃO TEM NADA DISSO NÃO, NEM POR DENTRO E NEM POR FORA. HÁ SUJEIRA DEPOIS DO INTERVALO MAS ALGUÉM LIMPA. DEVE TER RESTO DE COMIDA, ESSAS COISAS. EU ATRIBUO ISSO AO TRABALHO DOS FUNCIONÁRIOS E A CONSTANTE VIGÍLIA.

- JÁ HOUVE CASOS DE PIXAÇÕES?

- NÃO, QUE EU SAIBA NÃO. EU TENHO CERTEZA SE FOSSE PIXADO NO OUTRO DIA JÁ ESTARIA PINTADO, OU NO MESMO DIA. O COLÉGIO NÃO PERMITIRIA. ALUNO TERIA ATÉ VONTADE DE FAZER ISSO...

- VOCÊ ACHA QUE NÃO FAZ ISSO POR CAUSA DA VIGÍLIA?

- EU ACHO QUE NÃO FAZ PELA VIGÍLIA, PELO TEMOR DE REPRESÁLIA. E EU NÃO SEI SE ELES FARIAM MESMO. PARECE QUANDO ALGO JÁ TEM UMA BRECHA, POR EXEMPLO, JÁ TEM UMA PARTE PIXADA... FAZER UMA PIXAÇÃO É QUASE UMA CONTINUAÇÃO DO QUE JÁ COMEÇOU. MAS COMO O COLÉGIO É TODO LIMPO, QUE ELES SABEM QUE NÃO ADIANTA PIXAR QUE NO OUTRO DIA A COISA VAI TÁ PINTADA, ENTÃO NÃO VAI FAZER EFEITO NENHUM A PIXAÇÃO DELE, PORQUE QUEM PIXA, PIXA PARA SER VISTO. ELE VAI PIXAR CORRENDO O RISCO DE SOFRER REPRESÁLIA, E NO MESMO DIA, OU NO OUTRO, A PIXAÇÃO JÁ NÃO VAI ESTAR LÁ, O SEU ATO DE INSUBORDINAÇÃO, DE REBELDIA, NÃO VAI SURTIR EFEITO NENHUM, SÓ VAI SURTIR EFEITO PARA ELES MESMO. É ATÉ UMA QUESTÃO DE INTELIGÊNCIA DOS ALUNOS NÃO PIXAREM, PORQUE SÓ VAI SOBRAR PARA ELES, A MENSAGEM NÃO VAI FICAR REGISTRADA.

- E A PARTE PEDAGÓGICA, HÁ FALTA DE PROFESSORES?

- MUITO NÃO, ATÉ PORQUE AS COORDENAÇÕES FICAM MUITO EM CIMA. TODAS AS DISCIPLINAS TEM QUE TER PROFESSORES. QUANDO HÁ FALTA É CASO DOS PROFESSORES TEREM CHEGADO ATRASADO, MAS NÃO HÁ FALTA DE PROFESSORES. HÁ PLANOS DO COLÉGIO DE IREM ATÉ UMA, UMA E POUCA.

- QUAL É A PREOCUPAÇÃO MAIOR DESSAS ESCOLAS, É VESTIBULAR?

- EU ACHO QUE UMA É A PREOCUPAÇÃO MAIOR, A ESCOLA MAIS MODERNA. A MAIS TRADICIONAL EU ACHO QUE NÃO É A PREOCUPAÇÃO MAIOR, TANTO QUE HÁ MUITOS PROJETOS. TENTA TOCAR EM OUTROS ASPECTOS DO ALUNO QUE NÃO SEJA A PREOCUPAÇÃO DO VESTIBULAR. ELA ATÉ ASSUME, MAIS DO QUE A OUTRA, QUE GOSTARIA QUE FOSSE DIFERENTE, MAIS QUE NÃO DÁ POR CONTA DAS EXIGÊNCIAS CURRICULARES DO VESTIBULAR.

- QUEM ASSUME?

- O COLÉGIO DO FAROL, O TRADICIONAL. A OUTRA TAMBÉM PERCEBE ISSO, MAS COMO ELA JÁ FOI CRIADA DEPOIS, ELA JÁ VOLTA MAIS PARA O VESTIBULAR. A OUTRA, QUANDO CHEGA PRÓXIMO AO VESTIBULAR, ELA CRIA UM HORÁRIO DESTINADO APENAS PARA A PREPARAÇÃO DO VESTIBULAR. ENTÃO FICA UMA COISA PARALELA, PARA QUE ESSA COISA NÃO ATRAPALHE O PERÍODO DE AULA, ENTÃO ELA CRIA UM MOMENTO COMPLEMENTAR.

- E CONSEGUI ESSE OBJETIVO?
- A APROVAÇÃO EM AMBAS AS ESCOLAS SÃO MUITO BOAS. É CLARO QUE AQUELAS QUE VISAM APENAS O VESTIBULAR O ÍNDICE DE APROVAÇÃO SEMPRE VAI SER MAIOR.

- ELAS TEM CURSINHO?
- UMA DELAS TEM CURSINHO, QUE É A MAIS MODERNA. ESSE ANO MESMO ELA TÁ PARECENDO UM CURSINHO.

- VOCÊ IDENTIFICA A CIRCULAÇÃO DE DROGAS DENTRO DA ESCOLA?
- EU NUNCA CONSEGUI IDENTIFICAR. SEI QUE ALGUÉM FLAGROU DENTRO DO BANHEIRO, MAIS A COISA NÃO FICA EVIDENTE. SEMPRE ELES SE ESCONDEM, É MUITO ESCONDIDO. ALGUÉM FLAGROU, ALGUÉM DA COORDENAÇÃO. SEMPRE HÁ ALGUNS LUGARES QUE DÁ PARA SE ESCONDER, PRINCIPALMENTE A DO FAROL. A GENTE IDENTIFICA ALGUNS ALUNOS QUANDO CHEGAM NA ESCOLA MEIO CHAPADO.

- COMO VOCÊS IDENTIFICAM?
- PELA AQUELA COISA DO OLHO. ELES FICAM ÀS VEZES MEIO LARGADO, NO CANTO. ALGUNS CHEGAM A AFRONTAR O PROFESSOR NO SENTIDO DE DEMONSTRAR QUE ESTÁ CHAPADO. DEPOIS A GENTE CHEGA A PERCEBER QUE HAVIA OUTROS QUE USAVAM MAIS ERA DIFERENTE. QUANTOS USAM ESPORADICAMENTE, MAIS QUE TEM CONTATO COM A MÚSICA, COM A ARTE, QUE USAM DIFERENTE. HÁ MODOS E MODOS DE USAR, QUE NÃO TÁ LIGADO A REBELDIA, DA REVOLTA E TAL. É UM USO DIFERENTE. AQUELES QUE TEM PROBLEMAS É QUE USAM DE FORMA MAIS REBELDE, AQUELES QUE TEM PROBLEMAS DE RENDIMENTO. HÁ OS DOIS TIPOS DE USUÁRIO.

- E ELES FAZEM O QUE QUANDO CHEGAM ASSIM?
- AFRONTAM PROFESSOR.

- AFRONTAR É SÓ ELES QUE AFRONTAM?
- NÃO, VÁRIOS ALUNOS AFRONTAM.

- AFRONTAM COMO?
- RESPONDENDO, DANDO UM FORA.

- PORQUE VOCÊ ACHA QUE ELES FAZEM ISSO?
- PODE HAVER VÁRIOS MOTIVOS. MUITOS TENTAM SE MOSTRAR, MOSTRAR NA FRENTE DOS COLEGAS. ELES SÃO REBELDES NO MEIO DELES, ÀS VEZES SÃO TÍMIDOS EM OUTROS LUGARES.

- TEM ALGUMA COISA A VER COM DINHEIRO?
- ACREDITO QUE NÃO. TALVEZ ELES NÃO QUEIRAM ESTAR ESTUDANDO E OS PAIS ESTÃO OBRIGANDO ELES A ESTUDAREM. É QUESTÃO MAIS DA RELAÇÃO DELES COM O OUTRO. MUITAS VEZES DEPOIS QUE EU ENCONTRO ESSES ALUNOS REBELDES TODOS ELES ESTAVAM EM ESTADO DE DECADÊNCIA.

- COMO ASSIM?
- DECADÊNCIA FÍSICA...

- POR CONTA DAS DROGAS?
- POR CONTA DE UM COMPLEXO.

- E A DROGA JUNTO?
- E A DROGA JUNTO. MUITOS TINHAM UM CORPO LEGAL DEPOIS... É COMO SE DEPOIS QUE SAÍSSE DALI TIVESSE SEDENTÁRIO, UM CONTRASTE.

- TEM CÂMERAS NAS ESCOLAS?
- TEM MAIS EU NÃO SEI SE TODAS ESTÃO FUNCIONANDO. A GENTE NÃO TEM ACESSO AO QUE ESTÁ SENDO FILMADO.

- QUANDO FOI FLAGRADO QUAL FOI A DROGA?

- LOLÓ.

- ACONTECEU O QUE COM ELES?

- HÁ UM CUIDADO MUITO GRANDE PARA QUE AS COISAS NÃO SE ESPALHE, CUIDAR DA PRIVACIDADE DO ALUNO. A GENTE NEM SEMPRE FICA SABENDO. POR EXEMPLO, UM ALUNO TINHA ATÉ UM PROBLEMA, TINHA DISLEXIA, E ELE FALTOU QUE SÓ. DIZERAM QUE ELE TINHA VIAJADO. MESES DEPOIS EU ENCONTREI COM O PRIMO DELE DO OUTRO COLÉGIO E DISSE QUE ELE TINHA VIAJADO PARA CUIDAR DE INTOXICAÇÃO. MAIS O COLÉGIO NÃO INFORMOU. ENTÃO ELES TEM MUITO CUIDADO.

- ISSO NO TRADICIONAL?

- NO TRADICIONAL. ISSO PARA CUIDAR DA PRIVACIDADE. ÀS VEZES O PAI PEDI PARA NÃO DIZER. EU ACHO ISSO MUITO ÉTICO. POR EXEMPLO ESSES QUE FORAM FLAGRADOS COM LOLÓ TALVEZ A FAMÍLIA PEDIU PARA NÃO DIZER. ELES NÃO FAZEM ESTARDALHAÇO, TRABALHAM COM PSICÓLOGOS, ESSAS COISAS.

- OS PAIS VÃO PARA AS REUNIÕES DA ESCOLA?

- VÃO OS PAIS DOS BONS ALUNOS. AQUELES QUE A GENTE QUER FALAR ALGUMA COISA NÃO VÃO.

- OS QUE VOCÊ IDENTIFICA COMO USUÁRIO OS PAIS DELES VÃO PARA AS REUNIÕES?

- NÃO SEI. SÓ QUANDO A COISA ESTÁ BEM GRITANTE, NO FINAL DO ANO.

- QUAL A MAIORIA QUE VAI?

- NÃO É TANTO NAS REUNIÕES. OS PAIS DOS BONS ALUNOS ESTÃO APARECENDO SEMPRE NA COORDENAÇÃO. SEMPRE TEM ALGUM NA COORDENAÇÃO.

- VOCÊ ACHA QUE HÁ UMA PARTICIPAÇÃO NA VIDA DO FILHO?

- HÁ UMA PARTICIPAÇÃO NA VIDA ESCOLAR DE ALGUNS PAIS, MAIS COMO A GENTE NÃO ESTÁ EM CASA A GENTE NÃO SABE. HÁ MUITOS QUE NÃO SABEM O QUE FAZER.

- VOCÊ JÁ PERDEU ALGUM ALUNO POR CONTA DE DROGA?

- NÃO.

- CONHECE ALGUM QUE JÁ FOI PRESO?

- NÃO. EU VEJO ALUNO, POR EXEMPLO, NO POSTO SETE, QUE EU ENCONTRO CHAPADO E NÃO ACONTECE NADA.

- ENTÃO VOCÊ SABE QUE CONSOMEM FORA DA ESCOLA?

- SIM. HÁ MUITA GENTE QUE CONSUME, HÁ MUITA GENTE QUE CONSUME ESPORADICAMENTE. EXPERIMENTARAM, UM MÊS, DEPOIS PARARAM. ACHO DIFÍCIL SABER PORQUE PELA CARA NÃO DÁ PARA SABER. ACHO QUE O CONSUMO ESTÁ MUITO ALASTRADO.

- A CARA NÃO IDENTIFICA?

- A GENTE DESCONFIA. PORQUE TEM MUITA GENTE QUE USA, É IMPRESSIONANTE. ALÉM DAS DROGAS ILEGAIS TEM TAMBÉM O ÁLCOOL. TODOS OS JOVENS BEBEM, BEBEM, FICAM BÊBADOS. É AQUELA CULTURA DE QUE VAI HAVER UM SHOW, UM SHOW DA IVETE SANGALO. AÍ VÃO BEBER PARA CHEGAR BÊBADO. E SÃO JOVENS E SÃO OS ADULTOS. QUEREM CHEGAR BÊBADOS NÃO SEI PARA QUE. OS PAIS NÃO SEGURAM ESSA COISA, ELES NÃO SABEM O QUE FAZER.

- SERÁ QUE ELES NÃO BEBEM TAMBÉM?

- SIM.

- PARA ONDE ESSES ALUNOS SAEM PARA CONSUMIR?

- SHOWS DE REGGAE, POSTO SETE.

- TEM DIFERENÇA NO CONSUMO DE DROGAS NOS SHOWS DA IVETE E NOS SHOWS DE REGGAE?

- PARECE QUE NO DA IVETE A COISA É MAIS LOLÓ E ÁLCOOL E NO DE REGGAE É MACONHA.

- E COM RELAÇÃO A VIOLÊNCIA?

- NÃO SEI PORQUE NO SHOW DA IVETE SANGALO EU NUNCA FUI. MAS A GENTE VER QUE SÃO VIOLÊNCIAS DIFERENTES. NO SHOW DA IVETE A GENTE VER QUE É A VIOLÊNCIA DOS PITBOYS, DO MACHO, QUERENDO MOSTRAR A SUA VIRILIDADE. NO SHOW DE REGGAE JÁ É UMA VIOLÊNCIA POR QUESTÃO DE TRIBOS, OU POR QUESTÃO SOCIAL. NO SHOW DE REGGAE TEM VÁRIAS CLASSES SOCIAIS, AÍ DE REPENTE TEM UM MAIS POBRE QUE QUER TIRAR UMA ONDA COM ALGUM RICO, OU QUERENDO ROUBAR MESMO. NO SHOW DA IVETE SÃO OS MACHOS, SÃO DIFERENTES.

- JÁ FREQUENTOU RAVE?

- JÁ.

- HÁ VIOLÊNCIA?

- NAS VEZES QUE EU FUI NÃO. NA RAVE TUDO SE DISSOLVE. DIFICILMENTE ALGUÉM TEM UM GRUPO FORTE PARA PODER FAZER ALGUMA COISA. A IDENTIDADE SE PERDE NA RAVE. TODO MUNDO SE DILUI. NA RAVE SE HOUVESSE ALGUMA COISA SERIA COISA DE PITBOYS. AGORA EU NÃO VOU MAIS NA RAVE, TEM MUITO PIVETE, DE MENOR. JÁ VI UM PAI LEVANDO O FILHO DE MENOR PARA A RAVE. PARECE QUE AGORA ELAS ESTÃO DEIXANDO SÓ MAIOR DE DEZOITO ANOS.

- VOCÊ SAI EM LOCAIS QUE OS SEUS ALUNOS SAEM?

- É.

- NESSES LUGARES HÁ CONSUMO DE DROGAS E HÁ EXCESSOS?

- HÁ EXCESSOS.

- JÁ HOUVE ALGUMA APREENSÃO, POR EXEMPLO NO POSTO SETE?

- NÃO. HOUVE UMA VEZ QUE EU FUI A UM LUGAR E EU QUASE LIGUEI PARA A POLÍCIA PORQUE EU SABIA QUE UNS IAM. AÍ ELES MUDARAM E SÓ ACEITARAM MAIORES DE DEZOITO ANOS. EU IAM ENTRAR EM CONTATO COM O JUIZADO. HÁ UMAS FESTAS QUE ACONTECEM, FESTAS PRIVADAS, ALI PELA A SERRARIA, QUE SÃO PESSOAS QUE PROMOVEM. NESSAS FESTAS A DROGA É LIBERADÍSSIMA. OS PIVETES E AS PIVETAS VÃO PARA LÁ. 18 ANOS, 19, 14, 15 ANOS. ACABA ROLANDO SEXO.

- TEM MAIS HOMENS OU MULHERES?

- NÃO SEI POR QUE NUNCA FUI, SÓ FIQUEI SABENDO. FOI ESSA QUE EU IA DENUNCIAR.

- HÁ PROCESSO DE EXCLUSÃO ENTRE OS SEUS ALUNOS?

- SIM.

- COMO É QUE FUNCIONAM?

- OU PORQUE FULANO OU FULANA SÃO FEIOS, PORQUE É GORDINHA, PORQUE É BURRINHA. A COISA DE SER POBRE EU NÃO VEJO MUITO NÃO, PORQUE HÁ MUITOS ALUNOS QUE ESTUDAM COM BOLSAS. MUITOS DESSES COSTUMAM SE DAR BEM.

- TALVEZ ELES SE SOBRESAIAM NISSO?

- QUESTÃO DE INTELIGÊNCIA. É... PARA NÃO SENTIR PRECONCEITO.

- A ESCOLA FAZ ALGUMA COISA COM RELAÇÃO AS DROGAS?

- PROJETOS, PALESTRAS. ÀS VEZES UM PROFESSOR CHEGAR E COLOCA UNS TÓPICOS.

- VOCÊ ACHA QUE ISSO RESOLVE?

- ACHO QUE AJUDA UM POUCO. ALGUNS FICAM TEMENDO USAR POR CAUSA DAS CONSEQUÊNCIAS. AQUELES QUE USAM ACHO QUE NÃO AJUDA NÃO, ACHO QUE DÁ RAIVA, PORQUE QUANDO VOCÊ FAZ ALGO E AS PESSOAS FICAM DIZENDO QUE FAZ MAL ELES FICAM COM SENTIMENTO DE RAIVA DAQUELE QUE ESTÁ FALANDO, COMO SE ELE DISSESSE: ELE SABE DE NADA, ESSAS COISAS. ACHO QUE O MELHOR MODO NÃO É ESSE.

- QUAL É O MELHOR MÉTODO?

- A COISA DA CONSEQUÊNCIA MAS QUE SEJA MASCARADA. POR EXEMPLO, UM FILME QUE TRABALHE ALGO QUE NÃO SEJA A DROGA, MAS QUE TENHA TAMBÉM A DROGA, PARA QUE AQUELA COISA FIQUE ENTRANDO NA SUBJETIVIDADE. OLHE, EU VOU LHE CONTAR UMA COISA: EU JÁ CONSUMI DROGA, FUMEI MACONHA. UM AMIGO MEU VEIO PASSAR AS FÉRIAS AQUI, ELE É DE SÃO PAULO. FORAM UMAS QUATRO VEZES. A PRIMEIRA VEZ NÃO GOSTEI NÃO, TINHA TOMADO VINHO. NA SEGUNDA VEZ TAVA NO APARTAMENTO. A TERCEIRA VEZ, TINHA BEBIDO, TAVA NO BAR, ENGENHO JARAGUÁ. FIQUEI COMO SE TIVESSE TOMADO UMA GRADE DE UMA VEZ. NA QUARTA VEZ EU NÃO TINHA BEBIDO NADA. ENTÃO EU DISSE: HÁ, VOU FUMAR PARA VER. QUASE FUI PARA O PRONTO SOCORRO, O PESSOAL FICOU TODO AGUNIADO. DEPOIS ME DIZERAM QUE É UMA MACONHA Prensada, QUE TINHA ADITIVOS. AÍ UNS DOIS MESES DEPOIS EU FUMEI DE NOVO, DESSA VEZ EU TAVA DIFERENTE, ERA DA PURA. A MINHA MENTE FICA MUITA ANALÍTICA, COMEÇA ANALISAR TUDO, O MUNDO FICA MUITO BELO, O MUNDO PARECE UMA OBRA DE ARTE, TIPO: EU COMEÇO A ANALISAR AQUELA CURTINA. TUDO PARECE ARTE. O RACIONALISMO... FICO MUITO MAIS INTELIGENTE, EU FICO PERCEBENDO AS COISAS E TAL, TIPO: UMA PESSOA FALA UMA FRASE PARA MIM, EU ANALISO TUDO. NA SEGUNDA VEZ EU FIQUEI MUITO CORAJOSO. QUANDO EU PASSO POR UMA EXPERIÊNCIA DEPOIS EU FICO REFLETINDO SOBRE ELA E FICO LEVANDO PARA OUTRAS PESSOAS. UMA PESSOA QUE NÃO TEM FAMÍLIA LEGAL, POR EXEMPLO, MUITO PROBLEMA, ELA USA ALGO E NESSE MOMENTO ESSA COISA O TRANSFORMA EM SUPER-HOMEM. É CLARO, DEPENDENDO DA SUA CABEÇA, ELA VAI QUERER ISSO. IMAGINE, ELA TE TRANSFORMA EM SUPER-HOMEM, VOCÊ FICA MAIS CORAJOSO, VOCÊ SE TORNA MAIS INTEIGENTE, É UMA DELÍCIA. É COMO SE VOCÊ NÃO TIVESSE NENHUM EFEITO COLATERAL, VOCÊ SÓ VER A DELÍCIA.

- ENTÃO ISSO SERIA UMA FUGA?

- NÃO É SÓ UMA FUGA NÃO, É UMA TRANSFORMAÇÃO DA PESSOA NO MOMENTO QUE VOCÊ ESTÁ FUMANDO. VOCÊ SÓ TEM PONTOS POSITIVOS. AÍ DEPOIS EU COMECEI A REFLETIR: QUANTAS VEZES EU CHEGUEI PARA OS MEUS ALUNOS “NÃO PODE NÃO, NÃO FAÇA ISSO NÃO”. EU ACHEI ÓTIMO TER USADO, ENTENDER O QUE LEVA ELES A FAZER ISSO. IMAGINE, JOVENS QUE TEM UMA RELAÇÃO COM O PAI HORRÍVEL, CHEIOS DE COMPLEXO, AUTO-ESTIMA BAIXA.

- VOCÊ ACHA QUE CONSEGUIU CONVERSAR COM ELES MELHOR?

- DEPOIS DISSO EU NÃO TIVE NENHUMA CONVERSA, MAS EU SEI QUANDO EU CONVERSAR COM ELES NÃO VAI SER UM DISCURSO DE QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO A COISA ERRADA.

- QUANDO O EFEITO DA DROGA PASSA COMO É QUE FICA?

- QUANDO O EFEITO PASSA VOCÊ APENAS FICA SEM ELE. VOCÊ NÃO SENTE PORQUE DEVERIA PARAR DE USAR. POR EXEMPLO, EU PENSEI SE EU FOSSE USAR DE VEZ EM QUANDO EU QUERIA TER UMA PLANTINHA EM CASA POR CONTA DO TRÁFICO. NO CASO DA MACONHA NÃO HÁ MUITO MAL DEPOIS, TIRANDO A LARICA, MAIS EU NÃO ME LEMBRO DE TER FICADO TÃO MAL. ENTÃO, É MUITO DIFÍCIL CONVENCER O JOVEM A DEIXAR DE FUMAR, POR QUE PRATICAMENTE NÃO HÁ...

- OU BEBER?

- BEBER TEM A COISA DA RESACA E TAL. É TENTAR ENTRAR NA VIDA DELES, COLOCAR ELEMENTOS PARA QUE ELE NÃO PRECISE FUGIR. ELE NÃO VAI DEIXAR DE USAR ENQUANTO ELE NÃO TIVER NA VIDA COISAS QUE LHE DER PRAZER, QUE SEJAM LEGAIS, QUE FAÇA COM QUE ELE SE SINTA BEM. O QUE PRECISA SER FEITO É PREENCHER A VIDA, ATÉ QUE ELE PRECISE SÓ USAR UMA VEZ. É MUITO DIFÍCIL CONVENCÊ-LOS. EU POR EXEMPLO NÃO FUMO MAIS PORQUE EU SEI QUE É UMA FUGA, E EU TENHO CONSCIÊNCIA DE QUE EU NÃO QUERO VIVER NUMA FUGA.

- MAS O ADOLESCENTE?

- O ADOLESCENTE NÃO TEM ESSA CONSCIÊNCIA. ELE QUE FICAR NA FUGA, FUGA, FUGA. EU SEI QUE EU QUERO COLOCAR ELEMENTOS NA MINHA VIDA, ATÉ PORQUE EU JÁ SOU ADULTO, E EU CONSIGO COLOCAR ELEMENTOS NA MINHA VIDA. O ADOLESCENTE PRECISA QUE COLOQUE ESSES ELEMENTOS. O ADOLESCENTE SÓ VAI PARAR DE SER USUÁRIO CONTUMAZ QUANDO MUDAR A SUA VIDA PORQUE A VIDA DELE QUANDO ESTÁ SOB O EFEITO DA DROGA É MUITO DIFERENTE, NÃO HÁ MOTIVOS PARA PARAR.

- QUAIS SÃO AS ROGAS QUE ELES COSTUMAM USAR E OS LOCAIS QUE VÃO?
- LOLÓ, MACONHA. SHOWS. O ÁLCOOL É SOCIAL. NA RAVE TEM DROGA MAIS PESADA, COCAÍNA.

- ELES PEGAM A DROGA ONDE, AS ILEGAIS?
- PARECE-ME QUE ALGUNS... TEM UNS BAIRROS QUE VENDEM, ALGUNS VÃO PARA AS GROTAS.

- MAS OS ALUNOS VÃO PARA AS GROTAS?
- HÁ, VOCÊ TÁ FALANDO DOS ALUNOS. NO POSTO SETE TEM CONTATO, O CARA QUE VENDE DEIXA O TELEFONE, ELES LIGAM.

- MAS NO GERAL, COMO É QUE ELES PEGAM ESSA DROGA, QUEM É QUE OFERECE?
- TEM BAIRROS QUE EU JÁ SOUBE, POR EXEMPLO, A MACONHA DO VERGEL É A MELHOR.

- MAS POR EXEMPLO, ELES VÃO A FAVELA BUSCAR ESSA DROGA? EU QUERO SABER ESSA RELAÇÃO COM O TRÁFICO?
- ACREDITO QUE NÃO. ACREDITO QUE ELES PEGAM DE AMIGOS QUE TEM CONTATO COM TRAFICANTES.

- VOCÊ DIZ QUE ESSES ALUNOS QUE ENTRAM NAS DROGAS TEM PROBLEMAS. QUAIS SERIAM ESSES PROBLEMAS?
- FAMÍLIA DESESTRUTURADA. POR EXEMPLO, MUITOS QUE EU CONHEÇO TEM FAMÍLIA DESESTRUTURADA. MUITOS QUE EU CONHEÇO VIVE SÓ COM A MÃE, SÃO ABANDONADOS PELO PAI, NEM CONHECE O PAI. MUITOS SÃO COM O PAI, NÃO TEM A MÃE. MUITOS FAZEM PARTE DE GRUPOS TIPO TORCIDA, DE FUTEBOL, MUITOS SÃO AQUELA GALERA DE ROCK. SABE AQUELA COISA DA IDENTIDADE. SE VOCÊ CONVERSAR COM ELES VOCÊ PERCEBE COMO ELES SÃO FRÁGEIS.

- BEBIDA É UM PASSO?
- NÃO SEI SE BEBIDA É UM PASSO. TALVEZ SIM. ELES SÃO FRÁGEIS, SÃO AFETUOSOS. ELES PRECISAM DE ALGUÉM QUE LHE DÊ UM NORTE. A GENTE PERCEBE QUE ELES TEM UMA CARÊNCIA DANADA, PRECISAM DE ALGUÉM QUE LHE ORIENTE. ATÉ MUITAS VEZES PAIS JÁ CHEGAM COM CRÍTICAS. MUITAS VEZES OS PAIS NÃO SABEM O QUE FAZER, FICAM DESESPERADOS E TAL QUANDO PERCEBE JÁ NÃO TEM MAIS O QUE FAZER, JÁ É TARDE. DEPOIS JÁ TÁ TANTO TEMPO QUE ELES ESTÃO ASSIM QUE NÃO ADIANTA MAIS NADA.

- ISSO SERIA O QUE A FAMÍLIA PODERIA FAZER PARA AJUDAR?
- MOSTRAR QUE A VIDA DELE PODE SER INTERESSANTE, QUE ELE PODE CHEGAR A ALGO.

- E A ESCOLA O QUE PODERIA FAZER?
- É PRECISO MOSTRAR AOS ALUNOS MODELOS. GERALMENTE A GENTE TEM MODELOS. QUANDO A GENTE TEM MODELOS A GENTE QUER IMITÁ-LOS. OS MODELOS QUE ELES TEM SÃO DADOS PELA MÍDIA. PARECE BESTEIRA MAIS ASSISTIR A FILMES QUE TENHA PERSONAGENS QUE FAZEM ALGO, TIPO SUPER-HERÓIS MESMO DEPENDENDO DA IDADE. FILMES QUE TEM PESSOAS QUE TEM SONHOS, QUE LUTEM PELOS SONHOS. FILMES QUE TOQUEM NA QUESTÃO DO BUSCAR, DO IR ATRÁS DE ALGO. CAPITÃES DE AREIA, POR EXEMPLO, SEM MOSTRAR QUE ESTÁ ESTUDANDO. TEM QUE DEIXAR QUE A COISA ENTRE NA MENTE DELE, QUE ELE VÁ CONSTRUINDO.

- E O ESTADO, O QUE PODERIA FAZER?
- EU NÃO SEI. ACHO QUE PODERIA FAZER CENTROS DE REABILITAÇÃO, TIPO UM CENTRO DE ATENDIMENTO PARA OS PAIS, COISA DESSE TIPO, TIPO OS ÁLCOÓTRAS ANÔNIMOS. NÃO É SÓ DOS DROGADOS NÃO, MAS DOS PAIS.

